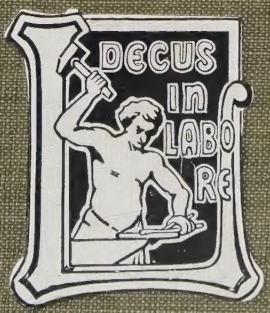
OBRAS PRIMAS da LITTERATURA PORTUGUEZA

SERMÕES

do

Padre ANTONIO VIEIRA



St. Ignatius' Church,
3220-43rd St. S.E.
Portland, Oregon

OBRAS COMPLETAS
DO
PADRE ANTONIO VIEIRA
—
SERMÕES

Obras completas do Padre ANTONIO VIEIRA

SERMÕES

VOLUME VIII

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.

ALMA COLLEGE
252
LIBRARY
V673
Alma, California

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
RUA DAS CARMELITAS, 144
1908

0110

IMPRENSA MODERNA, de Manoel Lello
Rua da Rainha D. Amelia, 61 — PORTO

Composto em machina americana
((MERGENTHALER))

SERMÃO

DAS

CADÊAS DE S. PEDRO *

Tibi dabo claves regni Cœlorum. [1]
Vinctus catenis duabus. [1]

I

Lá viu S. João no seu Apocalypse um Anjo, o qual em uma mão tinha uma chave, e na outra uma cadeia: *Habentem clavem abyssi, et catenam magnam in manu sua.* [3] E que Anjo é este, ó Roma, senão o teu grande Custodio, Pedro? Pedro com as chaves nas mãos: *Tibi dabo claves regni Cœlorum:* [4] e Pedro com as mãos nas cadêas: *Vinctus catenis duabus.* [5] Lá foi visto com a chave em uma mão, e a cadêa na outra, porque assim devia ser; mas hoje o vemos com as chaves em ambas as mãos, e com ambas as mãos nas cadêas, porque havia de vir tempo em que assim fosse.

---

* Foi prégado este Sermão na lingua italiana, em Roma, em 1674, na igreja de S. Pedro, sendo o assumpto obrigado por estatuto "A Providencia". E' verdadeiramente uma obra prima este Sermão, commenta o padre Honorati. O mesmo Vieira em carta que escreveu ao conego Francisco Barreto diz "que este Sermão não agradou pouco em Roma".

[1] *Math.*, XVI.
[2] *Act.*, XII.
[3] *Apoc.*, XX, 1.
[4] *Math.*, XVI, 19.
[5] *Act.*, XII, 6.

Este é, senhores, o maior espectaculo da semrazão que jámais viu o mundo: e este o que eu ao longe com dôr, e vós ao perto com admiração, estamos vendo: Pedro com as chaves nas mãos, e Pedro com as mãos atadas. Cuidas tu, ó Herodes, que deu Christo ao seu Vigario as chaves para padecer juntamente com ellas a servidão das cadêas? Livre, e atado? Poderoso, e sem poder? Não: não. Eu bem sei que as chaves de Pedro tambem são cadêas; mas cadêas para atar e desatar, e não para ser atado. Notae o Texto: *Tibi dabo claves Regni Cœlorum, et quodcumque ligaveris, erit ligatum: quodcumque solveris, erit solutum:* [1] Eu te darei, diz Christo, as chaves do meu reino, e o que tu atares, será atado, e o que desatares, desatado. Tal quiz o supremo Legislador que fosse o governo do seu reino: governo que atasse e desatasse; e não governos que nem atam, nem desatam. Mas se os poderes de Pedro eram as chaves: *Tibi dabo claves;* parece que havia de dizer o Senhor: tudo o que abrires, será aberto; e tudo o que fechares, será fechado; porque não diz logo: o que fechares ou abrires, senão o que atares ou desatares? Para mostrar que as chaves que dava a Pedro tambem eram cadêas; mas cadêas para atar ou desatar a outros quando quizesse, e não cadêas para estar elle atado, como hoje o vemos: *Victus catenis duabus.*

Ora eu, á vista destas chaves, e destas cadêas, que farei? Senão estivera tambem atado, e me fôra livre a eleição do discurso, de boa vontade o dividiria em duas invectivas, armadas de justiça, e de ira, contra os dois monstros sacrilegos, que com a primeira e segunda cadêa em differentes tempos e logares, se atreveram a prender e atar a Pedro. Uma invectiva contra ti, ó Herodes, que foste o Nero de Jérusalem; e outra contra ti, ó Nero, que foste o Herodes de Roma. Mas porque é obrigação desta Cadeira neste dia, que o argumento do sermão seja da Providencia, a mesma Providencia, que entregou a Pedro as chaves, e o deixou atar nas cadêas, será a gloriosa soltura desta que nos parecia implicação. Com as cadêas atarei as chaves, com as chaves abrirei as cadêas: e como a materia das cadêas e mais das chaves toda é de fer-

[1] *Math.*, XVI, 19.

ro; se a imagem que eu formarei da Providencia, não fôr preciosa e de lustre, ao menos será forte e solida. Deus, cuia é a ideia, me assista com sua graça: *Ave Maria.*

II

Tibi dabo claves Regni Cœlorum.

A ordem gerarchica da Providencia Divina no governo de suas creaturas, é governar superiores e subditos: mas os subditos por meio de superiores, e os superiores immediatamente por si mesmo. Uma e outra coisa temos nas chaves, e nas cadêas de Pedro. Em todo o mundo christão não ha mais que um superior, e um subdito; um Pedro, e uma Igreja: e este superior, e este subdito; este Pedro, e esta Igreja, quem os governa? A Igreja governa-a a providencia de Pedro, que tem o poder das chaves: *Tibi dabo claves Regni Cœlorum:* a Pedro governa-o a providencia de Christo, que o livrou das cadêas de Herodes: *Ceciderunt catenæ de manibus ejus.* [1] Este é o desenho altissimo, e esta a fabrica segurissima da suprema Providencia. A Igreja segura na providencia de Pedro, e Pedro seguro na providencia de Christo.

Caso foi verdadeiramente admiravel, e por isso notado e advertido pelo mesmo historiador sagrado, que, cercado S. Pedro de guardas, e atado a duas cadêas, na mesma noite daquelle dia em que havia de sahir a morrer, como homem, sem nenhum temor nem cuidado estivesse dormindo: *In ipsa nocte erat Petrus dormiens.* [2] E se passarmos da terra ao mar, não é caso menos digno de admiração, que correndo fortuna a barca de Pedro com uma terrivel tempestade, Christo, que ia na mesma barca, tambem estivesse dormindo: *Ipse vero dormiebat.* [3] Christo e o Vigario de Christo ambos dormindo? Christo dormindo no meio da tempestade, e Pedro dormindo no meio das guardas, e das cadêas, e ambos com a morte á vista, sem nenhum cuidado? Sim. Na tempes-

[1] *Act.*, XII, 7.
[2] *Ibid.*, 6.
[3] *Math.*, VIII, 24.

tade dorme Christo, porque a barca está segura na providencia de Pedro; e nas cadêas dorme Pedro, porque Pedro está seguro na providencia de Christo. Debaixo da providencia de Christo dorme Pedro ao som das cadêas, e debaixo da providencia de Pedro dorme Christo ao som da tempestade, e das ondas.

E se isto que digo vos parece só metaphora, voltemos a scena e o theatro, e troquem-se as figuras: seja Christo o que esteja nas cadêas, e Pedro na tempestade. Naquella escurissima noite em que prenderam a Christo seus inimigos, e naquelle mesmo logar em que foi preso, correu tão furiosa tormenta a mesma barca de Pedro, que a barca, o piloto, e os companheiros, todos estiveram a pique de naufragar, e faltou pouco que não perecessem de todo. E que fez a providencia de Christo em tão extremo perigo, e tão universal? *Ego autem rogavi pro te:* [1] Eu, diz o Senhor, roguei por ti, ó Pedro. Por ti, Senhor meu? E pelos outros, porque não? Vós não dissestes a todos: *Omnes vos scandalum patiemini in me, in ista nocte?* [2] Pois se o perigo e a borrasca ameaça a todos, e a todos tem derrotado, porque fazeis oração, e rogaes só por Pedro? Porque Pedro estava á providencia de Christo, os outros ficavam á providencia de Pedro. O mesmo Texto o diz: *Ego autem rogavi pro te, ut non deficiat fides tua: et tu aliquando conversus, confirma fratres tuos.* [3] Notae muito aquelle *ego*, e aquelle *tu*. Eu tive cuidado de ti; tu o terás dos outros: *Ego autem rogavi pro te;* eis ahi a providencia de Christo para com Pedro: *Tu confirma fratres tuos;* eis ahi a providencia de Pedro para os demais.

E se ainda quizermos vêr uma e outra providencia, a de Christo, e a de Pedro, maravilhosamente praticada; entremos no golfo do mar, e observemos o que faz Christo, e o que faz Pedro, ambos na mesma barca, ou na mesma náu, que assim lhe chamam os Evangelistas, quando se engolfa: *Erat navis in medio mari.* [4] Estava pois Christo na náu de S. Pedro, um

---

[1] *Luc.*, XXII, 32.
[2] *Math.*, XXVI, 31.
[3] *Luc.*, XXII, 32.
[4] *Marc.*, VI, 47.

pouco afastada da terra, e depois de prégar ás turbas, que em confusa multidão o ouviam desde a ribeira, mandou o Senhor zarpar ou levar a ancora, e disse a Pedro que guiasse ao alto: *Duc in altum.* [1] Não é justo que eu passe em silencio o que aqui advertiu S. Chrysostomo, pois esta cadeira, no logar em que está, é sua. [2] Quem se engolfa, e se mette no alto do mar, perde a terra de vista; e por isso (diz Chrysostomo) manda Christo a Pedro que guie ao alto: *Duc in altum.* Porque quando a nau perder a vista da terra, então nevegará felizmente. Assim o prégou o santo arcebispo em Constantinopla, quando o mundo secular tinha duas cabeças, e tambem o pudéra prégar ecclesiasticamente em Roma. Mas tornando ao meu intento, o que eu pondero no *Duc in altum*, é aquella palavrinha *duc*. Se Christo está na mesma nau, porque manda a Pedro que guie, e não guia elle por sua propria Pessoa? Assim como Christo na officina de José tirava com as suas proprias mãos pela serra, assim na náu de Pedro podia elle tambem pegar no leme sem perigo de indecencia. Porque faz pois Christo aqui o officio de mandador, e não Christo, senão Pedro, o de timoneiro? Porque esta é a ordem, e esta a subordinação de uma e da outra Providencia. A náu subordinada á providencia de Pedro, e Pedro subordinado á providencia de Christo. Pedro o piloto da náu, e Christo o piloto do piloto: *Duc in altum.* Oh admiravel providencia do governo universal da Igreja! A náu uma, e os mandadores dois. Os Apostolos manejavam os remos; mas debaixo do mando de Pedro; e Pedro sustentava o leme; mas debaixo do mando de Christo. Pedro era o que governava, sim; mas governava governado. A náu governada pela direcção de Pedro; mas Pedro governado pela direcção de Christo: *Duc in altum.* Dirá porém alguem, e com razão, ou apparencia della, que naquelle tempo Christo e Pedro estavam ambos na mesma náu, e não é maravilha que então fosse ella bem guiada por Pedro. Mas depois que Christo subiu ao céu, e Pedro ficou só no mar, como haverá na náu e

[1] *Luc.*, v, 4.

[2] A capella da igreja de S. Pedro, em que se prega neste dia, é de S. João Chrysostomo.

no piloto esta dobrada providencia? As mesmas palavras o dizem: *Duc in altum.* A navegação do mar alto, verdadeiramente é admiravel: *Maria undique, et undique cœlum.* Não se vê alli mais que mar e céu. E comtudo, naquella campanha immensa sem rasto, sem estrada, nem balliza, o piloto leva a náu como por um fio, não só aos horizontes mais remotos deste hemisferio, mas ao porto mais incognito dos Antipodas. E como faz ou póde fazer isto o piloto? Governando elle no mar, e sendo governado do céu. Toma o piloto o astrolabio na mão, mede a altura do polo, ou peza o sol, como elles dizem; e deste modo o piloto governa a náu, e o sol governa o piloto. De sorte que o que governa a náu, está no mar, e o que governa o piloto, está no céu. Pois isto mesmo é o que passa no governo da Igreja. Ainda que Christo subiu ao céu, e Pedro ficou no mundo, Pedro da pôpa da náu governa o mundo, e Christo do zodiaco do céu governa a Pedro.

Vêde-o nas mesmas chaves, e nas mesmas cadêas de Pedro. Quando deu Christo a Pedro as chaves, e quando o livrou das cadêas? As chaves deu-lh'as Christo antes de partir deste mundo; porque a providencia de Pedro para com a Igreja ficou na terra; e das cadêas livrou-o, quando havia já muito tempo que estava assentado á dextra do Padre; porque a providencia de Christo para com Pedro está no céu. Em summa, que esta é a dobrada providencia com que o monarcha e a monarchia da Igreja se governa no mundo, e sobre o mundo. No mundo, immediatamente por Pedro, como se mostra no poder das suas chaves: *Tibi dabo claves Regni Cœlorum.* E sobre o mundo, immediatamente por Christo, como se prova na soltura das suas cadêas: *Ceciderunt catenæ de manibus ejus.*

III

Mas em auditorio tão douto, e de tanta perspicacia, vejo quasi vacillante a firmeza deste meu discurso, e que das mesmas chaves, e das mesmas cadêas se formam dois argumentos fortissimos, um contra a providencia de Christo, em respeito de Pedro, e outro contra a providencia de Pedro, em respeito da Igreja.

Começando pelas cadêas, para acabar pelas chaves; é certo que Christo livrou a S. Pedro das cadêas de Herodes em Jérusalem; mas tambem é certo que o não livrou das cadêas de Nero em Roma. Logo a providencia que suppomos de Christo para com S. Pedro, ao menos é duvidosa e mal segura, e tal, que não parece sua. Porque providencia que não é de todo tempo, de todo logar, e de todo perigo — providencia que uma vez se lembra, outra se esquece; uma vez accode, outra desampara; uma vez provê, e outra não provê; não é providencia. Assim é; mas não foi assim. Tudo concedo, e tudo nego. Concedo que a providencia que não é continuada, nem permanente, não é providencia. Mas nego que a providencia de Christo, que começou e resplandeceu nas cadêas de Herodes, não se continuasse egualmente, e não permanecesse a mesma nas cadêas de Nero. E porque? Porque tanta providencia foi não livrar Christo a Pedro das cadêas de Nero, como livral-o das cadêas de Herodes. Vêde se o provo.

José foi duas vezes preso, uma vez em Canaan, por inveja e odio de seus irmãos, e outra vez no Egypto, por castigo e ignorancia de seu senhor. Destas segundas prisões o livrou Deus; mas das primeiras não o livrou; porque preso e manietado, foi vendido e entregue aos Ismaelitas. E que se segue d'aqui? Segue-se por ventura que em umas prisões o assistiu a Providencia Divina, e nas outras o deixou? De nenhum modo, diz o Texto sagrado. E dá a razão: *In vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum Regni.* [1] Nunca a Providencia de Deus deixou nem desamparou José nas suas cadêas, até que por meio de umas e outras o sublimou ao imperio. De sorte, que os effeitos da Providencia não se hão de medir pela diversidade dos meios, senão pela unidade do fim. O fim da Providencia Divina era levantar a José ao imperio do Egypto, para o qual o tinha destinado: e tanto dependia a fortuna de José de ser livre de umas prisões, como de não ser livre das outras. Se Deus o livrasse das prisões de Canaan, nunca havia de ir ao Egypto; e se o não livrasse das prisões do Egypto, não havia de subir ao imperio. Ne-

[1] *Sap.*, x, 14.

cessario foi logo que José fosse livre de umas cadêas, e não fosse livre das outras. Para que? Para que Deus e José conseguissem juntamente, José por Deus os meios da sua fortuna, e Deus em José os fins da sua Providencia. E se a mesma Providencia livrou, e não livrou a José, de umas e outras cadêas, porque não creremos outro tanto das cadêas de Pedro?

Só do fim se póde duvidar, o qual para mim é evidente. O intento de Herodes era cortar a cabeça a S. Pedro, como tinha feito a Santiago: *Occidit autem Jacobum fratrem Joannis gladio;* [1] e não quiz a providencia de Christo que morresse Pedro á espada, porque o quiz exaltar comsigo á morte de cruz. Na cruz, estava o mesmo Senhor encravado, quando os Judeus o blasphemavam, dizendo: *Confidit in Deo, liberet nunc, si vult, eum:* [2] Já que tem tanta confiança em Deus, porque o não livra agora Deus de nossas mãos? Isto disse a infidelidade, e o mesmo pudéra dizer ainda mais apertadamente a fé. Quando a ambição cruel de Herodes quiz assegurar em si a corôa com a morte do rei novamente nascido, andou tão vigilante a providencia do Eterno Padre sobre a vida de seu Filho, que daquelle diluvio de sangue em que pereceram tantos mil innocentes, só a elle livrou, e poz em salvo. Pois se o livrou então, porque o não livrou tambem agora? Dizer-se que o livrou, porque o quiz isentar da morte, não póde ser; porque desde o instante da sua Encarnação, antes desde o principio sem principio da eternidade, tinha decretado o mesmo Pae que morresse. Pois se havia de morrer uma vez, porque o não deixa morrer em Belem a mãos de Herodes? E se o havia de livrar outra vez, porque o não livra em Jérusalem das mãos dos Judeus, como elles diziam *Liberet eum?* Porque a mesma Providencia que livrou a Christo a primeira vez, não o livrou para lhe impedir a morte, senão para o guardar de uma morte menos illustre, para outra morte mais gloriosa. Em Belem, como notou Santo Agostinho, havia de morrer Christo á espada, em Jérusalem morria na cruz: e porque a providencia do Padre, para mais exaltar o Filho, ti-

[1] *Act.*, XII, 2.
[2] *Math.*, XXVII, 43.

nha decretado que morresse na cruz: *Mortem autem crucis: propter quod exaltavit illum:* [1] por isso o livrou em Belem das mãos de Herodes, e o não livrou em Jérusalem das mãos dos Judeus.

Tal foi a providencia de Christo para com S. Pedro, quando o livrou, e quando o não livrou. Livrou-o das cadêas de Herodes, para que não morresse á espada como Jacobo; e não o livrou das cadêas de Nero, para que morresse em cruz como o mesmo Christo. A espada e a cruz ambas sahiram ao theatro no mesmo dia, e na mesma Roma, ambas foram os instrumentos sacrilegos da impiedade de Nero, ambas tiraram cruelmente a vida aos dois maiores Atlantes da Igreja; mas a espada a Paulo, a cruz a Pedro. Paulo degolado, para que conhecesse a herezia, ainda hoje obstinada, que em Roma e na Igreja não póde haver duas cabeças: e para que o mesmo Paulo: *Capite imminutus;* prégasse e desenganasse o mundo, que na terra é menor que Pedro. Quando eu agora passei a ponte de Tíbre, adverti que Paulo com a espada está á mão direita, e Pedro com as chaves á esquerda; mas isso mesmo é prova do que digo. Dar Pedro a Paulo o melhor logar, é mostrar Pedro que elle é o dono da casa. Este foi o mysterio, como dizia, porque Paulo perdeu, ou depoz a cabeça nos fios da espada de Nero. Morre porém Pedro na cruz, inteiro, e em nada diminuido, como aquelle de quem estava escripto: *Os non comminuetis ex eo;* [2] para que a cabeça visivel da Igreja se parecesse em tudo com a invisivel. Christo porém na cruz com a cabeça inclinada para baixo, e Pedro na cruz ás avessas com a cabeça levantada para cima; porque a cabeça de Christo, e a de Pedro, reciproca e reflexamente se retratam, e se vêem uma na outra: bem assim como a mesma cabeça vista e multiplicada no espelho parece duas cabeças, e é uma só. E como Christo queria fazer a seu primeiro successor tão similhante a si em tudo, essa foi a providencia continuada e permanente, e não contraria ou diversa, senão a mesma, com que, rotas as cadêas de Herodes, o livrou da espada, e não rotas as de Nero, o levou á cruz.

---

[1] *Phil.*, II, 8 e 9.
[2] *Joan.*, XIX, 36.

IV

Mas para que é defender ou interpretar eu a unidade desta providencia em umas e outras cadêas, se as mesmas cadêas a provam, e com milagrosa demonstração a fizeram evidente aos olhos? Estavam conservadas e veneradas em Roma as cadêas de Nero, quando á imperatriz Eudoxia, peregrina de Constantinopla a Jérusalem, foram presentadas, como egual thesouro, as de Herodes: vieram estas d'alli a Roma, mandadas pela mesma Eudoxia a outra tambem Eudoxia e tambem imperatriz: e não faltando quem duvidasse, se verdadeiramente eram as mesmas, que succedeu? Toma o Pontifice nas mãos umas e outras cadêas, e cotejando as que certamente eram de Nero com as que se dizia serem de Herodes, no mesmo ponto aquelles sagrados ferros, como se tiveram sentidos e uso de razão, por si mesmos se abraçaram entre si, e se uniram e ligaram de tal sorte, como se nunca tiveram sido duas, senão uma só cadêa fabricada pelo mesmo artifice. Oh admiravel, e portentoso testemunho da providencia de Christo para com seu Vigario! Oh admiravel e portentosa confirmação de ser uma, continuada, e a mesma Providencia, aquella que em Jérusalem rompeu as cadêas de Herodes, e livrou a Pedro, e aquella que em Roma conservou inteiras as cadêas de Nero, e o não quiz livrar dellas! Se dividirmos esta Providencia em duas Providencias, e combinarmos uma com a outra pelos effeitos, não só parecem diversas, senão totalmente contrarias: uma de cuidado, outra de descuido: uma de estimação, outra de desprezo: uma de liberdade, outra de captiveiro: uma de vida, outra de morte: uma que affrontou e illudiu os intentos de Herodes, e outra que ajudou e fez triumphar os de Nero. Mas assim como as cadêas sendo duas, e tão diversas, se uniram em uma só cadêa, assim a Providencia, que em Jérusalem as rompeu e livrou a Pedro, e em Roma as conservou inteiras e fortes, e o não quiz livrar, foi tambem uma e a mesma cadêa, porque foi uma e a mesma Providencia.

Boecio, a quem segue Santo Thomaz, e commummente os Theologos, definindo a Providencia, diz

que é a serie de todas as coisas, e suas causas ordenadas na Mente Divina, e encadeadas e ligadas entre si com uns nós maravilhosos e secretos, que ninguem póde desatar: *Providentia est series causarum, rerumque in mente Dei, quæ omnia suis nectit ordinibus miris, arctisque, sed arcanis nobis.* E Cornelio, commentando o mesmo Boecio, ainda o declara com maior expressão: *Deus per congruos Providentiæ suæ modos, quos in thesauris sapientiæ suæ reconditos habet, facit ut omnes rerum, temporumque successus invicem appositè nectantur, ac velut ansulæ sibi invicem inserantur, et catenam elegantem efficiant.* De sorte que os successos dos tempos e das coisas, ainda que pareçam diversos e encontrados, estão na Mente e Providencia Divina, ordenados e atados entre si de tal modo, que como anneis, ou fuzis enlaçados uns nos outros, compoem uma uniforme e elegante cadêa. Tal foi em um e outro caso a do supremo Artifice, Christo, o qual livrando em diversos tempos, e não livrando a Pedro; soltando-o em Jérusalem, e deixando-o prender em Roma; tirando-o milagrosamente das mãos de Herodes, e consentindo que natural e cruelmente morresse a mãos de Nero; das cadêas rotas de um, e das cadêas não rotas de outro, formou uma uniforme e elegantissima cadêa de sua Providencia para maior ornamento e gloria do mesmo Pedro.

A Arão, que era o Pedro da Lei escripta, como Pedro o Arão da Lei da graça, mandou Deus fazer para ornato das vestiduras pontificaes duas cadêas de oiro, as quaes porém com dois anneis da mesma materia se uniam uma na outra, e sendo duas cadêas, formavam uma só: *Facies in rationali catenæ sibi invicem cohærentes ex auro purissimo: catenasque aureas junges annulis, qui sunt in marginibus ejus.* [1] Não reparo em serem aquellas cadêas de oiro, e estas de ferro, porque já disse Chrysostomo, que por isso se honrava mais dellas, e se ornava mais com ellas o nosso Pontifice: *His catenis Apostolus ornabatur, et tanquam regalem aliquem ornatum circumferens exultabat.* O que só noto é a unidade, ou a união e coherencia de umas e outras cadêas: *Catenas sibi invicem*

[1] *Exod.*, XXVIII, 22 e 24.

cohærentes. Moysés andou coherente nas cadêas de Arão, porque as formou pelos mesmos moldes: Christo não andou coherente nas cadêas de Pedro, porque as traçou e dispoz com successos e effeitos contrarios. Isso é romper umas cadêas e não romper outras: isso é livrar a Pedro, e não o livrar. Mas assim como a coherencia daquellas cadêas a fazia a similhança, assim a coherencia destas a fez a contrariedade. E que sendo tão contrarios os actos da Providencia, sahisse a Providencia tão uniforme; e sendo uma cadêa tão diversa da outra, sahissem ambas as cadêas entre si tão coherentes: *Catenas sibi invicem cohærentes?* Essa foi a maravilha.

Mas nesta mesma uniformidade e coherencia da providencia de Christo, se alguma curiosidade douta perguntar qual foi maior providencia, se aquella que livrou a Pedro das cadêas em Jérusalem, ou aquella que o não livrou em Roma; não faltará quem diga que a de Jérusalem foi maior, porque lá foi miraculosa e cá não: lá quebrou as cadêas, cegou as guardas, abriu as portas, ou deu passo franco por ellas, sem as abrir (que é mais), cá não obrou milagre algum, antes totalmente não obrou, porque foi uma mera suspensão de todo o acto e concurso. Comtudo, digo, que foi maior e mais alta providencia não livrar Christo a Pedro das cadêas de Nero, que livral-o das cadêas de Herodes. E' porque? Porque nas cadêas de Herodes conseguiu a Providencia o seu fim contra vontade de Herodes; e nas cadêas de Nero conseguiu tambem o seu fim, mas não contra, senão pela vontade do mesmo Nero. O nobre, o alto, o fino, o maravilhoso da Providencia Divina, não é fazer a sua vontade violentando a minha, é deixar livre e absoluta a minha vontade, e com a minha e pela minha conseguir a sua.

A maior obra da Providencia de Deus, foi a redempção do mundo por meio da morte de Christo. E como conseguiu a mesma Providencia este altissimo fim, tão estupendo, como necessario? Não de outro modo, que entregando o mesmo Christo, por decreto do injusto juiz, á vontade de todos aquelles que lhe queriam tirar a vida: *Jesum verò tradidit voluntati eorum.* [1] Fez a sua vontade Judas, fez a sua vontade

[1] *Luc.*, XXIII, 25.

Caiphaz, fez a sua vontade Pilatos, fizeram a sua vontade os Escribas e Phariseus, fez finalmente a sua vontade o mesmo demonio, que os instigava. E que por meio de tantas vontades, e todas contrarias á divina, o fim da divina se conseguisse? Esta foi a Providencia mais nobre, esta a mais sabia, esta a mais sublime, esta a mais divina, esta a mais providencia. E qual a razão? A razão é, porque a providencia que violenta a vontade e poder humano, é providencia que se ajuda da omnipotencia; porém a providencia que deixa obrar á potencia humana tudo quanto póde, e deixa executar á vontade humana tudo quanto quer, é providencia sem ajuda de outro attributo, e por isso pura providencia. A potencia e a vontade, de que se serve a providencia em tal caso, não é a divina, e sua, senão a humana e contraria: e quanto mais permitte á contraria, tanto é mais providencia; quanto mais concede á humana, tanto é mais divina. Tal foi a providencia de Christo em não livrar a Pedro das cadêas de Nero. Na prisão de Herodes, para que a Providencia conseguisse o seu fim, rompeu o Omnipotencia as cadêas; porém na prisão de Nero deixou a Providencia as cadêas inteiras sem usar da omnipotencia, e comtudo conseguiu o seu fim. Logo não só foi providencia, senão maior e mais gloriosa providencia, não livrar a Pedro das cadêas de Nero, que livral-o das cadêas de Herodes. E como as mesmas cadêas temos já solto ou atado o primeiro argumento.

V

O segundo, que é contra a Providencia de Pedro, fundado nas suas chaves, e em respeito de todos aquelles que por ellas lhe são sujeitos, parece mais difficultoso. Assim como Deus deu a S. Pedro as chaves do céu, assim as tinha dado por seu modo antigamente a Elias, e com poder e auctoridade universal e privativa, de que só elle podesse abrir ou fechar os thesouros celestes, isto é, as chuvas e orvalhos do céu, com que se fecunda a terra, e vive o mundo. Mas que fez Elias com estas chaves na mão, e como usou dellas? *Vivit Dominus* (disse elle fallando com el-rei Achab) *si erit annis his ros, et pluvia, nisi jux-*

ta oris mei verba: [1] Eu tenho na minha mão as chaves do céu; e tu, ó rei, desengana-te, que nestes annos do meu governo, nem uma só gotta ha de cahir de agua, ou estillar de orvalho sobre a terra, senão pelo imperio da minha voz. A terra abrazada e ardendo abrirá mil boccas, com que gemerá e gritará ao céu; mas o céu, debaixo das minhas chaves, não se moverá a brados, nem a gemidos, e se mostrará tão secco e duro, como se fosse de bronze. Parece-vos boa providencia esta das chaves do céu entregues ao arbitrio de um homem? Pois ainda não ouvistes outra circumstancia mais terrivel, por não dizer deshumana. No mesmo tempo, diz o Texto, morava Elias mui descançado sobre as ribeiras do rio Carith, e um corvo, manhã e tarde, lhe trazia pão e carnes: *Panem, et carnes manè; panem, et carnes vespere.* De maneira, que nos mesmos annos em que o povo encommendado á providencia de Elias andava cahindo e espirando á fome, Elias com provisão sempre nova e abundante, comia e se regalava duas vezes ao dia. Nos campos não se via uma folha, nas searas não se colhia uma espiga, e a Elias sobejava-lhe o pão. As aves não tinham mais que as pennas, nem os gados mais que os ossos, e a meza de Elias abastecida de carne sobre carne. As fontes seccas e mudas, sem correr ou suar dellas uma só gotta, e Elias com a agua a rios. E' boa, ou será boa esta providencia das chaves do céu? E mais se as mãos que tiverem o dominio das chaves, não forem as de Elias? Logo (argumenta o herege e por ventura tambem o politico), logo o mesmo poderá acontecer ás chaves do céu entregues á providencia de Pedro.

Primeiramente digo, que não poderá. E porque? Porque se a providencia de Pedro faltasse ao officio de Vigario de Christo, a providencia de Christo faria o officio de Vigario de Pedro. Estava Christo na cruz pouco antes de render o espirito, quando o Ladrão convertido lhe presentou o seu memorial, dizendo: *Domine memento mei, cùm veneris in regnum tuum.* [2] Respondeu-lhe o Senhor em continente: *Hodie mecum*

[1] *3.º Livro dos Reis,* XVII, 1.
[2] *Luc.,* XXIII, 42.

eris in paradiso. [1] E esta foi a primeira vez que se abriram as portas do céu, até áquella hora cerradas. Mas vêde como replica e acode pela jurisdição de Pedro, Arnoldo Carnotense. O officio e jurisdição de abrir as portas do céu, vós Senhor, não a tendes dado a Pedro? Sim. Como logo não remetteis este memorial ao vosso Vigario? Por ventura porque vos negou no atrio do Pontifice, tendel-o privado do cargo? Não; que Pedro já estava arrependido, e emendado, e restituido á graça. Como logo usa Christo das chaves de Pedro, e abre por si mesmo a porta do céu? Agudamente o mesmo Arnoldo: *Absens eras, ó Petre, et ministerii tui claves modò non profers: supplet vicem tuam* (notae as palavras) *supplet vicem tuam Summus Sacerdos, apertisque seris antiquis, aperiente Christo, introducitur latro in Regnum Cœlorum.* Quando o Ladrão presentou o seu memorial, estava Pedro ausente: e como o tempo era brevissimo, e o negocio tão urgente, que não soffria dilação, fez-se Christo substituto do seu Vigario, e suppriu a ausencia de Pedro com a sua presença. Trocou o crucificado Senhor os cravos com as chaves, abriu as portas do Paraiso ao repentino penitente. E porque Pedro não acudiu á obrigação de seu officio como Vigario de Christo, acudiu Christo a ella como Vigario de Pedro: *Supplet vicem tuam, ò Petre.*

Eis aqui como nunca póde faltar a providencia das chaves de Pedro, ainda no caso em que elle por si mesmo faltasse. Mas antes que desçamos em particular ao cuidado, vigilancia e admiravel circumspecção desta universal providencia, quero eu acudir pela honra de Pedro, e não refutando a sua improvidencia neste caso com a sua providencia em todos, mas sarando gloriosamente uma improvidencia com outra. Dae attenção ao successo, tão digno de ser ouvido como imitado.

Entrou Christo em casa de S. Pedro: *Introivit Jesus in domum Simonis,* [2] e havia muito tempo que estava na mesma casa a sogra do mesmo Pedro, tão enferma e prostrada de umas gravissimas febres, que nem para receber ao Senhor se póde levantar. Essa

[1] *Luc.*, XXIII, 43.
[2] *Ibid.*, IV, 38.

força tem a palavra *tenebatur* do Evangelista: *Socrus autem Simonis tenebatur magnis febribus.* [1] Grande febre, e grande caso! Quem haverá que não repare e note aqui muito a pouca providencia de S. Pedro, antes o demasiado descuido e negligencia de attender ao remedio de sua casa e á necessidade dos seus domesticos e parentes? A sogra de Pedro em casa de Pedro ardendo em febres e sem cura, padecendo dôres e sem allivio, atada tanto tempo a um leito, sem saude, nem sequer melhoria? Não é este aquelle mesmo Pedro, que passando pelas ruas e pelas praças, só com a sombra sarava todos os enfermos? Como logo abusa de tal modo do seu poder, que curando a todos, só aos seus domesticos não cura? Tantos milagres para as casas dos outros, e só para a sua casa nenhum milagre? Sim. E este creio eu que foi o maior milagre de S. Pedro. Entre todos os milagres deste grande prodigio do mundo, o maior milagre foi não ser milagroso em sua casa. Fóra de casa, e ao sol, fazia sombra e obrava milagres; chegado a sua casa, não obrava milagres, porque já não tinha sombra.

Mas que farão em tal caso os domesticos de Pedro, e que será delles? Vós, senhores, que servis a S. Pedro nesta sua casa, sois mais propriamente os seus domesticos. E que será de tantos que sómente vivem da sua sombra? Não tenhaes medo. Porque como Christo, nos casos de necessidade, é Vigario do seu Vigario, se vos faltar a sombra de Pedro não vos faltará a mão de Christo. Assim foi. Chega-se o Senhor ao leito da enferma: *Stans super illam:* [2] dá-lhe e toma-lhe a mão: *Apprehensa manu ejus:* [3] e no mesmo ponto não só ficou livre da febre, mas sã, e com todas as suas forças: *Surgens ministrabat illis.* [4] Assim provê a providencia de Christo milagrosamente, onde a providencia de Pedro, com maior milagre, não provê. Antes digo, que assim como o não prover, em Pedro foi milagre, porque é obrigação natural da providencia de Christo prover elle, onde Pedro não pro-

---

[1] *Luc.*, IV, 38.
[2] *Ibid.*, 39.
[3] *Marc.*, I, 31.
[4] *Luc.*, IV, 39.

vê. Se Pedro, por excesso de generosidade, se descuidar dos seus domesticos, Christo, por excesso de providencia, tomará o cuidado delles; e se Pedro, abusando gloriosamente do poder das suas chaves, fechar a porta da sua casa a todo o favor, Christo, tomando-lhe as chaves, abrirá a mesma porta, e cheio de favores e graças entrará em casa de Pedro: *Introivit Jesus in domum Simonis.* Assim que seguros estão sempre os effeitos da providencia de Pedro, porque quando elle por qualquer accidente, ou como homem, ou como mais que homem, não usar dos poderes das chaves por si mesmo, fal-o-ha melhor por Christo, ou Christo por elle.

VI

E que se segue, ou se prova disto?- Segue-se e prova-se o que eu prometti dizer, posto que pareça que disse o contrario. Desta improvidencia de Pedro para com a sua casa, se prova altissimamente a providencia do mesmo Pedro para com a Igreja que lhe foi encommendada. Era o espirito soberano de Pedro como o daquella excellentissima alma, que disse por bocca de Salomão: *Posuerunt me custodem in vineis: vineam meam non custodivi.* [1] Puzeram-me por guarda das vinhas, e eu não guardei a minha vinha. Pois isto diz, e isto faz uma alma unicamente perfeita, que é a ideia e exemplar de todas as almas santas? Se disse, puzeram-me por guarda das vinhas, parece que havia de accrescentar, e eu guardei-as com grande cuidado e vigilancia: mas em logar de dizer que guardou as vinhas que lhe encommendaram, diz que não guardou a sua vinha: *Vineam meam non custodivi?* Sim. Porque o maior testemunho e a maior prova de guardar com todo o cuidado as vinhas que lhe encommendaram, era não ter nenhum cuidado de guardar a sua. A vinha (como Christo lhe chamou) composta de tantas vinhas, é a Igreja universal: e porque a providencia de Pedro se descuidou totalmente da sua vinha, por isso teve tanto cuidado da de seu Senhor.

[1] *Cant.*, I, 5.

Notavel coisa é vêr o zelo e providencia universal, com que S. Pedro tomava sobre si o que pertencia a todos, como se elle fôra todos, ou estivera em todos, e todos nelle. Mas por isso lhe entregou Christo as chaves, e o cuidado do universo. As duas maiores difficuldades, ou mais difficultosas questões, que se excitaram na escóla do Apostolado, foram a divindade de Christo, e a da verdade do Sacramento. Sobre a questão da divindade, depois de ouvidas varias opiniões, todas negativas, perguntou o Senhor: *Vos autem quem me esse dicitis?* [1] E fallando a pergunta com todos, Pedro respondeu por todos, como se fallára só com elle: *Tu es Christus Filius Dei vivi.* [2] Na questão do Sacramento parece tão dura a doutrina, que muitos por amôr, ou por horror della, deixaram a escóla: então perguntou o Senhor aos demais: *Nunquid et vos vultis abire?* [3] E fallando tambem a pergunta com todos, Pedro do mesmo modo respondeu por todos: *Domine, ad quem ibimus? Verba vitæ æternæ habes.* [4] É homem que toma por si o que se pergunta a todos, e responde por todos quando se não falla só com elle; este homem tem zelo e providencia universal; a este homem, e não a outro, hei de dar as chaves da minha Igreja: *Tibi dabo claves Regni Cœlorum.*

Mas não assentou a eleição de Pedro sobre estas duas experiencias sómente. No monte Thabôr quando viu a gloria, disse: *Bonum est nos hic esse:* [5] e quando ouviu que para entrar na mesma gloria era necessario dar esmola, como elle tinha deixado tudo, instou dizendo: *Ecce nos reliquimus omnia: quid ergo erit nobis?* [6] Não sei se reparaes neste *nobis*, e aquelle *nos*, uma e outra vez repetido? Em tudo mostrou Pedro ser Pedro. Se allega serviços, allega por todos: *Ecce nos reliquimus:* se procura premios, procura por todos: *Quid erit nobis:* se deseja bens, deseja para todos: *Bonum est nos hic esse.* Uma vez falla do passado: *Reliquimus;* outra vez do futuro: *Quid*

---

[1] *Math.*, XVI, 15.
[2] *Ibid.*, 16.
[3] *Joan.*, VI, 68.
[4] *Ibid.*, 69.
[5] *Math.*, XVII, 4.
[6] *Ibid.*, XIX, 27.

erit; outra vez do presente: *Bonum est;* mas sempre de todos, por todos, e para todos. Não se ouve da bocca de Pedro, nem *ego*, nem *mihi*, nem *me:* senão *nos* no primeiro caso, *nobis* no terceiro, e *nos* no quarto: *Nos reliquimus*, *nobis erit*, *nos esse;* porque a providencia de Pedro não sabe o nome a si, nem trata ou cuida de si, senão de todos. Se alguma vez se lembra Pedro só de si, é para elle só tirar a espada no Horto, e defender a seu Mestre: é para elle só o seguir até o atrio de Caiphaz cercado de guardas; é para elle só se lançar vestido ao mar, ou pizando as ondas com os pés, ou rompendo-as com os braços, para o ir buscar. Só para os perigos só; mas nunca só, senão com todos, e como todos, para o bem e interesse de todos.

Todos digo, uma, e outra, e tantas vezes; porque a providencia de Pedro, sem excepção nem limite, no universal e no particular, sempre se estendeu e abraçou a todos, aos grandes e aos pequenos; aos naturaes e aos estranhos; aos fieis e aos infieis; aos presentes e aos ausentes; aos vivos e aos mortos. O primeiro acto da providencia de Pedro, tanto que pela morte de Christo lhe succedeu no Pontificado, foi confirmar os outros Apostolos na fé da Resurreição. Em quanto o disseram outros, eram delirios: *visa sunt*, *sicut deliramentum:* [1] tanto que o disse Pedro, foi verdade infallivel: *Surrexit Dominus verè*, *et apparuit Simoni.* [2] Mandou-lhes Christo que esperassem pelo Espirito Santo; mas Pedro, com providencia antecipada e admiravel, não esperou pela vinda do Espirito Santo, para refazer a quebra de Judas, e inteirar o numero do Apostolado. Quando Christo subiu ao céu, deixou onze Apostolos, e quando desceu o Espirito Santo, já achou doze. Com esta diligencia conseguiu Pedro que viesse o Espirito Santo antes de vir; porque antes de vir em linguas visiveis, já tinha vindo na lingua invisivel, com que declarou a Mathias: *Cecidit sors super Mathiam.* [3] Cheios todos os Apostolos do Espirito Santo, Pedro foi o primeiro que no mesmo dia, e na mesma hora, e na mesma Jé-

[1] *Luc.*, XXIV, 11.
[2] *Ibid.*, 34.
[3] *Act.*, I, 26.

rusalem, onde tinha sido crucificado Christo, prégou publicamente a fé da sua divindade; e com que effeitos? O mesmo Christo, prégando em Judeia tres annos, deixou nella só quinhentos christãos, como consta da primeira Epistola aos Corinthios, e S. Pedro, com a graça superabundante do mesmo Christo, naquelle só dia, e naquella só prégação, converteu tres mil Judeus, e n'outro dia, e n'outra prégação, cinco mil, cumprindo-se em Pedro o que o mesmo Senhor tinha promettido: *Majora faciet, quia ad Patrem vado.* [1]

Mas como se contentaria com o fructo que colhia em Jérusalem e Judeia, quem tinha a cargo da sua providencia o resto do mundo? De Jérusalem parte Pedro a Antiochia, e alli assentou a primeira vez a sua cadeira, não se desprezando, sendo Principe e Pastor do universo, de ser e se chamar Bispo de uma cidade. De Antiochia passou a Roma, que, como cabeça do imperio, o era tambem da superstição e idolatria; para que assim como tinha prégado em Jérusalem aos Hebreus, e em Antiochia aos Gregos, prégasse tambem em Roma aos Latinos: e com as tres linguas universaes, em que foi escripto o titulo do Crucificado: *Hebraicè, græcè, et latinè:* [2], levantasse o estandarte da mesma Cruz, nas tres metropoles mais conhecidas, e nos tres castellos mais eminentes do mundo, de que o dominante era Roma. Quando David derrubou o Gigante, diz o Texto sagrado, que poz a pedra na funda, e dando uma e outra volta lh'a pregou na cabeça: *Circumducens percussit philistæum, et infixus est lapis in fronte ejus.* [3] E que pedra é esta, senão Pedro? Ao redor de Jérusalem deu uma volta á Palestina, e ao redor de Antiochia deu outra volta á Grecia, e com esta dobrada força, como pedra de David, se veiu metter e fixar na testa do Gigante, que é Roma, cabeça do mundo. Aqui o derrubou e prostrou por terra; mas para d'aqui o subir da terra ao céu. De Roma, melhor que os Cesares aos Fabios, Metéllos e Scipiões, repartiu S. Pedro os Pancracios, os Berillos, os Marciaes, os Apollinares, os Prodoci-

[1] *Joan.*, XIV, 12.
[2] *Joan.*, XIX, 20.
[3] *1.º Livro dos Reis*, XVII, 49.

mos, os Hermagoras, os Maternos, os Torquatos, os Tesifontes, e outros famosos discipulos de sua fé e espirito, os quaes, ordenados de Bispos e Sacerdotes, penetrassem a Italia, as Gallias, as Hespanhas, a Numidia, a Mauritania, e as demais provincias da Europa e da Africa (como já tinha feito na Asia o mesmo S. Pedro) para que como raios do mesmo sol allumiassem, e como rios da mesma fonte, regassem e fecundassem aquellas terras.

Porém a verdadeira Providencia que toda é olhos, não se contenta com mandar, senão com ir, nem com ser informada sómente, senão com vêr. Por isso Pedro ainda que poz a cadeira em Roma, não a fez para si séde fixa, senão séde rodante. Lá viu Daniel a Deus assentado no seu throno, e diz que o mesmo throno, era fundado sobre rodas: *Thronus ejus flammæ ignis: rotæ ejus ignis accensus.* [1] E porque tinha rodas o throno de Deus, sendo aquelle que *immotus dat cuncta moveri?* [2] Para mostrar nesta figura visivel, que assim como com sua immensidade enche todo o mundo, assim com sua providencia o vê e rodêa todo. O mesma fazia Pedro como vice-Deus na terra. Nem elle se podia apartar da Séde Pontifical, nem a Séde delle; mas levando-a sempre comsigo, como diz S. Lucas, visitava e via por si mesmo a todos: *Dum pertransiret universos.* [3] Tornou outra vez a Jérusalem, e outra vez a Antiochia: foi em pessoa a Galacia, a Capadocia, a Asia, a Bithynia, a Corintho, ao Egypto, e a outras partes da Africa: e até á barbarissima região do Ponto, que naquelle tempo era o degredo mais aspero dos Romanos, e o horror, como diz Tertulliano, do mundo, não faltou a providencia e presença de Pedro. Em Napoles e Sicilia ha ainda hoje memorias suas. E é auctor Metafrastes, que tambem passou á Hespanha, e prégou em Inglaterra. Assim respondeu o primeiro Apostolo, sendo o Principe de todos, á sua primeira vocação. Como Christo o tinha chamado para pescador de homens, não só no Tiberiades, nem só no Mediterraneo, nem só no Euxino; mas tambem

[1] *Dan.*, VII, 9.
[2] *Boet.*
[3] *Act.*, IX, 32.

no Oceano, era bem que fosse lançar as redes, para que pescasse homens em todos os mares.

Bem quizera a providencia de Pedro, assim como visitava a todos, assistir sempre com todos. Mas o que não podia com a presença e com a voz, fazia com a penna. Ninguem lerá as Epistolas canonicas de S. Pedro, que com admiração e assombro o não veja, não só retratado, mas vivo nellas. Na magestade do estylo, no solido da doutrina, no profundo das sentenças, e no ardente do zelo. Por este meio se multiplicava Pedro em todas as partes, e se fazia presente no mesmo tempo a todos. Mas o que mais admiro naquellas Sagradas Escripturas, é o titulo: *Petrus Apostolus, electis advenis dispersionis.* [1] Não iam dirigidas estas Lettras Pontificias, aos reis e monarchas do mundo, senão a uns pobres peregrinos e desterrados por todo elle. Lembrava-se S. Pedro que lhe encommendára Christo duas vezes os cordeiros, e uma só vez as ovelhas: *Pasce agnos meos, pasce agnos meos: pasce oves meas.* [2] Nas ovelhas lhe encommendou os grandes, e nos cordeiros os pequenos: e por isso os pequenos duas vezes, e em primeiro logar, para que tivesse maior cuidado. Esta foi a confiança com que Cornelio, sendo ainda gentio, não duvidou em mandar chamar a S. Pedro, e que fosse a sua casa, distante sessenta milhas, como logo foi. Estava então S. Pedro em Joppe, e este nome traz á memoria o Propheta Jonas, o qual no mesmo porto se embarcou, fugindo de Deus, por não ir a Ninive, sentindo e desprezando-se muito de ser mandado prégar a uma gente tão vil e aborrecida, como eram todos os gentios na estimação dos Hebreus. E quando Jonas não quiz ir prégar á maior cidade do mundo, onde só os innocentes eram cento e vinte mil, vae o Summo Pontifice da Igreja, e a pé, desde Joppe a Cesaréa, só por catechizar um gentio.

---

[1] *1. Petr.*, I, 1.
[2] *Joan.*, XXI, 16 e 17.

VII

Estas foram, senhores, não todas, mas uma pequena e abreviada parte das obras maravilhosas de S. Pedro, e dos exemplos que deixou á Igreja de sua universal providencia. Disse, deixou, e disse mal, porque os não deixou. Ainda os continua depois da morte, como insistiu nelles em toda a vida. Morreu Pedro, mas a sua providencia não acabou; porque foi, é, e será immortal. S. Pedro de Ravena, em uma carta que escreveu a Eutiches, que anda junta ao Concilio Calcedonense, diz que S. Pedro vive sempre em todos seus successores: *Hortamur te, frater, ut his, quæ à Beato Papa Romanæ civitatis scripta sunt, obedienter attendas; quoniam beatus Petrus, qui in propria sede et vivit, et præsidet, præstat quærentibus fidei veritatem.* Mas não é isto só o que quero dizer. Digo que no céu, onde está S. Pedro, vive e permanece immortal a sua mesma providencia sobre a Igreja, não apartando jámais os olhos della, nem faltando, ou tardando em lhe acudir, todas as vezes que o ha mister. Assim o prometteu o mesmo Pedro a todos os fieis, quando se despediu delles na sua segunda Epistola, por estas palavras: *Certus quod velox est depositio tabernaculi mei, secundum quod et Dominus noster Jesus Christus significavit mihi: dabo autem operam, et frequenter habere vos post obitum meum.* [1] Não promette aos fieis para depois da sua morte as suas orações, como fazem os outras Santos, senão a sua manutenencia: *Frequenter habere vos.* Eu vos terei, eu vos manterei, eu vos conservarei. E a palavra que responde a *frequenter*, no original grego, em que o santo Apostolo escreveu, quer dizer: *Semper, quotidie, sigillatim:* sempre, todos os dias, e a todos, não só em commum, senão em particular.

Quão exactamente cumprisse S. Pedro esta sua promessa, não se póde comprehender nem contar, por serem occultas e invisiveis as ordinarias e continuas assistencias da sua providencia; mas bastam para su-

[1] *2. Petr.* 1, 14 e 15.

perabundante prova as manifestas e visiveis. S. Pedro foi o que pouco depois de sua morte appareceu ao mesmo Nero que o mandou matar, com um aspecto tão severo e terrivel, que, assombrado o tyranno (como refere Suetonio, sem saber a causa) os poucos dias que depois viveu, mais parecia já morto que vivo, com que cessou a perseguição da Igreja. S. Pedro foi o que appareceu ao imperador Constantino, e em logar do banho de sangue dos innocentes, o exhortou a que se banhasse no do sangue de Christo, com que baptisado e feito christão, os Pontifices e Sacerdotes que viviam nas grutas dos montes, puderam apparecer publicamente nas praças de Roma, e collocar as imagens de Christo nos templos, e prégar sua fé por todo o mundo. S. Pedro foi o que durando a perseguição em Inglaterra, e tendo fugido alguns bispos; para que não fugisse tambem o Metropolitano de Cantuaria, como pretendia, o reprehendeu e castigou por suas proprias mãos de tal sorte, que bastou a vista das chagas que lhe ficaram em todo o corpo, para que os mesmos tyrannos o deixassem viver, e guardar as ovelhas do Pastor, que tão asperamente punira os pensamentos só de as querer deixar. S. Pedro foi finalmente o que no seculo passado appareceu a Ignacio em Pamplona mortalmente ferido de uma bala, e o sarou com sua presença, e lhe infundiu o seu espirito, para que levantasse uma nova e forte companhia em defeza da Igreja militante, contra Luthero e Calvino, e os outros heresiarchas de nossos tempos, como diz a mesma Igreja: *Novo per beatum Ignatium subsidio militantem Ecclesiam roborasti.*

Mas, glorioso defensor da fé e auctoridade Romana, e tambem da mesma Roma, e desta vossa Basilica, oitava maravilha do mundo: agora que as trombetas Ottomanas quasi se ouvem dentro de seus muros, e já as meias luas turquescas se divisam das torres de Italia, e lhes estão batendo ás portas, tempo é de outros soccorros, e de outras armas. Lembrae-vos, ó Pedro, que não vos disse Christo que depozesseis a espada senão que a mettesseis na bainha, para a tirar outra vez, e a empunhar, quando a honra de vosso Mestre já triumphante no céu, e a vossa providencia o pedisse na terra. Esta foi a espada com que assististes fulminante ao lado de vosso successor

Leão, e déstes tanta efficacia á sua eloquencia, e mettestes em tanto terror a Atila, que, não se atrevendo a dar um passo adiante, voltou as costas e as bandeiras, e confessou aos seus, tremendo ainda, o que vira. Com esta espada, e vestido de armas resplandecentes, soccorrestes Alexandria, cidade da Igreja Romana, sitiada pelo imperador Frederico, e capitaneando os cercados no assalto, com que debaixo de falsa tregoa os invadiu repentinamente, vós, com immensa mortandade de todo o seu exercito, o obrigastes, fugindo, a levantar o sitio. E quem assim acudiu por uma cidade da Igreja Romana, que fará pela mesma Roma, e pela mesma Igreja? Mas avisinhemo-nos mais á officina capital, onde se está fabricando e dispondo o perigo, e entremos na mesma Constantinopla. Imperadores eram daquella sempre infensa e venenosa metropole, Bardas e Machael, os quaes tinham devastado, com exquisitas crueldades, toda a Christandade do Oriente, quando vós, apparecendo visivel aos affligidos catholicos, por um dos ministros de vossa justiça, que vos acompanhavam armados, não só os mandastes matar, mas fazer em postas a ambos: e assim se executou. Tambem era imperador de Constantinopla Alexandre Impiissimo, o qual, olhando para as estatuas dos antigos idolos de Roma, que tinha no seu palacio, disse: *Quandiu istas colebant Romani, potentissimi, et invicti perseverarunt.* Em quanto os Romanos adoraram a estas, foram poderosissimos, e perseveraram invictos. Mas apenas o barbaro tinha lançado da bocca esta blasphemia, quando vós, sempre vingador das injurias de Christo, vos presentastes diante, dizendo: *Ego sum Romanorum Princeps Petrus.* E ao trovão desta voz, vomitando todo o sangue pela mesma bocca sacrilega, cahiu morto Alexandre.

Assim venceis, assim triumphaes, gloriosissimo Pedro. E se um *ego sum* da vossa bocca em Constantinopla é tão poderoso, com outro *ego sum* [1] da bocca de vosso Mestre e Senhor em Gethsemani, quando esta só vez derrubou os esquadrões de seus inimigos; e quando a vossa espada, como então começou, os degolára a todos, se o mesmo Senhor vol-a não mandára

[1] *Joan.*, XVIII, 5.

metter na bainha: Agora, agora é o tempo de a desembainhar outra vez, ou de tornar a dizer *ego sum:* para que trema o turco, para que se acabe Mafoma, para que as suas Luas se eclipsem, para que os seus exercitos desmaiem e se confundam; e para que em Constantinopla, como em Roma, e no Imperio do Oriente, como no Occidente, se conheçam e se venerem só as Chaves de Pedro, e com elle, e por elle, e nelle o nome de Christo. Amen.

SERMÃO

DE

S. ROQUE *

Ut cum venerit, et pulsaverit, confestim aperiant ei. [1]

Verdadeiramente, que se alguma hora préguei sotre thema forçado, se alguma hora não tive liberdade de eleição sobre as palavras do Evangelho, foi na occasião presente. Nem eu pudéra tomar outro thema que o que propuz, nem poderei seguir nelle outra exposição, que a que logo direi de S. Gregorio. O fim e intento de todo o Evangelho é querer Christo seus servos vigilantes e preparados para quando lhes bater á porta. Isso vêm a dizer em summa as nossas palavras: *Ut cùm venerit, et pulsaverit, confestim aperiant ei.* Se perguntarmos aos Doutores quando, e de que maneira bate Deus ás portas de nossas almas, responde S. Gregorio Papa no sentido mais litteral, que todos seguem: *Pulsat, cum per ægritudinis molestias esse mortem vicinam designat:* que nos bate Deus ás portas d'alma por meio das enfermidades do corpo. Se perguntarmos mais quando e de que maneira abrimos com pontualidade a Deus: res-

---

* Foi este Sermão prégado na Casa Professa da Companhia, em Lisboa, em 1642 na festa que fez a S. Roque, Antonio Telles da Silva. Este Sermão, explica o padre Honorati, é dividido em duas partes, uma panegyrica, outra politica. A peroração d'este Sermão é eloquentissima, sendo a mais nobre e mais util parte de todo elle.

[1] *Luc.*, XII.

ponde o mesmo Santo Doutor, e com elle muitos outros: *Cui confestim aperimus si hunc cum amore suscipimus:* que abrimos a Deus com pontualidade, quando o recebemos com amôr. De sorte, que o bater e o abrir das portas de nossa alma, consiste em bater Deus por enfermidade, e em abrirmos nós por caridade: *Pulsat per ægritudinis molestias: aperimus, si cum amore suscipimus.* Bem disse eu logo, que nem pudéra tomar na occasião presente outro thema, nem seguir nelle outra exposição. Celebramos hoje as gloriosas memorias do illustrissimo confessor de Christo, S. Roque, cujas portas formosissimas d'alma se estão vendo tão batidas e tão abertas, que duvido qual mais quizesse fazer nellas a Providencia Divina, se theatro de sua paciencia ao céu, se exemplar de sua caridade á terra. Encontram-se ás portas daquella alma no mesmo tempo duas mãos, por fóra a de Deus batendo, por dentro a de Roque abrindo; e ainda que o amôr não se conquista com golpes, quão rigoroso insista Deus no bater, tão amoroso se mostrava Roque no abrir: Deus batia por enfermidades: *Pulsat per ægritudinis molestias,* Roque abria por caridade: *Aperimus, si cum amore suscipimus.* Supposta esta conformidade facil do Evangelho, parece que se encaminhará o nosso discurso a S. Roque pela correspondencia maravilhosa, que teve sua caridade com suas enfermidades. E ainda que eu estava mais para pedir ao Santo remedio das proprias, que para ponderar finezas das suas, diremos em quanto pudermos com o favor da Divina Graça. *Ave Maria.*

I

Ut cùm venerit, et pulsaverit, confestim aperiant ei.

Supposto que nos bate Deus ás portas d'alma por meio das enfermidades do corpo, uma coisa mui singular acho no glorioso sugeito de nossa oração, e é, que foi tão vigilante servo S. Roque em acudir ao bater de Deus, que não só acudiu pontualmente, quando lhe batia ás portas proprias, senão tambem quan-

do batia ás alheias. Lá bateu uma vez o Esposo ás portas da Alma Santa; e com ser santa, acudiu tão pouco diligente, que, quando chegou a abrir, já o Esposo, cançado de esperar, se tinha partido: *Surrexi ut aperirem dilecto meo; at ipse declinaverat, atque transierat.* Verdadeiramente, que se a Esposa dos Cantares não representára as almas de toda a Igreja, creio que deixára Deus a Alma Santa, e se desposára com a alma de Roque. A Alma Santa talvez acode a Deus, quando lhe bate ás portas proprias: Roque, ou lhe bata Deus ás proprias, ou ás alheias, sempre acode diligente.

E se me perguntam, quando aconteceu isto a S. Roque, quando acudiu com esta pontualidade a um e outro bater de Deus? Digo que sempre, em duas occasiões: ou quando lhe batia Deus ás portas proprias por meio de enfermidades suas; ou quando batia ás portas alheias por meio das enfermidades dos proximos: *Pulsat per ægritudinis molestias.* Andando tão fervorosa em um e outro abrir sua caridade: *Aperimus, si cum amore suscipimus:* que das enfermidades alheias adoecia, e com as enfermidades proprias curava: das enfermidades alheias tirava doença para si, das enfermidades proprias tirava saude para nós. Não é modo de encarecer, senão verdade liza. Quando S. Roque sahiu de França para Italia, o exercicio e instituto de vida que tomou, foi servir aos enfermos nos hospitaes, donde (posto que curou muitos milagrosamente) sahiu com uma grave enfermidade, que lhe deu larga materia de paciencia. Voltando á patria, e chegando-se-lhe o fim ditoso de sua peregrinação, permittiu o Senhor, que fosse ferido de peste, de que morreu em breves dias; mas depois de morto, foi achado com uma taboa nas mãos, escripta por ministerio dos Anjos, na qual promettia, que todos os enfermos de peste, que se encommendassem em sua intercessão, sarariam daquelle mal. Assim que, das enfermidades alheias tirava doença para si; e das enfermidades proprias tirava remedio para nós. Quando serve aos enfermos, toma por premio a doença, quando morre de enfermidade, deixa em testamento a saude. Até aqui pontualidade de acudir a Deus; até aqui engenhoso artificio e artificioso extremo de caridade: adoecer com as enfermidades alheias, e curar com as enfermidades proprias. Excellencia é esta,

que só duas vezes acho escripta, uma vez junta, outra dividida; se dividida, em S. Paulo e Christo; se junta no glorioso S. Roque.

II

Vae contando S. Paulo o muito que tinha padecido em serviço dos proximos, e diz assim aos Corinthios: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* Que homem ha que adoeça, que não enferme eu tambem com elle? Notavel dizer! Parece que, ou a caridade é um bem contagioso, que se péga a todos os males, ou todos os males são contagiosos em respeito da caridade, que se pegam a quem a tem: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* Mas como póde ser (vamos á razão), como póde ser, que adoecesse S. Paulo das enfermidades alheias, e que sentindo cada um as suas, Paulo padecesse as de todos? Lá os outros enfermavam e cá Paulo adoecia? Como póde isto ser? Na caridade do Apostolo temos a solução da duvida. Como a caridade essencialmente é união, e união perfeitissima, de tal maneira une os proximos entre si, que se eu tenho caridade, cada proximo é outro eu: *Ut sint unum, sicut nos unum sumus:* e como por estes laços sobrenaturaes os homens se unem entre si, e se identificam reciprocamente, d'aqui vem que póde, antes deve cada um adoecer das enfermidades do outro: porque necessariamente hão de ser os accidentes communs, onde o sugeito é o mesmo. Por isso S. Paulo (e o mesmo digo de S. Roque) adoecia das enfermidades alheias, e sentindo cada um as suas, elle padecia as de todos; tudo por beneficio de sua caridade. Adoecia das enfermidades alheias, porque a união reciproca do amôr as fazia proprias; e sentindo cada um o seu mal, elle padecia o de todos; porque sendo um só por natureza, era todos por caridade: *Quemadmodum si universa orbis Ecclesia esset, sic in unoquoque membro discruciabatur*, diz S. João Chrysostomo. Adoecia em todos por sentimento, porque vivia em todos por amôr: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?*

D'onde a mim me parece, podemos dizer por uma certa analogia, que o que lhe faltou a Deus, em quanto causa primeira, por perfeição de sua simplicidade,

suppriu S. Paulo e S. Roque, por perfeição de sua caridade. Deus nosso Senhor (como ensinam os Theologos) é primeira causa activa, mas não é primeira causa passiva. E' primeira causa activa, porque por sua immensidade e omnipotencia obra com todos os que obram, concorrendo juntamente com elles: e não é primeira causa passiva, porque, por sua simplicidade e immutabilidade, não póde padecer em si, nem receber accidentes estranhos. De maneira, que obra Deus com todos os que obram, mas não padece com os que padecem. Pois esta generalidade e extensão que tem Deus, em quanto causa primeira, por perfeição de sua simplicidade, esta suppriu S. Roque com S. Paulo, por perfeição de sua caridade. Deus, como primeira causa activa, obra com todos os que obram; Roque, como primeira causa passiva, padece com todos os que padecem; e assim como é brazão da Omnipotencia Divina, que ninguem póde obrar sem Deus, *Sine me nihil potestis facere*, assim é brazão da caridade de Roque, que ninguem póde padecer sem elle: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?*

III

Este sois, divino Roque, este ao mundo todo, por beneficio, e este aos Religiosos desta casa, por imitação, que pouco fôra recebel-os debaixo de vosso patrocinio, se lhes não communicareis juntamente as gloriosas participações de vosso fervoroso espirito. Verdadeiramente, que quando considero (seja-me licito, ao menos pelos privilegios de estranho, dizer o que venero e o que admiro) quando considero a verdade com que póde dizer a casa de S. Roque: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* Que enfermidades, que males, que trabalhos ha em Lisboa, que a caridade desta casa não participe? Nos hospitaes, nos carceres, nas afflicções e sentimentos particulares, que sempre são mais que os publicos, quem os padece neste grande povo, que não reparta sua paciencia com a caridade dos Religiosos desta casa? Que enfermo, que os não tenha á cabeceira? Que preso, que os não ache á grade? Que condemnado, que os não leve comsigo ao logar do supplicio? Finalmen-

te, que necessidade espiritual, ou temporal, que não venha buscar aqui, ou o remedio, ou o allivio, ou a companhia? Quando tudo isto considero, me persuado que deve esta graça a Companhia ao glorioso Padroeiro desta casa; e que a gozam os Religiosos della, mais por Padres de S. Roque, que por Filhos de Santo Ignacio. Lá quando aquelles Anjos peregrinos se agasalharam em casa de Abrahão, louva muito Lypomano, a caridade com que Sára e Ismaël os serviam; mas não conhece nelles esta virtude pelo que tinham de parentes, senão pelo que tinham de domesticos de Abrahão: *Uror accellerat; puer festinat: nullus piger est in domo sapientis.* De maneira, que era filho Ismaël de Abrahão, mas aquella diligencia e caridade, não resplandecia nelle, porque nascera de seu sangue, senão porque vivia em sua casa: era filho diligente e caritativo, mas não era diligente e caritativo por filho, senão por domestico: *Nullus piger est in domo sapientis.* Alguma razão tenho eu logo para dizer que devem os Religiosos desta casa os fervores de sua caridade a S. Roque mais que a Santo Ignacio; porque de Santo Ignacio são filhos mas de S. Roque domesticos. Não são isto privilegios da filiação, são proveitos da moradia: no Instituto são obrigações da vida que professamos; no exercicio são influencias da casa em que vivemos.

Nem cuido que se poderá aggravar meu Padre Santo Ignacio, de eu o considerar assim; porque estas graças, ou estas glorias, todas tornam á fonte donde manaram, e S. Roque tambem foi filho de Santo Ignacio. Não digo isto por querer imitar a devoção com que algumas Religiões perfilharam os Santos alheios, porque estes piedosos latrocinios só se podem dissimular (posto que não encobrir) na confusão das antiguidades, e a nossa Religião é tão pouco antiga, que mais se conhece de vista, que de memoria. O que digo, e o que entendo é, que S. Roque foi professo da Companhia em espirito, e filho de Santo Ignacio em prophecia. A fórma de vida que por morte de seus paes tomou S. Roque, foi esta: renuncía seus estados, que era senhor de Mompellier, reparte com os pobres suas riquezas, parte a Italia, e alli, como dissemos, applica-se a servir aos enfermos, tratando do remedio de seus males, como se foram proprios. Pois, glorioso Roque, francez divino, que impeto de

espirito é este vosso? Que trocados de vida são estes tão contrapostos? Aqui renunciaes os bens proprios, alli tomaes á vossa conta os males alheios? Sim, que isto é ser professo da Companhia. O Instituto da Companhia professa consiste em renunciar os bens proprios, e fazer proprios os males alheios. Consiste em renunciar os bens proprios, porque nenhuma Casa professa da Companhia póde ter propriedade alguma, nem ainda para o culto divino, de que é tão zelosa: e consiste em fazer proprios os males alheios; porque esse é o voto e obrigação dos professos, accudir aos males communs e dos proximos, como se foram proprios e particulares. Este é o Instituto da Companhia professa, e esta a vida que professou S. Roque, seguindo em prophecia os exemplares de seu e nosso Padre Santo Ignacio: e para que não cuide alguem que perverto a ordem dos tempos, e chamo exemplares ao que devêra chamar imitações, fiar-me-ha o pensamento Santo Isidoro Pelusiota, que ainda em mais anticipada acção o considerou assim.

Considera Santo Isidoro Pelusiota o amôr e resolução com que Rebecca, para grangear a benção a Jacob, se expoz ao perigo da maldição que elle temia, e diz desta maneira: *Rebecca Apostolici animi magnitudine prædita:* verdadeiramente Rebecca com grandeza de animo apostolico. Notae. Rebecca foi antes da vinda de Christo mais de dois mil annos, e já então diz Santo Isidoro, que seguia as pizadas dos Apostolos, e que copiava em anticipadas imitações os futuros exemplares de seu espirito. E isto como, ou em que? Advertidamente o Pelusiota: *Ut ipsius filius benedictionem consequeretur, bonis quidem ipsi cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Consistia esta imitação do espirito apostolico, em que Rebecca, para negociar a benção a Jacob, renunciava nelle todos os bens, e tomava para si todos os males: *Bonis quidem ipse cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Esta é a summa de perfeição e profissão apostolica, fazer alheios os bens proprios, e fazer proprios os males alheios. E se porque o fez assim Rebecca, diz Santo Isidoro, que imitou em prophecia o espirito dos primeiros Apostolos; que muito que fazendo o mesmo S. Roque, diga eu tambem que imitou em prophecia o fundador dos Apostolos segundos? Mas seja embora como a devoção de cada

um o quizer considerar, o certo é, que de S. Roque mais immediatamente se deriva aos Religiosos desta Casa aquelle fervoroso espirito de caridade, com que depois de alienarem de si todos os bens proprios, se apropriam tão intimamente dos males dos proximos, que puderam bem dizer, se o não callára sua modestia, com o Apostolo: *Quis infirmatur et ego non infirmor?*

Assim dizia S. Paulo, e melhor que assim o póde dizer S. Roque; porque ainda que S. Paulo diga á bocca cheia, que adoecia de enfermidades alheias: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* é certo, e todos os Doutores interpretam assim, que só adoecia espiritualmente por sentimento, e não corporalmente por enfermidade. Porém o zelo sem exemplar de Roque, de tal maneira o entranhava nos males dos proximos, que não só adoecia na alma por sentimento compassivo, senão que chegou a adoecer no corpo, como vimos, por enfermidade verdadeira; vencendo, nesta circumstancia de caridade, a mesma caridade de S. Paulo. Dizia de si o Propheta Rei: *Tabescere me facit zelus meus, idest charitas mea:* O meu zelo, a minha caridade me faz andar pallido, andar enfermo, andar tisico, andar mirrado. Pois como, se o zelo caritativo é uma virtude que está na alma, como adoecia de zelo David, e se entisicava no corpo: *Zelo corpore tabescit?* glosa aqui a Interlineal. A razão deste excesso é, porque os affectos de nossa alma, se são extremamente intensos, atam-se pela visinhança ao corpo, chegando o corpo a padecer por enfermidade, o que a alma padece por sentimento. O calor naturalmente dilata; e como a caridade é um affecto ardente, chega talvez a dilatar-se tanto, que não cabendo na estreiteza onde nasceu, ou rebenta o coração, e morrestes, ou se communica ao corpo, e enfermastes: *Tabescere me facit charitas mea.* Tal foi a caridade de Roque, não chegando a ser tal a caridade de Paulo; para que se veja quão vigilante servo se mostrou em abrir a Deus, quando lhe batia ás portas alheias por meio das enfermidades dos proximos: *Ut cum venerit, et pulsaverit: pulsat per ægritudinis molestias: confestim aperiant ei: aperimus, si cum amore suscipimus.*

IV

E amôr que era tão Argos em acudir a Deus, quando batia ás portas de outros, já se vê quão vigilante seria em abrir quando lhe batia ás suas. Andou tão engenhosa tambem aqui a caridade de S. Roque, que se lá em emulação de S. Paulo soube adoecer com as enfermidades alheias, cá em imitação de Christo soube curar com as enfermidades proprias. Fazer das enfermidades proprias medicina, é privilegio soberano, que só em Christo Senhor nosso se acha, de quem diz o Propheta Isaias: *Livore ejus sanati sumus:* que suas enfermidades, ou dôres, foram nossa saude. Com menos facilidade, mas com mais galanteria, o disse o Evangelista S. Matheus, e é um dos Textos de sua historia, que reconhecem os Interpretes por mais difficultoso. Sarou Christo em Capharnaüm grande multidão de doentes de diversas enfermidades, e referindo S. Matheus este milagre, diz assim: *Omnes malè habentes curavit ut adimpleretur quod dictum est per Isaiam Prophetam dicentem: Ipse infirmitates nostras accepit, et ægritudines nostras portavit.* Curou Christo todos os enfermos que lhe apresentaram, diz S. Matheus, e aqui se cumpriu o que disse o Propheta Isaias, que tomaria Christo em si nossas penas, e padeceria nossas enfermidades. Notavel allegar de prophecias por certo! Se Christo estava curando enfermos, e a prophecia diz que havia de padecer nossas enfermidades, como se cumpriu neste caso a prophecia? Padecer enfermidades, e curar enfermos, é a mesma coisa? Em Christo sim: a mesma coisa é em Christo padecer enfermidades, que curar enfermos; porque a paciencia das suas dôres foi o remedio e medicina das nossas: *Livore ejus sanati sumus.* Por isso o Evangelista, quando viu a Christo milagrosamente medico, logo o considerou infallivelmente enfermo, porque aquelles effeitos de curar, eram certezas de adoecer; onde a enfermidade era medicina, não podia ter saude quem a dava: *Et defuit sanitas, ne nobis deesset,* disse com propriedade o Oleastro.

Tal o grande imitador da caridade de Christo, S. Roque, que do soffrimento de suas enfermidades fez

merecimento de nossa saude, e morreu ferido de peste, sem remedio, para que tivessem remedio os feridos de peste. Quem visse estar morrendo do mal de peste a Roque, e o tivesse visto curar milagrosamente a tantos do mesmo mal, parece que pudéra dizer ao santo por admiração, o que no Calvario disseram a Christo por affronta: *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere:* póde salvar aos outros, e a si não se póde salvar? Pois se sarou de peste a tantos, porque se não cura tambem a si? Sabeis porque? Não se curou S. Roque a si, porque quiz que sarassemos nós: *Et defuit sanitas, ne nobis deesset.* Offereceu a Deus sua enfermidade por nossa saude, sua vida por nossa morte: adoeceu para que sarassemos, morreu para que vivessemos: e ainda que tinha virtude milagrosa para curar de peste, não quiz empregar esta graça em sua vida, para poder testar della na morte. Assim o diziam as taboas de seu testamento: Ha mais fino amôr dos proximos? Ha mais perfeita, ha mais divina caridade que esta? Julgo-a por tão divina, que não foram menos que demonstrações de divindade em Christo, os que foram effeitos de caridade em Roque.

Estava S. Thomé incredulo da Resurreição com os outros Discipulos, entra Christo com as portas fechadas, abre as das mãos e do lado, chega a Thomé, e apenas tinha visto ou tocado as chagas, quando cáe aos pés do Senhor, dizendo: *Dominus meus, et Deus meus:* Reconheço, Senhor, que sois meu Senhor, e creio que sois meu Deus. Mais crê Thomé, do que duvida: porque só duvidava de um homem resuscitado: e reconheceu mais por Deus verdadeiro. Pois, Discipulo incrédulo, atégora não crieis tão obstinado, como já crêdes tão resoluto? E se nunca reconhecestes em vosso Mestre mais que a humanidade, como o confessaes por Deus tão subitamente? Que é o que vistes nelle? Que é o que descobristes de novo? Vi (diz Thomé) que deixou este Senhor as mãos e lado aberto, para render minha incredulidade: e quem não fecha as suas chagas, para ter com que curar as minhas, é mais que homem, é Deus: *Dominus meus, et Deus meus. Novo genere vestigia vulnerum divinitati perhiberent testimonium*, exclama Santo Agostinho: coisa nova e prodigiosa, que chagas de um corpo humano sejam testemunho de natureza divina.

Mas que menos se póde arguir, que divindade, em quem deixa abertas as chagas proprias, para ter com que curar as alheias? *Voluit exhibere in illa carne cicatrices vulnerum, ut vulnera sanaret incredulitatis*, diz o mesmo Santo Agostinho. Estes pois que foram argumentos de divindade em Christo, foram effeitos de caridade em Roque, o qual podendo sarar do mal de que estava ferido, não quiz fechar as suas chagas, para ter com que curar as nossas; e renunciando com maior milagre, os milagrosos privilegios de sua virtude, quiz morrer indefenso ás mãos da peste, para que a peste morresse a suas mãos. Assim abria Roque por caridade, quando assim batia Deus por enfermidades: *Pulsat per ægritudinis molestias: aperimus, si cum amore suscipimus.*

V

A mãos de Roque morreu, e morre a peste, ou reconhecendo a virtude, ou obedecendo á violencia de sua intercessão, onde eu noto, quão bem se corresponde aqui o premio e o merecimento; porque este segundo curar foi premio daquelle primeiro adoecer. Sobre o *Præcinget se: et sint vestri præcincti* do Evangelho, notou com agudeza S. Pedro Chrysologo, que paga Deus na mesma moeda os serviços que lhe fazem os homens. Cingi-vos para me servir a mim, diz Christo, que eu me cingirei (quem se não assombra?) para vos servir a vós. E como a liberalidade de Deus é tão pontual nas correspondencias; com que mais egualdade se havia de premiar um bem contagioso, que com dominar males contagiosos? Lá dissemos no principio que a caridade de S. Roque em emulação de S. Paulo era um bem contagioso, que se pegava aos males; pois em satisfação de uma virtude que é bem contagioso, dê-se a S. Roque virtude de curar males contagiosos. Alguma coisa disto temos em José.

Amava sua senhora a José tão perdidamente como sabemos; passou o affecto a loucura, passaram as significações a violencias; deixou-lhe emfim o casto moço a capa nas mãos, e d'aqui se trocou aquelle excessivo amôr em taes excessos de aborrecimento, que

dos laços desejados se forjaram prisões executivas, e foi posto em ferros José. Pois, egypcia infiel, que mudança é esta tão repentina? Pouco ha tanto amôr, e agora tanto aborrecimento? Se querias conquistar a vontade de José, principio foi de victoria ficar com os despojos nas mãos. Pois porque não continua teu amôr a empreza? Porque aborreces tanto, a quem amavas ha tão pouco? Quereis ouvir com admiração, porque? Porque lhe ficou nas mãos a capa de José. Assim como se pegam as enfermidades, tambem se péga a saude. Se bastam os vestidos de um enfermo para se pegarem os achaques do corpo, tambem bastam vestidos de um santo, para se pagarem os affectos d'alma. Qual cuidaes que foi o principio da conversão de S. Paulo? Altamente o penetrou o juizo de Bernardo. Entre os que apedrejavam a Santo Estevão, andava tambem S. Paulo antes de convertido, o qual foi tão venturoso, que lhe coube á sua conta guardar os vestidos do martyr: *Deposuerunt vestimenta sua secus pedes adolescentis, qui vocabatur Saulus.* E que se seguiu d'ahi? Seguiu-se, diz S. Bernardo, que pelo toque daquellas roupas começou Deus a lhe tocar na alma; e dos vestidos de Estevão, a quem o apedrejava se lhe pegou a mesma fé, porque Estevão morria: *Deponuntur vestimenta Martyrum ad pedes persecutoris, qui ad tactum sacrarum vestium fuerat convertendus.* Com particular providencia do céu se entregaram ao perseguidor os vestidos do martyr, para que tocando-os, se lhe pegasse a fé, e viesse a seguir, como veiu, a lei que perseguia: *Quid ad tactum sacrarum vestium fuerat convertendus.* Assim se converte Saulo em Paulo, e assim se trocou o amôr da egypcia em aborrecimento. Ficou a egypcia com a capa de José nas mãos: *Relicto in manu ejus pallio fugit;* e como pelos vestidos dos Saulos se pegam as inclinações e affectos da alma, aborreceu logo a egypcia a José, porque José aborrecia a egypcia. Communicou-se-lhe o aborrecimento ao coração pelo tacto, e pegou-se-lhe a desaffeição de José, só porque pegou em suas roupas sagradas: *Ad tactum sacrarum vestium.*

Mas d'onde mereceu José (ainda não fechamos o pensamento) d'onde mereceu José que se lhe concedesse já então, o que foi privilegio singular do Protomartyr; e que ao toque santamente contagioso de suas

roupas se produzissem tão maravilhosos effeitos? Se hei de dizer o que entendo, acho que nesta mesma acção teve José o merecimento e o premio. E senão, pergunto: Porque deixou José a capa nas mãos da egypcia? Deixar em poder de seu inimigo uma testemunha falsa contra sua innocencia, mais é temeridade, que confiança. Pois porque não faz força para trazer a capa comsigo, porque não resiste, porque a larga das mãos? Venturosamente ao intento Santo Ambrosio: *Contagium judicavit, si diutius moraretur, ne per manus adulteræ libidinis incentiva transirent, itaque vestem exuit.* Largou José a capa nas mãos da egypcia, porque julgou que era mal contagioso seu torpe amôr, e não quiz que pelas roupas se lhe pegasse a peste: *Contagium judicavit; itaque vestem exuit.* E José tem por mal contagioso o amôr da egypcia? pois seja bem contagioso o desamôr de José. Vós tendes por mal contagioso sua impureza? pois seja bem contagioso vossa castidade. De sorte, que juntamente naquella capa havia um mal, e um bem, ambos contagiosos: o torpe amôr da egypcia, de cujo contagio fugiu José; e o casto amôr de José, cujo contagio em parte se pegou á egypcia. Pois assim como Deus concedeu a José, que fosse bem contagioso sua virtude, porque teve por mal contagioso o vicio alheio; assim concedeu a S. Roque, que sarasse de males contagiosos sua intercessão, porque fôra bem contagioso sua caridade. Foi a caridade de S. Roque um bem tão contagioso, que se lhe pegavam os males e doenças de todos: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* Pois seja digno premio desta contagiosa virtude, que todos os males se rendam a seu imperio, e que não haja contagio, nem peste no mundo onde chegar a intercessão e nome de Roque.

VI

Estes são os merecidos prodigios de vossa caridade, glorioso e poderoso Santo; e pois como divino advogado da peste exercitaes tão obedecido dominio sobre todos os males contagiosos, uma petição vos quero fazer, que será a materia desta segunda parte; fio que não vos seja menos agradavel que a primeira;

porque os animos desejosos de fazer bem, mais os lisongea quem lhes pede, que quem os louva. A petição que faço, e a mercê que vos peço, divino Roque, é que livreis o nosso reino de duas pestes mui perigosas, que não sei se vão já corrompendo o saudavel clima de seus ares. São consequencias da guerra estas, tão certas como damnosas: *Surget gens in gentem, et in regnum adversus regnum, et erunt pestilentiæ.* Alguns haverá que, seguindo a resolução de David, desejariam antes remedio para a guerra, que para a peste: mas eu, pela mesma razão, temo mais os rebates da peste, que os rebates da guerra. Poz Deus a David em sua eleição, que de dois ou tres males que lhe ameaçava, escolhesse livremente o que mais quizesse: e com ser tão grande soldado David, quiz antes peste, que guerra. A razão deu-a o mesmo rei, como aponta o Texto: *Quia melius, ut incidam in manus Domini, quàm in manus hominum:* Porque a guerra estava nas mãos dos homens, e a peste nas mãos de Deus; sempre são menores os males, que se dispensam pela mão de Deus, que os que se executam pela mão dos homens. Por esta razão temeu mais David a guerra, que a peste; e pela mesma temo eu mais a peste, que a guerra; porque se lá a guerra estava nas mãos dos homens, e a peste nas mãos de Deus; cá a guerra está nas mãos de Deus, e a peste nas mãos dos homens. A guerra está nas mãos de Deus, porque Deus a tomou á sua conta, e nos dá tão milagrosos successos, como cada dia vemos; e a peste está nas mãos dos homens, porque os homens são os que encontram (não fallo das tentações, senão dos effeitos) ou ao menos desajudam o bem da patria.

Ora eu me puz a considerar como chamaria a estas duas pestes, que digo de Portugal; e por lhe não fazer as definições compridas, defini-as assim: Pouca fé, e muita fé. Pouca fé, isto é, pouca fidelidade: muita fé, isto é, muita confiança. Muito confiados, e pouco confidentes são em Portugal os feridos da peste, de que Deus nos livre. Máu é que tenhamos occasião de dizer isto entre portuguezes; mas peor fôra se se não estranhára. Cuido que o mostrarei de maneira, que ao menos se não persuadir o remedio, hei de justificar a queixa. Que esteja apestado de pouca fé Portugal, o povo diz commummente, e cuida que o prova; mas ainda que a auctoridade do povo

é tão grande, que ella só bastou para canonisar a S. Roque, julgue Deus os corações de cada um, que eu só das mãos quero fazer juizo. Argumento assim: E' certo que nas Côrtes passadas se prometteram subsidios para a guerra, quantos fossem necessarios á conservação do reino. Tambem é certo que se intentaram donativos, que se multiplicaram tributos, que se introduziram decimas, que se accrescentou á moeda o cunho e o preço; e comtudo vemos que é necessario repetir Côrtes, para arbitrar novos modos de tirar dinheiro effectivo, porque cada um guarda o seu, e ha mui poucos que paguem o que lhes toca. Os muito poderosos por privilegio, os poucos poderosos por impossibilidade; cada um trata de lançar a carga aos hombros do outro, e talvez cáe no chão, porque não ha quem a sustente. Isto é assim? Ainda mal. Bem digo eu logo, que ha pouca fé em Portugal. Fé tão apertada de mãos, não é verdadeira fé.

Diz Christo no nosso Evangelho: *Lucernæ ardentes in manibus vestris:* que tenhamos tochas accezas nas mãos. Supposto que o lume destas tochas significa o lume da fé; porque diz Christo, que o tenhamos nas mãos: *In manibus vestris?* Os actos da fé no entendimento se produzem, no entendimento se recebem: pois se a fé está no entendimento, como a põe Christo agora nas mãos: *Lucernæ ardentes in manibus vestris?* Uma razão mui verdadeira é, porque a fé pratica, que Christo aqui ensinava, não consiste tanto em verdades do entendimento, quanto em liberalidade das mãos. Não é mais fiel quem melhor discorre, senão quem concorre melhor. Por isso nos representa Christo a fé em figura de tochas; porque a tocha se está acceza, gasta-se, e se não se gasta, está apagada. O' quantas tochas que puderam luzir gloriosas, se vêem nesta occasião apagadas miseravelmente! *Lucernæ ardentes in manibus vestris.* Portuguezes: se a fé é tão ardente como deve ser, veja-se luzir nas mãos. Apertarem-se as mãos é signal de frieza, e que não arde fogo no coração. Amavam muito os Magos, e criam verdadeiramente naquelle Rei que acclamaram em Jérusalem, e como sabios, vêde a protestação que fizeram de sua fé: *Procidentes adoraverunt, et apertis thesauris suis obtulerunt.* Prostrados por terra adoraram, e abrindo seus thesouros offereceram. São Leão Papa: *Quod cordibus credunt, mu-*

neribus protestantur. Na liberalidade com que davam, protestaram a verdade com que criam; e porque ahi costuma estar o coração onde está o thesouro, fizeram os seus thesouros interpretes de seus corações: *Quod cordibus credunt, muneribus protestantur.* Se vissemos que entravam os Magos no Presepio, e que vendo naquelle estado a seu Rei, lhe não faziam serviço de suas riquezas; que diriamos? Diriamos com muita razão, que não criam nelle verdadeiramente, e que aquellas cortezias foram enganosas, e aquellas adorações fingidas. Adorar e não offerecer, quando o principe está em necessidade; dobrar os joelhos, e não abrir os thesuros, não é vicio de avareza, é crime de infidelidade. Fé, e liberalidade são virtudes synonimas; e quem está duvidoso no dar, não está firme no crêr. O que os Magos offereceram a Christo, foi oiro, incenso e myrrha; e dizem todos os Padres, e com elles conformemente a Igreja, que no oiro confessaram que era rei; no incenso, que era Deus: na myrrha, que era homem: *Auro regem, thure Deum, myrrha mortalem.* O' grande confirmação do que dizemos! De sorte que interpretaram os Magos a fé pela liberalidade; e para confessarem tres artigos, offereceram tres donativos: *Auro regem, thure Deum, myrrha mortalem.*

Pois se a fé se explica pela liberalidade, se o dar é synonimo de crêr, se a obediencia dos reis se protesta com oiro das mãos: *Auro Regem;* como não temerei eu, que ha rebates de peste, ou suspeitas de pouca fé em Portugal, quando a liberalidade se perverteu em cobiça, e em logar de se pagarem tributos, póde ser que se multipliquem latrocinios? E' bom genero de fé esta? Eu o direi. Perguntaram os ministros reaes a S. Pedro, se havia seu Mestre de pagar tributo a Cezar: e respondeu que sim. Mandou Christo a Pedro, que fosse pescar, que na bocca do primeiro peixe acharia a moeda que se pedia: *Et da eis pro me, et te:* E pagae Pedro por mim, e por vós. Notae. Christo era Senhor do mundo; S. Pedro era Principe da Igreja, e comtudo diz o Senhor: Pagae por mim, e por vós: *Da eis pro me, et te;* porque os tributos dos reis, principalmente em tempo de necessidades grandes, tambem os grandes senhores é bem que os paguem. Nos bens e males communs ninguem é privilegiado; sintam todos o mal que toca a todos. Mas

não era isto o que eu queria ponderar. O em que muito reparo é em mandar a providencia de Christo que S. Pedro pagasse o tributo. Pagar o tributo, parece que tocava em razão do officio, ao Apostolo que tinha o dinheiro; pois se Judas era thesoureiro ou procurador; se Judas era o que tinha a bolsa do Collegio Apostolico, porque não manda Christo pagar o tributo a Judas? Direi o porquê. Porque quem tinha animo para vender a seu Senhor, não tinha sitio para pagar o tributo. Não pagou o tributo de Judas, porque os Judas não pagam tributos. Veja-se agora se ha suspeitas de pouca fé, se ha feridas de infidelidade em Portugal.

Glorioso Santo, esta é a primeira peste de que vos peço nos livreis este reino, e se não fôra por temor de alguma irregularidade, não sei se vos pediria tambem que a curasseis como a curou S. Pedro. Defraudou Ananias a parte do preço que devia pôr todo aos pés dos Apostolos, como agora fazem alguns que pagam a decima, mas dizimada: manda-o vir diante de si Pedro, julga o crime summariamente, notifica-lhe a sentença em tres palavras, e foram tão rigorosas e executivas, que no mesmo ponto, com assombro e tremor dos circumstantes, cahiu morto aos seus pés Ananias. Tanto rigor em um Discipulo de Christo, na piedade de um Apostolo, nas entranhas de um S. Pedro, por uma culpa ao parecer não pesada? Sim, diz Santo Ambrosio, e dá a razão: *Tanta erat infectus avaritiæ pestilentia; ut Sanctus eum Petrus, non tam emendare voluerit, quam damnare.* Deu sentença de morte repentina S. Pedro a Ananias, por defraudador sómente do preço promettido: porque como estava inficionado com a peste da avareza, e podia inficionar e apestar a outros, teve por melhor tirar-lhe a vida, que esperar-lhe com perigo a emenda. Com este rigoroso remedio se curou já alguma infidelidade em Portugal, exemplo que é bem ande nas memorias sempre vivo; mas aos fielmente portuguezes baste-vos o do glorioso S. Roque, para que assim como elle deu estado, riquezas, e quanto possuia pela patria do céu, dêmos nós tambem com apostolada resolução quanto temos pela defeza da nossa. Ainda ha commendas, ainda ha rendas, ainda ha joias, ainda ha coches, ainda ha galas e regalos, e em quanto houver sangue nas veias, haverá muito que

dar. Dê-se tudo pela patria, que nella fica, assim como deu S. Roque tudo, para nella o achar. E se o exemplo de S. Roque por alto nos desmaia, e ha olhos fracos, que cegam com tanta luz, abaixemos um pouco a vista, e veremos retratada aos pés do Santo uma acção irracional, mas generosa, que, quanto mais falta de uso de razão, estranha e reprehende mais justamente as sem-razões da infidelidade humana. Todos os Auctores antigos fizeram ao cão symbolo da fidelidade, e quando esta nobreza não fôra tão antiga naquelle animal, o de S. Roque pudéra ganhar este titulo para toda a sua especie. Estava S. Roque no campo deitado ao pé de uma arvore, pobre, desconhecido, solitario, enfermo, e no meio deste desamparo tinha um cão, que levando todos os dias um pão na bocca, sem comer delle boccado, o sustentava. Isto sim, que é ser leal, isto sim, que é ser exemplo da verdadeira fidelidade: chegar a tirar o pão da bocca para sustentar com elle a seu senhor. Lastima é, que carecesse tal generosidade de uso de razão; quando vemos tantas almas racionaes tão mal empregadas em sugeito de menos honrados procedimentos.

VII

A segunda peste (muito me detive na passada, será esta a peste pequena), a segunda peste define-se: Muita fé, ou muita confiança: e deste mal está inficionada muita gente, que se chamam os demasiadamente confiados. Explico-me. Ha cidades em Portugal, que, sem estarem tão longe de Castella, como Roma de Carthago, nem as dividir um mar, senão um pequeno rio, e algumas uma linha mathematica, tão confiadas estão de si mesmas, que, por mais que são mandadas fortificar, não se fortificam, havendo (á maneira dos Espartanos) que onde estão os peitos dos seus cidadãos, não são necessarias muralhas. Ha homens em Portugal, que, sem terem gastado os annos nas escólas de Flandres, nem campeado nas fronteiras de Africa, por mais que os mandam ter armas, e exercital-as, teem por affronta ou por ociosidade este exercicio, como se fôra contra os fóros da nobreza prevenir a defeza da patria; ou poderão, sem exerci-

tar as armas, entrar naquelle numero ordenado de gente, que, por constar de homens exercitados, se chama exercito. E' boa confiança esta com o inimigo á porta? E' mui demasiada e mui errada confiança: desconfiar por temor, é covardia; mas desconfiar por cautela, é prudencia. Não quero desconfiança que faça desmaiar; desconfiança que faça prevenir, sim. E este segundo modo de desconfiar é mui necessario, principalmente aos portuguezes, cujo demasiado valor os fez algumas vezes tão confiados, que o vieram a sentir mal prevenidos. A moderada desconfiança, não é achaque, senão esmalte da valentia. O valente dizem que ha de ser desconfiado; ao menos um soldado francez sei eu, e na milicia de sua profissão soldado de fama, o qual sempre foi valente ou desconfiado, S. Roque. O que pondero é, que deixou S. Roque uma vez a patria, e depois se tornou para ella. Que deixasse a patria, quem queria seguir a Christo, com seguro dictame obrava; que no remanso perigoso da patria, principalmente os poderosos, como S. Roque, mais occasião têm de offender, que de servir a Deus: pois se deixa a patria e foge della, porque a torna a buscar? Em uma e outra resolução obrou como desconfiado Roque. A primeira vez fugiu da patria, porque desconfiou de sua virtude: a segunda vez tornou para a patria, porque desconfiou de sua fugida. Como se fizera este discurso o Santo, entre valente e desconfiado comsigo: Eu se fico na patria, as occasiões são muitas: se me falta virtude para as resistir, fico vencido. Pois que remedio? Não ha outro senão fugir; alto, deixemos a patria. E depois de a ter deixado, como se tornára sobre si: Fugir (diz Roque) é covardia: não querer vir ás mãos com o inimigo é pouco valor. Pouco valor em um soldado de Christo? Não ha de ser assim: animo, voltemos outra vez para a patria; e assim o fez. Elias retratado. Foge Elias de Jesabel, que lhe queria tirar a vida, chega ao deserto, e começa a chamar e desafiar a morte: *Petivit animæ suæ, ut moreretur.* Tudo succedeu no mesmo dia, para ser mais achada a repugnancia. Se teme o Propheta a morte, como a chama? E se foge della na cidade, como no deserto a desafia? São desconfianças de um bem entendido valor. Na cidade fugiu da morte, porque desconfiou de sua fortaleza; no deserto desafiou a morte, porque desconfiou de sua

fugida. O meio em que consiste a fortaleza é entre o temor e a ousadia: temeu e ousou Elias sempre desconfiado, para em uma e outra acção se mostrar valente. Tão longe está de valente o timido, como o temerario; e se em alguma parte está mais perigosa a conservação, é na presumpção de segura. Nem aqui nos faltará o Evangelho.

Quer Christo que estejamos em véla bem assim como o fazem os servos diligentes, que esperam por seu senhor: *Ut cum venerit, et pulsaverit;* (aqui reparo) para que quando vier a bater... Bater? Logo fechadas hão de estar as portas? Pois se fazem tantas diligencias por pressa e mais pressa, se hão de estar as roupas na cinta, se hão de estar as tochas nas mãos, e essas já accezas; porque não estarão tambem as portas abertas? Porque ensinava Christo a seus Discipulos a ser vigilantes, e não bastam para a segura vigilancia olhos abertos com portas abertas; senão olhos abertos com portas fechadas: *Ut cum venerit, et pulsaverit.* Para que quando vierem de fóra achem em que bater primeiro. E se não bastam olhos abertos com portas abertas; que seria portas abertas com olhos fechados? Por similhante descuido se perdeu Troia: *Panduntur portæ*, eis ahi as portas abertas; *invadunt urbem somno vînoque sepultam*, eis ahi os olhos fechados. O que importa é moderar a confiança com a cautela, e segurar o valor com a vigilancia: vigiar, armar, fortificar, exercitar e trabalhar, que, ainda que se tem trabalhado tanto, a empreza foi muito grande, e é necessario mais.

VIII

E o que mais necessario é que tudo (atégora como a Portuguezes, agora como a Christãos) é, que as negligencias de dentro não desanimem e descomponham as diligencias de fóra. Quem me déra neste passo as forças, e o espirito que não tenho! E' possivel que quando estamos recebendo enchentes de beneficios da Divina Misericordia, não façamos senão provocar com peccados a Divina Justiça? Que quando deveramos andar humildes e agradecidos a tantas mercês, armemos os favores do céu contra o mesmo céu, e façamos

guerra a Deus com seus beneficios? Que ainda se guarde pouca justiça? Que ainda se trate pouca verdade? Que agora reinem mais as invejas? Que agora estejam mais em seu ponto as ambições? Que agora, porque Deus está por nós, nos ponhamos nós contra elle? E' boa confiança esta? Grandes motivos nos tem dado Deus de grande confiança: mas antes nos quer menos confiados de suas misericordias, que pouco attentos a nossas obrigações: *Et vos estote parati* (diz Tertulliano): *Quasi ex redundantia clementiæ cæhora non putatis, Filius hominis veniet.* Estae preparados e prevenidos; porque na hora em que menos o imaginaes, vos pedirão conta da vida. Muito é difficultar Christo o remedio em uma hora, a quem o póde ter em um instante! Se um instante basta (que tal é a bondade de Deus) para um arrependimento final, como nos atemorisa o Senhor, com as brevidades de uma hora? Parece que é estreitar os limites e diminuir a opinião gloriosa de sua misericordia infinita. Assim parece, não ha duvida; mas quer Deus antes menos reputada sua misericordia, que demasiadamente confiada nossa esperança. Confiar em Deus, offendendo-o, é venerar um attributo com injuria de outro, e presumil-o tão misericordioso, que possa ser menos bom. *Absit ut ita aliquis interpretetur:* Deus nos livre de sermos tão maus Interpretes de sua bondade (diz Tertulliano): *Quasi ex redundantia clementiæ sælestis, libidinem faciat humanæ temeritatis:* que nos sirva de tentação a liberalidade divina, e façamos costas a nossas temeridades com os exemplos continuos de suas misericordias.

Miseria é, e cegueira de entendimento grande, que nos traga desvanecidos e descuidados, o que nos devêra fazer humildes e temerosos. Porque Castella se vae precipitando a tão conhecida ruina, nos damos nós por seguros? O' miseria! Porque Castella se vê em estado, que já não póde resistir a seus inimigos, nos imaginamos vencedores dos nossos? O' cegueira! Alegra-vos vãmente o que nos devêra confundir; anima-nos o que nos devêra assombrar; e enche-nos de confiança, o que nos devêra encher de temor. Não fallo do temor que faz timidos, senão do temor que faz timoratos: não do temor que faz temerosos dos homens, senão do temor que faz tementes a Deus. Pergunto, senhores: Porque está Deus

irado contra Castella, e a castiga tão rigorosamente? Não ha duvida, que por seus peccados, por suas maldades, por suas injustiças, por suas incontinencias; boas testemunhas somos, como cumplices um tempo dos mesmos delictos. Pergunto mais: O Deus de Castella é o mesmo que o de Portugal, ou outro? Esta pergunta não tem resposta. Pois o Deus é o mesmo, e em Castella castiga peccados, como ha de premiar peccados em Portugal? Se Castella tem a ruina em seus vicios, como havemos nós de ter a segurança nos nossos? O' que bem apertou a força desta razão o Propheta Nahum, fallando com a cidade de Tyro! *Nunquid melior est Alexandria populorum, quæ habitat in fluminibus?* Por ventura, ó Tyro, sois vós melhor que a grande cidade de Alexandria, cabeça de tantas provincias? Por ventura, ó Portugal, sois vós maior e mais populoso que Hespanha, todo de quem ereis parte? *Et tamen ipsa abiit in transmigrationem.* E comtudo Alexandria, ó Tyro, foi destruida; e com tudo Hespanha, Portugal, vae-se acabando. Pois se a monarchia famosa das Hespanhas; se aquella que pouco ha dominava facilmente o mundo, assim a castiga, e aniquilla Deus por seus peccados; se lhe não vale a Hespanha seu dilatado imperio, se não se sustenta nos estribos de sua grandeza; se de suas proprias entranhas brotam as labaredas com que se vae consumindo este Ethna; se tantos exercitos espalhados pelo mundo a não defendem; se tantas frotas, e tantos milhões a não soccorrem; se tantas orações (que é mais), e tanto culto divino; se tantas penitencias e sacrificios não bastam a ter mãos no braço irado da Divina Justiça: se tanto provocam a Deus os peccados de Hespanha: porque não teme Portugal os seus? Porque os não teme, e os não chora? Não nos fiemos indiscretamente em milagres e favores do céu: porque em grandes misericordias ensaia Deus grandes castigos, e todo este bem perderemos, se formos ingratos. Com grandes milagres e prodigios livrou Deus ao povo de Israël do captiveiro de Pharaõ em que estavam; e comtudo, de tantos mil que sahiram do Egypto, porque peccaram depois de tão grande mercê, só dois entraram na Terra da Promissão. Libertou-os Deus por afflictos, e depois castigou-os por ingratos. Fique-nos esta advertencia, Christãos, consideremos bem esta verdade, obremos pelos dictames

deste desengano, para que saibamos o que principalmente devemos temer, e sobre que bases podemos fundar segura a firmeza de nossas confianças. Agradar, e servir a Deus, e logo confiar animosamente.

E para que sejam efficazes estes remedios, Roque divino, debaixo da vossa protecção e favor esperamos os effeitos da virtude. Francez e portuguez sois, glorioso Santo, e em um e outro titulo estão bem fundadas nossas esperanças. Quem melhor nos soccorrerá que um francez, quando as florentes Lizes de França, com tão irmanada correspondencia, assistem ao lado das Quinas Portuguezas? E quem mais natural portuguez, e mais verdadeiro, que aquelle que nasceu com o habito de Christo sobre o peito esquerdo, publicando que era cavalleiro francez por geração, mas portuguez por nascimento? Todo o reino de Portugal vos encommendo, divino Roque, pois tão duplicadas são as razões com que confia em vosso favor. Encommendo-vos esta Cidade, que com tanta devoção e frequencia solemnisa vossas sagradas memorias. Encommendo-vos esta casa, que tão auctorisada está com vosso patrocinio, e tão rica e tão sanctificada com o thesouro de vossas preciosas reliquias. Encommendo-vos, (mas não vos encommendo, que não é necessario), a vossa Real e illustrissima Irmandade, em que vos serviam os reis e vos serve a melhor nobreza; e particularmente, como tão particular nelle, vos encommendo, glorioso Santo, a quem hoje com tão lembrada prevenção, e com tão anticipada liberalidade, celebra vossa festa ausente. A pessoa, a causa, os beneficios pedem que tenhaes boas ausencias, como quem as sabe ter tão pontuaes, e ainda que em distancia tanta, lá chega tambem a jurisdição milagrosa de vossos poderes; que a hostilidade de nossos mal reconhecidos amigos, que ainda alli não cessa, peste foi daquelle Estado, e peste do mundo. Deste mal tão pernicioso nos ajudae a livrar, poderoso Santo, aquella tão dilatada provincia, a mais rica e preciosa joia desta Corôa; para que, ou no descanço da verdadeira paz, ou na superioridade de victoriosa guerra, luza a conhecida prudencia e valor de quem vos serve e governa, e o sempre e em toda a parte efficaz patrocinio de vossa sagrada intercessão, pela qual esperamos tambem, mediante a graça, o premio da gloria: *Quam mihi, etc.*

SERMÃO

DE

S. ROQUE*

Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris. [1]

I

Fóra de seu dia S. Roque! E não em outro dia senão hoje! (Mui altos e poderosos reis e senhores nossos). Torno a admirar-me. Fóra de seu dia S. Roque! E não em outro dia senão hoje! Grandes suspeitas me dá este Santo que vem ajudar-nos a celebrar a nossa festa, mais que desejoso de celebrarmos a sua. Um anno faz neste dia e nesta hora, pouco menos, que em cumprimento da expectação, em desassombro do temor, em satisfação do desejo, em alvoroço dos corações, em applausos de Lisboa, em gloria de Portugal, e em alegria de todos, amanheceu á luz commum, e nasceu ao mundo o sexto Planeta do nosso hemispherio, a quarta Estrella dos nossos dois Soes, o primeiro fructo da geração attenuada, restituida, o desempenho prophetisado dos olhos de

---

* E' este um Sermão panegyrico e apologetico, prégado no anniversario do nascimento do Principe D. Affonso, na Capella Real, em 1644, dia, em que se celebrava a festa de S. Roque. E' um Sermão inteiramente politico, fundado todavia sempre no Evangelho. Este Sermão, que prégado por outro orador e em outra epocha poderia ser classificado d'improprio, em nada soffre desdouro, prégado por Vieira, na presença de D. João IV, diante do qual tinha grande auctoridade.

[1] *Luc.*, XII, 35.

Deus, a união dos dois primeiros Affonsos de Portugal, e Bragança, o perfeitissimo retrato dos soberanos originaes, que nol-o deram; em fim o nosso bello infante D. Affonso, que Deus nos crie, que Deus nos guarde, e que Deus nos faça o quarto, como hoje é o ultimo.

Não sou de fazer mysterios dos acasos; mas folgo de fazer doutrina da occasião. E já que S. Roque veiu a cahir neste dia tão particular, em que Deus desempenhou suas promessas, e lançou novas raizes a seus beneficios, quizera eu que S. Roque hoje nos ensinára a os conservar. Roques a reis, peças são que se ajudam. A este intento procurarei encaminhar todo o sermão. O Evangelho nos dará documentos, o Santo nos dará exemplos: queira Deus que não resistam aos ouvidos os corações.

II

Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris.

Manda Christo a seus Discipulos que estejam com as roupas tomadas no cinto, e com tochas accezas nas mãos; bem assim como os criados vigilantes, que esperam por seu senhor no dia das bodas. Este exemplo me faz difficultosa esta doutrina. Se o Esposo ha de vir, e não vem ainda, para que hão de estar todas as tochas accezas? Que esteja acceza uma, para que com ella se accendam as outras, parece-me muito bem: mas accezas todas: *Lucernæ ardentes in manibus vestris?* O que Christo Senhor nosso pretendia, como se vê de todo o Evangelho, era vigilancia e luz: para a vigilancia bastava um criado, para a luz bastava uma tocha. Provo com o exemplo da milicia; porque nos olhos de uma sentinella vigia todo o exercito, e na braza de um murrão, estão accezas todas as armas. Pois se parece que bastava uma só tocha, para que manda Christo accender tantas? Manda Christo accender muitas tochas, porque quer segurar as luzes. Uma só luz basta para accender, mas uma só luz não basta para assegurar; por isso manda Christo que estejam muitas tochas accezas, para em

cada uma deixar o remedio, e em todas juntas assegurar o perigo. Luz que se póde apagar com um assopro, não está segura sem fiador: pois multipliquem-se as luzes, diz Christo, para que umas sejam fiadoras das outras: na primeira luz nos deu o remedio, nas outras luzes nos tirou o cuidado.

Porque cuidamos, Portuguezes, que se acabaram as luzes de Portugal? Que causa cuidamos que houve para padecermos aquella noite eterna de sessenta annos tão compridos? A causa foi, porque como Deus queria eclipsar as glorias de Portugal, permittiu que ficasse a luz pendente de uma só tocha: um rei D. Sebastião, outro rei Henrique, ambos sem successão, ambos sem herdeiros. Porém hoje, quando Deus foi servido de nos restaurar e restituir, engrossa a linha da geração attenuada com dobrados successores, assegura o lume das tochas com multiplicadas luzes, para que assim como se interrompeu o sceptro de Portugal por dois reis sem successor, se perpetue em durações eternas por um rei já com dois successores. Dois successores temos, e quatro herdeiros. Ditoso o dia, e ditoso o nascimento, em que se cerrou e aperfeiçoou este bem estreado numero.

Notou S. João Chrysostomo, que a Lei escripta foi fundada em dois irmãos, e a Lei da graça em quatro: *Primum populum ædificavit super unam fraternitatem, hunc autem super duas.* Os dois irmãos, em que se fundou a Lei escripta, foram Moysés e Arão: os quatro irmãos, em que se fundou a Lei da graça, foram S. Pedro e S. André, S. João e Santiago. Pois saibamos: porque fundou Deus a Lei escripta em dois, e a Lei da graça em quatro? Que se fundasse uma e outra em irmandade, com grande providencia está feito; porque os fundamentos da união, são os mais solidos alicerces do edificio espiritual ou politico. Mas porque a primeira Lei em dois irmãos, e a segunda em quatro? A razão foi, porque quiz lançar os fundamentos a cada Lei, conforme a duração que lhe determinava dar. A Lei escripta, que finalmente se havia de acabar, fundou-a em dois irmãos: a Lei da graça, que havia de ser eterna, e durar sem fim, fundou-a em quatro. Imperio fundado em dois irmãos dura muito, mas poderá ter fim; porém imperio fundado em quatro irmãos, assentado sobre quatro columnas, allumiado com quatro tochas, será perpe-

tuo, será perduravel, egualará a duração com a do mundo, medirá os annos com as eternidades: *Hunc autem super duas fraternitates.*

Mas noto eu nas palavras de S. João Chrysostomo, que aos fundamentos da Lei perpetua da graça não lhes chamou quatro irmãos, sendo irmandades: *Super duas fraternitates.* Taes são os fundamentos do nosso reino. Está firmissimo Portugal, não só porque está fundado em dois irmãos, senão porque está fundado em duas irmandades: uma irmandade masculina do nosso Principe, e do nosso Infante; outra irmandade feminina das nossas Infantas, que Deus nos guarde. De maneira, que não só consiste a nossa firmeza na multiplicação do numero, senão na repartição do sexo: não só em serem quatro irmãos, senão em serem irmandades, uma de irmãos, outra de irmãs: *Super duas fraternitates.*

Triste e desconsolada Anna por se vêr esteril, e muito mais desconsolada e triste por se vêr affrontada de Fenenna, mulheres ambas do principe Helcana, e fecunda Fenenna, e mãe de muitos filhos, diz a Historia Sagrada, que foi ao Templo, e com muitas lagrimas fez oração e voto a Deus desta maneira: *Domine, si respiciens videris afflictionem famulæ tuæ, dederisque servæ tuæ sexum virilem: dabo eum Domino omnibus diebus vitæ ejus.* [1] Se puzerdes, Senhor, os olhos na minha afflicção e dôr, e derdes á vossa serva um filho varão, eu prometto de o dedicar a este mesmo Templo, para que nelle vos sirva todos os dias de sua vida. Assim orou Anna, e foi ouvida de Deus muito mais que assim; porque depois de lhe dar por filho ao Propheta Samuel, lhe deu mais outros dois filhos, e duas filhas. De todos diz juntamente o Texto: *Visitavit ergo Dominus Annam, et concepit, et peperit tres filios et duas filias.* [2] Não admiro neste famoso caso a liberalidade de Deus, que sempre é mais largo em dar, do que nós em pedir: é porém muito digno de reparo, que dando cinco filhos a Anna, quando lhe pediu um só, e esse varão, não fossem só varões e filhos, os que lhe deu mais, senão filhos e filhas: e em numero egual de um e outro sexo: os fi-

[1] *1.º Livro dos Reis,* I, 11.
[2] *Ibid.,* II, 21.

lhos dois, e as filhas duas, que vem a ser, como S. Chrysostomo ponderava, não só quatro irmãos, senão duas irmandades, e uma de irmãos, outra de irmãs, como nós particularmente notavamos na presente differença da successão dos novos Principes. De sorte, que não consiste a nossa firmeza só na multiplicação do numero, senão tambem na repartição do sexo. Isto é, não só em serem quatro irmãos e duas irmandades, senão uma de filhos, outra de filhas. E porque? Porque os reinos e os imperios conservam-se e sustentam-se em duas raizes: das portas a dentro na successão dos reis naturaes: das portas a fóra com a confederação dos reis estrangeiros. E por isso nos acabou Deus de dar, em tal dia como hoje, tantos filhos, como filhas: os filhos, para que não faltassem reis ao reino proprio; e as filhas, para que possamos dar rainhas aos estranhos.

O mesmo S. Chrysostomo, que nos quatro Apostolos notou as duas irmandades, nos quatro filhos, que depois de Samuel accrescentou Deus a Anna, nota ser uma irmandade de filhos, outra de filhas, dizendo que nesta segunda lhe déra Deus para ultima satisfação do gosto e do desejo, todo o lucro e augmento que da successão dos filhos póde ter uma venturosa familia: *Ex utroque sexu lucrum illius cumulavit, ut illi jam plenum, ac perfectum contigerit gaudium.* [1] Mas porque o Santo não individuou qual fosse ou haja de ser esse lucro, eu o direi, e provarei com admiravel propriedade do mesmo Texto; e é, que a segunda irmandade das duas filhas, por beneficio e extensão dos casamentos accrescentaram outros tantos filhos á mesma geração. Assim o disse a mesma Anna no Cantico da acção de graças que deu a Deus, pela mercê que de sua liberal mão tinha recebido, declarando expressamente na lingua original hebrea, ou chaldaica, em que fallava, que ella, sendo esteril, parira sete filhos: *Donec sterilis peperit septem.* [2] Pois se a mesma Escriptura Sagrada no vulgar latino diz: *Visitavit Dominus Annan, et concepit, et peperit tres filios et duas filias:* que visitou Deus a Anna, e pariu tres filhos e duas filhas, que são cinco

[1] *Homil.*, 1.
[2] *1.º Livro dos Reis*, II, 5.

por todos: como agora diz que pariu sete? Aqui está a propriedade e maravilha que eu dizia. Porque como a segunda e ultima irmandade foi de filhas, casando estas em familia estranha, accrescentavam cada uma dellas um filho á sua propria, e ambas dois, com que vinham a fazer o numero de sete: *Donec sterilis peperit septem.* Desta maneira descreve Isaias o augmento e propagação de Jérusalem, dizendo: *Filii tui de longe venient, et filiæ tuæ de latere surgent:* [1] que as filhas nascendo a seu lado como proprias, lhe trariam de longe pelo vinculo da successão outros tantos filhos; e se ella fosse de Principes, como a de que falla Isaias, e á nossa, outros tantos reis.

Vêde agora se está bem fundado Portugal nestas duas irmandades. Vêde se está bem seguro nestas quatro luzes, e se deve festejar muito este dia, em que nos amanheceu a quarta. Quero-me apaixonar por este dia. Digo que o dia de hoje é o mais alegre que nunca teve Portugal; mais ainda que o dia felicissimo da acclamação. Razão. Porque então deu-nos Deus o reino, hoje mostrou que elle nol-o déra; então cumpriram-se as prophecias, hoje provou-se que foi verdadeiro o cumprimento dellas.

Quando ao Patriarcha Abrahão lhe nasceu Isaac de sua mulher Sara, diz S. Basilio de Seleucia, que foi gemeo este parto. Gemeo? Pois como assim? Leam-se as Escripturas, e achar-se-ha que deste parto de Sara não nasceu mais que Isaac. Pois se só Isaac nasceu, como foi o parto gemeo? Foi gemeo, diz S. Basilio, porque deste parto de Sara esteril, se bem se nota, nasceram dois filhos: nasceu Isaac, e mais nasceu a fé das promessas, que Deus tinha feito a Abrahão: *Sara sterilis in partu suo fidem divinæ promissionis peperit.* Tinha Deus promettido a Abrahão, que lhe daria um filho, e que em sua geração seria temido o mundo: e como Isaac foi este filho promettido, por isso veiu a ser, e poder-se chamar gemeo o parto de Isaac; porque nasceu delle juntamente o filho das esperanças, e mais a fé das promessas: *In partu suo fidem divinæ promissionis peperit.* O mesmo passa no nascimento do nosso infante D. Affonso. Nasceu hoje á geração real portugueza esterilisada o primeiro fi-

[1] *Isai.*, LX, 4.

lho, e nasceu juntamente com elle a fé das promessas divinas feitas ao primeiro rei. Estava esteril, pelos peccados de Portugal, a geração de seus reis, como outra Sara; mas como Deus tinha promettido que nessa geração esterilisada e attenuada, poria seus olhos, quando a geração real portugueza outra vez se vê fecunda, não ha duvida que com o primeiro fructo desta fecundidade nos nasceu juntamente a fé daquellas promessas: *In partu suo fidem peperit.* Neste nascimento acabou o signal do castigo. Com este nascimento nasceu a fé do remedio. Porque assim como foi signal evidente de Deus querer acabar Portugal, e fazer a geração real esteril; assim é confirmação evidente de Deus querer estabelecer Portugal, fazer a geração real fecunda.

E senão, pergunto: qual foi o termo com que Deus declarou, que restauraria Portugal? O termo foi: *Ego respiciam et videbo:* Eu olharei, e verei. Pois no dia de hoje, e neste felicissimo nascimento se cumpriu o *respiciam et videbo. E porque razão?* Por que dar Deus a uma geração esteril um filho varão, é o olhar e o vêr de Deus. Texto expresso e continuado. Quando Anna, como vimos, e ainda não ponderamos, disse: *Si respiciens videris afflictionem famulæ tuæ, dederisque servæ tuæ sexum virilem:* [1] Se olhardes, Senhor, e virdes a afflicção da vossa serva, e lhe derdes um filho varão... De maneira, que dar Deus um filho varão a uma geração esteril, é o olhar e o vêr de Deus: *Si respiciens videris: Ego respiciam, et videbo.* A decima sexta geração real portugueza estava, como Anna, esteril: *Usque ad decimam sextam generationem in qua attenuabitur proles.* Tinha-nos promettido Deus, que nessa mesma geração attenuada olharia e veria: *In ipsa sic attenuata ego respiciam, et videbo.* E quando olhou e viu? Olhou e viu, quando deu a essa geração esteril um filho varão: *Si respiciens videris, dederisque sexum virilem: Ego respiciam et videbo.*

Que resta logo, senão darmos hoje infinitas graças a Deus, e infinitos parabens a Portugal, dizendo com o Propheta Isaias: *Lauda sterilis, quæ non paris, decanta laudem et hinni quæ non pariebas:* [2] Dá gra-

[1] *1.º Livro dos Reis*, I, 11.
[2] *Isai.*, LIV, 1.

ças a Deus, Lusitania, alegra-te, e triumpha, pois sendo nestes annos passados tão esteril de principes, hoje te vês tão fecunda! E se queres alegrar-te com mais admiração, olha para a visinhança: *Quoniam filii desertæ magis, quam ejus, quæ habet virum:* [1] porque a que era esteril, se vê fecunda, e a que era fecunda, esteril. Coisa é muito digna de reparar, que tendo Castella ha poucos annos dois infantes varões, hoje não tem nenhum; e não tendo Portugal ha poucos annos nenhum infante, hoje se vê com dois. Parece que Castella enterrava os seus infantes, para que os nossos nascessem; porque, se bem advertimos, acharemos que nas mesmas terras onde ella enterrou os seus infantes, nos nasceram a nós os nossos. Enterrou Castella um infante, em Allemanha, o infante Fernando; e nasceu-lhe a Portugal outro infante em Allemanha, o Senhor Dom Duarte, que Deus guarde e livre, que nasceu infante no dia felicissimo da acclamação. Enterrou Castella outro infante em Hespanha, o infante Carlos; e nasceu-lhe a Portugal outro infante em Hespanha, o Senhor infante D. Affonso, que nacceu já filho de rei, no dia felicissimo de hoje faz um anno. Que é isto? E' que quando Deus quer eclipsar, como vimos em nós, vae apagando as tochas; e como quer que resplandeça outra vez Portugal, vae-nos dando as luzes ás mãos cheias: *Et lucernæ ardentes in manibus vestris.*

III

Mas supposto que Deus nos deu tantas luzes: *Lucernæ ardentes;* e supposto que as poz nas nossas mãos: *In manibus vestris;* que havemos de fazer para sustentar estas luzes? Luzes accezas gastam, e consomem; pois que remedio para as sustentar, e para as conservar? O remedio, como tão importante e necesario, já está prevenido e declarado nas palavras antecedentes do Evangelho: *Sint lumbi vestri præcincti:* Cingi-vos, apertae-vos, estreitae-vos. Remedio para sustentar as tochas, apertar os cintos: *Sint lum-*

[1] *Isai.*, LIV.

bi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris. E que consequencia tem apertar os cintos para luzirem todas as tochas? Muito grande. Porque para luzir é necessario arder, para arder é necessario gastar, para gastar é necesario cingir. Cingi-vos primeiro, podereis luzir depois.

Muitas vezes tenho buscado em que consistiu a loucura das Virgens nescias; porque á primeira vista eu não vejo mais milagres nas prudentes. Se as prudentes ornaram as alampadas, tambem as nescias as ornaram: se as prudentes sahiram a receber o Esposo, tambem as nescias sahiram: e se as nescias adormeceram, tambem as prudentes não vigiaram: *Dormitaverunt omnes et dormierunt.* [1] Pois em que esteve a loucura tão canonisada? Esteve em que as nescias tendo menos cabedal de azeite que as companheiras, não souberam poupar com a industria, o que as outras gastavam na abundancia. Quizeram luzir, quando haviam de poupar, e vieram a mendigar, quando haviam de luzir: *Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur.* [2] Apagaram-se-lhes as luzes, porque não souberam estreitar os cintos: não souberam poupar antes, não poderam luzir depois. Que bem emendou esta ignorancia das Virgens nescias, a prudencia e a providencia de S. Roque! Contentou-se com satisfazer á necessidade, e não ao appetite; á natureza, e não á vaidade; por isso pôde resplandecer em obras de caridade tão excellentes, e servir ao Rei do céu com tanta liberalidade e grandeza, quanto eu agora quizera, mas não tenho tempo para ponderar.

Só não posso deixar de dizer e de estranhar muito, que se alarguem agora os cintos, quando era tempo de os estreitar; e que os tragam e queiram trazer muito largos os mesmos que n'outro tempo os traziam assaz estreitos. No outro tempo tão estreitos e tão delgados, como todos sabem; e agora tão largos, e não sei se tão inchados, que em nenhuma parte cabem, nem ha quem caiba com elles. Cabe-lhes porém, e vem-lhes muito ao justo a phrase do soberbo Jeroboão, que são hoje mais grossos pelo dedo meminho

---

[1] *Math.*, XXV, 5.
[2] *Ibid.*, V, 8.

do que eram antigamente pela cintura: *Minimus digitus meus grossior est dorso patris mei.* [1] Levam hoje mais roda em um annel, do que levavam antigamente no cinto. E o peor é, que no cabo queixosos, e mal contentes. Ora medi, medi os cintos, e vereis quanto mais largos andaes agora, do que andaveis no outro tempo. Antigamente (se vos lembra) cabieis nos vossos sapatos, e hoje não cabeis em um coche, e mais outro coche. E sobre tanta differença, queixas ainda? Estranho isto, mas não me espanto, que quando anda prodigioso o céu, vêem-se similhantes maravilhas na terra.

Ia S. Paulo caminhando para Damasco, desce do céu um raio de luz, que o derrubou do cavallo, e o deitou em terra. Estava Elias no Jordão, desce do céu um coche de quatro cavallos, que o levou por esses ares. Eis aqui o que acontece na terra, quando anda prodigioso o céu. A uns apea, a outras levanta. Paulo, que andava a cavallo, ficou a pé; Elias, que andava a pé, ficou em coche. Comtudo, a mim me parece muito bem que Elias tenha coche, porque vejo a capa de Elias nos hombros de Elizeu. Que ande em coche Elias zelozo, que cobre a Elizeu com a sua capa, é muito justo; mas que ande em coche Elias zelote, que cobre o coche com a capa de Elizeu, não é bom zelo este. Zelozo que não sabe dar a capa, não tem bom zelo. Pois desenganemo-nos, que quem quizer sustentar as tochas nas mãos, não ha de ter a capa nos hombros. Por isso Christo nos manda ser similhantes aos criados, cujo estylo e obrigação é largar a capa para tomar a tocha. Estava Jehú em uma conversação de fidalgos, veiu subitamente um Propheta ungil-o por rei: e que fizeram os circumstantes? No mesmo ponto, diz o Texto, que tiraram todos as capas dos hombros, fizeram dellas um throno, assentaram nelle a Jehú, e disseram: viva El-rei: *Regnavit Jehu.* [2] Então vive o rei, quando se lhe faz o throno das capas dos maiores vassallos. Entrou Christo em Jerusalem triumphando, começaram todos a acclamal-o por Rei de Israël: e que fizeram os que estavam pelas ruas? No mesmo ponto, diz o Evangelho, que tira-

---

[1] *3.º Livro dos Reis*, II, 10.
[2] *4.º Livro dos Reis*, IX, 13.

ram tambem as capas, e as lançavam por terra, para que o Senhor passasse por cima. Então triumpha o rei, quanto tem postas a seus pés as capas dos seus vassallos. Em nada me aparto do nosso Texto.

A duas coisas se compara Christo Senhor nosso neste Evangelho: compara-se a esposo, e compara-se a ladrão. A esposo: *Expectantibus Dominum suum quando revertatur à nuptiis.* [1] A ladrão: *Sciret paterfamilias qua hora fur veniret.* [2] Que se compare Christo a esposo, está muito bem, que o é de nossas almas; mas comparar-se a ladrão? A ladrão e a esposo juntamente? Sim. Compara-se Christo a ladrão, e mais a esposo, para que entendamos que ha de ser seu o nosso amôr, e que ha de ser sua a nossa capa. Ao esposo deveis-lhe o amôr, o ladrão pede-vos a capa. E como Christo é nosso legitimo Rei e Senhor, por isso se compara juntamente a ladrão e mais a esposo: porque ao senhor natural, ao rei verdadeiro, ha se lhe de dar o amôr, e ha se lhe de dar a capa por amôr: oh como fica airoso quem o faz!

Mas advirto-vos de caminho, que se derdes a capa, dae-a dada, porque alguns dão a capa no exterior, e por debaixo da capa tornarão a tomal-a. Capas dadas, são as que estabelecem o throno ao rei: capas dadas e tornadas a tomar, não. Pouco ha que dissemos que os vasallos d'el-rei Jehú lhe fizeram o throno com as suas capas. Tambem dissemos que os vassallos de Christo lhe puzeram as capas debaixo dos pés, quando o acclamaram por Rei. Porém eu noto uma grande differença, que o reinado de Jehú (como consta do Texto) durou vinte e oito annos: e o reinado de Jesus temporalmente, não durou mais que cinco dias. Pois qual é a causa por que o reinado de Jesus dura tão poucos dias, e o reinado de Jehú dura tantos annos? A causa Deus a sabe; a conjectura eu a direi. Aquelles vassallos que fizeram o throno de Jehú com as suas capas, não as tornaram a tomar: pelo contrario os que pozeram as suas capas aos pés de Christo, tanto que passou o triumpho, tornaram a pol-as aos hombros. E reinado como o de Christo, em que os vassallos dão as capas, e as tornam a tomar, não

[1] *Luc.*, XII, 36.
[2] *Ibid.*, 39.

é muito que dure pouco; porém reinado como o de Jehú, em que os vassallos dão as capas dadas, durará por muitos annos, e perpetuar-se-ha em muitos successores.

Pois por certo que merecia Christo aos seus vassallos, que lhe dessem as capas dadas. Tanto que Christo tomou o titulo de Rei na cruz, deu os seus vestidos aos soldados, e não só os vestidos exteriores, senão a tunica interior: *Milites ergo acceperunt vestimenta ejus, et tunicam.* [1] E que fizeram logo os soldados? Tomaram os dados, e puzeram-se a jogar. Grandes dois documentos. Se o verdadeiro Rei se despe, para que os soldados tenham que jogar; quanto mais se deve despir, para que tenham que comer? E se o rei tira a tunica, para sustentar os soldados; porque não tirarão os vassallos a capa, para sustentar o rei? Quereis poder dar as capas? Sabei apertar as roupas: *Sint lumbi vestri præcincti.* E se não basta a doutrina, baste o exemplo. *Amen dico vobis quòd præcinget se.* Porque não fará o vassallo pelo rei, o que o rei faz pelo vassallo? Notae a correspondencia do Evangelho entre o criado e o senhor. Diz o senhor aos criados que se cinjam e tomem as tochas nas mãos: *Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris.* [2] E logo abaixo diz, que o senhor se cingirá tambem e porá os criados á meza: *Præcinget se et faciet illos discumbere.* [3] Pois se o rei se cinge e se estreita para sustentar a meza dos criados: *Præcinget se et faciet illos discumbere;* porque se não cingirão e estreitarão os criados para sustentar as tochas do Senhor: *Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris?* Não vemos a moderação verdadeiramente de pae da patria, com que El-rei, que Deus guarde, estreita os gastos de sua real pessoa e casa? Não vemos a liberalidade verdadeiramente real, com que a rainha nossa senhora se priva de suas rendas, e as applica aos exercitos e fronteiras? Pois se assim se estreita a grandeza dos reis; porque não aprenderá a se estreitar a

[1] *Joan.*, XIX, 23.
[2] *Luc.*, XII, 35.
[3] *Ibid.*, 37.

vaidade dos vassallos? Façamos como libertados, pois elles fazem como libertadores.

Ora ouvi-me uma ponderação, em que vereis que neste mesmo estreitar-se mostra ser Sua Magestade o nosso verdadeiro libertador. Quando estavam captivos os filhos de Israël no Egypto, desceu Deus em figura de fogo, assentou-se em uma sarça: *Quod rubus arderet, et non combureretur;* [1] e a sarça ardia, e não se queimava. Pois se o fogo é um elemento tão activo, tão consumidor, tão voraz, porque não queimava a sarça? Portava-se a si o fogo, não pelo que era, senão pelo a que vinha. Vinha Deus naquelle fogo a libertar os filhos de Israël, como elle mesmo disse: *Descendi ut liberem eum.* [2] E o fogo libertador sustenta-se de si mesmo, não gasta. Fogo em que Deus vem abrazar, como o do sacrificio de Abel, consome; mas fogo em que Deus vem a libertar, como o da sarça de Moysés, não gasta, sustenta-se de si mesmo. Bem o vemos no nosso libertador, que se sustenta do seu, que era, e não do nosso, sendo que o seu e o nosso, tudo é seu. E para que mais estimemos e agradeçamos esta moderação, notemos que os reis da terra são como o rei dos elementos, o fogo. Todos os outros elementos, temol-os em casa, sem nos fazerem gasto: a terra, a agua, e o ar, não nos gastam nada; o fogo ninguem o teve em sua casa, senão custando-lhe. Assim são os reis da terra. E se não bastam os exemplos passados dos que tão abrazado deixaram Portugal, leia-se na Escriptura, o que Deus disse por Samuel ao povo, quando teimaram em pedir rei. E que sendo esta a qualidade e condição de um e outro fogo, que não tome para si nada o milagroso que vemos! Que não toque em uma folha da sarça! Que se sustente de si mesmo! E' sem duvida, porque está Deus naquelle fogo, e porque está nelle como Libertador: *Descendi ut liberem eum.*

E não só como libertador, senão como restaurador e conquistador, que assim o pede a nossa necessidade, e promettem as nossas prophecias. E porque? Pela mesma razão que temos dito. Porque Principe, que quanto pede aos vassallos, nada toma para si,

---

[1] *Exod.*, III, 2.
[2] *Ibid.*, 8.

tudo despende com elles, será restaurador e conquistador do mundo. Diz S. Agostinho, e é auctoridade recebida de toda a Igreja: *Sacramento Eucharistiæ totus mundus subjugatus est:* que com o Sacramento da Eucharistia rendeu e sujeitou Christo todo o mundo. Na cruz alcançou a principal victoria; mas com o Sacramento de seu corpo e sangue foi restaurando, e restituindo a seu imperio, quanto o demonio lhe tinha tyrannisado. Ora examinemos e saibamos porque mais com o Sacramento da Eucharistia, que com outro mysterio. Christo nascido, Christo morto, Christo resuscitado, não podéra restaurar o mundo? Pois porque mais sacramentado? Porque se tomou por instrumento da restauração e conquista do mundo o mysterio sagrado da Eucharistia? Lavremos um diamante com outro diamante, e expliquemos um santo com outro santo. S. Thomaz fallando do Santissimo Sacramento do altar, nota uma coisa muito digna de ponderação, e é, que neste soberano mysterio, quanto Christo recebeu de nós, tudo despende comnosco: *Et hoc insuper quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem.* Que recebeu Christo de nós na Encarnação? Recebeu carne, e recebeu sangue. E que nos dá Christo na Eucharistia? Dá-nos essa mesma carne na hostia, e dá-nos esse mesmo sangue no calix. E este soberano Principe é tão justo, e tão desinteressado, que quanto recebe de nós, tudo despende comnosco, e quanto toma dos homens, tudo despende com os homens para sua sustentação e proveito: *Quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem.* Logo, com muito fundamento ao mysterio em que se exercita esta grande acção, mais que a nenhum outro, se deve e se attribue a restauração e conquista do mundo: *Sacramento Eucharistiæ totus mundus subjugatus est.* Porque principe que gasta com seus vassallos tudo o que recebe delles, não lhe compete menos conquista que a do mundo, menos monarchia que a do universo. Assim o promettem as nossas prophecias, o confessam as nossas esperanças, fundadas no exemplo de tal rei, e na liberalidade de taes vassallos, para grande augmento da fé, para grande gloria da Igreja, para grande honra da nação portugueza, e ainda para grande opulencia dos bens da fortuna, com maior abundancia dos bens da graça.

IV

Bem acabava aqui o sermão, e certamente aqui acabou a parte panegyrica delle. Mas porque o dia e a festa propriamente é de S. Roque, o Santo, e o que resta do Evangelho, tomarão e satisfarão por sua conta a parte apologetica. Não declaro a materia da questão, porque é vulgar, sabida, e praticada de todos nesta côrte, como segunda e mui necessaria parte da mesma panegyrica, em que até agora fallámos, suppondo só o util e glorioso della, sem reparar no duvidoso e perigoso da sua conservação. Baste por unico fundamento na supposição, e circumstancias do tempo presente, que em todo o passado, Castella e Portugal juntos, não poderam prevalecer, assim no mar, como na terra, contra Hollanda; e como poderá agora Portugal só permanecer e conservar-se contra Hollanda, e contra Castella? Em defeza do zelo, que isto duvida e teme, se deterá um pouco a nossa apologia contra os juizos portuguezes (se é que verdadeiramente o são) tão confiados e bizarros, que impugnam como descredito os que suppoem a necessidade, e representam o remedio.

Os remedios, dizem, suppoem perigos, os perigos causam temores, os temores arguem desconfianças, e animos desconfiados, nem são bens, nem são animos. Ora o nosso Evangelho, quando menos, não discorre assim: dos mesmos principios tira mais honradas consequencias. Todo o Evangelho que hoje nos propõe a Igreja, está fundado em temores, e em esperanças; porque como trata da salvação, que é incerta, a esperança anima, o temor acautela. Mas ainda que estes dois affectos, ambos são necessarios para obrar ao futuro; eu, comtudo, sem ser muito apaixonado do medo, acho melhores raizes ao temor, que á esperança. Vamos ao Texto.

Exhorta Christo neste Evangelho a todos os homens a que vigiem sobre sua salvação, e n'um logar compara-os aos criados, n'outro logar compara-os ao Pae de familias. Mas noto eu, que quando os manda vigiar como criados, diz que esperem: *Similes hominibus expectantibus;* quando os manda vigiar como pae, diz que temam: *Si sciret paterfamilias qua hora*

fur veniret, vigilaret. Pois se o criado, e mais o pae, ambos vigiam, qual é a razão porque o criado quando vigia, espera, e o pae quando vigia, teme? Porque o pae é pae, e o criado é criado. O criado, quando vigia, espera; porque no criado vigia o interesse; o pae, quando vigia, teme; porque no pae vigia o amôr: espera quem serve, teme quem ama. Grande confirmação no mesmo Evangelho. Quando Christo manda vigiar como criados, promette a sua meza: *Faciet illos discumbere:* quando manda vigiar como pae, não promette nada. Pois porque se promette premio ao criado, e não se promette premio ao pae? Porque? Porque o criado serve, o pae ama. Quem serve, tem por premio a vossa meza: quem ama tem por premio o seu cuidado. E quem tem os olhos na vossa meza, claro está que ha de esperar: quem tem o coração no seu cuidado, claro está que ha de temer.

Ainda mais apertadamente no mesmo Texto. Quando Christo falla nas esperanças dos criados, diz que esperam por seu senhor: *Expectantibus dominum suum:* quando falla nos temores do pae, diz que teme ao ladrão: *Si sciret paterfamilias qua hora fur veniret.* E' certo e averiguado entre todos os Doutores, que assim o senhor, como o ladrão nesta parabola significam a Christo na hora da morte. Pois se é a mesma pessoa, e no mesmo tempo, como em respeito do criado se chama senhor, e em respeito do pae se chama ladrão? Porque d'onde o criado tira razões de confiança, o pae, que ama, tira razões de temor. No mesmo tempo, e nas mesmas circumstancias, o mesmo que para o criado é senhor, para o pae é ladrão. Ora queira Deus, que não haja algum criado que espere como a senhor, o mesmo que o pae que ama teme como a ladrão! E se quem ama teme; porque não ha de imaginar perigos? E se quem teme, ama; porque não ha de sollicitar remedios? Quem estranhar este zelo, perto está de condemnar o de Christo.

Leia-se o nosso Evangelho, e em todo elle não se achará outra coisa senão perigos e mais perigos, remedios e mais remedios. Virá o ladrão: *Qua hora fur veniret*, poderá roubar a casa, *perfodi domum suam:* buscar-nos-ha na hora em que estivermos mais descuidados: *Qua hora non putatis*, *Filius hominis veniet.* Eis ahi os perigos. Por outra parte, roupas na

cinta, tochas accezas, portas fechadas, olhos abertos: eis ahi os remedios. Pois, Senhor, estes são os pólos da vossa doutrina e do vosso cuidado? Não imaginaes n'outra coisa senão em perigos? Não fallaes n'outra coisa senão em remedios? Sim, sim. O mais verdadeiro e fiel amigo que ha, nem póde haver no mundo, é Christo; e o fiel e verdadeiro amigo, em materias que não importam menos que a salvação, não sabe imaginar senão em perigos, nao sabe fallar senão em remedios. Este é o zelo de Christo: e porque não será este o zelo christão?

Mas vejo que me diz, ou que me dirá alguem, que ha perigos que são impossiveis, e ha remedios que são perigosos. Perigos impossiveis não se hão de temer: remedios perigosos não se hão de acceitar. Admitto no perigo o impossivel, admitto no remedio o perigoso, e respondo com tudo.

V

Quanto ao primeiro. Falla Christo Redemptor nosso dos tempos temerosos do Antichristo, e diz que será tão universal a ruina, que até os mesmos predestinados, em certo modo, não estarão seguros: *Ita ut in errorem inducantur, si fieri potest, etiam electi.* [1] Notavel dizer! Os predestinados não é impossivel perderem-se? Claro está que os decretos divinos são immutaveis, e seus effeitos nada os póde impedir. Pois se o perigo dos predestinados é impossivel, porque chega Christo a recear perigo aos predestinados: *Etiam electi?* Porque? Porque os ama muito. Christo Senhor nosso ama muito aos seus predestinados. E quem ama muito, até perigos impossiveis teme. O perigo será impossivel, mas o amôr é muito verdadeiro. Quem chegou a temer impossiveis, chegou a amar quanto é possivel. Ha-se o amôr no temer, como no desejar; e assim como não ha maior signal de amôr, que impossiveis desejados; assim não ha maior signal de amôr, que impossiveis temidos. Antes mais verdadeiramente ama quem teme impos-

[1] *Math.*, XXIV, 24.

siveis, que quem deseja impossiveis; porque desejar-me impossiveis, sempre é amôr meu; mas temer-vos impossiveis, não póde ser senão amôr vosso.

Porém dir-me-hão que os impossiveis será amôr temel-os, mas não razão temerem-se. Temel-os-ha o amôr, que é um cego; mas não os temerá a razão, que tem olhos abertos. Tambem a razão.

Começaram a edificar os filhos de Membroth aquella soberba torre chamada depois de Babel, com intento de que chegassem suas ameias a topetar com as estrellas, e diz o Texto Sagrado, que desceu logo Deus a impedir e desfazer esta obra: e que a razão que o moveu foi esta: *Non desistent à cogitationibus suis, donec eas opere compleant.* [1] Que era necessario atalhar em seus principios a fabrica daquella torre, porque os homens a não acabassem, e chegassem ao céu com ella. Galante razão por certo. E' demonstração geometrica que ainda que o globo da terra fôra vinte vezes maior do que é, não podéra dar bastante materia para edificar uma torre, que chegasse á altura do céu. Quanto mais (deixados outros mil impossiveis), que chegando á segunda região do ar, por ser extremamente fria, haviam de morrer os homens congelados; e quando d'alli escapassem, lá estava a esphera do fogo, onde se haviam de abrazar e consumir todos, antes de chegar ao céu. Pois se a fabrica da torre e o intento daquelles homens era impossivel; como diz Deus, que desce á terra a o impedir, porque não acertem de o executar: *Non desistent, donec opere compleant?* A razão é, porque quem tem inimigos que possam armar torres contra os seus reinos, como Deus tinha neste caso, ha de discursar sobre os perigos impossiveis, como se foram perigos provaveis. A torre era impossivel, mas Deus discursava e obrava como se o não fôra. Os perigos que são impossiveis para o effeito, hão se de imaginar possiveis para a cautela. Quem teme os perigos possiveis, estará acautelado; mas quem teme os impossiveis, está seguro. O melhor meio de conservar a segurança, é temel-a. Assim a temia, ou obrava Deus, como se a temêra, dentro das muralhas do céu: *Non desistent à cogitationibus suis.* De ma-

[1] *Eccl.*, XVI, 27.

neira que recear perigos impossiveis, é amor; e acautelar-se de perigos impossiveis, é providencia. Quem persuade que se temam impossiveis, aconselha como Christo, que assim o aconselhou aos predestinados: e quem se acautela de impossiveis, obra como Deus, que assim se acautelou da torre. Nem o receio é descredito do amôr, nem a cautela é descredito do poder. O receio não é descredito do amôr, pois assim receia Christo, que ama tanto: a cautela não é descredito do poder, pois assim se acautela Deus, que póde tudo.

VI

Tenho satisfeito aos perigos impossiveis: respondo agora aos remedios perigosos. Para o primeiro ponderei o Evangelho; para o segundo contarei parte da vida de S. Roque.

Depois de S. Roque haver peregrinado por Italia, recolheu-se outra vez a França, e entrando em Montpellier patria sua, como entre a França e Italia havia naquelle tempo guerras, prenderam-no por espia. Por espia a S. Roque? Não faltará neste caso quem chame á patria de S. Roque desgraçada, ou, quando menos, desagradecida. Mas eu chamo-lhe ditosa e bemaventurada. Bemaventurada a terra onde os que padecem, e os que fazem padecer, todos são zelosos! S. Roque zeloso, porque o zelo da patria o trouxe a ella; os francezes tambem zelosos, porque o zelo da patria os fez maltratar a S. Roque. Terem todos o mesmo entendimento, não é obrigação; mas terem todos o mesmo zelo, ainda que em pareceres encontrados, é grande ventura. Presumo, certo da virtude de S. Roque, que só por conhecer o bom zelo de seus naturaes, levaria com muito bom animo a sua desauctoridade. Mas se S. Roque era o remedio unico da sua patria, e os francezes eram tão zelosos della, porque o perseguem, porque o accusam, porque o condemnam? Isto é zelo da patria? Sim. O zelo não tem mais obrigação, que de ser bem intencionado. Póde ser muito bom, e póde enganar-se. Os francezes cuidavam uma coisa, e era outra: cuidavam que em S. Roque lhes vinha o perigo, e em S. Roque vi-

nha-lhes o remedio. Quantas vezes succede isto no mundo?

Andavam os Apostolos na barquinha de S. Pedro luctando com as ondas: parte de terra Christo a soccorrel-os: *At illi putaverunt phantasma esse;* [1] e elles começaram a tremer, cuidando que era phantasma. Phantasma? Pois como assim? Não era Christo que os ia soccorrer? Não era Christo que os ia remediar? Não era Christo que os ia livrar do perigo? Pois como lhes pareceu que era phantasma? Porque assim como ha phantasmas que parecem remedios, assim ha remedios que parecem phantasmas. Coisa notavel, que o mesmo que lhes mettia medo como perigo, os livrou da tempestade como remedio. Visto ao longe entre as trevas parecia phantasma, mettido dentro na barca era Jesus Christo. Mas é muito de reparar o tempo e a circumstancia em que Christo effectivamente soccorreu aos Apostolos. Partiu Christo de terra, e ainda que os Apostolos andavam luctando com a tempestade, passou o Senhor de largo: quando elles viram que passava, cuidaram que era phantasma; tanto que cuidaram que era phantasma, então voltou o Senhor a remedial-os. Pois porque os não remediou Christo, quando elles temiam, e lidavam só com a tempestade, senão depois que chegaram a temer o mesmo Christo, cuidando que era phantasma? Porque Christo sempre acode nos maiores perigos; e o maior perigo não é quando se teme o perigo, é quando se teme o remedio. Quando os Apostolos temiam a tempestade, temiam o perigo; quando temeram a Christo, temeram o remedio; e como Christo costuma acudir sempre nos maiores perigos, por isso não acudiu, quando temiam o perigo, senão quando temeram o remedio. Não digo que não haja remedios perigosos; mas só mostro que alguns o podem parecer que o não sejam, como o de Christo e o de S. Roque. Quando S. Roque veiu a Montpellier, prenderam-no; quando morreu, os mesmos que o prenderam o canonisaram. E é muito para notar, que o não canonisou o Papa, senão o povo. Na vida não lhe bastou vir de Roma para o acceitarem; na morte não teve necessidade de Roma para o canonisarem. E

[1] *Marc.*, VI, 49.

sendo quasi de fé o que canonisa o povo; como ha de ser caso contra a fé o que canonisar o Papa?

O remedio temido, ou chamado perigoso, são duas Companhias mercantis, Oriental uma, e outra Occidental, cujas frotas poderosamente armadas tragam seguras contra Hollanda as drogas da India e do Brazil. E Portugal com as mesmas drogas tenha todos os annos os cabedaes necessarios para sustentar a guerra interior de Castella, que não póde deixar de durar alguns. Este é o remedio por todas as suas circumstancias não só approvado, mas admirado das nações mais politicas da Europa, excepta sómente a portugueza, na qual a experiencia de serem mal reputados na fé alguns de seus commerciantes, não a união das pessoas, mas a mistura do dinheiro menos christão com o catholico, faz suspeitoso todo o mesmo remedio, e por isso perigoso. Mas tornemos ao defensor deste perigo.

Herdou S. Roque por morte de seus paes um grande estado, e muitas riquezas, e quando os outros desejam larga vida, e muitos annos para as lograr, elle as repartiu aos pobres. Oh que grande politica do céu esta! Fazer do perigo remedio, e vencer ao inimigo com suas proprias armas! As armas com que o mundo faz maior guerra aos homens, são as riquezas. Pois que fez S. Roque ás suas? Tirou estas armas da mão ao mundo, converteu-as outra vez contra elle, e desta maneira o venceu e metteu debaixo dos pés. Tirar as armas ao inimigo e convertel-as contra elle, é fazer de um mal dois bens: um bem, porque se diminue o poder contrario: outro bem, porque se accrescenta o poder proprio. E de um mal fazer dois bens é mal? Não é melhor que essas riquezas sirvam a S. Roque contra o mundo, que servirem ao mundo contra S. Roque? Ao menos assim o entendeu el-rei David, um varão santo, tão amigo de Deus, feito em fim pelos moldes de seu coração.

Quando Joab tomou a cidade de Rabbah, achou-se alli entre os despojos um idolo famoso chamado Melchon, cujo oiro tomou el-rei David, e mandou que lhe fundissem delle, e lhe lavrassem uma corôa. Pois pergunto: um rei tão rico e tão poderoso como David, não tinha outro oiro de que mandar lavrar a sua corôa, senão o oiro de Melchon? Sim, tinha muito. Pois que pensamento teve em querer que do oiro do

idolo se lhe fizesse a corôa? Um rei tão catholico, como David, ha de fazer a corôa da sua cabeça do oiro dos idolos? Sim. Antes por isso mesmo; porque não póde haver mais gloriosa industria em um rei, que saber passar á sua corôa o mesmo oiro que enriquece os idolos. Este oiro está servindo á infidelidade: pois quero eu que sirva á minha corôa, diz El-rei David. Qual é melhor, que o oiro sirva a David contra o idolo, ou que sirva ao idolo contra David? Se este oiro posto da parte da infidelidade está conquistando os reinos de David, e propagando nelles a heresia; porque não passará David este oiro á sua corôa, para ajudar a restaurar seus reinos, e dilatar a verdadeira fé? Servir á fé com as armas da infidelidade, oh que politica tão christã! Alcançar a fé as victorias, e pagar a infidelidade os soldos, oh que christandade tão politica!

Não houve no mundo dinheiro mais sacrilego, que aquelles trinta dinheiros, por que Judas vendeu a Christo. E que se fez deste dinheiro? Duas coisas notaveis. A primeira foi, que daquelle dinheiro se comprou um campo para sepultura dos peregrinos: *In sepulturam peregrinorum:* [1] assim o diz o Evangelista, e assim o tinha Deus mandado pelo Propheta. Houve no mundo maior impiedade, que vender a Christo? Nem a póde haver. Ha no mundo maior piedade, que sepultar peregrinos? Não a ha maior. Pois eis aqui o que faz Deus quando obra maravilhas; que o dinheiro que foi instrumento da maior impiedade, passe a servir as obras da maior piedade. Serviu este dinheiro sacrilegamente á venda de Christo? Pois sirva piedosamente á sepultura dos peregrinos. Esta foi a primeira coisa que se fez dos trinta dinheiros. A segunda foi, que mandou Christo a El-rei D. Affonso Henriques, que destes trinta dinheiros, e mais das suas cinco Chagas se formassem as armas de Portugal: *Ex pretio quo ego genus humanum emi, et ex pretio quo à Judæis emptus sum, insigne tuum compones:* Comporeis o escudo das vosas armas, do preço com que eu comprei o genero humano, que são as minhas cinco Chagas; e do preço com que os Judeus me compraram a mim, que são os trinta dinheiros

[1] *Math.*, XXVII, 7.

de Judas. Ha coisa mais sacrilega, que os trinta dinheiros de Judas? Ha coisa mais sagrada, que as cinco Chagas de Christo? E comtudo manda Deus ao primeiro rei portuguez, que componha as armas de Portugal das Chagas de Christo, e mais do dinheiro de Judas: para que entendamos. que o dinheiro de Judas christãmente applicado, nem descompõe as Chagas de Christo, nem descompõe as armas de Portugal. Antes compostas juntamente de um e outro preço podem tremular victoriosas nossas bandeiras na conquista e restauração da fé, como sempre fizeram em ambos os mundos. E se Deus compoz assim as armas de Portugal, se Deus não achou inconveniente nesta união; que muito é que o imaginasse assim um homem? Ora perdoae-lhe quando menos, que tem bom fiador o pensamento.

Mais. Estava S. Roque doente ao pé de uma arvore, e diz a Historia, que vinha alli um cão piedoso, o qual lhe trazia todos os dias um pão da meza de seu senhor, com que o sustentava. Lembra-me que aos que carecem da verdadeira fé, chama Christo Senhor nosso, cães: *Non est bonum sumere panem filiorum, et mittere canibus.* [1] E com o mesmo nome de cães affronta justamente a nossa terra os convencidos do mesmo crime da infidelidade, não pelo nascimento da nação, nem pelo exercicio do commercio, em que não ha culpa. Isto posto, pois, e levando o cão na bocca o pão de que se sustentava S. Roque, pergunto: E é máu tirar o pão da bocca do cão, para sustentar o Santo? Ora eu não reparo em S. Roque comer o pão da bocca do cão, que pareceria asqueroso; mas reparo em que o cão lh'o levasse. Se o cão tirava o pão da meza a seu senhor, sabia elle a quem o levava; e se o senhor sabia que o levava a S. Roque, porque lh'o não dava elle, ou manda ao menos por um criado? Ha de dar o pão o homem, e ha de levar o pão o cão? Sim. Porque aquelles a quem sustenta a Providencia Divina, quer Deus que os sirvam os homens, e quer que os sirvam os cães. A quem Deus sustenta com sua mão, não quer que o sirvam todas suas creaturas; que o sirvam os racionaes, e que o sirvam os animaes.

---

[1] *Marc.*, VII, 27.

Estava Elias em um deserto, quando foi a perseguição de Jesabel, e veiu um Anjo que lhe deu pão, com que se sustentou quarenta dias. Estava outra vez Elias em outro deserto, quando foi a fome do tempo de Achaz, e vinha todos os dias um corvo, que lhe trazia tambem de comer. Pois, valha-me vossa providencia, Senhor: que mudança é esta? Já se acabaram as Gerarchias do céu? Já se variou o ministerio dos Anjos? Pois se uma vez sustentaes a Elias com Anjos, porque outra vez sustentaes a Elias com corvos? Porque Deus quando sustenta os seus mimosos, quer que os sirvam todas suas creaturas. Sirvam uma vez a Elias os Anjos, sirvam outra vez a Elias os corvos. Sustentar Deus a Elias por meio dos corvos, nem era contra a providencia de Deus, nem contra a santidade de Elias. Tão Deus era Deus quando sustentava a Elias por ministerio de corvos, como quando o sustentava por ministerio de Anjos: e tão santo era Elias quando recebia o pão das mãos dos Anjos, como quando tomava o pão das unhas dos corvos.

E a razão disto qual é? A razão é, porque a bondade das obras está nos fins, não está nos instrumentos. As obras de Deus todas são boas; os instrumentos de que se serve, podem ser bons e maus.

A Job chama-lhe Deus na Escriptura, servo seu: *Numquid considerasti servum meum Job?* [1] E a Nabuchodonosor chama-lhe Deus tambem servo: *Nabuchodonosor, quia servivit mihi.* Todo o mundo sabe quão differentes eram os procedimentos destes dois homens. Job muito santo, muito justo, muito piedoso: Nabuchodonosor muito mau, muito cruel, muito idolatra. Pois se isto é assim, como se chama servo de Deus Nabuchodonosor? Que se chame servo de Deus Job, está muito bem, era santo: mas que se chame servo de Deus Nabucho, que era tão mau homem? Tambem. Porque entre os servos de Deus ha esta differença: uns são servos de Deus, porque servem a Deus: outros são servos de Deus, porque Deus se serve delles. Os que são servos de Deus, porque servem a Deus, necessariamente hão de ser bons: os que são servos de Deus, porque Deus se serve delles, bem

[1] *Job.*, I, 8.

podem ser maus. Eis aqui a differença com que Job e Nabuchodonosor, sendo tão dessimilhantes na vida, ambos eram servos de Deus nas obras. Job, como santo, era servo de Deus, porque servia a Deus; Nabuchodonosor, como mau, era servo de Deus, porque Deus se servia delle. Bons e maus, todos podem servir a Deus. Os bons sirvam a Deus; os maus sirva-se Deus delles. Assim aconteceu a S. Roque no pão com que se sustentava. Servia-o o homem, em que havia piedade, e servia-o o cão, que era incapaz de virtude. Um servia por discurso, outro servia por instincto: mas ambos serviam.

VII

Muito tinha que dizer ainda nesta materia, mas porque ella se estampa tantos annos depois de se haver prégado, em que se póde confirmar com os mesmos effeitos, baste por prova ser o arbitrio ou remedio que no principio se duvidava como perigoso, disposto e ordenado, e por ventura inspirado pela Providencia Divina. E' consequencia evidente. Porque não se executando todo este remedio, senão só ametade; nem se formando a Companhia Oriental (de que depois houve tantos arrependimentos), senão a Occidental unicamente, foram sufficientes os soccorros que as suas frotas trouxeram ao reino, não só para sustentar a guerra interior, sempre com maior poder, e maiores argumentos; mas para restaurar ametade do mesmo Brazil. Com guerra de vinte e quatro annos estava occupada e perdida, e já estampada nos mappas com nome de nova Hollanda esta ametade do que possuiamos na America: e que bastou para recuperar tanta terra, tantos mares e portos, tão invencivelmente fortificados, como suppunha não só a experiencia commum, mas a resistencia de tantos e tão grandes generaes, não se atrevendo a acceitar uma tal empreza? Aqui se viu o milagre da Providencia. Appareceu a frota mercantil do Brazil defronte do Recife, a que por sua fortaleza poderamos justamente chamar a Rochella da America, e á ostentação sómente do numero de seus vasos, sem morte de um homem, se renderam dezesete fortes reaes, guarnecidos de sobeja infan-

teria, abastecidos de munições de bocca para dois annos, e de guerra para muitos, e em espaço de tres dias se recuperou o que se não podia caminhar pacificamente em muitos mezes, e se tinha ganhado a palmos em vinte e quatro annos. Ao principio não creu tal milagre o mundo; mas estes foram os fins maravilhosos daquella unica Companhia mercantil, que havendo mais de quarenta annos cessou a causa por que foi instituida, é tão util, importante e necessaria, que ainda se conserva, e conservará por muitos. Assim se desfizeram os escrupulos em applausos, as duvidas em demonstrações, os impossiveis em milagres, e o imaginado perigo em acções de graças a Deus, dadas na côrte, em todo o reino, e repetidas todos os annos naquellas Conquistas, triumphando os altissimos conselhos da Providencia, Sabedoria e Omnipotencia, não só dos vãos temores, interessses e pretextos, mas do mesmo bom, verdadeiro e fiel zelo humano, para ultima exaltação e gloria da Bondade Divina.

SERMÃO

DE

S. ROQUE *

Beati sunt servi illi. [1]

I

Ou a vida de S. Roque foi errada, ou todo o mundo é louco. Assim o dizia eu não ha muitos dias: e quanto mais considero nos passos que leva o mundo, e nos que seguiu S. Roque, tão encontrados, tanto mais me confirmo nesta verdade. Vejamos o que fez S. Roque na eleição de sua vida, e o que fizera no mundo em similhante occasião qualquer outro da sua edade, da sua fortuna, e do seu nascimento. Foi tão venturoso S. Roque, que lhe faltaram seus paes antes de cumprir os vinte annos. Desgraça se chamava isto antigamente; mas eu lhe chamei ventura, por me accommodar á phrase do tempo. Nenhuma coisa parece que sentem hoje mais os filhos, que a larga vida dos paes. Quem não quer esperar a herdal-os depois da morte, como lhe póde desejar longa vida? Quasi todos os Titulos que acabaram estes annos na nossa Côrte, nas-

---

* Foi prégado este Sermão na Capella Real, em 1657, tendo o auctor prégado no dia do mesmo Santo em S. Roque, na igreja da Casa Professa da Companhia de Jesus. E' este, commenta o padre Honorati, um sermão panegyrico, riquissimo na forma, egual aos modelos mais primorosos dos oradores francezes da epocha. E' um Sermão sobremaneira maravilhoso, principalmente na parte 5.ª, cheia de força, de graça, de belleza litteraria e oratoria.

[1] *Luc.*, XII.

ceram unicos, e morreram gemeos; primeiro os lograram juntamente os filhos, do que os deixassem os paes. Uma capa, diz o Espirito Santo, não póde cobrir a dois. Mas querem os homens poder mais do que Deus sabe. Um se cobre com o direito da capa, outro se cobre com o avesso no mesmo tempo. Tão larga lhes parece aos filhos a vida dos paes, que não se atrevem a lhes esperar pela morte. Em fim, ou seja indocencia nos filhos de hoje, ou fosse ventura em S. Roque, elle se viu em vinte annos de edade sem sujeição de filho, senhor da cidade, e estado de Montpellier, que era de seus paes, herdeiro de grande casa, e riquissimos thesouros, que desde seus antepassados se guardavam e accrescentavam nella.

Isto supposto, que resolução vos parece que tomaria no tal caso aquelle filho, ou que faria qualquer dos presentes se nelle se achára com sangue illustre, com estado, com vassallos, com tantas riquezas, e com tão poucos annos? Parece-me a mim, julgando o que cuido, pelo que vejo, que tomarieis uma de duas resoluções. Ou passados os lutos vos partirieis para a côrte (e mais sendo a côrte a de Pariz, aquelle mundo abreviado) para luzir, para ostentar, para competir em galas, em apparatos, em grandezas, e juntamente para assistir, para servir, e para merecer diante do rei, e por esta via alcançar novos accrescentamentos á casa e á pessoa. Esta era a resolução mais viva, e mais propria daquella edade. Mas se o vosso juizo fosse mais assentado, se vencesse na madureza os annos, e se aconselhasse ou se deixasse aconselhar sizudamente, julgaria eu pelo contrario, que renunciando pensamentos de côrte, como mar turbado, inquieto, e em nenhum tempo seguro, vos deixarieis ficar no vosso estado, conservando nelle melhor, e a menos custo a auctoridade, gosando com descanço o que vossos avós com trabalho vos tinham ganhado, e governando em paz e quietação vossos vassallos, sendo amado, servido, e reverenciado delles.

Não ha duvida que uma destas duas resoluções tomaria qualquer dos presentes, cada um segundo o mais ou menos repouso do seu juizo. Mas a Roque (e sendo francez) nenhuma dellas lhe pareceu bem, seguiu muito differente caminho. Manda vir diante de si os seus thesouros, abre-os, e a primeira coisa que viu nelles, foram os corações de todos seus an-

tepassados. Contente de não achar tambem alli o seu, chama os pobres de toda a cidade, troca com elles a fortuna, fal-os ricos, e fica pobre. Já eu vou vendo que quem isto obra com as mãos, muito maiores e mais altos pensamentos resolve no peito. Faz que venha logo um notario, renuncia publicamente o Estado, e tudo o que nelle tinha e lhe podia pertencer; veste-se no habito da Terceira Ordem de S. Francisco, toma bordão e esclavina, e parte peregrino pelo mundo a buscar e a servir só aquelle grande Senhor, que em todo o logar tem a sua côrte, porque está em todo o logar. Isto que nenhum outro fizera, fez S. Roque; e por isso elle só, como dizia, é o sizudo, e o resto do mundo o louco. Notae. Podéra S. Roque ir servir a el-rei na côrte d'el-rei, e não quiz servir: podéra S. Roque mandar os seus vassallos na sua, e não quiz mandar: resolve-se a servir só a Deus, livre de todo o outro cuidado; e com estas tres resoluções conseguiu toda a felicidade, não só da outra vida, senão tambem desta, que é o que diz a proposta do nosso Texto: *Beati sunt servi illi.* Todos os homens, e mais os cortezãos, andam buscando a felicidade desta vida. E que fazem para a alcançar? Todos occupados em servir, e todos morrendo por mandar, e por isso nenhum acaba de achar a felicidade que busca. Quereis conseguir a verdadeira felicidade, não só da outra, senão tambem desta vida? Tomae as tres resoluções de S. Roque. Servir? Só a Deus. A homens? Nem servir, nem mandar. Nisto consiste toda a prudencia e felicidade humana; nisto consiste toda a prudencia e felicidade christã. Se somos christãos, havemos de tratar a Deus: se somos homens, havemos de tratar com os homens. Pois que remedio para ter felicidade com os homens, e para ter felicidade com Deus? Imitar a S. Roque. Para ter felicidade com Deus, servir a Deus: para ter felicidade com os homens, nem servir a homens, nem mandar homens. Tres pontos de prudencia, tres pontos de felicidade, e tres pontos de sermão. A homens, nem servir, nem mandar: a Deus, e só a Deus servir: *Beati sunt servi illi.*

II

A primeira resolução de S. Roque, como se fôra mais que homem, ou menos que homem, foi não querer servir a homens, nem mandar homens. Não querer servir a homens, ainda que fossem reis, parece muita soberba: não querer mandar homens, ainda que fossem vassallos, subditos, e criados proprios, parece pouco valor. Mas nem o primeiro foi arrogancia, nem o segundo pusilanimidade: grande juizo, grande animo, grande generosidade, sim. Obrou S. Roque como homem, como christão, como santo. E pois a mim me toca hoje declarar as razões que elle teve, e persuadir a que tenha imitadores; ao mesmo Santo peço se digne de assistir com tal espirito ao meu discurso, que se não afaste muito dos meus pensamentos.

Primeiramente não quiz S. Roque servir a homens, porque não quiz deixar de ser homem. Ao homem fel-o Deus para mandar, aos brutos para servir. E se os brutos se rebellaram contra Adão, e não quizeram servir ao homem, sendo tão inferiores; triste e miseravel condição é haver um homem de servir a outro, sendo todos eguaes. A primeira vez que se prophetisou neste mundo haver um homem de servir a outros, foi com nome de maldição. Assim fadou Noé a seu neto Canaan, em castigo do pae e mais do filho. Ainda então se não sabia no mundo que coisa era servir, então se começou a entender a maldição pelo delicto, e a miseria pelo castigo. Meios homens chamou depois o poeta lyrico aos que servem, e disse bem. Toda a nobreza e excellencia do homem consiste no livre alvedrio; e o servir, se não é perder o alvedrio, é captival-o. Razão teve logo S. Roque de não querer servir a homens, por não deixar de ser homem.

De homens, sem lhe chamar mais que homens, falla David no Psalmo sessenta e cinco, e declara com um notavel encarecimento, o que quasi se padece sem reparo pelo costume: *Quoniam probasti nos Deus: igne nos examinasti, sicut examinatur argentum. Induxisti nos in laqueum, posuisti tribulationes in dor-*

so nostro: imposuisti homines super capita nostra. [1] Quizestes, Senhor, provar e experimentar em nós quanto póde supportar a paciencia, e aturar a constancia humana, e a uns examinastes com fogo (como a Lourenço) *Igne nos examinasti:* a outros mettestes em prisões e cadèas (como a Pedro e Paulo) *Induxisti nos in laqueum:* a outros carregastes de tribulações e trabalhos (como os outros Martyres e Confessores) *Posuisti tribulationes in dorso nostro:* e sobretudo sujeitastes uns homens a outros homens, e puzestes a uns sobre a cabeça dos outros: *Imposuisti homines super capita nostra.* Pois a maior prova, a maior experiencia, o maior exame, e o maior encarecimento da paciencia e soffrimento humano, é pôr Deus uns homens sobre a cabeça dos outros? Sim. Porque os que estão de cima, são os que mandam, os que estão debaixo, são os que servem; e sendo os que servem eguaes aos outros por natureza, que estes os tragam sobre a cabeça, e que elles os mettam debaixo dos pés: *Homines super capita nostra:* nem toda a penitencia dos Confessores eguala esta dôr, nem todos os tormentos dos Martyres este martyrio.

Mais diz o Texto. Mas antes que passemos ávante, parece que por isto mesmo havia S. Roque de querer servir a homens, ao menos como santo. Assim é, e assim o fez a paciencia e constancia de S. Roque, padecendo fóra da patria, e dentro nella, e por mãos de seus proprios vassallos, feridas, affrontas, falsos testemunhos, prisões, e carcere perpetuo até á morte. Mas tudo isto quil-o elle padecer por amôr de Deus, e não por servir aos homens. E fez muito bem, e com muito maior razão do que temos visto. Torne agora o Texto. Onde a nossa Vulgata lê: *Imposuisti homines super capita nostra*, no original hebreu está: *Equitare fecisti homines super capita nostra:* fizestes, Senhor, para provar a nossa paciencia, que os homens andassem a cavallo sobre as nossas cabeças. Vêde se vae muito de uma coisa á outra. De sorte que aos miseraveis que servem debaixo, não se contentam os que serram de cima, de os pizar com os seus pés, senão tambem com os dos cavallos: *Equitare fecisti homines super capita nostra.* Se me perguntarem, po-

[1] *Psal.*, LXV, 10, 11 e 12.

rém, onde podem succeder taes casos, que homens tratem assim a homens, e a homens que os servem? Respondo, que onde S. Roque não quiz ir, nas côrtes. Para intelligencia desta verdade (de que bastava por prova a experiencia) havemos de suppor que nas côrtes, por christãs e christianissimas que sejam, não basta só ter a graça do principe supremo, se não se alcança tambem a dos que lhe assistem. Falla não menos que da côrte de Deus o Evangelista S. João no seu Apocalypse, e saúda desta maneira aos Bispos da Asia, a quem escreve: *Gratia vobis, et pax ab eo, qui est, et qui erat, et qui venturus est, et à septem Spiritibus, qui in conspectu throni ejus sunt: et à Jesu Christo, qui est testis fidelis, primogenitus mortuorum et princeps Renum terræ.* [1] A graça e a paz de Deus Padre e dos sete Espiritos, que assistem ao seu throno, e a de Christo Jesus seu Filho, primogenito e Principe dos Reis da terra, esteja comvosco. Parece-me que todos já tendes reparado nos termos desta saudação e imprecação do mais bem entendido de todos os Apostolos. Se deseja áquelles Prelados da sua diocese a graça de Deus Padre, supremo Senhor e Governador de tudo, porque lhe pede tambem a dos ministros que assistem ao seu throno: e se á graça do Padre ajunta tambem a de seu Filho primogenito, o Principe dos Reis da terra, porque põe esta no terceiro logar, e a dos ministros no segundo? Porque fallava o Evangelista da côrte do céu á similhança das côrtes do mundo. Não basta ter a graça do rei e a graça do principe se não tiverdes tambem a dos ministros que assistem ao throno. Bem sei eu quem tem a graça do Pae e mais a do Filho; e se o seu desinteresse se não contentára só com a graça, póde ser que os ministros que se atravessam entre um e outro lh'a não deixaram em paz: *Gratia vobis et pax.* Esta é a primeira supposição da guerra que padecem ou podem padecer nas côrtes, ainda os homens que melhor servem, se teem outros sobre si: *Imposuisti homines super capita nostra.*

Mas quaes são os que os pizam, não só com os seus pés, senão com os dos seus cavallos: *Equitare feciti?* E' certo que não são os reis, porque os pés

[1] *Apoc.*, I, 4 e 5.

reaes não pizam nem magoam; honram e auctorisam. Por isso se lançam a seus pés os vassallos, e quanto maiores e mais dignos, mais lhes mettem debaixo dos pés as cabeças. Lá disse Tertulliano, que Minerva calçava na cabeça o capacete: *Minerva calceans galeam.* Assim é o calçado dos reis. Os seus sapatos não pizam, coroam. Quaes são logo as que pizam tão honradas cabeças como aquellas entre as quaes se contava a de David, e não só com os seus pés, senão com os dos seus cavallos; *Equitare fecisti homines super capita nostra?* Aqui entra agora segunda e mais lastimosa supposição e menos digna de se crêr, se não dissera Salomão que a viu com seus olhos: *Vidi servos in equis, et principes ambulantes super terram.* [1] Vi os servos a cavallo, e os principes a pé. Sem duvida que isto viu Salomão propheticamente, quando viu apeado a Roboão seu filho, e a Jeroboão seu servo enthronisado. E em outros reinos quando acontece isto mesmo? Bem é que o perguntemos, pois não vêmos no nosso esta desgraça, que bastára a corromper todas suas felicidades. Acontece isto quando o principe, a quem toca ter as redeas na mão, por desidia e negligencia, as larga e entrega ao servo. Então é que o servo, montado a cavallo, vendo-se imposto sobre as cabeças dos homens, não só as piza a seus pés, senão a quatro. Diga-o Mardochéu debaixo de Aman no reinado de Assuero, e Daniel com os Satrapas no de Nabuco e Dario. Em taes tempos em vez de os homens servirem gloriosamente aos reis, são ignominiosamente servos dos servos, e padecem sem lhes valer a côr do rosto, (onde só lhe faltam os ferretes) a maldição de Chanaan, que hoje se cumpre nos Cafres e nos Ethiopes: *Maledictus Chanaan servus servorum erit fratribus suis:* [2] para que se veja se um espirito tão generoso como o de S. Roque havia de sujeitar a sua cabeça, ou expol-a por nenhum preço a similhantes abatimentos.

Bem vejo que a sua qualidade e grandeza tinha altos fundamentos para esperar na côrte differentes respeitos. Mas os meios por onde estes se conservam, ainda eram mais alheios da inteireza do seu espirito.

---

[1] *Eccl.*, x, 7.
[2] *Genes.*, ix, 25.

Quiz conservar David na côrte d'el-rei Achis o grande logar que tinha na sua graça: e que meio tomou para que os que estavam ao lado do mesmo rei o não descompuzessem, e ainda destruissem? Já sabemos que se fingiu doido, e para fazer mais publica a sua doidice, diz a Historia Sagrada, que andava com os pés para cima e a cabeça para baixo. Era habilidade e destreza em que David se tinha exercitado por jogo, quando pastorinho, como moço de tantas forças e agilidade, e agora se aproveitou della para este disfarce; que todo o saber serve. Em summa, que sustentando-se e movendo-se sobre as mãos, andava com a cabeça para baixo e os pés para cima, e isto quer dizer: *Ferebatur in manibus suis.* [1] Texto que tanta difficuldade causou a Santo Agostinho, e ninguem depois delle, que eu saiba, o explicou atégora; mas este é o sentido proprio e litteral daquellas palavras. E o moral e politico de uma acção tão extraordinaria, qual será? E' que para um homem se conservar na côrte e na graça dos reis, como David se queria conservar na d'el-rei Achis, o meio mais proporcionado e effectivo, e ainda forçoso, é andar ás avessas. Os pés para cima, a cabeça para baixo; e para não tomar o céu com as mãos, trazer as mãos pela terra: *Ferebetur in manibus suis.* E seria bem que um coração tão generoso, tão inteiro e tão recto, como o de S. Roque, e um homem mais de quebrar que torcer, se torcesse e abatesse a similhantes indignidades? Não ha duvida que seria pôr a mão no chão, como pouco honrado, e ainda os pés no céu, como máu christão. Por isso não quiz nada da côrte, nem servir a homens ainda que fossem reis. Fóra, fóra, e muito longe.

III

Parece-me que o dito basta, senão para persuadir a imitação, ao menos para provar a prudencia e acertado juizo com que S. Roque se resolveu a não servir a homens. A eleição porém de os não querer mandar, não digo só que haverá muito poucos que a

[1] *Juxta* LXX; *1.º Livro dos Reis,* XXI, 13; *Text.*

imitem, mas duvido que haja algum que a não estranhe, e ainda condemne. Tão natural é ao homem o desejo e appetite de mandar homens! Diz o Apostolo S. Paulo que a mulher se salvará pela geração dos filhos: *Salvabitur autem (mulier) per generationem filiorum.* [1] E a explicação commum desta sentença é que a primeira mulher, que foi Eva, se salvou pela geração de um filho seu, que é Christo. Mas este genero de salvação não compete só á mulher, senão egualmente ao homem, e tanto a Adão como a Eva. Logo, que salvação é esta de que gosa só a mulher e não o homem pela geração dos filhos? Direi. Em Eva houve duas condemnações: uma á morte e ao inferno, pelo peccado de que a salvou e livrou Christo, e esta foi commum ao homem e á mulher: outra particular e propria só da mulher, em que Deus a condemnou a estar sujeita ao homem: *Sub viri potestate eris:* [2] e desta segunda condemnação se salva e restitue a mulher pela geração dos filhos: *Per generationem filiorum.* E porque, ou de que modo? Porque pela geração dos filhos fica mãe: e ainda que como mulher está sujeita ao homem, que é o marido, em quanto mãe póde mandar homens, que são os filhos. D'aqui vem, que por linha direita de Eva, e por força da mesma geração, nascem todos os homens inclinados a mandar homens. Vêde-o em Jacob e Esaü, ainda antes de nascidos. Luctavam um contra o outro no ventre da mãe: e sobre que batalhavam? Sobre qual dos dois havia de mandar, e o outro servir. Assim o declarou o mesmo Deus, quando sentenceou a contenda respondendo á mãe (de quem foi consultado) que o menor havia de ser o que mandasse, e o maior o que servisse: *Major serviet minori.* [3]

Sendo pois o desejo de mandar no homem não só soberania da natureza no seu primeiro estado, como em Adão, mas reparo e allivio do segundo, como em Eva; e nascendo o mesmo desejo, antes sendo gerado comnosco, como em Jacob e Esaü: porque não quer mandar S. Roque? O mesmo entendimento e alto juizo com que não quiz servir o obrigava a que qui-

[1] *1.ª Epist. ad Thimoth.*, II, 15.
[2] *Genes.*, III, 16.
[3] *Ibid.*, XXV, 23.

zesse mandar, porque é primeiro principio da politica natural, como ensina Aristoteles, que aos mais bem entendidos pertence o mandar, como aos que menos entendem o servir. Logo contra todos estes dictames da natureza e da razão parece que obrou S. Roque em demittir de si o mando e governo dos subditos, de que o nascimento o fizera herdeiro, e o entendimento senhor? O não querer servir a homens, seja embora prudente resolução, pelos motivos que apontamos; mas o não querer mandar homens, e taes homens, que fundamentos podia ter bastantes, não digo já, que approvem uma tão extraordinaria acção, mas que racionalmente a não estranhem e ainda condemnem? Bem creio que não occorrerão facilmente as razões á ambição e appetite cego com que se governa o mundo, por isso tão mal governado. Respondo porém e digo, que se S. Roque teve grandes razões para não servir a homens, as mesmas e muito maiores teve para não querer mandar homens. E porque? Porque maior servidão é o mandal-os, que o servil-os.

Fallando El-rei Antigono com o principe seu filho sobre a administração e governo do reino de que o havia de deixar por herdeiro, admirado o generoso moço de tamanhas obrigações e encargos, refere Eliano, que lhe disse o pae: *An non novisti, fili mi, regnum nostrum esse nobilem servitutem?* E ainda não sabias, filho meu, que o nosso reinar não é outra coisa que uma servidão honrada? Honrada disse, e com grande juizo. Porque a servidão dos servos, é servidão sem honra, e por isso menor e menos pezada. Mas sobre o pezo da servidão haver de sustentar tambem o da honra, é muito maior sujeição e muito mais pezada carga. E' servir á fama e ás boccas dos homens, cujos gostos são tão varios e tão estragados, que até o Manná os enfastia. Se um homem não póde servir a dois, como disse Christo, como poderá servir a tantos mil? A cada homem deu Deus um Anjo da guarda, e não mais que um homem a cada Anjo: e se um Anjo que move e governa com tanto concerto e ordem todo o céu das estrellas, não basta para guardar a um homem de si mesmo, e governar ordenada e concertadamente a um homem, entre os outros, como bastará um só homem para conter dentro das leis e manter em justiça a tantos homens? Não sabe o que são homens quem isto não considera e penetra:

penetrou-o porém alta e profundamente S. Roque na verdura dos seus annos com o sizo e madureza que não vemos em tantas edades decrepitas.

Os philosophos antigos chamaram ao homem mundo pequeno; porém S. Gregorio Nazianzeno, melhor philosopho que todos elles, e por excellencia o Theologo, disse que o mundo comparado com o homem é o pequeno, e o homem em comparação do mundo, o mundo grande: *Mundum in paro magnum.* Não é o homem um mundo pequeno, que está dentro do mundo grande, mas é um mundo, e são muitos mundos grandes, que estão dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza e redondeza do mundo. Pois se nenhum homem póde ser capaz de governar toda esta machina do mundo, que difficuldade será haver de governar tantos homens cada um maior que o mesmo mundo, e mais difficultoso de temperar que todo elle? A demonstração é manifesta. Porque nesta machina do mundo, entrando tambem nella o céu, as estrellas teem seu curso ordenado, que não pervertem jámais: o sol tem seus limites e tropicos, fóra dos quaes não passa: o mar com ser um monstro indomito, em chegando ás areias pára: as arvores, onde as poem não se mudam, os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animaes com a terra. Pelo contrario o homem, monstro, ou chimera de todos os elementos, em nenhum logar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição nem appetite o falta: tudo perturba, tudo perverte, tudo excede, tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nelle. Grande exemplo no mesmo mundo, não cheio como hoje está, mas vazio e despovoado com os filhos de Adão e Noé. A Adão deu-lhe Deus o imperio sobre todo o mundo, sobre os peixes, sobre as aves, sobre os animaes da terra, e não pôde governar em paz dois homens e esses irmãos, sem que um matasse ao outro. Noé governou todos os animaes e conservou-se pacificamente dentro em uma arca, e fóra della não pôde governar tres homens, sem que um o não descompuzesse e affrontasse, sendo todos tres seus filhos. Vêde se é mais pezada servidão e mais difficultosa a de governar, e mandar homens que a de servir? Quem serve, como não póde servir mais que a um,

sujeita-se a uma só vontade: mas quem manda, como ha de governar a todos, ha de sujeitar a si as vontades de todos, e essas não de filhos, em que é natural a obediencia e o amôr, nem de irmãos entre si, em que as qualidades são eguaes e as naturezas similhantes, mas de tantas e tão diversas condições e inclinações, como são nelles os rostos e os intentos.

IV

D'aqui se segue (o que ainda humanamente pezou não pouco no juizo de S. Roque) que o que serve, por dura que seja a sua servidão, sempre tem horas de allivio e descanço; o que manda, nenhuma: *Ut sol stare nescit, ita tu imperator:* disse Pacáto em um panegyrico ao imperador Theodosio Magno: assim como o sol nunca pára, assim vós, ó grande imperador, e por isso grande. Fez Deus ao sol principe do mundo: *Luminare majus, ut præsset diei:* [1] e desde o dia em que lhe deu este officio, até hoje, não descançou um momento. Tão grande trabalho é ser sol, e tão grande a sua sujeição, posto que em logar tão alto. Uma inquietação perpetua, um movimento continuo, um correr e rodear sempre, e dar mil voltas ao mundo, sem descançar nem parar jámais. Quando dizemos que o sol se põe, é engano; porque então se parte a governar os antipodas. Não vamos buscar a prova da similhança mais longe, pois a temos de casa, e nos nossos reis mais propria que em nenhum outro do mundo. Quando os vassallos dormem e descançam, parece que um rei de Portugal faz o mesmo, depois do governo e trabalho de todo o dia; e não é senão que passou aos antipodas. Lá anda com o pensamento e com o cuidado pela China, pelo Japão, pelos reinos do Idalcão, do Samori, do Mogôr, pelo Cabo da Boa Esperança, pelo do Comori, pelas Javas, pelos mares e costas da Africa, da Asia e da America, visitando armas e fortalezas, compondo pazes, abrindo commercios, e meditando sempre augmentos do reino de Deus e do seu, sem outra quietação ou descanço mais que

[1] *Genes.*, I, 16.

apparente aos olhos; porque o sol não tem verdadeiro occaso. O relogio, que é o substituto do sol na terra, não sôa, nem se ouve por fóra, senão a certos tempos; mas nem por isso está ocioso ou quieto, sempre os pezos estão a carregar, sempre as rodas estão a moer; e taes são os cuidados do principe de dia e de noite. Para os subditos que obedecem e servem, ha differença de dias e noites; para o principe que governa e manda, sempre é dia. Assim o dizia Job dos seus cuidados: *Noctem verterunt in diem.* [1]

Entre o senhor que manda, e os subditos que servem, ha a mesma differença, que entre o coração e os sentidos. Dorme o homem, e todos os sentidos descançam. Os olhos não vêem, os ouvidos não ouvem, a lingua não falla, e assim dos demais. Mas se nesse mesmo tempo, a esse mesmo homem lhe puzerdes a mão sobre o peito, vereis como está batendo nelle e palpitando o coração. E se tornardes depois uma e muitas vezes, e a qualquer hora, sempre o haveis de achar no mesmo movimento. Pois os sentidos eguaes na baixeza aos dos brutos, dormindo a somno solto, e o coração principio da vida, e nobilissima parte do homem, sempre velando, sem descançar jámais? Sim; que isso é ser coração. O coração da republica é quem a manda e governa. E quando a mesma republica lhe deu a soberania desse cuidado, depositou nelle todos seus cuidados. Elle ha de cuidar sem descanço, para que todos descancem, e elle vigiar, para que todos durmam: *Ego dormio, et cor meum vigilat:* [2] dizia Salomão: e o leão, rei dos animaes, dorme com os olhos abertos. Vigiar como o coração, quando todo o corpo dorme, é ser leão entre os animaes, e Salomão entre os homens.

Muito me admirou sempre na fabrica do leito do mesmo Salomão, que os travesseiros em que havia de inclinar a cabeça, os fizesse de oiro: *Reclinatorium aureum, ascensum purpureum.* [3] A subida de purpura, mas a cabeceira de oiro. Parece-se-me isto com o que cuidam os rusticos, que os reis dormem em lençoes de brocado. Travesseiros de oiro são ricos e

[1] *Job.*, XVII, 12.
[2] *Cant.*, V, 2.
[3] *Ibid.*, III, 10.

preciosos, sim; mas muito duros, muito frios, e muito desagasalhados. Quanto melhor é uma manta no Bussaco, ou uma cortiça na Arrabida? Porém Salomão, com toda a sua sabedoria, não soube traçar á cama dos reis outra cabeceira mais branda, porque não era feita para conciliar o somno, senão para o inquietar. Assim dormia inquieto Pharaó, sonhando nos sete annos de fartura do seu reino, e nos sete da fome. Assim dormia inquieto Nabuchodonosor, sonhando na duração de sua monarchia, e das tres que lhe haviam de succeder. E até José, a quem Deus ia creando para mandar e ser principe, em quanto os lavradores seus irmãos repousavam, elle, sendo de menos annos, não podia dormir quieto. Lá andava sonhando com as paveias e com as estrellas, e revolvendo no pensamento o céu e mais a terra. A purpura podem-na despir os principes quando se deitam; mas os cuidados que os desvellam não podem. Quando a Christo no Pretorio de Pilatos o fizeram representar figura de rei, coroaram-no de espinhos, e vestiram-no de purpura. E notou advertidamente S. Paschasio, que a purpura tornaram-lha a despir, mas a corôa de espinhos nunca a largou da cabeça: *Porro spinas, quas capite gestavit, non mutavit, nec alicubi transposuit.* Os espinhos são os cuidados, como lhes chamou o mesmo Christo, e a quem é rei, ou o representa no mando, sempre estes espinhos lhe estão picando a cabeça, sempre lhe estão roendo os pensamentos, sempre lhe estão inquietando os sentidos, sem o deixar descançar nem dormir. Aos que servem, não ha senhor tão tyranno que lhes não permitta horas de descanço; aos que mandam é tal a tyrannia do mesmo mandar, que se não tomam por allivio os mesmos cuidados (como diz Tacito de Tiberio) nem hora, nem momento lhe consentem de quietação e repouso.

Só se póde replicar contra o encarecido destes dictames (posto que verdadeiros) com o desuso e desprezo delles, e com a singularidade dos mesmos exemplos, tão raros no governo do mundo, como a obediencia das leis, nos que teem o arbitrio dellas. O ordinario é tomar-se do mando a parte só do poder, da magestade e da grandeza, e deixar-se a do pezo e dos cuidados, com pouca ou nenhuma attenção mais que ao descanço, á delicia, ao regalo, e a todos os antojos do

appetite livre e poderoso; em fim a egualar as indulgencias da suprema fortuna com os gostos e prazeres da vida. Mas esta mesma replica não desfaz, antes confirma mais tudo o que dissemos; porque se os que teem o mando, fazem e padecem, quanto o mesmo mando os obriga, dura e triste servidão é a sua. E se o não fazem, nem o querem padecer, ainda é mais triste e mais dura: *Judicium durissimum his, quia præsunt, fiet.* [1] Não só duro, mas durissimo (diz o Espirito Santo) será o juizo de Deus sobre os que tiveram mando neste mundo; porque de tudo o que fizeram e deixaram de fazer, se lhes tomará estreitissima conta, e muito particularmente dos seus cuidados: *Quoniam interrogabit opera vestra, et cogitationes scrutabitur.* [2] Dá conta da tua vida, em que empregaste todos teus cuidados; e dá conta das alheias, e de quanto padeceram por teus descuidos. Padeceram na quietação, na fazenda, na honra, nas mesmas vidas, e, o que é mais, na perdição das almas: e de tudo, e de todas, tu que tiveste o mando sobre os homens, me has de dar conta. Esta foi a consideração com que Pepino em França, Rachisio em Italia, Sigiberto em Inglaterra, Trebellio em Bulgaria, Henrique em Chipre, João em Armenia, Ludovico em Sicilia, Ramiro em Aragão, Veremundo em Castella; esta foi, digo, a consideração, da qual fortissimamente convencidos estes e outros principes, ou sendo reis renunciaram as corôas; ou sendo filhos de reis, as heranças, elegendo antes ser subditos e servir em uma Religião, que mandar e ser senhores no mundo. E posto que o Estado de S. Roque não era tão grande, foi comtudo egual a sua razão de estado. Renunciou o seu Estado por não dar conta delle; e para tratar só da salvação de um homem, não quiz mandar homens.

V

Temos visto quão grande servidão é o servir a homens, e quanto maior servidão o mandar homens; demos agora uma volta ao discurso, e vejamos da

---

[1] *Sap.*, VI, 6.
[2] *Ibid.*, 4.

parte dos mesmos homens, ou servidos ou mandados, qual é o pago que elles costumam dar, tanto a quem bem os serve, como a quem bem os manda. Dois homens houve no mundo, um que melhor que todos soube servir, e outro que melhor que todos soube mandar. O que melhor soube servir foi David, o que melhor soube mandar foi Moysés. E que succedeu a um e a outro? Ambos foram dos maiores exemplos, e ambos os dois maiores desenganos do que é servir a homens, ou mandar homens.

Foi chamado David a palacio, pela boa informação que teve El-rei Saül de suas excellentes partes; e porque o rei padecia graves melancolias causadas de um máu espirito que lhe entrava no corpo, era tal a arte e suavidade com que David tocava uma harpa, que não só se alliviava Saül das suas tristezas, mas até o mesmo demonio, inimigo de toda a consonancia, o largava. E como pagou Saül estes exorcismos tão doces? Com deitar mão a uma lança, depois de se vêr livre do demonio, e fazer tiro com ella a David para o pregar a uma parede. Assim pagava um rei a quem lhe tirava o demonio do corpo, e póde ser, póde ser, que no mesmo tempo se visse mais medrado em seu serviço, quem lhe mettesse o demonio em casa! Não quebrou a harpa David com o primeiro desengano, porque ainda depois tornou a servir a Saül com ella. Retirou-se porém para a sua cabana, lançando uma benção ao paço (como podéra muitas maldições) e restituido á soledade do campo e á innocencia das suas ovelhas, diz a Historia Sagrada, que jogava com os leões, como com cordeiros: *Cum leonibus lusit quasi cum agnis.* [1] Tambem os leões eram feras coroadas, mas não tinha medo delles, porque não eram homens. Era tão homem David já neste tempo, não contando ainda vinte annos, que elle só se atreveu a sahir contra o Gigante de quem os exercitos de Israël tremiam. Vendo Saül uma tão valente determinação, perguntou que moço era aquelle. A quem não fará lastima esta pergunta? Este moço, senhor, é aquelle que por sua fama vós mandastes pedir a seu pae: este aquelle que vos assistia todos os dias nas horas da tristeza, este o que tocava

[1] *Eccl.*, XLVII, 3.

a harpa, este o que vos recreava e alliviava o animo, este o que fazia fugir o demonio. Não ha mais que dezoito mezes que falta de vossos olhos, e já o não conheceis? E' possivel que tão depressa se esquecem os principes, e desconhecem a quem os serve? Pouco era ser possivel, é costume. Derruba finalmente David o Gigante, corta-lhe a cabeça, põe-na aos pés de Saül, e este que foi o maior triumpho da sua nação, e a maior gloria da sua patria, foi a sua maior desgraça para com o rei. Sete vezes lhe procurou Saül tirar a vida, já por arte, já por traições, já por violencias publicas e declaradas; umas por seus ministros, outras por sua propria pessoa com gente armada, servindo as mesmas batalhas em que o defendia, e as mesmas victorias com que o honrava, de novos incentivos ao odio. E David? Perseguido, fugitivo, desterrado, banido, sempre leal, sempre fiel, sempre venerador do seu rei, e só inimigo de seus inimigos; aos quaes perseguido, perseguia e fazia cruel guerra. Sobretudo estava David ungido por rei de Israël para succeder ao mesmo Saül, e com licença de Deus para o matar, e tendo-o tres vezes debaixo da espada, tres vezes lhe perdoou a vida, e lhe deixou a cabeça e a corôa. E que a um vassallo a quem Saül por tantos modos devia quanto tinha e quanto era, e que sobre tantas offensas e semrazões, o servia, amava, venerava e guardava com tantos extremos de fineza, elle o aborrecesse e perseguisse com taes excessos de ingratidão, de vingança, de raiva, de odio? Mas era homem Saül, ainda que rei, e assim pagam os homens a quem os serve.

Ao exemplo ou desengano do que melhor que todos soube servir, segue-se, e não sei se com maior assombro, o de quem melhor que todos soube mandar. Fez Deus a Moysés supremo governador do seu povo, e não podem os homens, nem desejar, nem fingir algum modo de mandar, nem mais util, nem mais grato, nem mais humano, nem ainda mais divino e mais digno de applauso e admiração em tudo que o de Moysés. Que podem desejar os homens em quem os manda e governa? Um grande amôr e zelo do bem publico? E Moysés amou e zelou com tal extremo o povo de Israël, ainda antes de lhe estar encommendado, que mais quiz ser affligido, e padecer com elle no captiveiro, que ser filho da filha d'El-rei Pha-

raõ, como nota e encarece S. Paulo. Que mais podem desejar? Que remedeie suas miserias, e os allivie de seus trabalhos? E Moysés fel-o tanto assim, que os libertou do Egypto, e da durissima servidão e tyrannico jugo com que elles, e seus paes e avós, tantos annos havia, estavam opprimidos, e os passou ao dominio da Terra de Promissão, a mais abundante e deliciosa do mundo. Que mais podem desejar? Riquezas? E Moysés juntamente com a liberdade não só os fez sahir com todos seus gados, sem ficar delles no Egypto nem uma unha, como diz o Texto, mas carregados de oiro, e de todas as joias dos Egypcios, em satisfação do injusto serviço a que os tinham obrigado. Que mais podem desejar? Victoria e vingança de seus inimigos, com segurança de nunca mais lhes serem sujeitos? E tudo isso lhes deu logo Moysés, sepultando Pharaõ e todos seus exercitos no fundo do Mar Vermelho, vencendo os Hebreus sem batalha, e triumphando sem armas, e despindo nas praias os corpos que elles não tinham morto, para tambem levarem os despojos. Isto é o quanto podiam desejar e fingir no pensamento. Vamos agora ao que nem desejar podiam. Podiam desejar ser providos de todo o sustento, e ainda de todo o regalo, sem despeza nem trabalho? Não podiam. E Moysés para comer lhes deu o Manná, em que estavam guizados ao gosto de cada um todos os sabôres; e para beber copiosas fontes de agua purissima, que com a mesma penha de que manavam, os iam seguindo. Podiam desejar que de dia os não queimasse ou encalmasse o sol, e de noite não ficassem em trevas, e ás escuras? Não podiam. E Moysés por meio de duas columnas prodigiosas, que pelo ar os acompanhavam, de noite os allumiava com uma que era de fogo, e de dia os defendia do sol com outra que era de nuvem. Podiam desejar que sendo tres milhões de homens de todas as edades, nenhum delles adoecesse, nem estivesse enfermo? Não podiam. E Moysés com virtude superior a toda a natureza e fraqueza humana, os conservava a todos sãos, e com inteira e robusta saude: *Et non erat in tribubus eorum infirmus.* [1] Podiam desejar que o vestido e calçado em quarenta annos de

[1] *Psal.*, CIV, 37.

caminho, não envelhecesse nem se gastasse? Não podiam. E Moysés com menos necessario milagre (porque tinham as lãs e pelles dos seus rebanhos) com os mesmos vestidos e com o mesmo calçado com que tinham sahido do Egypto, os levou até á Terra de Promissão, a cuja vista lhes disse: *Quadraginta annis per desertum non sunt attrita vestimenta vestra, nec calceamenta pedum vestrorum consumpta.* [1] Finalmente, podiam desejar que Moysés antepuzesse a conservação do mesmo povo á sua propria salvação, e a vida temporal dos que governava á sua propria bemaventurança e vida eterna? Não podiam. E comtudo quando Deus pelo peccado da idolatria quiz acabar de uma vez com o mesmo povo hebreu, e extinguil-o e tiral-o do mundo para sempre, promettendo a Moysés que o faria principe e senhor de outra muita maior e melhor nação; foi tal o excesso de heroico amôr com que elle se oppoz a esta resolução, que chegou a dizer a Deus declaradamente, que ou perdoasse ao povo, como lhe pedia, ou senão que o riscasse a elle do seu livro: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo, quem scripsisti.* [2] Este livro a que se referia é o livro em que estão escriptos os predestinados para a Gloria, o qual na Escriptura se chama *Liber Vitæ*, e quiz Moysés ser riscado delle (salva sómente a graça) no caso em que Deus não perdoasse ao seu povo. Como se dissera: Desde o dia em que vós, Senhor, me obrigastes a acceitar o mando e governo que eu tanto repugnava, como eu fiquei sendo a cabeça deste povo, e elle o corpo; elle é eu, e eu sou elle; assim que o bem ou o mal ha de ser commum de ambos: se elle perecer, a sua perdição ha de ser tambem minha, e se eu me salvar, a minha salvação ha de ser tambem sua. Pelo que não ha outro meio neste negocio senão ou a elle perdoar-lhe, ou a mim condemnar-me; porque nem a mesma Gloria quero só para mim, sem o bem daquelles a quem egualmente amo. Disse Moysés, e não teve Deus que responder, senão perdoar, gloriando-se de ter escolhido tal homem para cabeça e governador do seu povo.

---

[1] *Deut.*, XXIX, 5.
[2] *Exod.*, XXXII, 31 e 32.

E com que graças, com que louvores, com que applausos celebrariam aquelles venturosos homens as finezas, os beneficios, os milagres, com que um tal homem os tinha desde o principio do seu governo libertado, defendido, conservado, regalado, e com tantos extremos amado? Oh assombro da fereza e ingratidão humana! Oh desengano mal conhecido sempre, e só aqui bem experimentado, do que é mandar homens! O pago que aquelle mesmo povo deu a Moysés, foram perpetuas murmurações, perpetuas queixas, perpetuos clamores, perpetuos arrependimentos e suadades do mesmo captiveiro de que os tinha libertado; e taes dissenções, taes rebelliões, taes injurias e affrontas, e taes perigos de o apedrejarem e lhe pôrem as mãos, se se não acolhera ao Tabernaculo, e o mesmo Deus o escondera, que sendo o soffrimento e mansidão de Moysés, por testemunho da mesma Escriptura, a maior de todos os homens: *Erat enim Moyses vir mittissimus super omnes homines, qui morabantur in terra:* [1] não podendo já com o pezo de sustentar aos hombros os mesmos que trazia no coração, pediu finalmente a Deus que ou o descarregasse do governo, ou, quando assim não quizesse, lhe tirasse a vida: *Sin aliter tibi videtur, obsecro ut interficias me.* [2] Eis aqui o que é mandar homens, a quem nem os beneficios obrigam, nem os regalos abrandam, nem as finezas enternecem, nem os milagres sujeitam, nem póde haver quem os contente e satisfaça.

Parece-me, senhores, que estes dois exemplos, de David servindo, e de Moysés mandando, não só teem provado a verdade do que eu dizia, e approvado a resolução de S. Roque, mas desenganado a todo o entendimento, por obsequioso ou ambicioso que seja, do que é servir a homens, ou mandar homens. Mas agora digo, que nem o primeiro caso, nem o segundo, por mais que pareçam encarecidos, chegam a declarar de muito longe, nem a pensão do servir, nem o perigo do mandar. Apparelhae nos entendimentos a fé, porque sem ella não se póde crêr, nem se poderá imaginar o que de novo haveis de ouvir. Duas

---

[1] *Num.*, XII, 3.
[2] *Ibid.*, XI, 15.

resoluções tomou Deus ácerca dos homens: a primeira de os mandar, a segunda de os servir. Antes de Deus se fazer homem, mandava os homens como rei: *Tu es ipse Rex meus, et Deus meus qui mandas salutes Jacob.* [1] Depois de se fazer homem, veiu servir a homens, como elle mesmo disse: *Non venit ministrari, sed ministrare.* [2] E S. Paulo: *Formam servi accipiens.* [3] E que lhe succedeu a Deus em um e outro estado, quando mandou, e quando serviu aos homens? Aqui pasma a mesma fé. Quando os mandou, tiraram-lhe o reino: quando os serviu, tiraram-lhe a vida. Que lhe tirassem a vida, todos o sabem: que lhe tirassem o reino, o mesmo Deus o disse a Samuel: *Non te abiecerunt, sed me, ne regnem super eos.* [4] E se Deus quando manda homens se descontentam delle, que lhe tiram o reino, e se o mesmo Deus quando serve a homens, lhe pagam de tal sorte que o poem em uma cruz, e lhe tiram a vida, vêde se são loucos todos os que querem mandar homens, ou servir a homens, e quão sizudo e bem aconselhado foi S. Roque em os não querer mandar nem servir.

Cuidam todos que S. Roque começou a ser advogado da peste quando no fim da vida curava os apestados com o signal da cruz, e é engano. Quando S. Roque se benzeu de servir a homens e mandar homens, então é que começou a ter imperio, não sobre uma, senão sobre duas pestes: uma que é o mandar, outra que é o servir. O servir e o mandar ambos começaram juntamente no dominio de Membrot. Nelle começou o imperio, e com elle a servidão. Assim o nota S. Jeronymo: *Quia primus hic fuit, qui alios servire coegit.* E este dominio de Membrot quando começou? Segundo a mais certa chronologia, começou no anno de mil novecentos trinta e dois da creação do mundo, que foi o mesmo anno em que nasceu Abrahão. Agora noto eu, e é coisa muito digna de se advertir, que quando começou o mandar e o servir, então se encurtaram as vidas dos homens, porque d'alli por diante, como consta da Sagrada Escri-

---

[1] *Psal.*, XLIII, 5.
[2] *Math.*, XX, 28.
[3] *Phil.*, II, 7.
[4] *1.º Livro dos Reis*, VIII, 7.

ptura, raros foram os que chegaram a cem annos, e rarissimos os que os excederam. De sorte que antes de haver no mundo servir nem mandar, viviam os homens oitocentos, novecentos e mais annos; porém depois que estas duas pestes entraram, depois que os homens começaram uns a mandar, e outros a servir, nenhum houve a quem a morte não tirasse as sete, ou as oito partes da vida. E verdadeiramente, que se os trabalhos e os desgostos matam, não é muito que o servir e o mandar sejam enfermidades mortaes. Estas duas pestes curou S. Roque em si, não querendo mandar nem servir a homens, e tambem as póde curar em nós com seu exemplo, não para que vivamos nesta vida mais tempo, mas para que a vivamos com descanço e sem desgostos, que é a felicidade e bemaventurança que nella se póde só alcançar.

VI

A bemaventurança da outra vida segurou-a S. Roque com a segunda e melhor parte da sua resolução, que foi servir só a Deus. Isto não ha mister discurso nem prova, porque é fé. Mas porque o servir a Deus e o servir aos homens tudo tem nome de servir, vejamos sómente quão grande foi a prudencia de S. Roque em saber distinguir esta equivocação, e quanta é a differença que ha entre um e outro servir, para que todos os que servem e os que mandam, queiram antes servir a Deus e só a Deus.

Os homens quando mandam (e mais se teem o mando supremo) ou seja ingratidão natural ou soberania, nem estimam, nem pagam os serviços que se lhes fazem, como deveram, porque cuidam que tudo se lhes deve. Pelo contrario, Deus, a quem devemos tudo o que temos e tudo o que somos, nenhuma coisa manda, a cuja remuneração se não obrigue como devedor. A Arca em que se guardavam as Taboas da Lei, chama-se *Arca Fœderis*. [1] Arca do contracto. E porque do contracto, se era das leis? Porque

[1] *Num.*, x, 33.

sendo Deus supremo Senhor, a quem devemos obedecer em tudo, de tal maneira nos quiz obrigar a fazer o que nos manda, que juntamente se obrigou e fez devedor a si mesmo de nos pagar o que fizermos. O que fizermos, disse, e disse pouco. Não só está obrigado Deus pelo mesmo contracto a nos pagar o que fizermos, senão tambem o que não fizermos. Os homens nas suas leis, se matastes ou furtastes, castigam-vos, mas se não mataes, nem furtaes, não vos dão por isso nada. Não assim Deus. Não só vos remunera quando fazeis o que vos manda fazer, senão tambem quando não fazeis o que vos manda que não façaes. Oh quão endividado se acharia Deus com S. Roque no dia de sua morte, crescendo sempre mais e mais estas gloriosas dividas em todos os empenhos de sua vida! Não só deveu Deus a S. Roque o fazer tudo o que manda, nem só lhe deveu o não fazer tudo o que prohibe, mas deveu-lhe todas aquellas acções e finezas heroicas, que sem prohibição, nem preceito deixou o mesmo Deus livres aos que desprezando tudo o mais, a elle e só a elle quizessem servir.

Os homens quando pagam ou cuidam que pagam os serviços que lhes fizestes, elles são os que os avaliam. O estylo de Deus em remunerar a quem o serve, vêde quão differente é. Nós somos os que avaliamos, e elle o que paga. Disse S. Pedro em nome seu e dos outros pescadores que seguiam a Christo: *Ecce nos reliquimus omnia, et sequenti sumus te: quid ergo erit nobis?* [1] Senhor, nós deixamos tudo por vos seguir, com que nos haveis de pagar? Parece que devia Christo replicar ao excesso desta avaliação e dizer: se vós não deixastes mais que um barco e uma rede, como dizeis que deixastes tudo? Mas tão fóra esteve o Senhor de fazer esta replica, que dando por boa a avaliação, lhe deu por paga daquelle tudo, o serem no Juizo Universal arbitros de tudo: *Cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos.* [2] E bastou isto? Não. *Et omnis, qui reliquerit domum, etc. et centuplum accipiet.* [3]

[1] *Math.*, XIX, 27.
[2] *Ibid.*, 28.
[3] *Ibid.*, 29.

e a qualquer que por mim deixar alguma coisa, pagarei cento por um. Avaliae por quão subido preço quizerdes o que deixastes, ou fizestes por mim, que a minha paga e a minha avaliação desses mesmos serviços, ha de ser maior que a vossa, e cem vezes maior. Comparae-me agora a barca e as redes de S. Pedro com o que deixou S. Roque, e julgae qual será a paga que tem recebido de Deus? Deixou a patria, deixou o descanço, deixou os thesouros, deixou o Estado, e não fallo na differença do seu nascimento comparado com o de S. Pedro, porque esta é outra e não pequena que se usa e está introduzida entre os homens, e não tem logar em Deus.

Os homens para fazer as mercês, olham para o nascimento de quem os serviu; Deus só respeita e faz caso do merecimento e das acções de cada um, e nenhum do nascimento. Isaac quiz dar a benção e o morgado a Esaü; Deus não quiz que o levasse senão Jacob: e porque? Vamos ao caso, e acharemos a razão. Esaü nasceu primeiro que Jacob, porém na lucta que ambos tiveram no ventre da mãe, Jacob luctou melhor que Esaü. O mesmo Esaü, sendo competidor, o não pôde negar, e o confessou, dizendo: *Supplantavit enim me in altera vice.* [1] Luctou melhor Jacob que Esaü? Pois essa foi a razão da differença, nem ha outra para com Deus. Isaac como homem para dar a benção e o morgado, teve respeito ao nascimento; Deus, como Deus, nem respeitou, nem fez conta do nascimento, senão só do maior valor e do merecimento. Se os soldados da fortuna a querem ter boa, sirvam a Deus. Os nascimentos levarão as commendas dos homens, as de Deus só para o merecimento as tem guardadas. Por isso S. Roque, sendo de tão alto nascimento o renunciou, e não fez caso delle, porque quiz mais generosa e mais fidalgamente ser despachado na côrte da verdade e da justiça, pela nobreza e qualidade das obras que eram suas, e não pelas dos paes e avós, que são alheias.

Os homens a quem os serve, medem-lhes os merecimentos pelos annos; Deus mede-os pelos corações. Quando o Propheta Samuel foi a casa de Jessé para ungir em rei um de seus filhos, vendo a Eliab, que era

[1] *Genes.*, XXVII, 36.

o mais velho, e de galharda presença, julgou que o eleito por Deus sem duvida era aquelle; mas Deus o desenganou logo, dizendo, que elle não olhava para os corpos, nem para os annos, senão para os corações: *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor.* [1] David, o menor filho de todos, foi o eleito, e logo mostrou qual era o seu coração. Todo o exercito de Saül estava cheio de soldados velhos e capitães muito antigos, mas todos desmaiados e tremendo só de vêr o Gigante; e David, que tinha o coração que a elles lhes faltava, vencendo e matando o mesmo Gigante, fez e mereceu mais em uma hora que todos os outros em tantos annos. Os homens medindo os merecimentos só pelos annos fazem uma grande injustiça; porém Deus, que é justissimo, mede-os só pelos corações, porque elle só os vê. No mesmo dia e na mesma hora em que a Magdalena se lançou aos pés de Christo, disse o Senhor que tinha amado muito: *Quoniam dilexit multum.* [2] Parece muito dizer. Diga-se que amava, mas não se diga muito, que ainda então começava a amar; e já que se dá nome de muito ao seu amôr, diga-se que amava, e não que tinha amado: *Dilexit?* Mas está tão bem dito, como quem o disse, porque Deus não mede o coração pelo tempo, senão o tempo pelo coração. Oh se os homens vissem os corações, quão endividados se achariam os de muitos que cuidam que os servem pouco! Por isso só se póde servir a quem vê o coração. E se em poucos instantes de tempo cabem muitos seculos de amôr, que eternidades seriam as que Deus tinha contado no coração e amôr de S. Roque em tantos annos de suas peregrinações, de seus carceres, de suas perseguições e affrontas, que são o crizol do amôr? Se os que vieram na undecima hora do dia, que é a velhice, porque suppriram a tardança com a diligencia, foram egualmente pagos e premiados, qual será o premio daquelle coração que entre as lisonjas dos mais floridos e enganosos annos se entregou todo a amar e servir só a Deus?

Os homens a quem servis, podem pouco e querem menos. Se quizessem dar muito, não podem, e

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVI, 7.
[2] *Luc.*, VII, 47.

esse pouco que podem, não querem. Deus pelo contrario póde tudo, e sempre quer. Vieram dois pobres a Christo pedir remedio para suas enfermidades, e cada um (que é muito eloquente a necessidade) pediu por sua phraze. Um disse: *Si quid potes, adjuva nos:* [1] Senhor, se podeis, remediae-me: o outro disse: *Si vis potes me mundare:* [2] Senhor, se vós quizerdes remediar-me, podeis. De maneira que um que ainda não cria, pediu-lhe a vontade, e duvidou-lhe o poder: o outro que já cria, confessou-lhe o poder, e pediu-lhe só a vontade. E que respondeu o Senhor ao que disse: *Si potes:* e ao que disse: *Si vis?* Ao que lhe pediu a vontade, e lhe duvidou o poder, respondeu que podia, e que queria; e ao que lhe confessou o poder, e lhe pediu a vontade, respondeu que queria o que podia; e a ambos satisfez como desejavam. Quando os homens pedem aos homens, ainda que sejam reis, pedem uns pobres a outros; só quando pedem a Deus, pedem a quem verdadeiramente é rico. *Dives in omnes, qui invocant illum* [3] diz S. Paulo: que Deus é rico para todos os que o invocam. Os reis quando muito são ricos para alguns; Deus é rico para todos: *Dives in omnes.* Por isso S. Roque se fez pobre para servir a quem só o podia fazer verdadeiramente rico. O seu rei ainda que fosse tão liberal como Assuero, podia-lhe prometter ametade do reino de França; Deus a quem o serve, dá-lhe todo o seu reino, e quanto mais a quem deixou tudo só pelo servir a elle.

Os homens (já que fallamos nos seus poderes) se derdes por elles a vida, como tantos a estão dando nestas campanhas, ainda que sejam reis e monarchas, assim como elles vol-a não deram, assim vol-a não podem restituir. E Deus, sendo elle o que vos deu a vida, ainda que vós a não deis por elle, se a empregardes em seu serviço, dá-vos pela temporal a eterna. Rei era, e rei que andava nos exercitos, o que deu este desengano a todos os homens: *Nolite confidere in Principibus, in quibus non est salus.* [4] Ho-

---

[1] *Marc.*, IX, 21.
[2] *Math.*, VIII, 2.
[3] *Rom.*, X, 12.
[4] *Psal.*, CXLV, 3.

mens, não ponhaes a vossa esperança em homens, ainda que sejam reis, porque não podem dar vida. Os reis chamam-se senhores da vida, porque com justiça ou sem ella a podem tirar; mas dal-a, nem a seus filhos, nem a si mesmo podem. Só Deus é verdadeiro Senhor da vida, porque a dá no nascimento, porque a conserva na duração, porque a resuscita depois da morte, e a eterniza na patria. Vêde a differença da vossa mesma vida sacrificada a Deus, ou aos homens: se a daes por amôr de Deus, ficaes bemaventurado: se a daes por amôr dos homens, ficaes morto. Os que a deram por amôr de Deus, são os que adoramos naquelles altares: os que a deram por amôr dos homens, os que pizamos nessas sepulturas. Antes que Roma puzesse no altar a S. Roque, o poz o mundo, e o houve por bem a mesma Igreja. Porque? Porque deu a vida só a Deus, e a empregou só em seu serviço. E foi este serviço tão acceito a Deus, e tão bem pago por elle, que deu auctoridade ao mesmo S. Roque, para que nós tambem lhe pedissemos a vida, e poder para que nol-a désse.

Os homens (para que fallemos tambem pela sua bocca, e não só pela divina) quando vos hão mister, sois seu; quando os haveis mister, sois vosso. Assim o cantou ao som do Lima aquelle grande e desenganado espirito, que por não vêr as ribeiras do Téjo, fugiu dellas para tão longe. Quando te hão mister, és seu; quando os has mister, és teu, que não tens donos então. E Deus pelo contrario é tão bom Senhor, e tão bom dono, que não havendo mister a ninguem, quando nos faz mercê de se querer servir de nós, somos, com grande honra, seus; e quando nós o havemos mister (que sempre havemos) nunca deixa de ser nosso. Serviram Abrahão, Isaac, e Jacob a Deus, e não foram elles os que tomaram o sobrenome do Senhor, senão o Senhor o dos servos. Não se chamaram elles Abrahão de Deus, Isaac de Deus, Jacob de Deus; mas Deus foi o que se chamou Deus de Abrahão, Deus de Isaac, Deus de Jacob. Assim o disse o mesmo Deus a Moysés: *Ego sum Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob.* [1] E para que? Para que conhecesse o mundo, que se os servos eram

[1] *Exod.*, III, 6.

seus do Senhor, tambem o Senhor era seu dos servos. Se Deus ha mister a Abrahão para Pae da Fé, Abrahão é de Deus; e se Abrahão ha mister a Deus para o livrar dos dois reis do Egypto e de Geraris, Deus é de Abrahão: *Deus Abraham.* Se Deus ha mister a Isaac para o sacrificio, e para experimentar o amôr de seu pae, Isaac é de Deus; e se Isaac ha mister a Deus para o livrar da espada, e o trocar com o cordeiro, Deus é de Isaac: *Deus Isaac.* Se Deus ha mister a Jacob para fundador das doze Tribus, Jacob é de Deus; e se Jacob ha mister a Deus para o livrar da ira de Esaü, e dos enganos de Labão, Deus é de Jacob: *Deus Jacob.* Se considerarmos os trabalhos e perigos de S. Roque, acharemos que não foram menores que os dos tres Patriarchas; mas assim como Roque se fez todo seu de Deus, servindo-o só a elle, assim Deus se fez todo seu de Roque, livrando-o de todos. E tão seu, e sempre seu, que ainda hoje nos está livrando a nós só por sua intercessão, e por seu respeito.

Finalmente, os homens a quem servimos, posto que sejam reis, são mortaes, e lhe succedem outros; porém Deus, quando não tiveramos tantas obrigações de o servir, só por ser immortal, e sempre o mesmo, sem outro que lhe haja de succeder, o deveramos servir só a elle. Entenderam isto tanto assim muitas nações, que na morte dos reis se sepultavam com elles os seus criados; não só por fineza do muito que os amavam, mas por não viverem em tempo de outros principes que não conhecessem seus serviços e merecimentos. Não houve maior mudança de fortuna a fortuna, que a dos filhos de Israël no Egypto. Ao principio enriquecidos, estimados, venerados; depois desprezados, aborrecidos, opprimidos, avexados, captivos. E donde nasceu uma tão notavel mudança? o Texto sagrado o diz: *Surrexit rex novus, qui ignorabat Joseph:* [1] Succedeu no imperio um rei novo que não conhecia a José. O rei velho aconselhava-se com José, seguia os dictames de José, e succedia-lhe tão bem com elles, que lhe poz por nome, Salvador do Egypto, e por isso favorecia seus irmãos; porém o rei novo que veiu depois, como não conhecia a José,

[1] *Exod.*, I, 8.

nenhuma valia tinha com elle a sua memoria, nem os seus grandes serviços, e a todos os seus descendentes não só não dava nada de novo, mas ainda o que tinham, até a mesma liberdade lhes tirava. Oh discretissimo mancebo, ó prudentissimo varão S. Roque! Na vida de S. Roque, sem ser muito larga, tambem houve dois reis em França: Carlos Magno, e Ludovico Pio. E porque elle sabia pelos estylos das côrtes, que se fosse favorecido de um, havia de ser desvalido do outro, por isso quiz servir ao Rei, que nem morre nem desconhece, que é Deus, e só Deus. Ditoso elle, e bemaventurado, que assim o fez; e nós tambem seremos ditosos e bemaventurados se assim o fizermos: *Beati sunt servi illi.*

SERMÃO

DE

S. ROQUE *

Beati sunt servi illi, quos cum venerit Dominus, invenerit vigilantes: quod si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. [1]

I

Se ha bemaventurança nesta vida, os servos de Deus a gozam; e se ha duas bemaventuranças, tambem as gozam os servos de Deus, porque as gozam os que são mais seus servos. Duas differenças de servos vigilantes introduz Christo na parabola deste Evangelho. Ha uns servos que vigiam nas horas menos difficultosas e arriscadas, ou sejam da noite ou do dia, e a estes chama o Senhor servos bemaventurados: *Beati sunt servi illi, quos cum venerit Dominus, invenerit vigilantes.* Ha outros servos que vigiam na segunda e terceira vigia da noite, que são as horas, ou os quartos de maior escuro e de maior somno, de maior trabalho e de maior difficuldade, de maior perigo e de maior confiança, e a estes servos sobre a primeira bemaventurança os chama o Senhor outra vez bemaventurados: *Quod si venerit in secunda vi-*

---

* Foi pregado este Sermão na Capella Real, em 1659, havendo peste no Algarve. Commentando-o, diz o padre Honorati: Este Sermão formula o verdadeiro caracter da santidade e protecção de S. Roque, fundado em quatro similhanças com seu divino prototypo Christo, Salvador nosso. Note-se a naturalidade com que o orador no terceiro ponto muda a ordem da divisão para concluir com mais força.

[1] *Luc.*, XII.

gilia, quod si in tertia vigilia venerit, beati sunt servi illi. Aquelle grande servo de Christo, cujas gloriosas vigilancias hoje celebramos, S. Roque, não ha duvida que foi servo da segunda e terceira vigilia. Nenhum vigiou, nenhum aturou, nenhum resistiu, nenhum perseverou, nenhum esteve nunca mais álerta e com os olhos mais abertos, nem ao mais alto e profundo da noite, nem em noites mais escuras e mais cerradas. Mas quando eu, segundo a regra e promessa do Evangelho, esperava vêr a S. Roque duas vezes bemaventurado por estas vigilancias, em logar de o vêr duas vezes bemaventurado, acho-o não só duas vezes, senão quatro vezes desgraçado. Desgraçado com os parentes, e desgraçado com os naturaes: desgraçado com as enfermidades, e desgraçado com os remedios. Se as bemaventuranças e felicidades promettidas no Evangelho, foram só felicidades e bemaventuranças da outra vida, facil estava a soltura desta admiração: mas Christo não promette só áquelles servos, que serão bemaventurados e felizes na outra vida, senão que o serão, antes que o são nesta. Assim o dizem e repetem conformemente ambos os Textos: *Beati sunt servi illi, quos cùm venerit Dominus, invenerit vigilantes. Quod si venerit in secunda vigilia, quod si in tertia vigilia venerit, beati sunt servi illi.* De maneira que não diz, bemaventurados serão, senão, bemaventurados são: *Beati sunt* a primeira vez, e *beati sunt* a segunda. Pois se os servos vigilantes, e vigilantes da segunda e terceira vigia, são duas vezes felizes e duas vezes bemaventurados ainda nesta vida, como se trocou tanto esta regra, ou esta fortuna em S. Roque, que por cada felicidade que lhe promette o Evangelho, achamos nelle duas infelicidades, e por cada bemaventurança duas desventuras? Duas vezes bemaventurado nas vozes do Evangelho, e quatro vezes desgraçado nos successos, nos encontros, e nas tragedias da vida? Sim. Mas para entender e concordar aquellas promessas com estas experiencias, e aquellas bemaventuranças com estas desgraças, não basta só a luz da terra, é necessaria a do céu. Peçamol-a ao Espirito Santo, por intercessão da Senhora. *Ave Maria.*

II

Beati sunt, beati sunt servi illi

Ás vezes está a ventura em se dobrarem as desgraças. Quando buscava o remedio a uma duvida, fui topar com outra maior. Nas primeiras clausulas do Evangelho manda Christo aos que o quizerem servir, sejam similhantes aos servos que esperam por seu senhor: *Et vos similes hominibus expectantibus dominum suum.* E S. Roque, que tanto serviu e tanto quiz servir a Christo, que é o que fez? Em vez de se fazer similhante aos servos que esperam pelo senhor, fez-se similhante ao senhor, por quem esperam os servos. Estes servos são os Santos, este senhor é Christo, e se bem repararmos na vida de S. Roque, achal-o-hemos similhante, não aos outros Santos, senão ao mesmo Christo, e não só uma vez similhante a Christo, senão quatro vezes similhante. Similhante a Christo nascido: similhante a Christo prezo: similhante a Christo crucificado: similhante a Christo morto. Pois, Santo singular, Santo portentoso, Santo que em tudo parece que quereis ir por fóra do Evangelho: se vos mandam ser similhante aos servos, quem vos fez, ou como vos fizestes similhante ao Senhor? Esta é, como dizia, a segunda duvida, mas nella temos respondida e desatada a primeira. Póde haver maior bemaventurança, que chegar o servo a ser similhante a seu senhor? Não póde; pois eis aqui quão gloriosamente se despintaram as desgraças de S. Roque, e se transfiguraram todas em bemaventuranças. As desgraças de S. Roque, diziamos que eram quatro: desgraçado com os parentes, desgraçado com os naturaes, desgraçado com as enfermidades, desgraçado com os remedios. Mas como em todas estas que a natureza chama desgraças, se fez S. Roque similhante a Christo, pelo mesmo que o chamavamos quatro vezes desgraçado, veiu elle verdadeiramente a ser quatro vezes bemaventurado: bemaventurado na desgraça com os parentes, porque ficou similhante a Christo nascido: bemaventurado na desgraça com os naturaes, porque ficou similhante a Christo prezo:

bemaventurado na desgraça com as enfermidades, porque ficou similhante a Christo crucificado: bemaventurado na desgraça com os remedios, porque ficou similhante a Christo morto. De sorte, que pelos mesmos extremos por onde cuidavamos que se nos sahia S. Roque do Evangelho, o temos mais alta e gloriosamente dentro nelle, e não só duas vezes bemaventurado, senão duplicadamente duas: *Beati sunt servi illi, beati sunt.* Vamos vendo estas quatro bemaventuranças, realçadas sobre as quatro desgraças de S. Roque. E não será, ao que creio, vista desaprazivel, vêr beatificar desgraças.

III

A primeira desgraça de S. Roque foi com os parentes. Foi desgraçado S. Roque com os parentes, porque o desconheceram como estranho aquelles que eram seu sangue, e a quem tinha dado o seu. Herdou S. Roque de seus paes o estado de Mompilher, de que eram senhores, junto com muitas riquezas; mas o Santo com maior resolução do que promettiam seus annos, porque era muito moço, entregou o Estado e os vassallos a um seu tio, para que o governasse; repartiu as joias e toda a mais fazenda aos pobres, e pobre como um delles se partiu peregrino a Italia, para visitar os Santos Logares de Roma. Passados alguns annos, que não foram muitos, tornou S. Roque para Mompilher no mesmo trajo em que se partira: mas nem seu tio, nem algum de seus parentes o conheceram: e assim pobre, e vivendo de esmolas, passou o resto da vida, peregrino dentro em sua propria patria, necessitado no meio de suas riquezas, e desconhecido dos mesmos que eram seu sangue.

Ora eu não posso deixar de espantar-me muito que os parentes e vassallos de S. Roque desconhecessem em tão pouco tempo a um mancebo alli nascido, alli creado, alli servido, alli senhor! Esta mudança, e este desconhecimento, ou estava no rosto de S. Roque, ou nos olhos dos que o viam: se nos olhos, tão depressa se esquecem? Se no rosto, tão facilmente se muda? Eu digo que a mudança não estava nos olhos de quem via, senão na fortuna de quem vi-

nha. Vinha S. Roque a Mompilher em muito differente fortuna do que alli o viram antigamente; e não ha coisa que tanto mude as feições, como a fortuna. Vieram os filhos de Jacob nos sete annos de fome, buscar trigo ao Egypto, e apparecendo diante de seu irmão José, que era o vice-rei daquelles reinos, diz o Texto sagrado: *Cognovit eos, et non est cognitus ab eis.* [1] Que José os conheceu a elles, e que elles não conheceram a José. Notavel caso! Parece que não havia de ser assim, porque os irmãos como eram mais velhos, conheciam de mais tempo a José, porque o conheciam desde menino, edade em que elle os não podia conhecer: os irmãos de uma vez foram dez, e d'outra vez onze; e mais facil é conhecerem muitos a um, que um a muitos: o tempo da ausencia era egual, porque tanto havia que os irmãos não viam a José, como José a elles. Pois se todas as razões de conhecimento, ou eram eguaes ou maiores da parte dos irmãos, como os conheceu José a elles, e elles não conheceram a José? A razão natural é, porque José tinha mudado a fortuna; seus irmãos não a tinham mudado. Os irmãos antigamente tinham sido pastores, e agora tambem eram pastores; José antigamente tinha sido pastor, agora era vice-rei; e como os irmãos não tinham mudado de fortuna, não tinham mudado de parecer; porém José tinha mudado de parecer, porque tinha mudado de fortuna: elle conhecia os irmãos, porque os irmãos eram os mesmos: os irmãos não o conheciam a elle, porque José já era outro.

Difficultosa coisa parece, que a fortuna faça mudar as feições: mas ainda mal, porque tão provada está esta verdade na experiencia de cada dia! Melhorou de fortuna o vosso maior amigo, e ao outro dia já vos olha com outros olhos, já vos ouve com outros ouvidos, já vos falla com outra linguagem: o que hontem era amôr, hoje é auctoridade; o que hontem era rosto, hoje é semblante. Pois, meu amigo, que mudança é esta? Quem vos trocou as feições? Que é daquelles olhos benevolos com que me vieis? Que é daquelles ouvidos attentos com que me escutaveis? Que é daquelle bom rosto com que nos via-

[1] *Gen.*, XLII, 8.

mos sempre? Oh, que mudou de fortuna, claro está, que havia de mudar de feições.

E se estas mudanças faz a fortuna prospera, não são menores os poderes da adversa. Restituido Job á sua antiga fortuna, depois de tantos trabalhos e calamidades, diz o Texto sagrado: *Venerunt ad eum omnes amici, et cognati ejus, qui cognoverant eum priùs:* [1] que vieram visitar a Job todos os seus amigos e parentes que o conheceram no primeiro estado: *Qui cognoverant eum priùs.* Job teve tres estados nesta vida: o primeiro de felicidade, o segundo de trabalhos, o terceiro outra vez de felicidade. Pois se os amigos e parentes o conheceram no primeiro estado, porque não o conheceram, nem o buscaram no segundo? E se o não conheceram, nem buscaram no segundo, porque o conhecem e o buscam no terceiro? A razão disto não a ha; a semrazão sim, e é esta: porque os homens costumam conhecer nos outros, não a pessoa, senão a fortuna, e como os chamados amigos e parentes de Job, conheciam nelle a fortuna e não a pessoa, por isso não buscaram a pessoa, emquanto a viram necessitada, e buscaram a fortuna, tanto que a viram restituida. De sorte que os amigos de Job, bem considerados seus procedimentos, não foram ingratos, porque a sua amizade era com a fortuna e não com a pessoa: e como elles não faltaram á fortuna, ainda que faltaram á pessoa, não foi ingratidão. Se faltaram á pessoa, faltaram a quem não conheciam; mas á fortuna, a quem conheciam, não lhe faltaram; tanto que ella voltou, tornaram elles. E como os homens se costumam conhecer pelas fortunas, e não pelas pessoas, que muito que seus proprios parentes, e em sua propria patria, desconhecessem a S. Roque, pois elle, ainda que trazia a mesma pessoa, vinha em tão differente fortuna?

Oh miseravel condição das coisas humanas! Miseravel na fortuna adversa, e miseravel na prospera. Não ha fortuna que não traga comsigo o desconhecimento: se é prospera, desconheceis-vos; se é adversa, desconhecem-vos. E se a fortuna é tão enganosa que os homens se desconheçam a si, que muito que seja tão injusta, que os outros os desconheçam a elles?

---

[1] *Job.*, XXIV, 12.

Só S. Roque não merecia esta ingratidão, porque sendo que se não desconheceu a si na fortuna prospera, o desconheceram os seus na adversa. E que S. Roque entre os seus, e entre aquelles a quem dera o seu, se visse desconhecido, grande desgraça! Se os seus o conheceram e o maltrataram, ingratidão era, mas soffrivel; porém sobre maltratado, vêr-se ainda desconhecido, não póde haver maior desgraça.

Quando o Esposo Divino fechou as portas do céu ás Virgens que tardaram, o que respondeu ás vozes e instancias com que batiam e chamavam, foi: *Nescio vos:* Não vos reconheço. Breve palavra, mas digna de grande reparo. Se lhes dissera, que as não admittia, que as não queria em seu serviço, que não entrariam mais em sua casa, e muito menos em sua graça, pois lhe tinham faltado em occasião de tanto gosto e empenho, merecedor castigo era de tamanho descuido: mas Deus, que tudo conhece, nem póde deixar de conhecer, que lhes diga: *Nescio vos:* Não vos conheço? Levado desta admiração S. João Chrysostomo, e não lhe occorrendo com que dar sahida a tão profundo encarecimento, exclamou dizendo: *O' Verbum ipsa gehenna durius!* O' palavra *nescio vos*, mais dura que o mesmo inferno! Fechar Deus as portas do céu a estas desgraçadas creaturas, foi condemnal-as ao inferno; mas com ser o inferno o mais duro e mais terrivel castigo que Deus dá, nem póde dar, pois é privação de sua vista, a palavra *nescio vos*, ainda foi mais dura e mais terrivel. Porque? Porque os condemnados do inferno, posto que Deus os tem lançado de si para sempre, conhece-os; porém estado em que uma miseravel creatura, sobre condemnada sem remedio, se veja ainda e se considere não conhecida; se ha extremo de miseria, de dôr, e de desesperação, que se possa imaginar maior que o do mesmo inferno, este é sem duvida, e não outro: *O' Verbum, nescio vos, ipsa gehenna durius!*

Tal era o estado (quanto póde ser nesta vida) a que S. Roque chegou por amôr de Christo. Não só de condemnado a carcere perpetuo, e sem remedio (como logo veremos) mas sobre condemnado, não conhecido: *Nescio vos.* E sendo este estado peor que o do inferno, que diga o Evangelista, que S. Roque era comtudo bemaventurado: *Beati sunt servi illi?* Sim; porque nessa mesma desgraça foi S. Roque si-

milhante a Christo nascido. E que maior bemaventurança, que parecer-se o servo com seu senhor, em qualquer estado que seja?

Nasceu Christo neste mundo com o desamparo que sabemos, e querendo-o encarecer S. João Evangelista, ponderou-o com estas palavras: *In mundo erat, et mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit: in propria venit, et sui eum non receperunt.* [1] Estava no mundo, e sendo que o mundo foi feito por elle, não o conheceu o mundo: veiu a sua propria casa, e não o receberam os seus. Pois, valha-me Deus, Evangelista entendido, Evangelista amante: se quereis ponderar as razões de dôr, que houve no nascimento de Christo, não estavam ahi as circumstancias do tempo e as do logar? O rigor do inverno, o desabrigo do portal, a aspereza das palhas, o pobre, o humilde, o desprezado da mangedoura? E se não quereis mais que accusar o deshumano dos homens, porque não ponderaes a ingratidão com que não amaram a Christo, senão a cegueira com que o não conheceram: *Et mundus eum non cognovit?* E' porque Christo, como quem tão bem sabia pezar as razões de dôr, sentiu mais o vêr-se desconhecido naquella hora, que o vêr-se desamado. A ingratidão que desama, grande ingratidão é; mas a ingratidão que chega a desconhecer, é a maior e a mais ingrata de todas: *In mundo erat, et mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit.* Parece que não acaba o Evangelista de lhe chamar mundo: estava no mundo, e sendo que fôra feito por elle o mundo, não o conheceu o mundo. Isto é ser mundo: *In propria venit, et sui eum non receperunt:* Veiu ao seu, e não o receberam os seus. Por dois titulos eram seus estes que não receberam a Christo: eram seus pelo titulo da creação, e seus pelo titulo da Encarnação: pelo titulo da creação, porque eram feitura sua; pelo titulo da Encarnação, porque eram sangue seu. E que sendo seus por tantos titulos, e vivendo do seu, e no seu, o não conhecessem! Grande ponderação do que Christo quiz soffrer aos homens, e grande tambem do que S. Roque soube imitar a Christo. A similhança é tão similhante, que não ha mister appli-

[1] *Joan.*, I, 10 e 11.

cação: *In propria venit, et sui eum non receperunt.* Veiu S. Roque ao seu, e não o receberam os seus; veiu ao seu, porque veiu ao seu patrimonio, ao seu estado, á sua casa, á sua côrte; e não o receberam os seus; porque os seus vassallos, os seus criados, os seus amigos, os seus parentes o trataram como estranho: *Mundus per ipsum factus est, et mundus cum non cognovit.* Até aquelles a quem elle tinha feito, a quem tinha levantado, a quem tinha dado o ser (porque lhe tinha dado o que eram, quando renunciou nelles o que tinha sido) até esses o não conheceram.

E para que neste desconhecimento lhe não faltasse a S. Roque nenhuma similhança de Christo nascido, teve tambem a companhia e piedade de um animal, que sustentando-o no mesmo tempo, e regalando-lhe as feridas, aggravava mais a chaga da ingratidão, e fazia mais deshumana a correspondencia dos homens. O que mais pezo fazia ao sentimento de Christo no Presepio, era a consideração de que o desconheciam os homens, quando o conheciam os animaes. Assim o significou o mesmo Senhor por bocca de outrem, como quem ainda não podia fallar: *Cognovit bos possessorem suum, et asinus præsepe Domini sui, Israël autem me non cognovit:* [1] Conheceu o boi e o jumento o presepio de seu Senhor, e Israël não me conheceu a mim. Que se visse Christo desamparado dos homens, e bafejado dos animaes; que se visse S. Roque desconhecido do seu sangue, e sustentado da piedade de um bruto, grande circumstancia de dôr! Porque não ha coisa que mais lastime o coração humano, que as ruins correspondencias dos homens, á vista de melhores procedimentos nos animaes. Grande semrazão foi, que os ministros de Babylonia lançassem no lago dos leões a Daniel; mas á vista do respeito que lhe guardaram os mesmos leões, ainda tem mais quilates a sem razão. Que reconheçam as feras esfaimadas a innocencia do servo de Deus, e que homens com nome, e obrigação de sabios, a persigam e a condemnem? Rara desegualdade! Grande foi a crueldade da rainha Jezabel, em perseguir e querer matar ao Pro-

[1] *Isai.*, 1, 3.

pheta Elias; mas á vista da piedade com que o sustentavam os corvos, ainda tem mais horrores aquella crueldade. Que sustente a vida a Elias a voracidade dos corvos, e que queira tirar a vida a Elias a deshumanidade de uma mulher? Rara dissonancia! Grande foi o atrevimento com que o Propheta Balaam se arrojou a querer amaldiçoar o povo de Deus; mas á vista do animal, em que caminhava, tem ainda mais deformidades o atrevimento. Que solte a lingua um animal para pedir razão a um Propheta, que use um Propheta de tão pouca razão, que ouse soltar a lingua contra o mesmo Deus? Rara desproporção! Eis aqui o que aggravava o sentimento a S. Roque, como a Christo nascido: Verem-se desconhecidos dos homens, quando se viam conhecidos dos brutos. Em Christo podera-se chamar desgraça, porque se parecia comnosco: Em S. Roque era verdadeiramente bemaventurança, porque se parecia com Christo: *Beati sunt servi illi.*

IV

A segunda desgraça de S. Roque, foi ser desgraçado com os naturaes. Quando S. Roque fez a sua peregrinação de França para Italia, havia guerras entre Italia e França, e deste guerra lhe succederam ao Santo duas coisas notaveis: a primeira, que chegando a Italia, os italianos o trataram como a inimigo, e o feriram: a segunda, que tornando para França, os francezes o trataram como a traidor, e o prenderam por espia. Ha maior desgraça que esta? Que em Italia me tratem como inimigo, porque sou de França, e que em França me tratem como traidor, porque venho de Italia? S. Roque peregrinou de França para Italia, por amôr de Deus, e tornou de Italia para França, por amôr da patria: e que quando vou em serviço de Deus, me tenham por inimigo, e quando venho em serviço da patria, me tenham por traidor? Desgraça grande.

A maior circumstancia de desgraça que eu aqui considero, é que não sendo merecida da parte de quem a padecia, parecia justificada da parte de quem

a causava: porque em tempo que França e Italia andam em guerras, ter entrada em Italia, e ter entrada em França, não são bons indicios. No quarto dia da creação do mundo, creou Deus o sol, a lua, e as estrellas, e diz o Texto sagrado, que um dos officios que Deus deu a estas tochas do céu, foi que dividissem a noite e o dia: *Ut dividant diem, ac noctem:* Que o sol e as estrellas dividam o dia e a noite: parece-me mui bem applicado o officio, porque em havendo sol, não ha noite, em havendo estrellas, não ha dia: porém a lua! Como póde ser que a lua a fizesse Deus para dividir a noite do dia? A lua, se bem advertirdes, uns dias anda de dia, outros dias anda de noite: Pois se a lua tem entrada com a noite, e tem entrada com o dia, como a fez Deus para dividir o dia e a noite? E' porque ninguem divide melhor, que quem tem entrada com ambos. O sol e as estrellas dividem muito bem, porque o sol divide o dia da noite, e as estrellas dividem a noite do dia: mas a lua divide muito melhor, porque tem entrada com ambos, e divide duas vezes: como tem entrada de dia com o sol, divide o dia da noite, e como tem entrada de noite com as estrellas, divide a noite do dia. De modo que a lua faz guerra a ambos, porque tem entrada com ambos. Oh, livre Deus o mundo destas luas! Ou bem da parte do dia, ou bem da parte da noite: ou bem com o sol, ou bem com as estrellas. Homem de dois hemispherios é duas vezes inimigo. O mesmo presumiram de S. Roque os italianos e os francezes: os francezes, como o viam ter entrada em Italia, cuidavam que era inimigo de França, e os italianos, como o viam ter entrada em França, cuidavam que era inimigo de Italia. O Santo nada disto era, mas parecia tudo. Era o cidadão mais fiel, era o filho mais amigo, era o zelador mais verdadeiro, que nunca teve a sua patria, e comtudo a prisão, ainda que não merecida, era justificada. Não havia prova para o crime, mas havia indicios para a duvida. E em materia de fé e amôr da patria, um peito tão nobre, e tão generoso como o de S. Roque, padecer a affronta, ou o desar desta duvida, era a maior e mais penosa desgraça que lhe podia succeder.

Perguntou Christo tres vezes a S. Pedro se o ama-

va: *Diligis me? Diligis me? Diligis me?* [1] E é certo que estas tres perguntas, e estas tres repetições, não foram sem grande mysterio. S. Agostinho e S. Thomaz dizem conformemente, que foram tres perguntas, para que respondendo tres vezes a ellas, satisfizesse as tres vezes que havia negado: *Trinæ negationi redditur trina confessio.* Divinamente advertido, mas dêem-me licença agora estes grandes Lumes da Igreja, para que aos raios de sua mesma luz veja eu mais alguma coisa nesta satisfação das negações de S. Pedro. Nas tres negações de Pedro houve tres culpas, e houve tres injurias: Houve tres culpas; porque tres vezes faltou Pedro á sua obrigação: e houve tres injurias; porque tres vezes fez injuria a seu Mestre, e seu Senhor, negando-o. As injurias pediam satisfação; as culpas pediam castigo: e tudo se fez neste caso. As tres injurias satisfel-as Pedro com as tres respostas; as tres culpas castigou-as Christo com as tres perguntas: as tres injurias satisfel-as Pedro com as tres respostas, e isto é o que diz S. Agostinho e S. Thomaz, porque confessou Pedro tres vezes, como tres vezes tinha negado: *Trinæ negationi redditur trina confessio.* As tres culpas castigou-as Christo com as tres perguntas, e isso é que eu accrescento e provo. Porque perguntar Christo tres vezes a S. Pedro se o amava, era mostrar que duvidava de sua fé e de seu amôr: e duvidar o principe do coração do vassallo, é a maior pena, e o maior castigo que lhe póde dar; e mais em tal pessoa como S. Pedro, que já nesta materia tinha telhado de vidro. E senão, vêde se lhe doeram as perguntas: *Et contristatus est Petrus, quia dixit ei tertiò, amas me:* [2] Entristeceu-se e affligiu-se Pedro de lhe fazer Christo tantas perguntas sobre o seu amôr. As perguntas que o entristeciam, signal é que lhe tocaram no vivo, e lhe chegavam ao coração. E porque não faça reparo dizer eu que foram castigo as perguntas. o mesmo Agostinho falando desta tristeza, que nasceu dellas a S. Pedro, diz que foi em pena do seu antigo peccado, porque ainda que estava perdoado, quanto á culpa, não estava perdoado de todo, quanto á pena. De ma-

[1] *Joan.*, XXI, 16.
[2] *Ibid.*, XXI, 16.

neira que é tal pena e tal castigo uma duvida em materia de fé e de lealdade, que quando Christo quiz que pagasse inteiramente S. Pedro a culpa de o haver negado, não lhe buscou outra pena, nem outro castigo. Castigou as tres negações com tres duvidas; e porque lhe tinha negado tres vezes a fé, duvidou-lhe tres vezes o amôr: *Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertiò, amas me.*

Mas poderá dizer alguem, que castigar negações com duvidas, não foi proporcionado castigo, porque a duvida peza muito menos que a negação. Ora estimo que se ponha em balança este ponto, ainda que nos detenhamos mais um pouco nelle, pois é materia tão propria do tempo presente, e que tanto importa ás honras dos que padecem as duvidas, como ás consciencias dos que as fazem padecer. Respondo pois, e digo que foi a pena muito proporcionada á culpa, em castigar Christo tres negações com tres duvidas; porque em pontos de fé e de lealdade, tanto pezo tem uma duvida, como uma negação.

No Capitulo 1.º *De Hæreticis*, se define, que o duvidoso na fé é herege: *Dubius in fide est hæreticus.* Esta definição é fundada na doutrina commum dos Padres, confirmada por muitos Pontifices, e geralmente recebida de todos os Canonistas e Theologos. Comtudo não deixa de ser difficultosa a razão della. Herezia é erro contra a fé; para haver erro é necessario juizo: quem duvida, não julga, porque não nega, nem affirma: logo não póde ser herege: E se é herege o que duvida, em que consiste a sua herezia? Eu o direi. Quem nega uma proposição de fé, diz que é falsa: quem a duvida, ainda que não diga que é falsa, suppõe que o póde ser: e tanto offende a fé, quem suppõe que póde ser falsa, como quem diz que o é. Antes digo, que maior injuria faz á fé quem a duvida, que quem a nega; porque quem a nega, pode-a offender em um só artigo; e quem a duvida, offende-a em todos. O mesmo passa na fé humana, a qual em animos generosos, nem deve ser menos delicada, nem é menos sensitiva. Quem nega a minha lealdade, diz que sou desleal; quem m'a duvida, ainda que não diga que sou desleal, suppõe que o posso ser: e tanto me offende, não só na honra e primor da fidelidade, senão na inteireza, na constancia, e no ser della, quem suppõe que posso ser desleal, como quem diz que o sou.

Vejamos discorrer neste ponto um dos homens mais leaes que teve o mundo. Tentou a Egypcia descobertamente a José; e respondeu elle que não podia ser desleal a seu Senhor, a quem tanta confiança e tantas obrigações devia: *Ecce dominus meus, omnibus mihi traditis ignorat, quid habeat in domo sua, quomodo ergo possum hoc malum facere?* [1] Neste *quomodo possum*, reparo muito. Porque não disse José, *não quero*, senão, *não posso?* Porque não disse, *não quero, por não ser infiel e desleal a meu senhor?* Porque não disse, *não quero, porque se póde vir a saber?* Porque não disse, *não quero por temor da infamia: não quero por temor da vida;* emfim, porque não disse por qualquer outro motivo, *não quero*, senão *não posso?* Porque se deu José por mais affrontado na supposição da Egypcia, que na mesma tentação. Esta mulher com a sua tentação (diz José) provoca-me a ser desleal: quem me provoca a ser desleal, já no seu pensamento suppõe que o posso ser: e quem suppõe no seu pensamento que posso ser desleal, nesta supposição, e neste pensamento, já me tem gravemente offendido. Antes mais me offende e me tem offendido nesta supposição e conceito infame que tem de mim, que na mesma tentação; porque a tentação argue deslealdade no que ella deve ser, e não é; e a supposição admitte infidelidade no que eu devo ser e sou. Pois para que saiba e se desengane a Egypcia, que suppõe um impossivel, e que não posso eu ser desleal, como ella cuida; por isso responde José á supposição do pensamento, e não ao requerimento da tentação; por isso não disse *não quero*, senão, *não posso: Quomodo ergo possum?*

O' servo verdadeiramente leal! O' animo verdadeiramente honrado e generoso! Quantos parecem muito leaes e fieis, porque não ha quem lhes puxe pela capa? Por isso a largou José como affrontada, e não sua. Mas não deixemos sem ponderação o que mais disse. Ás palavras: *Quomodo possum hoc malum facere*, accrescentou José: *et peccare in Deum meum?* Como posso eu commetter esta deslealdade a que me provocas, e peccar contra meu Deus? Segue-se logo, José (vêde o que dizeis) segue-se logo

[1] *Gen.*, XXXIX, 8 e 9.

que em materia de deslealdade não podeis peccar. Sim se segue, e assim é, e assim o creio de mim, diz José. Nas outras materias basta não ser peccador; na materia de lealdade é necesario ser impeccavel. Em pontos de lealdade, quem não é impeccavel, é desleal. Vêde se a uma honra tão delicada, e tão escrupulosa, e tão honrada como esta, a offenderia mui sensivelmente só a imaginação de um possivel. A lealdade que não é tão subtil como isto, é mui grosseira lealdade. Ha se de offender a verdadeira lealdade da supposição de um possivel em pensamento; e tão herege ha de ser da minha fé quem m'a duvide, como quem m'a negue.

Estas duvidas, estas suspeitas, estas supposições, estas affrontas, padecia S. Roque na sua prizão: e todas as ponderações do nosso discurso eram fuzis de que elle formava outra cadêa muito mais dura, e mais pezada á nobreza de seu animo, do que eram as de ferro, que lhe prendiam e atavam o corpo. Quando os irmãos do mesmo José se viram prender no Egypto por espias, de que estavam tão innocentes, grande foi a sua afflicção: mas lá acharam a culpa deste castigo, e o motivo desta desgraça na deslealdade tão cruel que tinham usado com seu irmão: *Merito hæc patimur, quia peccavimus in fratrem nostrum.* [1] Porém a innocencia sempre leal, e a lealdade sempre innocente de S. Roque, que por uma occasião tão pia, como ir da sua patria peregrino a Roma, se veja dentro na mesma patria com a honra em opiniões, com a vida em riscos, e com as mãos e pés em cadêas, brava desgraça! Comtudo, o Evangelho ainda insiste em que foi bemaventurado! *Beati sunt servi illi.* E porque? Porque nessas mesmas prizões foi S. Roque similhante a Christo prezo.

Quando S. Roque estava na sua prizão, concorriam ao carcere os enfermos de todo o genero, os cegos, os mancos, os aleijados: e era coisa maravilhosa de vêr, que estando o Santo ás escuras, dava olhos; tendo as mãos atadas, dava mãos; e não tendo uso dos pés, dava pés, e todos levavam saude. Pois, homens crueis, homens impios, homens barbaros, vêdes estes milagres, vêdes estes prodigios, vêdes es-

[1] *Genes.*, XLII, 21.

tes testemunhos do céu, vêdes estes signaes manifestos da Omnipotencia, e não rompeis esse carcere, não quebraes essas cadêas? E' possivel, que á vista de tantas maravilhas, haveis de deixar este prezo ao auctor dellas? Sim; porque assim era necessario que fosse, para ser similhante S. Roque a Christo prezo. Vieram os inimigos de Christo a prendel-o por zelo da patria (que tambem se pareceu a prizão de S. Roque com a de Christo na causa, como na innocencia) disse o Senhor: *Ego sum.* [1] Eu sou, e cahiram subitamente a seus pés todos os que o iam prender. Quiz-se aproveitar da occasião S. Pedro, e seguir a victoria, tira pela espada, faz golpe á cabeça do primeiro, leva-lhe a orelha: mas o Senhor mandando metter a espada no logar da espada, poz tambem a orelha no logar da orelha, e ficou em presença, e nos olhos de todos, como se não fôra cortada. Que vos parece agora que fariam aquelles homens á vista de dois milagres tão grandes, tão patentes, tão subitos? Parecia-me a mim que se haviam de levantar todos, e irem-se lançar aos pés de Christo; mas o que fizeram foi o contrario: *Injecerunt manus in Jesum, et tenuerunt eum.* [2] Em vez de se lhe lançarem aos pés, puzeram-lhe as mãos, e prenderam-no. Vêde se se parece a prizão de S. Roque com a de Christo: a ambos não valeram os milagres contra as prizões. Christo milagroso, e S. Roque milagroso; mas Christo prezo, e S. Roque prezo.

Ainda não está descoberto o mais fino da similhança. Se Christo com uma palavra: *Ego sum:* Eu sou, faz cahir de repente a seus pés todos os que o queriam prender, porque se deixa ir prezo? E se queria (como é certo que queria) que o prendessem, porque faz que cáiam primeiro a seus pés com dizer: *Eu sou?* A razão foi, porque nos quiz Christo mostrar quanto tinha de fineza o deixar-se prender por nós. Deixar-se prender um homem, ainda que seja innocente, não é coisa nova; mas um homem que com dizer: *Eu sou*, póde fazer cahir a seus pés os mesmos que o prendem, que se deixe prender comtudo por amôr de ou-

[1] *Ioan.*, XVIII, 5.
[2] *Math.*, XXVI, 50.

trem, grande fineza! Tal foi a de Christo, tal foi a de S. Roque. Prenderam a S. Roque seus proprios vassallos na sua propria cidade, porque, como deixamos dito, vinha tão mudado de trajos, e ainda de pessoa, que o não conheceram. Se S. Roque se descubrira, se S. Roque dissera: *Ego sum:* Eu sou, os mesmos que o prenderam haviam de cahir a seus pés, e beijar-lhe a mão, como o seu verdadeiro Senhor. E que podendo S. Roque fazer cahir a seus pés os mesmos que o prendiam, com dizer, *Eu sou*, se deixasse prender comtudo por amôr de Christo? Fineza foi só como de Christo, e como sua. Muitos Santos houve que estiveram prezos muitos annos por amôr de Christo, mas a prizão e a liberdade estava na mão dos tyrannos: porém S. Roque esteve prezo quasi todos os annos da vida, tendo a prizão e a liberdade na sua mão.

Na vida dos Padres se conta que um Santo penitente se prendeu em um deserto a uma cadêa, e para se não poder soltar em toda a vida lançou a chave ao mar: ao outro dia sahiu á praia um peixe com a chave na bocca; e foi revelado ao Santo, que mais se agradaria Deus de que se deixasse estar prezo, tendo a chave na mão. Esse é o verdadeiro sacrificio da liberdade. Prender-se e lançar a chave ao mar, é prender-se uma vez: prender-se e deixar as chaves comsigo, é estar-se prendendo sempre. Eis aqui a differença que fazem as cadêas de S. Roque, ás cadêas de S. Pedro, e dos outros Santos: S. Pedro esteve prezo alguns dias, mas a chave estava na mão de Herodes. José esteve prezo dois annos, mas a chave estava na mão de Pharaõ. Porém S. Roque esteve prezo toda a vida; e tinha a chave na sua mão. Bastára dizer S. Roque: *Eu sou*, para trocar o carcere com o palacio, os ferros com as joias, a infamia com a honra, as injurias com os applausos, as affrontas com as acclamações; e comtudo não quiz dizer: *Eu sou.* Com outro *Eu sou*, no Egypto: *Ego sum Joseph frater vester*, se trocaram aos irmãos de José as tristezas em festas, as fomes em banquetes, os temores em parabens, e as prizões em abraços. Mas S. Roque no escuro theatro da sua prizão, quiz antes representar a tragedia de Christo, que a comedia de José, e não disse, *Eu sou*, porque não queria ser elle, queria ser Christo, por viva imitação, e assim o foi. E

quem foi tão venturoso, que sendo servo, se pareceu com seu Senhor, não se diga que é desgraçado, senão bemaventurado: *Beati sunt servi illi.*

V

A terceira desgraça de S. Roque, foi ser desgraçado com as enfermidades: mas haveis-me de dar licença para que troque o logar a esta desgraça, e a deixe para o fim, porque quero acabar com ella, como tão propria do tempo presente, e por isso abreviarei este ponto. Primeiro trataremos da desgraça dos remedios; depois fallaremos na desgraça das enfermidades. E prouvera a Deus que fizera o vosso cuidado, o que agora faz o meu discurso. Porque primeiro se padecem as enfermidades, e depois se trata dos remedios, por isso são os remedios desgraçados.

Foi S. Roque desgraçado com os remedios, porque curando milagrosamente a todos os apestados, elle morreu de peste. Póde haver maior desgraça que esta? Que dando um homem remedio aos outros, lhe falte o mesmo remedio para si? Não póde haver maior desgraça! A maior e mais geral desgraça que se padeceu no mundo, foi o diluvio universal: mas se nesta desgraça commum houve homens mais mofinos e mais desgraçados que os outros, quem póde duvidar, que foram os fabricadores da Arca de Noé? Tantos annos estiveram estes homens fabricando aquella nova machina nunca vista no mundo, em que se haviam de salvar as reliquias delle, já cortando, já serrando, já lavrando, já medindo, já ajustando, já pregando, já calefetando, já breando, e que no cabo entrassem na Arca, Noé e seus filhos, e os animaes de todas as especies, e se salvassem nella do diluvio, e que os mesmos que a tinham fabricado, ficassem de fóra e perecessem afogados? Brava desgraça! Que fabricassemos nós o instrumento da salvação para os outros, e que elles se salvem, e nós pereçamos? Que a Arca fosse trabalho nosso, e não seja salvação nossa, senão sua? Que á custa de nosso suor e de nossos braços se salvem elles, e que á vista da sua salvação nos percamos nós? Oh desgraça! Oh mofina! Oh desventura sem egual! Agora se en-

tenderá a energia de umas palavras de S. Paulo muito repetidas, mas não sei se bem pesadas: *Castigo corpus meum, et in servitutem redigo, ne cum aliis prædicaverim, ipse reprobus efficiar.* [1] Faço penitencia, diz S. Paulo, para que prégando aos outros, não me condemne a mim. Reparae muito naquelle *para que prégando aos outros.* A razão de não se querer condemnar um homem, é tão cabal, que não ha mister ajudada de outra. Pois se S. Paulo dá por razão da sua penitencia o não se querer condemnar; porque accrescenta a circumstancia de ser prégador: *Ne cum aliis prædicaverim?* Irem ao inferno os que não são prégadores, é pequena miseria? Grande miseria é; mas em genero de desgraça é muito menor. A maior desgraça de todas é não se salvar um homem: mas não se salvar um homem, que tem por exercicio salvar aos outros, ainda é maior desgraça que a maior de todas as desgraças. E tal seria a de Paulo, se sendo prégador e ministro da salvação dos outros, elle se não salvasse. Oh quantos desgraçados ha destes no mundo, em todos os estados! Quantos Prelados ha que curam as almas das ovelhas e teem enfermas as suas? Quantos governadores, que guiam e encaminham os povos, e elles se desgovernam e desencaminham? Quantos conselheiros que dão muito bons conselhos aos outros, e elles perdidos e desaconselhados? Caiphaz era summo pontifice, ensinou o remedio com que se havia de salvar o mundo, e elle ficou sem remedio. Moysés era governador do povo de Deus, introduziu as Tribus na Terra de Promissão, e elle ficou de fóra. Achitofel era o melhor conselheiro daquella edade, e vivendo tantos principes do seu conselho, elle foi tão mal aconselhado, que se matou com o seu. Oh que grande desgraça esta! Todos a dar remedios a tudo, e ninguem a tomar remedio. Não só nos homens, em que as desgraças são em consequencia dos vicios, mas até nas mesmas virtudes acho esta desgraça: que maior virtude que a fé? Sem fé ninguem se póde salvar, mas em todos os que se salvam, se perde a fé; porque se não póde conservar com a vista. Que não possa haver céu sem fé, e que não possa haver fé no céu?

[1] *1.ª Epist. ad Corint.*, IX, 27.

Virtude que mette aos outros no céu, e fica de fóra? Virtude que salva aos outros e se perde a si? (Se nas virtudes póde haver desgraça) desgraçada virtude. Tal era a virtude milagrosa de S. Roque: dava remedio aos outros, e elle morreu sem remedio. Mas sendo esta desgraça tão grande, diz comtudo o Evangelista, que foi bemaventurado S. Roque: *Beati sunt servi illi;* porque em remediar aos outros e morrer sem remedio, se pareceu S. Roque com Christo morto.

A morte de Christo foi remedio nosso, mas não foi remedio seu. Remediou-nos Christo a nós, porque nos deu a vida; mas não se remediou a si, porque morreu. Esta foi a maior fineza do Salvador do mundo, bem ponderada dos homens, porém muito mal entendida e peor applicada. Quando Christo estava para espirar na cruz, blasphemavam os Principes dos Sacerdotes e diziam: *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere:* [1] Salvou aos outros, e a si não se póde salvar. Grande blasphemia contra Christo; mas grande louvor da paciencia, da misericordia e da caridade de Christo. Em dizerem que não podia, blasphemavam; mas em dizerem, que salvando aos outros (como salvou a tantos da morte) não se salvava a si, diziam o maior louvor e a maior gloria do mesmo Salvador, e do soberano modo com que salvava. A mais gloriosa fineza e a mais fidalga soberania de quem dá a saude e vida a outros, é não a tomar para si, antes dar-lh'a á custa da sua. Isto é o que fez Christo, e esta foi a maior acção de um homem, que juntamente era Deus. Oh divino Roque! Quão bem vos poderam blasphemar os Judeus, e quão justamente vos devemos louvar nós! Curava S. Roque milagrosamente a todos os feridos da peste; e quando o mundo o viu ferido do mesmo mal, cuidavam todos que elle se salvaria tambem a si, discorrendo com o máu Ladrão: *Salva temetipsum, et nos:* [2] porém o Santo, como verdadeiro imitador de Christo na morte, salvou aos outros, e a si não se salvou: *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere.*

---

[1] *Math.*, XXVII, 42
[2] *Ibid.*, XXVII, 40.

Tornemos áquelle *non potest*, que, bem examido, ainda contém outro maior premio da similhança de S. Roque com Christo. Christo absolutamente podéra dar a vida ao genero humano sem morrer; mas condicionalmente não podia: e neste sentido era verdadeira a proposição dos Principes dos Sacerdotes, posto que elles a não entendiam. Porque supposto o decreto divino tantas vezes declarado pelos Prophetas, de que o Filho de Deus morresse para salvar aos homens, não podia deixar de morrer. Pois assim como supposto o decreto de que Christo salvasse o mundo, por meio da morte da cruz, não podia deixar de morrer Christo, assim supposto o favor (que tambem foi decreto) de que S. Roque imitasse a Christo na similhança da sua morte, não podia deixar de morrer S. Roque. Christo dando a vida aos demais por meio da cruz, mas morrendo elle: e S. Roque tambem dando a vida aos outros, e tambem por meio da cruz, e morrendo elle tambem.

O modo com que S. Roque sarava aos apestados, era, fazendo sobre elles o signal da cruz. E esta cruz assim para com os outros, como para comsigo, foi em tudo a mais parecida com a cruz de Christo. A cruz de Christo como instrumento de nossa vida e da sua morte, se bem advertirmos, tinha direito e avesso. Para fóra dava vida, para dentro deixava morrer: para fóra dava vida, porque a cruz foi a arvore da vida de todo o genero humano: para dentro deixava morrer, porque em seus proprios braços espirou e morreu Christo. Tal a cruz ou o signal da cruz milagroso que formava sobre os apestados a mão de Roque. Nenhum signal da cruz se viu nunca no céu ou na terra, nem mais similhante, nem mais signal que este. Para fóra dava vida, porque a todos sarava do mortalissimo mal da peste, e para dentro deixava morrer, porque morreu S. Roque do mesmo mal. Christo morto com o remedio, em que dava a vida a todos, pregado nos braços: Roque morto com o remedio, em que dava vida a todos, formado nas mãos. E servo que morrendo se pareceu tão vivamente a seu Senhor, vêde se merece o nome, que lhe dá o Evangelho, de bemaventurado: *Beati sunt servi illi.*

VI

Somos chegados á ultima desgraça de S. Roque, que reservei para este logar, para que nos fique mais na memoria; porque por nossos peccados, não só a devemos considerar de longe, como desgraça sua, senão de perto e de dentro, como desgraça tambem nossa. Ardendo está em peste o reino do Algarve: e se der um passo adeante o incendio, que será de Portugal? Assim como foi S. Roque desgraçado com os remedios, foi tambem (e já o tinha sido) desgraçado com as enfermidades. Padecer alguma enfermidade, parece que é consequencia de ser mortal, e assim mais se deve chamar natureza que desgraça. Comtudo não deixa de ser desgraça, e notavel desgraça, que havendo um homem de padecer a miseria de enfermo, vá logo topar com a peor enfermidade, e a mais terrivel de todas. Assim lhe aconteceu a S. Roque: enfermou, e enfermou de peste. E entre as miserias que fazem tão terrivel, tão temido e tão aborrecido o mal da peste, duas são as que a mim me causam maior horror. A primeira ser a peste um mal, que do elemento da vida nos faz o instrumento da morte. O elemento da vida é o ar com que respiramos, a peste é esse mesmo ar corrupto e inficionado: e que haja um homem de beber o veneno na respiração? Que a respiração, que é o elemento e alimento da vida, se lhe haja de converter em instrumento da morte? Grande rigor! Espirar é morrer, respirar é viver: e que morra um homem espirando, isso é morte; mas morrer respirando? Que me mate o que me havia de dar vida? Bravo tormento!

Lança uma maldição David contra Judas e seus sequazes, e diz assim fallando com Deus: *Fiat mensa eorum in laqueum:* [1] Já que esse infame discipulo é tão ingrato, tão desleal, tão traidor, permitta vossa infinita justiça, Senhor, que a elle, e aos que forem como elle, da meza se lhes faça o laço: *Fiat mensa eorum in laqueum.* Não reparo em o laço se poder fa-

[1] *Math.*, XXII, 5.

zer da meza, porque tudo o que afoga é laço. N'outra maldição similhante tinha dito o mesmo David: *Pluet super peccatores laqueos:* que choveria Deus laços sobre os peccadores. Quantas coisas ha que parecem vindas do céu, e são laços? Uns tece o demonio, outros apertam os homens, outros chove Deus. Que foi o diluvio universal, senão laços chovidos? Com aquella agua chovida do céu se afogou o mundo. E se ha laços que se bebem, porque não haverá laços que se comam? Estes são os de que falla David: *Fiat mensa eorum in laqueum.* Mas já que ha tantos generos de laços, porque deseja o zelozo e justiceiro rei, que o laço com que se afogue Judas, seja laço feito da meza? Porque a meza é o instrumento natural da vida; e perder a vida pelos instrumentos da vida, é o mais terrivel genero de morte que se póde imaginar. Formar um laço de cordas, apertar com elle a garganta, fechar a respiração, e matar entre portas a vida, rigor é de morrer trabalhoso, violento, angustiado, terrivel; mas alfim é padecer a morte pelos instrumentos da morte: mas assentar-se á meza para alentar, para sustentar, para recrear a vida, e que o mesmo boccado que metto na bocca se me converta em laço na garganta, muito maior rigor, muito maior violencia, muito maior tormento, muito maior horror é este de morte, porque é perder a vida pelos instrumentos da vida. Perder a vida pelos instrumentos da vida, e converter-se a meza em laço, é morrer morte traidora. O boccado que me mata, é traidor, porque com pretexto de me sustentar a vida, m'a tira. E um traidor como Judas, era bem que o matasse uma morte tambem traidora. *Osculo tradis Filium hominis?* [1] Entregaste com um beijo, morrerás com um boccado. Finalmente, como a maldade de Judas merecia ser castigada com a mais cruel de todas as mortes, por isso desejava e pedia David, que o laço se lhe fizesse da meza, e não das cordas, porque muito mais cruel genero de morte é padecer a morte pelos instrumentos da vida, que perder a vida pelos instrumentos da morte. Assim o desejava David, mas muito melhor o executou Judas: David de-

[1] *Luc.*, XXI, 48.

sejava que a meza se lhe convertesse em laço, e Judas executou em si uma morte com o laço, e outra morte com a meza: uma morte com o laço, porque se enforcou; outra morte com a meza, porque commungou em peccado. Matou Judas o seu corpo, e matou a sua alma; mas muito mais cruel verdugo foi com a sua alma, que com o seu corpo, porque ao corpo deu-lhe a morte com o instrumento da morte: *Laqueo se suspendit:* [1] e á alma deu-lhe a morte com o instrumento da vida: *Qui manducat hunc panem, vivet.* [2] E morrer ás mãos da vida, ó que desgraça! Não applico, por não gastar dois tempos em uma coisa.

Vamos á segunda. A segunda razão ou miseria porque tenho pelo mais desgraçado de todos os males a peste, é, porque nas outras enfermidades o maior beneficio que vos póde fazer quem vos ama, é estar comvosco: na peste a maior consolação que vos póde dar, quem amaes, é fugir de vós. Mal em que o dizer, *estae commigo*, é querer mal, e o dizer, *fugi de mim*, é querer bem: Grande mal! Se a peste não fôra enfermidade mortal, só por isto matára. Acaba o ultimo Capitulo dos Cantares fallando a Esposa com o Esposo, e diz assim: *Fuge, dilecte mi:* [3] Fugi, amado meu. Estas foram as ultimas palavras que disse a Esposa; com estas se lhe acabou a vida, e se acaba a historia. O que reparo aqui, é que não diga o Texto de que morreu a Esposa, sendo que em todo o discurso de sua vida teve bastantes causas que lh'a pudessem tirar. Primeiramente a Esposa esteve enferma duas vezes, e de enfermidade perigosa: *Quia amore langueo.* Andou nos perigos da guerra com seu Esposo: *Equitatui meo in curribus Pharaonis assimilavi te amica mea.* [4] Roubaram-na e feriram-na os soldados dos muros: *Percusserunt me, et tulerunt pallium meum custodes murorum.* Viu-se por vezes maltratada de seu Esposo, e por ventura desprezada: *Surrexi, ut aperirem dilecto, at ipse declinaverat, atque transierat.* [5] Pois se a Esposa era tão forte con-

---

[1] *Math.*, XXVII, 5.
[2] *Joan.*, XIII, 18.
[3] *Cant.*, VIII, 14.
[4] *Ibid.*, V, 7.
[5] *Ibid.*, 5.

tra os trabalhos do corpo, e contra as molestias da alma; se esteve duas vezes enferma, e viveu; se a feriram e sarou; se foi á guerra, e tornou com vida; se se viu desquerida e desprezada, e teve constancia, que mal foi este agora tão grande a que não pôde resistir, e a matou com as palavras na bocca? As mesmas palavras o dizem: *Fuge, dilecte mi:* Fugi, amado meu. Viu-se a Esposa em estado (qualquer que elle fosse) que foi forçoso dizer a seu amado, que fugisse della: *Fuge, dilecte mi.* E quem se vê em tão miseravel estado, que lhe é forçoso dizer a quem mais ama: Fugi de mim, não lhe perguntem de que morre; esse mal a matou. Grandes males são as enfermidades, as feridas, as guerras, os desgostos, os desprezos, os temores, e outros que a Esposa padeceu, e se padecem no mundo: mas mal em que é forçoso dizer aos que mais amaes, que fujam de vós, esse é o maior mal de todos os males, esse é o que acaba o valor na maior paciencia, esse é o que tira a vida na maior constancia. Tal é o mal da peste. Um mal, em que haveis de dizer aos que mais amaes e vos amam, *fugi de mim.*

Não sei maior encarecimento da peste, em quanto mal particular e enfermidade de um homem, como era em S. Roque; mas em quanto mal commum, e enfermidade das cidades, das provincias, dos reinos, quem poderá bastantemente considerar, nem comprehender as infelicidades, as miserias, as lastimas, os horrores que em si contém a desgraça geral de uma peste? Os portos, e as barras fechadas, e os navegantes alongando-se ao mar, e não só fugindo da costa, mas ainda dos ventos della: os caminhos por terra tomados com severissimas guardas: o commercio e a communicação humana totalmente impedida: as ruas desertas e cobertas de herva e matto, como nos contavam e viram nossos maiores nesta mesma cidade de Lisboa: as portas trancadas com travessas e almagradas: as sepulturas sempre abertas, não já nas igrejas nem nos adros, senão nos campos, e talvez cahindo nessas sepulturas mortos, os mesmos vivos que levam a enterrar os outros defuntos: a fazenda adquirida com tanto trabalho, guardada com tanta avareza, estimada com tanta cubiça, já desprezada, e já lançada ou alijada, como na extrema tempestade, não á agua, senão ao fogo, e vendo-se arder

sem dôr: o amôr natural do sangue (como todo o outro amôr) ou attonito ou esquecido: os irmãos fugindo dos irmãos, os paes fugindo dos filhos, os maridos fugindo das mulheres, e todos querendo fugir de si mesmos, mas não podendo, porque a sahida é indispensavelmente vedada, e impossivel. A razão e a piedade teem alli cruelmente prezos e sitiados os miseraveis, para que se matem antes a pé quedo entre si, e não sáiam a matar os outros: mas, ó que dôr! ó que angustia! ó que ancia! ó que violencia! ó que desesperação tão mortal! E nem ainda para cuidarem os homens, ou pasmarem deste seu estado, lhes dá tempo, nem logar a morte. Em seis horas matou a peste de David setenta mil de um povo. Vêde em tal horror, e tão subito, se haveria homem que estivesse dentro em si, e se estariam tão mortos em pé os mesmos vivos, como os que cahiam mortos? Isto que digo, christãos, ou isto que não sei dizer, praza a Deus que o oiçamos sómente, e que o não vejamos, nem experimentemos. Mas do Algarve a Portugal é menos, que de Tanger ao Algarve, e não ha tanto mar nem tantos ventos em meio.

As diligencias, as vigias, as cautelas que se fazem contra este mal tão visinho, são muito prudentes, muito devidas, muito necessarias: mas contra os golpes da espada do céu, valem pouco os reparos da terra. No meio do destroço ou carniceria que ia fazendo a peste de David no mal contado povo de Israël, poz os olhos no céu o lastimado e lastimoso rei, e viu um Anjo com a espada desembainhada, e escorrendo sangue, que já ameaçava o golpe sobre a côrte de Jérusalem. Ah se Deus nos abrisse agora os olhos como é certo que haviamos de vêr a mesma espada gotteando já sangue nosso, e ameaçando mais sangue, e maior golpe sobre Lisboa, e sobre Portugal! O peccado porque Deus castigou com aquella horrenda peste a David, comparado com os nossos peccados, póde-se chamar innocencia: mas então não tinha Jérusalem, nem tinha Israël um S. Roque como hoje tem Lisboa e Portugal, que tivesse mão a Deus no braço da espada. Os grandes males pedem grandes remedios, e um mal tamanho como o da peste, só o podia remediar um tamanho Santo como S. Roque. Canonisado está S. Roque no mun-

do com o nome de advogado da peste; mas a mim me parece muito vulgar esse nome, e muito desegual á grandeza de seus poderes, e aos effeitos prodigiosos de sua virtude. Só um nome acho egual á virtude de S. Roque, e é chamar-lhe peste da peste. Parecevos injuriosa a novidade do appellido? Ora para que conheçaes a grande gloria desta injuria, sabei com maior admiração, que foi S. Roque peste da peste, para ser similhante a Christo crucificado. E' a quarta similhança que nos faltava para beatificar a quarta e ultima desgraça de S. Roque: *Beati sunt servi illi.*

Muitos seculos antes de Christo ser pregado na cruz, mandou publicar para aquelle tempo, ou uma sentença, ou uma ameaça contra a peste, dizendo assim pelo Propheta Oseas: *Ero pestis tua, ó pestis.* [1] Eu serei tua peste, ó peste. Assim se lê no Texto original hebreu, onde a Vulgata, com termos mais universaes, tresladou: *Ero mors tua, ó mors.* A propriedade das palavras não póde ser maior, mas a verdade e applicação dellas, parece que padece egual difficuldade. A peste, como diziamos, é o ar corrupto e contagioso: como se póde logo verificar em Christo crucificado, que fosse peste da peste? Responderei, se me satisfizerem primeiro a outra pergunta. Pergunto: porque quiz Christo morrer no ar, e ao ar? No ar, sendo levantado em uma cruz, ao ar, sendo crucificado em um monte descoberto e patente? Bem podéra Christo morrer dentro no Templo, e com grande conveniencia, pois era a victima, e o sacrificio de nossa Redempção. Bem podéra morrer sobre a terra, e tambem com grande conveniencia, pois a terra e os homens, de terra eram, os que vinha salvar. Que razão teve logo Christo para não querer morrer senão no ar, e ao ar? A pergunta e a resposta tudo é de S. João Chrysostomo: *Quare in edito loco, et non sub tecto? In excelso loco, ut æris naturam purgaret, oblatus est.* Escolheu Christo padecer no ar e ao ar, em um monte, e em uma cruz, levantado e suspenso, porque assim como com a vida tinha santificado a terra, assim na morte queria purificar o ar: na vida peregrinando de um logar em outro logar, santificou a terra com os pés: na morte sendo

[1] *Oseas*, XIII, 14: *Lect. Hebr.*

levantado, e estendido na cruz, purificou o ar com os braços. Mas que corrupção, ou que impureza havia no ar, pela qual houvesse mister purificado? S. Athanasio o explicou, seguindo o mesmo pensamento, que tambem é de S. Cypriano: *Solus ille in ære moritur, qui in cruce vitam finit: quare non sine ratione cum Dominus sustinuit, ita enim sublimatus ærem purgavit ab omni diaboli, omniumque dæmonum infestatione:* Quando os demonios cahiram do céu, não desceram todos ao inferno, mas muitos ficaram nesta região inferior do ar para tentar os homens, e lhes fazerem guerra. Por isso S. Paulo chama aos demonios potestades do ar: *Potestates æris hujus.* [1] E como o elemento do ar estava corrupto, inficionado, e apestado com o contagio de tão immundos espiritos, para Christo alimpar e purificar aquelle elemento, quiz obrar nelle o mysterio da Redempção, e escolheu entre todos os instrumentos da morte, uma cruz que o tivesse levantado e suspenso da terra, para sarar o ar no mesmo ar: *In excelso loco, ut æris naturam purgaret.* E este foi o segredo da cruz, occulto a todos os seculos, com que ameaçava Christo pelo Prophela haver de ser peste da peste: *Ero pestis tua, ó pestis.*

Bem está, mas ainda não se aquieta o pensamento, porque ser peste da peste, é mais que sarar de peste. Para sarar de peste, basta saral-a de qualquer modo; mas para ser peste da peste, é necessario sarar a peste, pelo mesmo modo com que a peste costuma inficionar e matar. Assim é, e assim foi em Christo com admiravel propriedade: não só foi Christo peste da peste, porque matou a peste, mas foi peste da peste, porque matou a peste, assim como a peste mata. E como mata, ou como costuma matar a peste? O modo de matar da peste é por contagio, crescendo, e continuando-se a corrupção pela communicação das partes. Corrompe o veneno da peste a primeira parte do ar, e estando uma parte do ar corrupto, passa a corrupção á outra parte, e assim de parte em parte se vae corrompendo tudo. Dá na casa, e leva a rua, dá na rua, e leva a cidade, dá na cidade, e leva o reino. Tal foi na cruz a

[1] *Ephes.*, II, 2.

peste e contagio da vida contra a peste, e contagio da morte. As primeiras partes do mundo que se purificaram com a virtude do Crucificado, foram as do monte Calvario: de lá se passou o contagio a Jerusalem, de Jérusalem a toda a Palestina, e da Palestina a todas as quatro partes do mundo. Por uma parte pegou no Egypto, e levou a Africa: por outra parte pegou na Arabia, e levou a Asia: por outra parte pegou na Grecia, e levou a Europa: e assim de terra em terra, ou de ar em ar, lavrou a peste da saude, e purificou o mundo, desempenhando-se com admiravel secreto, e prodigiosa propriedade, a promessa ou a ameaça de Christo, e sendo verdadeiramente na cruz peste da peste: *Ero pestis tua, ó pestis.*

Assim como foi peste da peste Christo crucificado, assim é peste da peste S. Roque. Não temos menos auctor, nem menor prova desta verdade, que o testemunho universal de toda a Igreja Catholica no Concilio Constanciense. Deu o mal da peste na cidade de Constancia, quando nelle se celebrava o Concilio. Ardia, abrazava-se, e despovoava-se tudo: recorre aquella sagrada Congregação aos remedios divinos, tira em procissão uma imagem de S. Roque; coisa maravilhosa; ou coisa sem maravilha! Como se sahira uma peste contra outra peste, ou um contagio de vida contra outro contagio de morte, ao mesmo passo que ia andando a procissão, ia tambem andando, ou se ia ateando a saude. E assim como no furor da peste quando lavra, se vêem cahir com horror, aqui uns, acolá outros mortos, assim naquelle triumpho da vida se viam com admiração e assombro de alegria, agora levantar estes, depois aquelles, e finalmente todos saltando das camas ás janellas, ás portas, ás ruas, acclamando com vozes que chegavam ao céu ao poderoso triumphador da morte, ao milagroso restaurador da saude, ao glorioso obrador de tão grande maravilha; emfim, a nova e vencedora peste da sua peste: *Ero pestis tua, ó pestis.*

A maior maravilha em genero de saude milagrosa, que assombrou este mundo, foi a que dava S. Pedro aos enfermos, só com a passagem da sua sombra. E o mais maravilhoso desta maravilha, em que consistia? Consistia, em que estando grande multidão de enfermos estendidos pelas ruas, esperando que passasse S. Pedro, bastava que a sombra do Apostolo

tocasse a um, para que sarassem todos: *Ut saltem umbra illius obumbraeret quemquam illorum, et sanarentur.* [1] Assim o diz o rigor das palavras: mas como podia ser assim? O instrumento da omnipotencia e da saude, era a sombra de Pedro: pois se a sombra de Pedro tocava só a algum dos enfermos: *Quemquam illorum:* como podia ser que sarassem todos: *Et sanarentur?* Somos forçados a confessar, que a saude que dava S. Pedro, era saude com propriedades de peste. Assim como na peste natural basta que dê a enfermidade em um, para que delle vá lavrando, e se pegue aos demais, assim neste contagio divino, bastava que um recebesse a saude, para que delle se fosse ateando, e se communicasse a todos. Esta foi a maior maravilha do maior dos Apostolos. Mas S. Roque que teve, ou por premio das suas desgraças, ou por primor de suas grandezas, não ter nellas outra similhança senão a de Christo, só a Christo se pareceu na virtude deste divino contagio, excedendo nella a S. Pedro, quando menos em duas grandes vantagens. O mesmo Texto as aponta: *Concurrebat multitudo vicinarum civitatum Hierusalem afferentes ægros.* Estava S. Pedro em Jérusalem, e de todas as cidades visinhas traziam grande multidão de enfermos, para que o Santo os curasse: E depois de estarem os enfermos em Jérusalem, que faziam? *Ita ut in plateas ejicerent infirmos, et ponerent in lectutis, ac grabatis, ut veniente Petro, etc.* Punham os enfermos pelas ruas nos seus leitos, para que passando S. Pedro os tocasse a sua sombra, e recebessem saude. De maneira que para S. Pedro dar saude aos enfermos, eram necessarias duas diligencias: a primeira, que viessem das outras cidades a Jérusalem, onde estava S. Pedro: a segunda, que depois de estarem naquella cidade, os puzessem na rua, por onde S. Pedro havia de passar.

Comparae agora, quanto maior foi a maravilha que viu a cidade de Constancia em S. Roque, do que a que viu a de Jérusalem em S. Pedro. Sahiu a imagem, que é a sombra de S. Roque, pelas ruas de Constancia, e sem se tirarem os enfermos ás ruas, saravam nas casas, saravam nas enfermarias, sara-

[1] *Act.*, v, 15.

vam nos hospitaes, em fim, em qualquer parte da cidade, por remota, por distante, por occulta que fosse, saravam todos. E parou aqui a saude? Não parou aqui. Não só ardia em peste a cidade de Constancia, mas todos os povos grandes, pequenos, e maiores daquella provincia se estavam abrazando, e perecendo no mesmo incendio: mas tanto que S. Roque sahiu fóra, e o ar reconheceu o imperio de sua presença, e tocou, ou foi tocado de sua virtude, no mesmo ponto toda aquella multidão immensa de feridos e apestados, sem elles virem a S. Roque, nem S. Roque ir a elles, ficaram sãos e livres em toda a parte. Isto sim, que é purificar o ar por verdadeiro contagio: isto sim, que é verdadeiramente peste da peste. Contagio era o da virtude de S. Pedro, mas contagio que não passava de cidade a cidade, nem de rua a rua, nem ainda da rua á casa, senão de um enfermo a outro: em fim, contagio, que não merecia nome de peste. Mas o contagio da virtude de S. Roque verdadeiramente era peste de peste, porque saltava de um enfermo em outro enfermo, de uma casa em outra casa, de uma rua em outra rua, de uma cidade em outra cidade; lavrando e ateando-se a saude em um momento em uma provincia inteira, e não passando adeante, porque não havia mais que sarar. Finalmente, Christo nos braços da cruz, S. Roque sobre os hombros de homens, um e outro levantado no ar: *In edito loco:* para que? Um e outro para purificar o ar: *Ut æris naturam purgaret:* um e outro para ser peste da peste: *Ero pestis tua, ó pestis.*

VII

Este é o mal que nos está ameaçando, Christãos, esta é a espada da Divina Justiça, que já temos mettida no peito, e só lhe falta penetrar mais, e chegar ao coração. O que importa é (se os mesmos peccados que provocam o castigo, nos não cegam) que pois temos o remedio tão prompto, tão poderoso, e tão propicio nos soccorramos delle a tempo: invoquemos a S. Roque com grande fé, e com grande confiança, peçamos-lhe nos valha neste trabalho tão proprio dos seus poderes e da sua virtude. Ou, para não sermos

ingratos, não lhe peçamos que nos valha, senão que continue a nos valer: porque elle é o que nos tem valido, e elle é o que nos está valendo. Quem cuidaes que está tendo mão na peste nas raias do Algarve? Quem cuidaes que a está rebatendo para que não entre em Portugal, senão a virtude daquelle glorioso triumphador della, sempre tão propicio a este reino? Mandou Deus fogo do céu, que abrazasse o povo de Israël (tambem por muito menos peccados do que são os maiores nossos) ia lavrando o incendio desapoderadamente, e já tinha abrazado e feito em cinza a mais de quatorze mil, quando acudiu a toda a pressa Arão com um thuribulo nas mãos, e diz o Texto, que mettendo-se entre os mortos e os vivos, e fazendo oração pelo povo, parou o incendio: *Stans inter mortuos, et viventes, deprecatus est, pro populo, et plaga cessavit.* [1] Christãos portuguezes, já a ira do céu sahiu da mão de Deus, como disse Moysés neste caso, já o fogo está ateado, já nos está abrazando: *Jam egressa est ira à Domino, et plaga desævit.* E se o incendio tão poderoso, e tão apoderado contra sua natureza, tem parado naquellas raias, e não passa adeante, é porque S. Roque, como outro Arão, se metteu *inter mortuos et viventes*, entre os mortos do Algarve e os vivos de Portugal, e alli com o incenso de suas orações está conservando e preservando o ar puro e são desta parte, para que o não corrompa o inficionado da outra.

Oh quem me dera palavras, poderoso Santo, para dignamente vos louvar neste caso, e explicar a grandeza desta maravilha! Que poder se viu nunca no mundo, que fizesse uma risca no ar, e puzesse limites ao de uma parte, para que não passasse á outra? Isto é o que estaes obrando, e o que estamos vendo. A maior maravilha que Job considerava no poder de Deus, era pôr balisas ao mar, e dizer-lhe: aqui chegarás, e não passarás d'aqui: *Circumdedi illud terminis suis, et dixi, huc venies, et non procedes amplius.* [2] Mas quanto maior e mais prodigiosa maravilha é ter posto estas mesmas balisas ao elemento do ar, tanto mais livre, tanto mais mudavel, tanto mais

[1] *Num.*, XVI, 48.
[2] *Job.*, XXXVIII, 10.

subtil, tanto mais indomito, tanto mais furioso, tanto mais inconsiderado? Assim o vem S. Roque hoje enfreado, e obediente nas raias de Portugal, permittindo-lhe sómente, que chegue até alli: *Huc venies:* e mandando-lhe com imperio omnipotente, que pare, e não dê um passo mais adeante: *Et non procedes amplius*,

Mas o que até agora tem sido tão poderosa resistencia, glorioso Santo, muito maior gloria será de vosso poder, se fôr perfeita victoria. Assim o pede a inteira imitação de Christo crucificado, e o milagroso e singular titulo que delle participastes de peste da peste. Bem vemos e conhecemos que a virtude deste soberano titulo devemos á suspensão maravilhosa daquelle contagio, que não póde ser obra da natureza. Bem vemos e conhecemos que nas raias de Portugal se estão combatendo fortemente a morte e a saude; e que, se não tem entrado, nem prevalecido contra nós a peste dos homens, é porque temos da nossa parte a peste da peste. Ide por diante pois, glorioso vencedor, ide por diante, e possam mais diante de Deus para com vossa piedade, as miserias que padecem aquelles tão affligidos povos, que a continuação das culpas nossas, com que ainda ajudamos o castigo das suas. Suppra o vosso poder a nossa fraqueza, suppra o vosso merecimento a nossa indignidade, suppra a vossa graça com Deus a nossa ingratidão tão repetida. Assim o cremos, assim o esperamos da virtude de vossa intercessão, e que assim como as nossas culpas nos fizeram companheiros desta vossa desgraça, assim o vosso favor nos faça participantes do remedio della, que é a ultima bemaventurança vossa, com que aquellas venturosas quatro desgraças vos fizeram quatro vezes bemaventurado: *Beati sunt servi illi.*

SERMÃO PARA O DIA

DE

S. BARTHOLOMEU *

Elegit duodecim ex ipsis, quos et Apostolos nominavit. [1]

I

Temos hoje desvelado a Christo: *Erat pernoctans:* e com razão desvelado. Havia de eleger os pastores de sua Igreja: havia de eleger os maiores ministros de sua monarchia: justa e exemplarmente se desvela. Nenhum negocio mais deve tirar o somno a um principe, nenhum o deve desvelar mais, que a eleição dos grandes ministros; porque desta eleição dependem todas as eleições, todas as resoluções, todas as execuções, e todo o bom governo e felicidade da republica. Aqui se faz, ou se desfaz tudo. Justamente logo se desvela o supremo Rei, justa e exemplarmente o supremo Pastor: *Fugiebat somnus ab oculis meis:* [2] dizia Jacob, quando pastor de Labão. Se o cuidado das ovelhas tanto desvelava ao pastor, quanto mais deve desvelar ao dono a eleição dos pastores? Lembra-me (vamos do monte ao mar) lembra-me que no mar de Tiberiades corria fortuna a barca do apostolado; e no maior rigor da tempestade se diz de

---

* Foi este Sermão prégado em Roma, na occasião da promoção de Cardeaes. N'este discurso prégado a Cardeaes vê-se com quanta doutrina Vieira se mostrava mestre em tudo e para todos. Este Sermão é um verdadeiro discurso moral; não lhe falta elegancia; repassa-o todo o sabôr vieirense. Não podia ser melhor adaptado á festa que se solemnisava.

[1] *Luc.*, VI, 13.

[2] *Gen.*, XXXI, 40.

Christo, que dormia: *Ipse verò dormiebat.* [1] No mar, Senhor meu, dormindo, e no monte desvelado? Não vos tira o somno a tempestade; e a eleição dos que vão na barca vos desvela tanto? Sim: que quem se desvela nas eleições, não periga nas tempestades. Pedro estava ao leme; André, João e Diogo, e os demais aos remos: e quando está a barca tão bem provida, bem póde dormir o patrão. A tempestade estava no mar, a segurança no monte. Onde se fez a eleição, alli se venceu o perigo: e onde estava o perigo, alli houve de ser o desvelo: *Erat pernoctans.*

Este é o ponto sobre que havemos de fallar hoje: materia não só grande, mas entre as maiores a maior. Como se devem eleger os grandes ministros. Christo nos ensinará, e sua Mãe Santissima nos alcançará a Graça: *Ave Maria.*

II

Elegit duodecim ex ipsis, quos et Apostolos nominavit

Elegeu Christo hoje os maiores ministros de sua Igreja: e no modo e circumstancias admiraveis desta eleição, deixou canonicamente prescripto a seus successores, como elles tambem os haviam de eleger. Todo o exemplar se reduz a tres regras: Primeira, com quem se ha de fazer a eleição? Segunda, quaes devem ser os eleitos? Terceira, quantos se hão de eleger? Em tres palavras. Com quem? Quaes? E quantos? Comecemos.

A primeira pergunta destas é: Com quem se hão de fazer as eleições? Com os parentes? Com os amigos? Com os interessados? Não, e sim. Não com os parentes, mas com o mais parente: não com os amigos, mas com o mais amigo: não com os interessados, mas com o mais interessado: com Deus: *In oratione Dei.* No Sagrado Collegio tinha Christo parentes, tinha amigos, tinha interessados. Tinha parentes, porque tinha a João, e os dois Jacobos primos seus: porém não consultou estes parentes, senão a Deus, que é o mais parente, porque é Pae. Tinha amigos, e mui-

[1] *Math.*, VIII, 24.

to do seu seio, Pedro, João, e Diogo, dos quaes fiava tudo; porém não consultou estes amigos, senão a Deus, que é o mais amigo, porque o seu amôr é fiel, e sua vontade recta. Tinha interessados, e estes (como costuma ser) eram todos: *Quis eorum videretur esse major.* [1] E não consultou estes interessados, senão a Deus, que nesta eleição era o mais interessado; porque nos ministros idoneos de sua Igreja vae empenhado seu serviço, sua honra, sua gloria, e o bem e salvação do mundo. Por isso o humanissimo Senhor que em outras occasiões chamou a conselho a seus Discipulos, nesta nem lhes quiz perguntar, nem os quiz ouvir: antes, como bem advertiu o grande Arcebispo de Bulgaria Theofilato, para exemplo e doutrina dos que agora haviam de ser eleitos, e depois eleitores, tratou tudo com Deus só por só, em larga oração: *Post orationem* (diz elle) *elegit discipulos, ut doceat etiam nos, quando quempiam in spirituale ministerium sumus ordinaturi, cum precibus hoc faciamus, ut doctis à Deo, et ab illo petentibus revelet, quis idoneus sit.*

Todas as circumstancias do caso prégam e confirmam esta verdade. Primeiramente: *Exiit in montem:* Subiu-se Christo a um monte. Os politicos dirão aqui, que para fazer eleições similhantes, importa subir a um monte, e muito alto, donde se descubra e veja todo o mundo, os reinos, os estados, os principes, as dependencias, o poder de uns, a declinação de outros, o de perto, o de longe, o que é, o que póde ser. Mas este modo de subir ao monte mais tem de tentação, que de eleição: *Assumpsit eum diabolus in montem excelsum, et ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum:* [2] E a que fim? *Si cadens adoraveris me.* [3] Subir ao monte para descobrir desde o alto os reinos do mundo, e vêr sua grandeza, e onde se acham menos ou mais gloriosas as suas corôas, é mais a proposito para adorar ao diabo, que para eleger instrumentos que o destruam. Christo subiu ao monte nesta occasião, não para vêr o mundo, mas para se apartar mais delle, e para pôr os olhos

[1] *Luc.*, XXII, 24.
[2] *Math.*, IV, 8.
[3] *Ibid.*, 9.

mais de perto no céu. Por isso subiu de noite, e não de dia: *Erat pernoctans.* Notou Philo Hebreu discretamente, que o dia descobre a terra, e encobre o céu; a noite descobre o céu, e encobre a terra. Esta é a melhor hora de eleger, quando a terra se fecha aos olhos, e o céu se abre. Por isso vae o Senhor de noite, e ao monte. De noite, para não vêr a terra, senão o céu; ao monte, para o vêr mais livremente, e mais de perto: *Exiit in montem, et erat pernoctans.*

Este tempo e este logar escolheu Christo para fazer a eleição em seu logar, e a seu tempo. E para que fosse acertada, a consultou só por só com Deus: *In oratione Dei.* Com Deus propunha os fins, sendo o unico fim o mesmo Deus: com Deus consultava os meios, não havendo coisa em meio entre elle e Deus: com Deus media os talentos, com Deus pezava os merecimentos, e onde estes eram maiores, elle era o que intercedia, elle era o orador: *In montem orare.* Orava como homem, para eleger como Deus: orador, e não orado. Vêde a differença maior desta eleição. Nas côrtes do mundo os interessados oram, o principe elege. No consistorio de Christo os interessados calam, o principe ora. Os eleitos não se hão de pedir ao principe, ha de pedil-os o principe a Deus. Estavam duas cadeiras vagas no Apostolado, pediu-as ambas a viuva do Zebedeu: E que respondeu Christo? Que pelo menos lhe daria uma, para satisfazer com outra a outros espiritos eguaes? Não. O que respondeu foi: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est à Patre meo.* [1] Divino modo de negar sem offender. Eleja Deus, e não se offenderão os homens: seja Deus o que eleja, e Deus o que nomêe. A nomeação e a eleição tudo ha de ser de Deus: *Elegit duodecim, quos et Apostolos nominavit.* Depois que Christo orou ao Eterno Padre, então sahiu a nomeação e a eleição: e primeiro a eleição que a nomeação: *Elegit, et nominavit.* Se um nomêa quando outro elege, não elege quem elege, elege quem nomêa.

Bastava só esta razão para ser Deus e só Deus o consultado nas eleições; mas ha outra mais interior e mais forçosa: o acerto. Não ha coisa mais

[1] *Math.*, xx, 23.

difficil, que eleger um homem a outro homem; porque, ou o conhece, ou não. Se o não conhece, elege ás cegas: e se o conhece, tambem: porque se o conhece, ou o ama, ou o aborrece; e tão cego é o amôr, como o odio. Mas é certo que com a paixão, ou ainda sem ella, nenhum homem conhece a outro. O conhecimento do homem é reservado sómente a Deus, e ainda nelle admiravel: *Mirabilis facta est scientia tua ex me.* [1] Necessario é logo que se peça a Deus, orando, o que o homem nem por si, nem por outrem, póde alcançar, conhecendo. Assim o fizeram os mesmos que hoje foram eleitos, quando quizeram substituir o logar que vagou de Judas.

Propoz S. Pedro: e elle e os demais Apostolos escolheram de todos os Discipulos os mais eminentes em santidade, e os mais experimentados nos exercicios e ministerios do Apostolado, que foram Mathias, e José, chamado o Justo. Isto feito se poz todo o Collegio em oração. E que pediram a Deus? *Orantes dixerunt: Tu Domine, qui corda nosti omnium, ostende quem elegeris ex his duobus.* [2] Vós, Senhor, vós que só conheceis os corações, e o interior dos homens, vêde qual destes dois elegeis: e assim se fez a eleição. Elles propuzeram e oraram, Deus elegeu. E para ensinar Deus quão errados (ainda sem paixão) são os juizos humanos, não elegeu para Apostolo, aquelle a quem os homens tinham dado o nome, ou a antonomasia de Justo. Assim succedeu Mathias no logar em que hoje foi eleito Judas. Torno a dizer: em que hoje foi eleito Judas. Se em doze eleitos por Christo, e com Deus, se achou um Judas; em doze eleitos sem Deus, e sem Christo, quantos se acharão? Queira o mesmo Deus que não sejam mais de onze. Por isso só se deveram fazer as eleições com Deus. Corra por conta de Deus o acerto. Como faça o eleitor sua obrigação, não importa que o eleito não faça a sua. Judas não fez o que devêra; mas Christo fez o que devia, porque orou antes de eleger, e o consultou primeiro, e mui devagar com Deus: *Erat pernoctans in oratione Dei.*

Em uma noite se fizeram e acabaram de fazer as

---

[1] *Psal,* CXXXVIII, 6.
[2] *Act.,* I, 24.

eleições, e ao amanhecer do outro dia se nomearam os Apostolos: *Et cum dies factus esset.* [1] Que brevemente se conclue o que se consulta só com Deus! Onde não entram razões temporaes, não se gasta tempo. Toda a noite parece que gastou Christo, como significa o termo: *Erat pernoctans.* Mas é assaz, que doze eleições se façam em doze horas. Quantos dias, quantos mezes, quantos annos se gastam muitas vezes em eleger um homem? E' porque não se fazem as eleições com Deus. Direis que é necessario fazel-as com grande consideração. Tambem assim o digo. Com consideração, sim: com considerações, não; e as considerações, são as que levam e as que gastam o tempo. Não quero para isto outro auctor, que o grande Pontifice S. Gregorio, mui costumado a fazer grandes eleições. Elegeu Samuel a Saül, e fez-se a eleição com toda esta cerimonia. No primeiro escrutinio sahiu a tribu de Benjamin: no segundo a familia de Metri: no terceiro a casa de Cis: no quarto a pessoa de Saül. *Quid in hoc significatur* (diz S. Gregorio) *nisi quia Sanctæ Ecclesiæ Principes multa consideratione eligendi sunt?* Quiz com isto significar Deus que os Principes de sua Igreja se hão de eleger com muita e mui larga consideração. Assim foi: mas tudo se fez em quatro escrutinios, e tudo em um dia, porque se fez sómente com Deus, sem outras considerações, nem dependencias. Sobre a eleição do sacerdocio concorreram as doze Tribus com outras tantas varas, que foram levadas ao Tabernaculo e se puzeram na presença de Deus, e em uma noite a vara de Arão se cobriu de folhas, se esmaltou de flôres, e se encheu de fructos, com que elle foi o eleito e declarado Summo Sacerdote. Para fazer outro tanto a natureza com as raizes na terra, fôra necessario um anno; mas como as varas desarraigadas da terra se puzeram na presença de Deus, bastou uma noite. Nesta noite, em que orou Christo, doze vezes se multiplicou este milagre. Floresceram doze varas, e amanheceram ao mundo para a reforma delle, eleitos doze Apostolos. *Erat pernoctans in oratione Dei, et cum dies factus esset, elegit duodecim ex ipsis.*

---

[1] *Luc.*, VI, 13.

III

Passemos á segunda questão. Quaes hão de ser os eleitos? Os máus? Claro está que não. Logo os bons? Não digo isso. Nem os máus, nem os bons, senão os melhores. Já o disse mal, e ainda pouco. Os melhores dos melhores digo, quaes eram os que hoje elegeu Christo. Os melhores do povo de Israël eram os que criam em Christo: os melhores que criam nelle eram seus Discipulos, e os melhores de seus Discipulos foram os doze que hoje elegeu e nomeou por Apostolos: *Elegit duodecim ex ipsis, quos et Apostolos nominavit.* Note-se muito, não só a quem e a quaes, mas de quem e de quaes escolheu: *Ex ipsis.* Entre os Discipulos estava Lucas, estava Marcos, estava Estevão, e tantos outros eminentemente bons, e melhores que bons. Mas o Senhor como elegia os Apostolos para eminentissimos, não elegeu os melhores dos bons, senão os melhores dos melhores. Esta foi a razão porque Christo chamou diante de si a todos os Discipulos, quando escolheu aos Apostolos: *Vocavit discipulos suos, et elegit duodecim ex ipsis.* Para que á vista dos que deixava, se conhecesse melhor os que escolhia. Quiz que se lhe conhecesse o jogo pelo descarte. Quando Samuel houve de ungir a David, ordenou Deus que viessem primeiro diante delle todos os filhos de Jessé. Veiu o morgado Eliab: não é este, diz Deus: veiu Aminadad; nem este: veiu Sama, e outros sete irmãos, e nenhum delles escolheu Deus; até que veiu do campo David. Pois se David era o escolhido, para que veem primeiro á presença de Samuel todos os filhos de Jessé? Para que vendo Samuel e o pae, quaes eram os que Deus deixava, conhecessem melhor qual era o que escolhia: *Vocavit discipulos suos.* Venham todos os Discipulos diante de Christo: exclua-se um Marcos, exclua-se um Lucas, exclua-se um Estevão, para que á vista da grandeza dos excluidos, se conheça melhor a eminencia dos doze eleitos: *Et elegit duodecim ex ipsis.* Nas promoções humanas os excluidos condemnam as eleições: nas divinas os excluidos qualificam os eleitos.

Duodecim ex ipsis. Não se fez aqui a eleição entre escolhidos e reprovados, senão entre escolhidos e

escolhidos, porque quando se elegem Principes da Igreja, não se ha de eleger o escolhido do reprovado, senão o escolhido do escolhido. Ouvi um grande logar do Evangelho, que ainda entre grandes Espositores anda mal entendido. Chamou o Pae de familias os operarios que haviam de trabalhar na sua vinha, uns mais cedo, outros mais tarde, a differentes horas do dia, e no fim do mesmo dia receberam todos o seu jornal, começando não dos primeiros, senão do ultimo. D'aqui tirou e inferiu o Senhor aquella tão celebrada conclusão: *Multi enim sunt vocati, pauci verò electi:* [1] Porque muitos são chamados, e poucos os escolhidos. A exposição commum destas palavras é, que sendo os chamados todos, os escolhidos são poucos, e os reprovados muitos. Mas neste logar é certo que esta mesma sentença repetida em outros, não quer dizer tal coisa, nem esse era o intento de Christo. Prova-se evidentemente, porque todos os que foram á vinha e entraram nesta comparação, foram escolhidos; porque todos receberam o jornal, ou denario, que é o premio dos que guardam os dez Mandamentos. Pois se todos eram escolhidos, como infere e conclue Christo que os chamados são muitos, e os escolhidos poucos? Porque a eleição de que o Senhor fallava nesta parabola, é a eleição da preferencia aos primeiros logares: *Erunt novissimi primi.* E esta eleição não se faz entre escolhidos e reprovados, senão entre escolhidos e escolhidos, quaes eram todos os que receberam o denario. E d'aqui se infere e conclue com toda a propriedade, que os chamados são muitos, e os escolhidos poucos; porque os chamados para esta eleição, são todos os escolhidos entre os demais, e os escolhidos para ella, são só os escolhidos entre os escolhidos. Assim se viu na eleição de hoje: os chamados foram muitos, porque foram todos os Discipulos: *Vocabit Discipulos suos.* Os quaes Discipulos eram todos escolhidos; porém os escolhidos destes escolhidos foram só os doze Apostolos: *Elegit duodecim ex ipsis. Ex ipsis:* que eram os escolhidos: *Ex ipsis:* que eram os melhores; porque os Principes da Igreja hão de ser o escolhido do escolhido, e o melhor do melhor.

---

[1] *Math.*, XX, 16.

Duas eleições temos de Deus no Testamento Velho, em que não se requeria, nem se professava tanta perfeição: e sendo não ecclesiasticas, senão seculares (e bem significativas da nossa Igreja, como notou S. Agostinho) vêde quaes foram os escolhidos. O primeiro foi Saül, o segundo David. E porque foi Saül o primeiro? Porque era o melhor, diz o Texto sagrado: *Non erat vir de filiis Israël melior illo:* [1] Nenhum em todo Israël era melhor que elle. E porque ninguem cuide que havia algum tão bom, accrescenta a mesma Escriptura, que ninguem lhe era egual: *Quoniam non sit similis illi in omni populo.* [2] Nenhum era melhor, porque dos melhores elle era um; e nenhum era tão bom, porque dos melhores elle era o melhor. David tambem vivia em tempo de Saül: donde se infere (coisa muito digna de se notar) que quando Saül foi eleito, era melhor que David. Assim o affirma o Bispo Abulense. (E accrescento a Abulense a prefação do Bispo, porque nenhuma auctoridade citei nem citarei neste sermão, que não sáia de Auctor constituido na primeira dignidade ecclesiastica). *Respondendum* (diz elle) *quod David erat melior Saül, postquam peccavit: Saül tamen, antequam peccaret, erat melior quam David.* Elegeu pois Deus a Saül, porque ainda que David era tão singular entre os melhores, comtudo Saül naquelle tempo era melhor que David. Não respeitou Deus em David, o que haveria de ser seu Pae, antepoz-lhe o melhor. E quando elegeu Deus a David? Quando foi melhor que Saül. Expressamente o Texto: *Scidit Dominus regnum Israel à te hodie, et tradidit illud proximo tuo meliori te:* [3] Tirou-te Deus hoje a corôa (diz Samuel a Saül) porque a tem dado a outro homem melhor do que tu és. Não ha outro porquê nas eleições de Deus, senão o ser, ou o não ser melhor. Quando Saül era melhor que David, elegeu a Saül: quando David foi melhor que Saül, elegeu a David: sempre o melhor do melhor.

Oh quão bem recebidas seriam as eleições, e quão applaudidos os eleitos e os eleitores, se observassem

[1] *1.º Livro dos Reis*, IX, 2.
[2] *Ibid.*, X, 24.
[3] *Ibid.*, XV, 28.

os homens esta regra de Deus! Eleito que foi Saül e achado (porque se escondêra) trouxe-o o Propheta Samuel a publico e mostrou-o ao povo: e que tal era? *Stetit in medio populi, et altior fuit universo populo ab humero, et sursum:* [1] Appareceu Saül em meio do povo, grandes e pequenos, e viram todos que dos hombros para cima era mais alto que todos. Não grande entre os pequenos, não maior entre os grandes, mas sobre todos os maiores maior: *Ab humero, et sursum.* Com toda a cabeça excedia aos demais. Não era maior na edade, nem maior na potencia, nem maior nos amigos e parentes, senão maior na cabeça; e por isso o fez Deus cabeça de todos. Então levantou o Propheta a voz e disse: *Certe videtis, quem elegit Dominus: quoniam non sit similis illi:* [2] Vossos olhos são testemunhas que este a quem elegeu Deus, é o maior e mais digno, e nenhum a elle egual. E a esta voz, e a esta vista, que se seguiu? Seguiram-se os vivas e acclamações de todos: *Vivat rex.* Elejase o maior e o melhor, e os mesmos excluidos dirão: Viva.

Portou-se Christo tão exacto na observancia ou no exemplar desta regra, que não só observou com os Apostolos eleitos a respeito dos excluidos, senão tambem a respeito dos mesmos eleitos uns com outros, elegendo e nomeando primeiro os maiores e melhores. Não sei se tendes reparado, que sendo os eleitos doze, as eleições foram seis. Assim se colhe dos Evangelistas, que com modo particular e nunca outra vez uzado, os vão contando a pares, e nomeando de dois em dois: *Elegit duodecim, quos et apostolos nominavit: Petrum et Andræam: Jacobum et Joannem: Philippum, et Bartholomæum*, etc. Elegeu Christo os doze Apostolos, não juntos, senão por partes e a pares: primeiro dois, Pedro e André; depois outros dois, Diogo e João; e assim os demais, preferindo sempre os melhores e mais dignos, começando por Pedro, e acabando em Judas. Porque não só devem eleger-se os melhores, mas ainda entre os melhores, que se elegem, os melhores dos melhores devem sahir primeiro. De sorte que as

[1] *1.º Livr. dos Reis*, x, 23.
[2] *Ibid.*, 24.

eleições que se fazem com Deus e por Deus, olham sempre tanto para o melhor, que se ha muitos melhores, os melhores dos melhores hão de ser os primeiros eleitos, e depois successivamente os outros. De doze, Pedro e André: de dez, João e Diogo: de oito, Filippe e Bartholomeu: e assim dos demais, dando-se sempre o primeiro logar e a primeira nomeação aos primeiros, isto é, aos que mais o merecem, não por outro respeito, que por melhores.

Mas porque esta doutrina parece miuda e apertada, é necessario darmos a razão della. Que razão ha para se elegerem não só os bons, senão os melhores; e ainda dos melhores os que forem ou o que fôr melhor? A razão é porque o que elege, não só é obrigado a procurar o bem publico, senão o maior bem. Por isso não deve eleger nem o máu, nem o bom, senão o melhor. O máu não, porque este fará mal: o bom tambem não, porque este fará menos bem: o melhor, e só o melhor, sim, porque este fará melhor. Entre o bom e melhor ha a mesma differença que entre o menos e o mais; e deste mais de bem que accresce sobre o menos de bem, não deve privar a Republica, ou a Igreja áquelle que é obrigado a lhe procurar o seu maior bem. Ha-se de pôr em balança o menos e o mais e assim se hão de fazer as eleições. O melhor, que póde servir mais á Igreja, eleito: o que a póde servir menos, ainda que bom, excluido. Que escreveu a mão de Deus quando foi excluido do governo e da corôa el-rei Balthasar? *Appensus es in statera, et inventus es minus habens.* [1] Foste pezado na balança, e achou-se que tinhas menos. *Menos* é correlativo de *mais:* e quem foi achado com mais em comparação de Balthasar, que foi achado com menos? Era o rei Cyro, que lhe succedeu. Poz Deus em balança de uma parte a Cyro, e da outra a Balthasar: e porque Cyro havia de ser mais util á Igreja e ao seu povo, que então estava desterrado e captivo em Babylonia, como verdadeiramente foi, mandando-lhe restituir a liberdade, a patria e o Templo: porque Cyro, digo, havia de ser mais util, e Balthasar menos; este *menos* lhe tirou a purpura e a corôa a Balthasar, e este *mais* a deu a Cyro.

[1] *Dan.*, v, 27.

Ha de fazer a balança da justiça neste caso o que a balança da cubiça nos seus. Digamol-o mais claro. Ha de fazer a cubiça do bem publico, o que faz a cubiça do bem particular. A quem dá a cubiça as dignidades e a quem as tira? Dá-as a quem vê que tem mais, porque recebe, ou espera mais: tira-as a quem vê que tem menos, porque ou não recebe, ou espera menos. Sabeis, sacerdote virtuoso, sabeis Religioso exemplar, sabeis, ministro zeloso e incorrupto, sabeis, doutor grão-lettrado, porque fostes excluido? Porque *Inventus es minus habens*. O eleito não tinha mais virtude, nem mais lettras, nem mais zelo, nem mais talento que vós, mas tinha mais. Quando se busca o que tem mais, pobre do que tem menos! Assim ha de attender ao mais e ao menos a cubiça do eleitor, sómente ambicioso do bem publico. Exclua aquelles de quem se espera menos, ainda que bons, e eleja os que promettem de si mais, que são os melhores. Este é o unico respeito que faz as eleições justas, e não respectivas. Todos os outros respeitos e attenções que respeitam ao bem util e particular, são peste da Republica, e tanto mais venenosa quanto mais chegada ás veias.

Dois respeitos, ou duas attenções podiam occorrer na eleição de hoje: uma do sangue, outra do temor: a do sangue em João, a do temor em Judas. João era parente e parente mui querido; mas nem por isso João foi anteposto a Pedro, senão Pedro a João. Judas não havia de seguir as partes de Christo, antes se havia de unir com a parcialidade de seus inimigos; mas nem por esse temor foi excluido Judas. E porque? Porque Christo tratava de eleger Apostolos e não de multiplicar creaturas: *Et Judam Scariotem, qui fuit proditor.* [1] Até Judas foi eleito, porque era ao presente dos melhores, ainda que depois fosse, ou havia de ser inimigo. Seja Judas traidor a quem o elege, mas quem elege, não seja traidor á eleição. Tão fiel, tão generoso, e tão magnanimo se mostrou Christo no eleger, ainda ao duodecimo dos doze: *Elegit duodecim ex ipsis.*

[1] *Luc.*, VI, 16.

IV

A terceira e ultima questão é: quantos hão de ser os eleitos? Hão de ser poucos, ou muitos? Numero certo, ou incerto? Arbitrario ou estabelecido? Cheio ou não cheio? A tudo responde Christo em uma palavra: *Duodecim:* doze. Vamos por partes. Se hão de ser poucos, ou muitos? Responde Christo, que poucos. E porque? Porque havendo de ser os eleitos, como dissemos, os melhores; quando não são muitos os bons, não podem ser os melhores muitos. Em poucos, ha ordem, ha união, ha conselho: na multidão, nem ordem, porque será perturbação; nem união, porque será discordia; nem conselho, porque sera tumulto. Os ministros hão de ser como as leis: as leis hão de ser poucas e bem guardadas; e os ministros poucos e escolhidos: *Elegit duodecim.*

Governa Deus a universidade deste mundo: e quantos lhe assistem? Sete Espiritos: *Gratia vobis, et pax ab eo, qui est et qui erat, et qui venturus est, et à septem Spiritibus, qui in conspectu throni ejus sunt.* [1] Sete com os olhos no que era, no que é, e no que ha de vir, bastam para manter o mundo em graça e em paz: *Gratia vobis et pax.* Mas perde-se a graça, e a paz não se acha, porque se poem os olhos, não no que é e ha de vir, senão no que não é e querem que seja, e no que não devêra vir, e querem que venha. Por isso não fazem setenta o que poderam fazer sete. E' verdade que os homens não são Anjos, ainda que o deviam ser. Assim o diz logo o mesmo S. João, nomeando os Bispos de Asia: *Angelo Ecclesiæ Ephesi: Angelo Ecclesiæ Smyrnæ: Angelo Pergami Ecclesiæ.* [2] Mas ainda que os homens não sejam Anjos, o que fazem sete Anjos, bem o podem fazer doze homens, se forem eleitos com Deus, e por Christo. Tudo tinha dito David: *Pro patribus tuis nati sunt tibi filii.* Pelos doze paes vos nascerão doze filhos: quer dizer: pelos doze Patriarchas fareis doze Apostolos: *Constitues eos Principes super omnem terram:* [3] A estes doze fareis principes de toda a terra.

---

[1] *Apoc.*, I, 4.
[2] *Ibid.*, II, 1, 8 e 12.
[3] *Psal.*, XLIV, 17.

E que se seguirá? *Memores erunt nominis tui: propterea populi confitebuntur tibi:* Elles se lembrarão de Deus, e Deus porá a seus pés todos os povos do mundo. Doze homens que se lembrem de Deus, bastam para sujeitar o mundo a Deus. Mas se estes, ou seus successores, se esquecerem de Deus, não só não hão de trazer os povos a Deus, mas Deus perderá os que já tinha. Tanto podem desfazer muitos homens, e tanto podem fazer poucos: *Multiplicasti gentem, non magnificasti lætitiam.* [1] O muito não o faz a multidão. A multidão faz muitos; os poucos fazem muito: *Non in numeri multitudine, sed in virtutis probitate multitudo consisti*, commenta o que sendo um, fez o que muitos não fazem, o grande Arcebispo de Constantinopla, Chrysostomo.

Mas este numero será bem que seja certo ou incerto? Arbitrario ou estabelecido? *Duodecim:* doze. Ensina Christo que ha de ser certo e estabelecido, e não incerto nem arbitrario. O numero dos doze Apostolos não só estava estabelecido, mas predestinado. Estabelecido nos doze Patriarchas, filhos de Jacob: nos doze exploradores da Terra da Promissão: nas doze fontes do deserto: nas doze pedras do Racional. Predestinado nos doze fundamentos, e nas doze portas da Cidade de Deus: nas doze estrellas da mulher vestida do sol; e nas doze cadeiras do Juizo Universal. E como era numero canonicamente decretado, e consagradamente mysterioso, sendo Christo superior a todas as leis, e Senhor dellas, observou exactamente a religião do mysterio, e não quiz mudar, nem alterar o numero. Ponderou o caso profundamente S. Paschasio, e diz assim: *Adeo autem Christus secum voluit esse duodecim, ut ne Judas posset efficere, ut tantum essent undecim.* Foi tão observante, e tão observador Christo do numero decretado, que teve por melhor metter no numero a Judas, que não observar pontualmente o numero. Sejam doze, como está decretado, ainda que Judas seja o duodecimo. E se foi muito não diminuir o numero por Judas, não foi menos não accrescentar o numero, nem por Marcos, nem por Estevão. Não se altere o numero estabelecido, ainda que fiquem fóra delle o terceiro Evangelista, e o primeiro Martyr.

---

[1] *Isai.*, IX, 3.

Maior ponderação. Pergunta S. Pedro a Christo: *Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te, quid ergo erit nobis?* [1] Responde Christo: *Sedebitis super sedes duodecim.* Vós os que deixastes por mim tudo, e me seguistes, sentar-vos-heis no dia do meu Juizo sobre doze cadeiras. Senhor meu! E se houver tambem outros que vos sigam, e deixem tudo por vós, como os Apostolos, e mais ainda que elles, não haverá cadeiras para elles? Não. *Sedes duodecim.* O numero das cadeiras é de doze: doze são, e não mais, os que se hão de assentar. Não se ha de multiplicar o numero dos logares, ainda que cresça o numero dos benemeritos. Pague-se o merecimento, sim; mas com outros premios: não devem ser as cadeiras mais que doze. Não se hão de multiplicar dignidades, não se hão de multiplicar logares, não se hão de fazer ministros supernumerarios. Se são doze os Patriarchas, sejam doze os Apostolos, e não mais de doze. Se são setenta os Anciãos do povo, sejam setenta os Discipulos, e não mais de setenta. E porque? Porque cerrado o numero, cerra-se a porta a inconvenientes sem numero. Vós o discorrei, que o sabeis melhor. Porém direis que Christo, posto que tão observador do numero, fez algum ministro supernumerario, que foi S. Paulo, S. Mathias não; porque *annumeratus est cum undecim:* [2] Porém S. Paulo foi verdadeiramente supernumerario: porque nem foi do numero da primeira eleição, nem do numero da segunda; e foi o Apostolo decimotercio. Grande privilegio verdadeiramente de S. Paulo! E todas as vezes que houvesse um S. Paulo, eu admittira facilmente, que se alargassem as leis, para accrescer tal companheiro ao Sagrado Collegio. Mas adverti que não foi accrescentado o numero por medo das provisões que levava de Jérusalem contra Damasco, senão pela eminencia do talento, e por fins altissimos da maior gloria de Deus, e de seu nome, e por eleição mui livre, mui soberana, mui de Christo, e para Christo: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus, et regibus:* [3] Não por respeito dos reis, senão para os sujeitar.

---

[1] *Math.*, XIX, 27.
[2] *Act.*, I, 26.
[3] *Ibid.*, IX, 15.

Mas ainda assim digo, que não foi supernumerario Paulo, nem por elle, ou com elle se excedeu o numero. Assim o diz a Igreja: *Qui meruit thronum duodecimum possidere.* A cadeira que occupou, e se deu a S. Paulo, não foi supernumeraria, senão do numero das doze, a duodecima. Pois a duodecima não se deu a S. Mathias? Sim; a Mathias, e mais a Paulo: ambos foram providos e nomeados na mesma cadeira: para que se veja quão justificada havia sido a eleição de Judas, e qual foi o seu precipicio. Prudencio chamou a Judas: *Magnum discipulum:* o grande dos Discipulos. Não fôra tão máu, se não houvera sido tão grande. A corrupção do melhor é o peor. Escolheu Christo em Judas um homem tão grande, que a vacancia, ou o vasio do seu logar não o encheu só Mathias, senão Mathias e Paulo. Onde tambem se deve notar, que esta multiplicação de dois sugeitos, em logar de um, não foi contra o numero estabelecido, senão mui conforme a elle. O numero dos doze Apostolos foi decretado e estabelecido no numero dos doze Patriarchas. Estes são os vinte e quatro Anciãos que viu S. João assistir ao throno do Cordeiro, como observam commummente os Padres: doze Patriarchas, e doze Apostolos. Porém nos doze Patriarchas houve um logar que se substituiu com dois, que foi o logar de José substituido em Manassés, e Efraïm. E assim como o logar de José, o vendido, se substituiu com dois, Efraïm e Manassés; assim o logar de Judas, o vendedor, se substituiu com outros dois, Mathias e Paulo. Tão observador foi Christo do numero canonicamente decretado, que nem para dar e abrir logar a S. Paulo, quiz exceder o numero: *Elegit duodecim.*

Esta é a razão porque não elegeu Christo mais de doze. Resta saber porque não elegeu menos; e porque encheu o numero? Porque não convém que haja logares vagos. A natureza não admitte vacuo, nem o deve admittir a politica, ou seja sagrada ou profana. Um logar vago na Republica tem os mesmos inconvenientes, que teria no mundo o vacuo. Se houvera vacuo no mundo, havia-se de inquietar toda a natureza; havia de correr toda impetuosamente a occupar aquelle logar. O mesmo succede nos logares vagos. Inquietações, perturbações, tumultos, e tanto mais precipitosos e desordenados, quanto cor-

rem todos, não ao commum, senão cada um ao seu: não a encher o logar, mas a encher-se com elle. A todos estes inconvenientes se cerra a porta com cerrar o numero. Melhor é cerrar o numero que a porta. Na parabola das Virgens cerrou-se a porta: *Clausa est janua:* [1] mas não se cerrou o numero, porque eram dez os logares: *Decem virginibus.* E como o numero não estava cerrado, posto que estivesse cerrada a porta; que haviam de fazer as nescias, senão clamar, e dar vozes, e inquietar as bodas? Davam vozes as Virgens; davam vozes as alampadas accezas; e o dinheiro despendido tambem dava vozes. Para evitar clamores, cerrar o numero.

Que bem entendeu esta importancia o primeiro Vigario de Christo! A primeira coisa que fez em seu governo, foi encher o numero dos doze. Fallando de Judas, reparou no numero: *Qui connumeratus erat in nobis.* [2] E logo encheu o mesmo numero com Mathias: *Et annumeratus est cum undecim.* [3] E porque tão depressa, e sem mais dilação? Porque entendeu que assim importava, e assim o disse! *Oportet ergo.* [4] Os Apostolos não haviam de repartir entre si o mundo (como o não repartiram) senão d'alli a doze annos. E comtudo entendeu Pedro, allumiado pelo Espirito Santo (antes de sua vinda) que logo logo importava encher o logar, e o numero: *Oportet.* Não aguardou intercessões, não aguardou obsequios, nem pretenções, nem dependencias; antes por fechar a porta a todos esses embaraços, fechou o numero. Para vacar ao que mais importa, importa que não haja logares vagos. Por isso elegeu Christo doze, e nomeou e declarou doze: *Elegit duodecim, quos et Apostolos nominavit.*

Não basta só eleger o numero, senão elegel-o e declaral-o. Elegeu Christo a doze, e declarou a doze. Soube-se que eram doze os eleitos, e no mesmo ponto se soube tambem que os eleitos eram Pedro e André, João e Diogo, e os demais. Pudéra Christo eleger as pessoas, e encher o numero, e calar os nomes,

---

[1] *Math.*, XXV, 11.
[2] *Act.*, I, 17.
[3] *Ibid.*, 26.
[4] *Ibid.*, 21.

ao menos os de alguns, e deixal-os *in pectore*. E certo que se de alguma vez tinha logar esta suspensão, e este segredo, era na presente. Ficavam excluidos do Apostolado setenta Discipulos, todos dignos, e muito dignissimos. Bem podiam logo ficar eleitos *in pectore* alguns, pelo menos para que não se sabendo quaes eram, entretivesse esta suspensão a esperança de todos, e não podésse queixar-se nenhum dos exclusos, podendo ser dos que eram secretamente eleitos. Pois porque não fez Christo esta reservação? Por muitas razões: Primeira, porque tinha peito para isso. Reservar *in pectore*, não sei se alguma vez é falta de peito. Em segundo logar, porque similhantes reservações não se fazem sem justos respeitos, e é melhor não haver respeitos, ainda que justos. Finalmente, elegeu Christo, e não occultou algum, mas declarou logo todos os eleitos, porque era tão justificada a eleição, que não temia a queixa. Não quiz Christo affrontar a eleição, nem os eleitos, nem os excluidos. Não quiz affrontar a eleição, porque fôra grande affronta ser ella tal, que temesse sahir a publico. Não quiz affrontar os eleitos, porque occultal-os seria confessar que não eram os mais dignos. Não quiz affrontar os excluidos, porque suppol-os descontentes, era declaral-os ambiciosos. Declarar tudo, foi honrar a todos: á eleição com a justiça, aos eleitos com o merecimento, aos excluidos com o desinteresse. Sobretudo ficou honrada toda a escóla de Christo, porque a honra e credito maior de uma communidade, é que faltem logares, e sobejem benemeritos. A maior grandeza do convite de Christo no deserto foram as sobras. Elegeu Christo doze Apostolos, mas sobejaram setenta, que o mereciam ser; e provaram todos que o mereciam, porque nenhum se mostrou queixoso. Setenta exclusões, e nenhuma queixa! Oh seculo bemaventurado! Quasi que estou para dizer que foram os excluidos maiores que os eleitos. Os eleitos eram grandes, porque todos mereceram ser Apostolos: os excluidos parecem maiores, porque nenhum invejou o Apostolado. Com esta dignidade ficaram todos, quando as dignidades se deram só a doze: *Elegit duodecim*.

V

Tenho acabado as tres partes do meu discurso. Mas vejo que me perguntam os ouvintes por S. Bartholomeu, como se em quanto disse alégora, não fallára delle. Tudo o que disse do melhor dos melhores se entende deste gloriosissimo Apostolo. E se por ser no seu dia é licito dar-lhe alguma preferencia aos demais, o mesmo logar que lhe dá o Evangelho entre os eleitos, não favorece pouco este pensamento. O logar que dá o Evangelho a S. Bartholomeu é o sexto: e se tirardes daquelle sagrado numero (como se deve tirar) a Judas reprovado; o sexto entre os onze é o logar do meio, sempre e em todas as nações estimado pelo de maior honra. Do sabio humilde disse o Espirito Santo, que se assentaria no meio dos magnates: *Sapentia humilitati exaltabit caput illius, et in medio magnatorum consedere illum faciet.* [1] E quem foi entre os Apostolos o sabio mais humilde, senão Bartholomeu? S. Bartholomeu, segundo a opinião mais recebida, foi aquelle grande Doutor da Lei, Natanaël, de quem disse o mesmo Christo: *Ecce verus Israelita in quo dolus non est.* [2] E deste grande sabio mettido entre pescadores humildes e idiotas (mas esses os magnates do reino de Christo) se verifica pelo logar, que tem no meio de todos, a promessa do divino Oraculo: *In medio magnatorum consedere eum faciet.*

D'aqui se ficará entendendo a solução ou concordia de dois Textos ao parecer muito encontrados, um do Testamento Velho, outro do Novo. [3] No Testamento Velho foram significados os doze Apostolos nas doze pedras do Racional, que o Summo Sacerdote trazia sobre o peito: [4] e no Testamento Novo são significados outra vez nas mesmas doze pedras dos fundamentos da cidade nova de Jérusalem, que S. João viu descer do céu. A duvida agora e o encon-

---

[1] *Eccl.*, XI, 1.
[2] *Joan.*, I, 48.
[3] *Exod.*, XXVIII, 17.
[4] *Apoc.*, XXI, 20.

tro está na disposição e ordem das mesmas pedras; porque na Racional a primeira pedra era sardio, e nos fundamentos da Jérusalem celeste, a mesma pedra sardio era a sexta. Pois se esta pedra em uma parte tem o primeiro logar; como se lhe dá o sexto na outra? O sexto logar, como diz S. Lucas, é o de S. Bartholomeu; a pedra sardio, como diz S. João, é o sexto Apostolo: pois se o sardio e Bartholomeu em uma parte tem o sexto logar, como tem na outra o primeiro? Porque o logar do meio é o primeiro logar: e quando o sexto logar é o do meio (como é o de S. Bartholomeu) é sexto e primeiro juntamente. Por isso nas doze pedras dos fundamentos da Jérusalem nova, tem o sardio o sexto logar, e nas doze pedras do Racional, o primeiro. Este é pois o logar que em um e outro Testamento se deu a S. Bartholomeu, porque os primeiros logares, como atégora mostrámos, se devem dar ao melhor do melhor.

Plinio, tratanto da pedra sardio, diz que é tão similhante á carne viva, que parece carne convertida em pedra preciosa. [1] Por esta similhança se chama vulgarmente pedra carnerina. E quem não vê retratado nella ao natural o nosso S. Bartholomeu, todo em carne viva e sem pelle, da qual se deixou esfollar, ou ir esfollando por partes crudelissimamente, com tal valor, fortaleza e constancia, como se não fôra de carne, mas verdadeiramente de pedra? Os doze artigos de Fé, que se conteem no Symbolo, tambem foram repartidos pelos doze Apostolos, pronunciando cada um o seu. E o sexto, que coube a S. Bartholomeu, foi o da Resurreição, com a mesma propriedade, porque a carne resuscitada é viva e impassivel. Assim o provou a do fortissimo Apostolo com assombro dos tyrannos, quando o esfollavam vivo, sendo tal a dureza da sua paciencia naquelle estranho tormento, que mais parecia impassibilidade, que paciencia. E desta sorte ficou Bartholomeu entre as doze estatuas dos Apostolos, singular na figura e no exemplo. No exemplo, digo, das virtudes heroicas, de que devem ser dotados os que hão de ser eleitos aos primeiros logares da Igreja, e na figura com que devem pôr nelles os olhos, e formar delles juizo os eleitores.

---

[1] *Plin. lib.*, XXXVII, cap. 6.

Não ha coisa que mais engane o juizo dos que elegem, e que mais embarace e perturbe o acerto das eleições que a pelle. O merecimento ou capacidade dos homens não se ha de considerar pelo que apparece, e se vê de fóra, senão pelo que teem, e pelo que são de dentro. Dispam-se primeiro da pelle, e de tudo o que nelles é exterior, e então se fará verdadeiro juizo do que merecem. No principio do mundo assim como Deus ia dando ser e fórma ás creaturas, assim as ia logo approvando com aquelle testemunho geral: *Vidit Deus, quod esset bonum.* [1] Creou finalmente o homem, e é coisa mui notada, e digna de se notar, que só ao homem não désse approvação, nem diga delle a Escriptura, que viu Deus que era bom. Pois se todas as outras creaturas, sendo menos perfeitas, tiveram esta approvação dos olhos de Deus, o homem, que era mais perfeito que todas, e formado por suas proprias mãos, porque a não teve? Excellentemente S. Ambrosio: *Ideo homo non ante laudatur, quia non in forensi pelle, sed in interiori homine ante probandus.* Não teve o homem a approvação dos olhos de Deus, como a tiveram as outras creaturas, tanto que as via, porque os homens não se hão de julgar pela pelle, e pelo que se vê de fóra, senão pelo que teem, e pelo que são de dentro: *Non in forensi pelle, sed in interiori homine.* As outras coisas são aquillo que nellas se vê; no homem o que se vê é o menos, o que se não vê é o tudo: *Alia in specie sunt, homo in occulto.*

Não nego que a pelle, se o interior do homem, ou o homem interior, feita exacta anatomia, é qual deve ser, accrescenta decencia á pessoa, e auctoridade ao logar, e que no tal caso assentará muito bem a purpura sobre a pelle. Por isso no primeiro Templo, que foi o Tabernaculo, mandou Deus que estivesse coberto com pelles tintas de purpura: *Pelles rubricatas.* [2] Mas estas mesmas pelles, que é o que cobriam, e que é o que havia debaixo dellas? Arca do Testamento, Taboas da Lei, Cherubins, Propiciatorio, Deus. Quando isto é o que cobrem as pelles, bem é que ellas tambem se cubram de purpura. Mas se ha muitas

[1] *Genes.*, I, 10.
[2] *Exod.*, XXV, 5.

pelles (como verdadeiramente ha) que cobrindo similhantes thesouros do céu, nem por isso se vêem rubricadas, consolem-se com os Discipulos que na eleição de hoje ficaram excluidos. Digam ou cantem com aquella alma escolhida de Deus: *Nigra sum, sed formosa: sicut tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis.* [1] As riquezas de Cedar, e as joias de Salomão, e, o que é mais, o mesmo Salomão bem póde andar debaixo de pelles pouco agradaveis á vista. O de dentro, e o que se encobre aos olhos é o que faz o homem: o exterior é o que se vê, assim como é natureza, e não merecimento, nem culpa, assim se não deve louvar, nem desprezar nelle: *Non laudes virum in specie sua, neque spernas hominem in visu suo:* diz o Espirito Santo fallando nomeadamente dos que devem ser exaltados aos logares maiores. [2]

Quando Samuel foi ungir por rei um dos filhos de Jessé, o primeiro que o pae lhe presentou, foi (como dissemos) Eliab seu primogenito, mancebo de gentil presença, e de galharda estatura. E tanto que o Propheta o viu, lhe pareceu a pessoa verdadeiramente digna de imperio. Porém Deus o advertiu logo, que se não deixasse levar daquelles exteriores, porque não era elle o escolhido, antes o tinha reprovado, e ainda desprezado: *Ne respicias vultum ejus, altitudinem staturæ ejus: quoniam abjeci eum.* [3] E accrescentou o Senhor (sentença que os Principes deviam trazer sempre diante dos olhos): *Nec juxta intuitum hominis ego judico: homo enim videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor:* [4] Eu, diz Deus, não julgo pela vista como os homens: porque elles vêem só o que apparece de fóra, eu vejo o coração, e o que está dentro. Assim hão de vêr e julgar os que elegem, para que sejam acertadas as eleições. Não com os olhos de homens, que param nas apparencias exteriores, mas com olhos de Deus, que penetram o interior e o coração, em que consiste o ser, o valor, e a differença de homem a homem. Hão se de julgar e avaliar os homens, não só despidos das galas, que

[1] *Cant.*, I, 4.
[2] *Eccles.*, XI, 2.
[3] *1.º Liv. dos Reis*, XVI, 7.
[4] *Ibid.*

tambem subornam e enganam, senão despidos tambem da pelle, que muitas vezes, com uma valente pintura se cobre um coração muito fraco, qual era o de Eliab. Eliab na estatura era muito maior que David; mas David no coração era muito maior que o Gigante: e este coração que não viam os homens, é o que via e escolheu Deus: *Dominus autem intuetur cor.* Sendo pois os interiores os que fazem e distinguem os homens, e só Deus o que vê e conhece os interiores, por isso se devem consultar as eleições dos homens muito devagar com Deus, como Christo fez neste dia, ou nesta noite: *Erat pernoctans in oratione Dei.*

SERMÃO

DE

SANTO AGOSTINHO *

Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est. [1]

I

Ao maior Santo entre os Doutores, e ao maior Doutor entre os Santos, celebra neste grande theatro como a pae, a primogenita de suas familias. O Evangelho que nesta solemnidade canta a Igreja, não só nol-o propõe applicado a Santo Agostinho, senão tambem explicado por Santo Agostinho. Eu porém venerando uma e outra coisa, quanto devo, assim na applicação, como na explicação, acho uma implicação não pequena. De sorte que temos hoje o Evangelho applicado a Agostinho, explicado por Agostinho, e implicado com Agostinho. Mas de que modo, ou em que parte implicado? Não menos que nas duas partes essenciaes do mesmo Evangelho, e nas duas excellencias maiores do mesmo Santo Agostinho, que são as duas com que dei principio ao sermão. Implicado o Evangelho com Agostinho, em quanto Doutor, e implicado com Agostinho, em quanto Santo. Estae commigo.

---

* Foi pregado este Sermão de Santo Agostinho na sua igreja e convento de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, em 1648.

A propriedade caracteristica d'este Sermão, commenta o padre Honorati, é ter um assumpto não menos encomiastico que moral. E' um dos mais instructivos.

[1] *Math.*, v.

O intento de Christo Senhor nosso em todo este Evangelho, é formar a perfeita idéa de um prelado ecclesiastico e apostolico. Esta idéa se compõe indistinctamente de duas partes ou qualidades essenciaes: de sciencia, porque deve ser douto, e de virtude, porque deve ser santo. Se tem virtude sem sciencia, será santo: se tem sciencia sem virtude, será douto; mas em falta de qualquer dellas, não será verdadeiro prelado. E que seria se acaso lhe faltassem ambas? Bastará porém que seja douto só pela sciencia, e santo só pela virtude? Não. Bem póde o prelado ser douto e santo, e não ser bom prelado; porque póde ser douto e santo para si, e não para os outros. Ha de ser de tal maneira douto, que seja douto e doutor; e de tal maneira santo, que seja santo e sanctificador. Isso quer dizer: *Qui fecerit et docuerit:* [1] Doutor ensinando, e sanctificador fazendo. Para ensinar lhe é necessaria a sciencia, com que seja a doutrina sã: para fazer, é-lhe necessaria a virtude, com que sejam boas as obras. Mas essas obras, e essa sciencia, não hão de ser occultas, e que se não vejam, senão publicas e manifestas a todos: *Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus, qui in domo sunt:* [2] Publica e manifesta a sciencia, para que allumie com a luz de doutrina: *Sic luceat lux vestra coram hominibus:* [3] E publicas e manifestas as obras, para que edifique com o exemplo da vida: *Ut videant opera vestra bona.* Finalmente, uma e outra, assim a vida como a doutrina, não hão de ser para credito ou estimação propria, que seria vaidade e terra, mas para honra e gloria do Padre, que está no céu: *Et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.*

Este é o sentido natural das palavras que propuz, e este em summa o intento e discurso de todo o Evangelho, explicado em varias partes por Santo Agostinho, tão sólida e tão propriamente como elle costuma. Mas se applicarmos o mesmo Evangelho ao mesmo Santo Agostinho, achal-o-hemos, como dizia, totalmente implicado com elle. Se abrirdes os livros

---

[1] *Math.*, v 19.
[2] *Ibid.*, 15.
[3] *Ibid.*, 16.

de Santo Agostinho, achareis, que o primeiro tem por titulo: *Livro de Retractações de Agostinho*, nas quaes o mesmo santo declara muito miudamente todos os erros e ignorancias (como elle lhes chama) que com menos acerto tinha escripto. Se passardes ao segundo livro, achareis que da mesma maneira tem por titulo: *Livro das Confissões de Agostinho*, nas quaes o santo com a mesma miudeza declara e manifesta todos os peccados de sua vida. Pois se o Evangelho manda a todos os prelados que publiquem e manifestem a sua sciencia e doutrina, a sua virtude e as suas boas obras; como publica e manifesta Agostinho em logar da sua sciencia, as suas ignorancias; e em logar das suas boas obras, os seus peccados? Logo, ou este Evangelho se não applica bem a Agostinho, ou temos Agostinho implicado com o Evangelho? Para desfazer estas duas implicações tenho necessidade hoje de dobrada graça: *Ave Maria.*

II

Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.

Faz Santo Agostinho os dois Livros de suas Retractações e de suas Confissões, e estes foram os que poz no rosto de todas suas obras. Na primeira folha dos livros se costumam pôr as erratas do impressor: e Agostinho, com nova e não imitada invenção, poz as erratas do auctor: no livro das Confissões as erratas da vida, no das Retractações as da doutrina. Eu chamara-lhe o *Index rerum notabilium;* porque sendo as coisas que se leem em todos os livros de Santo Agostinho tão altas, tão sublimes, tão divinas; estas duas são as mais notaveis de todas. Muitos ha que não contentes com pôr o seu nome, ainda nos livros que escrevem do desprezo da fama, como notou Cicero, querendo não só ser lidos, mas vistos, poem na primeira estampa o seu retrato. E isto que faz a vaidade em tantos que não merecem nome de Auctores, fez no mais celebrado Auctor da Igreja a modestia e a humildade. Os corpos retratam-se com o pincel, as

almas com a pena; e estes dois livros na minha opinião são a *Vera effigies* da alma de Agostinho. Pediram a S. Paulino que se deixasse retratar: e elle, que tambem tinha dado a primeira parte da vida ao mundo, como a segunda a Christo, respondeu: *Vel cupitis depingere meum veterem hominem, vel novum: si veterem, ille deformis est, nec pictura, sed latebris dignum: si novum: ille nondum perfectus est.* Ou me quereis retratar na primeira edade, ou na segunda: se na primeira, é muito feia, e mais digna de se esconder, que de se pintar: se na segunda, ainda está muito imperfeita, e não quero que me retrateis. Porém Agostinho, posto que grande amigo de Paulino, tomou tão differente conselho, que tudo o que achou na sua vida mais feio e mais disforme, e na sua doutrina menos proporcionado, isso é o que pintou por sua propria mão, não só com as côres mais certas, senão tambem com as mais vivas.

No livro de suas Confissões publicou Santo Agostinho os seus peccados, e no livro de suas Retractações as suas ignorancias: e só quem comprehender quão feia coisa é o peccado, e quão indecente a ignorancia, poderá avaliar como merece, estas duas acções de Agostinho. A maior acção de Deus fazer-se homem, e a maior fineza desta acção, não consistiu tanto em tomar a nossa natureza, quanto em tomar a nossa similhança: *In similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo.* [1] Não tomou Deus a natureza humana como a tinha dado a Adão, senão como a achou depois delle, cahida de seu primeiro estado, e sujeita a tantas e tão pesadas miserias. Sujeitou-se a nascer, a morrer e a viver (que não é menos) a trabalhar, a cançar, a suar: a dôres, a tristezas, a lagrimas: a ser perseguido, a ser affrontado, a ser crucificado. Mas com se sujeitar a todo este abysmo de miserias e baixezas (porque como diz S. Paulo: *Debuit per omnia fratribus similari)* [2] exceptuam-se comtudo duas, de que foi totalmente isenta e privilegiada a humanidade de Christo. E quaes foram? O peccado e a ignorancia. Porque é tão feia coisa o peccado, e a ignorancia tão indecente, que

[1] *Philip.*, II, 7.
[2] *Heb.*, II, 17.

ainda no caso que fosse possivel, de nenhum modo era toleravel, que em uma humanidade unida a Deus houvesse peccado ou ignorancia. Sendo pois tal fealdade a do peccado, e tal indecencia a da ignorancia; que Agostinho por sua vontade e eleição tome estes dois assumptos, e se ponha a escrever muito de proposito dois livros, um dos seus peccados, outro de suas ignorancias; e que depois de escriptos, os divulgue e faça publicos a todo o mundo? Para defender culpas ou ignorancias, se teem escripto muitas apologias e manifestos; mas para as confessar e publicar, só Agostinho o fez. Comecei a ponderar estas duas acções por louvor, e já me parece que hão mister desculpa, e não facil.

Dir-me-hão (como eu dizia) por parte de Agostinho, que foram effeitos de humildade; mas esta resposta se impugna facilmente do que acabamos de dizer. A virtude propria, e por antonomasia de Christo, é a humildade: *Ut inhabitet in me virtus Christi:* [1] a virtude que particularmente veiu Christo ensinar ao mundo, e de que professou ser Mestre, é a humildade: *Discite à me, quia mitis sum, et humilis corde;* [2] e a humildade de Christo não só foi a maior, senão a summa humildade. E comtudo não teve peccado, nem ignorancia; logo callando Agostinho seus peccados e suas ignorancias, ainda que as tivesse, podia ser perfeitamente humilde. Quanto mais que contra preceitos não ha virtude; e contra estes dois actos, ou excessos de humildade, estavam os dois preceitos do Evangelho que ouvimos: contra a publicação dos peccados, o do exemplo; e contra a publicação das ignorancias, o da doutrina. Pois se o Evangelho manda a Agostinho resplandecer com sciencia e doutrina, como põe em publico erros e ignorancias? Se lhe manda que allumie com exemplo e boas obras; como publica vicios e peccados? Encubra os erros, para que não eclipsem a doutrina; esconda os peccados, para que não escureçam o exemplo. E pois uma das admiraveis obras de Santo Agostinho foi a concordia e explicação do Evangelho, não seja o mesmo Agostinho a discordia e implicação delle.

---

[1] *2.ª ad Corinth.*, XII, 9.
[2] *Math.*, XII, 29.

III

Ora, senhores, para que acabemos de ter suspenso o juizo, tudo isto que em Agostinho parece implicação do Evangelho, não foi implicação, foi amplificação. Assim que não temos o Evangelho implicado com Agostinho, senão amplificado por Agostinho. O Evangelho manda que os que são luz da Igreja allumiem com a sciencia, e com a virtude; com a doutrina, e com o exemplo: e Agostinho, amplificando este mesmo preceito, e excedendo os limites delle, não só allumiou o mundo com as suas sciencias, senão tambem com as suas ignorancias: não só com as virtudes, senão tambem com os seus peccados. Com as suas ignorancias; porque das mesmas ignorancias fez doutrina: com os seus peccados; porque dos mesmos peccados fez exemplo: e sendo as ignorancias e os peccados trevas, das mesmas trevas fez luz: *Sicut luceat lux vestra coram hominibus.*

Christo Senhor nosso neste preceito, quando mandou aos Varões Apostolicos que luzissem, nomeadamente lhes disse com que haviam de luzir, e como: quanto ao primeiro, que o instrumento de luzir fosse a luz: *Luceat lux vestra:* quanto ao segundo, que o modo de luzir fosse tal, que delle se seguisse a gloria de Deus: *Sic, ut glorificent Patrem vestrum.* E Agostinho, que fez? Guardou o modo, e amplificou o instrumento. Amplificou o instrumento; porque não só luziu com a luz, senão tambem com as trevas; e guardou em um e outro luzir o modo; porque assim com a luz, como com as trevas, conseguiu a gloria de Deus. Não acho coisa similhante na terra; mas no céu, donde Agostinho tomou esta maravilhosa philosophia, sim: *Cœli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum:* [1] Os céus, diz David, estão sempre apregoando a gloria de Deus, e o firmamento publicando as obras de suas mãos. E que obras de Deus são estas que o céu publica, e toma por instrumento de sua gloria? Admiravelmente ao nosso intento o Texto: *Dies diei eructat verbum, et nox nocti indicat scientiam:* [2] As obras com

[1] *Psal.*, XVIII, 2.
[2] *Ibid.*, 3.

que o céu publica e apregoa a gloria de Deus, são o dia e a noite. Pois a noite escura e feia tambem entra em côro com o dia claro e formoso para glorificar a Deus? Sim; porque o dia glorifica a Deus com a luz, e a noite com as trevas: e tanta gloria se póde dar a Deus com as trevas, como com a luz. Assim o cantaram a tres vozes na fornalha de Babylonia os tres Meninos: *Benedicite noctes, et dies Domino: Benedicite lux, et tenebræ Domino.* [1] E assim o fez com acção singular Agostinho, que não só com a luz de suas sciencias e virtudes, senão tambem com as trevas de suas ignorancias e peccados, glorificou e ensinou a glorificar a Deus: *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.*

Mais diz, e mais quer o Evangelho. Declarando como ha de ser esta luz: *Sic luceat lux vestra:* diz que ha de ser como a tocha acceza, que não se accende para se esconder, senão para allumiar a todos: *Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus, qui in domo sunt.* Porém Agostinho amplificando o Evangelho tambem nesta similhança, não só luziu e allumiou o mundo com a tocha acceza, senão com a tocha apagada. Tornemos ao céu. No dia do nascimento de Christo accendeu o céu com uma tocha, e no dia de sua morte apagou outra. A tocha que accendeu no dia do nascimento, foi a estrella nova que appareceu e guiou os Magos: a tocha que apagou no dia da morte, foi o sol que se eclipsou, e escureceu o mundo desde que o Senhor foi levantado na cruz, até que espirou nella. E que mysterio teve o céu para sahir em dois dias tão notaveis com dois prodigios tão encontrados? O reparo foi do nosso Santo Agostinho no Sermão trinta *de tempore:* a resposta (para que não seja em causa propria) é de S. Pedro Damião, por estas palavras: *Habuit testimonium lucis, quia claritas stellæ illustravit Magos: et habuit testimonium tenebrarum, quia in morte ejus tenebræ factæ sunt super universam terram:* [2] Accendeu o céu uma tocha, e apagou outra, quando Christo entrou e sahiu salvo deste mundo; para que o Senhor, em gloria e abono de sua divinda-

[1] *Dan.*, III, 71 e 72.
[2] *Petr. Dam. Serm. de Epiph.*

de, não só tivesse o testemunho da luz, senão tambem o testemunho das trevas: *Testimonium lucis, et testimonium tenebrarum.* Pois as trevas, cujo effeito é escurecer, tambem podem allumiar e dar testemunho? Tambem; e tanto mais qualificado, quanto o sugeito que se escurece fôr mais luminoso, como é o sol. A estrella testemunhou luzindo, o sol testemunhou escurecendo-se: e foi tanto mais efficaz o testemunho do sol que o da estrella; que a estrella luzindo allumiou tres homens, e o sol escurecendo-se allumiou o mundo. No caso e questão em que estamos, a uma vista parece Agostinho tocha acceza; a outra tocha apagada: na sua sciencia e doutrina, nas suas virtudes, e no seu exemplo, tocha acceza: no manifesto de suas ignorancias, e na publicação de seus peccados, tocha apagada; mas assim havia de ser, para que glorificasse a Deus com o testemunho de sua luz, e com o testemunho de suas trevas: *Habuit testimonium lucis, et testimonium tenebrarum.* Adverti, porém, que no testemunho da luz, luzindo com as sciencias e virtudes, allumiou Agostinho como estrella, porque isso fizeram outros Santos; porém no testemunho das trevas, escurecendo-se com as ignorancias e peccados, allumiou como sol, porque foi acção singular só de Agostinho. Os outros estreitaram-se com o Evangelho, Agostinho amplificou-o.

Resta a maior e mais apertada opposição do mesmo Evangelho; mas tambem della sahirá Agostinho com maior amplificação. Determinando mais apertada e individualmente o Evangelho quaes devem ser os raios ou resplandores da luz que encommenda, diz que hão de ser boas obras de tal modo manifestas aos homens, que todos as vejam, e glorifiquem a Deus por elles: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.* Ainda nos é necessario tornar ao céu; e seja sobre o Texto já allegado de David, em que nos ficou por ponderar um grande e occulto mysterio. Se o céu para glorificar a Deus publica suas obras: *Cœli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum:* como conta entre as obras de Deus a noite e as trevas, que, ainda que sejam obras de Deus impropriamente, propriissimamente não são boas? As trevas são negação de luz, e as negações não teem nem podem ter bondade, porque não teem

ser. A mesma Escriptura o significou claramente na creação de uma e outras. Quando falla da luz, diz que viu a luz, que era boa: *Facta est lux: et vidit Deus lucem, quod esset bona;* [1] pelo contrario, quando falla das trevas, que já eram antes da luz: *Et tenebræ erant super faciem abyssi;* [2] não diz que visse Deus as trevas, ou dissesse que eram boas. E porque? Porque a luz como tem ser, e tão excellente ser, tem bondade e é boa; porém as trevas como são negação, e não teem ser, não podem ter bondade, nem são boas. Pois se as trevas não são boas, porque as publica o céu entre as obras que glorificam a Deus? Tambem o céu para amplificar a gloria de Deus, parece que quiz amplificar o Evangelho, mas não tão heroicamente como Agostinho. O Evangelho diz aos prelados, que façam boas obras, para que por ellas seja glorificado Deus: *Ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum.* O céu deu um passo mais adiante, e querendo glorificar a Deus com obras: *Et opera manuum ejus annuntiat firmamentum:* accrescentou obras que propriamente não são boas, quaes são as trevas e a noite: *Et nox nocti indicat scientiam:* porém Agostinho lançado a barra além de tudo o que parecia impossivel, achou modo com que glorificar a Deus até com obras verdadeiras e propriamente más, quaes são erros e peccados. De sorte que o Evangelho mandou glorificar a Deus com obras boas; o céu passou a glorificar a Deus com obras não boas; e Agostinho chegou a glorificar a Deus não só com obras não boas, senão tambem com obras más. E isto é o que conseguiu por modo novo e inaudito, sahindo á luz com os dois livros de suas Confissões e Retractações, não contra, mas sobre o mesmo preceito, que, fallando com elle, dizia: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.*

IV

Temos visto ou dito em commum como Santo Agostinho, amplificando o Evangelho, não só allumiou com

---

[1] *Genes.*, I, 3 e 4.
[2] *Ibid.*, 2.

a luz, senão tambem com as trevas; podendo-se-lhe applicar gloriosamente o que só se diz de Deus, que as suas trevas são como a sua luz: *Sicut tenebræ ejus, ita et lumen ejus.* [1] Temos visto que não só allumiou com a tocha acceza, senão com a tocha apagada; excedendo tambem o Evangelho, no qual as Virgens que tinham as alampadas accezas, entraram ás bodas, e as que as tiveram apagadas, ficaram de fóra. Temos visto como não só allumiou com as boas obras, senão tambem com as más, sahindo com ellas á luz, e sendo excepção do Evangelho, que diz: *Omnis, qui male agit, odit lucem, ut non arguantur opera ejus:* [2] Todos os que obram mal, aborrecem a luz, porque não sejam arguidas suas obras. Segue-se que vejamos agora como isto foi, ou póde ser; porque não parece facil. Se o livro das Confissões contém vicios e peccados; como póde Agostinho com vicios e peccados, allumiar viciosos e peccadores? Se o livro das Retractações contém erros e ignorancias; como póde Agostinho com erros e ignorancias, allumiar errados e ignorantes? Tudo isto póde fazer, e fez Agostinho, e não só de qualquer modo, senão pelo mesmo modo com que Christo no Evangelho lhe mandou que allumiasse os homens: *Sic luceat lux vestra coram hominibus.* O modo com que Christo e o Evangelho lhe mandou que allumiasse os homens, foi com o exemplo e doutrina; e este mesmo foi o modo com que Agostinho allumiou; porque no livro das Confissões, dos peccados fez exemplo; e no livro das Retractações, das ignorancias fez doutrina. Isto é o que agora havemos de vêr: e porque Agostinho dividiu estes dois assumptos em dois livros, nós tambem para maior distincção e clareza os dividiremos em duas partes.

Começando pela primeira, não ha coisa mais natural ao homem, que esconder e encobrir seus peccados. Naquella famosa disputa que os tres amigos de Job tiveram com elle, todo o seu intento ou teima, foi que todos os trabalhos que padecia Job eram em pena de seus peccados, defendendo pelo contrario Job, que padecia innocente. A este fim fez um grande aranzel de todas suas virtudes, e boas obras, con-

---

[1] *Psalm.*, CXXXVIII, 12.
[2] *Joan.*, III, 20.

cluindo que se tivera peccados, haviam de ser publicos e sabidos; porque elle nunca encobrira peccados: *Si abscondi, quasi homo, peccatum meum.* [1] Nestas palavras tem grande mysterio, e é digna de grande reparo aquella exclusiva: *Quasi homo:* não só diz que não escondeu seus peccados, senão que os não escondeu como homem. Para qualificar Job sua innocencia, bastava dizer que não tinha peccados; para provar que os não tinha com o testemunho publico, bastava dizer que nunca os escondêra: pois porque accrescenta que os não escondeu como homem: *Si abscondi, quasi homo, peccatum meum?* Porque não ha coisa mais natural ao homem, que esconder e encobrir seus peccados. O peccado é malicia ou fragilidade: o esconder o peccado é natureza. O primeiro homem que peccou foi Adão. E qual foi o primeiro effeito do primeiro peccado? Esconder-se e encobrir-se. Não havia então no mundo outros olhos de que Adão se houvesse de esconder e encobrir, senão os olhos de Deus, e até dos olhos de Deus se quiz esconder e encobrir, tanto que peccou. Quando Thamar se foi encontrar com Judas, primeiro fundador e cabeça da Tribu real, do qual concebeu a Farez e Zaram, diz o Texto Sagrado, que vendo-a Judas, suspeitou que era mulher de máu trato: *Suspicatus est esse meretricem.* [2] E porque, ou donde o colligiu? *Operuerat enim vultum suum, ne agnosceretur:* porque levava coberto o rosto para não ser conhecida. Vejam lá as tapadas as consequencias que descobrem, quando assim se cobrem.

A razão de ser tão natural ao homem o encobrir e esconder o peccado, deu Quintiliano, e é, porque ninguem é tão mau, que o queira parecer: *Non quisquam tam malus, ut malus videri velit.* E deste principio formou Tertulliano um valente argumento em defeza dos Christãos contra os tyrannos. [3] Ide aos vossos carceres, diz elle, onde tendes prezos ladrões, homicidas, adulteros e christãos, e inquiri de uns e outros os seus delictos: ao christão, se lhe perguntaes se é christão, responde logo que sim: o ladrão, o ho-

---

[1] *Job.*, XXXI, 33.
[2] *Gen.*, XXXVIII, 15.
[3] *Tertull. adversus Gent.*

micida, o adultero, ainda nos tormentos nega. E qual é a causa porque estes negam, e aquelles não? Porque o que é mal e peccado, ninguem quer que seja seu: *Nolunt enim suum esse, quod malum est.* Segue-se logo que o ser christão não é mal, nem peccado, porque se o fôra, elles o encobriram e o negaram. E assim conclue: *Quid hoc mali est, quod naturalia mali non habet? Timorem, pudorem, tergiversationem.* Que mal ou que peccado é logo este, em que se não acha o natural de todo o peccado, que é o cuidado e artificio de se encobrir, e o temor e vergonha de o confessar? E como é tão natural ao homem o encobrir e esconder seus peccados, por isso Agostinho escreveu o livro das suas Confissões, em que descobriu, publicou, e manifestou a todo o mundo os seus peccados, para tirar do mesmo mundo este impedimento da salvação, e persuadir com seu exemplo os homens a confessar, e não encobrir os seus. Pouco ha que dizia Christo: *Omnis, qui male agi, odit lucem:* Todo o homem que faz mal aborrece a luz: e Agostinho, como excepção de todos os homens, tirou á luz todo o mal que tinha feito, para que nelle tomassem exemplo, do que devem fazer os que fazem mal. Vêde a differença de Agostinho, e a sem razão dos outros homens. Os outros homens, quando fazem mal, aborrècem a luz, sendo que haviam de aborrecer o mal, e aborrecer tambem a quem o faz: mas em vez de aborrecerem o mal, aborrecem a luz, porque ella descobre o mal, e elles, sendo máus, querem parecer bons. Para emendar pois esta sem razão, e para pôr em seu logar este mal applicado aborrecimento, sáe Agostinho á luz com quantos males tinha feito em sua vida, para que entendessem os homens, que o que se ha de aborrecer é o mal, e não a luz; e que o mal encoberto é a enfermidade, e a luz que o descobre, o remedio.

V

Para remedio do peccado, instituiu Christo Senhor nosso o Sacramento da Confissão, e este é o maior argumento, ou o maior encarecimeto da grande repugancia natural que o homem tem a descobrir

seus peccados; porque castigando-os Deus justamente com pena eterna, por serem offensas de Magestade infinita, o mesmo Deus achou que ficavam bem commutadas todas essas penas em um homem confessar seus peccados a outro homem. Mas d'aqui mesmo se vê quão admiravel e verdadeiramente estupenda foi a resolução de Agostinho no livro que escreveu de suas Confissões, e quão efficaz e superabundante foi o exemplo que deu com seus peccados para vencer a repugancia, para animar o temor, e para facilitar o pejo natural, que a fraqueza humana tem de confessar os seus. Que um homem confesse e descubra seus peccados para alcançar o perdão delles, é comprar a graça de Deus por seu justo preço. Porém Agostinho, que depois de ter sido peccador, se baptisou, sendo de edade de trinta e tres annos, não confessou publicamente seus peccados para se pôr em graça de Deus, porque já a tinha, nem para alcançar o perdão delles, porque já estavam perdoados. Fallando S. Paulo deste perdão e desta graça, diz com David: *Beati quorum remissæ sunt iniquitates, et quorum tecta sunt peccata:* [1] Bemaventurados aquelles a quem estão perdoadas suas maldades, e que teem cobertos seus peccados. A intelligencia deste Texto já em tempo de Santo Agostinho foi mui controversa entre catholicos e herejes, pela distincção que o Apostolo faz entre peccados perdoados, e cobertos. Se peccados perdoados e cobertos são duas coisas distinctas, em que consiste o estarem perdoados: *Quorum remissæ sunt iniquitates?* E em que consiste o estarem cobertos: *Quorum tecta sunt peccata?* Deixadas muitas questões que aqui se envolvem, fallou o Apostolo como divino Theologo; porque no perdão e absolvição dos peccados, concorrem duas coisas: a remissão da culpa (que por outros termos se chama condonação), e a infusão da graça: pela remissão da culpa ficam os peccados perdoados: *Remissæ sunt iniquitates:* pela infusão da graça ficam cobertos: *Tecta sunt peccata.* E que Agostinho, tendo os seus peccados perdoados e cobertos, os torne a descobrir sem obrigação, nem necessidade, só para que os outros os não encubram, julgae se foi grande exemplo, o que deu com seus peccados.

---

[1] *Psal.*, XXXI, 1.

Mais. O preceito com que Deus manda ao christão que confesse todos seus peccados, sobre ser debaixo de inviolavel sigillo, é com tal cautela, e com tanta attenção ao credito do mesmo que os confessa, que a ninguem obriga que escreva seus peccados, ainda que por falta ou fraqueza de memoria os não houvesse de confessar todos. E o motivo desta imitação é o perigo que tem um papel de se perder casualmente, e passar a outras mãos. Porém Agostinho, accrescentando exemplo sobre exemplo, não só sem temor, mas com desejo de que seus peccados andassem nas mãos e nos olhos de todos, por isso mesmo os escreveu. E como os escreveu? Na lingua mais vulgar e geral do mundo, e não por cifras ou metaphoras, mas estendida e declaradamente, e com a ponderação de todas as circumstancias delles mais viva, ainda que do seu entendimento; porque era maior que o seu entendimento a sua dôr, e egual á sua dôr o seu zelo dos peccados alheios. Considerae-me a David, chorando e orando, e a Agostinho chorando e escrevendo: e vêde no mesmo caso, que differentes foram os affectos destas duas grandes almas. David, vendo os seus peccados escriptos nos livros de Deus, pedia a Deus que os riscasse: *Dele iniquitatem meam:* [1] e Agostinho, sabendo que os seus peccados estavam já riscados nos livros de Deus pelo Baptismo, escrevia-os de novo. Mas David pedia remedio para si, e Agostinho escrevia para remedio de todos. Christo, para livrar uma peccadora, escreveu os peccados dos que a accusavam, e Agostinho, para entender peccadores, accusou e escreveu, não os peccados de outros, senão os seus proprios: Christo escreveu-os na terra, onde facilmente se podiam apagar; Agostinho escreveu-os nos seus livros, que foi mais que se os entalhára em bronzes: Christo escreveu-os sem o nome dos que reprehendia; e Agostinho debaixo do seu nome: Confissões dos peccados de Agostinho.

Mais ainda. O preceito da Confissão obriga a que nos confessemos a outro homem, mas a um só. De sorte que se o confessor não entende a lingua do confessado, não é obrigado o confessado a se confessar

[1] *Psal.*, L, 3.

por interprete, porque não passem seus peccados á noticia de dois homens. E quem poderá na consideração deste ponto, não digo exaggerar ou encarecer, mas explicar de algum modo sufficientemente aquella façanha mais que heroica, e aquella resolução superior a toda a capacidade humana, com que Agostinho confessou e manifestou seus peccados, não só a todos os homens da sua edade, mas a todos os que hoje somos, a todos os que foram de mil e duzentos annos a esta parte, e a todos os que serão até o fim do mundo? Só no dia do Juizo acho alguma similhança a este acto. Mas com grande differença. No dia do Juizo a todos os homens hão de ser manifestos os peccados de cada um: será porém tal o horror que fará a cada um dos homens esta manifestação de seus peccados naquelle immenso theatro, onde se achará junto todo o mundo, que escolherão por partido antes o inferno, que aquella affronta tão publica. Assim o declarou Job, quando disse: *Quis mihi hoc tribuat, ut in inferno protegas me, et abscondas me, donec pertranseat furor tuus?* [1] E dá logo a razão, dizendo: *Tu quidem gressus meos dinumerasti: signasti quasi in sacculo delicta mea.* [2] Agora estão os processos cerrados, e os peccados occultos, depois hão se de abrir e manifestar todos. E esta manifestação publica (diz Job) será tão affrontosa, e de tanto horror, que cada um tomará antes, e pedirá por partido, que o escondam e amparem no inferno: *Ut in inferno protegas me et abscondas me.* Notae muito a palavra *protegas*, que significa protecção, amparo, refugio: porque será tal a confusão e vergonha desta affronta, e tal a apprehensão e verdadeiro conhecimento della, que, comparada com o mesmo inferno, a affronta será o rigor, e o inferno o refugio: a affronta o tormento, e o inferno o amparo: a affronta o castigo, e o inferno a protecção: *Ut in inferno protegas me.* E se me perguntardes a razão deste que mais parece encarecimento que verdade; a razão digo que é, porque no inferno padece cada um as suas penas, e no Juizo hão de vêr todas as suas culpas. Tanto excede o mal da culpa, que hoje não conhecemos,

[1] *Job.*, XIV, 13.
[2] *Ibid.*, 16 e 17.

a todo o mal da pena, ainda que seja eterno. E se ainda vos parece esta resposta encarecida, e não adequada, perguntae ao mesmo inferno, quantas almas estão ardendo nelle, só por não se atreverem a descobrir seus peccados ao confessor. Pois se ha homens que escolhem antes o inferno, que manifestar seus peccados a um homem; que muito é que queiram antes padecer elles as suas penas no inferno, que conhecerem todos os seus peccados no dia do Juizo?

Ah Agostinho, que só a luz de vossos peccados, sahindo vós á luz com elles, allumiou invencivelmente esta cegueira; e só o livro das vossas Confissões a refutou, convenceu, e aniquilou mais que quanto se tem dito até hoje, nem se póde dizer ou imaginar! O mais forte argumento com que se desfaz a repugnancia de um homem se confessar a outro, é saber que esses mesmos peccados de que agora se peja os oiça um homem, no dia do Juizo os hão de vêr todos os homens; mas porque o dia do Juizo está longe, e a confissão perto, a grande força que tem comnosco o presente, é a que póde mais que este desengano. Sáe pois Agostinho em sua vida com o livro de suas Confissões, e anticipando para si sómente o dia do Juizo, não só fez presente o Juizo Universal futuro; mas sendo esse Juizo pela manifestação publica dos peccados de maior horror e rigor que o mesmo inferno, elle fez outro juizo em si mais rigoroso que esse mesmo Juizo. Dae-me attenção neste paralello, e vêde como o juizo que fez de seus peccados Agostinho no livro de suas Confissões, é muito mais rigoroso do que ha de ser o Juizo Universal de Deus, e não por uma, senão sete circumstancias. Contae-as, se quizerdes.

O Juizo Universal ha de ser um só; e Agostinho fez que para si houvesse dois juizos universaes: um agora entre os vivos, e outro depois entre os resuscitados. O Juizo Universal ha de ser no fim do mundo, quando tudo se ha de acabar, e Agostinho fez o seu juizo no meio da duração do mundo, tantos seculos antes quantos já tem durado, e para quantos houvesse de durar d'alli em diante. O Juizo Universal ha se de fazer em um só dia, no qual se hão de lêr as culpas de todos; e Agostinho fez que o juizo das suas fosse de todos os dias, porque todos os dias se estão lendo, e hão de lêr as culpas de Agos-

tinho. No Juizo Universal hão se de manifestar as más obras de cada um; mas tambem hão de apparecer egualmente as boas, para que as virtudes de uma parte se contrapezem com os peccados da outra; e Agostinho no seu juizo de tal maneira manifestou seus peccados, que sepultou em silencio as suas virtudes. No Juizo Universal se se publicam os peccados de uns, tambem se hão de publicar juntamente os peccados dos outros, e como cada um tem assaz que estranhar em si, nos excessos alheios ficarão desculpados os proprios; porém os peccados de Agostinho no seu Juizo padecem a affronta da publicidade sem o allivio da companhia; porque são culpas publicadas em tempo em que as dos outros estão escondidas. No Juizo Universal hão de ser julgados por Deus; porém Agostinho no seu juizo expoz os seus peccados a ser julgados, não por Deus, senão pelos homens, cujo juizo, como tão temerario, é muito mais temeroso juizo. Finalmente, no Juizo Universal hão de apparecer as culpas escriptas fidelissimamente, sem passar por peccado o que não foi peccado, ou por grave o que foi leve; mas no juizo de Agostinho apparecem as suas culpas conforme o encarecimento da sua dôr, e talvez maiores e mais feias do que verdadeiramente foram; porque Deus nos seus livros escreve os peccados dos homens como justo, e Agostinho no seu livro escreveu os seus como escrupuloso. Tão rigoroso foi o juizo que Agostinho fez de si na publicação de seus peccados, e tantas e tão notaveis as circumstancias com que excedeu os rigores do mesmo juizo de Deus quando ha de julgar o mundo: para que a repugnancia natural dos homens em descobrir seus peccados, á vista de um tal exemplo, mais se envergonhe de os encobrir, que de os confessar, e mais de escusar ou diminuir suas culpas, que de se accusar inteiramente dellas. E este foi o modo altissimo digno só de seu inventor, com que Agostinho das suas mesmas trevas, como dizia, fez luz, e dos seus mesmos peccados exemplo.

VI

E ninguem me diga que os peccados não podem ser exemplo, argumentando que em qualquer modo

que se considerem, sempre são peccados, porque os mesmos peccados, conservando a substancia, podem mudar os accidentes, e como sacramentando-se, debaixo delles causar effeitos contrarios: *Si fuerint peccata vestra ut coccinum, quasi nix dealbabuntur:* [1] Diz Deus pelo Propheta Isaias: se os vossos peccados forem vermelhos como a grã, fazei o que vos eu mando, e serão brancos como a neve. Este Texto tem dado grande trabalho aos Expositores, e todos concordam em que fallou aqui o Propheta pela figura que os rethoricos chamam metonymia, tomando a qualidade pela pessoa, e o peccado pelo peccador; porque o peccador póde deixar de ser peccador e ser justo, e o peccado nunca póde deixar de ser peccado. Mas deverão advertir que o Propheta não falla da substancia do peccado, senão dos accidentes, quaes são as côres. Não diz que os peccados hão de deixar de ser peccados, senão que hão de mudar a côr, e que sendo ou tendo sido vermelhos como a grã, serão brancos como a neve: *Si fuerint peccata vestra ut coccinum, quasi nix dealbabuntur.* E mudando os mesmos peccados a côr, e vestindo-se de outros accidentes, bem podem ter debaixo delles contrarios effeitos, e necessariamente os hão de causar, quando forem vistos. Taes foram os peccados de Agostinho. Em quanto commettidos tinham uma côr, e em quanto confessados, tiveram outra; e por isso em quanto commettidos, como elle mesmo diz, causavam escandalo; e em quanto confessados, causam exemplo. Fez Agostinho exemplo dos seus peccados, publicando-os, sendo que o effeito natural dos peccados publicos é causar escandalo, mas assim como o hypocrita escandaliza o mundo com a ostentação de virtudes, assim Agostinho edificou a Igreja com a publicação de peccados.

Dê-me logo licença S. Gregorio para que eu diga com a mesma e maior razão de Agostinho, o que elle disse de Job: *Videatur vir iste cuilibet magnus in virtutibus suis, mihi certe sublimis apparet in peccatis suis:* Pareça embora a outros Agostinho grande nas suas virtudes, que a mim me parece maior nos seus peccados. Nas virtudes que exercitou e que retratou nos outros seus livros, foi Agostinho grande;

[1] *Isai.*, I, 18.

mas no livro de suas Confissões, em que manifestou os seus peccados a todo o mundo, sem duvida foi muito maior. E se este livro se comparar com os outros seus, este foi a corôa de todos. O mesmo Job, que mereceu o elogio de S. Gregorio, só por não encobrir peccados, tendo feito um largo relatorio de suas virtudes, rematou-o confiadamente com esta conclusão: *Librum scribat ipse, qui judicat, ut in humero meo portem illum, et circumdem illum, quasi coronam mihi. Per singulos gradus meos pronuntiabo illum, et quasi Principi offeram eum:* [1] Escreva o Justo Juiz todas as minhas acções em um livro, e eu o levarei ao hombro, e o porei na cabeça como corôa, e lendo todos seus capitulos, o offerecerei a Deus como a Principe, para que me despache por elle. Muito dizeis, Santo Job, e muito confiado fallaes, pois quereis que Deus como Juiz, e não vós, escreva o livro de vossas virtudes: e pois crêdes que será tão grande o livro, que o não podereis levar na mão, senão ao hombro; e pois o haveis de offerecer para ser despachado por elle, e antes do mesmo despacho já vos prometteis a corôa. Mas tudo isto que vós dizeis do livro de vossas virtudes, quem haverá que o não diga, com maior razão, do livro dos peccados de Agostinho? Elle o escreveu, e nelle seus peccados, quando já Deus os tinha riscado nos seus livros: elle o formou, e de materia tanto mais pezada, quanto vae de peccados que affrontam e humilham, a virtudes que honram, engrandecem e exaltam: e elle o offereceu a Deus, e aos olhos do mundo, não para despacho, senão para castigo, e como merecedor de inferno, e não da corôa; mas por isso, e por tudo, dignissimo della. Muitas corôas tem no céu Agostinho, mas esta a mais preciosa e resplandecente de todas. Job com as suas virtudes foi maravilhoso, porque nellas guardou o Evangelho antes de haver Evangelho; mas Agostinho com os seus peccados foi mais maravilhoso, porque nelles depois de haver Evangelho, para mais e melhor o guardar, o amplificou. Só era obrigado pelo Evangelho a resplandecer com obras boas, e elle resplandeceu e allumiou o mundo, até com peccados, o que

[1] *Job.*, XXXI, 35, 36 e 37.

não disse, nem manda o Evangelho: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.*

VII

Do livro das Confissões de Agostinho passemos ao de suas Retractações, nada menos, antes mais nobremente admiravel, quanto excede em nobreza o entendimento a vontade. Assim como é natural a todo o homem encobrir o seu peccado, assim é natural a todo o sabio sustentar e não se desdizer do seu erro, e tanto mais, quanto fôr mais sabio. O mais sabio espirito que Deus creou, foi Lucifer; e é caso verdadeiramente estupendo, que uma creatura dotada de tão sublime entendimento, e allumiada de tão alta sabedoria, cahisse em um erro tão crasso, tão manifesto e tão nescio, como cuidar, que podia ser similhante a Deus, e dizer que o havia de ser: *Similis ero Altissimo.* [1] Mas ainda esta não é a maior admiração. O que mais admira e faz pasmar, é, que nem do céu, onde errou, se quiz descer de tão errado pensamento: nem do inferno, onde o está pagando, se quer desdizer ou arrepender delle. No céu entre o peccado e condemnação de Lucifer, é sentença muito conforme á piedade divina, que lhe deu Deus bastante espaço para se converter: e no inferno, é tambem theologia certa, que ainda tem liberdade para o fazer, se quizer. Pois como é possivel, que coubesse e caiba em um entendimento tão sabio querer antes cahir do céu e arder no inferno, que desdizer-se do que uma vez disse, e persistir no mesmo erro por toda a eternidade? Se Lucifer soubera menos, elle reconhecêra o seu erro: mas a grande sciencia, que tanto o inchou para errar, essa mesma o obstinou para se desdizer. E' ponderação não menos que do Propheta Ezechiel. Falla deste caso de Lucifer o Propheta: considera no céu antes de cahir, e no inferno depois de cahido, e em um e outro logar lhe chama Cherubim: *Et tu Cherub, posui te in monte sancto Dei: perdidi te, ò Cherub, projeci te in terram.* [2]

---

[1] *Isai.*, XIV, 14.
[2] *Ezec.*, XXVIII, 14, 16 e 17.

Lucifer é certo que não era Cherubim, senão Seraîm, porque entre os Anjos da primeira e suprema gerarchia, e entre os do primeiro e supremo côro, elle era o primeiro e o maior. Pois se era Seraîm, porque lhe chama o Propheta, assim no céu como no inferno, não Seraîm, senão Cherubim? Porque Cherubim quer dizer sabio, e entre todos os espiritos Angelicos os mais eminentes na sabedoria são os Cherubins: e como a sabedoria foi a que inchou a Lucifer, para que rebentasse em um erro tão ignorante, e a mesma sabedoria a que o cegou e obstinou, para que se não retratasse delle; por isso lhe chama Cherubim e sabio, e não Seraîm. No céu Cherubim, porque sendo tão sabio errou no céu; e no inferno Cherubim, porque por ser tão sabio, se não quer desdizer de seu erro, nem no inferno.

Quando Lucifer disse: *Similis ero Altissimo:* [1] Serei similhante a Deus: tambem disse: *In cœlum conscendam:* Subirei ao céu. Donde argue excellentemente S. Jeronymo: *Vel antequam de cœlo corruerit, ista dicebat, vel postquam corruit:* se isto disse Lucifer no céu, como diz: subirei ao céu: *in cœlum conscendam?* E se diz, subirei ao céu, signal é que já estava cahido e fóra delle? Tudo foi. No céu disse: *Similis ero Altissimo;* e por isso cahiu: depois de ter cahido tambem disse: *Similis ero Altissimo:* e o mesmo está dizendo e o dirá por toda a eternidade; porque esta é a pertinacia e soberba de sua sciencia, dizer no céu e fóra do céu, dizer no céu e no inferno, o mesmo que uma vez disse, e não se desdizer, nem se retratar jámais. De sorte que é tal contumacia a do muito saber, uma vez que se chega a usar mal delle, que antes quererá um sabio presumido cahir do céu, que descer-se da sua opinião, e antes arder no inferno, que desdizer-se do que já tem dito. Se fôra verdadeira aquella imaginação de Origenes, o qual teve para si que as nossas almas eram Anjos que andavam penando dentro nos nossos corpos, e pagando algumas culpas que tinham commettido; de muitos homens sabios que erraram, e nunca se quizeram retratar, dissera eu, que eram os Anjos sequazes de Lucifer.

[1] *Isai.*, XIV, 13 e 14.

Tal foi o mesmo Origenes, tal Tertulliano, tal Apollinar, e outros famosissimos Doutores em todo genero de erudição divina e humana, os quaes tendo sido insignes Mestres da Igreja, e ainda hoje allegados; por se não quererem retratar de alguns erros, em que como homens cahiram, com perpetua dôr da mesma Igreja foram anathematisados e apartados della, podendo-se dizer com verdade de cada um, o que Felix imputava a S. Paulo: *Multæ te litteræ ad insaniam convertunt.* [1] Era Origenes tão zelador da religião e doutrina christã, que para a poder ensinar com maior liberdade a um e outro sexo, tomando materialmente aquella sentença de Christo: *Sunt eunuchi, qui se ipsos castraverunt propter regnum cœlorum:* [2] se martyrisou a si mesmo, e se desfez de homem. Era Tertulliano tão austero na vida e nos costumes, e tão propugnador das heroicas virtudes, como mostram seus mesmos erros, porque negou serem licitas aos Christãos as segundas bodas, nem o fugir no tempo da perseguição, senão offerecer-se ao martyrio constantemente, nem serem outra vez admittidos á Igreja os peccadores conhecidos, posto que penitentes. Era Apollinar não só tão eminente na sabedoria, que foi mestre nas Escripturas Sagradas do Doutor Maximo na exposição dellas S. Jeronymo, mas de tão honestos e louvaveis procedimentos, que mereceu ser venerado, amado, e ainda defendido dos dois grandes Lumes da Igreja — Nazianzeno e Basilio — em quanto não foram manifestos seus erros. Mas sendo estes e outros insignes varões domadores de outras paixões humanas, chegados ao ponto de se haver de retratar do que tinham ensinado, aqui fraqueou todo seu valor, aqui perdeu o passo toda a sua sabedoria, e aqui se cegaram e escureceram de tal sorte aquelles grandes entendimentos, que antes quizeram perder a união da Igreja, e com ella o unico fundamento da propria salvação, que desdizer-se do que tinham dito.

E como é tão natural aos homens doutos e sabios a pertinacia de persistir em seus erros, e o orgulho de os sustentar e defender a todo o risco; para allumiar esta segunda e maior cegueira, que não só perde

---

[1] *Act.*, XXVI, 24.
[2] *Math.*, XIX, 12.

a seus auctores, senão a muitos com elles, sahiu Agostinho á luz com o livro de suas Retractações, em que confessou seus erros, e emendou suas ignorancias, dando confiança a todos os sabios e doutos (como mais sabio e douto que todos) a que nenhum se envergonhasse de ter errado, nem de confessar que errou, pois Agostinho o fazia tão declaradamente. Ou em seus Sermões, que eram continuos, ou em varias disputas publicas (em alguma das quaes concorreram em Carthago duzentos e oitenta e seis Bispos hereges) convenceu Agostinho com força e evidencia de seus argumentos muitos Donatistas, muitos Manicheos, muitos Pelagianos, que publicamente reconheceram e abjuraram seus erros; mas o argumento mais irrefragavel e sem resposta que confundiu a presumpção de todos, ainda dos mesmos que teimaram a se não desdizer, foi o livro de suas Retratações escripto e divulgado. Bem pudéra Agostinho retratar verbalmente desde a mesma cadeira em que ensinava e prégava, e não com pequena edificação de todos os doutores e mestres; mas quil-o fazer e publica por escripto, porque a retratação do que se escreveu e sahiu a publico, em homens de opinião, é muito mais difficil.

Presentado Christo ante Pilatos, ouviu elle as accusações: examinou as testemunhas, reconheceu o odio e inveja de inimigos, e pronunciou ao Senhor por innocente. Instando porém os accusadores: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæsaris: omnis enim qui se regem facit, contradicit Cæsari:* [1] que se absolvia aquelle réo, incorria em crime de leza magestade contra o Cesar, pois era contra a soberania do imperio consentir dentro nelle um homem que se chamava rei: pôde tanto com Pilatos o temor deste requerimento, e o respeito do nome e amizade do Cesar, que condemnou em Christo a innocencia e crucificou com Christo a justica. Crucificado em fim o Senhor, mandou fixar na cruz, como era costume, a causa porque padecia, escripta com aquellas palavras: Jesus Nazareno Rei dos Judeus: das quaes novamente escandalisados os accusadores, tornaram a replicar que as mandasse emendar, e que em logar de Rei dos Judeus, disses-

[1] *Joan.*, XIX, 12.

se: por se fazer Rei dos Judeus. Porém Pilatos respondeu: *Quod scripsi, scripsi:* [1] o que escrevi, escrevi: e de nenhum modo o puderam persuadir a que mudasse o que tinha escripto. O grande reparo que tem esta resposta, todos o estão vendo. Muito mais offendia Pilatos ao Cesar em dar a Christo o titulo de Rei, que em lhe não dar a morte, e muito mais se condemnava em lhe dar a morte, que se o livrasse della. Pois se Pilatos não repara em se condemnar a si e a Christo, por respeito de Cesar, porque não lhe tira o titulo de Rei por respeito do mesmo Cesar? Porque assim o tinha já escripto e publicado: *Quod scripsi, scripsi.* O que um homem de sciencia ou presumpção uma vez escreveu e publicou, não o torna a retratar por nenhum respeito. Condemnar a mesma innocencia, fal-o-ha, senão fôr recto, por um respeito humano; mas riscar o que uma vez escreveu, e está publico em seu nome, não o fará um sabio presumido por nenhum respeito deste mundo, nem ainda do outro. Ella é intoleravel cegueira do entendimento, intoleravel abuso da razão, e intoleravel injuria da justiça e da verdade, que aquillo que se não devia escrever, se haja de sustentar, só porque se escreveu, e que o ser escripto uma vez, seja consequencia de estar escripto sempre: *Quod scripsi, scripsi.* Mas esta sentença, como se fôra de melhor auctor, é a commummente de todos os que escrevem e publicam seus escriptos. Querem que os seus livros sejam como o livro da Predestinação, em que o que está escripto não póde ser riscado: querem que os seus caracteres sejam como os dos Sacramentos, que uma vez impressos, não se podem apagar: querem em fim, que o seu escrever seja prescrever: *Quod scripsi, scripsi.* Cento e dezoito livros temos de Santo Agostinho, exceptos os que não chegaram a nós; e quando elle pudéra assentar a penna, e consagral-a ao templo da Sabedoria, como tropheu de todas as sciencias, entre os applausos do múndo e celebridade da fama, maior que a de todos os que escreveram; torna a tomar e aparar de novo a penna: para que? Para emendar em um livro todos os seus livros, para

[1] *Joan.*, XIX, 22.

se retratar e desdizer de muitas coisas que nelles tinha dito, e para desenganar com o seu exemplo a todos os que tanto se enganam com os seus escriptos.

VIII

A razão deste desengano deu excellentemente Santo Ambrosio, a quem deve a Igreja mais que a todos os Doutores, porque lhe deve a Agostinho: *Unumquemque fallunt sua scripta, et auctorem prætereunt: atque ut filii etiam deformes delectant parentes, sic etiam scriptores indecores quoque sermones palpant.* A todos os auctores, diz Ambrosio, enganam os seus escriptos, e ainda que tenham erros, só elles os não vêem. E a razão desta cegueira é porque são partos do seu entendimento. E assim como os filhos, posto que sejam feios, agradam a seus paes, e lhes parecem formosos, assim os escriptos de cada um, por imperfeitos, errados, e mal compostos que sejam, naturalmente lisongeam a seus auctores, e lhes parecem bem, porque se parecem com elles. Isto disse e ensinou Santo Ambrosio, dignissimo mestre de Agostinho: e sendo tão verdadeira esta doutrina, e tão universal a razão ou sem razão della em todos os homens, só em Agostinho se não verificou. Lá disse Elifaz, o mais sabio dos tres amigos de Job, que a justiça de Deus, e a perspicacia dos olhos divinos é tão pura, que até nos seus Anjos achou imperfeição: *In Angelis suis reperit pravitatem.* [1] E não está o encarecimento em dizer que achou imperfeição nos Anjos, sendo Anjos, senão em que achou imperfeição nos Anjos sendo seus: *In Angelis suis.* Se os olhos de Deus fossem como os dos homens, ainda que os Anjos o não foram, bastava que fossem seus, para que lhe parecessem Anjos. Angelicas são todas as obras e escriptos de Agostinho; mas os seus olhos tiveram tanto da perspicacia divina, que com serem angelicos e seus, achou nelles imperfeição e erros: *In Angelis suis reperit pravitatem.* Não o lisongeou serem partos da sua alma, e filhos do seu entendimento, para que se enganasse com elles.

---

[1] *Job.*, IV, 18.

Agora se entenderá o proprio e cabal fundamento, porque entre os quatro animaes enigmaticos do carro de Ezechiel, em que foram significados os quatro Doutores da Igreja, Agostinho é a aguia. Por ventura, porque tendo todos azas e penas, Agostinho com as suas voou mais alto que todos? Seja embora; mas outro mais profundo mysterio se encerra na similhança. A aguia, como diz Aristoteles, e se sabe vulgarmente, depois que lhe nascem os filhos, e lhes dá a primeira creação indistintamente, tira-os do ninho, suspende-os nas unhas, e examina-os um por um aos raios do sol: se olham de fito em fito para o sol sem pestanejar, reconhece-os como filhos proprios; mas se fecham ou afastam os olhos, e não soffrem toda a luz, repudia-os, e lança-os de si como adulterinos. Assim fez a nossa Aguia com todos os seus livros, com todas as suas resoluções, e com todos os seus ditos e pensamentos. Examinou-os aos raios do sol da verdade severissimamente: dos que achou conformes, firmes, e constantes, reconheceu-os por proprios; aquelles porém, em que descobriu alguma fraqueza, ou menos conformidade, retratou-os, e condemnou-os como não seus. O dito bastava para a propriedade deste segundo e maior mysterio. Mas eu passo adiante, e pergunto: No exame e provà que faz de seus filhos a aguia, quaes ficam mais examinados, e mais qualificados, os olhos da mãe, ou os olhos dos filhos? Não ha duvida, que os olhos da mãe; porque os olhos dos filhos não se cegaram com o sol, os olhos da mãe não se cegaram com os filhos. Não se cegarem os filhos com o sol, isso é serem aguias; mas não se cegar a aguia com os filhos, isso é ser mãe sem amôr de mãe. Tal Agostinho com os seus livros. Eram partos do seu juizo, eram filhos do seu entendimento; mas examinou-os com tal rigor, e sentenciou-os com tal justiça, como se não foram filhos. Ou os amava Agostinho, ou não os amava: se os não amava sendo filhos seus, que fineza! E se os amava, e os tratou e retractou assim, que maravilha!

Não ha amôr que mais facilmente perdoe, e mais benignamente interprete e dissimule defeitos, que o amôr de pae. Grandes defeitos foram os do Filho Prodigo, e tão grandes, que elle mesmo reconhecia que era indigno de ser chamado filho de tal pae: *Pater*,

non sum dignus vocari filius tuus: [1] mas o pae nem por isso o desconheceu de filho, ou o lançou de si, antes o abraçou apertadissimamente, e o seu primeiro cuidado foi cobril-o e vestil-o e enfeital-o com as melhores e mais vistosas galas: *Citò proferte stolam primam.* [2] Isto é o que fazem todos os Escriptores, severissimos com os defeitos alheios, e benignissimos com os proprios, como paes emfim. Mas não assim Agostinho, posto que o podéra fazer melhor que todos. Ainda que alguns ditos ou escriptos seus tivessem taes defeitos que não fossem dignos de se chamar filhos de tal pae, bem podéra elle abraçal-os e não os lançar de si, e cobril-os com taes interpretações e vestil-os com taes côres e figuras de sua divina rhetorica, que não só parecessem seus, mas tivessem muito que invejar, como logo foi invejado o Prodigo. Porém elle tão fóra esteve de os cobrir, que os manifestou; tão fóra de os enfeitar, que os afeiou mais; e tão fóra de os vestir, dissimular ou disfarçar com outros trajos, que despido de todo o affecto e amôr de pae, os condemnou, como severissimo juiz, e lhes não perdoou, como cruel inimigo.

David, sendo tão enormes os erros de seu filho Absalão, e elle tão incapaz de perdão ou desculpa, lá lhe buscou e achou na edade um motivo com que o escusar e salvar: *Servate mihi puerum Absalom.* [3] Pois se Joab lhe não perdoou, e todo o reino então, e hoje todo o mundo o condemna, como lhe perdoa só David e o quer salvar? Porque era pae, diz Santo Ambrosio. E esta é a unica e verdadeira razão. Não ha opinião tão errada, não ha proposição tão temeraria e tão impia, como Absalão, que seus auctores, como paes, não queiram salvar, escusar e defender; porque, ainda que partos tão monstruosos, são partos do proprio entendimento. Os de Agostinho não eram deste genero, mas de tão facil interpretação e escusa, que muitos ainda depois de reprovados por elle, por sua natural gentileza, como a de Absalão, são vistos com admiração e recebidos com applauso. Era po-

---

[1] *Luc.*, XV, 21.
[2] *Ibid.*, 22.
[3] *2.º Livr. dos Reis*, XVIII, 5.

rém tal o amôr da verdade, e tal a inteireza do juizo de Agostinho, que sendo tão dignos de perdão, e elle pae, não lhes perdoou.

A maior coisa que fizeram os homens por Deus, foi o sacrificio de Abrahão, e a maior que fez Deus pelos homens, foi a Encarnação e morte de Christo, em que tambem o sacrificou. E para encarecer a Escriptura estas duas acções, os termos de que usou em uma e outra, é que nem Abrahão perdoou a seu filho, nem Deus ao seu: *Qui fecisti rem hanc, et non pepercisti unigenito filio tuo propter me:* [1] diz Deus fallando de Abrahão; e S. Paulo fallando de Deus: *Proprio Filio suo non pepercit, sed pro nobis tradidit illum.* [2] Tão grande façanha e fineza é chegar um pae a não perdoar a seu filho, como não perdoou Agostinho aos de que era pae. Mas com qual destes dois sacrificios se pareceu mais o de Agostinho, com o de Abrahão quando não perdoou a seu filho, ou com o do Eterno Padre, quando não perdoou a seu? No sacrificio de Abrahão foi figurado o do Eterno Padre. E se fizermos comparação entre um e outro, não de Deus a homem (que não póde ser) senão precisamente de pae a pae; não ha duvida, que ainda assim foi maior sacrificio o do Eterno Padre, que o de Abrahão; porque o filho a quem não perdoou Abrahão, era da sua carne, e o Filho a quem não perdoou o Eterno Padre, era Filho do seu entendimento: e sacrificar os filhos do entendimento, é tanto maior acção, quanto vae do espirito á carne, e da alma ao corpo. Logo muito mais parecido foi o sacrificio de Agostinho ao do Eterno Padre, e muito mais nobre que o de Abrahão, porque os filhos a quem não perdoou Agostinho, eram partos da sua alma, e filhos do seu entendimento. O Filho de Deus é concebido e gerado por entendimento, e por isso se chama Verbo, e Palavra do Padre: e este mesmo é o nome e esta a geração dos filhos a que Agostinho não perdoou: *Propriis filiis suis non pepercit.*

[1] *Genes.*, XXII, 16.
[2] *Rom.*, VIII, 32.

IX

Se lermos o livro das Retractações de Agostinho, acharemos que o que elle chama erros e ignorancias, algumas eram já impugnadas por outros, e as mais descobertas e emendadas pelo mesmo Agostinho. E certo que não sei em quaes dellas se mostrou o seu entendimento e juizo mais admiravel, se em não defender as primeiras, ou em estudar, cavar e descobrir as segundas. Verdadeiramente era coisa notavel e digna de toda a maravilha, depois que Santo Agostinho sahiu á luz com suas obras, vêr que todo o mundo estudava pelos livros de Agostinho, e o mesmo Agostinho tambem. Mas o fim de um e outro estudo ainda accrescenta mais a admiração; porque os outros estudavam por Agostinho, para aprender e lograr thesouros de sabedoria, e Agostinho estudava por Agostinho, para aprender os seus erros e os condemnar. No Capitulo primeiro do Ecclesiastes, diz Salomão, que foi mais sabio que todos os seus antecessores: *Præcessi omnes sapientia, qui fuerunt ante me in Jerusalem:* [1] e fallou muito modestamente, porque do terceiro Livro dos Reis consta que Salomão não só foi mais sabio que todos os que tinham sido antes, senão que todos os que foram e haviam de ser depois: *Dedi tibi cor sapiens, ut nullus ante te similis tui fuerit, nec post te surrecturus sit:* [2] e depois de dizer isto Salomão, accrescenta, que não só se applicou a saber as sciencias, senão tambem os erros e as ignorancias: *Dedique cor meum ut scirem prudentiam, atque doctrinam, erroresque, et stultitiam.* [3] Não reparo em que Salomão tendo as sciencias infusas, ou infundidas por Deus, se applicasse ainda a sabel-as, porque isto se ha de entender das mesmas sciencias, em quanto praticas e experimentaes. O que reparo e parece trabalho escusado e superfluo, é que um homem tão sabio se applique a estudar e saber os erros e as ignorancias: *Erroresque, et stultitiam.* Os erros

[1] *Eccl.* I, 16.
[2] *3.º Livr. dos Reis*, III, 12.
[3] *Eccl.*, I, 17.

e as ignorancias, é certo que são muitos mais que as sciencias, porque para saber e acertar, não ha mais que um caminho, e para errar, infinitos. Mas esses mesmos caminhos errados e de errar, esses mesmos erros e ignorancias, para que as estudá e quer saber Salomão? Não lhe bastavam as sciencias e tão consummadas sciencias? Não. Porque a Salomão fel-o Deus o maior Doutor da Igreja antiga: e não só lhe era necessario saber as sciencias, senão tambem os erros e as ignorancias: as sciencias para ensinar a saber, os erros para ensinar a não errar: as sciencias para as provar e estabelecer, os erros para os refutar e confundir. E isto é o que Salomão fez em todo aquelle admiravel livro, o qual intitulou Ecclesiastes, que quer dizer — o Doutor.

Assim como Deus em Salomão fez um Agostinho da Igreja antiga, assim em Agostinho fez outro Salomão da Igreja nova: e daquelle coração que Agostinho tem na mão, se póde dizer sem encarecimento depois dos Apostolos: *Dedi tibi cor sapiens, ut nullus ante te similis tui fuerit, nec post te surrecturus sit.* Ambos estes Salomões, depois de tantos thesouros de profunda sabedoria, estudaram os erros e as ignorancias: usando das sciencias para ensinar a saber, e dos erros e ignorncias para ensinar a não errar. Mas Salomão estudava os erros e ignorancias nos livros alheios para os confundir e emendar nos outros: e Agostinho estudava-os nos livros proprios para os confundir e emendar em si. A sciencia dos erros alheios é facil se se examinar sem odio, nem interesse; a dos erros proprios é muito difficil, porque sempre os julgamos subornados do proprio amôr. Os alheios conhecemol-os com o juizo livre, os proprios com o entendimento captivo: os alheios vemol-os como juizes, os proprios como namorados. Mais maravilhosa foi logo em Agostinho que em Salomão a sciencia que ambos tiveram de erros e ignorancias, e mais maravilhoso o mesmo Agostinho na luz e conhecimento com que retratou as suas, que nos argumentos invenciveis com que confundiu as alheias. Que ignorancias, que erros, que heresias houve não só antes e no tempo de Agostinho, senão ainda nos tempos futuros e nestes nossos, que se não confutem e convençam com a doutrina e livros de Agostinho? Mas o livro de suas Retractações é o que vence e triumpha de todos os mais, posto que

sempre vencedores. Nos outros livros temos em campo pela fé e pela verdade Agostinho contra Fortunato, Agostinho contra Fausto, Agostinho contra Ario, Agostinho contra Pelàgio, Agostinho contra Donato, Agostinho contra Juliano; mas no livro de suas Retractações, Agostinho contra Agostinho. Esta foi a mais forte batalha, e esta a maior victoria de Agostinho; porque vencedor e victorioso de todos, não tendo já a quem vencer, se venceu a si mesmo. Dos quatro animaes do carro de Ezechiel, diz o Texto sagrado, que tendo todos quatro azas, a aguia voava sobre todos quatro: *Desuper ipsorum quatuor.* [1] Pois se a aguia era um dos quatro, como voava sobre todos quatro? Se dissera que voava sobre os outros tres, bem estava; mas sobre todos quatro, sendo um delles? Sim; porque a aguia (como já dissemos) era Agostinho, e Agostinho nos outros seus livros voou sobre os tres Doutores da Igreja; mas no livro das suas Retractações voou sobre todos quatro, porque voou sobre si mesmo.

E se me perguntardes como se enganou Santo Agostinho com os que elle chama erros e ignorancias; quando os escreveu e como se desenganou depois, quando os retratou? Respondo, que se enganou antes; porque as suas ignorancias eram taes que pareciam sciencias, e os seus erros taes que pareciam verdades: e desenganou-se depois, porque a luz com que os tornou a vêr era muito maior e mais clara que a luz com que os tinha escripto. Um só logar da Escriptura nos dirá uma e outra coisa. Caso foi notavel e digno de toda a admiração, que na noite das bodas, em que Labão introduziu a Lia em logar de Rachel, Jacob se enganasse de maneira, que cuidasse e se persuadisse que verdadeiramente era Rachel, e não se desenganasse, nem conhecesse que era Lia, senão quando amanheceu. Jacob não viu a Lia quando a recebeu? Sim; pois como não conheceu então que era Rachel, assim como o conheceu depois quando amanheceu? Porque de noite viu-a á luz da candêa, de dia viu-a á luz do sol. Lia e Rachel como eram irmãs, eram muito parecidas uma com a outra, tanto assim que só nos olhos, como nota a Escriptura,

[1] *Ezec.*, I, 10.

tinham a differença e para distinguir coisas muito parecidas (e mais onde entra amôr) se a luz não é muito grande, facilmente se padece engano. O mesmo aconteceu a Agostinho. A verdade e a similhança della, são duas irmãs tão parecidas como Rachel e Lia; por isso o verosimil facilmente parece verdadeiro, e o verdadeiro se não é verosimil parece falso. E como as ignorancias de Agostinho eram tão verosimeis que pareciam sciencia, e os erros tão verosimeis que pareciam verdade, não é muito que Agostinho com menos luz se enganasse com os seus erros e ignorancias, e que depois que chegou ao summo da luz, então as reconhecesse e retratasse.

X

Não é muito, disse, e não disse bem; porque ainda que não foi muito reconhecer Agostinho os erros que elle só descobriu de si para comsigo; reconhecer porém e retratar aquelles em que era censurado de outros, e não os defender, foi o ponto mais heroico de suas Retractações. No erro secreto em que se não perde a honra, facilmente se sujeita a propria opinião á verdade: mas no publico e censurado, em que a honra se perde, ou ella defende o erro, ou o erro a defende a ella contra a mesma verdade conhecida. O mesmo Santo Agostinho o entendeu e julgou assim em caso não seu. No preceito da correcção fraterna manda Christo que a correcção se faça com tal segredo, que fique entre o que reprehende e o reprehendido sómente: *Corripe cum inter te, et ipsum solum.* [1] E porque razão com tanto segredo, que não só não passe a publico, mas nem ainda a terceiro? Santo Agostinho: *Corripe inter te, et ipsum solum, intendens correctioni, parcens pudori: forte enim præ verecundia incipit defendere peccatum suum, et quemvis correctiorem facit pejorem.* Mandar Christo que a correcção se faça com tal segredo que fique entre o reprehendido sómente, foi attender na correcção á emenda, e no segredo á honra do reprehendido; porque perdida a

[1] *Math.*, XVIII, 15.

honra, como seria se o erro se publicasse, em logar de se conseguir a emenda, se seguiria naturalmente a contumacia; e o reprehendido vendo-se affrontado, tão fóra estaria de admittir a correcção, que antes se poria em campo para defender o erro. Isto é o que dita em todos os homens a natureza, e esta foi a maior victoria que della alcançou Agostinho, como mais que homem. Vendo-se censurado publicamente de seus emulos, e notados por elles alguns erros em seus escriptos, tão longe esteve de tomar as armas contra os censuradores, que em tudo o que tinham razão se poz da parte delles contra si mesmo, e assim como elles o censuraram, elle se censurou tambem e se retratou. Se Agostinho neste caso se defendera fortissimamente, não era para mim argumento, nem de grande sabedoria, nem de grande entendimento. O animal de Balaam, offendido, teve lingua para responder, e razões para impugnar e convencer um Propheta. Porém que offendido e censurado Agostinho por seus emulos, lhes ache razão, se ponha da sua parte, e se retrate do que tinha escripto, podendo mais com elle o credito da verdade, que o seu, este foi o *non plus ultra* a que só podia chegar a magnanimidade daquelle coração.

Exhortando S. Paulo a si e a todos os Varões Apostolicos, a que se portem como ministros de Deus: *Exhibeamus nosmetipsos sicut Dei ministros;* [1] e contando entre as virtudes que devem ter, a verdade, a sciencia, e, junto com a sciencia, a longanimidade: *In scientia, in longanimitate, in verbo veritatis:* [2] accrescenta como se hão de haver nas batalhas, com estas palavras: *Per arma justitiæ à dextris, et à sinistris, per gloriam, et ignobilitatem, per infamiam, et bonam famam:* [3] haveis de menear, diz, as armas da justiça á mão direita e á esquerda, e tanto haveis de estimar a honra como o descredito, e a fama como a infamia. As armas da mão direita e esquerda são a espada e o escudo: o escudo para defender e rebater os golpes do inimigo, a espada para o offender e ferir. Mas qual é a razão ou o mysterio com que exhorta

[1] *2.ª ad Corinth.*, VI, 4.
[2] *Ibid.*, 6 e 7.
[3] *Ibid.*, VII, 7 e 8.

e ensina S. Paulo, que esta espada da mão direita, e este escudo da esquerda hão de ser armas de justiça: *Per arma justitiæ à dextris et à sinistris?* Bem disse Philo Hebreu, que as acções dos Patriarchas são os melhores commentarios da Escriptura. Em nenhum Commentador achei este reparo do Texto, nem a declaração delle; mas na acção que vou ponderando de Agostinho, sim, e divinamente explicado. A espada e escudo de Agostinho, foram as armas mais finas e mais fortes; mas a maior excellencia que tiveram, foi serem sempre armas de justiça, ainda contra si mesmo. Se os inimigos lhe faziam guerra injusta, de tal sorte se defendia com o escudo, que ninguem o podia penetrar, e com tal força feria e offendia com a espada, que ninguem a podia resistir. Mas se acaso os mesmos inimigos lhe faziam guerra justa, como no caso em que estamos, era tal a justiça das armas de Agostinho: *Per arma justitiæ*, que não só as abatia e rendia á verdade, mas passando-se á parte dos contrarios, as voltava contra si mesmo, e elle se impugnava, elle se convencia, elle se retratava. E isto é o que fez no livro mais que humano e verdadeiramente miraculoso de suas Retractações.

Quasi estou arrependido de ter applicado ao livro das Confissões aquelle famoso livro de Job, com que elle se queria coroar, e presental-o a Deus, para que por elle o premiasse; porque ao livro das Retractações de Agostinho, só por esta ultima circumstancia, parece que é devido ser a corôa de todos. Mas a razão e palavras de S. Paulo egualmente se verificam em um e outro livro. Concluamos pois que Agostinho, sobre a laurea de Doutor da Igreja teve duas corôas, ambas primeiras, uma de doutor confidente pelo livro de suas Confissões, em que dos seus peccados fez exemplo; e outra de doutor revogante pelo livro de suas Retractações, em que dos seus erros fez doutrina. A razão e palavras de S. Paulo, que ainda não ponderámos, são aquellas: *Per gloriam, et ignobilitatem: per infamiam, et bonam famam.* Quer o Apostolo, que os ministros de Christo procurem a gloria de seu Senhor, sem respeito nem attenção á sua propria, ou seja com honra ou com descredito, ou seja com fama ou com infamia. E em ser de um modo ou de outro, não só ha grande differença, mas grande excesso de perfeição. Procurar a gloria e

honra de Deus, quando a sua gloria e honra se ajunta com a nossa: *Per gloriam, et bonam famam*, é coisa muito facil; porém procurar a gloria de Deus, quando a sua gloria se ajunta com o nosso descredito: *Per ignobilitatem;* e procurar a honra de Deus, quando a sua honra se ajunta com a nossa affronta: *Per infamiam;* aqui está o ponto da difficuldade invencivel ás forças da natureza, e aqui se apuraram as duas façanhas, ambas prodigiosas, com que Agostinho em um e outro livro amplificou gloriosamente o Evangelho de Christo. O que Christo manda no Evangelho, como vimos, é que os prelados da sua Igreja allumiem com luz de doutrina, e resplandeçam com exemplo de boas obras: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona:* e posto que o mesmo Senhor juntamente ensina, que o fim da doutrina e do exemplo ha de ser a gloria de Deus, e não a propria: *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est:* estas duas operações são de si mesmas tão luzidas e gloriosas, que ainda que sejam feitas só pela gloria de Deus, sempre vae junta com ellas a gloria humana. Nos peccados e nos erros é o contrario. Porque os peccados, posto que publicados para exemplo, sempre affrontam, e os erros, posto que confessados para doutrina, sempre desacreditam: e comprar a gloria e honra de Deus á custa da propria affronta e do proprio descredito: *Per ignobilitatem et infamiam:* só o inventou o entendimento de Agostinho, e só o coração de Agostinho teve maior valor para o executar.

Se elle não podéra conquistar a gloria de Deus senão por dois meios tão encontrados com a propria, ainda era muito heroica fineza: mas o que mais a afina e sobe do ponto, é que tendo justissimas razões Agostinho como Prelado para encobrir os peccados, e como Doutor para dissimular os erros; quiz antes publicar uns e outros com tão custosa resolução, só para assim, e de todos os modos, amplificar mais a mesma gloria de Deus. Convencido diante de Josuë um soldado nobre chamado Achan, de que tinha escondido uma capa de grã e uma lingua de ouro nos despojos de Jericó, consagrados todos a Deus, e exhortando-o o mesmo Josuë a que confessasse o grande erro e culpa que tinha commettido, disse-lhe as-

sim: *Fili mi, da gloriam Domino et confitere:* [1] filho meu, dá gloria a Deus e confessa. Não só lhe disse que confessasse, senão que désse gloria a Deus; porque entre os actos de virtude e valor que um homem póde fazer, nenhum ha por sua natural difficuldade, que tanto glorifique a Deus como a confissão dos proprios erros e peccados, e mais se é publica como esta era. A Agostinho disse-lhe Christo: *Da gloriam Domino;* mas não lhe disse: *confitere;* disse-lhe que désse gloria a Deus: *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est;* mas não lhe disse que confessasse publicamente seus erros e seus peccados, senão pelo contrario, que publicamente resplandecesse com luz de doutrina e boas obras: *Sic luceat lux vestra coram hominibus. ut videant opera vestra bona.* E tendo Agostinho este dobrado motivo, em quanto Prelado, para não confessar peccados, e em quanto Doutor, para não confessar erros; quiz com tudo confessar publicamente uns e outros, para com uns e outros dar dobrada gloria a Deus: *Da gloriam Domino, et confitere.* Considero eu a Agostinho neste caso com os mesmos despojos do soldado de Josuë, capa de grã, e lingua de oiro: tinha muito boa capa e de muito boa côr, para cobrir com ella seus peccados, considerando que era prelado: e tinha muito boa lingua e de muito bom metal, para doirar com ella seus erros, considerando que era doutor; mas em quanto prelado, não só quiz dar exemplo com suas virtudes, senão tambem com seus peccados, confessando-os: e em quanto doutor não só quiz dar doutrina com a sua sciencia senão tambem com os seus erros e ignorancias, retractando-as: para de todos os modos amplificar mais e mais a gloria de Deus: *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.*

XI

Temos desfeita, se me não engano, a implicação de Agostinho com o Evangelho, e mostrado o mesmo Evangelho alta e grandiosamente amplificado por

[1] *Josué*, VII, 19.

Agostinho, assim no livro de suas Confissões, como no de suas Retractações. Resta só para complemento da materia combinar um livro com outro, e postos ambos em balança, vêr qual peza mais. Em ambos se mostrou grande Agostinho; mas em qual maior? Respondo, que maior em ambos diversamente considerado. Considerado Agostinho como santo, é maior no livro de suas Confissões, porque publicou nelle seus peccados: e considerado o mesmo Agostinho como homem, é maior no livro de suas Retractações, porque publicou nelle suas ignorancias.

Pedindo David perdão a Deus dos peccados de sua mocidade (quaes foram tambem os de Agostinho) compoz a sua oração nesta fórma: *Delicta juventutis meæ, et ignorantias meas ne memineris Domine:* [1] esqueceivos, Senhor, dos meus peccados, e não vos lembreis de minhas ignorancias. Estas, que no segundo logar chama David ignorancias, são as mesmas que no primeiro chama peccados: e a razão de chamar ignorancias aos peccados, é porque queria livrar e desculpar os peccados com o nome de ignorancias; mas parece que não havia de ser, nem dizer assim. As ignorancias são defeitos do entendimento, os peccados defeitos da vontade; e havendo de desculpar um defeito com outro defeito, parece que o havia de carregar antes sobre a potencia menos nobre, que é a vontade, e não sobre a mais nobre, que é o entendimento. Assim o havia de fazer David, se fallára e entendêra como homem; mas fallava e entendia como santo. Os Santos, como conhecem a graveza e malicia do peccado, e quanto mais feios são os defeitos da vontade, que os do entendimento, mais se pejam de ser máus, que de ser mal entendidos; e antes querem parecer ignorantes, que peccadores. Por isso David, como santo, confessando os peccados por delictos, allega as ignorancias por desculpas: *Delicta juventutis meæ, et ignorantias meas.*

A razão desta differença, é porque a ignorancia oppõe-se á sciencia, e o peccado á virtude: e quem é verdadeiramente santo, muito mais estima a virtude, do que se presa da sciencia. Veiu a Magdalena buscar a Christo em casa do Phariseu, e para de-

[1] *Psalm.* XXIV, 7.

monstração de quão trocado estava o seu amôr, quebrou o alabastro, derramou os unguentos, beijou os pés ao Senhor, regou-os com lagrimas, e enxugou-os com seus cabellos. Estranhando porém o Phariseu que Christo admittisse similhantes obsequios de uma tal mulher, disse assim comsigo: *Hic si esset propheta, sciret quæ, et qualis est mulier, quæ tangit eum.* [1] Este se fosse Propheta, havia de saber quem e qual é a mulher cujas mãos, cujos olhos, cuja bocca e cabellos, consente que lhe toquem os pés. Supposios os obsequios da Magdalena, a permissão de Christo, e a malicia do Phariseu, parece que mais á mão estava duvidar elle da virtude do Senhor, que da sua sciencia: pois porque lhe duvida a sciencia e não a virtude: *Hic si esset propheta, sciret?* Porque desta vez os pensamentos do murmurador estavam no arbitrio do murmurado. O mesmo Christo, que admittiu os obsequios da Magdalena, permittiu os pensamentos do Phariseu. Mas permittiu-lhe que julgasse mal de sua sabedoria, e não que tivesse máu conceito de sua virtude. Da minha sabedoria cuide o Phariseu o que quizer, e diga embora que ha em mim ignorancia: *Si esset propheta, sciret:* mas duvidar da minha virtude, e da minha pureza, e cuidar elle ou alguem que em mim ha ou póde haver peccado; isso não o permitte o Santo dos Santos. E como é proprio da santidade estimar mais o conceito da virtude, que o da sciencia, e soffrer antes contra si a opinião da ignorancia, que a do peccado; muito mais fez Agostinho em quanto santo, no livro de suas Confissões, em publicar seus peccados, que no livro de suas Retractações em confessar suas ignorancias.

Em quanto homem não foi assim. Muito mais fez Agostinho em quanto homem na confissão de suas ignorancias, que na publicação de seus peccados. Peccou o primeiro homem, porque quiz ser como Deus, e é muito de reparar, que sendo os attributos de Deus tantos e tão excellentes, entre todos escolhesse o demonio para tentar o homem o attributo da sabedoria: *Eritis sicut Dii scientes bonum, et malum.* [2] Eu bem sei que tem Deus muitos attributos que não são

[1] *Luc.*, VII, 39.
[2] *Genes.*, III, 5.

accommodados para fazer tentação. Deus é infinita bondade, e ninguem se tenta de ser bom: Deus é eterno, e os homens de nada tratam menos que da eternidade: Deus é invisivel, e o que todos appetecem, é apparecer, e ser vistos. Comtudo, outros attributos tem Deus que podiam fazer grande tentação ao homem. Todo o homem deseja ser, deseja ter, deseja poder. Se deseja ser; porque o não tentou o demonio com o attributo da immensdade e grandeza? Se deseja ter; porque o não tentou com o dominio e senhorio universal de todas as coisas? Se deseja poder; porque o não tentou com a omnipotencia? Mas que deixados todos estes attributos, só com o da sabedoria tentasse o demonio ao homem? Sim. Porque o demonio, como discreto, armou a tentação ao homem conforme o conhecimento que tinha de sua natureza, e para onde o viu mais inclinado, para alli entendeu que cahiria. Fez o demonio este argumento: O homem não o hei de render eu, senão o seu desejo; e desejo mais natural ao homem, é o de saber; logo se lhe prometto sabedoria, rendido o tenho; e assim foi. Porém o homem naquelle estado é certo que tinha sciencia infusa: pois se tinha tanta sciencia, como peccou, e se tentou por saber? Porque ainda que tinha muita sciencia, não tinha toda, e esta é a que o demonio lhe prometteu: *Eritis sicut Dii scientes bonum et malum:* tereis a sciencia de tudo como Deus: E como o homem com a sciencia que tinha, ignorava tudo o mais que Deus sabe; antes quiz commetter o peccado, que padecer esta ignorancia. Não teve paciencia nem confiança Adão para saber menos, e por isso quiz antes saber mais com peccado, que saber menos sem peccado.

Já aqui ficava bem provado o que queremos dizer de Agostinho, mas ainda temos outro logar do Testamento Novo menos sabido, e póde ser que não ponderado, com que mais se encarece esta verdade. Condemna Christo as injurias com que os homens se affrontam de palavra, assignalando tambem o castigo que cada um merece, e como Soberano Legislador manda assim: *Qui dixerit fratri suo Raca, reus erit concilio: qui autem dixerit fatue, reus erit gehennæ ignis:* [1] o homem que chamar a outro *Raca* tenha pena

[1] *Math.*, v, 22.

arbitraria: porém o que lhe chamar *fatuo*, seja queimado em uma fornalha. A palavra *fatue* todos sabem que significa nescio e ignorante: a outra, que é arabica, quer dizer impio, ou mais propriamente, blasphemo. Quem haverá, pois, que não julgue, ou ao menos lhe não venha ao pensamento, que nestes dois casos tão diversos, se não mede bem a pena com a culpa? O ser nescio e ignorante, é um defeito natural; o ser impio e blasphemo, é peccado gravissimo: como logo se dá pena arbitraria ao que chama impio, e ao que chama ignorante, pena de fogo? Porque ainda que o ser impio para com Deus é maior peccado, o ser ignorante para com os homens é maior injuria. A injuria ou contumelia mede-se neste caso pelo sentimento e affronta que o homem recebe, e nenhum ha que não sinta e se affronte mais de ser motejado de ignorante, que de ser notado de máu. E como este é o commum conceito e estimação dos homens, ter por menor injuria o peccado que a ignorancia; muito mais fez Agostinho em quanto homem no livro de suas Retractações, em confessar suas ignorancias, que no livro de suas Confissões em publicar seus peccados.

XII

Tenho acabado o meu discurso, e já que não pude louvar como devêra a meu Santo Agostinho (a quem tenho tomado diante de Deus por muito particular Patrono) ao menos o não quizera desagradar em não fechar o sermão com um ponto da sua doutrina. Aos que fazem o que fez em quanto santo, não é necessario: aos que não fazem o que fez em quanto homem, sim: e não será pouco util aos visinhos do bairro.

Quantos julgadores ha, que, ou no voto, ou na tenção, ou na sentença reputam por descredito o retratar-se, e seguindo o dictame ou seita de Pilatos, teem por timbre o dizer: *Quod scripsi, scripsi?* E tambem póde ser que haja algum, o qual sem reparar em que se condemna, não se retractando, ou pela inveja de que outro votou melhor, ou pela soberba de não confessar que errou, não tema acompanhar a Lucifer

no castigo, como o imita na contumacia. O retractar-se não é argumento de não saber; mas de saber que muitas vezes póde acertar o menos douto no que o mais lettrado não advertiu. Que comparação tinha na sciencia Jethro com Moysés? E comtudo conheceu Moysés que o dictame de Jethro era mais acertado, e logo retractou o seu, e seguiu o alheio. Por isso disse delle Philo Hebreu (o que egualmente se póde dizer de Santo Agostinho): *Intactus à contentionibus veritatem quærebat: quippe qui nihil præter eam admittebat: longe aliter quam isti, qui accepta semel qualiacumque dogmata obstinate defendunt.* Não era Moysés nem Agostinho como aquelles que defendem obstinadamente o que uma vez disseram, só porque o disseram; mas porque só buscavam e amavam a verdade, em qualquer parte que a achavam, e de qualquer bocca que a ouviam a seguiam e abraçavam sem contenda nem controversia.

Nenhum homem houve tão amigo de sustentar o credito do que tinha dito como S. Pedro. Aconselhou a Christo que não morresse, dependendo da mesma morte a salvação do mundo. *Absit à te Domine, non erit tibi hoc.* E porque? Porque tinha dito que Christo era Filho de Deus vivo e quem visse morrer a Christo, podia cuidar que Pedro se enganára no que disséra. Assim o notou e affirma não menos que S. Jeronymo: *Petrus sic loquitur, quia non vult perire confessionem suam, qua dixerat: tu es Christus Filius Dei vivi.* [1] E este mesmo homem que não reparou na salvação do genero humano, só porque se não desacreditasse o que tinha dito, vêde quão facilmente se retractava, depois que foi consummado na sabedoria! Naquella grave questão que se disputou e decidiu no primeiro Concilio da Igreja sobre os ritos cerimoniaes da Lei velha, tinha sido de parecer S. Pedro, que em quanto não obrigava a Nova, por não estar sufficientemente promulgada, se deviam dissimular os mesmos ritos com os Gentios, por não escandalisar os Judeus, uns e outros novamente convertidos. Porém como S. Paulo provasse efficazmente que se devia proceder d'outro modo; que resolução tomou S. Pedro? Sem embargo de ter praticado em

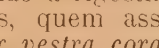
[1] *Math.*, XVI, 22.

Galacia e outras partes a opinião que tivéra; como Doutor particular, se retractou logo della, e como Summo Pontifice definiu no mesmo Concilio a verdade contraria. Tanto pôde com aquella grande cabeça a força da razão, posto que Paulo fosse o mais moderno dos Apostolos, e não Discipulo da escóla de Christo neste mundo, como elle e os demais.

Isto fez S. Pedro depois de descer sobre elle o Espirito Santo; mas já antes disso em uma excellente allegoria nos tinha ensinado com o seu exemplo a mesma docilidade. Andava pescando S. Pedro com os outros Discipulos no mar de Tiberiades, quando o Divino Mestre resuscitado lhes appareceu na praia: e ainda que todos o viram, e o Senhor fallou a todos, só S. João o conheceu. Isto que succedeu a Christo, que é a Summa Verdade, succede a qualquer outra verdade quando não é manifesta. Uns a vêem, outros a não vêem, posto que de ordinario (como aqui) a vê e conhece melhor quem mais a ama. E que se deve fazer em similhantes casos? O que fez S. Pedro. Disse-lhe S. João que era o Senhor: *Dominus est;* [1] e elle reconhecendo que dizia bem, se lançou logo a nado, para se ir deitar a seus pés. Assim deve fazer quem busca a verdade. Se não fui eu, senão outro o que a descobriu, nem por isso a hei de duvidar, ou negar, ou impugnar; mas em qualquer parte que esteja, e por quem quer que fosse vista, hei de nadar logo a ella. E digo nadar, como fez S. Pedro, porque esta é a metaphora com que melhor se declara o seguir e abraçar a sentença ou parecer de outro. Os Antigos para significar este acto (que muitas vezes é heroico) diziam: *In alterius sententiam pedibus ire:* ou, *obviis ulnis eam amplecti.* E isto é o que fez S. Pedro, o qual nadando com os pés e com os braços, foi buscar a verdade onde a não tinha visto, porque a vira João, posto que mais moço. Não ha sciencia tão jubilada, que não possa deixar de vêr o que vê outra de menos annos e de menor auctoridade, qual era a de João em respeito de Pedro. O verdadeiro saber, é de saber reconhecer a verdade, ainda que seja filha de outros olhos, ou de outro entendimento, e não se cegar com o proprio, como se cegou Lucifer .

[1] *Joan.*, XXI, 7.

Oh se Lucifer seguira a sentença dos Anjos que elle tinha por inferiores, e se soubera retractar do que tinha dito; que qualificada ficaria a sua sabedoria! Mas onde a quiz sustentar e se namorou demasiadamente della alli a perdeu: *Perdidisti sapientiam tuam in decore tuo.* [1] Nem é pequena prova da obstinação de Lucifer, que depois do livro das Retractações de Agostinho se não arrependesse com tal exemplo, e se não retractasse. D'aqui infiro eu, por remate ou corôa de quanto tenho dito, que no mesmo logar de Lucifer, que elle perdeu no céu por se não retractar, succedeu Agostinho, porque se retractou. A Lei, ou Texto em que me fundo, é aquella promessa que Deus fez aos filhos de Israël, quando houveram de entrar na Terra da Promissão: *Omnem locum, quem calcaverit vestigium pedis vestri, vobis tradam:* [2] Todo o logar que pizardes na Terra da Promissão será vosso. A Terra da Promissão era figura do céu, e desta promessa de Deus infere Origenes, que quem pizar a soberba de Lucifer, esse terá no céu o seu logar: *Lucifer sedem habebat in cœlis; postea verò quam factus est Angelus refuga, si eum vincere potero, et subjicere pedibus meis, consequenter locum Luciferi merebor in cœlis.* E se é consequencia fundada na promessa divina, que a cadeira de Lucifer, perdida por soberba de sabedoria obstinada, só a alcançará aquelle que metter debaixo dos pés a mesma soberba pela humildade, a mesma obstinação pelo arrependimento, e a mesma sabedoria errada pela retractação della: a quem se deve, ou seja por votos, ou por acclamação, a cadeira de Lucifer, senão a Agostinho? Assim resplandece entre os Anjos, quem assim allumiou os homens: *Sic luceat lux vestra coram hominibus:* assim exaltam as boas obras a quem soube confessar e retractar as que não eram boas: *Ut videant opera vestra bona:* e assim glorifica Deus no céu a quem tanto o glorificou e fez glorificar na terra: *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.*



[1] *Ezech.*, XXVIII, 27.
[2] *Josué*, I, 3.

SERMÃO NA DEGOLLAÇÃO

DE

S. JOÃO BAPTISTA*

Misit Herodes, ac tenuit Joannem, et vinxit eum in carcere, propter Herodiadem uxorem Philippi fratris sui, quia duxerat eam... et decollavit eum in carcere. [1]

I

Uso foi dos antigos Hebreus (de quem o tomaram os Gentios mais sabios, Gregos e Romanos, e sem perigo da fé, antes com louvor dos costumes o deverão imitar os Christãos) uso foi, digo, nos famosos convites, não só saborearem as mezas com pratos regalados e exquisitos, mas tambem com problemas discretos e proveitosos. Lembravam-se aquelles homens que eram racionaes e parecia-lhes coisa indigna de uma natureza tão nobre, que ficassem em jejum as potencias da alma, quando tanto se estudava e despendia em dar pasto e delicias aos sentidos do corpo. Entre outros exemplos deste celebre costume (muito antes de Salomão compôr para elle as suas Parabolas) temos o das bodas de Samsão, o qual com nome de problema, propoz na meza aos convidados o enigma da sua victoria, dizendo: *Proponam vobis pro-*

---

* Foi este Sermão prégado em Odivellas, em 1653. Elle não é encomiastico, commenta o erudito padre Honorati, mas nem por isso deixa de ser proprio do dia da Degollação do Santo Precursor. Dá-lhe o orador o caracter de novidade que se deseja nos Sermões de festa, propondo o assumpto em fórma de problema. Confesso, porém, diz Honorati, que acho esta argumentação pouco conveniente ao decoro do pulpito.

[1] *Marc.*, VI.

blema. [1] O mesmo digo eu, e farei hoje. Temos á meza el-rei Herodes com os grandes da sua côrte, e assim como Herodias tomou por sua conta pôr nella o mais exquisito prato, eu quero que corra pela minha propôr o mais proveitoso problema. O prato foi a cabeça do Baptista: o problema não será indigno de que o mesmo Baptista o prégasse. *Ave Maria.*

II

Nesta grande tragedia do maior dos nascidos fazem o primeiro e segundo papel dois homens, que tambem nasceram grandes: um Herodes, outro Filippe; um rei, outro seu irmão; um sem honra, outro sem consciencia; um casado, mas sem mulher; outro com mulher, mas não casado. E de toda esta violencia, de todo este escandalo, de todo este vituperio de um e outro, não foram duas mulheres a causa, senão uma só e a mesma, a infame Herodias. A tanto se atreve um amôr poderoso, a tanto se delibera uma ambição impotente. Era Herodias no mesmo tempo mulher de Filippe propria, e de Herodes alheia: ambos por ella infelizes, ambos por ella affrontados, ambos por ella em diverso modo perdidos. Nesta historia se funda o meu problema, como o de Samsão na sua, e será este: Quaes mulheres são mais perniciosas aos homens, se as proprias, ou as alheias? Se as proprias, como Herodias era de Filippe, ou as alheias, como a mesma Herodias era ou não era de Herodes? Já sabeis que quem disputa problemas não tem obrigação de os resolver. E porque cada um deve seguir a parte que mais lhe contentar, todos devem attenção a ambas.

Mas antes que entremos na disputa, vejamos brevemente primeiro quão problematica é a materia. Propoz-se em outro convite, que refere Esdras, aquella famosa questão, qual era a coisa mais poderosa do mundo; e uns philosophos disseram que a mulher, outros que o vinho. Não me detenho nas razões de cada um, mas só reparo na discrepancia dos extremos, e na

[1] *Juizes*, XIV, 12.

concordia dos votos. Em que symbolisam o vinho e a mulher, para se attribuir a ambos o maior poder? Symbolisam, disseram os mesmos philosophos, em que o vinho e a mulher, ambos rendem o dominio de tal sorte aos homens, que lhes tiram o juizo. Adão, o primeiro pae do genero humano, e Noé, o segundo, ambos perderam o juizo: e quem lh'o tirou? Ao primeiro a mulher, ao segundo o vinho. E assim como o vinho para tirar o juizo a um homem, não importa que seja da sua vinha, ou da vinha do outro; assim tambem a mulher, tanto lhe póde tirar o juizo a alheia, como a propria. Demos a Adão outro companheiro. Perdeu Adão o juizo, perdeu o mundo: e por quem? Por amôr de Eva. Perdeu David o juizo, e perdeu o reino: por quem? Por amôr de Bethsabee. Bethsabee era mulher alheia, Eva era mulher propria. Mas que importou que uma fosse propria e outra alheia, se ambas perderam a ambos?

O Espirito Santo, que não póde errar, diz que as mulheres fazem apostatar da fé, e idolatrar aos sabios: *Mulieres apostatare faciunt sapientes.* [1] Não diz aos homens, senão aos sabios, que são aquelles homens que até sobre as estrellas têm dominio. Dictou este oraculo o Espirito Santo por bocca de Salomão, e no mesmo Salomão, que foi o mais sabio de todos os homens, se viu provado. As mulheres gentias lhe depravaram o juizo de tal sorte, que o famoso edificador do Templo de Jérusalem, não só adorou os seus idolos, mas tambem lhes edificou templos. E porque chegou a cahir em tal cegueira um tal homem? Porque antes de adorar os idolos, adorava as idolatras. Primeiro foram ellas idolos de Salomão, do que Salomão adorasse os seus idolos. E uma vez que as mulheres são idolos, tanto monta que sejam proprias, como alheias. Rachel, quando ainda era gentia, furtou os idolos de seu pae Labão; e qual dos dois era mais idolatra? Os idolos que adorava Labão eram seus; os que adorava Rachel eram roubados: mas tão idolatra era Rachel adorando os idolos alheios, como Labão os proprios. Daquelles idolos, diz David, que tinham olhos e não viam, ouvidos e não ouviam, bocca e não fallavam. Vêde se será o mesmo nos idolos

[1] *Eccles.*, XIX, 2.

que fallam, que vêem e que ouvem? Tanto importa que sejam proprios ou alheios, para vos fazer apostatar.

Finalmente, o mesmo homem que nos deu o exemplo com o seu problema, sem o dividirmos em dois sugeitos, e sem o declararmos por metaphoras, é a maior prova do nosso. Teve Samsão duas mulheres, uma propria, outra alheia, porque uma era legitima e outra não. A alheia se chamava Dalila, a propria não tem nome na Escriptura. E que lhe succedeu com ambas? Tão alheia foi do seu amôr a alheia, como a propria; e tão propria para os enganos a propria como a alheia. Ambas o enganaram, ambas lhe foram infieis, ambas ingratas, ambas traidoras, ambas crueis, ambas inimigas. A propria o rendeu com lagrimas e caricias a que lhe descobrisse o segredo do seu enigma, e o revelou a seus competidores, e tomou por marido a um delles. A alheia comprada por dinheiro lhe roubou com as mesmas artes as chaves do thesouro de seus cabellos, os quaes cortados, e enfraquecido Samsão, o entregou nas mãos dos Philisteus. Estes foram os favos que tirou da bocca daquelles dois leões o sabio e valente moço, o qual agora podia trocar o seu problema com o nosso, e perguntar com maior razão, quaes mulheres são mais perniciosas ao homem, se as proprias ou as alheias. Mas já é tempo que entremos na têa da disputa, e discorramos por uma e outra parte os fundamentos tão verdadeiros, como fortes, com que ambas se combatem, ou se defendem.

III

Começando pelas mulheres alheias, qual era Herodias em respeito de Herodes: a razão, a experiencia, as leis de todas as nações, ainda barbaras, os escandalos particulares e publicos, a ruina das casas, a infamia das pessoas, as mortes violentas na paz, o sangue correndo a rios nas guerras, a destruição de cidades, a assolação de reinos inteiros, em fim, a voz e consenso do genero humano, continuado por todas as edades do mundo, tudo isto é um testemunho universal, e de maior auctoridade que a de todos os Es-

criptores, (tambem concordes na mesma opinião) o qual affirma, defende e sem contradicção pronuncia, que as mulheres mais perniciosas aos homens são as alheias. As proprias são companheiras no matrimonio; as alheias no adulterio: e sendo o adulterio peccado, e o matrimonio Sacramento, mais parece sacrilegio que aggravo, a comparação por si só entre umas e outras, quanto mais o pôr em questão e em duvida, quaes sejam mais damnosas ao homem. O matrimonio foi instituido por Deus no estado da innocencia; o adulterio foi machinado pelo demonio depois da natureza corrupta: o matrimonio ainda antes de ser Sacramento sempre foi licito, honesto e santo: o adulterio sempre illicito, sempre injusto, sempre abominavel; e sendo qualquer peccado o maior mal de todos os males, e este por sua malicia tão grave, que Job professor sómente da Lei da natureza, lhe chamou a maxima das maldades: *Quæ est iniquitas maxima;* [1] quando as mulheres alheias não foram occasião e causa aos homens de outro mal, mais que o peccado, só por este, que sempre é inseparavel do adulterio, se lhes devia em gráu superlativo e sobre toda a comparação, o nome de perniciosas.

Para serem perniciosas, e causadoras de gravissimos males as mulheres alheias, não basta serem mulheres; (como indiscretamente dizem muitos sem o respeito e reverencia devida ao sexo de que todos nascemos) mas o que eu digo é que basta serem alheias. Alheia era aquella mulher que David tomou occultamente a Urias, abusando do poder real, exemplo em que tem mais imitadores, que no de suas virtudes. Mandou Deus ao Propheta Nathan que lhe fosse estranhar de sua parte um tão grande, e nelle tão novo excesso: e que fez o Propheta? Para que o rei em terceira pessoa reconhecesse melhor a fealdade do seu peccado, representou-lh'o primeiro na parabola, ou accusação de um poderoso, o qual tomara a um pobre uma só ovelha que tinha, para com ella agasalhar um peregrino que se viera hospedar em sua casa. O poderoso era David, o pobre Urias; a ovelha, sua mulher Bethsabee, e o peregrino, o máu appetite, que casualmente, e fóra do que David costumava, se

[1] *Job.*, XXXI, 28.

lhe introduziu no coração, e elle o recebeu como não devêra. Mas se o peccado era de adulterio, porque o representou o Propheta em parabola e figura de furto? Porque o furto e o adulterio ambos têm o mesmo objecto, que é o alheio. E' pensamento de S. Ambrosio em differente caso, mas muito proprio do presente. Chama o Santo Doutor elegantemente á cubiça, luxuria de dinheiro: *Æris libido:* e proseguindo na mesma metaphora, diz que os furtos são adulterios da cubiça: *Æris libido sic igne suo pascit animum, ut hoc solo à luxuria distet, quòd hæc formarum adultera sit, avaritia terrarum.* Assim como o torpe póde ser torpe sem adulterio, assim o cubiçoso póde ser cubiçoso, sem ser ladrão: mas quando chega a ser ladrão logo juntamente é adultero, e porque? Porque assim o furto, como o adulterio, têm por objecto o alheio: o adulterio, a mulher alheia; o furto, a fazenda alheia: e assim como o tomar a mulher alheia é adulterio da torpeza, assim o tomar a fazenda alheia é o adulterio da cubiça.

Vêde agora se se infere bem, que ainda que a mulher alheia não fôra mulher, só por ser alheia, seria causa de grandes males ao homem. E para que o mesmo caso que nos deu a similhança de um e outro adulterio, nos dê tambem a prova de um e outro effeito, ponhamos em parallelo ao mesmo rei David com El-rei Achab, e veremos as calamidades e desventuras a que ambos se condemnaram, um porque tomou o alheio, outro porque tomou a alheia. Tomou Achab a vinha de Naboth; e que se seguiu desta violencia? (para que não percamos o decóro ao nome real com lhe chamar furto). Lá disse S. Paulo, que um pequeno fermento corrompe toda a massa: *Modicum fermentum totam massam corrumpit*, [1] e taes são os effeitos do alheio, ainda que a massa com que se ajunta ou mistura seja uma monarchia inteira. Que comparação tinha a vinha de Naboth com o reino de Achab? Mas era alheia, posto que tão pequena. E como se Naboth com as vides da sua vinha lhe puzera o fogo, assim ardeu em um momento a casa de Achab, a corôa, o reino, a vida sua e de sua mulher, a honra, a fama, o estado, a successão, e até os os-

[1] *1.ª ad Corinth.*, v, 5.

sos de ambos. E se isto faz o alheio em materia de tão pouco preço, que faria na mais preciosa, na mais prezada, na mais estimada de todas, e que o homem não distingue de si mesmo, qual é a mulher? Diga-o Bethsabee, (para que voltemos os olhos á outra parte do parallelo) diga-o Bethsabee, que foi a Helena de Israël, e chore-o a casa de David, que foi a Troya daquella Helena.

De Troya fingiram os poetas, que fôra fundada pelos Deuses: *Cælitum egregius labor.* [1] Mas depois que nella entrou Helena, roubada a seu marido Meneláu, por Páris, filho d'el-rei Priamo, não lhe valeu a divindade de seus fundadores, para que não ardesse, deixando sepultada em suas cinzas a flôr de toda a Asia e Europa, consumida no sitio de dez annos. Tão perniciosa é aos homens, e tão fatal póde ser aos mesmos reinos uma mulher alheia. A casa de David é certo que foi fundada pelo verdadeiro Deus, e com os mais altos e solidos fundamentos de quantas houve, nem haverá no mundo, como aquella de cuja prosapia havia de nascer feito homem o Filho do mesmo Deus; mas tanto que nella entrou uma mulher tomada a seu marido, posto que não publica, senão occultamente, este fogo occulto foi o que a abrazou e destruiu, como notou S. Chrysostomo: *Nisi peccatorum scintillas occultasset, domus non conflagraret.* Que desgraças, que infortunios não succederam a David, e áquelle grande heroe, entre todos os da fama famosissimo, depois deste erro tão lamentavel, e tão chorado por elle? Mas nem os rios de lagrimas, que continuamente corriam dos mesmos olhos com que vira a Bethsabee, bastaram a apagar o incendio, que com ella se ateou á sua casa, sendo a justiça do mesmo Deus que a fundára, a que a um homem tão amigo, e tão do seu coração, castigou tão severamente.

Quatro eram as columnas principaes sobre que se sustentava a casa real de David: Salomão, Adonias, Amon, Absalão; e excepto o primeiro, (que sómente se conservou na promessa e juramento de Deus) todos os outros acabaram desastrada e tragicamente; porque Salomão matou a Adonias, Absalão matou a Amon: e contra o preceito do mesmo David, Joab ma-

[1] *Senec. in Troia.*

tou a Absalão. Deixo o primeiro filho, que lhe nasceu de Bethsabee, morto por sentença divina antes de ter nome. Nem fallo na desgraça de Thamar viva para perpetua dôr do pae, e epitaphio immortal de sua deshonra. Affrontou-a seu proprio irmão Amon com maior crueldade, que se a matára; mas não pararam aqui as mortes violentas, e lastimosas na casa de David, porque em quanto durasse no mundo a sua descendencia, sempre a espada da Divina Justiça se veria tinta no seu sangue, em castigo e pena posthuma daquelle peccado. E' coisa que de nenhum modo se poderá crêr, se assim o não dissera a mesma sentença: *Quamobrem non recedet gladius de domo tua usque in sempiternum.* [1] Ah Rei Propheta, que se assim como vieis outros futuros, antevireis os estragos, que com aquella mulher, como nuvem prenhe de raios, trazieis á vossa casa, e sobre vossa pessoa, antes quereríeis perder os olhos, que pôl-os nella!

Era David ungido por Deus; mas onde está a corôa? Lá a leva tyrannicamente usurpada, e posta sobre a cabeça o impio e rebelde Absalão, acclamado com trombetas, e seguido de todo o reino. Era o valente de Israël, que matava leões e gigantes, e vencia exercitos de Philistheus; e agora vae fugindo pelos montes, de um moço mais conhecido das damas pelos cabellos, que dos soldados pela espada. Era o venerado, applaudido e adorado das gentes; e agora apedrejado de Semei, ouve os opprobrios, as injurias, as calumnias, e as maldições de uma lingua tão vil e infame, como o mesmo que se atrevia a dizel-as. Era o mais rico monarcha de quantos dentro e fóra de Palestina, accumularam thesouros; e agora pobre, desterrado, faminto, vive das migalhas de Berzellai. Sobre tudo era aquelle santo varão, cuja alma por suas virtudes era louvada em Deus: *In Domino laudabitur anima mea;* [2] e agora pelo seu peccado é Deus blasphemado nelle: *Quoniam blasphemare fecisti inimicos Domini.* [3] Ha ainda mais desgraças? Ha ainda mais affrontas? Ha ainda mais castigos sobre David?

---

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XII, 10.
[2] *Psalm.* XXXIII, 3.
[3] *2.º Livr. dos Reis*, XII, 14.

Ainda. E os que na opinião dos homens são os mais affrontosos: *Ecce ego suscitabo super te malum de domo tua, et tollam uxores tuas, et dabo proximo tuo, et dormiet cum uxoribis tuis in oculis solis hujus; tu enim fecisti abscondite, ego autem faciam verbum istud conspectu omnis Israël.* [1] Se cuidas, David, (diz Deus) que com todos estes castigos tens purgado a tua culpa, enganas-te. Nem a morte dos filhos, nem a usurpação da corôa, nem a perda do reino, nem o desterro, nem a pobreza, nem a miseria, nem as injurias e infamias com que te vês não só perseguido, mas abominado de teus vassallos, são bastante satisfação ao teu peccado: *Ecce ego suscitabo super te malum:* ainda te resta por padecer outro mal maior que todos esses males, que é a pena de Talião: *Dabo uxores tuas proximo tuo.* Assim como tu tomaste a mulher alheia, assim permittirei que tomem outros as tuas, e não com a mesma, senão com muito maior affronta: *Tu enim fecisti abscondite, ego autem faciam in oculis solis hujus in conspectu omnis Israël.* Porque tu tomaste a mulher alheia, secreta e escondidamente, as tuas ser-te-hão tomadas e profanadas, á vista de todo o mundo, e nos olhos do mesmo sol.

IV

Verdadeiramente, que se não poderam pintar com côres de maior horror, os damnos e calamidades de que são causa aos homens, aos reinos, e ao mundo as mulheres alheias, ou uma só mulher alheia, que é mais. Mas ainda não está ponderada a maior circumstancia do caso. Não diz o relatorio da sentença de Deus, notificada pelo Propheta, que foi condemnado David a todos estes castigos, porque tomou a mulher alheia, senão porque tendo sido alheia, a fez sua, casando-se com ella. Assim o pronuncia expressamente o Texto: *Uxorem illius, accepisti in uxorem tibi,* [2] e assim o torna a repetir outra vez com a mesma

[1] *2º Livr. dos Reis*, XII, 12.
[2] *Ibid.*, XII, 9.

expressão: *Et tuleris uxorem Uriæ Hethæi, ut esset uxor tua.* [1] E assim o tinha já advertido na historia, e narração do caso. *Misit David, et introduxit eam in domum suam, et facta est ei uxor; et displicuit verbum hoc coram Domino.* [2] Onde se deve notar, que este matrimonio, posto que nas leis christãs seria illicito e invalido, nas leis hebreas, porém, não tinha prohibição alguma; e por isso o mesmo David depois de reconciliado com Deus, teve sempre aquella mulher por legitima, e a tratou como tal. Pois se Bethsabee, quando David a tomou a Urias, sendo elle vivo, era alheia, e depois da sua morte, quando se casou com ella já era propria; porque se fulminam todos os castigos contra David, não tanto pelo adulterio, quanto pelo casamento? E não tanto por tomar a mulher alheia, quanto pela fazer sua? Theodoreto, fundado nos Textos que allegamos, diz, que delles se colhe que mais sentiu Deus o matrimonio de David com Bethsabee, do que do adulterio: *Tacite significat oratio, quod Deus magis succensuit ob matrimonium, quam ob prius commissum adulterium.* E do mesmo parecer é Procopio, a Glossa, e outros graves Auctores; com que mais se accrescenta a duvida ou admiração de tão extraordinarios castigos.

Mas antes que demos a razão deste caso, ponhamos á vista delle outro por ventura mais admiravel. Entra Abrahão no Egypto tendo primeiro concertado com Sara, que se nomeie, não por mulher, senão por irmã sua. Chega a fama de sua formosura a El-rei Pharaõ, e a fim de se casar com ella (como era licito e usado naquelles tempos) manda que lh'a levem ao paço, e que a Abrahão como irmão seu se façam grandes mercês. Executou-se assim com aquella diligencia, com que os appetites dos reis costumam ser obedecidos; mas o castigo do céu ainda foi mais apressado, porque no mesmo ponto, sem offensa da honestidade de Sara, veiu o açoute de Deus sobre Pharaõ, e sobre todos seus vassallos: *Flagellavit autem Dominus Pharaonem plagis maximis et domum ejus propter Sarai uxorem Abraham.* [3] As pragas ou calami-

---

[1] 2.º *Livr. dos Reis*, XII, 10.
[2] *Ibid.*, XI, 27.
[3] *Genes.*, XII, 17.

dades de que constou o açoute, que a Escriptura chama maximas, foram estas: cahiu de repente o mesmo Pharaö mais morto, que enfermo, com acerbissimas dôres, que sem poder aquietar, nem de dia, nem de noite o atormentavam mortalmente. Começaram a tumultuar e rebellar-se-lhe os vassallos, ateou-se peste em todo o reino, esterilisaram-se não só os campos, mas com prodigio inaudito, até os animaes e homens, cessando totalmente em uns e outros a geração e uso della, e tudo isto só porque Pharaö teve intento de se casar com uma mulher alheia. Mas se Sara dizia que era irmã de Abrahão, e Abrahão que era irmão de Sara, e Pharaö o suppunha assim, ignorando totalmente que fosse sua mulher, sobre que cahia este açoute do céu com tantos e tão extraordinarios castigos, e não por outra causa, senão por ser Sara mulher de Abrahão: *Propter Sarai uxorem Abraham?* [1]

Aqui vereis em um e outro caso, não só quão perniciosas são aos homens sobre toda a imaginação as mulheres alheias, mas quão pouco basta para serem criminadas diante de Deus por alheias, ainda que o não pareçam. Bethsabee, ainda que casada com David, tinha sido mulher de Urias; Sara, ainda que reputada por irmã, era mulher de Abrahão; e posto que David se casara com Bethsabee, e Pharaö se queria casar com Sara, ambos legitimamente, nem a David o livrou dos castigos o matrimonio, nem a Pharaö o escusou a ignorancia; a um, porque a mulher verdadeiramente era alheia; a outro, só porque o tinha sido. Sara, ainda que fosse irmã de Abrahão, podia ser casada e mulher de outro; e Pharaö foi culpado em não fazer naquelle caso o exame devido. Bethsabee, ainda que já era livre pela morte do marido, tinha sido alheia no tempo do adulterio; e David foi culpado em continuar o amôr de quem lhe fôra occasião do peccado. E estas circumstancias e considerações, que no juizo dos homens parecem leves e veniaes, no de Deus são tão graves e tão pesadas, como mostraram os açoites com que as castigou.

Oh quantos reis e quantos reinos se arruinam, quantos exercitos e quantas armadas se perdem, quan-

---

[1] *Genes.*, XII, 17.

tas fomes, quantas pestes, e quantos infortunios e calamidades geraes se padecem, não pelas causas imaginadas, que vãmente discorrem os politicos, mas pelas injurias que commettem os maiores, ou contra o proprio, ou contra o alheio matrimonio, não sendo necessario que as mulheres sejam de outrem, mas bastando que não sejam proprias! Por amòr de Dina se perdeu o principe Sichem, e todo o seu Estado; por amòr de Judith se perdeu o general Nabuchodonosor, e a potencia formidavel dos seus exercitos. E porque? Não porque em Dina ou Judith se violasse a fé devida ao thalamo conjugal; porque Dina era donzella, e Judith viuva; mas bastou que não fossem mulheres proprias, para que desarmadas de todo o outro poder fossem ambas a occasião, e cada uma só a causa de tamanhos estragos.

O intento de Nabuchodonosor, era sujeitar todo o mundo a seu imperio, e o poder que ajuntou e expediu para esta vastissima empreza, era tão superior a todas as forças do mesmo mundo, que não houve cidade tão forte, nem reino tão poderoso, nem nação tão bellicosa, que se atrevesse a o resistir, sujeitando-se tudo sem guerra, nem batalha, ou de perto só com a vista, ou de longe só com a fama de tão insuperavel potencia. Sáe Porém Judith de Bethulia, e não violentada, ou tomada por força, mas solicitada por amòr e por rogos, ella só, e com a espada do mesmo general Holofernes lhe cortou a cabeça; ella só, e com um só golpe degollou todo o seu exercito, desarmou todo o seu poder, aniquillou todas as suas victorias, emmudeceu toda a sua fama, e a converteu em desprezo, confusão e affronta de toda a monarchia de Nabuchodonosor.

Não era tão poderoso como Nabucho o principe Sichem, mas de maior titulo que Holofernes, com soberania de estado. Vivia nas suas terras, e á sua sombra como peregrino e estrangeiro, Jacob, pae de Dina: pediu-lh'a por mulher Sichem, tendo-lhe feito primeiro um daquelles aggravos que costuma desculpar o amòr, e sarar o matrimonio; offereceu-lhe por dote quanto pedisse; veiu em condições tão asperas e difficultosas, como o mudar de religião, e circumcidar-se primeiro, não só elle, mas todos seus vassallos. E que se seguiu d'aqui? Um engano verdadeiramente injusto, mas um castigo, se merecido, atroz, e um exem-

plo por todas as suas circumstancias temeroso e horrendo. No mesmo tempo em que todos voluntariamente se tinham ferido, e no dia em que as dôres da circumcisão são mais insupportaveis, como nota o Texto, dois irmãos de Dina, Simeão e Levi, moços que nenhum delle chegava a vinte e dois annos, entram armados pela cidade, matam ao principe e a seu pae, e a todos os Sichimitas miseravelmente prezos, e sem se poderem defender por causa das feridas e força das dôres, levam captivas todas suas mulheres e filhos, assolam a cidade, despojam as casas, devastam os campos. Este foi o desastrado e lastimoso fim daquelle principe, e de todo o seu Estado, e vassallos, não tanto por socegar da sua paixão, quanto por se apressar na mesma cegueira. Que mais podia desejar Jacob, que cazar sua filha com o principe da terra em que vivia? Mas porque Sichem, como poderoso, não quiz esperar pela benção do matrimonio, incorreu tão miseravelmente a maldição, que leva comsigo toda a mulher que não é propria. Com esta maldição quero dar fim á primeira parte do problema, e para que todos acabem de conhecer quão grande maldição é, e de todos os modos a temam, sobre os dois casos de uma só mulher, accrescento outro de muitas.

Desejou El-rei dos Moabitas, Balac, amaldiçoar os arraiaes, e exercitos do povo de Deus, os quaes ordinariamente se perdem e têm infelizes successos, porque vão carregados de maldições) e o meio que para isso tomou, foi rogar por seus embaixadores ao Propheta Balaão (Propheta e feiticeiro juntamente) que os quizesse amaldiçoar. As instrucções destes embaixadores iam acompanhadas de outras de ouro e prata, que tambem são boa parte da maldição. Mas como Deus uma, outra, e tres vézes provocado com os sacrificios do máu Propheta, lhe não permittisse amaldiçoar o seu povo, elle que tinha os olhos postos na propina, se desculpou com o rei, de o não poder servir, como desejara; porém que em logar da maldição que lhe pedia, lhe daria um conselho tão effectivo como ella. Tambem não é coisa nova haver conselhos, que sejam maldições, e tão vendidos e comprados como se foram oraculos de Prophetas. Qual foi pois o conselho de Balaão? Foi que o rei não sahisse em campanha com exercito de homens arma-

dos e ordenados, senão com tropas de mulheres mandadas á desfilada; porque tanto que estas chegassem a se avistar com os capitães e soldados do exercito de Israël, logo elles se lhes renderiam, sem duvida, debaixo das condições que quizessem. E commettido este grave peccado, (diz Balaão) o mesmo Deus que agora me não consentiu que eu amaldiçoasse o seu povo, fará nelle tal estrago, que vós, ó Balac, vos deis por mui satisfeito, e não lhe desejeis maior maldição. Este foi o conselho do máu Propheta; e se aconselhou como máu, tambem como Propheta adivinhou o successo. Sahem as Madianitas em demanda dos arraiaes de Israël, chegam primeiro á vista, e depois á falla, e não com outros feitiços que lhes désse Balaão, senão com os da sua presença, de tal maneira prenderam e sujeitaram os capitães e soldados Israelitas, que se Deus não acudira com prompto e exemplarissimo castigo, o exercito, a jornada, a Terra de Promissão e tudo se perdera. Foram degollados naquelle dia vinte e quatro mil, que a tantos tinha já corrupto a peste das Moabitas. Fazia horror a immensa mortandade, e corria o sangue a rios: não se guardou respeito á dignidade, nem fôro á qualidade, nem excepção a pessoa, e só houve de differença que os que a Escriptura chama principes, os mandou Deus enforcar em forcas altas, com os rostos voltados ao sol, para que fossem mais conhecidos, e a sua infamia mais publica. Foi boa maldição esta? Pois esta é a que nos particulares arruina as casas, e no commum as Republicas. Para que os principes, e os que o não são, se acautelem, e temam, para que ninguem possa duvidar e fique assentado por conclusão, que as mulheres mais perniciosas aos homens são as alheias.

V

Entrando na segunda parte do nosso problema, á vista da maldição com que acabei a primeira, lembra-me que quando se promulgou a Lei na Terra de Promissão, foi com tal cerimonia, que as maldições que na mesma Lei se fulminam contra os quebrantadores della, se publicaram desde o monte Hebal, o

qual por isso se chamou o monte das maldições, e do mesmo modo as bençõe e felicidades que se prometem aos que a guardarem, se publicaram desde o monte Garizim, ao qual, pela mesma causa, chamaram o monte das bençãos. Supposto, pois que, segundo o merecimento dos autos, nenhuma injuria faremos ás mulheres alheias em lhes chamarmos o monte das maldições, parece que ás proprias e legitimas lhes é devido o nome de monte das bençãos, pois estas acompanham sempre o Sacramento do Matrimonio, e sabemos que em sua instituição ainda antes de ser Sacramento o abendiçoou Deus, lançando sua benção a Adão e Eva: *Masculum et feminam creavit eos, benedixitque illis Deus.* [1] Mas porque Eva correspondeu tão mal ás obrigações de seu estado, que em logar de ajudar o marido á conservação do morgado, que ambos receberam em dote, não só o destruiu e perdeu a elle, mas com elle a todos nós, como herdeiros que haviamos de ser seus, posto que ainda não eramos. Todos os trabalhos e calamidades que padecemos na vida, toda a corrupção e miserias a que estamos sujeitos na morte, todos os males, penas e tormentos, que depois da morte nos aguardam, ou em tempo, ou em toda a eternidade, tiveram seu principio e trazem sua origem desde o peccado, por isso chamado original. De toda esta infelicidade foi causa uma mulher, e que mulher? Não alheia, mas propria, e não creada em peccado, mas innocente, e formada pelas mãos do mesmo Deus. Nota Theodoreto, que todas as maldições ameaçadas, e promettidas no monte Hebal, se cumpriram e executaram no povo e gente hebrea; parte na destruição, e excidio de Jérusalem por Tito, e pelos Romanos; parte pelos Macedonios em tempo de Alexandre Magno; parte por Nabuchodonosor no captiveiro de Babylonia; e parte multiplicadamente pelos Assyrios na invasão de Sennacherib, na de Salmanasar, e nas dos outros reis inimigos.

Mas que comparação ou similhança teem os trabalhos e vexações, posto que tantas e tão varias, padecidas pelos Hebreus na sua historia, com as immensas e quasi infinitas, que o genero humano tem

[1] *Genes.*, I, 27.

padecido, padece, e ha de padecer até o fim do mundo, effeitos tudo daquelle primeiro peccado, e daquella primeira mulher nascida innocente, e sem elle? Todas as dôres, todas as enfermidades, todos os desgostos e infortunios particulares e geraes, todas as fomes, pestes e guerras, toda a exaltação de umas nações, e captiveiro de outras, todas as mudanças e transmigrações de gentes inteiras, das quaes ou só ficou a memoria nos nomes, ou tambem elles com ellas se perderam, todas as destruições de cidades e reinos, todas as tempestades, terremotos, raios do céu e incendios, e todo o mesmo mundo afogado, e sumido em um diluvio, que outro principio ou causa tiveram, senão a intemperança e castigo daquella mulher, não tomada ou roubada a outrem, senão propria, e dada pelo mesmo Deus ao homem: *Mulier, quam dedisti mihi?* [1]

Dirá porém algum entendimento critico, que a causadora de tantos males foi aquella mulher fatal, primeira e universal origem do genero humano, e não alguma particular, e do tempo presente, que são as de que fallamos. Mas oiça quem assim o imaginar, ao antiquissimo e doutissimo Tertulliano. Falla ha mais de mil e quatrocentos annos, com qualquer das mulheres cazadas do seu tempo, e diz assim: *Et Evam te esse nescis?* E cuidas tu, que por nasceres tão longe da primeira mulher, não és tão Eva como ella? *Vivit sententia Dei super sexum istum in hoc sæculo, vivat et reatus necesse est.* Posto que haja tantos seculos que morreu aquella Eva, vive comtudo em toda a mulher a sentença com que Deus a condemnou em todo o mesmo sexo; e assim viverá para sempre, e será immortal nelle, isto é, em ti, o castigo da mesma culpa. *Tu es diaboli janua:* Tu és a porta por onde entra o diabo ao homem: *Tu es arboris illius resignatrix:* Tu és a que abriste a porta á morte, que naquella arvore estava encerrada e occulta: *Tu es divinæ legis prima desertrix:* Tu és a primeira que desprezastes e quebrastes a Lei Divina. *Tu es, quæ eum suasisti, quem diabolus aggredi non valuit:* Tu és a que te atreveste a persuadir o homem, a quem o demonio não foi ousado a accom-

[1] *Genes.*, III, 12.

metter por si mesmo. *Tu, imaginem Dei, hominem tam facile elisisti:* Tu a que tão facilmente não só apagaste, mas deformaste e afeaste a imagem soberana, que Deus nelle tinha impressa. *Propter tuum meritum, id est, mortem, etiam Filius Dei mori habuit; et adornari tibi in mente est supra pelliceas tuas tunicas?* Finalmente, pelo teu nascimento, isto é, pela morte merecida por ti, houve de morrer o Filho de Deus; e tu com este triste e formidavel espelho diante dos olhos, não te pejas, nem envergonhas de buscar e inventar novas e preciosas galas, com que ornar indecentissimamente as pelles, ou sambenito da penitencia de que elle te vestiu? Tudo isto, que só na primeira Eva se podia verificar, applica Tertulliano ás de seu tempo, posto que menos vãs; que as do nosso, não duvidando chamar a cada uma, não outra, senão a mesma antiga Eva; nem resuscitada, senão a mesma, que em cada uma dellas ainda vive, e necessariamente viverá sempre: *Vivat et reatus necesse est.*

VI

Uma das mais notaveis coisas da Escriptura, é a vida da mulher de Job. Tinha Deus concedido ao diabo, que naquella grande casa podesse fazer ou desfazer contra elle, tudo o que seu odio, sua asfucia e maldade julgasse conveniente para o vencer, excepta sómente a vida do mesmo Job: *Verumtamen animam illius serva.* [1] Começou pois o demonio, matando e degollando tudo quanto havia na mesma familia; os bois, que eram quinhentas juntas, e as jumentas outras tantas, pelos Sabeus: os camellos, que eram mais de tres mil, pelos Caldeus, divididos em tres esquadras: as ovelhas, que eram sete mil, por raios cahidos do céu: mortos juntamente todos os pastores e criados, que guardavam estes grandes rebanhos, excepto sómente um, que levasse as tristes novas, até que chegou o ultimo, dizendo, que juntos todos os sete filhos e tres filhas do mesmo Job, convidados á

[1] *Job*, II, 6.

meza do seu primogenito, batidos os quatro cantos da casa por um fortissimo pé de vento, e cahindo sobre todos, juntamente ficaram mortos e sepultados nas suas ruinas. Mas o que é mais digno de nota em tão commum e universal estrago, é, que entre tantas mortes ficasse comtudo viva a senhora da casa, a mãe dos filhos, e a mulher do pae? Que morram todos os gados, tantos, e de todo o genero; que morram os criados, e guardas destas riquezas naturaes, que eram os thesouros daquella edade, grande golpe foi da ira e astucia do demonio, mas todo contra a grandeza da casa, e opulencia da numerosa familia; porém que morrendo todos os filhos e filhas, até o mesmo primogenito, que era o que mais de perto, e mais interiormente tocava á pessoa do mesmo Job, o demonio comtudo lhe reservasse viva a mulher, cuja vida não estava exceptuada por Deus, não podendo ser para allivio e consolação do marido, qual seria a causa desta singular indulgencia na impiedade de tão cruel e empenhado inimigo? S. Bazilio, S. Chrysostomo, os dois Gregorios, e todos os Santos Padres, commummente dizem, por uma parte, que a fortaleza e constancia de Job, era uma columna, um muro, e uma torre de diamante; e que assim como o demonio se não atreveu a accommetter a Adão por si mesmo, senão pela primeira Eva, assim agora entendeu que para derrubar aquella torre, para arrazar aquelle muro, e para dobrar e torcer aquella columna de diamante, (que seria mais que desfazel-a em pó) não poderia por si mesmo; e por essa razão deixára viva a Job a sua segunda Eva, para que por meio della perseguido o quebrantasse, ou persuadido o rendesse, que são os dois modos, um duro, outro brando, com que o demonio, (diz o grande Gregorio) forte e suavemente costuma conseguir o que intenta: *Diabolus duobus modis impugnat, tribulatione, ut frangat, persuasione, ut molliat:* [1] e como Job pelo pacto que tinha feito com seus olhos: *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine,* [2] estava já livre e superior a todos os combates das mulheres alheias, ou não suas, só lhe ficava este da propria,

[1] *Gregor.*, Lib. III, Cap. VI.
[2] *Job*, XXXI, 1.

que, como lhe chama Chrysostomo, é a lança mais forte do demonio, e o tiro mais certo de todas as suas armas. Mas vejamos o que fez, e o que disse.

Estava Job coberto de chagas, ou de uma só chaga, que desde os pés até á cabeça o cobria e atormentava, não em sua casa ou na cama, mas no desamparo e miseria quasi incrivel, a que o demonio o tinha reduzido de um muladar publico, ajudando a correr com uma telha o pestifero e hediondo humor, que das feridas manava; quando chega a propria mulher, e em logar das lagrimas e das lastimas com que se devia compadecer de um homem e tal homem, quando não fôra seu marido e rei, tendo-o conhecido em tão differente estado, quaes foram as palavras que lhe disse? *Adhuc tu permanes in simplicitate tua? Benedic Deo, et morere.* [1] E' primor, ou cortezia sagrada da lingua hebrea, não se atrevendo a pronunciar maldições de Deus, em logar da palavra *maledicere*, amaldiçoar, dizer totalmente a contraria: *benedicere*. E' possivel pois, (diz a infame e cruelissima mulher, conservada viva pelo demonio, que dentro nella fallava) é possivel, que ainda posto em tal logar, que não tem nome a lingua para o pronunciar decentemente, nesse eculeo de dôr, de affronta, de miseria, de desamparo, a que nunca reduziu a fortuna o mais vil escravo do mundo, é possivel que ainda ahi não te desenganas? Esta é a gratificação da tua innocencia, este o premio, das que tu chamavas boas obras? Pois se tu com ellas offendeste a Deus e elle assim t'as paga; porque não acabas já de as conhecer? Porque não acabas de as amaldiçoar, e ao mesmo Deus offendido? E porque não acabas de acabar a triste e miseravel vida, entregando o corpo neste mesmo sepulchro hediondo aos bichos, e a alma sacrilega e obstinada sepultando-a no inferno? Este é o sentido, como discorre com todos os Padres Olympiodoro, daquellas breves palavras, e esta a segunda Eva, tanto mais injuriosa a seu marido, do que a primeira a Adão, como dizia Tertulliano. Mas ainda nos Textos sagrados temos outra comparação mais horrivel, de uma mulher não alheia mas propria, e de um homem não menos santo e grato a Deus que Job.

[1] *Job.*, II, 9.

VII

Ouvindo Tobias, que era cego, a voz de um animalinho balando, pouco usada na pobreza e abstinencia de sua casa, advertiu como pio e justo que acaso não fosse furtado: *Videte ne furtivus sit.* [1] E esta só palavra exasperou e feriu tanto o coração de Anna sua mulher, que irada não só contra Tobias, mas impia e injuriosa contra o mesmo Deus, respondeu desta sorte, diz o Texto, ao marido: *Manifestè vana facta est spes tua, et eleemosynæ tuæ modò apparuerunt.* [2] Agora sim, que já apparecem manifestamente quaes são as vossas esmolas, e obras de piedade, e, o que mais é, a vossa esperança em Deus. Oh ira de mulher, quão facilmente concebes o fogo! Oh lingua de mulher, quão facilmente abrazas a terra e mais o céu! Em duas palavras condemnou Anna todas as virtudes de Tobias, e todos os attributos de Deus. De Tobias as esmolas, as sepulturas dos defuntos, e a todas as obras de misericordia, em que deixando o necessario á propria vida, accudia não só aos proximos vivos, mas tambem aos mortos. Em Deus, arguindo de falsa a esperança do marido, condemnou a justiça, a providencia, e o premio dos Santos. E como Tobias o era, e o maior daquelles tempos, sentiu tanto a injuria que sua mulher fazia a Deus, e ficou tão envergonhado e corrido de ter uma mulher, que debaixo de verdadeira fé assim affrontava as virtudes humanas e divinas, que levantando as mãos ao céu, porque os olhos não podia, pediu a Deus humilde e instantemente lhe tirasse a vida: *Et nunc, Domine, secundum voluntatem tuam fac mecum, et præcipe in pace recipi spiritum meum: expedit enim mihi magis mori, quam vivere.* [3]

Esta foi a resposta de Tobias, da qual dá a razão o Texto, não menos admiravel. Refere toda a causa que Tobias teve para fazer a Deus uma petição tão extraordinaria, como a de lhe pedir a morte, e diz

[1] *Tob.*, II, 21.
[2] *Ibid.*, II, 22.
[3] *Ibid.*, III, 6.

que o intento da parte de Deus foi: *Ut posteris daretur exemplum patientiæ ejus, sicut et Sancti Job.* [1] Para que os vindoiros tivessem outro exemplo de paciencia em Tobias, assim como os passados o haviam tido no Santo Job. Mas Job perdeu a riqueza dos gados de todo o genero, em que era mais rico e opulento que todos os Orientaes. Job perdeu os filhos e filhas, mortos e sepultados de um só golpe no mesmo dia. Job, sendo rei, perdeu a corôa, a obediencia dos vassallos, e o uso dos proprios membros, com tão excessivas dôres, sem familia, sem casa, sem cama, no ultimo desamparo, na immundicie, nos ascos, e na summa affronta de um muladar publico. E se nenhum destes trabalhos padeceu Tobias, como foi a sua tentação, e a sua paciencia similhante, e de egual exemplo á de Job? Porque o fino da tentação de ambos, e o que mais vivamente lhes penetrou os corações, foi a crueldade, e impiedade, de uma e outra mulher propria; não deshumanas contra seus maridos, mas atrevidas, e blasphemas contra o mesmo Deus. Não diga logo Tertulliano, nem cuide alguem, que disse muito em chamar Evas a todas as que descenderam daquella primeira; porque ainda que foi a causa original de tantos trabalhos e miserias em seus filhos, foi tão fiel, e demasiadamente amiga de seu marido, que não podendo comer uma maçã sem lhe dar metade, ella sem querer o perdeu, e elle querendo se perdeu a si mesmo, por não entristecer, como diz S. Ambrozio, nem se mostrar menos grato ás suas delicias: *Ne delicias suas contristaret.*

VIII

Mas já é tempo de darmos a razão, porque as mulheres proprias sejam ou possam ser mais infaustas, como diz Seneca, e mais perniciosas ao homem que as alheias. Notavel foi a variedade com que Deus desde o principio, ou deu, ou negou as mulheres aos homens. A Adão deu uma só mulher: *Masculum, et fœminam creavit eos.* [2] A Abrahão, Isaac e Jacob,

[1] *Tob.*, II, 12.
[2] *Genes.*, I, 27.

concedeu depois, como já tinha permittido a Lamech, que tivessem muitas mulheres; Jacob teve quatro, e duas dellas irmãs; David teve mais de vinte; Salomão, seu filho, só rainhas, e essas com pompa e estado real, sessenta; e finalmente, a todos os Hebreus permittiu Moysés o libello de repudio, para que deixando uma, pudessem tomar outra; permissão que Christo emendou, restituindo o matrimonio á sua antiga singularidade e pureza, como fôra instituido por Deus em Adão e Eva. Deste ultimo estado, que é hoje o sómente licito na Lei christã, inferiram os Apostolos, que supposto elle, melhor era não casar: *Si ita est causa hominis cum uxore, non expedit nubere.* [1] Respondeu Christo approvando o sentimento dos Discipulos, que nem todos o entendiam assim: *Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est;* [2] palavras, que se todos se conformassem com ellas, se acabaria brevemente o mundo; mas não é elle tal, que mereça tão honrado e santo fim. Sendo o matrimonio antigamente só contracto, o mesmo Christo o fez Sacramento, para lhe alliviar o pezo e as pensões com a força e virtude da sua graça. Mas ainda assim, sendo hoje a mulher uma só, e por isso livre o homem dos inconvenientes de muitas: qual é, ou será a razão, ou razões, por que do vinculo do matrimonio fórme tantos laços a natureza ao homem, e lhe seja tão difficultoso no matrimonio o guardar a devida fé a uma mulher, e propria? A familiaridade domestica, o trato continuo, o dominio commum de todos os bens, e o serem como duas almas em um só corpo, como o mesmo Deus lhes disse: *Erunt duo in carne una*, parece um concurso de causas, que todas conformemente influem união, paz, e contentamento: mas de todas, e de cada uma dellas, nasce a mesma difficuldade. O trato domestico e commum de todos os dias, descobre, pouco e pouco, os defeitos que causam o desagrado. O ser a mulher a mesma, sem a variedade que remediava o repudio, é a occasião do fastio. Enfastiavam-se os Hebreus do Manná, posto que continha todos os sabores, porque sempre viam o mesmo: *Nihil aliud respiciunt oculi nos-*

[1] *Math.*, XIX, 10.
[2] *Ibid.*, 11.

tri, nisi Man. [1] A união que ao principio do matrimonio eram cadèas de oiro, continuadas as faz o tempo de ferro. Com os annos as mesmas coisas deixam de ser as mesmas; porque a mocidade se faz velhice, a formosura fealdade, a saude doenças e achaques de toda a vida, que na obrigação de se tolerarem, e soffrerem até á morte, são um captiveiro inseparavel, que só nella tem o fim.

Todas estas coisas juntas, e cada uma per si em um coração humano, que não é de bronze, fazem nelle por uma certa força natural, e quasi sem querer a vontade, os mesmos effeitos que no bronze a continuação do tempo. E não ha duvida que de todas estas causas, divididas ou juntas, se compõe aquella fortissima, com que a mulher, mais como propria que como mulher, é tão perigosa e perniciosa ao homem; mas sobre todas a principal, e por si só poderosa a fazer toda a differença do nosso problema, é ser a mulher propria licita, e a alheia vedada. O ser Herodias mulher alheia, e vedada por Deus, e por isso illicita, era o que o Baptista prégava: *Non licet, non licet tibi:* [2] e como se em logar destas palavras lhe afearem o adulterio, o confirmassem no motivo cégo e impio do appetite, obedecendo em muitas coisas ao que ouvia e ensinava o prégador, nesta só com a mesma admoestação de que era illicita, se endurecia e obstinava mais. Entre Eva e Adão, em tão poucos dias ou horas quantas se conservaram no Paraizo, nenhuma destas causas que dependem da continuação e do tempo teve logar; mas bastou a prohibição do fructo vedado, sendo um só, e por vedado illicito, para que fosse mais insoffrivel a satisfação e contentamento daquelle felicissimo estado, que a licita concessão e faculdade de comerem de todas as outras arvores, sendo a multidão e a variedade dos gostos dellas quasi infinita. Tal é a fome, que não póde supportar o appetite em um só gosto illicito e vedado; e tal o fastio, que não póde evitar a variedade, posto que infinita, de todos os concedidos e licitos. Isto é o que na meza de Herodes, desde um prato está prégando, a grandes brados, a cabeça e

[1] *Num.*, XI, 6.
[2] *Marc.*, VI, 18.

lingua muda do Baptista promettendo a Filippe, posto que neste mundo offendido e affrontado, a facilidade da salvação, com que no venturoso roubo se viu livre da mulher propria; e segurando a Herodes, no infelicissimo logro da alheia, a certeza que hoje está experimentando dos tormentos eternos, na differença sómente de ser a mesma mulher, ou licita por propria, ou illicita por alheia.

SERMÃO

DA

Exaltação da Santa Cruz*

Prégado no convento da Annunciada, em Lisboa, no anno de 1645

Nunc judicium est mundi: nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras· et ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum. [1]

I

Uma pratica espiritual com accidentes de sermão é o que temos hoje para ouvir. Encommendaram-me ao principio que fizesse neste dia uma pratica da Exaltação da Cruz, encaminhada sómente a espiritos Religiosos; e depois, mudando-se de parecer, ou estendendo-se a caridade e a devoção, ordenaram que a cadeira se trocasse com pulpito, que as portas se abrissem, e o que havia de ser pratica particular, fosse sermão para todos. Assim será: prégaremos á Religião, e prégaremos ao mundo, mas da Cruz espiritual a ambos.

Para intelligencia desta não ordinaria materia, havemos de presuppor que ha dois generos de cruzes neste mundo; uma cruz material, e outra espiritual. A cruz material é aquelle sagrado lenho, em que Christo Salvador nosso obrou os mysterios divinos da Redempção do genero humano. A cruz espiritual é a mortificação interior e exterior do corpo e alma, com que os verdadeiros christãos, e particularmente os que professamos vida Religiosa, crucificam suas

[1] *Joan.*, XII, 5.

paixões e appetites. Desta segunda cruz fallava S. Paulo, quando disse: *Qui carnem suam crucifixerunt cum vitiis, et concupiscentiis suis:* [1] que crucificaram sua carne com seus vicios e desordenados desejos: e da mesma cruz fallou Christo naquelle desengano que deu a todos: *Si quis vult venire post me, tollat crucem suam, et sequatur me:* [2] Se alguem quizer vir apoz mim, tome a sua cruz, e siga-me.

Estas duas cruzes, com serem tão differentes, ambas são instrumentos de nossa Redempção; porque, para um homem se salvar, não bastam só os merecimentos de Christo: na cruz espiritual temos os merecimentos proprios. Na cruz material temos os merecimentos de Christo: na cruz espiritual temos os merecimentos nossos. A cruz material foi instrumento da redempção de todos, quanto á sufficiencia: a cruz espiritual é instrumento da redempção de cada um, quanto á efficacia. D'onde se segue que, em certa maneira, importa mais para a salvação a nossa cruz, que a cruz de Christo: porque sem a cruz de Christo ninguem se póde salvar: mas com a nossa cruz ninguem se póde perder: depois de Christo morrer na cruz por amôr de nós, muitos se perdem: mas os que tomam a sua cruz em seguimento perseverante de Christo, todos se salvam.

Isto posto, quinta feira celebrou a Igreja a festa da Exaltação da cruz material, quando o imperador Heraclio a libertou do captiveiro da Persia, onde a tinha levado Cosrões, tirando-a de Jérusalem; porém hoje celebraremos a Exaltação da cruz espiritual, que bem considerada em suas circumstancias, será ainda maior e mais christã solemnidade: porque se a cruz material esteve captiva quatorze annos, a cruz espiritual está captiva desde o principio do mundo, que na arvore vedada, e na desobediencia de Adão, se deu principio a seu captiveiro: e se a cruz material esteve captiva só na Persia; a cruz espiritual esteve, e está captiva em todos os reinos e em todas as nações do mundo: porque não só os Judeus a teem por escandalo: *Judæis quidem scandalum;* [3] nem só os

---

[1] *Galat.*, v, 24.
[2] *Math.*, xvi, 24; *Marc.*, viii, 34.
[3] *I.ª ad Corinth.*, i, 23.

Gentios a teem por ignorancia: *Gentibus autem stultitiam;* [1] mas ainda os mesmos Christãos, que adoram a cruz material de Christo, a aborrecem, e vituperam a espiritual, como chorava S. Paulo: *Nunc autem et flens dico, inimicos Crucis Christi.* [2]

E como o captiveiro da cruz espiritual é tanto mais antigo, e tanto mais universal, que o da cruz material de Christo; se eu hoje conseguisse deste auditorio com as palavras, o que Heraclio antigamente alcançou dos Persas com as armas: se hoje libertassemos a cruz espiritual do captiveiro, em que a tem tão sepultada e abatida a opinião e obstinação dos homens; não ha duvida que seria muito maior Exaltação da cruz de Christo esta. Mas tão grandes victorias não se alcançam sem grandes soccorros da graça Divina; peçamol-a primeiro ao Espirito Santo por intercessão da Senhora. *Ave Maria.*

II

Nunc judicium est mundi: nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras: et ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.

Hoje, diz Christo, é o dia do Juizo do mundo: hoje ha de ser o mundo lançado fóra: e eu se fôr crucificado, hei de trazer a todos a mim. Notaveis palavras! O dia do Juizo do mundo, é de fé, que ha de ser no fim delle: então ha de vir Christo a julgar vivos e mortos. Pois se o dia do Juizo ha de ser no fim do mundo, como diz Christo que hoje é o dia do Juizo do mundo: *Nunc judicium est mundi?* A razão, posto que a não tocassem os Expositores, é esta. Neste mundo quer Deus que haja dois dias do Juizo, em que os homens sejam julgados; e outro dia do Juizo, em que os homens julguem. No dia do Juizo futuro ha de julgar Christo entre homens e homens; no dia do Juizo presente hão de julgar os homens entre o mundo e Christo. No dia do Juizo

[1] *1.ª Epist. ad Corinth.*, I 23.
[2] *Philip.*, III, 18.

futuro ha Christo de lançar de si aos máus, e chamar a si aos bons; no dia do Juizo presente hão os homens de lançar de si ao mundo: *Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras;* e hão de trazer a si, ou ser trazidos de Christo: *Omnia traham ad me ipsum.* [1] Finalmente, no dia do Juizo futuro ha de sahir a cruz a julgar e a condemnar: *Tunc parebit signum Filii hominis;* no dia do Juizo presente ha de sahir a cruz a ser julgada e exaltada: *Et ego si exaltatus fuero à terra.*

Para fazer este juizo entre o mundo e Christo, entre a cruz de um e a cruz de outro, é necessario suppor primeiro, que, assim os que seguem ao mundo, como os que seguem a Christo, todos nesta vida teem suas cruzes. E' este mundo como o monte Calvario, em que se veem todos os estados dos homens, e todos em cruz. Todos os homens do mundo, ou são justos, ou peccadores, ou penitentes. Se sois justo, haveis de ter cruz; porque Christo era justo, antes a mesma justiça, e tinha a sua. Se sois peccador, haveis de ter cruz; porque o mau ladrão era peccador, e estava crucificado. E se sois penitente, tambem haveis de ter cruz; por que o Bom Ladrão era penitente, e a cruz era a maior parte da sua penitencia. Se fordes rei, haveis de ter cruz; porque Christo tinha um titulo, que dizia: *Rex Judæorum;* e o titulo e mais o Rei ambos estavam pregados nella. E se fordes dos que estão ao lado do rei, tambem haveis de ter cruz; porque ao lado de Christo estavam Dimas e Gestas, e estavam cada um na sua.

Muito em seu logar, e muito fóra de seu logar estavam estes dois ladrões. Estavam muito em seu logar, porque estavam crucificados com as mãos e pés pregados na cruz; e estavam muito fóra de seu logar, porque estavam ao lado do Rei. Se viverdes na côrte, haveis de ter cruz; que pelas ruas de Jérusalem levou Christo a cruz ás costas: e se viverdes no monte, tambem haveis de ter cruz; que no monte Calvario teve a cruz a Christo nos braços. Emfim, se tiverdes vontade de levar a cruz, leval-a-heis: que Christo desejou muito leval-a, e levou-a: e se não tiverdes vontade de a levar, tambem bem a levareis;

[1] *Math.*, VXIV, 35.

que o Cyreneu não queria levar a Cruz, e forçaram-no a que a levasse. De maneira que, ou por acto de virtude, ou por remedio de necessidade, não ha de passar esta vida sem cruz. Antes a maior felicidade dos vivos é como o enterro dos defuntos: quanto mais pompa mais cruzes.

Para sabermos quaes devem ser as escolhidas, e quaes as reprovadas, ajustando a festa com o Evangelho, determino fazer hoje um dia do Juizo das cruzes: *Nunc judicium est mundi.* Chamaremos a juizo as cruzes de todo o mundo; e da maneira que no dia do Juizo final se hão de pesar os merecimentos de todos os homens, assim o faremos neste juizo das cruzes, e julgaremos quaes dellas são mais ou menos pezadas. Sentenciar e examinar cada cruz de por si, seria coisa muito dilatada, e impossivel. Pelo que, accommodando-me ás duas partes do auditorio, secular e Religioso, e não me esquecendo da Exaltação da cruz de Christo, que é a solemnidade, reduzirei todos os generos de cruzes universalmente a tres: cruz de Christo, cruz da Religião, cruz do mundo. O Juizo dos homens ha se de fazer no valle de Josaphat: assim como no dia do Juizo do valle de Josaphat, Christo ha de estar no meio, e á mão direita bons, á mão esquerda maus, assim neste juizo do monte Calvario, no meio poremos a cruz de Christo, á mão direita a cruz da Religião, á mão esquerda a cruz do mundo. Assentadas nesta fórma as tres cruzes, começará o rigoroso exame, e para que cada um de nós conheça e tome bem o pezo á sua cruz, faremos entre todas tres duas comparações. Na primeira compararemos a cruz da Religião com a cruz de Christo; e examinaremos qual é mais pezada e mais estreita, se a cruz de Christo, se a cruz da Religião. Na segunda compararemos a cruz do mundo com a cruz da Religião; e examinaremos qual é mais estreita e mais pezada, se a cruz da Religião, se a cruz do mundo. Destas comparações e exames assim feitos se seguirão no juizo de toda a boa razão as duas consequencias que Christo promette no nosso Evangelho. Primeira, que o mundo seja condemnado, e vá fóra: *Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras.* Segunda, que todos se abracem com Christo, por meio da sua Cruz: *Et ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.*

III

Entrando no primeiro exame, e comparando a cruz da Religião com a cruz de Christo, ainda que a cruz de Christo, absolutamente fallando, foi a mais rigorosa de todas as cruzes: comtudo, attendendo a muitas circumstancias particulares, digo, que mais estreita é a cruz da Religião, que a cruz de Christo. Parece proposição atrevida, mas tenho fiador abonado della um grande douto, e grande espiritual. Pedro Blesense: *Audeo, et dico: In strictiore cruce pendet vir contemplativus, quam Christus.* Ouso dizer, e digo, diz Blesense, que a cruz da Religião é mais estreita que a cruz de Christo: e provo: *Christo confixus sum cruci:* [1] Eu, diz S. Paulo, estou crucificado na mesma cruz com Christo. D'onde se collige claramente, que mais estreito e apertado estava na sua cruz S. Paulo, do que Christo na sua: porque Christo estava só; e S. Paulo na sua estava acompanhado: Christo na sua cruz não estava com Paulo; e Paulo na sua cruz estava com Christo: logo mais estreita é a cruz para Paulo, Religioso, que para Christo crucificado.

Para prova desta maior estreiteza traz Pedro Blesense uma razão, e eu acho quatro. Comecemos pela sua. E' mais estreita a cruz da Religião, que a de Christo (diz Blesense), porque, se bem advertis, Christo na Cruz tinha cravados os pés e as mãos, mas não tinha cravada a lingua, porque fallava: porém o Religioso não só tem cravado o corpo na cruz da Religião com tres votos essenciaes de pobreza, castidade, e obediencia, senão que tem cravada e crucificada a lingua pela regra do silencio, que é outro cravo.

Quão terrivel circumstancia seja esta de não fallar, explicou melhor que todos David: *Quoniam tacui, inveteraverunt omnia ossa mea.* [2] Porque não fallei, se me envelheceram os ossos. Grande tormento deve de ser o silencio, pois se compara á velhice, que tanto doe a tantos. Se dissera David, que com o silencio se lhe fizeram brancos os cabellos, se lhe enrugá-

---

[1] *Galat.*, II, 19.
[2] *Psal.* XXXI, 3.

ra o rosto, se lhe entorpeceram os pés, grandes eram os poderes do silencio; mas o em que reparo é, que não só diz que envelheceu, porque callou, senão que lhe envelheceram os ossos: *Inveteraverunt ossa mea:* sim, que é tão grande violencia em uma creatura racional o callar, que chega a fazer em poucos dias, o que não póde fazer a morte em muitos annos: é tão penetrante o callar, que calla até os ossos.

E qual será a razão? E' por que a morte é violencia da vida animal, e o silencio é violencia da vida racional. Pela vida nos distinguimos dos mortos, pela falla nos differençamos dos brutos: por isso quando Deus infundiu a alma no homem, em logar de *Factus est homo in animam viventem*, [1] diz o original hebreu: *In animam loquentem.* E como o silencio violenta uma parte superior mais delicada, que é a alma, e a morte violenta uma parte inferior, que é o corpo; por isso são mais excessivos os rigores do silencio, que os da morte.

Entra o demonio a atormentar a Job, e cobrindo-lhe de chagas todo o corpo, só lhe deixou livre a bocca, e sem lezão a lingua: *Derelicta sunt tantummodo labia circa dentes meos.* [2] Pergunto: Se o demonio tem tão pouca piedade, como quem elle é, e queria atormentar a Job com intensas crueldades: por que lhe não atormenta tambem a bocca? Por que lhe deixa sem lezão a lingua? Vêde: Quando Deus deu poder ao demonio sobre Job, excepluou-lhe a alma: *Verumtamen animam illius serva:* [3] e como todo o direito do demonio se limitava ao corpo, e não se estendia á alma: por isso executando martyrios em todos os membros de Job, lhe deixou livre a lingua. Os outros membros são instrumentos do corpo, a lingua é instrumento da alma, como interprete do entendimento. E porque a lingua é parte da alma, bem dizia eu, que pela circumstancia do silencio, é mais rigorosa a cruz da Religião, que a cruz de Christo. Na cruz de Christo estão cravados os pés e as mãos, que são membros do corpo; na cruz da Religião está crucificada tambem a lingua, que é membro da alma. E para fechar todo o discurso, digo, que na cruz

[1] *Gen.*, II, 7.
[2] *Job.*, XIX, 20.
[3] *Ibid.*, II, 6.

de Christo havia um preceito que não lhe tocassem nos ossos: *Os non comminuetis ex eo*, [1] e por isso *non fregerunt ejus crura;* [2] porém na cruz da Religião chegam os tormentos a penetrar os ossos, que é a efficacia do silencio: *Quoniam tacui, inveteraverunt ossa mea.*

IV

Só vejo que me replicam, que o silencio será grande martyrio, mas que as Religiosas (com quem, e de quem particularmente fallo) tambem fallam. Pudéra tapar as boccas a todos com responder, que ainda que fallam as Religiosas, essas mesmas palavras sahem tão crucificadas, quantas são as cruzes de uma grade: mas não é isto o que respondo. Digo que o fallar das Religiosas não diminue o martyrio da cruz, porque ainda que fallam alguma vez, fallam com taes circumstancias, que fazem maior o tormento; porque o seu fallar é com escutas, e fallar com escuta é maior pena que callar.

Veiu o Esposo nos Cantares a buscar a sua Esposa com alguns amigos, e disse-lhe desta maneira: *Quæ habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuam:* [3] Vós, Esposa minha, que habitaes nesse horto, fazei-me graça de que eu oiça a vossa voz, porque estão aqui tambem alguns amigos, que vos escutam, e querem ouvir. Que responderia a Esposa a esta proposição? *Heu fuge dilecte mi.* [4] O que eu vos peço, Esposo meu, é que por agora vos vades; em outra occasião vos fallarei: *Non optando loquitur;* reparou bem Beda, que a Esposa neste logar fallou contra o que queria, e bem o mostra aquelle ai: *heu;* porque se era seu amado, *Dilecte mi*, claro está que havia de querer fallar, e estar com elle. Pois se a Esposa desejava fallar com o Esposo, porque lhe diz que se vá: *fuge?* Não vêdes o que dizia o Esposo:

---

[1] *Joan.*, XIX, 36.
[2] *Ibid.*, 33.
[3] *Cant.*, VIII, 13.
[4] *Ibid.*, 14.

Amici auscultant. Ainda que o Esposo vinha a fallar, trazia os amigos por escutas: e houve-se a Esposa discretamente, que muito melhor era não fallar. Idevos agora, Esposo meu, que outro dia me fallareis, que quanto a fallar com escutas, melhor é o silencio, que o locutorio; e se isto é quando os que escutam são amigos, *amici*, que será quando as escutas forem desaffeiçoadas?

A outra razão é porque ainda que as Religiosas fallam, fallam com licença; e para os que sabemos que coisa é Religião, é coisa que mais custa a licença, que o silencio. E a razão é clara; porque o silencio é calar, e a licença é pedir; e muito mais custa abrir a bocca para pedir, que fechal-a para calar. Entrou o Rei da parabola do Evangelho a vèr os convidados, e achou um á meza sem a vestidura de festa: mandou que o prendessem, e levassem logo a um carcere escuro, d'onde os condemnados sahiam a justiçar: *Ligatis manibus, et pedibus, mittite eum in tenebras exteriores.* [1] Que faria o miseravel neste caso? Diz o Texto, que emmudecera: *At ille obmutuit.* [2] Pois, homem mal entendido, que fazes? Porque não te prostras de joelhos aos pés do Rei? Porque não lhe pedes perdão? Este Rei não é como Herodes, que corta cabeças em dia de convites. Pois se é Rei piedoso, porque não pedes? Porque emmudeces? Emmudeceu, porque não se atreveu a pedir. De maneira, que posto um homem entre a morte e a vida, entre o calar e o pedir, antes quiz calar com certeza da morte, que pedir com interesse da vida. Logo bem digo eu, que por todas as razões é mais penoso nas Religiosas o fallar, que o não fallar; e por esta circumstancia, em animos pouco atrevidos, mostra ser mais rigorosa a cruz da Religião, que a cruz de Christo.

V

A segunda circumstancia de rigor, que faz mais pezada a cruz da Religião, que a cruz de Christo é, que a cruz de Christo não tirava a vista; mas a cruz

[1] *Math.*, XXII, 13.
[2] *Ibid.*, 12.

da Religião, ainda que não tira a vida, cerra a vista. A cruz de Christo não tirou a vista, sendo que tirou a vida, porque estava descoberta em um monte, onde Christo via o que queria; e assim viu a sua Mãe, e ao Discipulo amado: *Cum vidisset Jesus Matrem, et Discipulum stantem:* [1] mas a cruz da Religião, ainda que não tira a vida, é cruz encerrada entre paredes, onde só se póde receber a luz do céu, e não se póde vêr nada do mundo. Quão estreita circumstancia de cruz seja esta, entenderam melhor que todos, a meu vêr, os Philisteus.

Fez Samsão aos Philisteus os maiores aggravos que cabem na maior crueldade. Em um anno os matou, roubou-os, destruiu-os, e affrontou-os. Fizeram elles extraordinarias diligencias para o colher ás mãos, e depois que o tiveram em seu poder, diz o Texto, que lhe tiraram os olhos, e o deixaram vivo. Vivo Samsão? Pois se Samsão matou a tantos Philisteus, porque não matam os Philisteus a Samsão? Por que entenderam que se vingavam delle melhor tirando-lhe os olhos, e não tirando-lhe a vida. Se os Philisteus tirassem a vida a Samsão, não ficavam vingados; por que Samsão tinha tirado muitas vidas, e muitas vidas não se pagam só com uma. Pois para que o rigor da vingança seja egual ao numero das injurias que Samsão lhes tinha feito: que fazem? Tiram-lhe os olhos, e deixam-no vivo: por que entenderam que ficava mais castigado vivo sem vista, que morto sem vida. Se mataram a Samsão, morria só uma vez; mas deixam-no sem vista, para morrer tantas vezes, quantas queria vêr, e não podia.

Bem o entendeu assim o mesmo Samsão. Depois que lhe cresceram os cabellos, fez que o levassem ao Templo, e lançando mão ás columnas, dizendo: Assim se vinga Samsão dos olhos que lhe tiraram: deu com o Templo em terra, matou-se a si, e a todos quantos alli estavam: *Pro amissione duorum luminum, unam ultionem recipiam.* [2] De maneira que estimou Samsão tanto menos a vida, que a vista, que só por vingar a vista quiz perder a vida. E se o vêr é mais estimado dos homens, que o viver: não ha

---

[1] *Joan.*, XIX, 26.
[2] *Juizes*, XVI, 28.

duvida que é mais facil cruz aquella em que se vê, e se morre, do que aquella em que se não vê, e se vive. Mais ainda: A cruz de Christo foi cruz em que elle perdeu o vêr, mas o não ser visto; porém a cruz da Religião é tal, que nella não só não póde uma Religiosa vêr, mas nem ser vista; por isso tanto mais pezada, quando vae de estar sepultado, a estar morto. Christo na morte perdeu o vêr, na sepultura perdeu o ser visto: porém em quanto esteve na cruz, nem perdeu o ser visto, nem o vêr: logo o estar na cruz da Religião sem vêr, nem ser visto, não só é estar crucificado, senão morto e sepultado. D'onde se segue, que é mais rigorosa a cruz, porque é cruz com accidentes de morte, e com horrores de sepultura.

Toda a Paixão de Christo se inclue no Sacramento da Eucharistia. Pois se Christo na Paixão padeceu tanto, e no Sacramento está impassivel; porque ha de ser o Sacramento não só uma cifra da cruz, senão um epilogo de todos os tormentos? Notae. Christo no Sacramento não póde vêr, nem ser visto pelo impedimento dos accidentes; e é tão grande violencia estar um homem vivo sem vêr, nem ser visto, que nesse Sacramento se reduzem a compendio todos os seus tormentos: *Recolitur memoria Passionis ejus.*

VI

A terceira circumstancia que faz mais pezada a cruz da Religião, é, que na cruz de Christo houve uso do gosto, e exercicio da vontade: mas na cruz da Religião, nem o gosto tem uso, nem a vontade exercicio. Disse Christo na cruz: *Sitio:* [1] Tenho sede. Trouxeram-lhe fel e vinagre: *Et cum gustasset, nolui bibere,* [2] e não quiz beber. De sorte que na cruz teve uso o gosto, porque provou: *Cum gustasset;* e teve exercicio a vontade, porque não quiz: *Noluit:* porém na cruz da Religião nem o gosto tem uso, porque não ha indifferença para provar; nem a vontade tem exercicio, porque não ha liberdade para não querer.

---

[1] *Joan.*, XIX, 28.
[2] *Ibid.*, XXVII, 34.

Mas a meu vêr não é esta a maior differença de cruz a cruz. A maior differença da cruz da Religião á cruz de Christo é, que na cruz de Christo esteve a vontade livre, e na da Religião está o entendimento captivo. Manda Deus a Abrahão que lhe sacrifique o filho. Obedece o Patriarcha, e ponderando o Texto esta acção, diz assim: *Credidit Abraham Deo, et reputatum est illi ad justitiam:* [1] Creu Abrahão a Deus, e ficou por isso com grande reputação de santo. Reparo naquella palavra *credidit*, dizer o Texto que creu, havendo de dizer, obedeceu. Pois se obedecer é acto de obediencia, e crêr é acto de fé; por que pondera mais a Escriptura a sua fé que a sua obediencia? Respondem os Doutores, que a obediencia de Abrahão teve uma grande circumstancia da fé; porque tendo-lhe promettido Deus que lhe daria em Isaac grande successão, e mandando-lhe que lh'o sacrificasse, encontrando-se tanto a promessa com o sacrificio, em nada repara, e obedece Abrahão. E a razão porque a Escriptura pondera mais a sua fé, que a sua obediencia, é porque pela obediencia sujeitou a vontade, e pela fé captivou o entendimento. É muito maior foi o sacrificio de Abrahão por captivar o entendimento, que por sujeitar a vontade. Matar a seu filho, era vencer repugnancias da vontade: crêr a Deus em tal caso, era vencer contradições do entendimento: e muito mais fez Abrahão em sacrificar contradições do entendimento, que em sacrificar repugnancias da vontade.

D'aqui se entenderá por que Christo Senhor nosso não quiz beber na cruz o fel e vinagre. Christo pelo muito que nos amava, nenhum tormento recusou, de quantos lhe deram seus inimigos. Pois se não recusou nenhum dos tormentos, porque não bebe o fel e vinagre? Respondo, que os outros tormentos deram-lh'os por tormentos; mas o fel e vinagre deram-lh'o por allivio. A cruz deram-lh'a por cruz: o fel e vinagre deram-lh'o por agua. Os tormentos dados por tormentos podem-se soffrer, porque são violencia da vontade: mas tormentos dados por allivio não se podem tolerar, porque são contradições do entendimento. Que me deem a mim cruz por cruz, tormento

[1] *Rom.*, IV, 3.

é, mas póde-se soffrer; porém que me deem fel por agua, é tormento que se não póde tolerar: taes são os tormentos da Religião; hão-vos de dar fel, e haveis de crêr que é agua: o gosto ha de dizer que amarga, e o entendimento ha de dizer que é doce. Póde haver maior violencia? Pois isto é o que se padece na cruz da Religião.

VII

A quarta circumstancia da cruz, que prometti, não quero ponderar, porque vae faltando o tempo: mas ella é tão evidente, que não ha mister ponderação. Estando Christo na cruz disse: *Pater, in manus tuas commendo Spiritum meum:* [1] Padre, em vossas mãos encommendo meu Espirito. Vêdes aqui a ultima circumstancia, em que a cruz da Religião excede á cruz de Christo? Na cruz de Christo houve liberdade para entregar o espirito nas mãos do Padre; porém na cruz da Religião, nem para entregar o espirito nas mãos do Padre ha liberdade. Na Religião tendes um Padre, a quem entregaes o vosso espirito, a quem communicaes vossa alma: mas esse Padre não é de vossa eleição. O maior rigor da Lei de Deus é haver de entregar um homem seu espirito, e manifestar sua alma a outro homem; mas este rigor está tão apertado na Religião, que esse homem, esse Padre não ha de ser aquelle que vós quizerdes, senão aquelle que vos assignarem. Póde haver maior circumstancia de cruz? Não ha passar d'aqui, nem eu direi mais.

VIII

Temos já comparada a cruz de Christo com a cruz da Religião, para que as almas Religiosas conheçam seu merecimento. Agora para que conheçam sua felicidade, compararemos a cruz da Religião com a cruz do mundo. Materia é esta em que o mundo anda mui-

[1] *Luc.*, XXIII, 46.

to enganado, como em tudo. Cuida o mundo, que é muito pezada a cruz da Religião, e a sua é muito mais pezada: *Mihi mundus crucifixus est, et ego mundo:* [1] O mundo, diz S. Paulo, tem-me a mim por crucificado, e eu a elle: maior é a sua cruz que a minha. E para que vejamos quanto mais pezada é a cruz do mundo, que a cruz da Religião, façamos esta segunda comparação pelos mesmos pontos, que fizemos a primeira, mas com brevidade. Primeiramente arguimos a estreiteza da cruz da Religião, por estar nella Paulo com Christo: *Christo confixus sum cruci;* mas esta circumstancia, mais é de allivio, que de tormento. Christo não manda tomar a cruz aos Religiosos, para que estejam nella, senão para que a levem: *Tollat crucem suam.* [2] E quando a cruz é para estar e ter companhia, faz a cruz mais estreita; porém quando é para a levar e ter companheiros, faz a cruz mais leve. *Serviant ei humero uno,* [3] dizia o Propheta, fallando dos servos de Deus na Lei da graça: que serviriam a Christo com um só hombro; porque os Religiosos só poem um hombro á cruz, e Christo põe o outro. Oh ditoso servir! e não o do mundo. Vêde por quem, e com quem: com Christo e por Christo.

D'aqui infiro eu, que a cruz da Religião, ainda que tão pesada, nenhum pezo tem; porque como a cruz se leva por Christo, e com Christo, uma parte do pezo allivia a companhia, e a outra parte allivia a causa. Provou Jacob servir quatorze annos por amôr de Rachel; e os primeiros sete annos diz a Escriptura que padeceu Jacob menos: *Videbantur illi pauci dies.* [4] Nos ultimos sete annos não diz o Texto que Jacob padecesse alguma coisa. Pois pergunto: Jacob não serviu muito em todos os quatorze annos, que serviu por Rachel? Sim, serviu, e trabalhou muito, como quem era pastor. Pois se Jacob trabalhou tanto, porque se diz que nos primeiros sete annos padeceu pouco? E se nos primeiros sete annos padeceu esse pouco, porque se não ha de dizer que nos outros sete padecesse muito, ou pouco? A razão

---

[1] *Gal.*, VI, 14.
[2] *Math.*, XVI, 24.
[3] *Sophoniæ.*, III, 9.
[4] *Gen.*, XXIX, 20.

é por que nos primeiros sete annos trabalhou por Rachel, mas sem Rachel; e nos segundos sete annos trabalhou por Rachel, e com Rachel: *Hanc quoque dabo tibi pro opere, quo serviturus es mihi septem annis aliis.* [1] De sorte, que nos primeiros sete annos, Rachel era a causa: e nos outros sete era causa e companhia do trabalho; e como ambos juntos trabalhavam, todo o trabalho dos segundos sete annos não foi trabalho. O mesmo digo da cruz da Religião. E' pezada? Sim, como o officio de Jacob: mas como nesta cruz se padece por Christo, e com Christo, é Christo a causa e a companhia. Em quanto causa, allivia uma parte do pezo; em quanto companhia, allivia a outra: e ambas alliviam todo o pezo, com que vem esta cruz a não pezar. Quão differentes são as cruzes do mundo! Nem as allivia a causa porque o mundo é um ingrato; nem as allivia a companhia, porque o mundo vos põe a cruz ás costas, e deixa-vos. Ninguem serviu ao mundo melhor que Christo, pois obrou por elle as mais estranhas finezas. Desterrou-se, padeceu, derramou seu sangue, entregou sua vida. E o mundo que allivios lhe deu nestes trabalhos? Poz-lhe a cruz ás costas e deixou-o: *Omnes, relicto eo, fugerunt.* [2] Vêdes aqui os premios, e ajuda que vos dá o mundo? Ao fim de trinta e tres annos de serviço, poem-vos a cruz ás costas. E mais é de temer o desamparo, que a cruz. O mesmo é entregar-vos á cruz, que deixarem-vos todos. E não é ainda esta a maior circumstancia da sem-razão. Diz o Texto, que sobre estar Christo na cruz, veiu um ministro do mundo e lhe metteu a lança pelo peito. De sorte, mundo, que está este Homem morrendo por ti, derramando sangue, e dando a vida, e tu sobre o pôr na cruz, ainda lhe mettes a lança? Este é, Catholicos, o mundo. Christo morria por elle, e elle matava a Christo. Servi lá ao mundo! Para que é morrer, por quem vos ha de matar? Mas vamos ás mais circumstancias.

[1] *Gen.*, v. 27.
[2] *Math.*, xxvi, 56.

IX

A outra circumstancia, que faz pezada a cruz da Religião, dissemos, que era ser uma cruz, em que não se vê, nem se falla. E eu o entendo tanto ao contrario, que digo, que se no mundo não se fallasse, nem se visse, foram mais toleraveis as suas cruzes. E senão pergunte-o cada um a si mesmo e á sua experiencia. Para fallar ao mundo, que tão mal responde, não fôra melhor ser mudos? Oh bemaventurados os mudos! porque o mudo está desobrigado de fallar talvez a um ministro incapaz, que dá a má resposta: e desobrigado de lisongear ao Principe, que não quer ouvir a verdade: desobrigado de fazer bom quanto ouve, sustentando a vida á custa da consciencia. Finalmente, porque não está obrigado a mil desgostos, e a mil arrependimentos: que de haver callado ninguem se arrependeu, e de haver fallado, sim. Oh bemaventurados os cegos, porque estaes livres de vêr a cara ao mundo, e tantas falsidades e erros, como nelle se vêem! Que coisa é vêr ao ignorante no logar do sabio? Ao covarde comendo a praça do valente? Ao entremettido còm valimento, ao murmurador bem ouvido, aos bons gemendo, aos maus triumphando: a virtude a um canto, e o vicio com auctoridade? Oh que entremezes da fortuna! Oh que tragedias do mundo!

Certo, senhores, que para fallar o que aqui se ouve, e para vêr o que aqui se vê, melhor é ter véu para os olhos e silencio para a bocca. Se Eva trouxera véu nos olhos, e guardára silencio, não botára a perder o mundo, como perdeu. Porque cuidaes que se perdeu o mundo? Porque houve uma mulher, que quiz fallar, e vêr. Fallou Eva com a serpente, e ficou enganada. Viu Eva a arvore, e ficou vencida. Não lhe fôra melhor a ella, e a nós todos, não ter bocca para fallar, nem olhos para vêr? Estas são as liberdades do mundo, estes seus perigos.

Porém noto (e quizera que todos o notassem), o que fallou Eva, e o que viu. O que fallou, foi sobre o preceito de Deus: *Cur præcepit vobis Deus.* [1] O

[1] *Gen.*, III, 1.

que viu, foi a Arvore da Sciencia: *Vidit lignum.* [1] Pois se são taes os perigos da lingua, que fallar aqui sobre os preceitos de Deus basta para perder ao genero humano, e se são taes os perigos dos olhos, que vêr as arvores do Paraiso, foi occasião para abrir as portas do inferno; que arriscadas serão no mundo as praticas livres, em que não se falla dos preceitos? Que perigosas serão no mundo as vistas lisongeiras, em que não se olha para as arvores, senão para as serpentes? Jacte-se embora o mundo, que, se tem cruzes, são cruzes em que se vê e se falla: mas lembre-se o mundo de quantos por uma palavra perderam a vida, e por uma vista perderam a alma.

X

Só parece que na ultima circumstancia é mais facil a cruz do mundo, que a da Religião; porque na cruz do mundo, é cada um senhor da sua vontade; porém na da Religião, todos estão sujeitos á vontade alheia.

Para isto sei uma coisa, que parece nova. Digo que por isso mesmo é mais leve a cruz da Religião, que a do mundo; porque maior captiveiro é estar sujeito á vontade propria, que á alheia. Peccou o povo de Israël não querendo obedecer a Deus: trata Deus de castigal-o, e diz: Já que os homens não querem fazer minha vontade, ordeno que façam a sua. Expressamente o disse David; *Non audivit populus meus vocem meam, et Israël non intendit mihi: et dimisi eos secundum desideria cordis eorum.* [2] Pois, Senhor, que modo de sentença é este? Os homens de nenhuma coisa gostam mais que de fazer sua vontade; e com nenhuma coisa vos offendem mais, que em não fazer a vossa: pois se estes homens vos offenderam, e não quizeram fazer vossa vontade, como lhes permittis por isso, que façam a sua? E' isto premio ou castigo? Premio, não; porque não se dá premio por culpas. Castigo, parece que não; porque não se dão gostos por penas. Pois que é isto?

---

[1] *Gen.*, III. 6.
[2] *Psal.* LXXX, 12 e 13.

O maior tyranno que ha no mundo, é a vontade de cada um de nós. Os tyrannos atormentam por fóra, este tyranno affligе por dentro. D'aqui se argue, que quando Deus quer dar um castigo, entrega a um homem nas mãos da sua propria vontade; por isso lhes deu por castigo, que fizessem a sua. De sorte que é maior mal estar sujeito aos appetites da vontade propria, que aos imperios da vontade alheia: pois quando a culpa é não querer obedecer á vontade alheia, dá-se-lhe por castigo fazer a propria. Veja agora o mundo, qual é a mais rigorosa cruz, se estar sujeito á vontade propria, ou á vontade alheia. Mas ainda que uma destas vontades seja mais tyranna que a outra, não ha duvida, que ambas molestam: a propria por dentro, a alheia por fóra. Porém a cruz da Religião é tão suave, que de ambas as cóisas livra ao Religioso. Ouvi.

Digo que o Religioso está livre de toda a vontade humana: da propria, porque a sua vontade é a do Prelado: da alheia, porque a vontade do Prelado, é de Deus. Assim que, o Religioso não está sujeito á vontade humana, senão á Divina. E de estar o Religioso sujeito só á vontade de Deus, que se segue? Segue-se que em premio de despir-se de sua vontade, a está sempre fazendo. Não é paradoxo, senão verdade clara. Que remedio para fazer um homem sempre sua vontade? O remedio é querer o que Deus quer; porque em tudo se faz a vontade de Deus; e se eu quero o que Deus quer, sempre faço minha vontade. Este é o premio dos verdadeiros Religiosos, no qual a sua cruz leva muita vantagem á do mundo; porque na cruz do mundo vivem os homens á sua vontade, a qual em muitas coisas não conseguem e por isso andam todos descontentes; na cruz da Religião em tudo se faz a vontade do Religioso; porque é força que em tudo se faça a vontade de Deus, com quem elle tem unida a sua.

XI

Mas vejo que me replicam, que a vontade do Prelado é verdade que é a de Deus; mas vem ás vezes passada por taes Prelados, que não póde deixar de ser mui penosa. Deus Nosso Senhor no Testamento Ve-

lho commummente fallava por Anjos. Assim fallou a Abrahão, a Jacob, a Isaac, e a outros. E talvez fallou de uma sarça como a Moysés; talvez de uma tempestade, como a Job: *De turbine.* [1] O mesmo costuma succeder nos Prelados. Em todos, e por todos, nos falla Deus, mas uma vez falla de um Anjo, como a Abrahão, Isaac e Jacob, porque talvez é o Prelado prudente, benigno e aprazivel; outras vezes falla de uma sarça ou espinheiro, como a Moysés; porque se o Prelado é aspero, e mal acondicionado, nunca vos chegaes a elle, que não venhaes ferido; outras vezes falla de uma tempestade, como a Job; porque se o Prelado é furioso, como trovão, não ha em casa quem se entenda com elle. Pois se a vontade de Deus vem executada por tal homem, que importa que seja de Deus?

Muito importa para padecer mais no mundo; porque se cá ha uma sarça e uma tempestade, ha muitos Anjos; porém se lá ha um Anjo, ha muitas sarças e muitas tempestades. Mas quando em tudo o demais fóra o mundo como a Religião, ha uma grande differença no modo de obedecer; porque no mundo se o superior é sarça, sente-se como sarça, e se é tempestade, como tempestade: mas na Religião não é assim; ainda que o superior seja sarça, acceita-se como Deus, que assim o fez Moysés; ainda que seja tempestade, acceita-se como Deus, que assim o fez Job. E vae tanto nesta differença de obedecer, que assim como as obediencias do mundo accrescentam novas violencias ao sentimento, assim as obediencias da Religião accrescentam novos merecimentos ao sacrificio. Maior fineza é obedecer á voz de Deus pronunciada por um bruto, que articulada por um Anjo.

Antes digo que chegam os obsequios da obediencia em creditos da verdade, onde chegaram os erros da idolatria em descreditos della. A idolatria chegou a conhecer divindade nos ventos, plantas e animaes: e a obediencia dos Religiosos em um espinheiro, e uma tempestade chega a reconhecer a Deus em sua voz.

Eia, pois, Senhor, deixae-me que corra por minha conta este pleito e este juizo entre as cruzes. Faça-

[1] *Job*, XXXVIII, 1.

mos todos o mesmo, pois já temos visto que as cruzes do mundo não tem mais que apparencia de leves; e verdadeiramente são pezadas: *Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras:* fique-se o mundo embora, e atormente sua cruz aos cegos que a desconhecem, e aos insensiveis, que a não sentem. E pois se a cruz de Christo, ainda que no exterior estreita e pezada, é tão larga pela causa, e tão leve pela companhia, atemos nossos corações a esta cruz, como prisioneiros do carro de seu maior triumpho. Seja esta Exaltação a do instrumento sagrado, com que nos remiu Christo, para que em seguimento de suas penas, seja este desterro meio para que cheguemos a gosar suas glorias. Amen.

SERMÃO

DAS

CHAGAS DE S. FRANCISCO

Prégado em Lisboa, na Igreja da Natividade, no anno de 1646

Si quis vult post me venire, abneget semetipsum: tollat crucem suam, et sequatur me. [1]

I

Se alguem quizer alistar-se debaixo das minhas bandeiras, diz Christo Redemptor nosso, ha de negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz ás costas, e seguir-me.

Cinco coisas, se bem advertirmos, faz Christo nas palavras deste Texto, as quaes não sem grande mysterio no dia e solemnidade em que as lêmos, são, nem mais, nem menos, contadamente cinco: duvída uma, suppõe outra, e aconselha tres. Duvída se haverá quem o queira seguir: *Si quis vult post me venire.* Suppõe que todos teem sua cruz: *Crucem suam.* E aconselha que nos neguemos a nós mesmos: *Abneget semetipsum:* que tomemos nossa cruz ás costas: *Tollat crucem suam:* e que vamos em seguimento seu: *Et sequatur me.*

II

Si quis vult. Cuidava eu, que não havia coisa mais universal no mundo, que quererem todos salvar-se, mas parece que devem de ser mui poucos os

---

[1] *Math.*, XVI.

que o querem: pois Christo põe em duvida, se haverá alguem: *Si quis vult.* O certo é, que todos nós nos queremos salvar, mas salvar-nos como queremos; e isto não é querer salvação. Quereis saber se vos quereis salvar? Vêde se fazeis pela salvação, o que costumaes fazer pelo que muito quereis. E se esta é a verdadeira regra do querer, poucos somos os que verdadeiramente queremos salvar-nos. Queremos e não queremos. Em nenhum entendimento cabe esta contradição, e cabe nas nossas vontades: *Vult, et non vult piger*, diz o Espirito Santo: [1] O homem preguiçoso e irresoluto, quer, e não quer. Quer, porque quer o fim, *vult:* não quer; porque não quer applicar os meios: *Non vult.* Assim somos nós: queremos, e não queremos. Queremos ir ao céu, mas não queremos ir por onde se vae para o céu. No caminho do inferno se vê isto melhor. Ninguem vae ao inferno por sua vontade, e ninguem vae ao inferno, senão por sua vontade. Por isso Christo não duvída do querer, senão do querer ir apoz elle: *Si quis vult post me venire.* O querer e o seguir ha de ser conformemente para a mesma parte: que ir a vontade para uma parte, e os passos para outra, é não querer seguir. Não vistes os que remam nas galés, como levam os olhos em uma parte, e a proa em outra? Assim somos nós ao remo desta vida. Se perguntarmos aos nossos desejos onde teem os olhos: no céu, Se olharmos para nossas acções, onde levam a proa: no inferno. Eis aqui como queremos.

Abneget semetipsum: Se alguem quer ir apoz mim, diz o Senhor, negue-se a si mesmo. Por ventura que é esta a mais notavel sentença que Christo disse. Que quer dizer, que nos neguemos a nós mesmos? Quer dizer que nos hajamos comnosco como se não foramos nós. Eu que me haja commigo como se não fôra eu: vós, que vos hajaes comvosco, como se não foreis vós. O' que documento tão divino para o bem e para o mal! Se as nossas prosperidades nos vieram como se foram de outrem, que pouco nos haviam de desvanecer! E se as nossas adversidades as tomaramos como se não foram nossas, que pouco nos haviam de molestar! O verdadeiro amigo dizem que é outro eu: o verdadeiro christão, diz Christo,

[1] *Prov.*, XIII, 4.

que ha de ser um não eu: *Abneget semetipsum.* O verdadeiro amigo, é outro eu; porque se ha de haver nas coisas do amigo, como se foram proprias: o verdadeiro christão, é um não eu; porque se ha de haver nas coisas proprias, como se foram alheias. Ao proximo diz Christo que tratemos como a nós mesmos; e a nós, que nos tratemos como se não foramos nós. Nestes dois pontos se encerra toda a perfeição evangelica. Aos outros, como se fôra eu; a mim, como se eu fôra outro. E que vida tão descançada fôra a nossa, se assim viveramos! Que facil fôra a paciencia nas injurias! Que egual a conformidade nos trabalhos! Que moderado o appetite nas pertenções! Que comedido o desejo nos affectos! Emfim, que senhores foramos de nós mesmos e da fortuna! Mas porque não nos despegamos de nós, vimos a andar pegados a tudo: e por isso nos embaraça tudo. Negar-se a si mesmo, dizem que é a maior fineza; e não sei eu commodidade maior: dizem que é o maior acto de amôr de Deus, e eu o tenho pela maior destreza do amôr proprio. Só se sabe querer bem, quem se sabe livrar de si.

Ao *abneget semetipsum*, ajunta Christo o *tollat crucem suam.* E que leve será a cruz a quem se tiver negado primeiro! A nossa cruz não tem mais peso, que o que nós lhe damos. Se na nossa cruz nos não levaramos a nós, pouco teriamos que levar. Do peso de si mesmo, e não do da cruz, se queixava Job: *Factus sum mihimetipsi gravis.* [1] E não foi Job o que menos cruz levou neste mundo. *Tollat crucem suam:* Só a nossa cruz nos manda levar Christo: bemdito elle seja. E quantos ha, que todos se cançam em levar as cruzes alheias? Até nas cruzes ha ambição, onde parece que tinha só logar a paciencia! Que alliviado andára o mundo, e que bem governado, se cada um se contentára com levar a sua cruz! Se Deus vos cortou a vossa cruz pela medida dos vossos hombros, para que quereis tomar outras, com que póde ser que não possaes? Mas é engano natural este, com que nascemos, que sempre ou as cruzes alheias nos parecem as mais leves, ou os hombros proprios os mais robustos. Assás fará cada um em

[1] *Job*, VII. 20.

levar a sua cruz, sem cançar, nem cahir. Christo houve mister quem o ajudasse a levar a sua; e nós cuidamos que podemos levar as nossas, e mais as alheias! A causa cuido eu que é porque olhamos para os titulos das cruzes, e não para o peso dellas. Pois crêde-me, que as que parecem mais para cubiçar, são as que teem mais que temer. Não vêdes que as mais preciosas são as mais pesadas?

Crucem suam. Suppõe Christo, que todos teem sua cruz, e se com olhos desapaixonados dermos uma volta ao mundo, acharemos que é assim. Que estado ha no mundo desde o mais alto ao mais humilde, desde o mais livre ao mais sujeito, desde o mais abundante ao mais pobre, desde o mais appetecido ao mais desprezado, que, ou por fóra, ou por dentro, não tenha sua cruz? Umas vemos, outras não vemos; e as menos visiveis são ordinariamente as mais pesadas, porque são as mais interiores, e as que carregam só na alma. E' este mundo como o monte Calvario, em que se acham todos os estados, e todos com cruz, como n'outra occasião ponderámos. Mas somos nós tão mal aconselhados, que não podendo deixar de a levar (pois todos a temos), soffremos o peso, e perdemos o merecimento porque o não queremos levar em seguimento de Christo. Se por deixarmos de seguir a Christo, tiraramos a cruz dos hombros, ainda tinha alguma desculpa a nossa ingratidão, ou a nossa fraqueza, mas a desgraça é, que quanto mais nos afastamos do seguimento de Christo, tanto mais cresce o peso á nossa cruz. Nenhuma coisa quizera no mundo senão uma balança fiel, em que os que seguem a vaidade, e os que seguem a Christo, vieram pesar suas cruzes. O' que enganados se haviam de achar uns, e que consolados outros! *Mihi mundus crucifixus est, et ego mundo.* [1] Paulo tem cruz, e o mundo tem cruz; mas quanta differença vae da cruz do mundo á cruz de Paulo? Se os homens acabaramos de conhecer esta verdade, eu vos prometto que o mundo trocára a sua cruz pela cruz de Paulo. Mas a cegueira é, que entre os que teem a profissão de Paulo não falta (ainda mal!) quem queira trocar a sua cruz, pela cruz do mundo. Gente duas vezes mo-

[1] *Galat.*, VI, 14.

fina, que por não levar uma cruz com Christo, vem a levar ambas sem Christo.

Que differentemente entendeu esta philosophia aquelle Serafim humano, aquelle vivo crucificado, aquelle Cruz, e Crucifixo de si mesmo, o glorioso Patriarcha S. Francisco! Negou-se a si, tomou a sua cruz ás costas, e seguiu tão de perto a Christo, que de muito chegado e unido, appareceu hoje como uma viva estampa sua, com as cinco Chagas abertas. Pasmou o mundo assombrado de tão nunca vista maravilha: pasmou a natureza, e pasmou a mesma graça: e nós, para que possamos tambem pasmar, vamos ponderando, clausula por clausula, o nosso Texto, sem sahir delle.

III

A primeira em que reparo é, o *tollat crucem suam*. Manda-nos Christo, que tomemos a nossa cruz, e o sigamos a elle. O exemplo ha de ser seu, e a cruz ha de ser nossa. E não seria melhor, que assim como a pessoa a que havemos de seguir, é a de Christo, assim a cruz que havemos de levar, fosse tambem de Christo? Parece que sim: pois porque não diz Christo: Quem me quizer seguir, tome a minha cruz, senão, tome a sua: *Tollat crucem suam?* A razão é, porque estima Christo tanto a sua cruz, que a não quer dar a outrem. Como se dissera o Senhor: Quem quizer seguir-me, tome a cruz, mas essa cruz ha de ser a sua, que a minha não a dou a ninguem. Não estimo eu tão pouco os tormentos e instrumentos de minha Paixão, que os haja de dar a outrem.

Diz o mesmo Senhor, que a sua gloria não a ha de dar a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo.* [1] Parece difficultoso este Texto; porque Christo offerece a sua gloria a todos os que a quizerem e dá-a a todos os que a ganham; antes só para nos dar a sua gloria, veiu do céu á terra; e a gloria que mereceu, foi para nós, e não para si, porque para si não a podia merecer. Pois porque diz que não ha de dar a

[1] *Isai.*, XLII, 8.

sua gloria: *Gloriam meam alteri non dabo?* Com outro logar entenderemos este. Antes de Christo entrar na batalha de sua Paixão, fez orações ao Padre, e disse: *Glorifica me Pater:* [1] Padre meu, glorificae-me. Christo não estava glorificado, e não era glorioso desde o instante de sua Conceição? Sim, era: pois se tinha já a gloria, como pedia ao Padre que lh'a désse? Direi: Christo Senhor nosso neste mundo tinha duas glorias; uma gloria que se gosava, outra que se padecia. A gloria que se gosava, era a gloria da visão, que consistia na bemaventurança de vêr a Deus: a gloria que se padecia, era a gloria da Paixão, que consistia nos tormentos que Christo padeceu pelos homens; e ainda que Christo teve a primeira gloria desde o instante de sua Conceição: a segunda não a teve senão no dia de sua Paixão: e esta é a gloria què pedia a seu Padre: *Pater glorifica me.*

Mas como póde ser que a Paixão de Christo fosse para elle gloria? Esta duvida teve S. João Chrysostomo, e perguntou assim ao mesmo Christo: *Ad crucem raperis cum prædonibus, et hoc gloriam appellas?* E' possivel, Senhor, que ides a ser pregado em uma cruz entre dois ladrões, e a isto chamaes gloria? *Ita quidem; pro dilectis enim patior.* Sim, responde Christo; é minha gloria essa cruz e esses tormentos, porque os padeço por aquelles a quem amo. Quem padece muito pelo muito que ama, a sua cruz é a sua gloria. De maneira que Christo era duas vezes glorioso, uma vez pela gloria da visão, com que sempre via e gosava a Deus; outra vez pela gloria da Paixão, com que padecia pelos homens. E estimava Christo a gloria que padecia, tanto mais que a gloria que gosava; que da gloria que gozava, era tão liberal, que a dava a todos; e da gloria que padecia, era tão avarento que a quiz só para si: *Gloriam meam alteri non dabo.* A gloria da visão, a gloria de vêr a Deus, essa seja gloria vossa, gozae-a todos quantos quizerdes; mas a gloria da Paixão, a gloria de padecer pelos homens, esta é gloria só minha, não a hei de dar a ninguem. Por isso quando falla na Cruz, diz: Tome cada um a sua, que a minha é só para mim: *Tollat crucem suam.*

---

[1] *Joan.*, XVII, 5; Ita Syrus et Arabicus.

IV

E sendo isto assim, sendo Christo tão avarento (deixae-m'o outra vez dizer com esta palavra) de seus tormentos, e das glorias de sua Paixão, amou tanto a S. Francisco, que lhe deu a melhor parte da sua gloria, e a maior gloria de sua Paixão, que são as cinco Chagas que lhe imprimiu no corpo. Lingua serafica era necessaria para ponderar este favor: mas para que a capacidade humana o rasteie de alguma maneira, vêde o que digo. Digo que em conceder Christo a S. Francisco esta parte de sua Paixão, o admittiu a uma gloria, a que não quiz admittir nem aos homens, nem aos Anjos, nem ao mesmo Deus. Ora dae-me attenção.

Vão os soldados prender a Christo ao Horto, onde o Senhor estava com seus Discipulos, e dando-lhes licença, para que o levassem prezo, disse, olhando para os Apostolos: *Si ergo me quæritis, sinite hos abire:* [1] Se me buscaes a mim, deixae ir a estes. Pergunto: E porque não deixou Christo que os Judeus prendessem alguns de seus Discipulos, para que morressem juntamente com elle? Não era mui conveniente, que houvesse algum dos que seguiam sua doutrina, que désse a vida pela verdade della? E que já que havia um Judas, que o vendeu, houvessse um Pedro que o acompanhasse? Se Christo havia de morrer entre dois ladrões; se havia de ter de uma parte a Dimas, e da outra a Gestas, não fôra mais decente, que morrêra entre dois Apostolos, e que tivera de uma parte a João, e da outra parte a Pedro? Logo porque não quiz Christo a nenhum dos Discipulos comsigo em sua Paixão? Porque queria toda a Paixão para si. Se algum dos Discipulos fôra prezo juntamente com Christo, repartira-se com elle parte do odio dos tyrannos: pois para que as penas, ou a gloria de as padecer seja toda minha, diz o mesmo Christo, vão-se os Discipulos embora: *Sinite hos abire.* Foi lanço de ambicioso de glorias, não querer companhia nos tormentos. Vêde aonde chegou o

[1] *Joan.*, XVIII, 8.

amôr de Christo para com os Discipulos, e aonde não chegou! Chegou a padecer por elles todas as penas da Paixão; mas a dar-lhes parte dessas penas, não chegou a tanto. Que tenha eu por gloria o padecer por meus Discipulos, isso sim; mas que os haja de admittir a serem commigo companheiros dessa gloria, isso não. Só essa excepção tem a liberalidade de meu amôr: *Sinite hos abire.*

Mais: Quando o Senhor mandou a S. Pedro, que embainhasse a espada, disse: *An putas, quia non possum rogare Patrem meum, et exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones Angelorum?* [1] Imaginas, Pedro, que não posso rogar a meu Padre, e me mandará logo do céu mais de doze legiões de Anjos? Notavel razão! Não estava mais achado dizer Christo: Embainha, Pedro, a espada, porque para me defender a mim não são necessarias nenhumas armas, e muito menos as tuas? Não vês como só com uma palavra acabo de prostrar por terra meus inimigos? Pois se esta razão estava tanto á flôr da terra, porque vae Christo buscar outra ao céu? E porque faz menção dos Anjos nesta occasião? Porque como os Anjos costumam assistir e ajudar invisivelmente as acções humanas, soubessem os homens por esta advertencia, que nem os Anjos do céu admittia Christo á companhia de suas penas. São os Anjos impassiveis por natureza, são espiritos, que não podem padecer corporalmente: e era Christo tão amante das penas de sua Paixão, que até dos impossiveis as ciava. Por isso não quiz ter Anjos por companheiros em sua Paixão, porque ainda que lhe não podiam participar dos tormentos pela paciencia, podiam-lhe levar parte da gloria pela companhia. Parte da gloria de suas penas nem aos Anjos a dá Christo: *An putas quia non possum rogare Patrem meum, et exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones Angelorum?*

Ultimo encarecimento sôbre todos. Antes de espirar na cruz o Senhor, põe os olhos no céu, e diz: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* [2] Deus meu, Deus meu, para que me desamparaste?

---

[1] *Math.*, XXVI, 53.
[2] *Marc.*, XV, 34.

Todos perguntam aqui, porque razão o Padre desamparou ao Filho, e porque quiz o Filho, que o Padre o deixasse. Mas eu pergunto mais: Porque fez Christo esta queixa de publico? O que passa entre os paes, e os filhos (e muito mais se são razões de queixa) não é justo que sáia á praça; quanto mais, que onde o Pae era Deus, não lhe era necessario ao Filho fallar para declarar seu sentimento. Pois porque diz Christo publicamente, que seu Pae o desamparou? Porque quiz o Senhor que soubesse o mundo, que foi tão só em padecer pelos homens, que nem a companhia de seu proprio Padre acceitou em seus tormentos. A pessoa do Pae, e a do Filho, nenhuma coisa tem, que se não communiquem, e que não seja commum entre ambos; mas quiz Christo ser tão singular nas penas de sua Paixão, que nem a seu proprio Padre (da maneira que podia ser) quiz ter por companheiro nellas. Tinha Christo dito pouco antes a seus Discipulos: *Me solum relinquatis: et non sum solus, quia Pater mecum est.* [1] Ainda que vós fujaes todos e me deixeis só, eu não ficarei só, porque meu Padre está sempre commigo. E para que soubessem os Discipulos, que até em respeito do Padre quiz ser só em sua Paixão, por isso disse ao mesmo Padre, que o desamparára: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

Pedis-me doutores, que o digam? Mais que doutores vos hei de dar. David e Isaias, ambos em pessoa de Christo. David: *Singulariter sum ego, donec transeam.* [2] Achei-me só, e sem estar alguem commigo, no tempo em que passei desta vida para a outra. Isaias: *Torcular calcavi solus, et de gentibus non est vir mecum.* [3] Quando fui espremido no lagar de minha Paixão, nenhuma outra pessoa se achou commigo. Ambos disseram bem, mas melhor David. Isaias fazendo menção dos homens, excluiu só aos homens da companhia de Christo em sua Paixão: *De gentibus non est vir mecum.* David não fazendo menção de alguem, excluiu a todos: *Singulariter sum ego.* E assim foi: porque Christo na gloria de sua cruz não foi

[1] *Joan.*, XVI, 32.
[2] *Psalm.*, CXL, 10.
[3] *Isai.*, LXIII, 3.

só uma só vez, senão tres vezes só: só, sem companhia de homens: *Sinite hos abire:* só, sem companhia de Anjos: *Exhibebit mihi plusquam duodecim legiones Angelorum:* só, sem companhia do mesmo Deus: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

E sobre esta ponderação (ó assombro da grandeza de Francisco!) naquella gloria, em que Christo não admittiu a companhia dos homens, nem a dos Anjos, nem a do mesmo Deus, nessa mesma gloria deu tanta parte a S. Francisco, que lhe deu suas proprias Chagas, que é a principal gloria de sua Paixão. Prova? Sim.

Quando Christo subiu triumphante ao céu, os Anjos que o acompanhavam, disseram aos que estavam de guarda: *Attollite portas, Principes, vestras, et introibit Rex gloriæ:* [1] Abri, ó principes as portas, para que entre o Rei da gloria. Estranharam elles o tempo e o nome; e antes de abrirem perguntaram: *Quis est iste Rei gloriæ?* Este, que chamaes Rei da gloria, quem é? A uns Anjos e por outros respondeu Santo Agostinho com estas excellentes palavras: *Viderunt cœlites cuncti speciosum vulneribus Christum et admirantes fulgentia divinæ virtutis vexilla talibus concrepant hymnis: Quis est iste Rex gloriæ?* Quer dizer Agostinho, que a causa por que os Anjos chamam Rei da gloria a Christo, é porque lhe viam as cinco Chagas abertas. Grande dizer! Christo Senhor nosso no dia de sua Ascensão ia vestido dos dotes gloriosos, como bemaventurado, que era; mas os Anjos não lhe chamaram Rei da gloria, porque o viram glorioso, senão porque o viram chagado. Porque maior gloria eram para Christo e para os Anjos os signaes de sua Paixão, que os dotes de sua bemaventurança. E sendo esta gloria das Chagas maior gloria de Christo, que sua mesma gloria: esta gloria communicou Christo a S. Francisco, e lhe deu a elle, o que prometteu de não dar a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo.*

[1] *Psal.* XXIII, 7.

V

Mas se Christo prometteu de não dar sua gloria a outrem, como a deu a S. Francisco? A palavra de Deus, ou promettendo, ou negando, é inviolavel; pois porque deu a S. Francisco, o que tinha promettido de não dar a outrem? Porque? Porque S. Francisco não era outrem. Parece paradoxo, mas no nosso Texto o temos, e entra a segunda clausula delle.

Si quis vult post me venire, abneget semetipsum. Se alguem me quizer seguir, diz Christo, negue-se a si mesmo. E que quer dizer, negue-se a si mesmo? Quer dizer que cada um ha de deixar de ser o que é. Nem eu hei de ser eu, nem vós haveis de ser vós. E assim o fez S. Francisco. Negou-se de tal maneira a si mesmo, que deixou totalmente de ser o que d'antes era. Pois se Francisco não era Francisco, que era? Era Christo. Claramente por palavras de S. Paulo: *Vivo ego, jam non ego.* [1] Vivo eu, mas já não eu: eis aqui negar-se a si mesmo. Eu não eu. Pois se vós não sois vós, quem sois? *Vivit verò in me Christus:* [2] Eu sou Christo por transformação. De maneira, que deixou Francisco de ser o que era, e passou a ser o que não era. Por força da abnegação deixou de ser o que era, deixou de ser Francisco: *Vivo ego, jam non ego:* e por força da transformação passou a ser o que não era, passou a ser Christo: *Vivit verò in me Christus.* E como Francisco já não era Francisco, senão Christo; d'aqui veiu, que dando-lhe o Senhor a gloria de suas Chagas, a não deu a outrem, como tinha promettido: *Gloriam meam alteri non dabo.*

Isto não tem exemplo na terra, nem nas coisas humanas; tem-no só no céu, e nas divinas. S. Jeronymo entende estas mesmas palavras ditas pelo Padre Eterno: *Gloriam meam alteri non dabo;* e assim ficam muito mais difficultosas. E senão, vêde: o Eterno Padre é de fé, que dá toda a sua gloria ao Filho, e ao Espirito Santo. Pois como diz, que a não ha de dar a outrem? Porque ainda que o Filho e o Espirito San-

---

[1] *Gal.*, II, 20.
[2] *Ibid.*

to se distinguem realmente do Padre, são a mesma coisa com elle, porque são o mesmo Deus. E dar a gloria a quem é a mesma coisa commigo, não é dal-a a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo.* O mesmo digo no nosso caso. Diz Christo, que não ha de dar as glorias da sua Paixão a outrem; e comtudo deu-as a S. Francisco; porque como S. Francisco por força da abnegação deixou de ser Francisco, e por força da união, ou unidade, passou a ser Christo; ainda que Christo dê a sua gloria a Francisco, não a dá a outrem: *Alteri non dabo.*

Cuidareis que são isto pensamentos; não são senão verdades solidas, e theologia rigorosa. Não a achareis vós nos Vasques, nem nos Soares, nem nos outros Theologos escholasticos; mas achal-a-heis nos que trataram a theologia mystica, e muito mais nos que a experimentaram. Lêde Dionysio Areopagita, lêde Taulero, lêde Rusbrochio, lêde Canfil, lêde S. Thereza; os quaes todos querem que esta transformação do homem com Deus seja por união real e verdadeira. E senão, explicae-me bem aquellas palavras de Christo: *Sicut tu Pater in me, et ego in te, ut et ipsi in nobis unum sint:* [1] Assim como vós, Pae meu, sois uma mesma coisa commigo, e eu comvosco; assim sejam os homens a mesma coisa. Poem os Contemplativos cinco graus para subir onde chegou S. Francisco: aniquilação, conformidade, transformação, identidade, e deificação. Por todos estes subiu Francisco: subiu pela aniquilação, deixando de ser o que era; subiu pela conformidade, conformando-se com a vontade divina; subiu pela transformação, transformando-se em Deus; pela identidade, identificando-se com elle; e pela deificação, ficando endeusado todo, ou ficando todo um Deus. E como era a mesma coisa com Deus, e com Christo, dando-lhe Christo a sua gloria, não a deu a outrem, como tinha promettido: *Gloriam meam alteri non dabo.*

[1] *Joan.*, XVII, 21.

VI

D'aqui se segue (e é a terceira clausula do nosso Texto), que dizendo Christo aos outros que o seguissem, só a S. Francisco consentiu que o egualasse. Ora notae: *Tollat crucem suam, et sequatur me:* Tome a sua cruz, e siga-me. Pergunto: Porque diz, siga-me, e não diz acompanhe-me? Porque quem segue, fica sempre atraz, e quem acompanha, bem póde ir egual; e Christo nas materias de sua cruz e Paixão, ainda que queria que o seguissem todos por imitação, não queria que alguem se lhe emparelhasse por egualdade. Manda Deus a Abrahão que lhe sacrifique seu filho: toma Isaac a lenha ás costas, sobe ao monte, deixa-se atar para o sacrificio; e quando já o pae ia a descarregar o golpe, diz Deus: *Non extendas manum tuam super puerum.* [1] Tem mão, não mates a teu filho. E porque não quer Deus que se execute o sacrificio, que ainda agora tinha mandado fazer? Se é porque tinha promettido, que em Isaac se continuaria a descendencia de Abrahão, havia mais que resuscitar outra vez a Isaac? Pois se era tão facil o remedio, porque não quer Deus que Isaac morra? Clemente Alexandrino: *Ut primas partes Verbo cederet.* O sacrificio de Abrahão era figura do sacrificio e Paixão de Christo; pois por isso não permittiu Deus que Isaac chegasse a morrer, para que nas materias da Paixão tivesse Christo o primeiro logar, e não se puzesse Isaac hombro por hombro com elle. Isaac levou a lenha ás costas, como Christo levou a cruz: subiu ao monte, como Christo: deixou-se atar para o sacrificio, sem fallar palavra, como Christo: se lhe tiraram tambem a vida como a Christo, ficava em tudo com Christo hombro por hombro. Pois para que fique atraz, e não eguale; para que siga, e não emparelhe, morra Christo, e elle fique vivo, e falte-lhe da Paixão a melhor parte; que só a S. Francisco consente Christo que o eguale; os demais sigam e fiquem atraz: *Si quis vult post me venire.*

E senão, respondam-me: Se Christo queria dar cha-

[1] *Gen.*, XXII, 12.

gas a S. Francisco, porque lhe não deu quatro sómente, ou porque lhe não deu seis, senão cinco, nem mais, nem menos? Porque não só lhe quiz dar a imitação, senão a perfeita egualdade. O' que grande favor! Quiz Deus fazer favor a José de que fosse vendido como Christo; mas, se bem repararmos, acharemos que Christo foi vendido por trinta dinheiros, e José só por vinte: *Vendiderunt cum Ismaelitis viginti argenteis.* [1] Pois se foi figura de Christo, e Christo foi vendido por trinta, porque o venderam a elle por vinte? Ouvi a S. Paschasio: *Quia servus non debebat esse pretiosior Domino suo:* Porque era servo, e não havia de ser egual com seu Senhor. Concedeu-lhe a imitação na venda, mas negou-lhe a egualdade no preço. Fallando porém determinadamente do mesmo Christo, quiz Christo fazer favor a Lazaro de que fosse sepultado, e depois resuscitado, como elle; mas Christo esteve na sepultura tres dias, e Lazaro quatro. Pois se lhe concedeu que resuscitasse depois de morto á sua imitação; porque lhe não concede a egualdade nas circumstancias? Disse-o S. Pedro Chrysologo: *Ne æqualis Domino videretur:* porque tivesse differença o servo de seu Senhor. De maneira que José figura de Christo vendido, e Lazaro figura de Christo sepultado: mas José vendido por menos dinheiros, e Lazaro sepultado de mais dias, para que, um por mais, e outro por menos, nenhum egualasse a Christo. Só Francisco o egualou, porque as suas chagas não foram menos que as de Christo, nem foram mais, senão justamente cinco, nem mais, nem menos. José foi retrato de Christo vendido, mas não foi retrato ao natural; porque Christo foi vendido por trinta dinheiros, e José só por vinte. Lazaro foi retrato de Christo sepultado, mas não foi retrato ao natural; porque Christo esteve tres dias na sepultura, e Lazaro quatro. Só S. Francisco foi retrato ao natural de Christo chagado; porque se Christo teve cinco chagas, S. Francisco, nem mais nem menos, teve outras cinco. Francisco egualou; os outros seguiram: *Et sequatur me.*

---

[1] *Gen.*, XXXVII, 28.

VII

Mas que chagas foram estas que Christo deu a S. Francisco? A pergunta parece mal fundada, mas a resposta vos dirá que fundamento tem. Todos dizem, que as chagas que Christo deu a S. Francisco, foram as chagas de seu corpo. Eu digo que as chagas de S. Francisco não foram as chagas do corpo de Christo, senão as chagas da sua alma.

Para intelligencia deste tão extraordinario pensamento havemos de suppor duas coisas: primeiramente supponho, que assîm como a humanidade de Christo se compõe de alma e corpo; assim as chagas de Christo se compõem de chagas do corpo, e chagas da alma. Esta supposição é de S. Bernardo: *Judæi non solum manus, sed et pedes, et latus quoque, et sanctissimi cordis intima furoris lanceâ perforaverunt, quod jam dudum amoris lanceâ fuerat vulneratum:* As chagas dos pés, das mãos, e do lado de Christo fel-as o odio dos Judeus; mas já as tinha feito o amôr dos homens muito tempo antes. O odio fel-as no corpo; o amôr tinha-as feito na alma. Prova o mesmo S. Bernardo o novo pensamento com o passo dos Cantares: *Vulnerasti cor meum soror mea, sponsa, vulnerasti cor meum.* Feriste-me o coração, Esposa minha, diz Christo á Synanoga, feriste-me o coração. Christo Senhor nosso no lado não teve mais que uma chaga; pois se no lado foi ferido uma só vez, como diz que lh'o feriram duas? Porque cada ferida de Christo foram duas feridas, e cada chaga duas chagas: uma que lhe fez o odio no corpo; outra que lhe tinha feito o amôr na alma: *Quid necessarium fuit illud ab inimicis vulnerari, si jam vulneratum est?* Conclue o mesmo S. Bernardo. De maneira que Christo teve chagas dobradas: umas no corpo, outras na alma.

A segunda coisa que havemos de suppor, é, que as chagas do corpo de Christo se imprimiram na alma da Senhora. Esta segunda supposição é de Arnoldo Carnotense: *Fugientibus Apostolis, in faciem Filii se opposuerat Mater, et gladio doloris animæ ejus infixo vulnerabatur spiritu, et crucifigebatur affectu: et quod in carne Christi agebant clavi, et lanceæ, hoc in ejus mente compassio naturalis, et affectionis maternæ*

angustia: Quer dizer, que fugindo os Apostolos, a Senhora se poz em pé diante do Filho, retratando-se tão vivamente nelle, que ambos estavam crucificados: elle crucificado em carne, ella crucificada em espirito: *Vulnerabatur spiritu, et crucifigebatur affectu.* E como os crucifixos eram dois, as chagas tambem eram duas, ou dobradas: só com esta differença, que as chagas do Filho faziam-nas os cravos, e a lança; mas as chagas da Mãe fazia-as a dôr, e a compaixão: *Et quod in carne Christi agebant clavi, et lanceâ, hoc in ejus mente compassio naturalis, et afflictionis maternæ angustia.* Prova o mesmo Arnoldo o seu pensamento com a prophecia de Simeão: *Et tuam ipsius animam pertransibit gladius.* [1] Foi tão aguda a espada da Paixão que traspassou corpo e alma; mas o corpo estava em uma parte, e a alma n'outra; porque o corpo era de Christo, e a alma da Mãe: *Tuam ipsius animam pertransibit gladius.*

De sorte (resumindo todo o discurso) que Christo tinha chagas da alma, e chagas do corpo; e assim como as chagas do corpo as imprimiu na Senhora, assim as chagas da alma as imprimiu no corpo de Francisco. Quiz Christo fazer uma como encarnação e união de suas chagas em duas creaturas dignas de tanto favor: as chagas de seu corpo espiritualisou-as na alma da Virgem Maria; e as chagas de sua alma encarnou-as no corpo de S. Francisco. O corpo naturalmente appetece unir-se á alma; e a alma naturalmente appetece unir-se ao corpo. Assim aconteceu ás chagas do corpo e alma de Christo: as do corpo pediam alma, e deu-lhes Christo a alma de Maria; as da alma pediam corpo, e deu-lhes Christo o corpo de Francisco. Quereis prova? No mesmo caso a temos. Quando Christo imprimiu as chagas S. Francisco, veiu em figura de um Serafim. E porque não veiu em propria figura? Se para receber as chagas se fez o Verbo, Homem; por que razão para as imprimir se fez Christo, Anjo? Mais: Se Christo imprimiu as chagas na alma da Senhora na realidade de seu proprio corpo: porque razão para as imprimir em S. Francisco toma a transformação do espirito? A razão é, porque Deus, ainda quando obra sobrenaturalmente, usa dos instru-

[1] *Luc.*, II, 35.

mentos mais proporcionados aos effeitos; e para imprimir chagas no corpo, é mais proporcionado instrumento o espirito; e para imprimir chagas no espirito, é mais proporcionado instrumento o corpo. Por isso quando imprimiu as chagas no corpo de S. Francisco, veiu em figura de um espirito, assim como quando as imprimiu na alma da Virgem, estava em realidades de corpo.

Sim; mas porque foi este espirito Seraphim, e não outro Anjo das outras gerarchias? Porque as chagas da alma de Christo fel-as o amôr: *Quod jam dudum amoris lanceâ fuerat vulneratum.* E como entre todos os Anjos os Serafins são os espiritos do amôr; ao Serafim, e não a outro, competia esta gloriosa execução. Para Deus receber as chagas tomou a natureza humana; e para as imprimir tomou a natureza angelica, para que, já que a natureza angelica não teve parte na Encarnação do Verbo, tivesse parte na Encarnação das chagas de Francisco. E haverá Escriptura, que nos diga esta mesma impressão das chagas de Christo, não por outrem, senão por um Seraphim, que tambem veremos ser o mesmo, de que Deus fiou esta grande obra? Vae a Escriptura, e seja a ultima de tantas e a mais admiravel.

Quando Zorobabel, depois do captiveiro de Babylonia, estava reedificando o Templo, revelou-lhe Deus por um Anjo, que naquelle mesmo Templo havia de pôr uma pedra tão maravilhosamente lavrada, que levaria apoz si os olhos, e admiração do mundo, e que a esculptura desta pedra havia de ser duas vezes lavrada, e duas vezes esculpida: *Super lapidem unum septem oculi sunt: ecce ego cælabo sculpturam ejus.* [1] Este é um dos mais difficultosos logares da Escriptura: e o Texto original aclara ou escurece mais a difficuldade: porque onde a Vulgata tem, *cælabo sculpturam ejus*, lê Aquila: *Aperiam aperturam ejus:* Abrirei as suas aberturas: e Simacho e Theodosion: *Sculpam sculpturam ejus:* Esculpirei as suas esculpturas. Abrir-se e esculpir-se uma pedra, bem se entende: mas depois de estar aberta e esculpida, abrirem-se as mesmas aberturas, e esculpirem-se as mesmas esculpturas, como póde ser? Saibamos qual era a pe-

[1] *Zach.*, III, 9.

dra, e quaes eram as esculpturas, e logo entenderemos o mysterio. A pedra, como declara o mesmo Texto, era Christo: *Ecce enim ego adducam servum meum Orientem, idest, Christum.* [1] Por isso prometteu o Anjo, que esta pedra seria trazida ao Templo de Zorobabel, e não ao Templo de Salomão; porque o Templo que estava em tempo de Christo, e em que Christo tantas vezes entrou e prégou, não era o Templo de Salomão, senão o de Zorobabel. Esta era a pedra. E as esculpturas desta pedra quaes eram? Todos os Padres e Interpretes respondem, e a mesma experiencia o mostrou, que as esculpturas da pedra Christo foram as chagas, que com os cravos e lança se abriram e entalharam em seu corpo santissimo: *Istum lapidem clavis crucis, et lanceâ militis faciam vulnerari*, commentou S. Jeronymo. E como as chagas que uma vez se abriram e esculpiram no monte Calvario, se haviam de abrir e esculpir outra vez no monte Alverne, por isso diz o Anjo, que não só se havia de abrir e esculpir a pedra, senão que se haviam de abrir as mesmas aberturas, e que se haviam de esculpir as mesmas esculpturas; uma vez abertas e esculpidas em Christo, outra vez abertas e esculpidas em Francisco. Em Christo aberta e esculpida a pedra: em Francisco abertas e esculpidas as esculpturas: *Aperiam aperturam, et sculpam sculpturam ejus.* E quem foi o Anjo que isto disse? Milagroso caso a nosso intento. O Anjo que isto disse foi o Seraphim S. Miguel, o mesmo que imprimiu as chagas a S. Francisco. Estava Francisco naquelle monte contemplando a Paixão de Christo, e jejuando uma Quaresma em honra de S. Miguel, e por isso com muita razão foi o mesmo S. Miguel o ministro e instrumento, que Christo escolheu, e o Serafim de que se vestiu para a impressão das chagas. Assim o affirmam e provam graves Commentadores do Apocalipse sobre aquellas palavras: *Vidi alterum Angelum habentem signum Dei vivi.* [2] E como o mesmo S. Miguel, que fallava como Propheta, era o que havia de fazer esta impressão, por isso não só disse, que haviam de ser impressas e restampadas aquel-

---

[1] *Zach.*, III, 8.
[2] *Apoc.*, VII, 2.

las chagas, senão que elle mesmo havia de ser o que as imprimisse: *Ego cælabo sculpturam ejus.* Eu, eu sou, o que depois de abertas estas aberturas no corpo de Christo, as hei de tornar a abrir: *Ego aperiam aperturam.* Eu sou o que depois de esculpidas estas esculpturas, as hei de tornar a esculpir: *Ego sculpam sculpturam ejus.*

VIII

Oh quantas e quão gloriosas consequencias se poderam d'aqui tirar em assombro das glorias de Francisco! Mas fiquem para outros, que eu tenho dito mais do que quizera; porque de tudo quanto ouvistes, não temos nada que imitar. Nas outras festas dos Santos, concluem-se os Sermões, com exhortar a que os imitemos. Nesta, a que vos hei de exhortar? A que peçaes a Christo que vos imprima tambem as suas Chagas? Eis aqui quem é S. Francisco; que nem á sua imitação é bem que aspirem nossos desejos. Comtudo, quero deixar dois pontos á vossa meditação, que são os principaes, que devemos considerar nestas chagas, em quanto dadas, e em quanto recebidas: em quanto dadas, e em quanto chagas de Christo, considerae quanto amou Deus aos homens: em quanto recebidas e em quanto chagas de Francisco, considerae quanto póde um homem amar a Deus. A confusão, que d'aqui devem tirar nossas ingratidões, fique ao juizo de cada um. Oh se o temos, que pasmo será o nosso, do immenso que devemos a Deus, e do mal que lhe correspondemos! Não sei que contas havemos de dar a Deus quando nol-as pedir á vista de S. Francisco! Estou para dizer, que não nos hão de accusar menos no dia do Juizo as chagas de S. Francisco, que as chagas de Christo. Em fim, Christo era Deus, e Francisco era homem; e á vista de tanto dever da parte de Deus, e de tanto poder da parte nossa, não sei que ha de ser de nós, que tão pouco fazemos! Valha-nos a graça divina, penhor da gloria.

SERMÃO

DAS

CHAGAS DE S. FRANCISCO*

Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea. [1]

I

A segunda estampa de Christo crucificado (que no Original Toscano se diz com propriedade e elegancia, que não cabe na nossa lingua, *in crucifisso ristampato*) por ventura com maior e melhor novidade, da que promettem as segundas impressões, será hoje a materia do meu discurso. O discurso será meu: as palavras, nem minhas, nem vossas. Não minhas, porque de lingua estranha; não vossas, porque mal polidas, e duramente pronunciadas. Mas esta dissonancia tão conhecida a que me obrigastes, se supprirá com vantagem, e ainda com harmonia, nas mesmas chagas de Francisco, que celebramos; se as ouvirdes a ellas e não a mim.

Olhae, senhores, para aquellas chagas. Oh que silencio! Oh que vozes! Oh que clamores! Aquellas chagas abertas são cinco boccas: aquelle sangue ardentemente gelado nellas, são cinco linguas, que ferindo os olhos mais cegos, penetram os ouvidos mais surdos. Ou as vejaes como chagas de Christo impressas em Francisco, ou como chagas de Francisco

* Foi este Sermão prégado em Roma, na Archi-Irmandade das mesmas Chagas, em 1672. Elle é inteiramente encomiastico com muita ordem, viveza e poesia e com breve moralidade. E' lindissimo, commenta o padre Honorati.

[1] *Collos*, I.

transformado em Christo, de todo o modo são boccas, são linguas, são vozes. Das chagas de Christo disse Ruperto: *Quot in Christi corpore plagæ, tot linguæ;* e das chagas de um pobre chagado, como Francisco, disse Chrysologo: *Ut in admonendo divite tot essent pauperis ora, quot vulnera.* A estas vozes convido hoje, senhores, não os vossos ouvidos, senão os vossos olhos. Quando Deus dava a Lei a Moysés no monte Sinay, diz o Texto sagrado que o povo todo estava vendo as vozes: *Populus autem videbat voces.* [1] Notavel dizer! O vêr é acção dos olhos: as vozes são objecto dos ouvidos; pois como se viam as vozes? Estava o monte Sinay ardendo em chammas: estava Moysés transportado em Deus, *facie ad faciem:* estava o mesmo Deus feito esculptor imprimindo caracteres nas Taboas da Lei: e á vista de uma visão tão estupenda, sahiram os sentidos humanos fóra de sua esphera; e viam os homens com os ouvidos, e ouviam com os olhos: *Populus autem videbat voces.*

Assim é. Passemos do monte Sinay ao monte Alverno, que vae o amôr de monte a monte. Arde o monte todo em lavaredas seraficas: Francisco arrebatado, e extatico de face a face com Christo: Christo, Esculptor e Impressor Divino, estampando nelle as suas chagas: Christo fóra de si transformado em Francisco: Francisco fóra de si transformado em Christo. Sáiam logo tambem fóra de si os sentidos, e transformando-se os ouvidos em olhos, os olhos não oiçam, e os ouvidos vejam. Os ouvidos, já que não teem que ouvir nas minhas palavras, vejam; e os olhos, já que teem tanto que vêr nas chagas de Francisco, oiçam. Os olhos ouvirão bem, vendo bem: os ouvidos verão bem, ouvindo mal. E que hão de vêr e ouvir? O que disse no principio: a imagem de Christo segunda vez estampada. Este é o meu assumpto.

II

Mas porque razão, saibamos, quiz Christo restampar as suas Chagas? Porque quiz fazer esta segunda esculptura, e esta segunda impressão dellas? A ra-

[1] *Exod.*, xx, 18.

zão está nas palavras que tomei por thema: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.* Aquelle *ad*, no Texto original é *re; reimpleo.* Quando a primeira impressão sáe defeituosa, faz-se segunda impressão mais correcta, em que se emendam os defeitos da primeira. Isto é o que fez Christo. Tornou a restampar as suas Chagas em Francisco para emendar nesta segunda impressão os defeitos da primeira estampa. *Quæ desunt;* eis ahi os defeitos: *Reimpleo;* eis ahi a reimpressão: *Passionum Christi;* eis ahi as chagas: *In carne mea;* eis ahi o corpo de Francisco. Que este logar se entenda particularmente das Chagas de Christo, e das Chagas de Christo depois de subir ao céu communicadas na terra a um substituto do mesmo Christo, qual era S. Francisco, assim o dizem S. João Chrysostomo e Theofilacto: *Quemadmodum si, Duce exercitus abeunte, Subimperator in ejus locum constitutus vulnera ipsius recipiat.*

Mas vejo que me dizem todos: defeitos nas chagas de Christo? Naquellas chagas de infinito preço, de infinito valor, de infinito merito, de infinita perfeição, póde caber algum defeito? Primeiramente a palavra não é minha, senão de S. Paulo, que fallava com muita theologia, e com muita reverencia. Isso quer dizer: *Ea, quæ desunt.* E na lingua grega, em que S. Paulo escreveu, ainda está mais expressa a mesma palavra. Por onde a versão syriaca em logar de *quæ desunt*, trasladou, *defectus: Adimpleo defectus passionum Christi.* Pois que defeitos foram estes das Chagas de Christo? Claro está que não foram, nem podiam ser defeitos do original, mas foram defeitos da impressão. Na primeira impressão das Chagas de Christo no monte Calvario, se bem se consideram todas suas circumstancias, achareis que houve tres defeitos: um da parte dos impressores, outro da parte dos instrumentos, outro da parte das mesmas chagas impressas. E todos estes defeitos foram correctos e emendados na estampa do monte Alverne, quando segunda vez se restamparam as mesmas Chagas no corpo de Francisco: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.* Agora vos peço attenção.

III

Começando pelo primeiro defeito da parte dos impressores: os impressores das Chagas de Christo no Calvario foram os ministros da Synagoga, armados de odio, de ira, de inveja, de injustiça, de crueldade. E por esta circumstancia de tanta impiedade e horror, a mesma Paixão de Christo, que da parte do Crucificado era o mais agradavel sacrificio, da parte dos crucificadores foi o mais abominavel sacrilegio. Este foi o fel do calix da Paixão: *Dederunt ei vinum cum felle mixtum.* [1] Da parte do sacrificio era vinho; da parte do sacrilegio era fel; e por isso o Senhor o não quiz beber: *Cum gustasset, noluit bibere.* [2] E como no calix da Paixão ia misturado o vinho com o fel: como na impressão das primeiras chagas, pela maldade dos artifices, o sacrificio foi misturado com o sacrilegio, o amôr com o odio, e a innocencia com o peccado, este foi o primeiro defeito que Christo quiz emendar na segunda estampa. Por isso mudou os artifices, por isso fez que os impressores desta segunda estampa fossem um Serafim transformado em Christo, e o mesmo Christo revestido de Serafim; para que tudo aqui, e de todas as partes, fosse amôr; e para que nós, que não podemos vêr as chagas de Christo em Christo sem horror de impiedade humana, vissemos as Chagas de Christo em Francisco só com admiração e pasmo do amôr divino.

Este digo que foi o pensamento de Christo, e vêde se o provo. Morre e padece Christo no Calvario, e não contente com haver morto e padecido uma vez, torna a renovar a mesma Paixão e a mesma morte no mysterio sacrosanto da Eucharistia. E porque? O sacrificio da morte de Christo uma vez padecido não bastava para preço da Redempção, para remedio do mundo, para propiciação do Padre, para exemplo e exemplar dos homens? Sim bastava, e sim bastou. Antes esta era a differença do sacerdocio de Christo ao sacerdocio de Arão, como notou S. Paulo: *Hoc enim fecit semel seipsum offerendo.* [3] Arão como sacerdote

---

[1] *Math.*, XXVII, 34.
[2] *Ibid.*
[3] *Hebr.*, VII, 27.

sómente homem multiplicava os sacrificios, como se multiplicavam os peccados; porém Christo, que era sacerdote homem e juntamente Deus; que era sacerdote, e juntamente sacrificio, que era sacrificio offerecido uma vez juntamente por todos os peccados do mundo, bastou que uma só vez morresse, e uma só vez se sacrificasse: *Hoc enim fecit semel seipsum offerendo.*

Pois se bastava, e bastou para remedio do mundo, que Christo se sacrificasse e morresse uma só vez; porque renova segunda vez a mesma morte, e a mesma Paixão no Sacramento? Disse-o admiravelmente o Propheta Isaias: *Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium vindemiæ defæcatæ.* [1] Instituiu Christo em fórma de convite o sacrificio de seu corpo e sangue, diz o Propheta, e tornou a renovar segunda vez no monte Sião a mesma morte, e o mesmo sacrificio, que tinha offerecido no monte Calvario, para que aquelle sacrificio que lá esteve misturado com fezes, aqui ficasse puro e defecado: *Convivium pinguium vindemiæ defæcatæ.* Ora vède. O sangue derramado no sacrificio da cruz, era o mesmo sangue purissimo consagrado no Sacramento; mas esse sangue na cruz esteve misturado, e como envolto nas fezes do odio, da maldade, e do peccado sacrilego dos ministros, que o derramaram. Que fez pois Christo para emendar este defeito? Torna a reiterar, torna a renovar segunda vez o mesmo sacrificio e a mesma morte no Sacramento, sendo o seu amôr, e elle por si mesmo o ministro; para que o sangue, que na cruz, por parte dos ministros impios, fôra misturado com fezes, no Sacramento se tirasse em limpo, e ficasse totalmente puro e defecado: *Vindemiæ defæcatæ.*

Desejei um Santo Padre que o dissesse assim: mas dar-vos-hei um Auctor que vale por todos os Padres, David. Viu David a Christo com um calix na mão; e com termos difficultosos de entender, diz que este calix estava cheio de vinho puro e misturado: *Calix in manu Domini vini meri plenus mixto.* [2] Se o vinho do calix era puro, *vini meri;* como era misturado, *plenus mixto?* E se era misturado, como era puro? Tudo era; porque era o calix da Paixão

[1] *Isai.*, XXV, 6.
[2] *Psal.*, LXXIV, 9.

de Christo, o qual foi juntamente puro e misturado: puro, pela santidade e innocencia do sangue de Christo: misturado, pelas fezes do peccado, e maldade dos que o derramaram. Este calix de sua Paixão viu David que tinha Christo na mão: e que fez o Senhor com elle? Ouvi e pasmae. *Inclinavit ex hoc in hoc, verumtamen fæx ejus non est exinanita.* [1] O que alégora era um calix, já são dois calices (como advertidamente notou Euthimio); um o calix da cruz, outro o calix do Sacramento, que em substancia são o mesmo. Tendo pois Christo em uma mão o calix de sua Paixão, toma na outra mão o calix em que havia de consagrar o Sacramento: *Et inclanavit ex hoc in hoc;* e lançou e passou o calix da Paixão ao calix do Sacramento: *Verumtamen fæx ejus non est exinanita;* porém ficaram as fezes de fóra, porque ficou de fóra o peccado e maldade dos impios ministros: para que até aquella parte, que teve na cruz o odio, a tivesse no Sacramento o amôr.

O mesmo estylo guardou Christo na segunda impressão das suas Chagas. Assim como lá reiterou a sua Paixão, e a passou ao Sacramento: assim cá reiterou as suas Chagas, e as sacramentou em Francisco, e assim como no Sacramento foi elle e o seu amôr o ministro, assim na impressão das Chagas foi elle e o seu amôr o artifice: para que aquellas cinco brechas da divindade, que abertas no corpo do mesmo Christo, por parte dos executores dellas, foram asombradas da fealdade e horror; purificada esta circumstancia no corpo de Francisco, ficassem nelle por outras tantas partes formosas, e, vistas a todos as luzes, amaveis. Se vos não daes por satisfeitos com a paridade, vamos ás mesmas Chagas, e seja Christo o Interprete do seu pensamento.

Sobe Christo triumphante ao céu no dia de sua gloriosa Ascensão: viram os Anjos os signaes vermelhos, de que ia matizado o sagrado corpo: cuidaram ao longe, que eram rubis de estranha formosura; mas divisando de mais perto que eram chagas, perguntaram admirados: *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum?* [2] Rei, e Senhor nosso, que é o que

[1] *Psalm.* LXXIV, 9.
[2] *Zachar.*, XIII, 6.

vemos? Isto é o que fostes buscar ao mundo? Isto é o que trazeis de lá? Que chagas são estas? Eu não me admiro do que se admiraram os Anjos; admiro-me do que respondeu Christo: *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me:* [1] São umas chagas, diz Christo, que recebi na casa dos que me amavam. Na casa dos que me amavam? Todos estaes vendo a duvida. O monte Calvario, patente e descoberto era casa? Os homicidas, ou deicidas deshumanos, que crucificaram a Christo, cheios de odio, de raiva, de vingança, amavam a quem tiraram a vida? Claro está que não: pois como diz Christo que recebeu as chagas, *In domo eorum, qui diligebant me*, na casa daquelles que o amavam? Tomara ouvir a resposta; mas eu a darei.

Christo recebeu duas vezes as chagas: uma vez em carne mortal, outra vez depois de resuscitado. A primeira vez foram recebidas n'um monte por mãos dos que tanto o aborreciam: a segunda vez foram recebidas n'uma casa por mãos dos seus maiores amigos. Entrou Christo a portas fechadas na casa onde estavam os Apostolos; e ahi lhe tornou a abrir as chagas a incredulidade devota e amorosa de Thomé: *Infer digitum tuum huc, et vide manus meas: et affer manum tuam, et mitte in latus meum:* [2] Mette essa mão, e vê bem estas chagas de minhas mãos e lado. Esta foi a segunda vez que se rasgaram as Chagas de Christo. Ouvi a S. Pedro Chrysologo: *Ea vulnera, quæ manus infixit impia, devota dextera nunc resulcat: latus, quod impii militis lancea patefecit, refodere manus nititur obsequentis.* E como as Chagas de Christo foram segunda vez abertas naquella casa em que estavam os Apostolos, que tanto o amavam; por isso Christo disse com toda a verdade: *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.* Está verificada a proposição; mas a razão não está dada. Se as Chagas foram abertas uma vez no monte Calvario, e outra vez na casa dos Apostolos; porque responde Christo com esta segunda abertura das suas Chagas, e não com a primeira? Porque sendo o dia de seu triumpho, e da sua maior gala e magestade, quiz accudir pela formo-

---

[1] *Zach.*, XIII, 6.
[2] *Joan.*, XX, 27.

sura e pelo decoro das suas Chagas: quiz honrar a obra com o nome do Artifice, por isso calou o odio, e publicou o amôr.

As chagas recebidas por mão do odio, ainda que tão divinas, tinham sombras de fealdade e de horror; porém recebidas por mão do amôr, todas e por todas as partes eram bellas e formosas. Esta foi a razão, porque Christo respondeu: *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.* E este foi o primeiro motivo, porque transformado em um Serafim de amôr, tornou a restampar as mesmas Chagas em Francisco, supprindo desta sorte na segunda estampa o erro, e o defeito que tinha commettido na primeira o odio dos impressores: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.*

IV

Da parte dos instrumentos (que é a segunda circumstancia, e o segundo defeito) tambem houve muito que emendar na segunda impressão. Os instrumentos com que a primeira vez se imprimiram em Christo as suas Chagas, foram os cravos, e a lança. Contra estes dois instrumentos tenho grandes queixas. E bem lenho mais que duro, e bem ferros mais que de ferro, assim vos atreveis contra vosso Deus, contra vosso Creador? Porque vos não abrandastes? Porque vos não rompestes? Porque vos não desfizestes naquella hora? Nos martyrios dos defensores deste mesmo Christo, quantas vezes se romperam os lenhos nas rodas, e nas catastas? Quantas vezes se fizeram de cêra as lanças e as espadas? Mas não quero affrontar-vos com injurias tão remotas. Neste mesmo dia, e neste mesmo monte, e em todo o mundo não tremeu a terra? Não se romperam as pedras? Não se escureceu o sol? Não se rasgou o véu do Templo, confessando todas as creaturas que padecia o Auctor dellas? Pois a cruz e os cravos, a quem o caso tocava de mais perto, porque se não abrandam? Porque se não espedaçam? Porque não acompanham na dôr e no sentimento a toda a natureza?

Este foi o defeito dos instrumentos na primeira impressão das Chagas de Christo. Mas vêde como o

emendou Francisco na segunda estampa. Nos pés e mãos de Francisco não só se viam as Chagas abertas, mas no meio de cada uma dellas estava um cravo formado da mesma carne, que as traspassava, negro, ou entre negro, e azul da côr de ferro. Mais admiro estes cravos, que as mesmas chagas. No Crucifixo Christo padeciam as mãos, padeciam os pés, padeciam as chagas; mas os cravos duros e insensiveis não padeciam. Porém no Crucifixo Francisco, não só os pés, e as mãos, não só as chagas em carne viva, mas tambem os cravos padecem. No Calvario quebraram-se as pedras mostrando dôr; mas não tinham dôr, porque eram insensiveis: os cravos mais duros que as pedras, nem tinham dôr, nem mostravam dôr, antes causavam acerbissimas dôres: e porque em Christo causaram dôres, por isso em Francisco são capazes de dôr. Cravos vivos, cravos sensitivos, cravos racionaes, para que conhecendo a razão de sentir, padecessem a dôr e mais a causa. Oh espirito! Oh amôr mais que miraculoso!

Apprehendeu o amôr de Francisco tão viva, tão forte, tão dolorosamente o tormento e offensa daquelles cravos, que os transformou e os informou e os vivificou em si mesmo. Não tem parelha esta maravilha; só em Moysés teve uma similhança. Estava Moysés com Deus naquelle monte, onde tambem orou e jejuou outros quarenta dias como Francisco: revelou-lhe Deus o que passava no campo, e no exercito e como lá estava o ingratissimo povo adorando um bezerro, e publicando a vozes que aquelle era o Deus que os libertára do Egypto. E que succedeu a Moysés neste caso? Desce Moysés do monte, olham todos para elle, e vêem que na testa (fosse a materia qual fosse) lhe tinham nascido e sahido duas pontas: *Ignorabat quod cornuta esset facies sua.* [1] Pois duas pontas, e de tão feio nome, na cabeça de Moysés, nesta occasião, e não em outra? Sim, porque como era tão amante de Deus, e tão verdadeiro zelador de sua gloria, tranformou em si mesmo os instrumentos das offensas de seu Senhor.

Como o povo offendia brutamente a Deus idolatrando, e o instrumento bruto desta offensa era um

[1] *Exod.*, XXXIV, 29.

bezerro com duas pontas na testa; foi tal a força da dôr, do amôr, e do zelo de Moysés, que transformou em si, e informou e vivificou esses mesmos instrumentos na parte mais sensivel de si mesmo: *Quod facies ejus esset cornuta.* Ah, zelador da honra de Deus, mais zelante que Moysés! Ah, amador de Deus, mais amante que Moysés, Francisco! Do vosso adorado Crucifixo disse o Propheta: *Cornua in manibus ejus:* [1] dando este fero nome áquelles duros cravos; mas porque elles foram duros e feros, vós os transformastes em vós, desaffrontando a sua dureza no vosso sentimento, e emendando a sua insensibilidade na vossa dôr.

Assim suppriu Francisco o defeito dos cravos, e assim tambem o da cruz, que foi o segundo instrumento, que concorreu duramente á impressão das primeiras Chagas. Notou S. Boaventura que os cravos das Chagas de Francisco, não só lhe trespassavam as mãos e os pés, senão que da parte opposta estavam torcidos, dobrados, e como rebatidos: *Ipsa verò acumina oblonga, retorta, et quasi repercussa.* Grande mysterio! Os cravos pregam-se no crucificado, mas não se dobram, nem se rebatem senão na cruz: logo S. Francisco era o crucificado e mais a cruz juntamente. Mas porque era tambem cruz? Para emendar o defeito da cruz de Christo. Na cruz de Christo padecia o Crucificado, mas a cruz não padecia: por isso Francisco se fez a si mesmo cruz, para ser cruz padecente. Agora reparae na differença de uma a outra cruz. Na cruz do Calvario padecia Christo, porque estava em carne mortal: mas a cruz não padecia, porque era insensivel: na cruz de Francisco, Christo não padecia, porque estava já immortal e glorioso: mas a cruz padecia, porque era cruz viva, cruz sensitiva, cruz racional, passivel e verdadeiramente padecente. Assim o disse o mesmo Christo por bocca de David, gloriando-se, não pouco, desta nova cruz. Ouvi o passo, em que ha muito que ouvir.

Infixus sum in limo profundi, et non est substantia. [2] Falla o Propheta litteralmente de Christo, como entendem todos os Padres e Interpretes: e diz Christo

---

[1] *Habac.*, III, 4.
[2] *Psal.*, LXVIII, 3.

que se crucificou a si mesmo no barro do profundo: *In limo profundi.* Já a cruz de Christo não é de madeira, senão de barro. E que cruz de barro, ou que barro feito em cruz foi este? S. Bernardo diz que foi o barro de Adão; aquelle barro, de quem diz o Texto sagrado: *Formavit Deus hominem de limo terræ.* [1] As palavras de Bernardo são estas: *Fortasse crux ipsa nos sumus, cui Christus memoratur infixus. Homo enim formam crucis habet; quam, si manus extenderit, exprimit manifestius. Loquitur autem Christus in Psalmo: Infixus sum in limo profundi: limum quidem nos esse manifestum est, quoniam de limo plasmati sumus.* [2] De maneira que quando Deus, tomando a natureza humana, uniu a si o nosso barro, então diz S. Bernardo que se crucificou Deus em uma cruz de barro; porque se crucificou no homem. A razão porque não póde subsistir a segunda parte desta interpretação, logo a vereis. Que cruz de barro foi logo esta?

Digo que foi S. Francisco; porque sendo barro como os outros homens, foi o barro do profundo: *Infixus sum in limo profundi.* Olhae para todo o genero humano, para toda esta massa do barro de Adão: na superficie, e no alto, estão os soberbos, barro que todo se desfaz em vapores: no meio estão os que não são soberbos, nem humildes: no fundo estão os humildes: e no mais profundo deste fundo quem está? Francisco, que foi o mais humilde de todos os humildes. Este barro pois do profundo, foi a cruz em que Christo se crucificou: *Infixus sum in limo profundi.* O mesmo Propheta o declarou, ajuntando a differença individual de Francisco: *Infixus sum in limo profundi, et non est substantia.* Santo Agostinho: *Et non est substantia, id est, non sunt divitiæ; quia ipse ille limus paupertas erat.* Substancia quer dizer, riquezas, e bens temporaes. Assim se diz do Prodigo: *Dissipavit omnem substantiam.* [3] E este barro do profundo, em que Christo se crucificou, era tão pobre, que era a mesma pobreza: *Quia ipse ille limus paupertas erat.* Vêde se era Francisco, e se

---

[1] *Gen.*, II, 7.
[2] Bernard. Serm. 4 in Vigil. Nativit.
[3] *Luc.*, XV, 13.

é esta a sua differença individual: *Infixus sum in limo profundi, et non est substantia.*

Os que querem engrandecer a similhança destas duas estampas, dizem: Despi a Francisco, e vereis a Christo: vesti a Christo, e vereis a Francisco. Isto significam aquelles dois braços cruzados, um nu, outro vestido, ambos chagados. Perdoae-me, senhores: não pintaes bem, ou trocae os pensamentos: o braço vestido é o de Christo, o nu, é o de Francisco. Porque? Porque *non est substantia.* A pobreza de Christo, em quanto exemplar nosso, foi mais conveniente; mas a pobreza de Francisco, em quanto pobreza, foi mais nua, e mais pobre: porque Christo, além do dominio alto de todo o universo, é de fé, e assim está definido, que, ou em particular, ou em commum, teve dominio de algumas coisas. Mas em Francisco, *Non est substantia;* porque nem em particular, nem em commum, teve dominio de coisa alguma. Os vestidos de que despiram a Christo na cruz, eram de Christo: a tunica de que está vestido Francisco, não é de Francisco. Logo o braço de Francisco é o braço nu, ou se deve tambem despir o braço de Christo. Mas se ambos nus, ambos chagados, onde acharemos a differença? Só a Fé lh'a póde achar, e assim o advertiu o mesmo Texto.

Infixus sum in limo profundi, et non est substantia. Lê o Grego: *Et non est hypostasis.* A differença de um crucificado a outro crucificado, é que num ha união hypostatica, no outro não. A humanidade de Christo, como dizia S. Bernardo, foi a cruz de barro, em que se crucificou a Divindade; e o corpo de Francisco foi a cruz tambem de barro, em que se tornou a crucificar a humanidade de Christo. E para que? Para supprir na segunda cruz os defeitos da primeira. Porque a primeira cruz foi uma cruz dura, uma cruz cruel, uma cruz deshumana, uma cruz, que, mostrando dôr e sentimento, até as pedras, só ella se mostrou insensivel: seja logo Francisco uma segunda e nova cruz, cruz sensitiva, cruz humana, cruz amorosa, cruz crucificada, cruz que tome em si as dôres, cruz que não cause as penas, mas as padeça, cruz, em fim, que desfaça e emende os defeitos da primeira: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi, in carne mea.*

V

O terceiro e ultimo defeito foi das mesmas Chagas impressas. Porque ainda que as chagas dos pés e mãos foram perfeitas chagas, a chaga do lado, que era a que mais pertencia ao coração, foi chaga imperfeita, e quasi não foi chaga, nem Christo a estimou tal; porque foi chaga sem dôr. Na ultima hora, e quasi nas ultimas respirações da vida, disse Christo: *Sitio:* [1] Tenho sede, e disse: *Sitio*, diz o Evangelista, porque sabia o Senhor que já estavam acabados todos os tormentos da Paixão, e cumpridas todas as Escripturas: *Sciens, quia omnia consummata sunt, dixit: Sitio.* [2] De vagar, Senhor meu: Nas Escripturas está prophetisado que haveis de padecer o golpe da lança: *Circumdedit me lanceis suis, convulneravit lumbos meos.* [3] Pois se ainda falta a chaga do lado, e a ferida da lança; porque dizeis que está tudo acabado: *Omnia consummata sunt?* Porque a ferida da lança, foi ferida que a não havia de sentir Christo; porque a havia de receber depois de morto: e feridas que se não sentem, ainda que sejam no coração, não são feridas. A chaga do lado era chaga sem dôr: e chaga sem dôr, não é chaga. Por isso S. João discreta e advertidamente não disse que feriram o lado a Christo, senão que lh'o abriram, como agudamente notou S. Agostinho: *Vigilanti verbo usus est, ut non diceret, latus ejus percussit, aut vulneravit.* Não disse que a lança feriu o lado, senão que o abriu: *Latus ejus aperuit;* [4] porque feridas e chagas que não doem, não são chagas, são aberturas: *Aperuit.*

Sentiu Christo tanto este defeito, ou esta falta de dôr na chaga do seu coração, que não pedindo a seu Padre que o dispensasse de algum outro tormento, só do golpe da lança pediu que o livrasse: *Erue à framea, Deus, animam meam.* [5] Senhor, livrae-me da lan-

---

[1] *Joan.*, XIX, 28.
[2] *Ibid.*
[3] *Job.*, XVI, 14.
[4] *Joan.*, XIX, 34.
[5] *Psal.*, XXI, 21.

ça. que me ha de rasgar o peito, mas não me ha de causar dôr. E que respondeu o Padre a esta petição? *Framea suscitare super pastorem meum, et super virum cohærentem mihi.* [1] Já que, Filho meu, repugnaes tanto essa lança, porque não haveis de sentir o golpe della, eu vos prometto que assim como vos hei de resuscitar a vós, resuscitarei tambem a mesma lança, e a metterei no peito de um homem muito unido comigo, e pastor do meu rebanho, para que se suppra na sua dôr a falta da vossa. Já que vós não padecestes a dôr da lançada, Francisco a padecerá. Assim foi; e para que o vejaes com os olhos, ponde-os naquelle galhardo mancebo, suspenso entre o céu e a terra, pendente dos braços de uma ensinha, expirante, alanceado, morto. Bem entendeis que fallo de Absalão, figura de Christo crucificado, como dizem commummente os Interpretes. Figura de Christo, porque filho de David: figura de Christo, porque o mais formoso dos homens; porque morto contra o preceito de seu pae; e finalmente, porque Absalão quer dizer: *Filius patris*, o filho do padre. Nem descompoem o primor da figura os peccados de Absalão; porque Christo na cruz tinha sobre si todos os peccados do mundo; e particularmente o da desobediencia de Adão.

Só Joab parece que a descompoz totalmente; porque diz o Texto sagrado que pregou tres lançadas no peito de Absalão: *Infixit tres lanceas in corde Absalon.* [2] Pois se Absalão era figura de Christo, e o peito de Christo foi aberto com uma só lança: *Lancea latus ejus aperuit;* como se vêem tres lanças no peito de Absalão? A segunda lança bem suspeito eu qual foi; porque vejo ao pé da cruz aquella affligidissima Mãe, a quem disse Simeão: *Tuam ipsius animam pertransibit gladius.* [3] Qual foi logo a terceira lança e qual o peito que traspassou e feriu? Claro está que foi o peito de Francisco; mas com admiravel propriedade e differença. A lança que abriu o peito de Christo, foi uma só, mas as lançadas foram tres: uma em Christo, outra em Maria, outra em Francisco. A de Christo feriu o corpo, mas não feriu a alma: a de

---

[1] *Zachar.*, XIII, 7.
[2] *2.º Livr. dos Reis*, XVIII, 14.
[3] *Luc.*, II, 35.

Maria feriu a alma, mas não feriu o corpo: a de Francisco feriu o corpo, e juntamente a alma. Christo recebeu o golpe, mas não sentiu a dôr: Maria sentiu a dôr, mas não recebeu o golpe: Francisco recebeu o golpe, e sentiu a dôr.

Mas, Francisco meu, segunda estampa de Christo: não bastará que se conforme a estampa com o original? Se as vossas chagas são sensitivas e racionaes, ponhamol-as em razão. As quatro que Christo padeceu, padecei-as: a quinta que elle recebeu, e não sentiu, tende-a embora no peito, mas não a padeçaes. Doei-vos com Christo vivo e doloroso; mas doer-vos tambem com Christo morto, quando já não padece, nem póde padecer dôr? Sim; porque a primeira dôr foi compaixão, a segunda é fineza. Mostraram dôr, e publicaram sentimento na Paixão e morte de Christo, todas as creaturas insensiveis do céu, e todas as da terra; mas com uma differença porventura não advertida. O sol escureceu-se em todas as tres horas em que Christo esteve vivo na cruz: tanto que o Senhor expirou, tirou o capuz o sol, e tornou-se a revestir de luz, e alegrou o mundo como d'antes: *A sexta autem hora tenebræ factæ sunt super universam terram, usque ad horam nonam.* [1] A terra não o fez assim: em quanto Christo esteve vivo na cruz, estiveram suspensas todas as creaturas do mundo inferior: tanto que o Senhor expirou, treme a terra, quebram-se as pedras, abrem-se as sepulturas, rasga-se o véu do Templo: tudo confusão, tristeza, tudo dôr, tudo sentimento: *Exclamans voce magna emisit Spiritum: et ecce velum Templi scissum et in duas partes: terra mota est: petræ scissæ sunt: et monumenta aperta sunt.* [2] Pergunto agora: E qual foi maior demonstração de amôr, a do céu, ou a da terra? Em genero de fineza, não ha duvida que a da terra. O céu obrou como compassivo: a terra como fina. O céu como compassivo; porque se condoeu com quem padecia: a terra como fina; porque se doeu de quem já não padecia, nem podia padecer. Como a terra é a patria das dôres, não é muito que em se saber doer vencesse ao céu.

---

[1] *Math.*, XXVII, 45.
[2] *Ibid.*, 50, 51 e 52.

Mas estes extremos, que entre o céu e a terra estiveram divididos, ambos se uniram e multiplicaram no coração de Francisco, que póde ensinar amôr ao céu e á terra. Não se contentou com o conselho do Apostolo: *Hoc enim sentite in vobis, quod et in Christo Jesu.* [1] Sentiu o que Christo sentiu, e o que não sentiu tambem: padecente com Christo padecente, e padecente com Christo impassivel. Nas quatro chagas padecente com Christo, porque Christo as padeceu; na quinta chaga padecente por Christo, porque ainda que Christo a não padeceu, era chaga de Christo. Este foi o porquè. Mas para que? Para que a dôr que faltou no lado de Christo, se supprisse na dôr do lado de Francisco: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.*

VI

Tenho acabado o meu discurso, e só quizera que o fim delle fosse o mesmo fim que teve Christo nesta segunda impressão das suas Chagas. Qual foi o fim em respeito de nós, porque tornou a estampar Christo as suas Chagas em S. Francisco? Só Roma, como interprete de todos os oraculos divinos, o podia saber dizer, e ella o disse: *Qui frigescente mundo, ad inflammanda corda nostra tui amoris igne, in carne beatissimi Francisci passionis tuæ Stigmata renovasti.* Renovou Christo as suas Chagas em Francisco, para que o mundo que tanto se vae esfriando, se accendesse no fogo do seu amôr. Pois para accender e inflammar o mundo naquelle fogo, que Christo veiu trazer á terra, não seriam mais efficazes as Chagas do mesmo Christo? Não; porque as Chagas de Christo, ainda que accendem por uma parte, por outra esfriam. Ao exemplo de Christo posso responder que elle era homem, e Deus; mas eu sou homem sómente. Esta escusa da nossa fraqueza é a que nos esfria. Mas ao exemplo de Francisco, que era homem como eu, não tenho outra resposta, senão arder como elle. S. Paulo, que foi o S. Francisco do Apostolado: *Ego*

[1] *Philip.*, II, 5.

stigmata Domini Jesu in corpore meo porto; [1] que é o que dizia? Que imitassemos a Christo, e as suas Chagas? Não: *Imitatoris mei estote, sicut et ego Christi:* [2] não dizia que imitassemos a Christo, senão a elle; porque para imitar a Christo, podia ter alguma escusa a nossa fraqueza: mas para imitar a Paulo, puro homem como nós, não podemos ter nenhuma escusa. Os raios que despedidos do corpo do sol não accendem, passados por uma vidraça ferem fogo. Por isso se entrou Christo crucificado naquelle espelho de Francisco: *Ut frigescente mundo, inflammaret corda nostra.*

E se é necessario que a materia esteja disposta, em nenhuma parte do mundo ha mais apparelhadas disposições, que nos corações de Italia. Grande caso é, e tão glorioso como grande, que imprimindo Christo duas vezes as suas Chagas, ou visivel ou invisivelmente, ambas estas impressões se fizessem em Italia: as chagas invisiveis em Catharina de Sena: as chagas visiveis em Francisco de Assis. Oh gloriosa nação, escolhida e amada de Christo para se transformar nella! Esta é aquella unica nação, na qual se verificou o que tinha prophetisado a Sabedoria da imagem de Christo transformada: *Imago bonitatis illius: et in se permanens omnia ninovat, et per nationes in animas sanctas se transfert.* [3] Arda pois Italia neste divino fogo, e arda Roma: que se a cabeça do mundo arder, todo o mundo, por mais frio que esteja, se inflammará. E com esta ultima efficacia de suas chagas supprirá tambem Francisco o effeito que ainda falta ás Chagas de Christo: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi, in carne mea.*

---

[1] *Gal.*, VI, 17.
[2] *1.ª ad Corinth.*, IV, 16.
[3] *Sap.*, VII, 2 e 7.

SERMÃO

DE

SANTA THEREZA*

E DO

SANTISSIMO SACRAMENTO

Simile factum est Regnum Cœlorum homini regi, qui fecit nuptias filio suo. Et misit servos suos vocare invitatos. [1]

Caro mea vere est cibus: et sanguis meus vere est potus. [2]

Simile est Regnum Cœlorum decem Virginibus quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso, et sponsæ. [3]

I

Em um dia em que se nos propoem tres Evangelhos, não é muito que préguemos sobre tres themas. O primeiro Evangelho é da Dominga corrente, que canta hoje a Igreja universal. O segundo é do Divinissimo Sacramento, pela devoção particular desta casa. O terceiro é o commum das Virgens, em memoria da gloriosa Virgem, Mãe de tantas e tão santas, a santa Madre Thereza de Jesus, cuja solemnidade tambem concorre, e se celebra aqui hoje.

Começando pois pelo primeiro Evangelho (que como mais universal e mais proprio deste dia, é bem

---

* Foi prégado este Sermão na igreja da Encarnação, em Lisboa, em 1644, concorrendo estas duas festas na Dominga XIX, post Pentecosten. A idêa d'este Sermão, commenta Honorati, é uma das mais sublimes e originaes do fecundissimo engenho de Vieira. E' maravilhosissimo.

[1] *Math.*, XXII.
Joan., VI.
[3] *Math.*, XXV.

que seja o que nos abra o caminho e dê fundamento a tudo) diz nelle e ensina em parabola o Divino Mestre, que o reino do céu é similhante a um homem rei: *Simile factum est Regnum Cœlorum homini regi.* [1] Não ha duas coisas tão parecidas no mundo, como o rei e o reino. [2] Os reis são os espelhos a que se compoem os vassallos, e taes serão as acções do reino, quaes forem as inclinações do rei. Não falla Christo de qualquer reino, nem de qualquer rei, senão do reino do céu e dum rei homem: porque se o rei fôr humano, será o reino bemaventurado, e se o rei fôr homem, tão seguro estará o reino da terra, como o do céu. Este rei, diz o Senhor, que celebrou com grandes festas o casamento do Principe seu filho: *Qui fecit nuptias filio suo:* [3] E nisto mostrou tambem que era rei homem; porque não descuidar da successão, é reconhecer a mortalidade. Chegado o dia das bodas mandou alguns criados, que fossem chamar os convidados para o banquete, e diz o Texto sagrado uma coisa que parece incrivel, e é, que elles não quizeram vir: *Et nolebant venire.* [4] Se o rei os chamava para a guerra, escusa tinha a ingratidão na fraqueza e temor natural; mas para as bodas e para o banquete, não virem? Mais abaixo diz o mesmo Evangelho, que mandou o rei os seus soldados e foram: agora chamou os seus convidados e não vieram. Eu lhes perdôo a descortezia pelo exemplo. Se os vassallos hão de faltar ao Principe, antes seja na meza que na campanha. Vendo o rei que os convidados não queriam vir, mandou segundo recado, mas por outros criados, e não pelos mesmos: *Misit alios servos.* [5] Não é nova razão de estado nos reis, para melhorar vontades, mudar ministros. Mas a razão que aqui teve o rei, a meu vêr, foi ainda mais facil e mais achada. Mandou a segunda vez outros criados, porque é bem que se reparta o trabalho, e que vão todos. Se os segundos descançaram, em quanto fo-

[1] *Math.*, XXII, 2.
[2] Allude toda a explicação do Evangelho a casos succedidos n'aquelles dias.
[3] *Ibid.*
[4] *Ibid.*, 3.
[5] *Ibid.*, 4.

ram os primeiros, bem é que descancem os primeiros, e que vão agora os segundos. Assim que, mudar o rei os criados, não é condemnar os talentos, é repartir os trabalhos. Se os primeiros tiveram ruim successo, não o tiveram melhor os segundos, que nem sempre com a mudança se consegue a melhoria. Os primeiros acharam más vontades: *Nolebant venire:* os segundos experimentaram más obras: *Occiderunt eos.* Quer dizer, que foram tão descomedidos alguns dos convidados, que não só affrontaram de palavra aos criados do rei, mas chegaram a lhes pôr as mãos e tirar as vidas. Ha maior ingratidão? Ha maior descortezia? Ha maior atrevimento de vassallos? Que faria o rei neste caso? Diz o Texto, que mandou logo seus exercitos a executar um exemplar castigo não só nas pessoas, ou corpos dos rebeldes, senão na mesma cidade, onde viviam, da qual não ficaram mais que as cinzas, para memoria ou esquecimento eterno de tal ousadia. Assim o faz o rei, e assim o hão de fazer os reis. Quem hoje se atreveu ao criado, amanhã se atreverá ao senhor. Occupou os seus exercitos em arrazar as cidades proprias, quando parece que fôra mais conveniente conquistar as alheias; porque não são tão damnosas as hostilidades dos inimigos, como os atrevimentos nos vassallos. Melhor é ter menos cidades e mais obedientes. Por isso lhe chamou o Evangelho cidade sua; delles, e não do rei: *Civitatem illorum.* Cidade que se atreve contra os ministros do rei, não é cidade do rei, é cidade livre: e liberdades não as hão de soffrer as Corôas. Se os criados offenderam aos convidados, queixem-se, que para isso tem o rei ouvidos: mas presumir violencias e executal-as? Não ha, nem é bem que haja em tal caso soffrimento nos reis, senão ira e fogo: *Iratus est et civitatem illorum succendit.* [1] Tão rigoroso se mostrou no exterior como rei; mas como homem, lá por dentro lhe ficou a dôr e o sentimento: *Perdidit homicidas illos.* Notae os termos. A palavra *Perdidit,* quer dizer, matar e perder; porque de tal maneira castigava, que considerava o que perdia. Matar um homicida é perder um homem: *Perdidit homicidas illos.* Executado assim, ou mandado executar o castigo, vol-

[1] *Math.,* XXII, 7.

tou-se o rei para os criados e disse-lhes: *Qui invitati erant, non fuerunt digni:* [1] os que foram convidados, não eram dignos. Pois agora, Senhor? Não fôra melhor conhecel-os antes de os convidar, que convidal-os antes de os conhecer? Eis aqui o maior mal e a maior consolação que tem o mundo. Serem indignos os convidados, é o maior mal: serem os beneméritos os excluidos, é a maior consolação. Vendo o rei que não queriam vir os que convidara, tornou-se aos que tinha engeitado; e foram elles tão honrados, que todos vieram. Não introduziria Christo na sua parabola esta differença, se não fôra o que nas suas eleições costumam experimentar os Principes. Os seus escolhidos são aquelles que na occasião não querem vir; e os seus engeitados os que na occasião veem todos. Chamaram os criados, diz o Texto, todos os que acharam pelas ruas: *Et impleta sunt nuptiæ discumbentium:* [2] E ficaram cheias as mezas. Quantos andam desfavorecidos por essas ruas, que haviam de encher muito bem o seu logar, se os chamaram? Em fim, o rei entrou na sala, onde comiam os convidados, e foi esta a melhor iguaria que veiu á meza, os olhos do rei. Viu um, entre os demais, que não estava vestido de gala; e não só o mandou lançar fóra, mas que atado de pés e mãos o mettessem no carcere mais escuro. Tão grande delicto é não festejar o que os Principes festejam. Mas dado que este não fizesse o que devia, o que eu muito pondero é que de todos os convidados nenhum foi bom, e de todos os excluidos só um foi máu. Antes de entrarem ás bodas eram bons e máus: *Congregaverunt omnes quos invenerunt, malos, et bonos:* [3] E depois de entrarem, tirando um, todos foram bons, porque a melhor arte de fazer bons, é admittil-os: o desprezo a ninguem melhorou, a honra a muitos.

Esta é a parabola do Evangelho, tão parecida com a historia dos nossos tempos, que por isso lhe ajuntei doutrina não impropria delles. Vindo porém ao intento da nossa festa, ou festas, duas coisas acho menos neste Evangelho. Falla dos desposorios do prin-

---

[1] *Math.*, XXII, 8.
[2] *Ibid.*, 10.
[3] *Ibid.*

cipe e do banquete do rei; mas nem nos desposorios nos diz quem foi a esposa, nem do banquete nos declara quaes fossem as iguarias. Por isso tomei de soccorro os outros dois Evangelhos. O Evangelho das Virgens nos diz que a Esposa é Santa Thereza: *Exierunt obviam sponso, et sponsæ:* [1] o Evangelho do Sacramento nos declara que as iguarias são o corpo e sangue de Christo: *Caro mea verè est cibus, et sanguis meus verè est potus.* [2] Supposto pois que a Santa e o Santissimo são as duas partes da nossa festa; para que com o mesmo discurso satisfaçamos a ambas as obrigações, será hoje o meu assumpto este: que os maiores favores que Christo fez a Santa Thereza, são os mesmos que faz no Sacramento aos que dignamente commungam. Para egualar tamanhas graças, é necessario muita graça. *Ave Maria.*

II

Sendo tão singulares os favores em que o amôr de Christo se estremou com Santa Thereza, que, não juntos, mas divididos, apenas se lhes acha paralello entre os outros Santos; maior empenho tomei do que por ventura se imagina, quando prometti mostrar que os mesmos recebem invisivelmente de Christo os que dignamente o recebem no Sacramento. E porque não pareça que fujo á difficuldade de tamanho assumpto, antes o quero encarecer e subir de ponto, para mais excitar a nossa devoção e agradecimento; entre todos os favores e finezas com que o amorosissimo Senhor singularisou esta grande Santa (pois não é possivel ponderar todos) escolherei os mais notaveis.

O primeiro, pois, e mais visivel, que se me offerece, é quando o mesmo Christo em presença da Virgem Santissima e de S. José deu a mão de esposo a Thereza. Os desposorios que se fazem com approvação dos paes, são mais qualificados; e para que esta circumstancia de gosto não faltasse, onde não podia faltar o acerto, desposou-se Jesus com Thereza

[1] *Math.*, XXV, 1.
[2] *Joan.*, VI, 56.

em presença de José e Maria. E que vieram a ser estes desposorios? O mesmo Senhor o disse: D'aqui em diante eu serei todo teu, e tu toda minha. De sorte que foi uma entrega de ambos os corações total e reciproca, com que não só Thereza ficou Thereza de Jesus, senão tambem Jesus Jesus de Thereza. Ainda aquelle *de* é superfluo; porque ser um de outro distingue dois sugeitos, e a união entre Jesus e Thereza foi tão intima, que passando de união a unidade, já Thereza e Jesus não eram dois e distinctos, senão um só e o mesmo. Vejamos isto em um excellente retrato feito pela mão do mesmo Esposo.

Creou Deus a Adão e Eva, e diz assim o Texto sagrado: *Masculum, et feminam creavit eos, et vocavit nomen eorum Adam:* [1] Fel-os Deus homem e mulher, e deu por nome a ambos Adão. Pois se Adão e Eva eram duas creaturas e dois sugeitos distinctos: *Masculum, et feminam creavit eos;* porque lhes não deu Deus dois nomes tambem distinctos, senão um só e o mesmo, e não outro senão o de Adão: *Et vocavit nomen eorum Adam?* Porque a Adão e a Eva desposou-os Deus na maior perfeição da natureza; e posto que por força da creação eram dois, por virtude do matrimonio ficaram um. Antes que Deus formasse a Eva, não havia mais que Adão; depois que da costa de Adão formou a Eva, dividiu-se Adão, e o que era um só sugeito, ficaram dois: mas tanto que Adão deu a mão de esposo a Eva, tornaram esses dois sugeitos a reunir-se, e os que eram dois e distinctos, ficaram um só e o mesmo: por isso lhes deu Deus um só nome, e não outro senão o de Adão: *Et vocavit nomen eorum Adam.* Isto foi o que foi: e o que significava, que era? S. Paulo: *Sacramentum hoc magnum est: Ego autem dico in Christo, et in Ecclesia.* [2] Tudo isto, que passou entre Adão e Eva, foi um grande mysterio; porque na união daquelle matrimonio debuxou Deus, como em figura original, o que depois se havia de verificar na Igreja entre os desposorios de Christo com as almas santas. Que Adão foi logo este, senão Jesus, e que Eva, senão Thereza? Antes deste divino desposorio Thereza era The-

[1] *Gen.*, v, 2.
[2] *Eph.*, v, 32.

reza de Jesus, e Thereza e Jesus dois sugeitos com dois nomes distinctos; porém depois que Jesus deu a mão de esposo a Thereza, o nome de Thereza de Jesus perdeu a distincção daquelle *de*, e ficou Thereza Jesus. A que depois se chamou Sara, chamava-se d'antes Saray, e diminuiu-lhe Deus o nome para lhe accrescentar a dignidade. Assim tambem a Thereza de Jesus. Tirou-lhe aquelle *de*, que distinguia a Jesus de Thereza, e ficou sómente Thereza Jesus; porque transformado Jesus em Thereza, e Thereza em Jesus, já não eram dois nomes, nem dois sugeitos, senão um só, e o mesmo. Adão e Eva, Adão: Thereza e Jesus, Jesus. Vamos ao Evangelho.

No principio do Evangelho das Virgens diz o Texto, que todas dez sahiram a receber o esposo e a esposa: *Exierunt obviam sponso, et sponsæ:* e no fim do mesmo Evangelho diz que as cinco prudentes entraram com o Esposo ás bodas: *Intraverunt cum eo ad nuptias.* [1] De maneira, que quando sahiram, receberam o esposo e a esposa; mas quando entraram, só se diz que acompanharam o Esposo: *Intraverunt cum eo.* A esposa claro está que não havia de ficar de fóra. Pois se quando as Virgens entraram, acompanharam a ambos, assim como quando sahiram, receberam a ambos; porque razão quando sahiram ao recebimento, se faz menção do esposo e da esposa, e quando entraram ás bodas, só se nomeia o esposo, e a esposa não: *Intraverunt cum eo ad nuptias?* Excellentemente Santo Hilario: *Sponso tantum obviam proceditur, jam enim erunt ambo unum.* Não ha duvida, que entraram ás bodas o esposo e mais a esposa: mas esse mesmo esposo, e essa mesma esposa, que antes de entrar ás bodas tinham sido dois, depois de entrar ás bodas, já eram um só: *Jam enim erunt ambo unum.* E porque já eram um, e não dois, por isso se fez menção do esposo sómente, e não da esposa: *Intraverunt cum eo.* Assim, nem mais nem menos, nos divinos desposorios de Jesus com Thereza: antes de se darem as mãos Jesus e Thereza, distinguiam-se e eram dois: porém depois de celebradas as bodas, já ambos eram um só: *Jam ambo erunt unum:* já não havia Thereza e Jesus, senão só Jesus: *Intraverunt cum eo.*

---

[1] *Math.*, XXV, 10.

Quem nos poderá declarar a força e verdade desta união, senão quem a experimentou em si, a mesma Santa Thereza? Dizia Thereza de si, que estava tão individualmente unida com Jesus seu esposo, que podia dizer com S. Paulo: Vivo eu, já não eu, porque vive em mim Christo. Oh que divina implicação: eu não eu! Se sois vós, como não sois vós? Sou eu considerada em Christo: não sou eu considerada em mim. Considerada em Christo, sou eu, porque Christo vive em mim; e considerada em mim, não sou eu, porque eu vivo em Christo. Outra vez fallando com o mesmo Christo, lhe disse: Senhor, que se me dá a mim de mim sem vós? Porque eu sem vós não sou eu: e de mim que não sou eu, que se me dá a mim? De sorte, que estavam tão transformados estes dois corações, que reciprocando as vidas, viviam um no outro: e tão unidos na mesma transformação, que deixando cada um de ser outro, eram um só e o mesmo: *Ambo unum.*

Da Alma santa disse o Esposo divino, que lhe ferira o seu coração e que lh'o tirara; que lh'o ferira: *Vulnerasti cor meum:* [1] como diz o Texto latino: que lh'o tirara: *Abstulisti mihi cor*, como diz o hebraico. O mesmo succedeu a Thereza com o seu coração. Appareceu-lhe, estando em extasi, um Serafim com uma setta de oiro afogueada. E que fez? Mettendo-lhe a setta no peito, com a ponta feriu-lhe o coração: *Vulnerasti cor meum*: e tornando a tirar a setta, com as farpas levou-lhe o coração: *Abstulisti mihi cor.* Temos a Thereza sem coração: e sem coração como ha de viver? Sem coração como ha de amar? Antes para melhor viver e para melhor amar, lhe tirou seu Esposo o coração. O coração é o principio da vida, e onde ambos viviam com a mesma vida, sobejava um coração, por isso lh'o tirou Christo. E tambem lh'o tirou para que melhor amasse, amando-se ambos com um, e não com dois corações. Não ha exemplo na terra; no céu sim, e o mais perfeito. O mais perfeito amôr que ha nem póde haver, é o das tres Pessoas Divinas. Ama o Padre ao Filho, ama o Filho ao Padre, amam o Padre e o Filho ao Espirito Santo, ama o Espirito Santo ao Padre e ao Filho;

[1] *Cant.*, IV, 9.

e sendo os amantes tres, a vontade com que se amam é uma só: e assim como alli ha tres amantes com uma só vontade, assim cá se amavam os dois com um só coração. Oh que perfeito, oh que divino, oh que difoso modo de amar! Amar com egualdade no amôr; porque o mesmo coração é o que ama: e amar sem duvida na correspondencia, porque o mesmo coração é o que corresponde: antes o mesmo amôr em unidade reciproca é amôr e correspondencia juntamente: porque não podiam os amores ser dois, quando os amantes se tinham transformado em um: *Et jam erunt ambo unum.*

Não vos parece grande extremo de fineza, não vos parece grande excesso de favor este de Christo para com Thereza? Pois a mesma figura usa o mesmo Christo, e o mesmo favor faz aos que dignamente commungam. No Evangelho do Sacramento temos a prova. Porque assim como com o Evangelho das Virgens provámos tudo o que temos dito, e provaremos tudo o que dissermos de Christo em respeito de Santa Thereza; assim com o Evangelho do Sacramento provaremos tambem quanto houvermos de dizer do mesmo Christo em respeito de nós, e dos que commungam dignamente.

Caro mea verè est cibus, et sanguis meus verè est potus. A primeira coisa que Christo Senhor nosso nos certifica neste Evangelho, é ser verdadeira comida o seu corpo, e verdadeira bebida o seu sangue. Onde se deve muito notar, que não faz a força do que quer persuadir em ser verdadeiramente seu corpo, o que se nos dá debaixo das especies de pão; nem em ser verdadeiramente seu sangue, o que se consagra debaixo das especies do vinho; senão em que esse corpo e esse sangue é verdadeiramente mantimento nosso. E porque razão? Porque é propriedade e natureza geral de todo o mantimento converter-se na substancia de quem o come: e como Christo só neste Sacramento assiste real e presidencialmente, e nos outros não, por isso tambem só neste se nos quiz dar em fórma de mantimento: para que entendessemos que o fim de o instituir, não só fôra para nos communicar sua graça, como nos outros Sacramentos, senão para se unir a si mesmo comnosco, e a nós comsigo. O mesmo Senhor se declarou, e o disse logo: *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sangui-*

nem, in me manet, et ego in illo: [1] Sabeis porque digo que o meu corpo é verdadeira comida, e o meu sangue verdadeira bebida? Porque assim como o mantimento se converte na substancia de quem o come, assim eu me quero transformar em vós, e vós em mim: de modo que vós, commungando, fiqueis em mim, e eu sendo commungado, em vós: *In me manet, et ego in illo.* E porque nesta união e transformação de dois que somos, se ha de fazer um só: este *um* qual ha de ser? Não haveis de ser vós, senão eu, diz o mesmo Christo: e assim continúa o Texto de Santo Agostinho: *Nec tu me mutabis in te, sicut cibum carnis tuæ sed tu mutaberis in me.* De sorte, que assim como nos desposorios de Christo com Thereza, de dois que eram, se transformaram em um só, e este *um* depois de transformados, não era principalmente Thereza, senão Christo que nella vivia: *Vivit verò in me Christus:* [2] assim na transformação do Sacramento, o que dignamente communga, de tal modo fica unido e identificado com Christo, que Christo é o que nelle vive.

O mesmo Evangelho o diz, e com o mesmo exemplo das Pessoas da Santissima Trindade, com que declarei a união ou unidade do coração de Christo com Thereza: *Sicut misit me vivens Pater, et ego vivo propter Patrem, et qui manducat me, et ipse vivet propter me:* [3] assim como eu vivo pela vida de meu Padre, que me mandou ao mundo, assim quem me communga verdadeiramente, não vive pela sua vida, senão pela minha. Grande caso é, que querendo a Sabedoria encarnada declarar o que tinha dito, com algum exemplo, não achasse outro mais adequado, e mais proprio, que o da unidade e vida reciproca, que ha entre o mesmo Christo, e seu Eterno Padre: *Vivit ergo per Patrem,* commenta Santo Hilario, e *quomodo per Patrem vivit, eodem modo nos per carnem ejus vivemus.* Assim como entre o Padre e o Filho, em quanto Deus, ha uma só vida, porque o Padre vive no Filho, e o Filho no Padre, e um vive pela vida do outro; assim entre Christo, e o que communga, posto

[1] *Joan.,* VI, 57.
[2] *Gal.,* II, 20.
[3] *Joan.,* VI, 58.

que sejam dois, a vida é, e ha de ser uma só, e não outra, senão a do mesmo Christo: *Et ipse vivit propter me.* Vejam agora os que commungam, se a vida que vivem é a sua, ou a de Christo; e d'aqui julgarão, pelos effeitos, se commungam como devem, ou não.

III

O segundo favor, e mais extraordinario ainda, que Santa Thereza recebeu de seu divino Esposo, foi, que entre outras finezas, lhe disse estas palavras: Thereza, se eu não tivera creado o céu, só por amôr de ti o creára. De nenhum outro Santo se lê similhante favor. Houve-se Christo com Santa Thereza, como Santo Agostinho com Deus, para encarecer o seu amôr. Se eu fôra Deus, e vós não (diz Agostinho), deixára eu de o ser, para que vós o fosseis. Muito tem de excessivo o amôr que para se poder declarar finge suppoſições impossiveis. Mas isto fez um coração, posto que tão entendido, humano. Porém Christo, que póde tudo, e com tão singulares e exquisitas demonstrações tinha manifestado a Thereza o seu amôr, que invente casos condicionaes, e supponha o que já foi, como se não fôra, e o que já não podia ser, como se fosse possivel; para assim declarar quanto ama? A sabedoria de Christo é egual á sua omnipotencia, e a sua omnipotencia á sua sabedoria: e que o amôr do mesmo Christo signifique a Thereza, que sabe mais desejar, do que póde fazer; e não diga o que fará por ella, senão o que faria? Ora eu, considerando este caso, que suppoz Christo, e um voto que fez Santa Thereza, entendo que se achou Christo como alcançado, e que se não pôde desempenhar daquelle voto, senão com esta supposição. O voto que fez Santa Thereza, foi de sempre fazer o que fosse melhor: e como a melhor coisa que Deus podia fazer, é o céu, e a bemaventurança, que já estava feita, disse, que se não tivera feito o céu, só por amôr de Thereza o fizera. Se o amôr de Thereza se obriga por mim a fazer sempre o melhor, como posso eu pagar este amôr, senão fazendo tambem o melhor por Thereza? Mas esse melhor já está feito? Pois saiba ao menos The-

reza de mim, que se não fivera feito o céu, só por amôr della o fizera. E sendo assim que Christo fez o céu por amôr de todos os predestinados, parece que peza tanto no conceito e estimação do mesmo Christo o amôr de Thereza só, como o de todos os predestinados juntos.

Uma das coisas mais notaveis que escreveu S. Paulo, foi esta: *Christus Jesus venit in hunc mundum peccatores salvos facere, quorum primus ego sum:* [1] Christo Jesus veiu a este mundo salvar os peccadores, dos quaes eu sou o primeiro. S. Paulo não foi o primeiro peccador na antiguidade, porque esse foi Adão: nem foi o primeiro na grandeza e multidão dos peccados, porque houve outros peccadores maiores: e elle mesmo confessa neste logar, que peccou por ignorancia: *Quia ignorans feci.* Pois d'onde infere S. Paulo que foi o primeiro e maior peccador de todos: *Quorum primus ego sum?* [2] Nas palavras antecedentes está a premissa desta illação: *Christus Jesus venit in hunc mundum peccatores salvos facere:* Christo veiu do céu a este mundo para salvar os peccadores; e o mesmo Christo veiu tambem do céu a este mundo, para me salvar só a mim. Logo no conceito e estimação de Christo, infere Paulo, tanto peza a graveza dos meus peccados, como os de todo o mundo. A mesma illação faço eu. Assim como S. Paulo, para encarecer a graveza de seus peccados, ponderou que fizera Deus só por elle o que tinha feito por todo o mundo, assim Christo, para encarecer a grandeza do seu amôr, disse que faria por Thereza o que tinha feito por todos os predestinados. E assim como Christo só por amôr de Paulo desceu do céu, como tinha descido por amôr de todo o mundo, assim Christo só por amôr de Thereza crearia o céu, se por amôr de todos os predestinados o não tivéra creado. Oh grande amôr! Oh excessivo encarecimento! Que no conceito de Christo, que não lisongeia, peze tanto o amôr de Thereza, como o de todos! Vamos outra vez ao Evangelho.

E' similhante o reino do céu a dez Virgens, cinco prudentes, e cinco nescias, diz Christo nesta para-

---

[1] *1.ª Epist. ad Tim.* I, 15.
[2] *Ibid.*, 13.

bola. E por ser parabola faz não pequena difficuldade a egualdade destes numeros. O auctor, que faz ou inventa uma parabola, assim como tem liberdade para dispôr e historiar como lhe importa a seu intento, assim tem tambem obrigação de a deduzir em termos provaveis, e áquillo que é verosimil, e costuma acontecer commummente. Supposto isto, parece que não haviam de ser tantas as prudentes como as nescias. Não andára mal governado, nem fôra tão louco o mundo, se de cada dez mulheres se pagára o dizimo á prudencia. Homens eram aquelles dez leprosos que Christo sarou; e porque só um lhe veiu dar as graças, perguntou onde estavam os nove: *Et novem ubi sunt?* [1] E se em dez homens se acham nove ingratos, como não seria mais verosimil, que em dez mulheres se achassem nove nescias? Não ha duvida, que, segundo a condição humana, este numero era o mais proprio; e tambem, segundo o intento de Christo, que era a consideração dos muitos que se condemnam. Pois por que não introduz o Divino Mestre nesta parabola nove virgens que fossem nescias, e uma só que fosse prudente? Porque assim como as nescias que ficaram de fóra, significam as almas que se condemnam, assim as prudentes que entraram ás bodas, representam as que se salvam, e vão ao céu. E no caso em que se introduzisse uma só prudente, não era, nem podia ser verosimil, que Christo fizesse o céu para uma só. Por isso, fazendo a historia menos verosimil, para que fosse mais verosimil a significação, não introduziu nella uma só prudente, senão muitas: *Et quinque prudentes.* [2] Não sendo porém verosimil ainda na ficção de uma parabola, que Christo houvesse de crear o céu para uma só alma; era tal a alma de Thereza, e tal o extremo com que o mesmo Senhor a amava, que no caso e supposição em que não tivesse creado o céu, é verdade certa e infallivel, que só por amôr della o crearia. E se quereis vêr pintada esta mesma figura rhetorica do amôr de Christo, vamos ao Apocalypse.

Viu S. João aquella mysteriosa mulher tão celebrada, a quem coroavam as estrellas, vestia o sol, e

[1] *Luc.*, XVII, 17.
[2] *Math.*, XXV, 2.

calçava a lua. E conforme a exposição de S. Boaventura, Ruperto, Victorino, Hugo, Alberto Magno, e outros, os quaes entendem por esta mulher uma alma superiormente allumiada por Deus, e adornada de celestiaes virtudes; a que alma se póde applicar com maior razão esta prodigiosa e admiravel figura, que á de Santa Thereza, em cujo espirito sublime e elevado depositou a liberalidade divina tantos dotes e prerogativas de perfeição, como se lêem em sua vida, e tantos resplandores de ardentissima luz, como se admiram e sentem em seus escriptos? S. Francisco de Borja, sendo um dos examinadores do espirito de Santa Thereza, o primeiro testemunho que deu, foi: que era *una gran muger*. Digo, pois, que Santa Thereza foi a grande mulher que S. João viu no Apocalypse; e o provo da mesma visão.

Diz o Texto, que aquella mulher tinha concebido um filho de sexo e valor masculino, o qual havia de governar o mundo com vara de ferro, e ser arrebatado ao céu, e que o parto deste filho lhe custou grandes trabalhos e dôres; porque lhe sahiu ao encontro um dragão de muitas cabeças corôadas, que o queria tragar. O auctor da Historia Prophetica Carmelitana, diz que este filho ha de ser Elias no fim do mundo: e eu, com bem differente pensamento e exposição, tambem reconheço nelle a Elias, mas não que ha de ser, senão que já foi, e não como filho da Igreja universal, senão como parto singular de Santa Thereza. Ora vêde. Que Elias fosse de sexo e valor masculino: [1] *Peperit filium masculum:* bem se viu na resolução e constancia de todas suas acções contra grandes e pequenos, e muito mais contra os grandes. Se governou as gentes com vara de ferro, diga-o El-rei Achab; a rainha Jesabel; El-rei Ochozias; os quatrocentos e cincoenta prophetas falsos de Baal que degolou em um dia; as duas companhias de soldados, e seus capitães, que queimou com fogo do céu: e o mesmo céu que teve fechado tres annos sem chover, como se fosse de bronze. Finalmente, que fosse arrebatado ao céu: *Et raptus est ad Deum, et ad thronum?* [2] Assim o viu arrebatar subitamente, e desapparecer de seus olhos

[1] *Apoc.*, XII, 5.
[2] *Ibid.*

seu discipulo Eliseu. Tinha pois fundado Elias no monte Carmelo uma Religião de tanta severidade, rigor, e aspereza, qual era a de seu fundador: tinham-se passado oitocentos annos antes de Christo, e depois de Christo mais de mil e quinhentos, em que o tempo e as variedades delle, ou tinham enfraquecido a tolerancia, ou moderado a austeridade daquelle primitivo Instituto; quando Thereza, revestida do espirito dobrado do mesmo Elias, o concebeu dentro em si mesma, não para que resuscitasse, porque não morrêra, mas para que outra vez nascesse: e não só em mulheres, sendo ella mulher, senão tambem nos homens. Julgou o mundo esta empreza por impossivel, e dizia com Nicodemus, que Elias era muito velho para tornar ao ventre da mãe, e nascer de novo: *Quomodo potest homo nasci, cum sit senex? Nunquid potest in ventrem matris suæ iteratò introire, et renasci?* [1] Porém, a Santa Madre (que desde então o começou a ser) assim como segunda vez tinha concebido a Elias, assim o pariu segunda vez, e o mostrou ao mundo incredulo, felizmente renascido: *Peperit filium masculum.*

E quantas dôres lhe custasse este prodigioso parto, e a novidade delle, diz a grandes vozes o mesmo Texto: *Clamabat parturiens, et cruciabatur, ut pareret.* [2] Que trabalhos, que contradições, que perseguições, que murmurações, que descreditos e falsos testemunhos, padeceu aquelle sublime e constante espirito, sendo movedor de todas o dragão infernal, multiplicado com grande propriedade do mesmo Texto em muitas cabeças e estas coroadas; porque apenas houve corôa, não só profana, mas sagrada (e ainda muitas regulares) que não impugnasse fortemente, e trabalhasse por abortar este glorioso parto. Emfim, venceu Thereza, e para distincção do novo e primitivo Instituto, descalçou-se como Elias, e assim appareceu, se bem advertirdes, na mesma figura do céu que a representava. As alparcas de Santa Thereza, como invenção do céu, de tal modo descalçam os pés, que os não deixam tocar a terra. São uma sorte de meio calçado, não para calçar, ou cobrir os pés, mas para

[1] *Joan.*, III, 4.
[2] *Apoc.*, XII, 2.

se trazer debaixo delles. E disto mesmo servia a lua á mulher que viu S. João. Dizemos commummente (como eu acima disse) que estava calçada da lua, e não dizemos bem. Se estivera calçada, havia de ter os pés cobertos da lua, mas ella não tinha os pés cobertos da lua, senão a lua debaixo dos pés: *Et luna sub pedibus ejus.* [1] Assim representava a lua as alparcas de Thereza, e assim appareceu Thereza descalça no céu, não já como filha que tinha sido, senão como nova mãe do primitivo Elias: mãe e filha de seu proprio pae, como a Virgem das Virgens.

Provado pois com todas as propriedades do Texto, quem fosse a mulher mysteriosa que viu S. João; o que agora reparo, e muito se deve notar, é que aquella mesma mulher enchia e occupava todo o céu, e todos os céus. Com os pés estava no céu da lua, que é o primeiro; com o corpo passava pelo céu do sol, que é o quarto; com a cabeça chegava ao céu das estrellas, que é o oitavo; logo, era tão agigantada a sua estatura, que desde o primeiro até o ultimo tomava todo o céu. Pois se a grandeza de cada um dos céus é tão immensa, e a de todos tão incomparavelmente maior; como é possivel que uma só mulher a occupasse toda? Porque aquella mulher, como vimos, era Thereza, e Thereza em si mesma, e na estimação de Christo é tão grande, que ella só eguala a todo o céu. Por isso diz com supposição já não possivel, mas certa, que se não tivera creado o céu, só para ella o creára. E senão, entremos no mesmo céu empyreo, de que mais propriamente fallava Christo, e veremos que se neste céu exterior, que vêmos, occupava Thereza todos os logares, com a figura no céu interior, que não vêmos, tambem os occupa todos com a presença. A natureza humana beatificada, tem no céu sete logares: de Patriarchas, de Prophetas, de Apostolos, de Doutores, de Martyres, de Confessores, de Virgens: e em todos tem assento eminente Santa Thereza. No das Virgens pela pureza; no dos Confessores, pela penitencia; no dos Martyres, pelo desejo; no dos Doutores, por seus admiraveis escriptos; no dos Apostolos, pelo seu zelo ardentissimo da propagação da fé; no dos Prophetas, pelos secretos altissimos de suas

[1] *Apoc.*, XII, 1.

visões, revelações, e prophecias; e no dos Patriarchas, finalmente, com ser mulher, como mãe e fundadora gloriosissima de uma Religião tão illustre, e lustre das Religiões. E se Christo no céu que se vê, e no céu que se não vê, deu a Thereza todo o céu, vêde se o crearia só para ella, no caso em que o não tivera creado? E sendo creado o céu para todos os predestinados, isto é, para todos os que foram, são, e serão bemaventurados na Gloria; julgae se parece, como eu dizia, que pezou tanto na estimação de Christo o amôr de Thereza, como o de todos.

Grande favor, grande fineza, estaes dizendo todos: e mais não sendo encarecimento, senão verdade infallivel da bocca de Christo! Pois saiba cada um de nós (ou advirta como já sabe) que esse mesmo favor e essa mesma fineza faz o mesmo Christo no Sacramento por cada um dos que commungam. Se Christo faria por Thereza o que fez por todos os predestinados, no Sacramento não só faria, mas faz, por cada um dos que commungam, o que fez por todos. Porque se no Sacramento se dá a todos, egualmente se dá todo a cada um. E' verdade que o Sacramento foi feito para todos, mas de tal maneira para todos como se se fizera para um só. No Evangelho o temos, e não só em uma parte, senão em todo: *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo.* [1] Aquelle que come a minha carne e bebe o meu sangue, está em mim, e eu nelle. Notae, que não diz *aquelles* que comem, senão *aquelle: Qui manducat.* Vae por diante o Senhor: *Sicut misit me vivens Pater, et ego vivo propter Patrem, et qui manducat me, et ipse vivet propter me:* [2] Assim como meu Padre vive, e eu vivo por elle, assim aquelle que me come, viverá por mim. Notae outra vez, que não diz *aquelles*, senão *aquelle: Et qui manducat.* Finalmente, faz comparação entre o Sacramento e o Mannâ, e dizendo que seus paes daquelles com quem fallava, comeram o Mannâ e morreram: *Patres vestri manducaverunt manna, et mortui sunt.* [3] Aqui parece, que, por boa consequencia, e para mais declarar a contraposição, havia de dizer, que *aquelles*, porém, que co-

[1] *Joan.*, VI, 57.
[2] *Ibid.*, 58.
[3] *Ibid.*, 59.

mem meu corpo, viverão eternamente; e tambem aqui não disse *aquelles* em plural senão *aquelle* em singular: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* Qual é pois a razão porque sempre diz *aquelle*, e não *aquelles?* Porque sempre falla em singular e não em plural? E porque sendo o Sacramento instituido para todos, nunca falla de muitos, senão de um só? E notae para maior admiração, que em todas estas sentenças sempre o Senhor variou a phrase; porque a primeira vez disse, *aquelle que come a minha carne: Qui manducat meam carnem:* a segunda, *aquelle que me come a mim: Qui manducat me:* a terceira, *aquelle que come este pão: Qui manducat hunc panem.* Pois se fallando do Sacramento, que é carne de Christo, e todo Christo, debaixo de especies de pão, variou sempre a phrase; fallando dos que commungam, porque não variou, nem multiplicou o numero, antes persistiu, e perseverou sempre na unidade: *Qui manducat: qui manducat: qui manducat?* A razão é, porque ainda que o amôr de Christo, instituido o Sacramento universalmente para todos, de tal maneira abstrahiu e quiz que nos abstrahissemos dessa mesma universalidade, como se verdadeiramente fôra instituido, não para todos, nem para muitos, nem para mais, senão singularmente para um só. E assim é, porque dando-se Christo no Sacramento todo a todos, e todo a cada um, de tal modo e com tal amôr se dá todo a um, como se amára e estimára tanto a um só como a todos.

Ouvi a S. Salviano, que é o que mais viva e profundamente ponderou esta singularidade: *Sicut totum ei debent universi, sic totum singuli, quod tantum acceperunt singuli, quantum universi.* No Sacramento tanto devem todos a Christo, como cada um; porque tanto recebe cada um, como todos. E que se segue d'aqui? Agora vae o profundo da ponderação: *Ubi enim hoc unus accipit, quod universi, et si par est mensura major invidia est:* porque quando um recebe tanto como todos, ainda que a medida é egual, a inveja é maior. Muitos commentos tenho lido desta clausula, e muitos sentidos deste enigma de Salviano; mas nenhum que satisfaça. Porque para haver inveja, ha de haver desegualdade, e sendo a medida do que se dá egual, como póde haver inveja? Na distribuição do Manná nenhum tinha inveja, porque aquel-

la medida, chamada Gomor, tão cheia se dava a um como ao outro: logo, se cá tambem a medida é egual: *Par mensura:* como póde ser maior a inveja: *Major invidia est?* Porque no Manná tanto levava um como o outro, mas não tanto um como todos: porém no Sacramento, como tanto recebe um como todos, e tanto todos como um, bem póde haver inveja, e grande inveja, não pela desegualdade do Sacramento, onde a não ha, senão pela desegualdade do numero, que é a maior que póde haver. Quando um só recebe tanto como todos, como não hão de ter inveja todos áquelle um? Se no céu podéra haver inveja, e lá se soubesse que o céu que Christo fez por amôr de todos os bemaventurados, o faria só por amôr de Thereza, não seria bastante occasião de inveja esta grande differença? Pois o mesmo passa no Sacramento. Antes digo, que assim como da parte de todos em respeito de um póde ser inveja, assim da parte de um em respeito de todos podéra ser soberba. Que faça tanto Deus por mim só, como por todos? Elle me tenha de sua mão, para que tamanho favor me não ensoberbeça. Aqui, e neste ponto de tão verdadeira honra, quizera eu que a nossa soberba se esmerasse: mas não é ella tão vã e tão vil, que egualando-nos Deus na sua estimação com todos, o mesmo Deus na nossa estimação é menos que tudo.

IV

O terceiro favor e mui singular, com que Christo declarou seu amôr a Santa Thereza, foi este. Fallava a Santa com o Senhor tão familiarmente como sabemos. E passando uma vez a conversação do presente ao passado, disse-lhe Thereza: Grande foi, Senhor, o amôr com que Vossa Magestade amou a Magdalena. Estas foram as palavras, debaixo das quaes podéra haver alguma segunda intenção se não fôra Thereza a que as disse. Uma das maiores prerogativas do amôr divino, é ser amôr sem ciume. Quem ama a Deus, deseja que todos o amem, e que elle ame a todos, e por isso é amôr. O humano (a quem falsamente damos este nome) nem admitte companhia no amar, nem vantagem no ser amado, e por isso é amôr pro-

prio, ou mais propriamente inveja. Fallou pois Thereza sem querer fazer comparação de si á Magdalena: mas como se a fizera, e quizera saber de Christo este segredo do seu coração, respondeu o Senhor assim: Thereza, eu amei a Magdalena estando na terra, porém a ti amo-te estando no céu. De sorte, que distinguiu o amôr pelo logar, e a fineza de um pela melhoria de outro.

Se Christo fôra como os outros homens, achára eu muito facil intelligencia a esta sua resposta. Porque o amôr está em tal estado, que sendo affecto do coração, depende mais dos logares, que das vontades: e assim é muito maior fineza amar no céu, que amar na terra. As bemaventuranças são muito desamoraveis, e não ha maior inimigo do amôr que a felicidade. Provavam antigamente isto os prégadores com o exemplo de José nas ingratidões do copeiro de Pharaõ. Mas hoje estão estes desenganos tão provados nas experiencias, que não necessitam de fé, nem de Escripturas. O certo é que toda a fortuna tem jurisdição no amôr: se é adversa, ninguem vos ama; se é prospera, a ninguem amaes. E' tanto assim, que como coisa nova e singular disse S. Paulo de Christo: *Qui descendit ipse est, et qui ascendit:* [1] O Senhor que subiu ao céu, é o mesmo que desceu á terra. Porque os outros homens commummente quando sobem, são uns, quando descem, são outros: por isso ha tantos que trabalhem pelos fazer descer. Pois se Christo no céu e na terra sempre é o mesmo, como dá por razão de differença, ou de vantagem, que á Magdalena amou-a quando estava na terra; porém a Thereza quando está no céu? A razão é porque em Christo, ainda que a mudança do logar não faz differença na vontade, a maioria do estado accrescenta grandes quilates ao amôr. Na mesma Magdalena o temos.

Sendo Christo convidado do Phariseu, entrou a Magdalena por sua casa; lançou-se aos pés do Senhor, ungiu-lh'os, segundo o costume daquelle tempo, com preciosos unguentos, regou-os com especiosas lagrimas, enxugou-os com seus cabellos, regalou-os, e regalou-se com elles, até matar a sêde da sua dôr, e do seu amôr. Outra vez depois, e poucos dias antes

[1] *Ephes.*, IV, 10.

de sua morte, estando o mesmo Christo em Bethania, hospede de Simão, lhe fez a Magdalena similhante regalo, ainda com circumstancias de maior confiança, porque não derramou os unguentos (que eram de mais estimadas especies) sobre os pés do Senhor, senão sobre a cabeça: *Super caput ipsius recumbentis.* [1] E em uma e outra occasião tão fóra esteve a soberana benignidade de Christo de lançar de si a Magdalena, ou de estranhar este genero de obsequio, tão alheio da moderação do seu trato, que publicamente a louvou e a defendeu; a primeira vez contra os pensamentos do Phariseu, e a segunda contra as murmurações dos Discipulos. Sendo tudo isto assim, resuscita o mesmo Senhor, apparece á mesma Magdalena na manhã da Resurreição, e querendo ella respirar da sua tristeza, alegrar as suas lagrimas, consolar as suas saudades, e resuscitar tambem a sua vida com se lançar, e abraçar os sagrados pés, onde sua Alma a tinha recebido; eis que com novidade e estranheza não esperada, o Senhor a aparta de si, e lhe manda que o não toque: *Noli me tangere.* [2] A causa que deu a este retiro (a qual logo ponderaremos) não tira, antes accrescenta a duvida. Pois se Christo antes de sua morte, em que Magdalena o assistiu tão constantemente, admittia e se agradava dos seus obsequios, como agora depois de sua resurreição os não consente, antes lhe manda que se retire? Por ventura merecia agora menos a Magdalena? Claro está que não, antes muito mais, porque o amôr da vida, que costuma acabar com a morte, e enterrar-se com a sepultura, vivo, morto e sepultado, e ainda desapparecido, que é mais, o tinha Christo experimentado nella sempre constante. Pois se o amôr era o mesmo, as finezas mais declaradas, e o merecimento maior; porque lhe nega Christo depois da resurreição o favor que lhe concedia antes da morte? Porque antes da morte, diz S. João Chrysostomo, estava Christo mortal e passivel; depois da resurreição estava já immortal e glorioso: e como este novo estado era tão differente, esta era tambem a differença com que queria ser tratado. O primeiro estado era o da

[1] *Math.*, XXVI, 7.
[2] *Joan.*, XX, 17.

terra, em que veiu a servir; o segundo era já o do céu, em que ia a reinar; e por isso tratava e queria ser tratado da Magdalena, não segundo a familiaridade de quando vivia na terra, senão conforme a magestade com que ia a reinar no céu. O mesmo Christo deu á Magdalena esta razão.

Quando o Senhor lhe disse: *Noli me tangere:* accrescentou: *Nondum enim ascendi ad Patrem: vade autem ad fratres meos, et dic eis: Ascendo ad Patrem meum, et Patrem vestrum.* [1] Quer dizer: Posto que me vês na terra, e ainda não subi ao céu, digo-te, comtudo, que me não toques, porque d'aqui por diante has me de tratar como se já estivera no céu, e não na terra. E assim, vae dizer a meus Discipulos, que subo ao Padre: *Dic eis: Ascendo ad Patrem meum.* Notavel recado em tal dia! O dia era da Resurreição, e o recado é da Ascenção! Parece que o recado havia de ser: Diz a meus Discipulos que resuscitei, que já te appareci, que me viste, que estou vivo: mas que subo ao céu? *Ascendo ad Patrem:* e não que subirei, ou ou hei de subir, senão que já subo: *Ascendo?* Sim. Para que entendessem os Apostolos, que o novo estado a que resuscitára, era muito diverso do passado: e que já o haviam de tratar não como companheiro na terra, senão como Senhor no céu. E isto que mandava dizer aos Apostolos, era o mesmo que respondia á Magdalena, para que do recado que levava, entendesse a razão do que lhe prohibira: e assim o entendeu. Tornou Christo a apparecer á Magdalena, e ás outras Marias no mesmo dia: e que fizeram? *Tenuerunt pedes ejus, et adoraverunt eum:* [2] Lançaram-se aos pés do Senhor, e adoraram-no. Pois se Christo permittiu estes segundos obsequios, em que tambem entrava a Magdalena, porque lhe não consentiu os primeiros? Porque os primeiros eram de amôr e familiaridade, os segundos eram só de respeito e reverencia: aquelles eram abraços, estes eram adorações: *Et adoraverunt eum.* Tanta era a magestade com que o Senhor agora se tratava, e tanta a veneração com que queria ser tratado; não porque não fosse ainda o mesmo, mas porque o seu estado não era já

[1] *Joan.*, XX, 17.
[2] *Math.*, XXVIII, 9.

da terra, senão do céu. E se para não admittir os affectos da Magdalena com as demonstrações de favor e agrado, que d'antes costumava, bastou dizer que já subia ao Padre; vêde se distinguiu e encareceu altamente a preferencia do seu amôr na differença do seu estado, pois amando a Magdalena, e amando a Thereza, á Magdalena diz que a amou quando estava na terra, e a Thereza que a amava estando no céu. Venha terceira vez o Evangelho.

As Virgens nescias não se fizeram nescias naquellas poucas horas em que esperaram a vinda do Esposo. E' verdade que quando lhes disseram que já vinha, bastantes razões tiveram para perder o juizo, pois se viram com as alampadas apagadas na occasião de maior luzimento, e experimentaram tão más correspondencias nas companheiras, de cuja amizade esperavam outros primores. Mas antes de tudo isto, quando foram admittidas para o apparato daquella solemnidade, já então diz o Evangelho que eram nescias: *Quinque autem ex eis erant fatuæ.* Pois se o Esposo, que era Christo, sem embargo deste defeito tão conhecido, as admittiu ao primeiro acto das bodas; porque as excluiu no ultimo? Porque no primeiro estava ainda na terra, onde veiu buscar a Esposa, no ultimo estava já no céu, onde a levou: e como o estado de Christo no céu é tão superior ao que teve na terra; na terra, onde tudo é imperfeito, admittia prudentes e nescias; porém no céu, que é a patria da perfeição, só admittiu as prudentes. Mas que de prudentes a nescias faça Christo tanta differença, quanta vae do céu á terra, bem está; porém de prudente a prudente, e entre duas tão prudentes, como era a Magdalena e Thereza, faça distincção o seu amôr em amar a uma, quando estava na terra, e a outra, quando está no céu? Sim. E tenha paciencia por agora a Magdalena, que não poderá o amôr responder mais em favor de Thereza.

Para conhecimento desta differença, ou desta declarada vantagem, é necessario considerar bem como está Christo no céu, e com quem está. O estado que Christo tem no céu, é tão diverso do que tinha na terra, que quando se partiu para lá, disse assim a seus Discipulos: *Qui credit in me, opera quæ ego facio, et ipse faciet, et majora horum faciet, quia*

ego ad Patrem vado. [1] Vós que crêdes em mim, não só fareis as obras maravilhosas que eu agora faço, senão maiores. E porque? *Quia ego ad Patrem vado:* Porque eu vou para o céu. Pois porque Christo vae para o céu, por isso hão de fazer seus Discipulos maiores milagres do que fazia o mesmo Christo quando estava na terra? Quando Christo estava na terra, seus Discipulos tambem faziam milagres, mas menores dos que o Senhor fazia, e alguns não podiam fazer: qual é logo a razão porque depois de subir ao céu, não só hão de fazer os mesmos milagres que elle fazia, senão maiores? Porque assim convinha ao maior e supremo estado que Christo havia de ter no céu. A grandeza e magestade dos senhores conhece-se pelo poder e auctoridade dos criados. E é tão grande a differença de estado que hei de ter no céu (diz Christo) ao que tinha na terra, que vós e todos aquelles de que eu então me servir, não só hão de fazer o que eu faria, senão maiores obras ainda: para que do seu poder e auctoridade se conheça a grandeza e magestade do Senhor a quem servem. Se elles comparados commigo na terra parecerá que me excedem a mim; eu comparado commigo no céu, quem póde imaginar o que serei? E se tanta é a differença que Christo tem de estado a estado, e ainda de si a si mesmo, só porque está no céu: *Quia ad Patrem vado:* vêde tambem quanto cresce um amôr sobre outro amôr nesta circumstancia, e quanto mais foi amar Christo a Thereza estando no céu, ou a Magdalena quando estava na terra.

Mas não basta só conhecer como Christo está no céu; é necessario tambem considerar com quem está. Christo no céu está assistido e cortejado de todos os bemaventurados. E estes bemaventurados quem são, e qual é a sua grandeza? Nenhum de nós o podia presumir, se o mesmo Christo o não declarára. Naquelle famoso panegyrico que Christo fez de S. João Baptista, diz duas coisas notaveis: a primeira, que o Baptista era o maior dos nascidos: a segunda, que o menor do reino do céu é maior que o Baptista: *Amen dico vobis, non surrexit inter natos mulierum major Joanne Baptista: qui autem minor est in regno cœlo-*

[1] *Joan.*, XIV, 12.

rum, major est illo: [1] Depois que o Baptista fôr ao céu, então será lá maior que muitos; mas em quanto está na terra, o menor do reino do céu é maior que elle. E porque? Porque os do céu (diz S. Jeronymo) vêem a Deus: o Baptista ainda o não vê. Os do céu amam por vista; o Baptista ama por fé: os do céu já venceram, e estão coroados; o Baptista ainda tem que vencer, e está na campanha: *Aliud est coronam victoriæ possidere, aliud adhuc in acie pugnare.* E que estando Christo na terra, onde o maior dos nascidos é menor que o menor do reino do céu, amasse muito a Magdalena, não foi grande fineza; mas que estando no céu, onde o menor daquelle reino é maior que o maior dos nascidos, amasse tanto a Thereza, esta foi aquella grande differença que o mesmo Senhor ponderou, porque só elle a conhecia. A Magdalena, como tão amante e tão amada, estando na terra, mandava-a Christo levar ao céu, para que fosse ouvir as musicas dos Anjos: e Thereza estando na terra amava tanto, e era tão amada, que estando Christo no céu, deixava as musicas dos Anjos para vir conversar com Thereza na terra. Encareça logo Christo o seu amôr pela differença do seu estado, e pela do logar e da companhia, e diga que amou a Magdalena, e amava a Thereza, sim; mas a Magdalena quando estava na terra, a Thereza quando estava no céu.

E se esta circumstancia do amôr accrescenta tanto a fineza, quanto vae do céu á terra; não é menor, senão a mesma a que Christo usa e exercita comnosco no Divinissimo Sacramento. O mesmo Evangelho o diz: *Hic est panis, qui de cœlo descendit:* [2] Este é o pão que desceu do céu. Quando Christo disse estas palavras, nem elle tinha ainda subido ao céu, nem instituido o Sacramento de seu corpo debaixo de especies de pão. Pois se ainda não era pão, nem tinha subido ao céu, como lhe chama pão que desceu do céu: *Qui de cœlo descendit?* E' verdade que o Sacramento, o qual começou a ser pão na Ceia, não era do céu, nem desceu do céu, senão do dia da Ascenção por diante; porque o corpo de Christo, que é a substancia do Sacramento, nunca esteve no céu, se-

[1] *Math.*, XI, 11.
[2] *Joan.*, VI, 33.

não depois daquelle dia: e comtudo, chamou-lhe Christo pão do céu, antes de ser do céu; porque como queria encarecer o muito que nos dava, antecipou a circumstancia, para mais subir de ponto a fineza. Disse o que havia de ser, porque accrescentava muito a substancia do que era a circumstancia do que havia de ser. Havia de ser pão, que por amòr de nós desceu do céu: *Panis, qui de cœlo descendit:* e assim como o mesmo Senhor preferiu o amôr com que amava a Thereza, ao amòr com que amou a Magdalena, pela differença de amar estando no céu, ou estando na terra, assim pondera muito no Sacramento, não tanto a substancia do que dá, quanto a circumstancia do logar d'onde cresce; porque ainda que dar-se Christo a comer, é o *non plus ultra* do amòr, dar-se quando está no céu, e descer do céu para se dar, é muito maior fineza que se estivera na terra.

D'aquì se segue, que devemos e somos mais obrigados a Christo pela continuação do Sacramento, que pela instituição delle: mais pelo modo com que agora se nos dá a nós, que pelo modo com que no principio se deu aos Apostolos; porque no principio deu-se quando estava mortal e passivel; agora dá-se quando está immortal e glorioso: no principio deu-se quando estava na terra, agora dá-se quando está no céu. Assim o entendeu e admirou quem teve sciencia para o conhecer posto que não teve ventura para o gosar, David: *Panem cœli dedit eis, panem Angelorum manducavit homo:* [1] O pão do céu deu-se na terra, e o pão dos Anjos comeram-no os homens. Tres coisas diz aqui o Propheta certas, e uma parece que o não é — ser o Sacramento pão do céu, dar-se na terra, e comerem-no os homens: tudo é certo; mas que esse pão seja dos Anjos; como, ou porque titulo? Ou seria pão dos Anjos, se os Anjos o comessem, mas elles não o comem: ou seria pão dos Anjos, se elles o fizessem e consagrassem, mas esse poder é só dos sacerdotes. Porque diz logo o Propheta, que é pão dos Anjos? Porque as coisas propriamente não são de quem as logra, senão de quem as merece. Se o pão do céu se déra por opposição, e não por graça; por justiça, e não por favor, aos Anjos se havia de dar,

[1] *Psalm.* LXXVII, 24 e 25.

que são do céu, e não a nós, que somos da terra, e somos terra. E que havendo nos Anjos o merecimen- foi Seraſim: nós, devendo chegar á Communhão como Anjos do céu para se dar aos homens na terra? Oh grande amôr! E não sei se diga tambem, grande injustiça. Mas o amôr para ser grande, ha de ter alguma coisa de injusto; porque sendo injusto para quem se nega, é mais fino para quem se dá. Só Santa Thereza fez justa esta fineza, porque sendo mulher, foi Seraſim: nós devendo chegar á Communhão como Anjos, apenas ha algum que o faça como homem: *Panem Angelorum manducavit homo.*

V

O quarto e ultimo favor de Christo que pondero em Santa Thereza, tem ainda muito mais apertadas circumstancias que as passadas. Nos principios em que o soberano Senhor começou a regalar a sua Esposa com apparições tão frequentes, e tão extraordinarias, que tiveram por muito tempo suspensa e duvidosa toda a Igreja, a Santa, como tão prudente e tão humilde, que no seu conceito se reputava pela mais indigna de todas as creaturas, temia que fossem enganos e illusões do demonio, e por conselho e obediencia de seus confessores, que sempre foram os mais doutos e mais espirituaes daquella edade; quando Christo lhe apparecia, ou como resuscitado e glorioso, ou como chagado e coroado de espinhos, ou na mesma fórma e representação com que vivia neste mundo; Thereza não só lhe voltava o rosto com rigor, e signaes de desprezo, mas com a bocca lhe dizia injurias, com as mãos lhe fazia affrontas, e como se fosse o inimigo commum do genero humano, com a cruz e agua benta se defendia daquelle bemdito Senhor, que para nos armar com a mesma cruz, quiz morrer nella: porém o amar do Esposo divino era tão fino e tão constante, que não só soffria estes bem intencionados aggravos, mas por serem feitos por obediencia, os approvava e amava.

Lembra-me a este proposito aquella famosa questão, disputada diante d'El-rei Dario, e referida por Esdras no Liv. 3.º Era a proposta da questão en-

tre sabios do palacio real: qual fosse a mais forte coisa do mundo? Um disse, que o vinho: outro, que o rei: outro que a mulher: e este provou a sua opinião com este exemplo. Eu vi, disse, uma mulher chamada Apemen, amiga de um famosissimo rei, a qual estava assentada á sua mão direita: *Sedentem juxta regem ad derteram.* E esta lhe tirava a corôa da cabeça, e a punha sobre a sua: *Auferentem diadema de capite ejus, et imponentem sibi:* e com a mão esquerda lhe dava bofetadas: *Et palmis cædebat regem de sinistra manu:* e sobre tudo isto, o rei com a bocca aberta estava suspenso, e como arrebatado nella: *Et super hæc aperto ore intuebatur eam.* E se Apemen se lhe mostrava indignada, com novas caricias a procurava reconciliar, e trazer á sua graça: *Nam si indignata ei fuerit, blanditur, donec reconcilietur in gratiam.* Tão rendido tinha o amôr aquelle homem, e tão esquecido de si estava aquelle rei! Mas quem poderá imaginar em Deus similhantes extremos? Grande é, excessivo é, e quasi incrivel, Thereza, o amôr com que rendido vos ama e estima Christo! Tiraes a corôa da cabeça ao Rei dos reis, persuadindo-vos que não é elle o que vêdes: não só a pondes sobre a vossa cabeça, mas mostraes que a pizaes e lançaes aos pés: não só lhe daes de bofetadas, mas com as mãos violentas ou violentadas lhe fazeis injurias de aborrecimento e desprezo: não só vos mostraes ingrata a seus favores, mas offendida e indignada delles: *Et super hæc:* e sobre tudo isto, elle desconhecido não vos desconhece: elle tão indignamente tratado vos torna a buscar; elle continúa, e insiste com novos favores, para que o acabeis de conhecer, e o admittaes em vossa graça. Vamos ao Evangelho.

Não lhe aproveitou ás Virgens mal prevenidas haverem seguido o conselho das prudentes (que era a desculpa em que nestes aggravos innocentes se fundava a consciencia e obediencia de Thereza) não lhe aproveitou (digo) nem lhe valeu ás cinco Virgens aquelle conselho, para que o Esposo lhe não fechasse a porta: *Et clausa est janua.* [1] Vieram comtudo com o descuido emendado, e as alampadas accezas: bateram

[1] *Math.*, XXV, 10.

e chamaram: *Domine, Domine, aperi nobis:* [1] mas como o Senhor lhes respondesse: *Nescio vos:* [2] não vos conheço: não bateram nem chamaram mais. Esta é a minha admiração, e o meu reparo. O mesmo Senhor que mandou fechar a porta a estas Virgens, tinha dito: *Petite, et accipietis: pulsate, et aperietur vobis:* [3] Pedi, e recebereis: batei, e abrir-vos-hão: *Omnis enim qui petit, accipit, et pulsanti aperietur:* Porque todo o que pede, recebe, e a todo o que bate, se abrirá. Pois se o mesmo Senhor tinha mandado e prometido isto: se tinha mandado que pedissem, e que batessem; e tinha prometido, que quem pedisse receberia, e a quem batesse lhe abririam; porque não instam em pedir e bater? Se pediram e bateram uma vez, peçam e batam outra: e se isso não bastar, continuem em pedir, e perseverem em bater muitas vezes, pois tambem sabem que Deus gosta de ser importunado, e que assim o ensinou o mesmo Christo. Qual é logo a razão porque estas mesmas Virgens tão desejosas de entrar, que não perdoaram a diligencias, nem a passadas, nem a despezas, e tudo isto fizeram sem temor, nem reparo, á meia noite, qual é a razão porque agora não insistem, nem perseveram, e se retiram tristes e mudas, sem fallar nem apparecer mais? A razão é porque o Esposo lhes disse: *Nescio vos:* não vos conheço. E tanto que se viram desconhecidas, de tal maneira perderam a confiança, e ainda o primeiro fervor e desejo, que se não atreveram a fallar, nem apparecer mais diante de quem as não conhecia. As desconhecidas no nosso caso, não eram as Virgens, ou a Virgem, senão o mesmo Esposo. Tão desconhecido de Thereza, que não só o não conhecia por quem era; nem só o reputava por fingido e phantastico, senão por outro tão alheio daquella divina figura, quanto é o mesmo demonio, transfigurado em anjo de luz. E que assim desconhecido e tratado como tal, com desprezos, injurias, e aborrecimentos, torne Christo a buscar a Thereza, e não desista de lhe apparecer, para que acabe de se desenganar e o conhecer? Grande e nunca visto amôr!

---

[1] *Math.*, XXV, 11.
[2] *Ibid.*, 12.
[3] *Luc.*, XI, 9 e 10.

As diligencias que Christo fazia para que Thereza, sem escrupulo nem duvida o conhecesse, e os effeitos que experimentava depois destas apparições, eram todos aquelles com que o mesmo Senhor costuma assegurar as almas timoratas, da verdade de sua presença. Porque depois destas vistas tão mal olhadas, crescia no coração de Thereza a humildade e desprezo de si mesma, crescia o aborrecimento do mundo, crescia o zelo da honra de Deus, e todas as outras virtudes solidas, que com as apparições do demonio, como vento secco, e do inferno, costumam enfraquecer e murchar. Mas nenhum destes signaes bastavam para que Thereza, ou os que governavam seu espirito, o déssem por seguro. Quando Christo appareceu á Magdalena em traje de hortelão, bastou que dissesse, Maria, para que ella conhecesse a seu Mestre. Quando o mesmo Senhor appareceu em habito de peregrino aos Discipulos de Emaüs, bastou que partisse diante delles o pão, para que tambem o conhecessem; mas para que suguramente o conhecesse Thereza, nenhuns signaes, nenhumas demonstrações, nenhumas experiencias bastavam: como tambem não bastava este tão continuado desconhecimento, para que o Senhor se retirasse, que tanto o apertava o seu amôr.

Retirae-vos, Senhor; retirae-vos: e eu vos prometto que haveis de acabar mais com o mesmo retiro, que com a presença, e mais com o desapparecer, que com as apparições: porque tanto que vos retirardes, e desapparecerdes, logo se conhecerá que sois vós, e que são verdades seguras, e vossas, as que agora parecem sonhos e illusões. Lembrae-vos de quando mandastes livrar do Carcere Mamertino ao vosso grande successor e amante. Estava alli prezo com duas cadêas, e quatro soldados de guarda, quando entrou o Anjo a libertal-o. Tocou as cadêas, e quebraram-se: tocou o prisioneiro, e accordou: disse-lhe que se vestisse, vestiu-se: disse-lhe que se calçasse, calçou-se: e Pedro que tudo isto viu, e fazia, cuidava que era sonho e illusão. Disse-lhe o Anjo que o seguisse, seguiu-o; passaram a primeira e segunda guarda, e ninguem os impediu: chegaram a uma porta de ferro, e desferrolhou-se: caminharam por dentro e por fóra da cidade, e Pedro ainda crente que nada daquillo era verdade, senão imaginações vãs da phantasia: *Nes-*

ciebat quia verum est, quod fiebat per Angelum: existimabat autem se visum vidère. [1] Eis aqui como muitas vezes, ainda aos maiores santos, as verdades parecem enganos, e as apparições do céu illusões. Mas que fez o Anjo, para que Pedro se desenganasse, e crèsse o que não acabava de crêr? Tirou-se de diante dos seus olhos, e desappareceu: *Discessit Angelus ab eo.* [2] E no mesmo ponto conheceu Pedro que o Anjo verdadeiramente era Anjo, e que elle verdadeiramente tinha sahido do carcere, e estava livre: *Nunc scio verè, quia misit Dominus Angelum suum, et eripuit me.* [3] De sorte, que quando lhe appareceu o Anjo, e em quanto o via, não o conhecia; e tanto que desappareceu, e o não viu, então o conheceu. Este é o remedio, Senhor, para que Thereza vos conheça. Se vos não conhece quando lhe appareceis, desapparecei, e conhecer-vos-ha. Mas este mesmo conselho, que vós sabeis melhor, muito temo que o não ha de tomar vosso amòr, posto que sinta quanto deve vèr-se tão desconhecido.

Cançados de luctar a maior parte da noite contra uma grande tempestade na pequena barca de S. Pedro, elle e os outros Discipulos, e já desesperados de remedio, foi o Divino Mestre desde a praia a soccorrel-os, caminhando sobre as ondas. O perigo, a escuridade, e os passos daquella portentosa figura, que cada vez se ia chegando mais para elles, sobre o temor e perturbação em que estavam, lh'a accrescentou de maneira, que não conhecendo quem era, se persuadiram ser algum phantasma: *Ut viderunt eum ambulantem supra mare, putaverunt phantasma esse.* [4] O Syro lê: *Visum mendax:* visão enganosa: e os Expositores: *Illusionem diabolicam:* illusão do demonio: que é o mesmo que succedia a Santa Thereza com as suas visões, ou a Christo com ellas. Mas o que fez o Senhor neste passo? Diz o Evangelista que queria deixar os Discipulos: *Volebat præterire eos.* [5] Pois se os ia soccorrer, e por um modo tão extraor-

[1] *Act.*, XII, 9.
[2] *Ibid.*, 10.
[3] *Ibid.*, 11.
[4] *Marc.*, VI, 49.
[5] *Ibid.*, 48.

dinario e milagroso; porque os quer deixar? Porque assim o dictava a razão vendo-se a si mesmo reputado por phantasma, a sua visão por enganosa, e a sua presença verdadeira, por illusão diabolica. Mas como naquella barca fluctuava o seu cuidado, e perigava o seu amôr; em fim, os soccorreu, e foi conhecido. Oh Jesus! Oh Thereza! Muito era que fizesse Christo tanto por Thereza, como por Pedro e João, e por todo o Apostolado junto: mas sem comparação fez muito mais. Não uma só vez foi reputado por phantasma; nem um só dia, senão annos inteiros: andava o seu amôr por tribunaes: as suas visões e apparições, ou reprovadas totalmente, ou tidas por suspeitosas, e elle não só desconhecido, mas injuriado; porém a sua vontade sempre tão firme e constante, que nunca se pôde dizer della: *Volebat præterire*. Desconhecido tornava a buscar a Thereza, injuriado lhe fazia novos favores; e nenhum conceito do mundo, ou descredito seu, ou perseguição de ambos, pôde fazer jámais que a deixasse.

E quem não vê neste prodigioso retrato, a verdade, a firmeza, a paciencia, e a invencivel perseverança do amôr de Christo para comnosco naquelle sacrosanto mysterio? Nós o crêmos, nós o adoramos: nós daremos o sangue e a vida pela confissão e defeza de que naquella Hostia consagrada, posto que invisivel a nossos olhos, está e estará até o fim do mundo toda a magestade do Filho de Deus, humana e divina, inteira, real, e verdadeiramente como á dextra do Padre. Mas quantos hereges houve e ha, que a tudo isto que a Catholica Igreja crê e ensina, chamam blasphemamente phantasmas? Dizem (tão ignorantes são, e tão estolidos) que quando Christo disse: *Hoc est corpus meum:* Este é meu corpo: não quiz dizer, nem significar o que as palavras significam: dizem que não ha alli outra coisa senão o que se vê, pão e não Christo: dizem que tudo o que as Catholicos crêmos, são chimeras, illusões, e enganos. E sem embargo desta incredulidade, desta perfidia, destas blasphemias, e das outras injurias maiores, com que do entendimento cego passam ás mãos sacrilegas, foi tão immensa a benignidade do divino Amôr, que antevendo-as se deixou comnosco, e é tão constante o mesmo amôr que, experimentando-as, as soffre, e não se aparta de nós.

Quando Christo naquellas palavras que só nos restam por ponderar do Evangelho: *Non sicut manducaverunt patres vestri Manna, et mortui sunt:* [1] ensinou a differença infinita que ha do Manná ao divino Sacramento: foi porque o povo cego antepunha o Manná ao pão do céu, que o Senhor lhe promettia, e Moysés ao mesmo Christo. E quando lhes disse, que se não comessem a sua carne e bebessem o seu sangue, não haviam de ter vida: *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis,* [2] não só o povo senão muitos dos Discipulos do mesmo Christo se sahiram da sua escóla, e lhe voltaram as costas, dizendo, que taes coisas como aquellas não se podiam ouvir, quanto mais crêr. De sorte que a fé do Sacramento não só nasceu, mas foi concebida em tal signo de contradição, *In signum, cui contradicetur,* [3] que antes de ser instituido o Sacramento, já era negado: antes de ser dado, já era perseguido, e só por ser promettido, era blasphemado. Pois, Senhor, se assim é já agora, e estas mesmas experiencias mostram o que será depois: se estes homens, tão cegos, tão ingratos e tão indignos, e a mercê que lhe quereis fazer, excede tanto não só o seu desmerecimnto, senão a sua capacidade, deixae de instituir este novo mysterio, pois para a redempção do mundo basta o da Cruz: e já que os homens são taes, que vos deixam, porque vos quereis deixar com elles, não vos deixeis, para que vos não deixem. Assim havia de ser, se o amôr de Christo para comnosco no Sacramento não fôra tão fino e constante, como foi para com Thereza fóra do Sacramento.

Em quanto a verdade das visões de Santa Thereza esteve tão duvidosa, o mesmo Christo, que lhe apparecia, era elle na realidade, e não era elle na opinião: em quanto elle (que verdadeiramente era) era amado, era estimado, era adorado: em quanto não elle (que falsamente não era) era aborrecido, era desprezado, era injuriado: e todo este amôr e aborrecimento, todas estas estimações e desprezos, todas estas adorações e injurias exercitava no mesmo tempo

[1] *Joan.*, IV, 59.
[2] *Ibid.*, 54.
[3] *Luc.*, II, 34.

a mesma Thereza, sendo uma só. Bem assim como o mundo sendo composto de muitos, uns fieis, outros infieis; uns catholicos, outros hereges; uns bons christãos, outros máus; uns crêem a Christo no Sacramento, outros o negam: uns o adoram, outros o desprezam: uns o veneram com obsequios, outros o offendem com injurias; mas assim como Jacob pelo amôr que tinha a Rachel, soffria os desagrados de Lia, e muito mais os aggravos de Labão, e esta era a maior fineza daquelle forte e constante amôr, assim a maior fineza de Christo no Sacramento foi expôr-se ás affrontas e injurias dos que o offendem, por não faltar á communicação dos que o amam, e estar sempre com elles.

VI

Mas que desquite podem ter estes aggravos, estas offensas, estas injurias na justa dôr daquellas almas devotas e pias, que as sentem e choram mais que proprias, por serem daquelle Senhor seu, a quem mais que a si mesmas amam? Este foi o bem inventado desempenho, e o religiosissimo fim da solemnidade presente, restituindo-se a esta Igreja o roubo commettido em outra, e vingando-se com repetidos obsequios de todos os mezes o aggravo daquelle dia: para que o mesmo Christo sacramentado, por um sacrilegio receba muitos sacrificios, por uma injuria muitas adorações, e por um acto escondido da infidelidade, muitas protestações publicas da fé, e novas exaltações della. Quando a Magdalena entendeu que lhe tinham roubado do Sepulchro o sagrado corpo, dizia: *Tulerunt Dominum meum, et nescio ubi posuerunt eum.* [1] Levaram-me o meu Senhor, e não sei onde o puzeram. Entre estas ancias appareceu o disfarçado hortelão, e disse-lhe: *Si tu sustulisti eum, dicito mihi, et ego eum tollam:* [2] Se tu acaso és o que o levaste, dize-me onde o puzeste, porque eu o levantarei desse logar. Bem está Magdalena. Mas se

[1] *Joan.*, XX, 13.
Ibid., 15.

vós vos queixaes de não saber onde puzeram vosso Senhor, dizei-nos tambem onde o haveis de pôr, se o achardes. Só disse que o havia de levantar, mas não disse onde o havia de pôr, porque esse pensamento ficou reservado para as imitadoras do seu amôr. Levantaram o Senhor áquelle soberano throno, e alli o teem posto e exposto, para que a nossa fé publicamente o confesse e adore, e os nossos corações prostrados diante de seu divino acatamento sejam a detestação e desquite daquella abominada injuria.

De todas as que material e involuntariamente fazia a Christo Santa Thereza, era o desquite o seu coração; e assim o fazem todos os corações desta Santa Congregação, tão devota como bem entendida, trazendo sobre o peito uma custodia, e ao pé della um S, e um cravo, em signal de perpetua escravidão daquelle offendido e adorado Senhor. Parece que fallava o mesmo Senhor como em prophecia destes corações e desta casa, quando disse a Santa Thereza o que agora direi. Mandávam seus Prelados á Santa, que fosse ser Prioressa do convento da Encarnação de Avila, e ella, como tão humilde, escuzava-se. Neste mesmo tempo andava requerendo Thereza com Christo, não sei que mercê para um seu irmão, e como o Senhor tardasse com o despacho, era tanta a confiança entre os dois, que não duvidou a Santa de se queixar amorosamente, deste que parecia descuido, e comparando-o com o seu cuidado, lhe disse assim: Por certo, Senhor, que se vós tivereis um irmão, pelo qual me pedireis alguma coisa, a não dilataria eu, se podesse. Não, Thereza (respondeu Christo). Pois os corações das Religiosas da Encarnação são meus irmãos, e pedem-te que vás para elles, porque hão mister a tua presença, e tu não queres. Assim arguiu e respondeu o Senhor a uma queixa com outra, e nella descobriu que havia naquella casa uma irmandade de corações, em que elle tambem era irmão. E se aos corações das Religiosas da Encarnação de Avila chama Christo irmãos seus, com quanta razão podemos nós dar este mesmo nome ás Religiosas da Encarnação de Lisboa, pela veneração do Santissimo Sacramento, e daquella sagrada Custodia, de que são perpetuos sacrarios. Resuscitado o Senhor, disse ás Marias, que levassem as novas aos Apostolos, e as pa-

lavras foram estas: *Ite, nuntiate fratribus meis:* [1] Ide, e dizei a meus irmãos. Irmãos, Senhor? E porque parentesco? Amigos dissestes vós que lhes haveis de chamar, e não servos, porque lhes revellaveis vossos segredos; mas irmãos porque? E se nunca lhes destes este titulo, porque lh'o daes agora? Excellentemente S. João Chrysostomo: *Vester ego frater esse volui: ego communicavi carnem propter vos, et sanguinem, et per quæ vobis conjunctus, ea rursus vobis exhibui.* Chama Christo irmãos aos Apostolos no dia da Resurreição, porque a ultima vez que tinha estado com elles, foi na Ceia, em que se lhes deu sacramentado, e pela communicação da sua carne e do seu sangue contrahiram o parentesco e a irmandade. Para haver verdadeira irmandade, ha de ser reciproca. E isto fez Christo na Encarnação e no Sacramento, diz Chrysostomo: pela Encarnação, tomando Christo a nossa carne e o nosso sangue, fez-se irmão nosso; e pelo Sacramento, dando-nos a mesma carne e o mesmo sangue, fez-nos irmãos seus: *Frater vester esse volui:* eis ahi a irmandade: *Communicavi propter vos carnem, et sanguinem:* eis ahi a Encarnação: *Per quæ vobis conjunctus, ea rursus vobis exhibui:* eis ahi o Sacramento.

Mas são tão religiosamente humildes estes corações de irmãos de Christo, que podendo-se gloriar do nome de irmãos, se chamam e professam escravos, trocando os titulos do parentesco pelas insignias da escravidão, com o *S* e o *cravo* sobre o peito. Quando Christo se desposou visivelmente com Santa Thereza, deu-lhe por prendas de seu amôr um cravo da sua cruz. Pois, Senhor, um cravo, que é signal e como ferrete de escravo, daes vós a Thereza, quando a levantaes á dignidade soberana de Esposa vossa? Sim: porque ainda que pelos desposorios contrahia Thereza com Christo o mais alto e mais intimo parentesco que póde ser; sabia o Senhor dos primores da sua alma, como de todas as que fielmente o veneram e amam, que a mesma dignidade, a que as levanta de esposas, as captiva, e imprime nellas o caracter de escravas. Emfim este é o espirito da Encarnação. No dia da Encarnação do Verbo, quando o Anjo a an-

[1] *Math*, XXVIII, 10.

nunciou á cheia de graça, que havia de ser Mãe de Deus, a Senhora respondeu: *Ecce ancilla Domini:* [1] Aqui está a escrava do Senhor. Davam-lhe a dignidade de Mãe, e tomou o nome de escrava: e porque se teve por mais digna de ser escrava, que Mãe, esmaltou com o caracter da escravidão a corôa da dignidade.

Ora, Senhor, já que nos corações destas escravas achastes uns espiritos tão conformes ao daquellas entranhas purissimas, de quem recebestes essa mesma carne e sangue, em que vos daes por sustento de nossas almas, ajuntando o mysterio altissimo da Encarnação com o Divinissimo Sacramento: para que nesse immenso amôr se accenda a nossa caridade, e no preço infinito desse penhor se confirme a nossa esperança, augmentae, como mysterio da fé, a fé viva dos fervorosos catholicos, resuscitae a fé morta dos indevotos e tibios, e infundi o conhecimento da mesma fé na perfidia e obstinação dos hereges, para que todos vos cream, confessem e adorem, como nós por mercê vossa crêmos e confessamos, e prostrados diante desse throno de vossa suprema magestade com profundissima reverencia adoramos. E pois estes generosos corações são tão animosos, que encerrados por vosso amôr dentro destas paredes, se poem em campo em defeza de vossa fé, e desaggravo de vossas injurias, e dellas souberam tirar tão multiplicadas glorias a vosso santissimo Nome na terra; considerem os mesmos corações (pois eu o não posso declarar) quão condignos serão os premios desta fineza, que vossa divina liberalidade lhes tem apparelhados no céu.

[1] *Luc.*, I, 38.

SERMÃO

DE

SANTA THEREZA *

Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes. [1]

I

E quantas vezes os que pareceram acasos, foram conselhos altissimos da Providencia Divina! Acaso parece que estava Christo encostado sobre o poço de Sichar; e era conselho da Providencia Divina, porque havia de chegar alli uma mulher (a Samaritana) que se havia de converter. Acaso parece que entrava Christo pela cidade de Naim; e era conselho da Providencia Divina; porque havia de sahir d'alli um moço defunto, que havia de resuscitar. Acaso parece que passeava Christo pelas praias do mar de Galilêa; e era conselho da Providencia Divina, porque havia de chamar d'alli a dois pescadores, que, deixadas as redes e o mundo, o haviam de seguir. Parece-me, Senhores, que me tenho explicado. Acaso e bem acaso, aportei ás praias desta ilha: acaso e bem acaso entrei pelas portas desta cidade: acaso e bem acaso me vejo hoje neste pulpito, que é verdadeiramente o poço de Sichar, onde se bebem as aguas da verdadeira doutrina. E quem me disse a mim, nem a vós, se debaixo destes acasos se occulta algum grande conselho

* Foi prégado este Sermão no Collegio da Companhia de Jesus, na ilha de S. Miguel, havendo escapado Vieira d'um terrivel naufragio e aportado áquella ilha. E' um sermão panegyrico dos mais eloquentes prégados pelo grande orador.

[1] *Math.*, XXV.

da Providencia Divina? Quem nos disse, se haverá nesta Naïn algum mancebo morto no seu peccado, que por este meio haja de resuscitar? Quem nos disse, se haverá nesta Samaria alguma mulher de vida perdida, que por este meio se haja de converter? Quem nos disse, se haverá nesta Galilèa algum Pedro, ou algum André, engolfados no mar deste mundo, que por este meio hajam de deixar as redes e os enredos? Bem vejo que a força dos ventos e a violencia das tempestades foi a que me trouxe a estas ilhas, ou me lançou e arremessou nellas. Mas quem póde tolher ao Auctor da graça e da natureza, que obre os effeitos de uma pelos instrumentos da outra; e que com os mesmos ventos e tempestades faça naufragar os remedios para soccorrer os perigos? Obrigado da tempestade e do naufragio chegou S. Paulo á ilha de Malta, e do que alli então prégou o Apostolo tiveram principio aquellas religiosas luzes, com que hoje se allumia, e se defende a Igreja. Bem conheço quão fallo estou da eloquencia, e muito mais do espirito de S. Paulo; mas na occasião e nas circumstancias presentes, ninguem me poderá negar uma grande parte de prégador, que é chegar a esta ilha vomitado das ondas.

Uma das coisas mais admiraveis, ou a mais admiravel de todas as que se lèem em materia de prégação, é o grande e universal fructo que fez a do Propheta Jonas em Ninive. As maldades da cidade eram as mais enormes; o povo, gentilico e sem fé; o prégador estrangeiro e não conhecido; o sermão brevissimo, desarmado e secco, sem prova de razão nem de Escriptura: e comtudo, que este sermão e este prégador convertesse o rei e a côrte, e a populosissima cidade a uma penitencia tão geral, tão extraordinaria, tão publica? Mas era Jonas um prégador vomitado das ondas. Prégava nelle a tempestade, prégava nelle a baleia, prégava nelle o perigo, prégava nelle o assombro, prégava nelle a mesma morte, de que duas vezes escapára. Por certo que não foi tão grande a tempestade de Jonas, como a em que eu e os companheiros nos vimos. O navio virado no meio do mar, e nós fóra delle pegados ao costado, chamando a gritos pela misericordia de Deus, e de sua Mãe. Não appareceu alli baleia que nos tragasse, mas appareceu (não menos prodigiosamente naquelle ponto) um des-

ses monstros marinhos que andam infestando estes mares: elle nos tragou, e nos vomitou depois em terra. Vomitado assim em terra Jonas, o thema que tomou, foi: *Adhuc quadraginta dies et Ninive subvertetur:* [1] D'aqui a quarenta dias se ha de subverter Ninive. Em terra onde os terramotos são tão continuos e tão horrendos: em terra onde os montes são vivos, e comem e se sustentam de suas proprias entranhas, e estão lançando de si os incendios a rios: em terra onde o fogo é mais poderoso que o mesmo mar Oceano, e levanta no meio delle ilhas, e desfaz ilhas: em terra onde povoações inteiras em um momento se viram arruinadas e subvertidas; que thema mais a proposito que o de Jonas: *Adhuc quadrayinta dies et Ninive subvertetur?* Se Ninive se subvertesse, seria milagre e castigo; mas se se subvertesse (o que Deus não permittirá) esta cidade, podia ser castigo sem ser milagre. Suppostas todas estas circumstancias, mui a proposito vinha o thema ao prégador e ao logar; mas é o dia mui de festa para assumpto tão triste e tão funesto.

Gloriosa Thereza: terra onde vós estaes, e onde a devoção dos moradores tambem vos venera, segura póde estar de ser subvertida. Convertida sim, subvertida não. Por meio de Jonas converteu Deus a Ninive: e era Jonas tão imperfeito naquelle tempo, que desobedecia a Deus, e fugia delle. Mas tanto póde a força da graça! Quando vós, Santa, vivieis na terra, o maior emprego de vossas orações, era encommendar os prégadores a Deus, para que convertessem, e levassem a elle muitas almas, como vós levastes tantas. O' quem merecêra nesta hora um raio da vossa luz, e um assopro do vosso espirito! Não é menor hoje a vossa caridade, nem menos poderosa a vossa valia. Intercedei, gloriosa Virgem, com a Virgem, e Mãe de vosso Esposo, para que me alcance do seu esta graça. Bem sabeis, Santa, que graça é a que eu desejo; não aquella graça que faz soar bem as palavras nos ouvidos; não aquella graça que deleita e suspende os entendimentos, senão aquella graça que accende as vontades; aquella graça que abranda, que rende, que fere, que inflamma os corações. Desta

[1] *Jon.*, III, 4.

graça nos alcançae da Virgem Santissima quanta ella vê que ha mister a dureza de nossas almas e a frieza da minha. *Ave Maria.*

II

Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes. [1]

Com os olhos no céu, com os olhos na terra, e com os olhos no Evangelho determino prégar hoje, que é o modo com que nas festas dos Santos se deve prégar sempre. Deve-se prégar com os olhos no céu, para que vejamos o que havemos de imitar nos Santos: deve-se prégar com os olhos na terra, para que saibamos o que havemos de emendar em nós: e deve-se prégar com os olhos no Evangelho, para que o Evangelho, como luz do céu na terra, nos encaminhe ao que havemos de emendar na terra, e ao que havemos de imitar no céu. O que hoje nos põe diante dos olhos o Evangelho, são dez Virgens, cinco nescias, e cinco prudentes: e isto é o que dizem as palavras que propuz: *Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes.* Mas quando olho (coisa notavel!) quando olho para as Virgens prudentes com os olhos no céu, e quando olho para as nescias com os olhos na terra, vejo-as com os appellidos trocados. As prudentes, vistas com os olhos no céu, parecem-me nescias: e as nescias, vistas com os olhos na terra, parecem-me prudentes. Isto é o que se me affigura hoje, e esta será a materia do sermão — que as prudentes vistas com os olhos no céu, foram nescias; e que as nescias vistas com os olhos na terra, foram prudentes. Mais claro. Que as Virgens prudentes comparadas com Santa Thereza, foram nescias: *Quinque ex eis erant fatuæ:* e que as Virgens nescias comparadas comnosco foram prudentes: *Et quinque prudentes.*

---

[1] *Math.*, XXV, 2.

III

A primeira coisa em que as Virgens prudentes, comparadas com Santa Thereza, foram nescias, é, que as Virgens prudentes dormiram quando tinham obrigação de vigiar; e Santa Thereza vigiou quando tinha segurança para dormir. A obrigação que todas as Virgens tinham de vigiar, declarou Christo no fim do Evangelho, quando disse: *Vigilate, quia nescitis diem, neque horam:* [1] Vigiae, porque não sabeis o dia, nem a hora. Mas poderá alguem replicar, e não sem fundamento, que estas Virgens, ainda que não sabiam a hora, ao menos sabiam o dia, porque foram convidadas para o dia das bodas. Comtudo, é certo que não sabiam, nem o dia, nem a hora: não sabiam a hora em que havia de vir o Esposo, porque havendo muito que esperavam, veiu á meia noite: *Media autem nocte:* [2] e não sabiam o dia; porque quem veiu á meia noite, se viera um pouco antes, vinha em um dia, e se viera um pouco depois, vinha em outro. E como o Esposo veiu á meia noite, em que um dia natural acaba e o outro começa, ainda depois de vir, não se sabe em que dia veiu. Não se sabe se foi no dia d'antes ou no dia de depois; nem se sabe se foi em ambos os dias, ou em nenhum delles, porque o ponto da meia noite é instante, e aquelle instante não é parte de nenhum dos dias, porque não é tempo: sendo pois assim que as Virgens não sabiam o dia, nem a hora; que comtudo se descuidassem, e adormecessem todas, nescias e prudentes. *Dormitaverunt omnes, et dormierunt:* [3] não ha duvida que foi grande fraqueza: nas nescias foi ser o que eram, nas prudentes foi serem nescias. No mesmo Evangelho o temos.

Diz o Evangelho que sahiram dez Virgens a receber o Esposo; e que tardando o Esposo, adormeceram todas. Mas notae: quando diz que sahiram, faz distinção de umas a outras, e diz que umas eram nescias e outras prudentes: *Quinque autem ex eis*

---

[1] *Math.*, XXV, 13.
[2] *Ibid.*, 6.
[3] *Ibid.*, 5.

erant fatuæ, et quinque prudentes: quando porém diz que adormeceram, e dormiram, não faz distinção alguma: de todas falla pela mesma linguagem: *Dormitaverunt omnes, et dormierunt.* Pois se o Evangelho faz distinção de prudentes e nescias, quando sahiram; porque não faz a mesma distinção de prudentes a nescias, quando dormiram? Porque quando sahiram, foram differentes no cuidado; e quando dormiram, foram eguaes no descuido: quando sahiram, foram differentes no cuidado, porque cinco levaram oleo nas redomas, e cinco não: quando dormiram, foram eguaes no descuido, porque umas cinco, e outras cinco, nenhuma resistiu ao somno, todas dormiram. E como ao sahir, cinco foram cuidadosas, e cinco descuidadas; por isso falla dellas com distinção o Evangelista, e a cinco chama nescias, e a cinco prudentes: porém no dormir, como todas foram descuidadas, e nenhuma houve que vigiasse, por isso falla de todas sem distinção, porque não houve entre ellas nescias e prudentes, todas foram nescias.

Todas as dez Virgens foram nescias neste caso, se bem as prudentes menos nescias que as nescias, porque as nescias dormiram sem desculpa; as prudentes podiam dizer, que quem está prevenido não dorme. Nas nescias tudo dormia, nas prudentes dormiam os olhos, mas vigiavam as redomas. Em fim, as Virgens prudentes, comparadas com as nescias, foram prudentes, porque tiveram mais prevenção; mas comparadas com Santa Thereza, foram nescias. Porque? Porque ellas dormiram, tendo obrigação de vigiar, pois não sabiam o dia, nem a hora: e Santa Thereza vigiou, tendo segurança para dormir; porque sabia o dia e a hora, e ainda mais.

IV

Um dos maiores favores que Santa Thereza recebeu de Deus, e em que excedeu a todos ou quasi todos os Santos, foram dois secretos que o mesmo Senhor lhe revelou, ocultos a todos os homens: o primeiro, quando havia de morrer: o segundo, que se havia de salvar. Alguns Santos tiveram revelação de sua morte, Santa Thereza teve-a de sua morte, e de

sua predestinação. Por isso digo, que Santa Thereza vigiou sabendo mais que o dia, e mais que a hora: soube o dia e a hora, porque soube quando havia de morrer, e soube mais que o dia, e mais que a hora, porque soube tambem que morrendo se havia de salvar. E que sobre estas duas sciencias, sobre a sciencia e certeza de quando havia de morrer; e sobre a sciencia e certeza de que se havia de salvar, vigiasse comtudo Santa Thereza, sem adormecer, nem se descuidar um momento, antes fazendo uma vida tão rigorosa, e tão maravilhosa! Esta é a maior maravilha de toda a sua.

Todos os homens neste mundo vivemos com duas ignorancias; a primeira, da morte, a segunda, da predestinação. Todos sabemos que havemos de morrer, mas ninguem sabe o *quando*. Todos sabemos que nos havemos de salvar, ou condemnar; mas ninguem sabe qual destas duas ha de ser. E porque ordenou Deus que a morte fosse incerta, e a predestinação duvidosa? Não pudéra Deus fazer que soubessemos todos quando haviamos de morrer, e se eramos ou não predestinados? Claro está que sim: mas ordenou com summa providencia, que estivessemos sempre incertos da morte, e duvidosos da predestinação; para que a morte nos suspendesse sempre o temor com a incerteza, e a predestinação nos sustentasse a perseverança com a duvida. Se os homens souberam quanto haviam de viver, e quando haviam de morrer; que seria dos homens? Se eu sabendo que posso morrer hoje, me atrevo a offender a Deus hoje; quem soubesse que havia de viver quarenta annos, como não offenderia confiadamente a Deus, ao menos os trinta e nove? Por esta causa ordenou Deus que a morte fosse incerta: e pela mesma, que a predestinação fosse duvidosa. Se os homens soubessem que eram precitos, como desesperados haviam-se de precipitar mais nas maldades: se soubessem que eram predestinados, como seguros, haviam-se de descuidar na virtude: pois para que os máus sejam menos máus, e os bons perseverem em ser bons, nem os máus saibam que são precitos, nem os bons saibam que são predestinados. Não saibam os máus que são precitos, para que não se despenhem como desesperados; nem saibam os bons que são predestinados, para que se não descuidem como seguros. De maneira, que estas duas igno-

rancias, a ignorancia da morte, e a ignorancia da predestinação, são as bases do temor da morte, e do temor do inferno, e estes dois temores, as duas mais fortes columnas, sobre que todo o edificio da vida christã se sustenta, para que os homens não vivessem como nescios, mas obrassem como prudentes. Porém a Santa Thereza tratou-a Deus com tal excepção, e fez da lealdade do seu amôr tão differente confiança, que em logar destas duas ignorancias, lhe deu as duas sciencias contrarias: a sciencia de quando havia de morrer, e a sciencia de que se havia de salvar; porque sabia que nem a sciencia e certeza da hora da morte, lhe havia de diminuir a vigilancia, nem a sciencia e segurança da salvação lhe havia de entibiar o cuidado. Saiba Thereza quando ha de morrer, e saiba que se ha de salvar, para que obrando sobre estas duas sciencias, saiba tambem o mundo quão fielmente me ama.

Tendo o Evangelista S. João escripto as acções da vida de Christo, e passando a escrever as da sua morte e vesperas della, diz assim: *Ante diem festum Paschæ, sciens Jesus quia venit hora ejus.* [1] Antes do dia da Paschoa, sabendo Jesus que era chegada a hora de sua morte: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos:* como tivesse amado aos seus em todo o tempo da vida, neste fim os amou mais. Vae por diante o Evangelista: *Sciens quia à Deo exivit, et ad Deum vadit.* [2] E sabendo mais que ia para o céu, e para Deus, assim como de lá tinha vindo: *Ponit vestimenta, et cæpite lavare pedes Discipulorum.* [3] Tirou o Senhor os vestidos, e pondo-se em trajos de servo, começou a lavar os pés aos Discipulos. E assim vae continuando tudo o que o Senhor obrou naquellas horas ultimas e tão cheias. De modo que antes de S. João descrever as ultimas e maiores acções de Christo, o reparo que fez, e o prologo de que usou, foi advertir e ponderar, que tudo fizera o Senhor com duas sciencias particulares: com sciencia da hora de sua morte: *Sciens quia venit hora ejus:* e com sciencia de que ia para o céu: *Sciens*

---

[1] *João.*, XIII, 1.
[2] *Ibid.*, 3.
[3] *Ibid.*, 4 e 5.

quia ad Deum vadit. Mas com que fundamento, e com que energia pondéra o Evangelista neste passo, que obrava Christo com estas duas sciencias? Para sabermos que Christo, em quanto Deus, e em quanto homem, tinha sciencia de todas as coisas presentes, e de todas as futuras, não era necessario que o Evangelista nol-o advertisse. Pois porque nota e pondera tanto neste passo, que tinha Christo sciencia do dia e da hora da sua morte, e sciencia de que ia e havia de ir ao céu? A razão foi porque Christo Senhor nosso, viveu com tanta cautela e vigilancia em toda a sua vida, como se não tivera conhecimento da hora de sua morte: e preparou-se com tantas diligencias, e tão grandes e heroicas obras para a morte, como se não tivera conhecimento nem certeza de sua salvação. E que tendo Christo sciencia e certeza da salvação: *Sciens quia ad Deum vadit*, fizesse tantas diligencias para a morte; e que tendo sciencia e certeza do dia e da hora da morte: *Sciens quia venit hora ejus:* se portasse com tanta cautela e vigilancia na vida? Foram umas circumstancias de virtude e exemplo tão relevantes estas, ainda na vida e na morte do mesmo Christo, que quiz elle que as advertisse e ponderasse o Evangelista, e que nós reparassemos muito nellas: *Sciens quia venit hora ejus: In finem dilexit eos: Sciens quia ad Deum vadit, ponit vestimenta sua.*

Ah, prudentissima virgem Thereza, que com este dobrado *sciens*, com estas mesmas duas sciencias fizestes nescias as que o Evangelho canonisa de prudentes! *Vigilate, quia nescitis diem, neque horam.* [1] Ellas não sabendo o dia, nem a hora, dormiram: vós sabendo mais que o dia, e mais que a hora, vigiastes. As duas sciencias que Christo tinha por natureza e por graça, tinha Santa Thereza por revelação. Sabia por revelação o dia e a hora de sua morte: *Sciens quia venit hora ejus:* sabia por revelação, que se havia de salvar e gosar de Deus: *Sciens quia ad Deum vadit;* e vivia com tanta vigilancia sobre suas acções, como se o não soubera, antes receara muito o contrario. Sabia que lhe havia de durar ainda a vida muitos annos, e vivia com tanta cautela, como se temêra morrer naquelle dia. Sabia que era predesti-

[1] *Math.*, XXV, 13.

nada, e que se havia de salvar, e preparava-se com tão extraordinarias obras para a morte, como se duvidára muito de sua salvação. Em fim, obraram em Thereza estas duas sciencias, o que não chegam a obrar em nenhum homem aquellas duas ignorancias; não tendo a Esposa de Christo outro parallelo das finezas de seu amôr neste caso, mais que as do proprio Esposo.

Se Christo não fôra um homem como nós, e não soubera quanto lhe havia de durar a vida, nem se havia de ir ao céu depois da morte; que na vida fizesse o que fez, e antes da morte se dispuzesse como se dispoz, menos admiração fôra: mas que tendo os annos e dias da vida sabidos, e o céu certo e seguro; que desde o principio da vida se dedicasse a taes extremos de pobreza, de humildade, de sujeição, de perseguições, de trabalhos; e que antes da morte (com maior e mais estupendo exemplo) dispa os vestidos, lave os pés aos Discipulos, ore com tanta efficacia no Horto, emmudeça ás injurias, soffra açoites e espinhos, peça perdão pelos inimigos, e encommende a sua alma nas mãos do Padre com vozes e com lagrimas! Grande circumstancia, e de grande valor e admiração nas obras de Christo.

Vêde agora se será tambem grande nas de Thereza. Que comece Thereza desde menina, juntamente com o uso da razão o uso da penitencia e das virtudes; e que sabendo quando ha de morrer, e que lhe restam muitos annos de vida, não affrouxe um momento antes accrescente rigores?! Que comece Thereza a fazer por sua salvação o mais que fizeram os maiores Santos; e que sabendo de certo que é predestinada, que se ha de salvar, se ponha a retractar suas acções na melhor e maior edade da vida pelas que Christo obrou nas vesperas da morte! Que tendo o céu seguro, despisse os vestidos, não do mundo, mas de Religião moderada, e descalçasse os pés, e se vestisse das primitivas asperezas de Elias? Que tendo o céu seguro, se retirasse totalmente do trato humano, e gastasse, não uma, não duas e tres horas, senão toda a vida em oração e união com Deus tão alta? Que tendo o céu seguro, se disciplinasse com cadêas de ferro, e dos espinhos de que seu Esposo formou a corôa, tecesse ella cilicios? Que tendo o céu seguro não fallasse, nem respondesse uma pa-

lavra contra os que tão gravemente a infamaram e perseguiram? Que tendo o céu seguro, não só perdoasse a seus inimigos; mas orasse efficazmente por elles a Deus, e lhes alcançasse mercês? E que tendo o céu seguro, chorasse os peccados que não tinha, como se fosse a maior peccadora!

Atéqui, Thereza, as imitações de vosso Esposo. Não sei se passe d'aqui; mas quero passar, pois elle quiz que vós passasseis. Que tenha Thereza o céu seguro, e que quando mais a apertavam as dôres terriveis de suas enfermidades, pedisse a Deus lh'as dilatasse até o fim do mundo? Que tenha Thereza o céu seguro, e que viva com tanto escrupulo e delicadeza de consciencia, que não commettesse nem um peccado venial, com advertencia? Que tenha Thereza o céu seguro, e que diga a Deus: *Aut pati, aut mori:* Senhor, ou padecer, ou morrer; estimando mais a vida com tormentos, que a mesma gloria a que havia de subir morrendo? Finalmente, que tenha Thereza o céu seguro, e que se vá livremente a padecer as penas do inferno em vida, porque as não havia de padecer depois da morte? Esta circumstancia é, gloriosa Thereza, a que faz singulares vosas victorias, ainda aquellas em que outros Santos se pareceram comvosco. Elles obraram, e vós obrastes: mas elles, como nós, incertos da morte; vós, como Christo, com certeza da vida: elles, como nós, com o céu duvidoso; vós, como Christo, com o céu seguro: elles, como nós, entre o temor da morte, e do inferno; vós, como Christo, livre e superior a todos os temores.

V

Toda a santidade, e toda a virtude deste mundo bem considerada, é temor. A maior e mais qualificada façanha que neste mundo se fez por Deus, foi a de Abrahão. Leva Abrahão seu filho Isaac ao monte, ata-o sobre a lenha do sacrificio, tira pela espada para lhe cortar a cabeça: manda-lhe Deus suspender o golpe, e diz-lhe estas palavras: *Nunc cognovi quòd times Deum:* [1] Agora conheço, Abrahão, que temes a

[1] *Genes.*, XXII, 12.

Deus. Que temes a Deus? Pois como assim? Quando Abrahão, por amôr de Deus, sacrifica seu proprio filho: quando Abrahão, por amôr de Deus, corta as esperanças de sua casa: quando Abrahão, por amôr de Deus, mata a seu mesmo amôr, parece que então havia de dizer Deus, agora, Abrahão, conheci que me amas: mas agora conheci que me temes? Sim; porque bem considerada aquella façanha de Abrahão, e vista por dentro, como Deus a via, teve mais de temor, que de amôr. Bem via Abrahão, que matar a Isaac, era matar-se a si mesmo; mas via tambem, que se o não matava, desobedecia; que se desobedecia, offendia a Deus; que se offendia a Deus, condemnava-se: e este temor de se não condemnar o pae, foi o que poz a espada na garganta ao filho. Quando o pae e o filho iam caminhando para o sacrificio, diz o Texto que levava Abrahão em uma mão a espada, e na outra o fogo: *Ipse verò portabat in manibus ignem, et gladium.* [1] O' que bons dois espelhos para aquella occasião! Na mão da espada ia a morte do filho; na mão do fogo ia o inferno do pae. Se obedeces, has de matar; se desobedeces, has de arder. O amôr via-se ao espelho da espada, o temor via-se ao espelho do fogo. E' possivel, pae, dizia o amôr, que has de matar o teu filho unico e amado? E que a vida e o sangue que lhe déste, o has de derramar com tuas proprias mãos? Não ha de ser assim: viva Isaac: e cáia rendido o braço da espada. Mas se não morre Isaac, replicava o temor, se Isaac se não abraza neste fogo, ha de ir Abrahão por desobediente arder no inferno. Ou arder Abrahão, ou morrer Isaac. O' cruel dilemma para um pae! Mas passar a espada pela garganta de Isaac, é um momento, instava o temor, e arder Abrahão no inferno, é uma eternidade: pois padeça um instante o filho, para que não pene eternamente o pae. Torne-se a levantar o braço da espada; e já ia descarregando resolutamente o golpe; mas acudiu Deus. E como toda esta resolução de tirar Abrahão a vida a seu filho, foi por temor de não offender a Deus, e se condemnar; por isso Deus não disse: Agora conheci, Abrahão, que me amas; senão, agora conheci que me temes: *Nunc cognovi quòd timeas Deum.*

---

[1] *Gen.*, XXII, 6.

Tal foi o sacrificio celebradissimo de Abrahão, e taes são ordinariamente quasi todos os sacrificios dos homens, ainda os mais celebrados: chegadas ao exame dos olhos de Deus, as maiores finezas vêem a ser temor. Não assim os sacrificios de Thereza. Como sabia de certo que era predestinada, como estava segura que se não havia de condemnar, era santa sem temor de Deus. E que não temendo a Deus, ou não tendo que temer em Deus, fosse tão timorata, que nem um peccado venial commettesse com advertencia: e que não temendo a Deus, ou não tendo que temer em Deus, fosse tão temente a Deus, que lhe pedisse por muitas vezes, antes o inferno, que offendel-o? Este foi o subir mais alto da perfeição, este foi o adelgaçar mais fino do amôr de Thereza.

Os outros grandes amadores de Deus, amam a Deus com todos seus attributos: Santa Thereza amou a Deus com um attributo menos. Revelando Deus a Santa Thereza que era predestinada, e que se havia de salvar, ficou Deus para com Thereza como se não tivera justiça; porque supposto o decreto da predestinação, nem a Justiça Divina a havia de condemnar, nem podia. E amar a Deus com o attributo da justiça menos, é o mais a que podia chegar a fineza e a fidalguia do amôr. Por todos seus attributos deve Deus ser amado. Deve ser amado por sua omnipotencia, porque nos creou; e por sua bondade, porque nos remiu; deve ser amado por sua sabedoria, porque nos governa, e por sua providencia, porque nos sustenta; deve ser amado por sua liberalidade, porque nos ha de premiar, e por sua formosura, porque o havemos de vêr. E com isto ser assim, por nenhum attributo é Deus mais amado, que pelo da sua justiça. Se em Deus não houvera justiça, e se na outra vida não houvera inferno, que poucos haveria que amassem a Deus? Epicuro, aquelle grande sectario da gentilidade, fez dois canones notaveis na sua seita. O primeiro, que a bemaventurança consistia nas delicias desta vida: o segundo, que em Deus não havia justiça. Ambos estes canones foram errados, e ambos são hereticos. Mas supposto o erro do primeiro, esteve posto com grande juizo o segundo. Poz a bemaventurança nas delicias deste mundo, e logo negou o attributo da justiça a Deus: porque mal podia ter por gloria os gostos desta vida, quem

tivesse por fé que podia ser por elles condemnado na outra D'aqui infiro eu, que ha christãos mais que Epicùros. Que tenha por gloria as delicias desta vida, quem tem por fé, que não ha justiça que o condemne na outra, erro é, mas erro com alguma desculpa: porém que crêa eu de fé, que Deus tem justiça, e que me ha de castigar e condemnar na outra vida e que comtudo tenha por gloria as delicias e os gostos desta; vêde se póde ter alguma desculpa tão grande cegueira, e tão barbara.

Ora isto que Epicúro teve por fé, teve Thereza por privilegio. Epicúro fingiu a Deus sem attributo de justiça; e Deus, revelando a Thereza que a não havia de condemnar, poz-se para com ella no mesmo estado como se a não tivera. Mas que differentes consequencias foram as de Thereza? Epicúro, tanto que considerou a Deus sem justiça, teve por delicias, e por gloria offender a Deus: e Thereza, tanto que viu a Deus sem justiça, então teve por gloria só amal-o, e querer antes mil infernos que offendel-o. O' que grande documento se póde tirar d'aqui para amar, e para temer a Deus! Quando quizermos temer a Deus, havemos de lhe tirar um attributo; e quando o quizermos amar, havemo-lhes de tirar outro: temer a Deus, como se não tivera misericordia: amar a Deus, como se não tivera justiça. Assim amava Thereza, mas não temia assim; porque não tinha que temer. Para Thereza amar mais perfeitamente a Deus, e para Deus ser mais perfeitamente amado, Deus (digamol-o assim) despiu-se de um attributo, e Thereza de uma virtude: Deus poz de parte o attributo da justiça, Thereza poz de parte a virtude do temor: e como Deus esteve com menos este attributo, e Thereza com menos esta virtude, nestes dois menos consistiu a perfeição de mais amar, e de ser mais amado: em Deus a perfeição de ser mais amado, porque foi amado sem ser temido: em Thereza a perfeição de mais amar, porque amou sem temer. E que tendo Thereza tão longe de si as causas de temer, se vissem nella tão em seu ponto os effeitos do temor? O cuidado, a cautela, a vigilancia; tão sollicita, tão anciosa, tão diligente; sem advertir, sem afrouxar, sem adormecer; por isso disse, e torno a dizer, que as prudentes do Evangelho em sua comparação foram nescias: ellas, tendo tanta obrigação de vigiar, dormiram: *Dor-*

mitaverunt omnes, et dormierunt: Thereza, tendo tanta segurança para dormir, sempre vigiou: *Vigilate, quia nescitis diem, neque horam.*

VI

A segunda coisa em que as Virgens prudentes, comparadas com Santa Thereza foram nescias, é que as prudentes em materia de salvação quizeram só o que basta: e Santa Thereza quiz mais do que sobeja. Achando as Virgens nescias que se lhes apagavam as alampadas, chegaram-se ás prudentes, a pedir que lhe quizessem dar do oleo que traziam prevenido: *Date nobis de oleo vestro.* [1] Responderam as prudentes, que o fossem antes comprar; porque podia succeder que não bastasse para umas e mais para as outras: *Ne fortè non sufficiat nobis, et vobis.* [2] Isto responderam as prudentes, e nisto digo eu, que se mostraram nescias. Nescias? Antes parece que prudentes, e prudentissimas. Se eu dissera que se mostraram avarentas; se eu dissera que se mostraram ruins amigas; se eu dissera que se mostraram crueis, ou, quando menos, pouco piedosas; censura é esta que outros dão ás prudentes neste caso. Mas nescias, quando em materia tão importante não querem dar o que duvidam se lhes bastaria, ou não bastaria? Sim; e por isso mesmo. Porque duvidaram, se bastaria, ou não bastaria, quando haviam de duvidar, se sobejaria; porque em materia de salvação, só o que sobeja é bastante; o que basta, não basta. Bem vejo que haveis de ter esta minha proposição por paradoxa, e tomára eu muito que não fôra tão verdadeira como é. Torno a dizer, christãos, que em materia de salvação só o que sobeja é bastante; o que basta, não basta. Vá em todo o rigor da Theologia. E' certo que ninguem se póde salvar sem auxilio de Deus: é certo que os auxilios de Deus uns são sufficientes, outros efficazes: é certo que só com os auxilios sufficientes, em quanto se lhes não ajunta a efficacia,

---

[1] *Math.*, XXV, 8.
[2] *Ibid.*, 9.

ninguem se salvou nunca, nem se ha de salvar. Argumento agora assim. Os auxilios sufficientes chamam-se sufficientes, porque bastam para um homem obrar bem e se salvar. Pois se são sufficientes, se são bastantes, se bastam, como se não salva, nem ha de salvar ninguem com elles, em quanto sómente taes? Por isso mesmo. Porque são sómente bastantes; e em materia de salvação o que basta, não basta. Ha de ser mais que bastante para bastar, porque só basta o que sobeja.

Nas obras é o mesmo que nos auxilios (que são as duas coisas da parte de Deus e da nossa, sem as quaes não póde haver salvação). E senão respondei-me, e dae-me a razão, porque se perde e se condemna tanto mundo, sendo tantos os que teem a verdadeira fé de Deus, e o conhecem e a professam? A razão é (e julgue-o cada um em si), porque na materia da nossa salvação nos contentamos só com o que basta: e nesta materia o que basta não é bastante. Para um homem se salvar basta morrer bem; e para morrer bem é necessario mais alguma coisa? E' necessario viver bem. Logo para um homem em materia de salvação ter o que basta, é-lhe necessario muito mais do que basta; porque para se salvar, é-lhe necessario morrer bem, que é muito; e para morrer bem, é-lhe necessario viver bem, que é muito mais. Mas porque nós queremos o morrer bem sem o viver bem; porque queremos o que basta, sem o que o faz bastar, por isso nos perdemos, e nos condemnamos. Desejamos os christãos salvar-nos assim, nem mais nem menos como o desejava o Propheta Balaam: *Moriatur anima mea morte justorum:* [1] O' morra a minha alma (dizia Balaam) como morrem as dos justos. Calla nescio, diz Santo Agostinho. Não has de dizer: Morra a minha alma como as dos justos; senão: Viva a minha alma como as dos justos, porque a regra da morte é a vida. Quem vive bem, morre bem; quem vive mal, morre mal: e viver mal, como tu vives, e depois morrer bem, como tu queres, é impossivel. Donde se segue, que o morrer bem, que é o que basta para a salvação, não basta: basta, porque quem morre bem salva-se: não basta, porque para morrer bem

[1] *Num.*, XXIII, 10.

é necessario viver bem. Tudo temos na parabola do Evangelho.

Perderam-se as cinco Virgens nescias, e ficaram fóra das bodas, porque lhes faltou o oleo. E porque lhes faltou? Porque o oleo que bastava, não bastou. Ora vêde se está bem arguido. Quando á meia noite se deu rebate ás Virgens, que vinha o Esposo, accordaram todas, e acharam as nescias que as suas alampadas se iam apagando: *Quia lampades nostræ extinguuntur:* [1] e iam-se apagando as alampadas, porque estiveram ardendo até á meia noite, em quanto ellas dormiram. Pois vinde cá mulheres, assim vós, que de nescias tendes o nome, como vós, que o tendes de prudentes, porque deixastes gastar o vosso oleo debalde tantas horas? Em quanto não vinha o Esposo, bastava que estivesse acceza uma alampada, donde depois se accendessem as demais. Assim como nos olhos de uma sentinella vigia todo o exercito, assim na braza de um murrão estão accezas todas as armas. Isto mesmo me parece a mim que deviam fazer as Virgens em quanto esperavam pelo Esposo, principalmente tendo ellas sentinella ao largo, ou trazendo elle corredores diante, que foram os que bradaram: *Clamor factus est: Ecce Sponsus venit.* [2] Podiam ter uma alampada acceza e as nove apagadas, com que se poupava muito oleo. E quando o não fizessem as cinco, que o tinham de sobejo nas redomas, deviam-no fazer as outras cinco, que não tinham essa prevenção; porque depois ninguem lhes podia negar o fogo para accender as alampadas apagadas, assim como lhes negaram o oleo para prover as vazias. Pois se por esta via se poupava o oleo, e se escusavam todas as outras prevenções, porque o não fizeram assim, nem as nescias, nem as prudentes, antes tiveram as alampadas accezas toda a noite? Sabeis porque? Porque o lume daquellas alampadas, como dizem todos os Doutores, é a graça de Deus, e o oleo, são as obras nossas, com que nos havemos de salvar: e as alampadas de nossa salvação, se não estão accezas antes de vir o Esposo, quando vem o Esposo, não se podem accender. As alampadas de

[1] *Math.*, XXV, 8.
[2] *Ibid.*, 6.

fogo material podem-se accender umas com o fogo das outras e podem-se accender naquelle ponto estando apagadas até então: porém as alampadas da graça e da salvação não ardem com o fogo alheio, senão com o proprio; e se não estão e perseveram accezas de antes, não se podem accender depois. Cuidar alguem que ha de ter a alampada apagada toda a noite, e que a ha de accender quando vier o Esposo: cuidar alguem que ha de estar em peccado toda a vida, e que se ha de pôr em graça na hora da morte; é engano do demonio, e injuria que se faz á justiça, e á misericordia de Deus. E' verdade, que para um homem se salvar basta que Deus o ache em graça na hora da morte; mas para estar em graça na hora da morte não basta buscal-a naquella hora, é necessario tel-a na vida. De maneira que para a salvação basta a graça da morte, e sobeja a graça da vida; mas para a graça da morte, que basta, é necessario a da vida, que sobeja. O oleo que tinham as Virgens, segundo a conta que nós lhe faziamos, e a que ellas deviam de fazer, bem bastava; mas porque sómente bastava, não bastou. Era necessario que sobejasse para bastar, porque só no que sobeja, se segura o que basta.

Desafiava o Gigante Golias e affrontava arrogante os esquadrões de Israël; e querendo David sahir ao desafio, vae-se ao rio, toma cinco pedras, deita quatro no surrão, mette uma na funda, faz tiro, e derruba o Gigante. Pois, David, tirador famoso, se para derrubar o Gigante basta uma pedra, para que levaes cinco? Porque quiz David segurar o tiro; e o que sobeja, é o que segura o que basta. A pedra que se tirou derrubou o Gigante; as que ficavam no surrão, seguraram o tiro. Quem tem muitas balas, segura o ponto, porque tira com confiança; quem não tem mais que uma bala, e nelle leva, ou a morte do inimigo, ou a sua, treme-lhe o braço, porque tira com receio. Por isso David levou cinco pedras, para que o tiro com quatro fiadores fosse seguro. Donde eu infiro, que mais se deve a victoria ás quatro do surrão, que á da funda; porque o successo não esteve no tiro, senão no acerto: e a funda executou o golpe, as do surrão seguraram o braço. Uma pedra bastou, quatro sobejaram, e as quatro que sobejaram, fizeram que bastasse uma. Assim que a pedra da funda, se bem se considera, era bastante e não era bastan-

te: era bastante, porque bastou; e não era bastante porque podéra não bastar. E como nas materias de duvidosa execução não basta o que só basta, e só basta o que sobeja, por isso digo, que as prudentes na resposta que deram ás nescias, foram tambem nescias, porque puzeram a duvida no bastar ou não bastar do oleo, quando a deveram pôr no sobejar ou não sobejar. Comparadas as prudentes com as nescias, foram prudentes, porque as nescias não tiveram cuidado de que sobejasse o oleo, nem ainda de que bastasse: mas comparadas com Santa Thereza, por mais que se chamem prudentes, foram nescias; porque ellas em materia de salvação contentaram-se com o que basta; e Thereza não se contentou, nem com o que basta, nem com o que sobeja. Dae-me attenção.

VII

Para um homem se salvar, basta não fazer peccado mortal; e se tambem fizer peccado venial, sobeja: e Santa Thereza não se contentou com não commetter peccado mortal, que é o que basta, nem se contentou com não commetter peccado venial advertidamente, que é o que sobeja; senão que fez voto a Deus de em todas as suas acções buscar sempre o que fosse maior perfeição. Valentia de espirito, e resolução prodigiosa, e que de nenhum outro santo se lê similhante. Mais. Para uma alma se salvar basta obedecer a Deus; e se se conformar em tudo com sua vontade, sobeja: e Thereza não se contentou com obedecer, que é o que basta, nem só com se conformar, que é o que sobeja, senão que passou de conformidade a transformação, e se transformou de tal modo na vontade divina, que ella e Christo viviam e amavam com um só coração. E em signal disto lhe abriu um Serafim o lado esquerdo com uma setta de fogo, e lhe tirou nas farpas della o cadaver do coração que tivera e lhe ficara no peito sepultado. Mais. Para uma alma se salvar, basta tratar da salvação propria; e se tratar tambem da salvação e reformação das almas alheias, dentro dos limites de seu estado, sobeja: e Thereza não só se contentou com tratar da salvação propria tão exactamente, que

é o que basta: nem com tratar da reformação e perfeição das almas alheias dentro de seu estado, que é o que sobeja; mas excedendo os limites de mulher, passou a ser Doutora da Igreja, e a escrever livros de perfeição, e a ensinar e alumiar o mundo em pontos de espirito e de contemplação altissimos, a que nenhuma pena antes da sua tinha chegado. Mais. Para se salvar uma alma basta soffrer os trabalhos com paciencia, e se chegar a tanta perfeição, que os soffra com alegria, sobeja: e Santa Thereza, sendo tantas as perseguições e trabalhos de sua vida, não só os soffria com paciencia, que é o que basta; nem só com alegria, que é o que sobeja, senão que chegou a os receber e acceitar por premio dos serviços que fazia a Deus. E dizia assim de si: *Nunca hize a Dios algun servicio, que no me lo pagasse con algun trabajo.* Mais. Para uma alma se salvar basta amar os inimigos, e se chegar a lhes fazer boas obras, sobeja: e Santa Thereza, tendo tantos inimigos e perseguidores, e ainda aquelles que por habito e profissão o não deveram ser, não só os amava, que é o que basta, nem só lhes fazia bem, que é o que sobeja, senão que tomava sobre si os seus males, e se offerecia a fazer a penitencia dos mesmos aggravos que lhe faziam, sendo ella a que recebia à injuria e a que a pagava. Mais. Para uma alma se salvar basta guardar continencia; e se guardar e votar virgindade perpetua, não só basta, mas sobeja: e Santa Thereza não só se contentou com ser continente, que é o que basta, nem só com ser virgem, que é o que sobeja; mas competindo em certo modo com a Mãe de Deus, passou a ser Virgem e Mãe juntamente. Digam-no tantos conventos de Anjos humanos, uns com nome de mulheres, outros com nome de homens, que todos reconhecem a Santa Thereza por Mãe. E para que esta maternidade de Thereza se parecesse em tudo com a da Virgem Maria, assim como Christo teve duas gerações, uma eterna, em que nasceu de Pae sem Mãe, e outra temporal, em que nasceu de Mãe sem Pae; assim a Regra e Religião Carmelitana regenerada teve duas gerações, e dois nascimentos, um antiquissimo de Pae sem Mãe, quando nasceu de Elias, e outro moderno de Mãe sem Pae, quando nasceu de Thereza. Finalmente, para uma alma se salvar basta guardar os mandamentos de Deus; e se guardar tam-

bem os conselhos de Christo, não só basta, mas sobeja: e Santa Thereza não só guardou os mandamentos de Deus, que é o que basta, nem só os conselhos, que é o que sobeja; mas fez muitas coisas, que não caem debaixo de preceito, nem de conselho. Chorar os peccados alheios, e fazer penitencia por elles: antepôr o padecer por Deus ao vêr a Deus: jejuar sete mezes no anno, e passar muitas vezes muitos dias sem comer totalmente: querer estar no inferno até o dia do Juizo só pela salvação de uma alma: isto não ha preceito que o mande, nem conselho particular que o persuada: e isto fez Thereza. Assim se não contentava aquelle eminentissimo espirito, aquelle immenso coração, aquella alma superior a tudo, e maior que tudo; assim se não contentava com o que sobeja, assim anhelava sempre a mais e mais. Mas baste ao nosso discurso quanto tem corrido em seguimento deste glorioso não bastar, e descancemos um pouco na ponderação, ou na vista delle.

Ungiu a Magdalena os pés e a cabeça de Christo, e disse o Senhor, que aquelles unguentos que admittia, eram a unção anticipada de seu corpo, para quando o levassem á sepultura: *Mittens hæc unguentum in corpus meum, ad sepeliendum me fecit.* [1] Morre Christo na cruz, e diz o Texto, que veiu José e Nicodemus, e ungiram o sagrado corpo com cem libras de unguentos. E a esta segunda unção estava presente a Magdalena, que fizera a primeira, e S. João que ouvira as palavras de Christo e as refere. [2] Pois se o corpo de Christo já estava ungido pela Magdalena, e ungido para a sepultura: *Ad sepeliendum me:* porque o tornam a ungir agora José e Nicodemus? Dir-me-heis que ungiram ao Senhor sobre estar ungido, porque nas obras do serviço de Deus não nos havemos de contentar com o que basta, senão com o que sobeja. Acceito a resposta. Mas ainda tem outra maior instancia. Ungido Christo, levam-no á sepultura, passa o sabbado, em que não era licito comprar nem vender, amanhece o domingo, e ainda não era bem descoberta a manhã, quando partem as Marias a comprar unguentos, e veem com elles para ungirem outra vez o Senhor: *Emerunt aromata, ut ve-*

[1] *Math.*, XXVI, 12.
[2] *Joan.*, XII, 7 e 8.

nientes ungerent Jesum. [1] Ha tal teimar a ungir como este? Não está o corpo de Christo ungido pela Magdalena, não está ungido por José e por Nicodemus? Pois se já está ungido uma vez e outra vez, porque veem as Marias a ungil-o ainda? Porque o amôr acredita-se no superfluo: quem ama pouco, contenta-se com o que basta: quem ama muito, contenta-se com o que sobeja; e quem ama mais que muito, nem com o que basta, nem com o que sobeja se contenta, ainda sobe mais acima, ainda passa mais adiante. Os unguentos da Magdalena bastavam, os unguentos de José e Nicodemus sobejavam, os unguentos das Marias ficaram superiores a todos, porque foram sobre os que bastavam, e sobre os que sobejavam. Isto fizeram aquellas santas mulheres, creadas na escóla, e na familiaridade de Christo; e isto fez a nossa Santa Thereza creada na mesma escóla, e na mesma familiaridade. Por esta acção mereceram as Marias vêr os Anjos, e vêr a Christo resuscitado, primeiro que os Apostolos. E ao merecimento destas acções se devem attribuir tambem as grandes e extraordinarias visões com que Deus favoreceu e honrou a Santa Thereza, quasi sobre todos os Santos. As visões das Marias metteram medo aos Apostolos e Discipulos, que era o pequeno rebanho de que então constava a Igreja: *Mulieres ex nostris terruerunt nos.* [2] E as visões de Santa Thereza puzeram em medo e cuidado a mesma Igreja de Deus na sua maior grandeza, que por isso foram tão examinadas, e tão duvidadas, até que se approvaram de todo. Mas as Marias viram uma só vez os Anjos; Santa Thereza viu Anjos muitas vezes. As Marias viram só duas vezes a Christo, uma no dia da Resurreição, outra no dia da Ascenção: Santa Thereza viu a Christo em differentes figuras, já de glorioso, já de passivel, quasi todos os dias. Das Marias não sabemos que tivessem visões da divindade, e de Santa Thereza lêmos em sua vida, que viu como as creaturas estão eminentemente em Deus: que viu como se distinguem as Tres Pessoas Divinas, sendo uma só essencia: que viu como está o Filho no peito do Padre: e outros segredos da

[1] *Marc.*, XVI, 1.
[2] *Luc.*, XXIV, 22.

Divindade altissimos, que cá se crêem, e não se entendem, e só se hão de vêr e entender na patria. De sorte que parece andava Deus em amorosa emulação e liberal competencia com Thereza: ella em servir e amar, e Deus em pagar e se communicar: ella não se contentando com o que basta, nem se satisfazendo com o que sobeja, e Deus excedendo sem nenhum limite o superfluo, naquillo que de nenhum modo é necessario. Visões, revelações, extasis, raptos, não são necessarios, nem para a salvação, nem para a perfeição. E nestas amorosas e divinas superfluidades, pagava Deus a Thereza o não se contentar seu espirito com o necessario, nem ainda com o superfluo, o não se contentar com o que basta, nem ainda com o que sobeja.

Assim pagava Deus a Thereza: mas eu não me pago tanto de vêr como Deus paga, quanto de vêr como os Santos servem. E o que muito noto naquellas grandes acções do espirito de Santa Thereza, é que bem consideradas ellas, o seu servir a Deus, foi pagar a Deus. Notae. Para Deus remir sufficientemente o mundo, bastava querer: para remir por modo mais alto, bastava encarnar: mas andou Deus tão fino comnosco na Redempção, que não se contentou de remir só com o querer, que bastava, nem de remir só com o encarnar, que sobejava; senão que passou excessivamente muito ávante, e quiz remir morrendo e padecendo. Esta fineza fez Deus pelos homens, e esta lhe estivemos devendo, até que Thereza nos desempenhou, e pagou por nós. Deus com a Redempção pagou nossos peccados, e Thereza com os seus extremos pagou a nossa Redempção. Porque só Deus no remir os homens se não contentou com o que bastava, nem com o que sobejava; Thereza no servir a Deus não se contenta com o que basta, nem com o que sobeja. O' como se parecem nos passos a Esposa e o Esposo! Ainda que Thereza fôra das Virgens que hoje foram comprar o oleo, eu fio que se encontrára com ella. Diz o Texto: *Dum autem irent emere, venit sponsus:* [1] que indo as virgens, veiu o Esposo. Pois se ellas iam e o Esposo vinha, porque se não encontraram? Porque iam por diffe-

[1] *Math.*, XXV, 10.

rente caminho. Não assim a nossa Thereza: caminhava tanto pelo mesmo caminho, e pelos mesmos passos do Esposo, que porque elle se não contentou com o que bastava, nem com o que sobejava em nos amar, tambem ella se não contenta com o que basta, nem com o que sobeja em o servir. Vêde agora em comparação deste saber se foram nescias as Virgens prudentes? Ella não se contenta, nem ainda com o que sobeja; e ellas punham em duvida só se bastaria: *Ne fortè non sufficiat nobis, et vobis.* [1]

VIII

A terceira coisa em que as Virgens prudentes, comparadas com Santa Thereza, foram nescias, é porque as prudentes cuidaram que arriscando-se por soccorrer as companheiras, corriam perigo; e Santa Thereza entendeu que tudo o que se arrisca pela caridade, quando mais se arrisca, então está mais seguro. Bem quizeram as Virgens prudentes soccorrer e supprir a falta das companheiras, quando não, por companheiras e por amigas, ao menos por auctoridade e magestade da festa, pelo que a ellas mesmas lhes tocava; porque sem as outras cinco diminuiam-se muito as luzes, descompunham-se as parelhas e ficava desairoso o acompanhamento. Comtudo, por se não arriscarem a ficar de fóra das bodas, quizeram antes entrar sós, que porem-se a perigo de não entrar: *Ne fortè non sufficiat.* Aquelle *ne fortè* foi o ponto em que tocou fraco a sua prudencia. Imaginaram que arriscando-se pela caridade podiam correr perigo, e foi errado pensamento; porque ninguem melhor se assegura a si, e a suas coisas, que quem pela caridadde as arrisca, e se arrisca. Ouvi o maior caso que se lê em todas as historias sagradas e humanas.

Sitiada pelo exercito de Holofernes a cidade de Bethulia, tomados e quebrados os canaes, e divertidas as fontes de que bebiam, estavam já desmaiados todos e determinados a se entregar ao inimigo, por

[1] *Math.*, XXV, 9.

não perecer á sêde: quando Judith, não podendo soffrer a entrega e captiveiro da sua patria, se deliberou ao mais raro pensamento que pudéra caber em um homem atrevido e denodado, quanto mais em uma mulher e santa. Despe o cilicio de que estava toda coberta, enxuga os olhos das lagrimas com que orava ao céu, manda vir cheiros, joias, galas, espelho: veste, compõe, enriquece, esmalta: os cabellos, a garganta, o peito, as mãos, os braços, e até os pés, não de todo cobertos (que assim o nota a Escriptura) e feita Judith um thesouro da cubiça, um pasmo da formosura, e mil laços do appetite, sáe confiada pelas portas da cidade, salta o fosso, passa as sentinellas, entra pelo exercito inimigo, e vae direita á mesma tenda de Holofernes. Bravas acções de mulher, mas mais bravos ainda os pensamentos! Os seus intentos eram (como refere a mesma Judith no Texto) que Holofernes com seus proprios olhos se captivasse de sua formosura, e que ella com palavras discretas e amorosas o prendesse mais, para que assim prezo e captivo, lhe mettesse a occasião os cabellos do tyranno em uma mão, e a espada na outra, com que lhe cortasse a vida. Valentes intentos, Judith, mas arriscados muito. Reparae, senhora, como mulher, reparae como nobre, e reparae tambem, e muito mais, como santa. Se como mulher, mais que mulher, não reparaes nos riscos da vida entre esquadrões armados de barbaros; como nobre, porque não reparaes na opinião; e como santa, porque não reparaes na honestidade? Os mesmos laços que armaes a Holofernes, como podeis vós escapar delles? As prisões quando prendem, tambem se prendem. Antes parece que Judith primeiro se prendeu a si, do que a Holofernes; e que antes de Holofernes cahir, já Judith estava cahida. Porque a obrigação e pureza da lei de Deus não só prohibe o peccado, senão o perigo: e quem se deliberou a perigar, já cahiu, porque se expoz a cahir: *Qui amat periculum in illo peribit:* diz a mesma Lei divina. [1] Pois se Judith era tão santa e tão observante da Lei de Deus, como põe a tão manifesto risco a sua honestidade, e com ella a consciencia? Que arrisque a vida, seja valor: que

[1] *Eccl.*, III, 27.

arrisque tambem o credito, seja excesso de amôr da patria: mas a honestidade e a consciencia, que por nenhum preço se ha de arriscar, nem pela vida, nem pela honra, nem pela liberdade, nem por uma cidade, nem por um reino, nem por todo o mundo, que a arriscasse Judith, e que a arriscasse sendo santa? Sim; e não. Sim; porque tudo isso arriscou Judith pela caridade: e não; porque tudo o que se arrisca pela caridade, então se segura mais. Arriscou a vida, arriscou a opinião, arriscou a honestidade: mas segurou a honestidade, segurou a opinião, e segurou a vida; porque tudo arriscou pela caridade, e por livrar sua patria de captiveiro. E como Judith sabia que Deus é o assegurador dos riscos que se emprehendem por seu amôr e dos proximos, por isso fiada no seguro de Deus, não incorreu no crime dos que se poem a perigo, porque quem arrisca com seguro, não corre risco. Nem o Texto da Lei divina, se bem se pondéra, quer dizer outra coisa. Notae: *Qui amat periculum, in illo peribit:* quem ama o perigo, perecerá nelle. Uma coisa é entrar no perigo amando o perigo, outra coisa é entrar no perigo amando a Deus: quem entra no perigo por amôr do perigo, perece nelle; porque o mesmo perigo, a quem ama, e por quem se arrisca, o perde: mas quem entra no perigo por amôr de Deus, não perece, nem póde perecer, porque o mesmo Deus a quem ama, e por quem se arrisca, o guarda. Se vós entraes no perigo por amôr da cubiça, quem vos ha de guardar? A cubiça? Se vós entraes no perigo por amôr da soberba, quem vos ha de guardar? A soberba? Se vós entraes no perigo por amôr do amôr, quem vos ha de guardar? O amôr profano e cego? Entrae vós nos perigos por amôr de Deus e do proximo, vereis como Deus vos livra, e vos segura nelles.

Ah, Senhor, bemdita seja, e infinitamente bemdita vossa bondade! Falta-nos neste passo o exemplo do Evangelho: porque faltaram as Virgens prudentes no conhecimento desta verdade, e no exercicio desta confiança. Mas a prova que não temos no Evangelho, temol-a no prégador. Mui ingrato seria eu, e serei a Deus se assim o não confessára, e assim o não confessar toda a vida, e toda a eternidade. A quem aconteceu jámais depois de virado o navio, e depois de estarem todos fóra delle sobre o costado,

ficar assim parado e immovel por espaço de um quarto de hora, sem a furia dos ventos o descompôr, sem o impeto das ondas o sossobrar, sem o pezo da carga e da agua, de que estava até o meio alagado, o levar a pique; e depois dar outra volta para a parte contraria, e pôr-se outra vez direito, e admittir dentro em si os que se tinham tirado fóra? Testemunhas são os Anjos do céu, cujo auxilio invoquei naquella hora, e não o de todos, senão daquelles sómente que teem á sua conta as almas da gentilidade do Maranhão. Anjos da guarda das almas do Maranhão, lembrae-vos que vae este navio buscar o remedio e salvação dellas. Fazei agora o que podeis e deveis, não a nós, que o não merecemos, mas áquellas tão desamparadas almas que tendes a vosso cargo. Olhae que aqui se perdem tambem comnosco. Assim o disse a vozes altas, que ouviram todos os presentes, e suppriu o merecimento da causa a indignidade do orador. Obraram os Anjos, porque ouviu Deus a oração. E não podia Deus deixar de a ouvir, porque orava nella o mesmo perigo. Sabe o mesmo Senhor, que por nenhum interesse do mundo, depois de eu o ter tão conhecido, e tão deixado, me tornára a metter no mar, senão pela salvação daquelles pobres thesouros, cada um dos quaes vale mais que infinitos mundos. E como o perigo era tomado por amôr de Deus, e dos proximos; como podia faltar a segurança no mesmo perigo? O mesmo perigo nos livrou, ou se livrou a si mesmo. Os perigos da caridade são riscos seguros, e nos riscos seguros não póde haver perigo. Assim que, Senhor, mudo o estylo, e não vos dou já as graças, por me livrardes do perigo, senão por me metterdes nelle. Quando por tal causa me mettestes no perigo, então me livrastes. Grandes são os perigos que ainda me restam e me ameaçam neste tão temeroso golpho, e mais em inverno tão verde, e em anno tão tormentoso: mas como ha de temer os perigos, quem nelles leva a mesma salvação que vae buscar por meio delles?

Quem cuidaes que tirou do perigo a Jonas, e quem cuidaes que o metteu no perigo? O não querer ir buscar a salvação dos proximos o metteu no perigo: e o metter-se no perigo pela salvação dos proximos, o tirou delle. Mandou Deus a Jonas que fosse prégar aos gentios de Ninive: não quiz Jonas: e para fu-

gir da missão, e ainda do mesmo Deus, que lh'a encommendava, embarca-se de Joppe para Tarsís. E que lhe succedeu a Jonas nesta viagem, ou nesta fugida? O que lhe succedeu foi, que indo todos os navios com vento á popa, e mar bonança, só contra o de Jonas se levantou uma tempestade tão terrivel, que, não bastando amainar vellas, e calar mastos, não bastando alijar ao mar a carga, não bastando tudo o mais que sabe e póde a arte em similhantes trabalhos, deixado já o leme e o navio á mercê dos mares e dos ventos, e desconfiados até do soccorro do céu, o piloto e marinheiros, que eram gentios, desceram ao porão, aonde vinha Jonas, a pedir-lhe que fizesse oração ao seu Deus, pois os seus deuses não lhes valiam. Tal era a tempestade, tal o perigo, tal a desesperação de todos. E bem, Propheta Jonas, e vós não quereis ir prégar e salvar as almas dos gentios, a que Deus vos manda: pois quando cuidaveis que fugieis do trabalho, incorrereis no maior perigo, e pererereis onde vós quizestes, porque não quizestes salvar os proximos onde Deus queria. De maneira, que o não querer ir buscar a salvação dos proximos, foi o que metteu no perigo a Jonas. E que fez Jonas para sahir daquelle perigo? Notavel caso! Para Jonas sahir daquelle perigo, mette-se noutro perigo maior pela salvação dos proximos. E este segundo perigo o salvou e livrou do primeiro. Ora vêde.

Subido Jonas ao convéz do navio, reconheceu que elle era a causa da tempestade, e para que os demais se salvassem, e elle só perecesse, pediu que o lançassem ao mar. De sorte que aquelle mesmo Jonas que pouco ha se embarcou neste navio, por não ir salvar os gentios de Ninive, esse mesmo pede agora que o lancem do navio ao mar, para que se salvem os gentios do navio. Fazem-no por ultimo remedio os marinheiros, vae Jonas ao mar, traga-o uma baleia, mergulha para o fundo o monstro, somem-se e desapparecem ambos. Póde haver maior perigo? Póde-se imaginar maior? Não póde. No mar podia-o salvar ou entreter uma taboa; no ventre da baleia a morte e a sepultura tudo foi junto. Mas Jonas não se arrojou a este perigo por salvar os mareantes do seu navio proximos, ainda que gentios? Sim. Pois tende mão, que ainda não desconfio de sua vida. Perigo tomado pela salvação dos proximos, não póde ser pe-

rigo em que se perigue. Arrojado do navio, e naufragante, sim: tragado, e engolido do monstro marinho, sim: mettido no profundo do mar, e sepultado nos mais escuros abysmos, sim; mas afogado, mas morto, mas digerido, ou mastigado da baleia, quem se lançou ao mar pela salvação dos proximos; não póde ser. Torno a dizer que não póde ser: e já o vejo. Olhae para as praias de Ninive. Passados tres dias e tres noites, apparece ao romper da alva diante do porto de Ninive uma gallé de fórma nunca vista, á vella, e só com dois remos. A vella era a nuvem de agua que respirava a baleia, e umas vezes parece que subia, outras que se amainava: os remos eram as duas grandes barbatanas, com que batendo a compasso ia vogando. Abica á praia o desconhecido baixel, levanta aberto pelo meio o castello de prôa, que então se conheceu que era bocca, estende a lingua como prancha sobre a areia, e sáe de dentro vivo o sepultado Jonas. Pasmaes do caso? Não pasmeis. Não vos dizia eu, que não podia perigar, quem por salvação dos proximos se entregou no mar, e aos perigos? Pois assim lhe aconteceu ao felicissimo Jonas. Levado de um perigo em outro perigo, uns o livraram dos outros. No navio perigava dos ventos, no mar perigava das ondas, na baleia perigava do aperto da respiração, e de tudo; mas como o primeiro perigo foi tomado por caridade, todos os outros perigos eram remedios. O perigo do mar livrou-o do perigo do navio, o perigo da baleia livrou-o do perigo do mar, e este perigo, como era o ultimo e o maior de todos, livrou-o de si mesmo. Ha mais seguro perigar? Ha menos perigosa segurança? Com razão disse S. Zeno Veronense, que foi Jonas mais venturoso no sepulchro, que no navio: *Felix magis sepulchro, quam navi;* porque uma vez que a baleia lhe guardou a vida, muito mais seguro navegava nella, que no navio: o navio podia perigar nos mares e nos ventos, a baleia era embarcação segura das tempestades.

Maior tempestade padeceram as Virgens no oleo das suas redomas, do que Jonas em tanto mar. Todas naufragaram, porque todas deram em secco: as nescias no das suas alampadas, e as prudentes no da sua avareza. Forte *ne fortè* foi aquelle. Perderam-se cinco, quando se poderam salvar todas, porque não tiveram caridade as outras cinco, para se arriscarem

com ellas. Tanto perigaram as nescias no seu perigo, como na demasiada segurança das prudentes. Se as prudentes se quizeram arriscar por ellas, soccorrendo-as, nesse mesmo risco se salvariam umas e outras: as nescias, pelo soccorro que recebiam; e as prudentes, pelo soccorro que davam: ou, para o dizer com mais certeza, as nescias, pelo risco de que se tiravam, e as prudentes, pelo risco em que se mettiam: que quem se arrisca pela caridade, não póde correr risco. Nenhuma communidade esteve jámais tão arriscada como o povo de Israël, quando Deus o quiz acabar no deserto: e o que fez Moysés para o livrar daquelle risco, foi arriscar-se tambem com elle: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo:* [1] Senhor, ou haveis de perdoar ao povo, ou riscae-me do vosso livro. E' certo que Moysés não podia licitamente querer ser riscado dos livros de Deus, e foi este o mais arriscado lanço em que se metteu nenhum homem. Comtudo, pediu este risco, e metteu-se neste risco Moysés, seguro de que Deus o não riscaria, por elle se arriscar, quando o fazia pela caridade dos proximos; porque os riscos da caridade, nem riscam, nem arriscam. Tão longe esteve Moysés de ser riscado dos livros de Deus por esta causa, que antes mandou Deus que se escrevesse em seus livros, que chegára Moysés por caridade a pedir que o riscassem delles. Se Moysés se não arriscára, salvára-se elle, e perecêra o povo; mas porque se quiz arriscar pelo povo, elle e o povo todos se salvaram. O mesmo havia de succeder ás nossas prudentes, se ellas o souberam ser, e se souberam arriscar; mas porque lhes faltou esta sciencia, e esta prudencia, em que Santa Thereza foi tão eminente, por isso eu em comparação della digo que foram nescias. Em comparação das nescias do Evangelho foram prudentes as prudentes, porque as nescias cuidaram que havia outrem de fazer por ellas, o que ellas não fizeram por amôr de si: e as prudentes não quizeram fazer por amôr de outrem, o que outrem não havia de fazer por ellas. Mas essas mesmas prudentes, comparadas com Santa Thereza, foram nescias; porque ellas cuidaram que arriscando-se por amôr de Deus e dos proximos,

[1] *Exod.*, XXXII, 31 e 32.

corriam perigo: e Santa Thereza entendia e sabia por experiencia, que tudo o que se arrisca pela caridade, quanto mais se arrisca, então se segura mais.

Tudo quanto teve, e quanto podia ter, arriscou Santa Thereza por amôr de Deus e dos proximos. E estes mesmos riscos foram uma prudente industria com que tudo accrescentou e segurou mais. Arriscou a vida, arriscou a honra, arriscou a mesma perfeição de sua alma: e do primeiro perigo, sahiu com mais saude; do segundo, com mais credito; do terceiro, com maior santidade. Era Santa Thereza tão enferma, como lêmos em sua vida, e o que mais sentia nesta fraqueza natural, era o impedimento que as enfermidades lhe faziam aos exercicios da oração e da penitencia. Veiu finalmente a resolver-se comsigo, e contra si, a orar com toda a continuação, e a tratar seu corpo com todo o rigor, ainda que perdesse totalmente a vida. E que tirou a Santa desta resolução? Coisa maravilhosa! A saude que lhe não poderam dar nenhuns remedios, lhe deram os mesmos riscos em que a punha. Com a penitencia com que mais havia de enfermar, lhe crescia a saude, e com o trabalho com que mais havia de enfraquecer, se lhe augmentavam as forças.

As perseguições a que Santa Thereza se expoz, quando emprehendeu reduzir a Regra Carmelitana moderada ao antigo rigor e inteireza de seu primeiro Instituto, foram maiores do que se podem imaginar, e do que parece se podiam soffrer. Armou-se contra ella a Religião, e armou-se o mundo; e, o que mais é, que os bons do mundo, e os melhores da Religião (posto que com bom zelo) eram os que mais a perseguiam. Raros eram os que defendiam seu espirito, todos o tinham por illusão e enredo do demonio, muitos por fingimento e hypocrisia; e não faltava quem lhe désse ainda mais escandalosas censuras. Tudo occasionavam os tempos, que com as novas herezias de Luthero andavam mui perigosos, e cheios de temores. Mas como a Santa se arriscava a todos estes descreditos pela salvação e perfeição dos proximos, em que veiu a parar tudo? Os descreditos pararam em maior estimação, as injurias em maior honra, as perseguições em maiores applausos; e os mesmos Religiosos que tinham a Thereza por indigna filha, a receberam depois por dignissima Mãe; e como de tal se honram e a veneram.

Finalmente, houve muitas pessoas timoratas e doutas, que aconselhavam a Santa Thereza, que se retirasse do magisterio espiritual das almas, e que na vida particular e solitaria, a que a mesma doçura da contemplação a inclinava, vacando sómente a Deus e a si, seria maior o aproveitamento de seu espirito. Foi esta a maior prova, por lhe não chamar a mais apertada tentação que podia ter a alma de Thereza, cujos mais presados interesses, cujas mais amadas delicias, cujos regalos, cujas ancias, cujos suspiros, era aquella intima união com Deus, quieta, e suavissima, em que, elevada sobre todas as coisas da terra, tão celestialmente o gosava. Continuou comtudo a Santa proseguindo na empreza começada, sem reparar nestes riscos de sua maior perfeição, e n'outros ainda maiores, que lhe ameaçavam: e como todos eram tomados pela caridade, quanto mais parece que arriscava os dons do céu, tanto mais se achava rica e favorecida delles. Era muito o que arriscava, mas muito mais o que recebia. Mercês sobre mercês, favores sobre favores, glorias sobre glorias, como se os mesmos riscos fossem degráus para subir mais e crescer. Em summa, que arriscando Thereza por amôr de Deus e dos proximos, saude, honra e perfeição; dos perigos da saude sahia mais forte, dos perigos da honra mais acreditada, dos perigos da perfeição mais santa. O' quantos e quão seguros louvores se poderam agora discorrer sobre todos estes perigos, e muito mais sobre o terceiro. Parece que pugnava nelle o espirito contra o espirito, a virtude contra a virtude, a santidade contra a santidade: mas necessaria era tão gloriosa peleja para tão excellente victoria. Corto o fio, e não sem dôr, ao que quizera dizer. Peço-vos comtudo licença para concluir o sermão na fórma em que o propuz ao principio, supposto que vos não hei de cançar outra vez, perdoae-me esta.

IX

A quarta e ultima coisa em que as Virgens prudentes comparadas com Santa Thereza foram nescias, é que as prudentes podendo rogar ao Esposo que es-

perasse pelas companheiras, ou, quando menos, que lhes não fechasse as portas, não intercederam por ellas: e Santa Thereza intercede sempre efficazmente por seus devotos, e por todos os que lhe pedem favor, e a ella se encommendam. Esta foi a quarta e ultima imprudencia das prudentes, nas quaes, se bem reparastes, achareis que as notámos de imprudentes nas obras, imprudentes nas palavras, imprudentes nos pensamentos, e imprudentes nas omissões, que são os quatro modos geraes porque só se póde peccar contra uma virtude. No primeiro foram imprudentes de obra, porque dormiram, quando haviam de vigiar: no segundo, foram imprudentes de palavra, porque disseram, não baste, quando haviam de dizer, não sobeje: no terceiro, foram imprudentes de pensamento, porque cuidaram que arriscando-se pela caridade, podiam correr perigo: no quarto, foram imprudentes de omissão, porque ao menos não pediram por quem lhes pedia. Ellas não pediram nem intercederam por quem lhes pediu: e Santa Thereza, como dizia, pede e intercede efficazmente por todos os que lhe pedem e se valem de seu favor. Mas este ponto não o hei de provar eu, porque na mesma instituição desta festa está provado.

Bem pudéra a Companhia de Jesus festejar em todas as suas Casas a santa Madre Thereza de Jesus, como santa muito sua, porque a mesma Santa em muitos logares de seus livros confessa que dos Religiosos da Companhia de Jesus recebeu grandes argumentos, e grandes luzes o seu espirito; por signal que ordinariamente lhe chama: *Aquellos benditos Padres*. Comtudo, a festa de hoje não se celebra por esta causa, senão pela que eu dizia. Estava um enfermo (como todos sabeis e vistes) na ultima desesperação da natureza, e na ultima desconfiança da arte, em fim, no ultimo estado em que estavam as alampadas das cinco Virgens: *Quia lampades nostræ extinguuntur:* [1] não lhe restava mais que metterem-lhe na mão a candeia da fé: tanto por momentos se lhe ia apagando a da vida. Assim, menos vivo que morto, recorreu a Santa Thereza, invocando seu favor naquelle extremo perigo, e obrigando-se com voto ao

[1] *Math.*, XXV, 8.

publico reconhecimento delle por toda a vida, se de sua mão a recebesse. Não foi a virgem prudentissima como as prudentes, que negaram o oleo a quem lh'o pedia, porque logo o concedeu invisivelmente, mas com effeito visivel e manifesto. No mesmo ponto reviveu a alampada que se ia apagando, e resuscitou a vida já quasi morta. E este é o segundo anno, em que com esta demonstração publica se dá cumprimento ao voto. Oleo chamei á virtude milagrosa deste beneficio, e não é só propriedade da metaphora, senão realidade vista e conhecida.

Do sepulchro de Santa Thereza mana um oleo suavissimo, de que recebem saude muitos enfermos. E é muito para notar, que do logar onde está Santa Thereza morta, sáia oleo, que dá vida: como se com este oleo déra em rosto a caridade de Santa Thereza, á pouca que tiveram as Virgens do Evangelho. Ellas deixaram apagar as alampadas alheias, por mais conservar o lume das suas: e Santa Thereza apagou a sua para accender as alheias. Isso quer dizer, sahir o oleo da sua sepultura, e o remedio da vida, d'onde ella está morta. Com toda a verdade assim foi; porque esta foi a fineza d'onde nasceu a efficacia da sua intercessão. Um dia, em que estava a Santa mais favorecida de Christo, disse-lhe o Senhor que pedisse o que quizesse. E que vos parece que pediria Thereza? Se fôra alguma das prudentes do Evangelho, havia de pedir para si, e quando menos para si primeiro: o *nobis* havia de ir diante: *Nobis et vobis*. [1] Mas foi tanta a prudencia de Santa Thereza, e tanta a sua caridade, que não pedindo nada para si, tudo pediu para nós: pediu, que todas as vezes que rogasse por seus devotos, lhe concedesse o Senhor o que pedisse: e assim lhe foi outhorgado. As prudentes do Evangelho nem deram o que lhe pediam, nem pediram por quem lhes pedia: Santa Thereza pediu por todos os que lhe pedissem, para poder dar tudo o que lhe pedirem. Eis aqui, Christãos, o grande e inestimavel thesouro que tendes depositado naquellas mãos santas. Em todas vossas necessidades, em todos vossos trabalhos, em todos vossos perigos, em todas vossas enfermidades do corpo, e muito mais da alma.

[1] *Math.*, XXV, 9.

recorrei ao amparo, ao patrocinio, e á caridade desta piedosa virgem, que tanto póde com Deus, e vereis como vos soccorre.

X

E para que conheçamos todos quanta necessidade temos dos soccorros e auxilios superiores; voltemos um pouco sobre nós os olhos, que atégora tivemos postos em Santa Thereza, e veremos para maior gloria sua, e maior confusão nossa, que se as prudentes comparadas com ella foram nescias, as nescias comparadas comnosco foram prudentes. Tão nescios e tão imprudentes somos nas materias de nossa salvação! As prudentes, como vimos, em comparação de Santa Thereza, foram quatro vezes nescias: as nescias em nossa comparação, foram oito vezes prudentes. Primeiramente as nescias para se salvarem, escolheram o estado de Virgens, que é tão alto e tão parecido ao do céu: *Simile est Regnum Cœlorum decem virginibus;* [1] e muitos Christãos que estado tomam? O da torpeza, o da sensualidade, o dos adulterios, o das affeições sacrilegas com almas dedicadas a Deus, e outras abominações ainda de peores nomes; e nisto passam um anno, e outro anno, e toda a vida. Vêde se sois mais nescios que as nescias?!

As nescias (e é a segunda prudencia) sahiram de suas casas, mas sahiram a acompanhar o Esposo e a Esposa: *Exierunt obviam sponso, et sponsæ.* [2] E os homens ordinariamente a que sáem? Uns sáem só a sahir, que é perder tempo, outros sáem a vêr e ser vistos, que é perder as almas proprias e as alheias, outros sáem a jogar, a pleitear, a murmurar, que é perder o dinheiro, a fama, e a consciencia; e ainda quando sáem á Igreja, que é as menos vezes, sáem a offender e injuriar a Deus em sua propria casa. Vêde se somos nós os nescios mais que as nescias!

As nescias (e vae a terceira prudencia) é verdade

[1] *Math.*, XXV, 1.
[2] *Ibid.*, 1.

que adormeceram e dormiram; mas tanto que ouviram a primeira voz, ou o primeiro clamor, de que vinha o Esposo: *Tunc surrexerunt omnes virgines illæ:* [1] no mesmo ponto se levantaram. Quantas vezes clamam os prégadores nos pulpitos, quantas vezes clamam dentro no peito as proprias consciencias, quantas vezes clama o mesmo Deus com as vozes e com os brados de todas as creaturas (como nesta ilha), já com a terra tremendo, já com o fogo rebentando, já com as cinzas chovendo, e os homens com ellas sobre a cabeça sepultados no somno do peccado e da occasião, sem abrir os olhos, nem espertar, continuando a dormir cegos como d'antes? Vêde se somos nós mais nescios que as nescias!

As nescias (e é a quarta prudencia) ornaram as suas alampadas: *Ornaverunt lampades suas:* [2] e o mundo, onde tanto se trata hoje do ornato, de que ornato é que se trata? Galas e mais galas para o corpo, sedas e mais sedas para o corpo, oiro e mais oiro, joias e mais joias, vaidades e mais vaidades para o corpo; e a pobre alma, desprezada, rota, despida, envergonhada, sem ter com que cobrir a fealdade e ignominia em que os peccados trocaram sua natural formosura? Vêde se somos nescios mais que as nescias!

As nescias (e foi a quinta prudencia) vendo que se lhes apagavam as alampadas, com ser coisa de tanta repugnancia o pedir aos eguaes, não duvidaram, nem repararam em pedir ás companheiras: *Date nobis de oleo vestro.* [3] Quantos ha que querem antes roubar que pedir? Quantos que querem antes vender a alma, e ainda o corpo, que pedir? Quantos e quantas que querem antes dar-se ao demonio, que pedir, nem ao mesmo Deus? E não só não pedem a Deus o remedio para a necessidade, nem o soccorro para a tentação, mas nem ainda depois do peccado lhe querem pedir o perdão delle? Vêde se somos nós os nescios mais que as nescias!

As nescias (e vae a sexta prudencia) ainda que as prudentes lhes não quizeram dar o oleo, tomaram

---

[1] *Math.*, XXV, 1.
[2] *Ibid.*, 7.
[3] *Ibid.*, 8.

comtudo o conselho que lhes deram, de que o fossem comprar: *Ite potius ad vendentes.* [1] Quantas vezes nos dão bons conselhos os confessores? Quantas vezes nos dão bons conselhos os paes? Quantas vezes nos dão bons conselhos os amigos? Quantas vezes nos dão bons conselhos os livros? Quantas vezes nos dão bons conselhos os Anjos da guarda por meio das inspirações? Quantas vezes nos dão bons conselhos os exemplos, os castigos, e os casos tão raros e portentosos que vêmos succeder no mundo, para que escarmentemos em cabeça alheia; e nós comtudo tão loucos e tão desaconselhados? Vêde se somos mais nescios que as nescias!

As nescias (e foi a setima prudencia) sem reparar no trabalho, nem no dinheiro, nem na auctoridade, foram comprar o oleo ás tendas: *Dum autem irent emere.* [2] E nós, sendo que tudo nos custa, e tudo compramos, e a tão caros preços, só o céu não queremos comprar. Ha dinheiro para o appetite, ha dinheiro para a vaidade, ha dinheiro para a vingança, ha dinheiro para o jogo, ha dinheiro para a peita; mas não ha dinheiro para a restituição, não ha dinheiro para a esmola, não ha dinheiro para as Capellas e obrigação do Morgado, não ha dinheiro para os legados e satisfação do testamento, e quando não queremos o céu de graça, para comprarmos a pezo de oiro o inferno, não falta dinheiro. Vêde se somos nós os nescios muito mais que as nescias!

As nescias finalmente (e é a oitava e ultima prudencia) vieram, ainda que tarde, bateram á porta do céu, e chamaram muitas vezes pelo Esposo: *Novissime verò veniunt, et reliquæ virgines, dicentes, Domine, Domine, aperi nobis.* [3] Ellas vieram, bateram, e chamaram: nós nem viemos, nem batemos, nem chamámos: antes está a representação e a tragedia tão trocada em tudo, que Deus é o que vem, e nós fugimos: Deus o que chama, e nós não respondemos; Deus o que bate, e nós não abrimos. Vem Deus, e está batendo e chamando ás portas do nosso coração: *Ego sto ad ostium, et pulso:* [4] E nós respondemos ás

---

[1] *Math.*, XXV, 9.
[2] *Ibid.*, 10.
[3] *Ibid.*, 11.
[4] *Apoc.*, III, 20.

Tres Pessoas da Santissima Trindade: *Nescio vos.* [1] Dizei-me, ou diga-se cada um a si mesmo: Quantos tempos ha que Deus vos anda batendo á alma (e póde ser que a ultima vez fosse neste mesmo sermão): Filho, eu creei-te: Filho, eu remi-te com o meu sangue: Filho, tu has de morrer: Filho, eu não te hei de salvar, nem posso, sem boas obras: pois que é o que determinas? Isto nos diz Deus, e isto vos digo eu em seu nome. Que determinamos, Christãos, que determinamos? Esperamos que se nos feche a porta do céu? Esperamos que se nos diga para sempre: *Clausa est janua?* [2] As Virgens que tiveram as alampadas accezas com boas obras, entraram; as que as tiveram apagadas, ficaram de fóra. Respondei-me, por reverencia de Deus, a duas perguntas muito breves. Pergunto: Crêdes e tendes por fé, que sem boas obras ninguem se póde salvar? Se sois christão catholico, haveis de dizer que sim. Pergunto mais: E essas boas obras, sem as quaes vos não podeis salvar, tendel-as vós, ou não? Muitos ha, que, se hão de fallar verdade, devem dizer que as não teem. Pois se não tendes boas obras, e sem boas obras não vos podeis salvar; essa esperança que tendes de vossa salvação, em que a fundaes? Ha Deus de faltar á sua justiça? Ha de mudar suas leis por amôr de vós? Dir-me-heis, que ainda que não tendes agora as boas obras, que tendes propositos de as fazer depois. E se antes desse *depois* vier o Esposo: *Dum autem irent emere, venit Sponsus?* [3] Se antes desse *depois* vier a morte? Se antes desse *depois* vos pedirem conta? Atreveis-vos a estar no inferno para sempre? Torno a dizer: atreveis-vos a estar no inferno, a arder naquellas chammas para sempre? Este *para sempre* repetia muitas vezes Santa Thereza, ainda sendo muito menina, e este *para sempre* foi o principio da sua oração, e o primeiro fundamento da sua santidade. Com este *para sempre* me quero despedir de vós, e que este *para sempre* vos fique soando nos ouvidos, e imprimindo-se nas memorias: para sempre, para sempre, para sempre.

---

[1] *Math.*, xxv, 12.
[2] *Ibid.*, 10.
[3] *Ibid.*.

SERMÃO

DO

EVANGELISTA S. LUCAS

Padroeiro dos Medicos. Na sua festa

Curate infirmos, et dicite illis: Appropinquavit in vos Regnum Dei. [1]

I

Com tres dedos, diz o Propheta Isaias, que sustenta Deus todo o peso e machina deste mundo; *Appendit tribus digitis molem terræ.* [2] E abaixo destes tres dedos, em que a Glossa do mesmo Texto reconhece as tres Pessoas Divinas, não ha outros tão maravilhosos, como os da mão de S. Lucas, tambem tres e tres vezes admiraveis? Foi S. Lucas evangelista, foi pintor, foi medico. Admiravel, quando com tres dedos tomava a penna como Evangelista: admiravel, quando com tres dedos tomava o pincel como pintor: admiravel, quando com tres dedos tomava o pulso como medico.

De Hermes, aquelle famoso athleta do amphitheatro romano, famoso na espada, famoso na lança, famoso no tridente, disse com elegante encarecimento o Poeta gentio: *Hermes omnia solus, et ter unus:* [3] Hermes é tres vezes um, e tudo elle só. Este elogio, se Roma já então fôra christã, pudéra ella applicar com maior propriedade, não ao seu fabuloso Jupiter, senão ao verdadeiro Deus trino, e um. Elle só é tudo: *Omnia solus:* e elle só é tres vezes um e o mesmo, *et ter unus.*

Homem foi S. Lucas, mas tão grande homem, que esta é já a segunda vez que se nos equivoca não com

---

[1] *Luc.*, 10.
[2] *Isai.*, XL, 12.
[3] *Mart. Lib.* 5.

menos pessoa, ou pessoas, que com as tres divinas. Foi S. Lucas tres vezes um, *ter unus:* uma vez um, como Evangelista: outra vez um, como pintor: e a terceira vez um, como medico. Um, como Matheus, ou João: um, como Apelles, ou Zeuxis; um, como Esculapio, ou Hyppocrates. Tudo isto foi S. Lucas só, *omnia solus:* mas como? Não com tudo o que elle era, nem com duas mãos, como Hermes, nem com uma só mão, senão com tres dedos sómente della. O' quão grande, ó quão varia, ó quão formosa e agradavel materia nos offereciam hoje estes tres dedos, dividida já em outros tantos discursos, se o tempo nos dera logar para vêr separadamente o que a natureza, a arte, e a graça organisou e uniu naquellas extremidades, e não todas, de tão prodigiosa mão? Mas porque a presente solemnidade toda se dedica e consagra ao mesmo Santo em quanto protector e prototypo da sciencia medica; para que tambem concorra a ella do modo que póde ser em quanto evangelista, e em quanto pintor; na primeira parte do discurso em quanto evangelista, nos descreverá em si e no Evangelho a ideia e origînal do perfeito medico: e na segunda parte em quanto pintor, nos retratará do mesmo original as copias, para que o possam ser por imitação todos os professores da mesma faculdade. Desta sorte será o dia e a celebridade toda de S. Lucas, e toda dos devotos que a celebram. *Ave Maria.*

II

Curate infirmos, et dicite illis: Appropinquavit in vos Regnum Dei. [1]

Uma das maiores maravilhas da Providencia e Sabedoria divina, ou, por fallar mais ao certo, a maior de todas, foi conquistar e sujeitar Christo o mundo com tão poucos homens, tirados pela maior parte da barca e do remo. De pescadores de peixes vos farei (disse) pescadores de homens. Mas de que modo, ou com que artificio? Trocando-lhes os instrumentos de

[1] *Luc.*, x, 19.

tal sorte, que, assim como no mar pescavam os peixes, matando-os, assim na terra pescassem os homens com lhes dar a vida. Este cevo da vida, que é o mais saboroso, o mais util, e o mais precioso na estimação de todos os mortaes, é o que voluntaria e espontaneamente os rendeu todos á obediencia de Christo, e ao jugo, só por isso mais suave, da sua Lei. Os homens só conheciam por experiencia uma vida, que é a temporal; e a outra, que é a immortal e eterna, só a tinham os mais republicos por necessaria politicamente á opinião do vulgo, mas verdadeiramente por falsa e fabulosa.

Assim o ensinava Seneca, assim o pregava Tullio, e os outros que em Roma tinham nome de sabios. E que fez a Sebedoria divina e humana do Senhor e Redemptor do mundo? Mandou por todo elle os prégadores da sua fé, armados de dois poderes sobre ambas as vidas: o primeiro, para conservar e estender o temporal; o segundo, para prometter e segurar a eterna. Isto é o que conteem expressamente as palavras que tomei por thema; *Curate infirmos, et dicite illis: Appropinquavit in vos Regnum Dei:* Curae os enfermos, e dizei-lhes, que é chegado o tempo em que se hão de abrir as portas do céu, que até-gora estiveram fechadas. Na cura dos enfermos milagrosa se continha o poder de conservar e estender a vida temporal: *Curate infirmos:* e na promessa do reino do céu confirmada com os mesmos milagres se assegurava a immortal e eterna: *Appropinquavit in vos Regnum Dei.*

Mas d'aqui nasce uma grande difficuldade ao que havemos de dizer: e é, que a mesma propriedade que nos introduziu o thema, parece que nos exclue o assumpto. Porque o thema falla da virtude sobrenatural com que os Apostolos e Discipulos de Christo curavam as enfermidades milagrosamente: e o nosso assumpto suppõe, e ha de fallar da sciencia da medicina com que os medicos curam naturalmente, e sem milagre: logo não assenta bem o assumpto sobre o thema, que é o mesmo que tirar os alicerces ao edificio. Respondo que o thema não só falla da medicina sobrenatural, senão tambem da natural: e que os Apostolos, assim como nem sempre fallavam pelas linguas do Espirito Santo, senão tambem pela propria: assim nem sempre curavam sobrenatural e mila-

grosamente, senão por si, ou por outros, pelos meios e remedios da natureza e da arte. Provo com o exemplo dos dois maiores Apostolos S. Pedro e S. Paulo.

Da sogra de S. Pedro diz o mesmo Evangelista S. Lucas, que jazia com grandes febres sem se poder levantar de uma cama: *Socrus autem Simonis tenebatur magnis febribus.* [1] E assim como é admiravel moderação do Principe dos Apostolos que a não sarasse milagrosamente, como podia, applicando-lhe os remedios do céu; assim é certo da sua caridade, que lhe não negava os naturaes e da terra. E S. Paulo, não menos poderoso, na primeira Epistola que escreveu a seu Discipulo Timotheo, lhe mandou a receita com que naturalmente se havia de curar das suas frequentes enfermidades: *Noli adhuc aquam bibere, sed modico vino utere propter stomachum tuum, et frequentes tuas infirmitates.* [2] Pois se S. Pedro passando pelas ruas sarava os enfermos estranhos, bastando só que os tocasse com a sua sombra, a enferma que tinha dentro de casa, tocando-lhe tão de perto no parentesco, porque a não sarava? E S. Paulo, que tanto adoecia das enfermidades alheias, como os doentes das proprias: *Quis infirmatur, et ego non infirmor:* [3] se dentro na mesma carta podia mandar a Timotheo a saude, porque lhe manda a receita para o remedio? Quanto á sogra de S. Pedro, dizia eu n'outra occasião, que ainda em prudencia economica e politica se podia deixar estar enferma só por ser sogra. Uma sogra talvez é melhor estar doente, que sã: porque doente, a mesma doença a tem quieta a um canto da casa; e sã, rara é a que não se contente com menos, que com todos os quatro cantos della. A mesma palavra, *tenebatur*, parece que diz que a doença a tinha alli atada. Mas agora digo, que a deixava S. Pedro estar assim, para que ella exercitasse a paciencia, e elle a caridade. E com o mesmo zelo S. Paulo não quiz livrar a Timotheo das suas enfermidades, posto que frequentes; porque ainda que na saude teria mais livres as acções para servir á Igreja, na enfermidade tinha mais seguras as occasiões em que aperfeiçoar a

---

[1] *Luc.*, IV, 38.
[2] *1.ª Epist. ad Tim.*, V, 23.
[3] *2.ª ad Corinth.*, XI, 29.

virtude: *Nam virtus in infirmitate perficitur*, diz o mesmo S. Paulo. [1]

Pelo que toca porém ao nosso caso, ou as razões dos dois Apostolos fossem estas, ou quaesquer outras, o que a mim me serve dos exemplos referidos, é a certeza do mesmo facto, do qual se prova que os Apostolos e Discipulos de Christo na cura das enfermidades não só usavam da virtude sobrenatural e milagrosa, mas tambem se ajudavam da medicina natural e humana, que é propria do nosso assumpto. Nem as palavras do thema dizem o contrario, antes confirmam o mesmo. E senão, pergunto: As palavras do thema dizem, *Curate infirmos*. E porque não disse o Senhor, cujas ellas são, *sanate*, senão *curate*? Porque não disse, sarae, senão, curae? Porque o sarar, que tem por effeito passar de repente da enfermidade á saude, é só de virtude sobrenatural e milagrosa: por isso dos que tocavam o corpo, ou vestiduras de Christo, não se diz que os curava a sua virtude, senão que os sarava: *Quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes.* [2] Porém a palavra *curate*, segundo a sua mesma etymologia, mais propriamente significa a saude que se alcança não subita e immediatamente, senão por meio da virtude natural dos medicamentos: e assim usa da mesma palavra a Sagrada Escriptura.

Adoeceu mortalmente El-rei Ezechias, e depois que o mesmo Propheta que tinha denunciado a morte, lhe applicou á parte leza a massa dos figos, *Afferte massam ficorum*, então diz o Texto que foi curado: *Quam cùm posuissent super ulcus ejus, curatus est.* [3] E S. Raphael quando mandou a Tobias, o Moço, que com o fel do peixe que tinha tomado no caminho, ungisse os olhos de seu pae, e elle com este remedio cobrou a vista, tambem o declarou, sendo Anjo, com o mesmo verbo de curar: *Et nunc misit me Dominus ut curarem te.* [4] Finalmente Isaias, que foi de todos os Prophetas o que mais propria e elegantemente soube fallar, onde diz *Vulnus, et livor, et plaga tumens, non est circumligata, nec curata medicamine, neque*

[1] *2.ª ad Corinth.*, XII, 9.
[2] *Luc.*, VI, 19.
[3] *4.º Livr. dos Reis*, XX, 7.
[4] *Tob.*, XII, 14.

fota oleo; [1] expressamente ajuntou o medicamento com o curar, e o curar com o medicamento. E se os dois principaes discipulos da primeira e segunda escóla de Christo assim entenderam e praticaram o *curate infirmos* do Evangelho, quanto mais o mesmo S. Lucas, que o escreveu, sendo medico de profissão, e tão amado e estimado medico, como diz S. Paulo: *Lucas medicus charissimus?* [2]

III

Assentado assim o fundamento do nosso assumpto, para que nem elle, nem o escrupulo de algum ouvinte tenha em que tropeçar; tomando toda a materia em sua primeira fonte, formou Deus o corpo humano com suas proprias mãos, de barro, e logo com o alento de sua propria respiração (para que todo, e de todos os modos fosse seu), lhe deu a vida. Mas como esta consiste na conservação do calido e humido, que sempre se fazem guerra, e por isso naturalmente se havia de ir enfraquecendo, e mais tendo as raizes no mesmo barro, para reparo desta fraqueza tinha o soberano Auctor da mesma vida plantado no meio do Paraiso uma arvore de tal virtude, que, comido o fructo della, lhe restituisse o vigor perdido, e a repuzesse outra vez nas suas primeiras forças. Estes foram os principios da nossa vida, e os remedios que Deus lhe tinha prevenido não só para a conservação, senão para a perpetuidade de annos e seculos. Mas como pelo appetite de Eva, e desobediencia de Adão, e pelo peccado de ambos, foram lançados do Paraiso; para que comendo da Arvore da vida, a não podessem perpetuar, ás portas do mesmo Paraiso poz Deus em guarda della um Cherubim armado com uma espada de fogo, com a qual lhe defendesse a entrada. Desta maneira toda aquella felicidade se converteu em miseria, e á vida que havia de ser quasi immortal, succedeu a sentença de morte; ao vigor do corpo a fraqueza; á saude as enfermi-

---

[1] *Isai.*, I, 6.
[2] *Col.*, IV, 14.

dades: e tudo sem remedio, nem esperança delle, impedido formidavelmente o accesso da arvore vital com as primeiras armas de fogo que houve no mundo, e não meneadas por mãos, ou braços humanos, senão por impulsos e forças insuperaveis, quaes são as angelicas.

Que faria porém no estado desta desesperação a misericordia daquelle Senhor, tão presada sempre de se exaltar gloriosa sobre as execuções da sua mesma justiça? Dae-me agora grande attenção ao que hei-de dizer. O que fez Deus, foi plantar fóra do Paraiso outra arvore da vida, e entregar a guarda della a outro Cherubim, não armado de fogo, senão de luz, o qual não só defendesse, mas cultivasse a mesma arvore, e com os seus fructos recuperasse aos homens a saude, e lhes accrescentasse a vida. E que arvore, e que Cherubim foram estas? A arvore foi a sciencia da medicina, e o Cherubim é o medico. Não é isto invento ou consideração minha, senão verdade de fé, e Texto expresso da Sagrada Escriptura. *Altissimus creavit de terra medicinam:* [1] O Altissimo creou da terra a medicina: eis aqui a arvore. *Honora medicum propter necessitatem: etenim illum creavit Altissimus:* [2] Honrae o medico por amôr da necessidade, porque o Altissimo o creou a elle: eis aqui o Cherubim.

De sorte que assim como Deus no Paraiso creou a arvore da vida antes do peccado de Adão, assim depois do peccado creou fóra do Paraiso a medicina: *Altissimus de terra creavit medicinam.* E assim como Deus entregou a guarda e defeza da arvore da vida a um Cherubim, assim entregou a guarda e cultura da medicina ao medico: *Etenim medicum creavit Altissimus.* E a razão destas duas novas creações, que depois da creação do mundo fez o Altissimo, repetindo em uma e outra a mesma palavra, *creavit*, foi, como accrescenta o mesmo Texto, da parte de Deus; porque toda a medicina é obra sua: *A Deo est enim omnis medela:* [3] e da parte do homem: porque todo o homem prudente não deve recusar os medi-

[1] *Eccli.*, XXXVIII, 4. Juxta LXX. Jansen. et alii.
[2] *Ibid.*, XXXVIII, 2.
[3] *Gen.*, II, 9.

camentos: *Et vir prudens non abhorrebit illa.* Vamos agora por partes.

Altissimus de terra creavit medicinam: Deus creou da terra a medicina: mas de que terra, ou em que terra? Assim como a primeira arvore da vida foi creada no meio do Paraiso: *Lignum vitæ in medio Paradisi;* [1] assim a terra de que Deus, e onde Deus creou a segunda, foi o meio da redondeza da mesma terra. A prova e a razão é, porque em todas as quatro partes do mundo creou Deus, para serviço e uso da medicina, varios antidotos, ou instrumentos medicinaes, conforme as qualidades e enfermidades das mesmas terras. Os Romanos nas suas conquistas queixavam-se de que entre as novas riquezas que de lá traziam, vinham tambem os contagios de novos generos de doenças, com que parece que os conquistados se vingavam dos seus mortos, matando tambem dentro em Roma os seus mesmos conquistadores. Nem é alheio deste pensamento, o com que, sendo El-rei D. Manuel o fundador ou amplificador dos hospitaes de Lisboa, se dizia delle, que justamente fabricava os hospitaes, quem com as suas conquistas accrescentára os enfermos. Mas nesta mesma experiencia se vê e reconhece mais claramente o altissimo conselho da Providencia Divina, pois são muitos mais os novos e exquisitos remedios, que das mesmas conquistas se descobriram, ainda contra as antigas enfermidades, do que requerem as novas.

Plantada pois no meio das quatro partes do mundo a segunda arvore da vida, ella com as suas raizes penetra até o centro da terra, d'onde com maior utilidade que a cubiça, desenterra todo o genero dos mineraes de tanto mais poderosas virtudes, quanto mais simples. De lá cava não só o oiro e a prata morta e viva, senão tambem o ferro para os casos extremos: de lá tira as esmeraldas, os rubis, os jacinthos, e todas as outras pedras preciosas, de que a branda medicina se serve, e se corôa, tão differentes na efficacia, como nas côres, e tanto de maior valor quando liquidas as bebe a saude, que quando solidas se engastam nas joias. Regam estas raizes os rios e fontes, umas quentes, outras frias, todas saudaveis. E as mesmas aguas do mar, posto que salgadas, as

[1] *Gen.*, II, 9.

não fertilisam, nem enriquecem menos, fecundas e abundantes dos remedios, que, ou nadam nos ossos e entranhas das peixes, ou moram e se encerram nas conchas dos que não podem nadar.

Dos lodos mais profundos recebe o tributo das perolas e aljofares: das areias limosas o mysterioso coral, que primeiro é vime verde e brando, e logo pedra vermelha e dura: até da furia das tempestades, ou da fome das baleias, os sobejos odoriferos do ambar, que estas arrancam, e aquellas lançam ás praias. De raizes assim regadas, cresce e se engrossa o tronco de toda a famosa arvore, formado de todos os lenhos medicinaes que criam os visinhos e remotos climas; dos quaes, ou abertos os póros com o calor do sol, se destillam em suores, ou feridos mais interiormente nas veias, correm como sangue os balsamos e as myrrhas: e estas pelo parentesco que teem de humores, ou restringindo, ou relaxando (como no instrumento as cordas) os reduzem facilmente á natural harmonia.

Daquella arvore que viu em sonhos Nabucodonosor, depois de referir Daniel que estava plantada no meio da terra, e se estendia até os ultimos fins do mundo, como nós dissemos da nossa, accrescenta o mesmo Propheta, que debaixo della habitavam todos os animaes, e nos seus ramos conversavam todas as aves: *Subter eam habitabant animalia, et bestiæ, et in ramis ejus conversabantur volucres cœli.* [1] E é sem duvida que da segunda arvore da vida, não em apparencias sonhadas, mas com experiencis muito certas, se verifica com toda a propriedade o mesmo; porque de todos os Auctores da historia natural, que escreveram, assim dos animaes terrestres, mansos e feros, como das aves domesticas, e de rapina, consta que de uns e outros, sem excepção, tirou a medicina diversos generos de remedios, e até da vibora, a mais venenosa de todas as serpentes, formou a triaga. E o que nesta parte mais se deve admirar e venerar (porque onde não ha docilidade, não póde haver sciencia), é que a mesma sciencia da medicina se deixou ensinar, e não se envergonhou de aprender dos mesmos brutos, aprendendo do veado, entre os animaes,

[1] *Daniel*, IV, 9.

o medicamento do *dictamo*, e da andorinha, entre as aves, o da *chelidonia*. Tanto assim, que prezando-se os Egypcios de inventores desta grande arte, o geroglifico com que pintaram a medicina, foi uma pomba com um ramo de louro na bocca: por ser o louro o remedio com que esta ave por instincto da natureza se cura.

Das folhas da nossa arvore não posso dizer mais, nem devo dizer menos, que o que d'outra arvore da vida disse S. João no seu Apocalypse: *Lignum vitæ, et folia ligni ad sanitatem gentium:* [1] alludindo, e conformando-se com Ezechiel, que ainda o disse com mais breves palavras: *Folia ejus ad medicinam.* [2] A primeira arvore da vida tinha a virtude de conservar no fructo, que por isso disse Deus quando a vedou: *Ne comedas.* [3] E se a segunda tem a saude e a medicina nas folhas, que folhas posso eu dizer, ou interpretar que são estas da medicina, senão as innumeraveis de tantos livros, que della se tem escripto, nos quaes não ha folha alguma que não contenha algum remedio para a saude do homem: *Folia ejus ad sanitatem gentium?* Finalmente, acabando com as flôres e com os fructos, conforme os aphorismos do maior medico do mundo, que foi Salomão: flôres e fructos pediu a sua Esposa que lhe applicassem: *Fulcite me floribus, stipate me malis.* [4] E é certo que com estes dois simples sarou, e tornou em si, sendo o accidente tão perigoso como um deliquio e desmaio mortal, causado daquella febre, que nascendo do coração, não é calor que se diffunde por todo o corpo, mas que abraza toda a alma e a derrete: *Quia amore langueo.* [5]

IV

Assim descripta, ou mal pintada a segunda arvore da vida, que é a medicina, tomára eu agora o pincel de S. Lucas para pintar o Cherubim, que é o

[1] *Apoc.*, XXII, 2.
[2] *Ezech.*, XLVII, 12.
[3] *Gen.*, III, 22.
[4] *Cant.*, II, 5.
[5] *Ibid.*

medico. Mas quando chegarmos ás cópias do original, que é o mesmo S. Lucas, se o não delinearmos com as côres do seu pincel como pintor, descrevel-o-hemos com a verdade da sua penna como Evangelista. Disse que a guarda desta segunda arvore da vida era tambem outro segundo Cherubim, não armado de fogo para a defender, senão de luz para a communicar. E porque não careça encarecimento ou atrevimento chamar ao medico Cherubim, a razão e merecimento deste nome é, porque Cherubim quer dizer *plenitudo scientiæ*, a enchente das sciencias. Cada uma das outras faculdades é uma sciencia; a faculdade e sciencia do medico é um ajuntamento de todas, e por isso entre vós homens, como o Cherubim entre os Anjos.

O auctor da vida do homem em sua creação foi só Deus, mas o auctor da conservação da mesma vida é Deus e o medico: de Deus dependente *in fieri;* de Deus e do medico *in conservari*. E como a vida do homem e sua conservação é o objecto do medico, já se vê qual deve ser a sua sciencia. David, fallando com Deus, dizia: *Tu formasti me, et posuisti super me manum tuam. Mirabilis facta est scientia tua ex me:* [1] Vós, Senhor, me formastes com vossas mãos, e é admiravel em vós a sciencia que tendes de mim. O homem chama-se mundo pequeno, e S. Gregorio Nazianzeno diz que o pequeno é o mundo, e o homem o grande; porque mais difficultosamente se póde comprehender o que ha dentro nelle. Tertulliano refere de certo medico que fez anatomia em seiscentos mortos, e não acabou de entender a fabrica do corpo humano. E se a sciencia e conhecimento deste labyrintho é admiravel no supremo Architecto que o fabricou. *Mirabilis scientia tua ex me;* quanto mais admiravel será em quem ha de curar, e não póde sem o entender? O medico não só ha de conhecer a compleição de um homem, senão de todos os homens, e de todas as nações, cujos temperamentos são tão diversos como as côres. E do mesmo modo ha de conhecer as qualidades não só de uma terra, senão de todas as terras, nem de uma só agua, senão de todas as aguas, nem de um só ar, senão de todos os ares, e todos os climas.

---

[1] *Psal.*, CXXXVIII, 5 e 6.

Não só ha de fazer juizo da enfermidade pelo que vê no enfermo, mas ha de tomar o pulso ao sol, á lua, e ás estrellas, observando suas conjuncções, fugindo, ou aproveitando-se de suas influencias, e não só contando os dias criticos, mas vigiando sobre as horas e sobre os momentos; porque o mesmo medicamento applicado a seu tempo é antidoto, e fóra delle veneno. Os Antigos, que tinham por deus da medicina a Esculapio, consagraram-lhe o gallo e a serpente: a serpente, pela astucia e prudencia; o gallo, pela vigilancia, Mas que vigilancia é necessaria e póde ser bastante, não digo já para as enfermidades, senão para os mesmos remedios? O mitridatico inventado por Mitridates compõe-se de cincoenta e quatro ingredientes: a triaga inventada por Andromacho compõe-se de noventa: e cada um destes simples ha de entrar a fazer composição regulado por certo peso, e por certa medida. Mas que vaso haverá tão ajustado que os possa medir, e que balança tão subtil que os possa pesar, e sobre tudo, que mão humana tão egual que os possa temperar e unir? Por isso é necessario que o medico seja mais que homem, e passe a ser Cherubim.

Parece demasiado encarecer; mas a evidencia da demonstração tirará toda a duvida ao espanto. E se não basta por prova do nome de Cherubim a etymologia e definição do mesmo nome, *plenitudo scientiæ;* nem basta o concurso universal de todas as sciencias, que no perfeito medico se ajuntam, nem menos, como acabámos de vêr, o conhecimento de todas as coisas creadas, quantas immensamente abraça e comprehende em si o mesmo universo; se tudo isto, como digo, não basta para prova, bastará a auctoridade divina, que não só o ensinou assim de palavra, mas visivelmente mostrou ao Propheta Ezechiel o famoso exemplar do perfeito medico e do protector de todos, S. Lucas. E em que fórma, ou em que figura? Em fórma e figura natural de Cherubim, e não por outro titulo ou sciencia, senão pela da medicina. E' Texto ao intento mais milagroso que admiravel, e como tal se deve ouvir e vêr com a attenção dos sentidos muito abertos.

Duas vezes viu Ezechiel aquella famosa carroça chamada da gloria de Deus, pela qual tiravam quatro animaes enigmaticos com outras tantas figuras, de

homem, de leão, de aguia, de boi. A primeira vista, ou visão, refere o Propheta no primeiro Capitulo, e a segunda no decimo; mas nesta com uma notavel mudança; porque o mesmo que na primeira era boi, agora era Cherubim. *Similitudo vultus eorum: facies hominis, et facies leonis à dextris ipsorum quatuor, facies autem bovis à sinistris ipsorum quatuor, et facies aquilæ desuper ipsorum quatuor.* [1] Este é o Texto da primeira visão: o da segunda diz: *Facies una, facies Cherub: et facies secunda, facies hominis: et in tertio facies leonis: et in quarto facies aquilæ.* [2] De maneira que o mesmo que na primeira visão era boi, *facies bovis*, agora era Cherubim, *facies Cherub:* e o que na primeira estava á mão esquerda, no peor logar, *facies bovis à sinistris ipsorum quatuor*, agora estava no primeiro, *facies una facies Cherub: facies secunda, etc.* E para que não faça duvida que os animaes nesta segunda visão eram os mesmos, que na primeira, o mesmo Propheta o ratifica: *Et similitudo vultuum eorum ipsi vultus, quos videram juxta fluvium Chobar.* [3]

Pois se o boi na primeira visão tinha o peor logar, como agora tem o primeiro? E se na primeira era boi, como agora é Cherubim? Nenhum christão ha que ignore serem significados nestas quatro figuras enigmaticas de Ezechiel os quatro Evangelistas. O homem significava a S. Matheus, o leão a S. Marcos, a aguia a S. João, o boi a S. Lucas. E d'aqui se seguem duas coisas ambas certas: a primeira, que S. Lucas foi o Evangelista accrescentado a Cherubim. A segunda, que este accrescentamento foi em genero de sciencia, não só pela significação do nome, senão pela vantagem com que o Cherubim excede no saber não só ao leão e á aguia, senão tambem ao homem: e por isso se lhe deu o primeiro logar entre todos quatro. Mas d'aqui resulta outra difficuldade maior; porque os Evangelistas todos foram eguaes na sciencia sobrenatural e divina, com que escreveram: e se algum excedeu nella, foi S. João. Porém o mesmo Texto desfaz estes embargos com novo mysterio, e novo e grande reparo: porque na primeira visão, em

---

[1] *Ezech.*, I, 10.
[2] *Ezech.*, X, 14.
[3] *Ibid.*, 22.

que o boi ainda não tinha passado a Cherubim, diz que a aguia voava sobre todos: *Et facies aquilæ desuper ipsorum quatuor;* porém depois que o boi foi Cherubim, abateu a aguia as azas, e ficou como cada um dos outros dois: *In tertio facies leonis, et in quarto facies aquilæ.* Pois se a vantagem de S. Lucas era em sciencia, em que sciencia foi? Já tenho dito, e torno a dizer, que na da medicina

Na sciencia de Evangelista e de escriptor canonico, commum a todos quatro, era como os outros tres; mas na medicina era singular entre elles; porque só elle era medico, e os outros não e nesta sciencia consistiu a vantagem. Ha auctor que o diga? Nenhum: mas pois eu o digo, eu o provarei, e do mesmo Texto. Notae. Antes de o boi ser Cherubim, era o mais humilde de todos os quatro animaes; porque do boi é trabalhar e servir, e os outros tres todos eram e são reis: o homem rei do mundo, o leão rei dos animaes, a aguia rei das aves: logo se o boi feito Cherubim se avantajou aos outros pela sciencia, segue-se que não podia ser por outra, senão pela medicina. Porque? Porque entre todas as sciencias só a medicina tem sujeitos e debaixo de seu imperio aos reis. Admiravelmente Plinio, e mais sendo pouco affecto aos medicos: *Medicina una artium imperatoribus quoque imperat:* [1] Entre todas as artes e sciencias, só a medicina impera aos imperadores; porque assim como todos obedecem ao imperador e ao rei, assim os imperadores e os reis, obedecem ao medico: logo se o boi depois de ser Cherubim, passou do ultimo logar em que estava, ao primeiro, e ficou superior ao rei dos animaes, ao rei das aves, e ao rei do mundo, ainda que o Cherubim tenha todas as sciencias, *plenitudo scientiæ;* não podia ser por outra, senão pela medicina: *Medicina una artium imperatoribus quoque imperat.*

V

Já temos a S. Lucas, em quanto medico, Cherubim da segunda arvore da vida, a medicina. E para pro-

[1] Plin. Lib. 24, Cap. 1.

va de que era Cherubim, não armado de fogo, como o do Paraiso, senão vestido de luz, como eu prometti, o seu mesmo nome seja o primeiro testemunho. Na Epistola aos Colóssenses, fallando S. Paulo em S. Lucas, chama-lhe Lucas: *Salutat vos Lucas medicus:* [1] e na Epistola aos Romanos, chama-lhe Lucius: *Salutat vos Timotheus, et Lucius adjutor meus.* [2] Aqui se deve muito notar o principio e fim destes dois nomes no principio tão similhantes, e no fim tão differentes. E porque tão differentes no fim, e no principio tão similhantes? No fim tão differentes: porque na Epistola aos Colossenses fallava S. Paulo com os Gregos; e na Epistola aos Romanos fallava com os Latinos: e no nome Lucas observou a terminação grega, e no nome Lucius a terminação latina. Pelo contrario no principio dos mesmos nomes nenhuma coisa alterou da sua natural similhança, porque em ambos seguiu a propriedade da derivação, na qual assim Lucas, como Lucius, um e outro nome se deriva de luz.

Mas passando do nome á pessoa, e dos ouvidos aos olhos, vejamos ao mesmo Lucas, e ao mesmo Lucio no seu proprio e natural retrato. O Propheta Daniel nas suas visões, e S. João Evangelista nas suas, descrevem um homem todo, não só vestido, mas composto de luzes. O rosto era como o sol, quando mais resplandecente: *Facies ejus sicut sol lucet in virtute sua:* [3] os olhos como duas alampadas: *Oculi ejus ut lampas ardens:* [4] os braços e o resto do corpo até aos pés como de aurichalco (metal similhante ao oiro) quando sae da fornalha ardente: *Similis aurichalco in camino ardenti:* [5] e a sua voz, como voz, não de um homem, senão de muitos: *Vox sermonum ejus, ut vox multitudinis.* [6] Até qui ambos os Prophetas, um como pintura original, outro como cópia. Mas quem era, ou a quem representava esta figura toda luz, ou toda luzes? S. Jeronymo diz que representava a S. Lucas:

---

[1] *Colos.*, IV. 14.
[2] *Rom.*, XVI. 21.
[3] *Apoc.*, I, 16.
[4] *Daniel*, X. 6.
[5] *Apoc.*, I, 15.
[6] *Daniel*, X, 6.

Beatus Lucas, de quo dici potest, facies ejus sicut sol lucet in virtute sua. Da virtude do sol diz Malachias, que traz a saude nas pennas, chamando pennas aos raios da sua luz: *Sanitas in pennis ejus.* [1] Taes eram os raios da luz, e sciencia medica de S. Lucas: Quando as pennas da sua mão escreviam receitas, não receitavam medicamentos, receitavam saudes.

Isto faziam os seus tres dedos com a penna. E a sua voz com as palavras, que fazia? Esta é a ultima e maior maravilha. Não mudo, como costumam ser os outros: *Vox sermonum ejus, ut vox multitudinis:* A voz das suas palavras era como a voz da multidão. A multidão nos casos da medicina não está bem acreditada: *Turba medicorum Cæsarem perdidit*, disse Meandro: a multidão dos medicos matou ao Cesar: e o imperador Adriano, experimentando em si a verdade deste dito, dizem que o mandou escrever por epitaphio na sua sepultura. Nem foi menor a observação de Marcial, o qual visitado do medico Symmacho, com toda a multidão dos discipulos que levava comsigo á pratica, ao uso de Roma, em um achaque leve, disse jocosamente:

Centum me tetigère manus aquilone gelatæ;
Non habui febrem, Symmache, nunc habeo. [2]

Para sentenciar com justiça as enfermidades, ou sem perigo os enfermos, as juntas não hão de ser de muitos medicos, senão de muita sciencia em um só medico. Assim o entendeu o grande juizo de Homero, quando disse:

Vir Medicus par est multorum millibus unus.

E verdadeiramente tão grande atrevimento é nos que curam como nos que se deixam curar, que sendo as enfermidades sem numero, as haja de conhecer e remediar um só homem. Os Egypcios com esta consideração, como refere Plutarco, com tal egualdade e proporção repartiram ou distribuiram as enfermidades e os medicos, que um medico não podes-

[1] *Malach.*, IV. 2.
[2] *Martialis.* Livr. 3.º

se curar mais que só uma. De sorte que debaixo do genero das febres um curava as agudas, outro a terçã, outro a quartã, outro a diaria, outro a ethica, outro a tisica. Mas isto que intentou e não conseguiu a industria humana, repartindo a multidão das enfermidades pela multidão dos medicos, isto mesmo obrava só, e com infallivel successo, a voz de S. Lucas: *Vox sermonum ejus ut vox multitudinis:* e não porque naquelle novo e segundo Cherubim se multiplicasse a multidão das pessoas, senão a multidão das luzes.

VI

E se alguem me perguntar porque razão ou difficuldade necessita a perfeita medicina de tanta luz e tantas luzes entre todas as outras sciencias? A razão, de que não se póde duvidar, é por ser a medicina sciencia conjectural, que cura o que não vê, e nesta conjectura não só se póde enganar o discurso, mas até a mesma experiencia se engana, como confessou Hyppocrates: *Experimentum fallax.* Aristoteles disse que onde acaba a philosophia, alli começa a medicina. E quão subtil e allumiado ha de ser o entendimento, que penetre um cahos tão occulto e tão escuro como o interior do corpo humano? Baldo, depois de estudar a medicina, experimentando que não acertava a curar umas maleitas, passou ao geral das leis, e foi na jurisprudencia tão eminente, que se poz hombro por hombro com Bartholo. Tanto mais necessita de luz uma sciencia, que a outra! O jurista, para dar ou tirar a vida a um homem, vê as leis, e vê os autos: o medico vê as leis, mas dos autos não se lhe dá vista.

Se eu houvesse de fazer o annel ao medico, o metal do circulo não havia de ser oiro, senão electro; e a pedra não havia de ser diamante, ou rubi, senão ametisto. Porque ambos estes simples teem virtude de adivinhar e descobrir o veneno, ou por suor, ou por outro effeito extraordinario de quem o tem no dedo, sendo o dedo annular o que tem maior correspondencia com o coração. Os Americanos, com serem barbaros, deram em uma notavel politica, e

foi, que debaixo do mesmo nome *pagè* ajuntaram o officio de medico com o de feiticeiro, entendendo que só quem souber adivinhar, póde curar com acerto. Com a mesma prudencia ou astucia (não sei se antes, se depois) os Egypcios na Africa, os Gregos na Europa, e os Bracmanes na Asia uniram a sciencia magica com a medica, para que o que não podia alcançar a medicina conjecturando, supprisse a magia adivinhando.

E se o medico christão duvidar, se em algum caso se poderá valer da arte magica para adivinhar o que a sua não alcança: respondo que sim, se o instrumento fôr S. Lucas. S. Lucas foi perpetuo companheiro de S. Paulo: e porque S. Paulo era da tribu de Benjamim, diz S. Pedro Damião, que em lhe dar tal companheiro o avantajou Christo aos outros Apostolos, como José a Benjamim aos outros irmãos. Foi o caso, que quando os irmãos de José voltaram do Egypto com o pão que lá tinham ido comprar, mandou José ao seu veador, que nos saccos de cada um não só mettesse o trigo, senão tambem o dinheiro; e particularmente no de Benjamim, além do trigo e do dinheiro, mettesse a taça por onde elle bebia. Feito assim, e caminhando já todos os irmãos, veiu apoz elles o copeiro de José bradando, que lhe levavam roubada a taça de que seu senhor usava não só para beber, mas era o instrumento magico com que adivinhava todas as coisas: *Scyphus, quem furati estis, ipse est in quo bibit dominus meus, et in quo augurari solet.* [1] E levados todos diante de José, elle confirmou o mesmo dizendo: *An ignoratis quod non sit similis mei in augurandi scientia?* [2] Não sabeis que na sciencia de adivinhar nenhum ha similhante a mim? Isto posto, diz agora S. Pedro Damião, fallando de Lucas: *Quid per Benjamin nisi Paulus, qui de tribu Benjamin originem ducit? Soli autem Paulo etiam scyphus adiicitur*: [3] S. Paulo é significado em Benjamim, porque foi da tribu de Benjamim: e assim como só ao sacco de Benjamim se accrescentou a taça de José, assim só a S. Paulo foi dado por companheiro S. Lucas.

---

[1] *Gen.*, XLIV, 5.
[2] *Ibid.*, 15.
[3] P. Dam. Ser. de S. Luc.

E que similhança tem S. Lucas com a taça de José? A que disse o seu copeiro, e elle confirmou: ser o instrumento por onde adivinhava todas as coisas: *Scyphus in quo augurari solet dominus meus.* A virtude sobrenatural e divina, com que a José eram manifestas as coisas occultas, bem celebrada é nas Sagradas Escripturas: e porque elle a quiz declarar pelo modo com que os magicos do Egypto costumavam adivinhar, por isso a attribuiu á taça por onde bebia: e por isso com grande propriedade similhante a S. Lucas: *Soli Paulo scyphus adjicitur.* S. Lucas, como companheiro inseparavel de S. Paulo, foi depois delle o segundo vaso de eleição cheio de todas as graças do Espirito Santo, como Evangelista proprio seu (diz Ecumenio) no livro dos Actos dos Apostolos, no qual S. Lucas escreveu a vinda do Espirito Santo sobre os Apostolos, e o que por si mesmo e por elles obrou o mesmo divino Espirito na primitiva Igreja. E não ha duvida que sendo tão intimos companheiros Paulo e Lucas, assim como Lucas bebia como de fonte as revelações de Paulo, assim Paulo como de taça bebia tambem as de Lucas.

E esta é a razão porque o mesmo Paulo ao Evangelho de S. Lucas chamava Evangelho seu, *Secundùm Evangelium meum.* [1] E neste Evangelho de ambos, é circumstancia muito digna de se notar, que os outros Evangelistas escreveram o que viram; e S. Lucas, porque não viu a Christo, nem foi seu discipulo, tudo o que escreveu no seu Evangelho foi por influencia ou elevação daquella virtude que fica fóra da jurisdição e esphera da vista, que é o que faz mais difficultosos os acertos da medicina. Ditoso pois aquelle medico, que por devoção e intercessão de S. Lucas merecer que elle o admitta á participação desta graça tão particularmente sua: para que depois de esgottado tudo o que a medicina natural alcança, bebendo naquella taça a magia sobrenatural e divina, suppra ella com verdadeira certeza nas enfermidades as duvidas e perigos da conjectura. E não haja enfermo tão desconfiado da saude, nem enfermidade tão incuravel, que o medico por intercessão e graça de S. Lucas, e S. Lucas por meio delle não cure: *Curate infirmos.*

[1] *2.ª Epist. ad Tim.*, II, 8.

VII

Estabelecido assim nas luzes da sciencia de S. Lucas o exemplo, ou exemplar com que elle foi, e com que poderá ser excellente medico todo o que o quizer imitar, segue-se que passemos da theorica á pratica, e que o mesmo proto-medico nos ensine os particulares preceitos, ou maximas com que exercitou a parte curativa da sua arte. Mas porque referir todos os documentos deste exercicio é impossivel; e muito difficultoso escolher delles os mais necessarios; para não errar na eleição, ponderaremos sómente o que o mesmo S. Lucas com o indice dos tres dedos nos apontar no seu Evangelho.

O primeiro capitulo da instrucção que Christo Senhor nosso deu aos que mandou curar o mundo; é que não levem bolsa, nem dinheiro. Isso quer dizer, *Nolite portare sacculum*, ou, como lê o Texto original, *crumenam:* mas este mesmo preceito, ou conselho, parece totalmente encontrado com o intento, esperança, e fim dos professores da medicina. O fim que ordinariamente leva ás universidades os candidatos da sciencia medica, é aquella promessa vulgar do seu Galeno, *Dat Galenus opes*. A Theologia e Santo Thomaz, promette dignidades ecclesiasticas; a jurisprudencia e Justiniano, honras seculares; a medicina e Galeno, riquezas.

Já em tempo de Isaias tinha lançado raizes esta opinião, e tinha o mesmo credito a medicina. Conta Isaias perfeitamente, que os pequenos se levantaram contra os grandes, e elegeram por governador do povo um homem, só porque tinha bom vestido para representar o cargo: *Vestimentum tibi est; princeps esto noster.* [1] E o tal homem que responderia? *Non sum medicus, et in domo mea non est panis, nolite constituere me principem populi.* Respondeu que não era medico, nem tinha pão em sua casa, e que por isso nem elle quer, nem é bem que elles queiram que seja governador do povo. Duas incoherencias acho nesta resposta: a primeira, não querer o eleito ser

[1] *Isai.*, III, 6 e 7.

governador do povo, porque não tem pão em sua casa. Antes, porque não tendes pão em vossa casa, por isso deveis acceitar o governo. Para quem governa, qualquer terra é mais fertil de pão que Sicilia. Acceitae as provisões, e logo tereis a vossa casa muito bem provida. Comtudo este homem, quem quer que fosse, em não querer acceitar o governo, mostrou que no juizo era sisudo e na consciencia timorato. Porque os governos são para fazer bem com o pão proprio, e não para accrescentar os bens com o pão alheio. O mesmo Christo o disse por bocca do nosso S. Lucas: *Qui potestatem habent super eos, benefici vocantur:* [1] Os que teem poder sobre o povo, se governam como devem, são chamados beneficos, e este nome de benefico, ainda que se deriva de bem, não é dos bens que se recolhem, senão dos que se semeam: nem dos que se adquirem, senão dos que se repartem. Bem disse logo aquelle homem, posto que tumultuariamente eleito, quanto á primeira objecção.

A segunda é dizer que não tinha pão, porque não era medico: *Non sum medicus, et in domo mea non est panis:* e tambem aqui tirou a consequencia tão discreta, como verdadeiramente. Porque a todas as outras sciencias ou officios póde faltar o pão, mas ninguem o tem sempre mais seguro que o medico. Como todos somos mortaes, só o medico vive do que nós morremos: e tão certo é na medicina o pão, como na mortalidade a doença. Nunca lhe póde faltar ao medico o pão em abundancia; porque não ha lavoira menos dependente do tempo, ou chova, ou faça sol, que a da medicina. Antes quando a chuva afoga as searas, e o sol as queima, então cresce mais a lavoira dos medicos, porque então lavram mais as enfermidades. As quaresmas dos enfermos são as paschoas dos medicos, e com as dietas de uns, se fazem os banquetes dos outros.

Este é o riquissimo patrimonio da medicina, e por aquelle legado de Galeno, *Dat Galenus opes*, proprio e hereditario de todos os medicos. Pois porque prohibe Christo aos seus a bolsa e o dinheiro: *Nolite portare sacculum?* Porque quiz o supremo Legislador reduzir a medicina á sua natural nobreza; e que os

[1] *Luc.*, XXII, 25.

professores della a não desacreditassem com a fazer venal. A um prégador dos que tomam a Escriptura pela toada, ouvi eu arguir os medicos de se venderem muito caros, e o provava com o Texto de S. Paulo: *Salutat vos Lucas medicus charissimus.* Pouco conhece a riqueza da saude, quem cuida que por algum preço póde ser cara, quanto mais carissima. *Non est census super censum salutis corporis:* [1] diz o Espirito Santo, que não ha riqueza no mundo, que se eguale á saude do corpo. E Platão, fazendo um cathalogo dos bens desta vida, e dando por sua ordem o logar que merece cada um, no primeiro põe a saude, e no quarto as riquezas: *Primum locum obtinet bona valetudo, quartum opes.* [2] D'onde se segue que se o medico der ao enfermo a saude, e o enfermo ao medico todas as riquezas, menos recebe o medico, que o enfermo.

Sendo pois o objecto da medicina, a saude do corpo: *Corpus sanandum*, não ha duvida que faria grande injuria á medicina, e á mesma saude, o medico interesseiro que a quizesse embolsar, e que se lhe pagasse a dinheiro. Porque? Porque seria pôr preço ao que não tem preço. O Propheta Zacharias, fallando nos trinta dinheiros que os Principes dos Sacerdotes deram a Judas, diz que foram o preço do apreçado, a quem apreçaram os filhos de Israël: *Triginta argenteos, pretium appretiati, quem appretiaverunt à filiis Israel.* [3] De sorte que não pondera o Propheta ser Christo vendido, senão ser apreçado: *Pretium appretiati:* e não encarece que os Principes dos Sacerdotes o comprassem, senão que o apreçassem: *Quem appretiaverunt:* e assim foi, porque Judas não poz o preço, e só disse: *Quid vultis mihi dare?* [4] e os que avaliaram ou almotaçaram o preço, foram os Sacerdotes: *Illi constituerunt ei triginta argenteos.* [5] E esta foi na venda de Christo maior injuria e affronta que lhe fizeram, porque foi pôrem preço ao que não tem preço: *Illius pretio æstimati qui inæstima-*

Eccl. XXX, 16.
[2] Plat. Lib. 1. de Legibus.
[3] Zachar. relat. à Matth. XXVII, 9.
[4] *Math.*, XXVI, 15.
[5] *Ibid.*

bilis est, diz Theophilato. Dê-nos agora licença o mesmo Christo, saude das nossas almas, para que della desçamos á dos corpos.

Prohibe o mesmo Senhor aos seus medicos a bolsa e o dinheiro; porque sendo a saude entre os bens temporaes o maior de todos, seria grande affronta da mesma saude apreçal-a, ou pôr-lhe preço, como se ella o tivesse. Isto deviam fazer por propria eleição os professores da medicina por credito da sua sciencia. Zeuxis ao principio vendia as suas pinturas por muito dinheiro, depois dava-as de graça. E perguntado porque, respondeu: porque já não tinham preço: *Quod nullo satis digno pretio permutari posse diceret*, diz Plinio. Assim o faziam os dois famosos medicos Cosme e Damião, por isso chamados *anergerios*, que quer dizer, *os sem dinheiro*. E porque ninguem me diga que eram santos, como se por isso foram menos para imitar, oiçam os medicos ao seu Hyppocrates, o qual escreveu aos Abderitas, que pelo uso da medicina nunca recebêra paga: *Se numquam pro medicinæ usu mercedem accepisse.*

E donde lhe vinha esta generosidade a Hyppocrates? Não por ser rei, mas por ser medico. Seja prova desta grande excellencia da medicina uma observação minha, que muito me admira não ser de todos. Não houve homem mais perseguido neste mundo (e bastava ser mais que homem) que Christo Senhor nosso. Quantas vezes o quizeram apedrejar, quantas traças e traições buscaram para lhe tirar a vida, até que o puzeram na cruz? Mas quaes foram os seus perseguidores? De todos os Evangelistas consta que foram os Escribas e Phariseus, os Principes dos Sacerdotes, em summa, os ecclesiasticos. E eu cuidava que não haviam de ser senão os medicos. Todos os enfermos concorriam a Christo, e bastava que lhe tocassem em um fio da roupa para ficarem sãos de qualquer enfermidade. E deste bem commum tão universal só se podiam queixar os medicos, porque estavam ociosos, as boticas fechadas, e todos elles, e os seus ministros sem remedio. Exemplo seja aquella mulher de Cesaréa, que tendo gastado com os medicos toda a sua fazenda em uma doença chronica de doze annos, pela fama de Christo o veiu buscar, e só com lhe tocar a ponta do manto sarou. Assim o diz o Evangelista S. Marcos: *Quæ*

fuerat multa perpessa à compluribus medicis: et erogaverat omnia sua, nec quidquam profecerat. [1] Pois se os medicos por esta causa eram os mais prejudicados: antes aquelles unicamente que perdiam os interesses do seu officio, e todo o seu remedio, porque se não queixavam, e porque se não ajuntavam tambem aos outros perseguidores de Christo? Eu não acho outra razão ou fundamento desta differença, senão porque eram medicos. Provo. Porque se olharmos para a patria dos medicos, os Escribas e Phariseus eram da mesma patria: se olharmos para a lei, que era a de Moysés, elles guardavam a mesma lei: se olharmos para a religião, elles professavam a mesma, e como ecclesiasticos eram mais obrigados a ella: e comtudo só pelo temor de poderem perder os interesses das suas prebendas, *Venient Romani et tollent locum nostrum*, [2] crucificaram a Christo: logo não resta outra razão deste desinteresse dos medicos, senão a sua propria faculdade e sciencia, a qual é tão nobre e generosa, que por si mesma influe, ainda nos casos mais apertados, o desprezo de todo o interesse.

Mas d'aqui se segue uma grave e bem pesada difficuldade; porque se os medicos pelo uso da sua sciencia não hão de levar dinheiro, quem os ha de sustentar? Respondo que os enfermos, mas não por preço, senão por tributo devido á rainha de todas as sciencias. Assim o manda o mesmo Deus, que creou a medicina, naquelle Texto: *Honora medicum propter necessitatem:* Honrae o medico pela necessidade, isto é, não só pela necessidade que vós tendes delle, senão pela que elle tem de vós. E que quer dizer alli aquelle *honora?* Quer dizer o mesmo que no quarto mandamento, *Honorà patrem tuum.* Em um e outro logar quer dizer, que os filhos ao pae, e os enfermos ao medico teem obrigação de assistir e servir com a condigna sustentação: *Honora, id est, præbe illi sustentationem condignam*, diz com a commum interpretação, o doutissimo A. Lapide. E chama-se esta sustentação com grande propriedade, e energia condigna; porque se aos paes devemos o sustento,

[1] *Marc.*, v, 26.
[2] *Joan.*, xi, 48.

porque nos deram a vida, aos medicos a devemos com o mesmo direito, porque nol-a conservam. E isto mesmo confirmou admiravelmente o mesmo Christo no mesmo Evangelho, em que prohibiu a bolsa e o dinheiro, e não uma, senão duas vezes: uma vez, dizendo: *Manducate quæ apponuntur vobis et curate infirmos;* [1] e outra vez: *Edentes et bibentes quæ apud illos sunt.* [2] Notem-se muito os termos de umas e outras palavras, que são notaveis. Não diz que se sustentarão por onde forem como peregrinos, ou hospedes, senão como senhores, e como se os celeiros e despensas das cidades, e tudo o que nellas houver, fosse seu: *Edentes quæ apud illos sunt.* E, o que é muito mais, que isto o receberão e lograrão sem se lhes fazer a face vermelha com o pedir; porque tudo sem cuidado, nem diligencia sua se lhes porá diante: *Manducate quæ apponuntur vobis.*

VIII

O segundo documento do Mestre e Medico divino na instrucção que deu aos seus, é que no caminho a ninguem saudassem: *Neminem per viam salutaveritis.* [3] E tomando tambem de caminho estas palavras sem reparar no mais interior dellas, é certo que não admittem em quem acode aos enfermos, a menor detença, porque nenhuma ha, ainda que seja de um só instante, em que se não possa arriscar a vida. A mesma ordem deu o Propheta Eliseu a Giezi, familiar de sua casa, quando o mandou com o seu báculo ao filho morto da Sunamitis, esperando que posto sobre elle o resuscitasse. Mas naquelle caso era menor o perigo da dilação, ou detença. O morto sem novo risco podia esperar uma ou mais horas pela resurreição; mas o vivo talvez apertado do accidente mortal, qualquer momento que lhe tarde o remedio, o perde para sempre. E é materia muito escrupulosa que se detenha

[1] *Luc.*, x, 8 e 9.
[2] *Ibid.*, 7.
[3] *Ibid.*, 4.

em saudar a um são, quem leva a saude a um enfermo.

Mas dando um passo mais adiante neste caminho, não vejo combinar e ponderar, como é razão, a energia com que Christo Senhor nosso prohibe ao medico o saudar a quem encontra, quando vae curar a quem padece a enfermidade: *Neminem per viam salutaveritis.* A palavra *salutaveritis*, deriva-se da saude, *salus:* e é o mesmo que desejar saude áquelle com quem se falla. Para estas saudações formaram os Latinos um verbo, que a nossa lingua não tem, ao qual deram um só tempo no singular, que é *salve*, e no plural *salvete. Salve sancte parens, iterum salvete recepti nequicquam cineres.* [1] E como o *salutaveritis* significa este desejo da saude; com grande razão e energia prohibe o Divino Mestre as saudações aos medicos: *Neminem salutaveritis;* porque é grande abuso e implicancia impedir ou divertir o dar saude ao enfermo com saudar ao são, sendo que o verdadeiro saudar, é dar saude. Que coisa são essas saudações e cumprimentos, senão *officiosa mendacia?* E que maior sem razão que trocar a verdade pela lisonja, e arriscar por um cumprimento vão a maior importancia da vida?

Comtudo, como o saudar com os eguaes é acto de amizade, com os maiores de urbanidade, e com todos de humanidade; parece que é fazer aos medicos menos urbanos e menos cortezes, e mais se apertamos bem aquelle *neminem*, a ninguem, *neminem salutaveritis.* E que seria se aquelle a quem se negasse a saudação fosse pessoa de grande auctoridade, e de grande respeito? Neste caso, muito mais e por isso mesmo. Porque esses respeitos, e esses e outros obsequios são os que mais encontram a saude dos mesmos respeitados, e a obrigação e consciencia do medico. A maior tentação do medico é quando a enfermidade é grave, e tambem é grave o doente. Para que eu melhor me declare, oiçamos a S. Gregorio Nazianzeno, fallando dos medicos do seu tempo. Vistes já a um medico tomar o pulso ao enfermo, e arqueando as sobrancelhas com gestos de admiração fazer o compasso com a cabeça aos golpes do mesmo pulso?

[1] *Æneid.*, 5.

Pois aquelles movimnetos da cabeça do medico, diz Nazianzeno, são os da balança, em que elle está pesando duas coisas: de uma parte a difficuldade da doença, e da outra o preço que lhe hão de dar pela cura, e por isso a difficulta. *Capitis motu salutem velut lance mercedem augens, aut deploratum morbum esse significat.* Isto se entende dos medicos cubiçosos, que já refutei; o que agora digo e não louvo, é dos obsequiosos e respectivos. Quando a enfermidade é grave, e tambem grave o enfermo, o medico lisongeiro e de pouco valor, está pesando, como em balança, a graveza da doença, e a gravidade da pessoa: para que? Para temperar os medicamentos com tal brandura, que a doença se modere, e a pessoa de nenhum modo se moleste e aggrave. Se isto é adular o gosto, ou zelar a saude, julguem-o os mesmos que são juizes della.

A primeira coisa, diz Aristoteles, que se ha de considerar no enfermo, é o sugeito, mas não quem é, senão qual. Consta que estando enfermo aquelle grande Principe dos Philosophos, e provando, como já dissemos delle, que onde acaba a philosophia, começa a medicina, disse ao medico, como refere Eliano, que advertisse primeiro que elle não era cavador, nem vaqueiro, e sobre isto, depois de examinada a causa, veria se havia de obedecer ás suas receitas. *Ne, inquit, me cures ut bubulcum, aut fossorem, sed prius causam edissere, sci enim facilè persuasione me morigerum reddideris.* Distingue-se o philosopho do cavador, porque o cavador com a enxada na mão, quanto come e bebe em todo o dia, súa em meia hora; e o philosopho com a especulação da sua phantasia avoca os espiritos á cabeça, e ficam mal assistidas as officinas do sangue, e fontes da vida. De sorte que a consideração do sugeito ha de examinar, se é robusto ou delicado, se de muitas ou poucas forças, se deste ou daquelle exercicio; mas nesta distincção, e na do temperamento não ha de entrar a da qualidade e dignidade da pessoa, sob pena de ficar bem lisongeado o doente, e mal curado. Por isso vemos que melhor e mais facilmente se curam os criados que os amos, os escravos que os senhores. D'onde nasce que curadas nos nobres e ricos mais mimosa e não radicalmente as enfermidades, ou são frequentes as recahidas, ou, como gravemente disse Tertulliano,

quasi tanto padece o mal são a sua saude, como padecia a doença: *Ex aliqua valetudine sanitatem suam patitur.* [1]

E se isto succede ás qualidades particulares, que será nas supremas e coroadas? Adoeceu de uma febre El-rei D. Sebastião, e sendo chamado de Coimbra aquelle oraculo da medicina, que nas cadeiras da mesma Universidade é allegado com nome de *Magnus Thomas;* que remedio applicou ao rei, que era de pouca edade? Ordenou que lhe fizessem uma cama de rosas, e deitado nella, ficou são. Mas o que naquella grande sciencia obraram as rozas, em outra menor se póde curar com espinhas. E' policia da côrte da China darem-se ás doenças do rei os mesmos titulos que á pessoa real. E assim dizem os medicos: A muito alta e muito poderosa febre de vossa magestade, rainha sobre todos os reis, e imperadora sobre todos os imperadores, ou está mais remittida, ou mais alterada. E como nas doenças dos reis se cura a magestade, e não a natureza; e o respeito applica os medicamentos, e não o juizo; por isso a mesma natureza, que no viver e morrer fez a todos eguaes, não costuma obedecer senão áquelles remedios (posto que mais austeros) onde ella depositou a virtude, e poz a efficacia.

O medico não cura a purpura, nem a corôa, senão o homem despido, e o corpo que em todos é do mesmo barro: e aonde o medico quiz fazer distincção de barro a barro, alli se perdeu. Passando acaso Alexandre Magno por junto a um cemiterio, viu nelle a Diogenes: e como lhe perguntasse que fazia naquelle logar, respondeu o Philosopho: Ando aqui buscando os ossos de Filippe de Macedonia, mas não os posso distinguir: *Ossa Philippi patris quondam tui quæro; sed inter plebeorum non discerno.* [2] Assim respondeu a liberdade do famosissimo Cynico á arrogancia daquelle soberbissimo monstro, como lhe chama Seneca; e o ensinou a que se não estimasse mais que os outros homens, pois os ossos do pae que lhe dera o ser e o sangue, se não distinguiam dos outros. Mas como os palacios dos reis, aonde os medicos não são

[1] Tertul. Apolog. Cap. 27.
[2] Maximil. Sand. in Dedic. Lib. de Morte.

chamados senão por necessidade, assim como teem as portas sempre abertas á adulação e lisonja, assim ellas por si mesmas se fecham á verdade; muito valor ha mister a do medico que houver de curar a um rei, como a um homem.

Em summa, posto que esta materia seja tão alheia da minha profissão, eu a reduzo confiadamente a uma só palavra. E qual é? Que os medicos devem ser como as enfermidades. Assim como as enfermidades não respeitam qualidades nem dignidades, assim o devem elles fazer. A enfermidade não respeita qualidades, porque ainda que a nobreza se chame sangue, a enfermidade não se compõe ou descompõe deste só humor, senão da discordia de todos quatro. E não respeita dignidades, porque tão sujeito está á febre em palacio o rei, como o moço do monte, e em Roma o Papa, como o faquino. Sejam pois os medicos como as enfermidades: porque *contrariorum eadem est ratio*, e não é bem que sejam de melhor condição os males que os remedios. E porque todo o medico se empenha muito pela verdade e acerto do seu prognostico, sirva de conclusão a este ponto, e de prefação ao seguinte, que é de maior importancia, um caso que agora me lembra, tão merecedor de ser ouvido por discreto, como de ser imitado por verdadeiro.

Estando enfermo S. Francisco de Borja, no tempo em que era duque, tomou-lhe o pulso o medico e disse: que me dará vossa excellencia, se ámanhã lhe pedir as alviçaras de estar livre da febre? Estava no aposento um aparador com muitas peças ricas de prata, e respondeu o duque que daquella baixella escolhesse o que lhe parecesse melhor: e escolheu a maior de todas que era um grande prato. Tornou ao outro dia o medico, tomou o pulso, e equivocando como castelhano na palavra Plato, disse: *Amicus Plato, sed magis amica veritas:* vossa excellencia ainda tem febre. Não refere o historiador o que respondeu o duque: mas eu lhe não dera então o prato, senão ametade da baixella: e se accrescentára que a febre tinha degenerado em maligna, lh'a dera toda. Maior acção que a deste meu pensamento veremos depois. Em dois casos obrará culpavelmente a inteireza e verdade do medico: ou na applicação respeitosa dos remedios de que acabamos de fallar, ou no silencio e

dissimulação do perigo, de que agora fallaremos. Uma coisa é a doença que ameaça a saude temporal, outra a que póde arriscar a eterna: a primeira pertence á cura da enfermidade, a segunda ao desengano da morte. E quantos medicos ou por falta de valor, ou com sobeja e mal entendida piedade, por não desanimar os enfermos, e por não desconsolar os vivos, são causa de que se condemnem os mortos? Contra a enfermidade pecca-se na cura não se lhe applicando os remedios efficazes, posto que duros. E contra o enfermo, quando a doença é mortal, pecca-se muito mais gravemente na dissimulação, não o desenganando logo do seu perigo. O primeiro peccado é contra o *Curate infirmos:* o segundo contra o *Dicite illis: Appropinquavit in vos Regnum Dei.* Este é o terceiro documento do Evangelho. Dizei aos enfermos, a quem curardes, que é chegado a elles o tempo de passar desta vida, e de ir reinar com Christo.

Que bem conheceu a difficuldade deste desengano, e a força deste respeito El-rei Jeroboão! Estava gravemente enfermo o seu primogenito: quiz saber se viveria ou não, e disse á rainha, não fiando a materia de outrem, que disfarçada em trajos de uma mulher ordinaria, fosse consultar o Propheta Ahias, e lhe dissesse que tinha um filho muito doente, do qual dependia o remedio da sua casa, e que para saber o que havia de dispôr della, lhe pedia, como a oraculo de Deus, a certeza da sua vida ou morte. Por ventura faltavam a Jeroboão os seus medicos da camara, e estes, como se costuma, não eram os mais doutos de todo o reino? Pois porque os não consultou o rei, e ainda para tirar a verdade da bocca do Propheta, com o engano do disfarce da rainha quiz alcançar delle este desengano? O mesmo facto é a razão delle. Não consultou os medicos, porque ainda que não duvidasse da sua sciencia, tinha por certo que nenhum delles teria valor para não dissimular a morte do filho, e lhe manifestar com clareza que não podia escapar. E até do mesmo Propheta que lhe tinha annunciado a corôa, quiz alcançar por meio daquelle disfarce a verdade, que tanto cuidado lhe dava: porque a primeira revelação era dar a um particular a nova de um reino, e a segunda dar a um rei a da morte de um filho.

O' quanto trabalha o demonio para impedir, prin-

cipalmente aos reis, estes desenganos! Para impedir o fructo da primeira arvore da vida, disse a Eva: *Nequaquam morte moriemini:* [1] para impedir o fructo da segunda, que é a medicina, assim como poz estas palavras nos ouvidos da primeira mulher, assim põe as mesmas na bocca dos medicos. Notae muito aquelle *nequaquam*. Não disse que não morreriam, senão, que de nenhum modo haviam de morrer: *Nequaquam morte moriemini.* A promessa foi uma, e as mentiras foram sem numero; porque sendo innumeraveis os modos de morrer, como experimentamos os filhos de Eva, elle disse que de nenhum modo morreriam. Foram tantos os modos de mentir, como são os modos de morrer, para que em nenhum modo de morrer faltasse o seu modo de mentir. E por isso são tantos os modos de enganar, ou de não desenganar, com que encobrem a morte aquelles que teem obrigação, não só de a declarar, mas a tempo.

Grande exemplo o do maior dos Prophetas Maiores. Adoeceu mortalmente El-rei Ezechias, no meio (como elle cuidava) da sua edade: *In dimidio dierum meorum.* [2] Avisou-o Isaias para morrer, e foi o aviso com estas palavras: *Dispone domui tuæ, morieris enim tu, et non vives:* [3] Dispõe de tua casa, porque has de morrer tu, e não has de viver. Quem haverá que não admire esta repetição? Haver de morrer, e não haver de viver, não é o mesmo? O mesmo é, mas mais claro. E repetiu o Propheta o mesmo desengano, para que o rei o não duvidasse. Quando Christo disse aos Apostolos que ia a morrer, por mais que lhes declarou o tempo, o logar, o modo, os executores, e o mesmo genero da morte, diz o Evangelista que elles o não entenderam: *At ipsi non intellexerunt:* [4] porque não ha coisa mais difficultosa de entender, que esta palavra de morrer. Por isso o Propheta o declarou, não uma, senão duas vezes, nem por um, senão por dois modos: uma vez por affirmação, *morieris*, e outra por negação, *non vives*. Imaginas que estás no meio dos teus dias, e enganas-te;

---

[1] *Gen.*, III, 4.
[2] *Isai.*, XXXVIII, 10.
[3] *4.º Livr. dos Reis*, XX, 1.
[4] *Luc.*, II, 50.

pois os passados já são de morte, *morieris*, e os futuros não hão de ser de vida, *non vives*. A vida dos reis é de mui desegual esphera á dos outros homens, mas estas desegualdades, que só faz a fortuna, já é chegada a ti, ó Ezechias, a morte que as eguala. *Morieris*, morrerás á vida, *et non vives*, e já não viverás á fortuna: *morieris*, morrerás ao mundo, *et non vives*, e já não viverás á magestade: *morieris*, morrerás como homem, *et non vives*, e já não viverás como rei: *morieris*, morrerás como todos, *et non vives*, e já não viverás sobre todos.

Tudo isto quer dizer: *Morieris tu, et non vives*. Porém aquelle *tu*, não deve passar sem reparo. A palavra *tu*, na lingua hebraica, como na latina, é commum para todos: mas os vassallos quando fallam com os reis, em logar de *tu*, dizem: *Domine mi rex*, que vale o mesmo que Vossa Magestdae, como consta de toda a Escriptura Sagrada nos livros dos Reis: e os Prophetas quando menos á palavra *tu* accrescentam *rex: Tu rex*. Assim fallou Daniel a El-rei Nabucodonosor: *Tu rex cogitare cœpisti*. [1] Assim a El-rei Balthasar: *Pater inquam tuus, ó rex:* [2] e assim a El-rei Dario: *Coram te, rex, delictum non feci*. [3] Pois se Isaias era Propheta e vassallo d'El-rei Ezechias, e entre os Prophetas, como o mais polido e discreto de todos, era chamado o Propheta cortezão, porque deixando um e outro titulo, fallou ao seu rei, nem como vassallo, nem como Propheta, senão tão nua e seccamente com um *tu: Morieris tu, et non vives?* Porque a occasião não era de lisonjas, nem ainda de cortezias, senão de desenganos. Annunciava-lhe a morte, em que são eguaes todos os homens, e por isso lhe fallou como a qualquer outro homem, e não como a rei. Assim como não usou de prologos, ou prefações, nem de rodeios ou metaphoras, para a clareza, assim cortou pelas cortezias da magestade, por não perder aquelle pouco tempo, aonde são tão importantes os instantes. Não esperou a que a debilidade da natureza o avisasse do seu perigo, mas elle lh'o declarou em quanto os sentidos e potencias do corpo e alma

[1] *Daniel* II, 29.
[2] *Ibid.*, V, 11.
[3] *Ibid.*, VI, 22.

estavam inteiras, e em seu vigor, para orar, como orou, para chorar, como chorou, e para recorrer a Deus, como recorreu, e então o advertiu que dispozesse de sua casa *Dispone domui tuæ*, quando o podia fazer com o juizo, quietação e socego, que não permittem os accidentes nos desmaios e perturbações da morte; e pois perdia a vida, que acaba com o tempo, seguia-se a que não ha de acabar por toda a eternidade.

Aonde não houver este valor, esta liberdade, e esta verdade de Isaias, é certo que faltarão á sua obrigação (como muitas vezes teem faltado) não só os medicos do corpo, senão tambem os da alma, tão enganados nos respeitos humanos, ou deshumanos, de que se deixam cegar, que elles são os maiores traidores dos reis, e dos reinos; sendo pelo contrario dignos das maiores mercês, e dos mais avantajados premios, os que com verdadeiro zelo e amôr, não só os desenganavam livremente do perigo da vida, senão da certeza da morte. Aqui entra agora o exemplo da heroica acção que eu prometti, muito maior que o meu pensamento, sobre o medico de S. Francisco de Borja. Estando El-rei Balthasar na ultima ceia de sua vida, brindando aos seus idolos nos mesmos vasos sagrados de que seu pae Nabucodonosor tinha despojado o Templo de Jérusalem, appareceram tres dedos de uma mão invisivel, que escreviam na parede umas lettras não conhecidas. Chamado Daniel para a interpretação dellas, disse ao rei, que nas primeiras se continha o numero dos seus dias, nas segundas o peso das suas obras, e nas terceiras e ultimas o fim da sua vida e do seu reino, que seria naquella mesma noite. O' terrivel e tremenda sentença! E que faria Balthasar ouvindo-a? Immediatamente o conta o Texto, e foi uma resolução, se póde ser, ainda mais admiravel que a do Propheta: *Tunc, jubente rege, indutus est Daniel purpura, et circumdata est torques aurea collo ejus, et prædicatum est de eo, quod haberet potestatem tertius in regno suo.* [1] No mesmo ponto, sem fallar outra palavra, o que fez Balthasar, foi mandar que Daniel fosse logo vestido de purpura com o collar de oiro, que era a outra insignia real, e que na presença dos convidados, que eram mil, os maio-

[1] *Daniel* v, 29.

res de toda a monarchia, fosse apregoado no poder e mando pela terceira pessoa do seu reino, sendo a primeira o mesmo rei, a segunda a rainha, e a terceira Daniel. E haverá quem pudesse imaginar tal resolução no maior caso por todas suas circumstancias que póde succeder no mundo?

De maneira porque Daniel notificou a um rei a morte, e a privação do reino, que era a monarchia dos Assirios e Chaldeus, a maior que nunca houve; o mesmo rei avaliou com tal extremo este desengano, que o não pagou, nem premiou menos, que com egualar ao mesmo Daniel no poder e na dignidade a si, excepta sómente a corôa. Mas não parou aqui o caso, nem a causa da admiração, ainda vae por diante: *Eadem nocte interfectus est Balthasar rex Chaldæus, et Darius Medus successit in regnum:* [1] Naquella mesma noite, tomada por força de armas Babylonia, foi morto Balthasar, rei chaldeu, e lhe succedeu no reino Dario Medo: com que parece que a purpura, o colar, o poder, e a dignidade de Daniel tambem espirou, ou havia de espirar com o rei que lh'a tinha dado. Mas não foi assim, porque Dario, posto que como inimigo e vencedor de Balthasar, nenhuma obrigação tinha de confirmar o que elle tinha mandado; tendo porém noticia do que Daniel havia dito e feito, não só o conservou nas proeminencias da mesma dignidade, mas accrescentou a ellas o amôr, o respeito, e a estimação que lhe devia o defunto. Para que entendam os reis, quão animados e confiados devem ter os ministros de sua saude e vida, para que nos perigos della os desenganem com toda a liberdade. E qual ha de ser a verdade e inteireza com que os mesmos ministros os devem desenganar, sem temor de perderem a sua graça, nem a de seus successores.

IX

D'aqui não ha que passar, para que acabem bem os enfermos. E para que acabem bem os medicos, falta alguma coisa? Como andam sempre com a morte

[1] *Dan.*, v, 30 e 31.

entre as mãos, ou entre os dedos, póde acontecer que lhe tenham perdido o medo. Mas para que seja com confiança da vida, que ha de durar para sempre, lembrem-se daquelle proverbio: *Medice, cura te ipsum:* [1] assim como curam os outros, não se esqueçam de se curar a si. Este é o maior exemplo que devem admirar e imitar em S. Lucas. S. Lucas, como Evangelista de Christo, como companheiro perpetuo de S. Paulo, como aquelle varão apostolico que peregrinou com elle tantas partes do mundo, por mar e por terra, exercitando sempre as obras de misericordia; as corporaes, curando os corpos; as espirituaes, convertendo e salvando as almas, podia confiadamente ter por segura a salvação propria; e comtudo, como se fôra um grande peccador, que fazia? A mesma Igreja o diz: *Qui crucis mortificationem jugiter in suo corpore pro tui nominis honore portavit.* Sendo o seu corpo tão santo e tão puro, que perpetuamente foi virgem, esse mesmo corpo mortificava e martyrisava perpetuamente e sem cessar, *jugiter*, e não com menor mortificação que a da cruz, *Crucis mortificationem;* a qual não para satisfazer por seus peccados, senão por honra do nome de Christo, *pro tui nominis honore*, sempre levava sobre o mesmo corpo ás costas, *in suo corpore portavit.* Quando Christo Redemptor nosso sahiu com a cruz ás costas, diz o Texto sagrado: *Bajulans sibi crucem, exivit;* [2] que levava a cruz para si. Pois se Christo não tinha necessidade della, porque a levava para si, *sibi?* Porque era Protomedico do mundo, e quiz ensinar a todos o que deviam fazer. Christo, *Bajulans sibi crucem:* Lucas, *Mortificationem crucis in suo corpore;* para que nenhum medico seja tão descuidado, que curando aos outros, se não cure a si: *Medice cura te ipsum.*

FIM DO TOMO VIII

[1] *Luc.*, IV, 23.
Joan., XIX, 17.

INDICE

	PAG.
Sermão das Cadêas de S. Pedro	5
1.º Sermão de S. Roque	31
2.º Sermão de S. Roque	55
3.º Sermão de S. Roque	81
4.º Sermão de S. Roque	111
Sermão para o dia de S. Bartholomeu	145
Sermão de Santo Agostinho	169
Sermão na Degollação de S. João Baptista	213
Sermão da Exaltação da Santa Cruz	237
1.º Sermão das Chagas de S. Francisco	257
2.º Sermão das Chagas de S. Francisco	277
Sermão de Santa Thereza e do Santissimo Sacramento	295
Sermão de Santa Thereza	333
Sermão do Evangelista S. Lucas	371

252
V 673
9110
AUTHOR VIEIRA, ANTONIUS
TITLE Sermoes VIII
DATE LOANED | BORROWER'S NAME | ROOM NUMBER
STORAGE - CBPL
9110